

UNIVERSIDADE PRESBITERIANA MACKENZIE

ANA LÚCIA DE SOUZA

***PANOPTICON VIRTUAL DA CONTEMPORANEIDADE:***  
**o Currículo Lattes como possibilidade de controle e**  
**vigilância na Área de Arte**

São Paulo  
2010

# **Livros Grátis**

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

ANA LÚCIA DE SOUZA

***PANOPTICON VIRTUAL DA CONTEMPORANEIDADE:***  
**o Currículo Lattes como possibilidade de controle e**  
**vigilância na Área de Arte**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação, Arte e História da Cultura da Universidade Presbiteriana Mackenzie, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Educação, Arte e História da Cultura.

Orientador: Prof. Dr. Paulo Roberto Monteiro Araujo

São Paulo  
2010

S729p Souza, Ana Lucia

Panopticon Virtual da contemporaneidade: o Currículo Lattes como possibilidade de controle e vigilância na área de Arte / Ana Lúcia de Souza – São Paulo, 2010.

298 f. ; 30 cm

Dissertação (Mestrado em Educação, Arte e História da cultura) - Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2010.

Bibliografia: f. 137-140.

1. Mecanismos de controle. 2. Relações de poder.  
3. Ensino Superior. 4. Currículo Lattes. 5. Michel Foucault.  
6. Panopticon Virtual. I. Título.

CDD 378.199

ANA LÚCIA DE SOUZA

***PANOPTICON VIRTUAL DA CONTEMPORANEIDADE:***  
**o Currículo Lattes como possibilidade de controle e**  
**vigilância na Área de Arte**

Dissertação apresentada à Universidade  
Presbiteriana Mackenzie como requisito  
parcial para a obtenção do título de Mestre em  
Educação, Arte e História da Cultura

Aprovado em

BANCA EXAMINADORA

---

Prof. Dr. Paulo Roberto Monteiro Araujo - orientador  
Universidade Presbiteriana Mackenzie

---

Profª. Dra. Márcia Angelita Tiburi  
Universidade Presbiteriana Mackenzie

---

Profª. Dra. Carla Andrea Soares Araujo  
Centro Universitário da FEI

*“A educação é uma comunicação de si, isto é, do próprio modo de se relacionar com o real. O homem, de fato, é uma modalidade viva de relação com o real.”*

*Luigi Giussani*

Para Marcelo, grande amor, amigo,  
companheiro sempre, nos caminhos  
de um destino infinito.

## AGRADECIMENTOS

Ao Prof. Dr. Paulo Roberto Monteiro Araujo, grande amigo, por toda orientação, compreensão e profissionalismo nesses anos que pudemos compartilhar essa jornada em busca do conhecimento. Obrigada por fazer parte da minha trajetória acadêmica, pois contribuiu para meu crescimento por meio de sua preciosa convivência.

Ao Instituto Presbiteriano Mackenzie, na pessoa do Dr. Gilson Novaes, agradeço o incentivo e o apoio na concessão de desconto financeiro que foi fundamental para a realização desta pesquisa e permitiu a realização de um grande desejo de ampliar meus horizontes de conhecimento. Sem este apoio não teria sido possível trilhar esses caminhos.

Ao Centro de Comunicação e Letras, em especial à Profa. Dra Esmeralda Rizzo, pelo apoio, amizade e carinho. Agradeço, profundamente, pela grande oportunidade de cursar o Mestrado em Educação, Arte e História da Cultura.

Ao MackPesquisa, pelo subsídio da Reserva Técnica, sendo este auxílio de fundamental relevância para o sucesso desta pesquisa, sem a qual, não poderia ter ampliado os horizontes fronteirísticos desta investigação.

Aos professores e colegas do Centro de Comunicação e Letras, que tanto contribuíram para meu crescimento acadêmico e profissional e às minhas colegas de turma Ana Luisa Campos Souza e Beatriz Albuquerque que compartilharam comigo os momentos de alegria, de descoberta, de angústia e que tornaram esse período uma ocasião para reforçar os laços de uma verdadeira amizade. Nós conseguimos!

À profa. Ms. Célia Guimarães Helene, minha grande amiga, agradeço por todo o apoio, fundamental para a conclusão deste trabalho, e manifesto todo o meu respeito, carinho e admiração.

À minha família, em especial, à minha mãe Elizabete, minha irmã Alessandra e meu sobrinho Miguel, que compartilharam comigo dessa realização, apoiando-me para trilhar os degraus dessa caminhada.

Aos meus amigos João e Fernanda e à minha grande amiga Eli, que perto ou à distância dividiram comigo os desafios que a vida nos coloca, tornando nossa amizade preciosa e duradoura.

Aos amigos do Movimento Comunhão e Libertação, que me ensinaram, pelo carisma de Dom Luigi Giussani, a reconhecer Cristo no cotidiano da vida através da nossa companhia.



## RESUMO

Essa dissertação consistiu numa pesquisa acerca das relações de poder-saber, de disciplina e vigilância da sociedade disciplinar e sociedade vigilante presentes na idéia de panoptismo próprio da sociedade contemporânea apontados por Michel Foucault, e o formulário eletrônico Currículo Lattes, do CNPq, para o cadastro de dados relativos à produção acadêmica de pesquisadores vinculados ao Ensino Superior do Brasil. Procuramos apreender, a partir dos estudos correspondentes à conceituação de Michel Foucault, os principais pressupostos teóricos com a finalidade de estabelecer uma relação de semelhança entre tais conceitos e o formulário eletrônico entendido como um mecanismo de disciplina e controle das pesquisas acadêmicas do país. Assim, procedemos com um levantamento histórico acerca do surgimento do Ensino Superior no Brasil com a finalidade de apreender características deste processo que contribuíram para o surgimento de mecanismos de controle como o Currículo Lattes, tornado referência nacional para o registro de tais atividades. Buscamos identificar as características deste dispositivo tecnológico a partir de um panorama histórico de seu surgimento e de sua repercussão em âmbito nacional. Identificamos ainda quais características o assemelham às teorias foucaultianas adotando o termo *Panopticon Virtual* da contemporaneidade e como este dispositivo age nos comportamentos dos sujeitos humanos - em especial da área de Arte - vinculados a instituições de Ensino Superior. Para apreender tais percepções recorreremos a pesquisa de campo, com a realização de entrevistas com membros ligados ao CNPq e, por outro lado, pesquisadores artistas de instituições de relevância em Arte no contexto acadêmico, com titulação em Arte, com atuação em cursos de graduação e pós-graduação nesta Área de Conhecimento. Esta investigação permitiu compreender as relações de poder que o dispositivo representa no meio acadêmico, bem como clarificar a configuração de uma cultura de produtividade a partir de quesitos pré-estabelecidos que podem, por meio de um dispositivo de controle e vigilância, impor, a partir de interesses específicos, uma conduta de professores e pesquisadores frente às demandas do cenário institucional universitário brasileiro.

Palavras-chaves: Mecanismos de Controle. Relações de Poder. Ensino Superior. Currículo Lattes. Panopticon Virtual.

## ABSTRACT

This dissertation is the result of a research on the relationship between power and knowledge, and among discipline, surveillance by the disciplinarian and vigilant society present in the idea of panoptism peculiar to contemporary society, pointed out by Michel Foucault, and the electronic form called Lattes CV (of CNPq – National Council of Technological and Scientific Development) used for registering data concerning the academic output of researchers linked to higher education in Brazil. Based on studies related to Michel Foucault's concepts expounded in his works that deal with this subject, it is an attempt at understanding the main theoretical foundation with a view to establishing the similarities between such concepts and the electronic form, taken as a mechanism for the disciplining and control of academic research in the country. To this end, we make a historical survey of the beginnings of higher education in Brazil in order to explain the characteristics of this process which contributed to the development of control mechanisms such as the Lattes CV, which has become a national reference for the recording of research activities. We try to identify the characteristics of this technological device starting with a historical survey of its beginnings and of its reception on a national level. We also describe which characteristics approximate it to the Foucaultian theories by adopting the term *Virtual Panopticon* of contemporary society, and how this device affects the behavior of human subjects – particularly in the arts area – linked to higher education institutions. In order to ascertain such perceptions we resorted to field research, carrying out interviews with CNPq members and, on the other hand, with artists who are researchers from relevant universities, holding academic titles and teaching in undergraduate and graduate courses in the arts area. This investigation allowed us to understand the power relations represented by the device in the academic milieu as well as clarify the configuration of a productivity culture by means of pre-established questions which may, through a control device and serving specific interests, impose a conduct on professors and researchers to answer the demands of the Brazilian university institution scenery.

Keywords: Control mechanisms. Power relations. Higher Education. Lattes CV. Virtual Panoptico

# SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>1</b>
<b>CAPÍTULO 1</b>	<b>8</b>
<b><u>A TEORIA FOUCAULTIANA E OS MECANISMOS DE CONTROLE: PRESSUPOSTOS PARA A COMPREENSÃO DAS RELAÇÕES DE PODER E VIGILÂNCIA EM CONTEXTOS CONTEMPORÂNEOS</u></b>	<b>8</b>
1.1. FOUCAULT E AS RELAÇÕES DE PODER: AS PRÁTICAS DOS MICRO-PODERES E A DISCIPLINA COMO EXERCÍCIO DE PODER	9
1.2. VIGILÂNCIA E SOCIEDADE DISCIPLINAR: FACES DE UM MECANISMO DE CONTROLE	20
1.3. O PANOPTICON E A SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA: TECNOLOGIA DO PODER DISCIPLINAR	24
1.4. SOCIEDADE DA VIGILÂNCIA E O CURRÍCULO LATTES: DISPOSITIVO TECNOLÓGICO DE CONTROLE NO CONTEXTO ACADÊMICO CONTEMPORÂNEO	30
<b>CAPÍTULO 2</b>	<b>37</b>
<b><u>CURRÍCULO LATTES: DISPOSITIVO DISCIPLINAR DA EDUCAÇÃO SUPERIOR NO BRASIL</u></b>	<b>37</b>
2.1. O ENSINO SUPERIOR NO BRASIL E AS REFORMAS DO ESTADO: CONDIÇÕES PARA O SURGIMENTO DO CURRÍCULO LATTES	38
2.2. O CNPQ E O CURRÍCULO LATTES: SISTEMA DE REFERÊNCIA NACIONAL DE REGISTRO DA PRODUÇÃO ACADÊMICA	50
2.3. O FORMULÁRIO DO CURRÍCULO LATTES: MODELO DO PANOPTICON VIRTUAL DA CONTEMPORANEIDADE	61
<b>CAPÍTULO 3</b>	<b>76</b>
<b><u>A ÁREA DE ARTE E O CURRÍCULO LATTES: DIÁLOGOS POSSÍVEIS PARA A COMPREENSÃO DO DISPOSITIVO TECNOLÓGICO NA CONTEMPORANEIDADE</u></b>	<b>76</b>
3.1. O CURRÍCULO LATTES E A ÁREA DE ARTE: REPERCUSSÕES NO CONTEXTO ACADÊMICO	76
3.2. O CNPQ, OS PESQUISADORES E O CURRÍCULO LATTES: MECANISMO DE PODER DIANTE DA PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO CIENTÍFICO	80
<b><u>CONSIDERAÇÕES FINAIS</u></b>	<b>133</b>
<b><u>BIBLIOGRAFIA</u></b>	<b>137</b>
<b><u>APÊNDICE I - QUESTIONÁRIOS ELABORADOS PARA A REALIZAÇÃO DAS ENTREVISTAS</u></b>	<b>141</b>
<b><u>APÊNDICE II - MEMORIAL SIMPLIFICADO DAS ENTREVISTAS REALIZADAS</u></b>	<b>145</b>
<b><u>APÊNDICE III - TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS REALIZADAS (NA ÍNTEGRA)</u></b>	<b>149</b>
<b><u>ANEXOS - MODELO DO FORMULÁRIO CURRÍCULO LATTES</u></b>	<b>284</b>

## INTRODUÇÃO

A temática que envolve a compreensão dos aspectos que permeiam a constituição do Ensino Superior no Brasil e o papel da Universidade, representado pela sociedade em geral, requer perspicácia para apreender aspectos pertinentes à sua ampla atuação no campo da cultura e da produção do conhecimento.

Faz-se relevante identificar em que medida influencias político-econômico-culturais, impulsionadas pelos avanços das novas tecnologias, incidem numa cultura própria da contemporaneidade acadêmica pautada em uma produção de conhecimento relacionada à quantidade para atendimento de quesitos pré-estabelecidos por instituições de ensino e órgãos reguladores como o Ministério da Educação (MEC)<sup>1</sup>, o Ministério da Ciência e Tecnologia (MCT) e agências de fomento como CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) e CNPq (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico).

Essa investigação partiu de uma inquietação acerca da latente exigência de que o pesquisador brasileiro torne visível toda a sua produção em âmbito acadêmico. Para isso, foi criado um espaço de visualização e controle das produções, por meio de um dispositivo tecnológico, a saber, o Currículo Lattes, um sistema único de informações, integrado, que atende às exigências do CNPq para a avaliação de competência e mérito na concessão de bolsas para pesquisas. Além disso, o formulário tornou-se referência nacional para outras instituições de fomento e instituições ligadas ao ensino superior.

Tomamos como ponto de partida para o desenvolvimento desta pesquisa a análise das relações de poder e o Currículo Lattes como instrumento de vigilância, a partir da obra de Michel Foucault, presentes na temática acerca da Sociedade Disciplinar. A idéia de Panoptismo, associada ao formulário eletrônico, permitiu-nos transitar entre os campos do conhecimento acadêmico, em particular a área de Arte, que contemplam os limites e intersecções e que compreendem o limiar das áreas de investigação: história da cultura, educação e as novas tecnologias.

Aprofundamos nossa análise na possibilidade do Currículo Lattes estar assemelhado à idéia do *Panopticon*, que traz consigo os conceitos que serão abordados nas teorias foucaultianas acerca das relações de poder-saber, de disciplina, de vigilância

---

<sup>1</sup> Identificaremos, a partir desse ponto, as instituições por suas siglas, a saber: MEC (Ministério da Educação), MCT (Ministério da Ciência e Tecnologia), CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior), CNPQ (Conselho nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico).

que são regidas por um poder microscópico e discreto. Este poder agindo na sociedade contemporânea foi denominado por Foucault (2008b) de *microfísica do poder*, atuando enquanto tecnologia de poder nos âmbitos sociais, em particular nos ambientes acadêmicos.

Direcionamos nossa pesquisa no campo de atuação deste dispositivo, a partir de uma perspectiva acerca da efetividade da produção acadêmica *versus* atendimento de requisitos de modelos padronizados. Sob esse prisma investigamos se este dispositivo tecnológico pode ser considerado como um mecanismo de vigilância e controle e se este pode influenciar e direcionar a produção do conhecimento por meio do seu próprio mecanismo.

Michel Foucault (2008a) em sua produção teórica teve como principal objetivo investigar as condições histórico-filosóficas de existência das ciências do homem, situando-as em relação a outros saberes da modernidade.<sup>2</sup> O autor oferece, por meio de sua obra, elementos de grande relevância acerca da análise realizada, apresentando conceitos sobre as relações de poder e os procedimentos existentes no cadastro das produções acadêmicas no Currículo Lattes. Este dispositivo de visualização nos permite salientar que o conceito de disciplina pode ser identificado na medida em que:

A 'disciplina' não pode se identificar com uma instituição nem com um aparelho; ela é um tipo de poder, uma modalidade para exercê-lo, que comporta todo um conjunto de instrumentos, de técnicas, de procedimentos, de níveis de aplicação, de alvos; ela é uma 'física' ou uma 'anatomia' do poder, uma tecnologia. (FOUCAULT, 2008a, p.177).

Pudemos apreender nesta pesquisa que a produção de conhecimento normatizado por um instrumento tecnológico insere o pesquisador - por meio de relações de poder - numa nova situação no que tange à produção de conhecimento na academia. Nesse sentido, aprofundamos nossa investigação para identificar elementos conceituais das teorias foucaultianas que pudessem ser analisados sob o prisma do formulário eletrônico Currículo Lattes enquanto uma tecnologia de poder que permite um controle que não só determina o pesquisador, mas pode torná-lo refém de uma produtividade cujo propósito é o de atender à demanda desse dispositivo: registro de atividades científicas em tempo real.

---

<sup>2</sup> Roberto Machado. *'Orelha' do livro Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2008.

Ao apreendermos questões relacionadas ao Currículo Lattes e às práticas de sua utilização no meio acadêmico, nos deparamos com uma questão considerada de grande relevância acerca das áreas de conhecimento. Elegemos aprofundar esta temática a partir do viés da área de Arte. O interesse por analisar estas relações se deu em função da identificação de que esta área possuía um índice baixo de adesão ao currículo em relação a outras áreas de conhecimento cadastradas na base de dados do CNPq. Nesse sentido ainda, a área de Artes é agrupada às Áreas de Letras e Linguística, o que nos levou a verificar uma redução de sua classificação, uma vez que esta área possui uma identidade própria. Segundo informação disponível na Plataforma Lattes acerca dos registros dos pesquisadores cadastrados no Currículo:

A distribuição dos doutores cadastrados na Plataforma Lattes por área aponta uma maior concentração nas áreas de Ciências Exatas e da Terra e Humanas, seguidas por Ciências da Saúde, Biológicas e Engenharias. (PLATAFORMA LATTES, 2008).

Identificamos que a área de Arte ocupa lugar pouco expressivo junto ao dispositivo, o que despertou-nos o interesse sobre como tal formulário incidia ou não em profissionais da área com atuação em ambientes acadêmicos, uma vez que o Currículo Lattes tornou-se de preenchimento obrigatório para todos os participantes de atividades com relevância acadêmica no país.

Portanto, para obter os subsídios necessários ao desenvolvimento dessa pesquisa, recorreremos ao estudo das obras de referência do filósofo francês Michel Foucault, a propósito da conceituação das relações de poder-saber, da sociedade disciplinar, da vigilância e da idéia de Panopticon para identificar as relações de contradição e semelhança entre o formulário eletrônico Currículo Lattes e a abordagem foucaultiana aplicada na contemporaneidade. Utilizamos ainda alguns autores contemporâneos que discutem e ampliam as temáticas relacionadas aos conceitos apresentados por Foucault e que acrescentam novos elementos como as novas tecnologias, que estiveram presentes ao longo desta investigação.

Procedemos uma pesquisa documental, junto à fonte de informações acerca do Currículo Lattes disponível no site da agência de fomento. Esta fonte nos permitiu estabelecer um histórico do formulário, bem como a caracterização de sua estrutura e sua consolidação em âmbito acadêmico nacional e internacionalmente reconhecido.

A fim de compreendermos estas relações de poder em detalhes, por meio de pesquisa qualitativa, nos valem do instrumento de pesquisas semi-abertas, nas quais, a partir da análise de relatos orais, buscamos apresentar as relações estabelecidas entre o dispositivo e pesquisadores da área de Arte, além de profissionais que participam da equipe técnica, dos Comitês Assessores em Arte do CNPq, bem como da Diretoria de Assuntos Horizontais que abriga o Currículo Lattes na estrutura formal da Agência de Fomento.

É relevante destacarmos que a metodologia adotada para a análise das entrevistas foi a História Oral. Enquanto instrumento metodológico destacamos a necessidade de um roteiro para a realização das entrevistas a partir da definição dos pressupostos e objetivos que se pretende alcançar, bem como a escolha de recursos tecnológicos como a gravação, filmagem ou transcrição dos relatos, para garantir-lhes segurança e veracidade em seu tratamento posterior durante a pesquisa. Meihy (1996) ressalta que:

História oral é um conjunto de procedimentos que se iniciam com a elaboração de um projeto e continuam com a definição de um grupo de pessoas (ou colônia) a serem entrevistados, com a transcrição, com a conferência do depoimento, com a autorização para o uso, arquivamento e, sempre que possível, com a publicação dos resultados que devem, em primeiro lugar, voltar ao grupo que gerou as entrevistas. (MEIHY, 1996, p. 15).

Em nossa análise adotamos a modalidade *história oral temática e de vida* apontadas por Meihy em sua obra *Manual de História Oral*<sup>3</sup>. Segundo o autor, pesquisas baseadas em relatos orais "dependem de entrevistas com pessoas que estão com as faculdades mentais em boas condições e se apresentam para dar depoimento independente de pagamentos ou outros benefícios materiais" (1996, p. 16). Desta forma, todos os entrevistados se dispuseram a contribuir com esta pesquisa sem qualquer interesse particular e, a partir dos relatos que foram muito proveitosos, pudemos elencar de forma satisfatória as categorias de análise postuladas para este estudo.

Nesta perspectiva, tais conceitos tornam-se muito úteis em nossa análise, posto que nosso objetivo foi o de compreender por meio dos relatos orais dos sujeitos entrevistados seus papéis enquanto pesquisadores da área de Arte frente a um dispositivo tecnológico, o Currículo Lattes, em que buscamos identificar se esse dispositivo pode ser considerado um aparelho de vigilância e poder. Analisamos ainda se ele pode ser

---

<sup>3</sup> MEIHY, J.C.S. **Manual de História Oral**. São Paulo: Loyola, 1996.

assemelhado à idéia de prisão denominada de *Panopticon* por Michel Foucault e adotado por nós nessa pesquisa como *Panopticon Virtual*.<sup>4</sup>

Com a finalidade de estabelecer um diálogo entre as vozes e olhares de nossos entrevistados, nossa análise abordou a temática proposta a partir da delimitação de alguns tópicos, que ao serem analisados singularmente nos foram grandes auxiliares na compreensão do contexto a que nossos entrevistados estiveram relacionados e possibilitaram uma amplitude no aprofundamento desta pesquisa. Os tópicos elencados para a análise foram dispostos em quatro categorias operatórias, a saber: Currículo Lattes e Mecanismos de Controle; Área de Arte e Sociedade Vigilante; Ética e Relações de Poder, e Disposições & Aprimoramento do Currículo Lattes.

Esses tópicos foram utilizados para a apreensão temática acerca das questões que envolveram a percepção que os pesquisadores têm desta ferramenta, bem como sua visualização dos posicionamentos institucionais, além de contribuir para a abordagem específica de contextualização da área de Arte, mediante a esta ferramenta tecnológica de registro de atividades acadêmicas.

No primeiro capítulo apresentamos os pressupostos teóricos que fundamentam nossa pesquisa, baseados nas teorias foucaultianas acerca da conceituação das relações de Poder-saber, da Sociedade Disciplinar e Sociedade Vigilante, associadas ao Currículo Lattes enquanto dispositivo de controle e vigilância das pesquisas acadêmicas do país. Por meio de uma reflexão crítica apresentamos os conceitos de Disciplina como exercício de poder nas práticas disciplinares, muito comuns em diversos âmbitos da sociedade contemporânea. O conceito de *microfísica de poder* abordado trouxe grande contribuição para a análise das relações de poder proposta neste capítulo. Aprofundamos a temática ao abordarmos os conceitos de Vigilância e Sociedade Disciplinar como faces de um mecanismo de controle que conduzem a uma prática disciplinar atuante na consciência do agente humano e que permitem a utilização da idéia de *Panopticon*. Essa idéia adotada por Foucault define-o como uma prisão que tem o objetivo de realizar mudanças no comportamento dos indivíduos segundo interesses daqueles que se utilizam de tal mecanismo. O *Panopticon* é apresentado na sociedade contemporânea como uma tecnologia de poder disciplinar que pode ser assemelhado à idéia do Currículo Lattes utilizado como um mecanismo de controle. Adotamos em nossa pesquisa o termo

---

<sup>4</sup> Adotamos o termo *Panopticon Virtual* da contemporaneidade para destacar a relação que postulamos neste estudo acerca da semelhança da abordagem foucaultiana e os impactos sociais e culturais deste modelo - impulsionado pelas novas tecnologias - em nossa contemporaneidade.



*Panopticon Virtual* da contemporaneidade para definir o Currículo Lattes, uma vez que o formulário apresentou características apontadas por Foucault. Tais elementos, impulsionados pelas novas tecnologias, permitiram uma sofisticação da arte de controlar em ambientes acadêmicos.

No segundo capítulo contextualizamos o surgimento do Ensino Superior no Brasil com vistas a destacar as características deste processo de construção das Universidades e Escolas Superiores. Apresentamos o início da busca de uma identidade que, contudo, será pautada em parâmetros de avaliação e competência que permitiram o desenvolvimento de sistemas como a Plataforma Lattes, que abriga o Currículo Lattes. Aprofundamos a temática apresentando um contexto da criação do formulário tecnológico, suas características em ambientes acadêmicos, sua estrutura, seu desenvolvimento e sua consolidação como sistema de referência nacional das produções acadêmicas. Propomos ainda uma reflexão crítica acerca do dispositivo tecnológico enquanto modelo do *Panopticon Virtual* da contemporaneidade, apresentando as características e semelhanças do *Panopticon* postuladas por Michel Foucault, e a análise do Currículo Lattes como exemplo do panoptismo enquanto tecnologia de poder.

No terceiro capítulo apresentamos detalhadamente a estrutura da pesquisa de campo realizada por meio de entrevistas com professores pesquisadores-artistas com titulação e atuação no Ensino Superior em Arte, representantes do Comitê Assessor em Arte, equipe técnica do CNPq, o Diretor de Assuntos Horizontais do CNPq e o presidente da Comissão do Currículo Lattes do CNPq.

Apresentamos algumas características relevantes acerca da Área de Arte em contexto educacional de Ensino Superior. São destacadas as dificuldades de enquadramento desta área de conhecimento em parâmetros e pré-requisitos devido sua grande diversidade de linguagens. Este capítulo aprofunda a discussão acerca de produção de conhecimento e de reconhecimento e valorização da área de Arte. A análise das entrevistas nos permitiu identificar as relações desta Área com a estrutura do formulário, além de apresentar semelhanças que nos possibilitaram adotar o termo *Panopticon Virtual* da contemporaneidade para este dispositivo. Aprofundamos essa temática ao estabelecermos uma análise crítica do formulário eletrônico e das relações de produção do conhecimento na contemporaneidade. Estas, impulsionadas pelas novas tecnologias, incutem uma cultura de produtividade pautada em quesitos quantitativos adotados por Universidades e Institutos de Pesquisa para atender a demandas de órgãos

de regulamentação de Cursos como o MEC e CAPES; e de agências de fomento como CNPq e FAPESP (Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo)<sup>5</sup>, dentre outras. Por meio das categorias de análise pudemos destacar aspectos singulares acerca das peculiaridades do sistema e estabelecer um diálogo dos entrevistados com o referencial teórico proposto nesta investigação.

A pesquisa proporcionou a compreensão da leitura do Currículo Lattes enquanto dispositivo tecnológico de vigilância e controle das produções acadêmicas, tendo como recorte de análise a área de Arte. Essa investigação possibilitou identificar aspectos específicos desta área de forma que o debate acerca da produção do conhecimento autêntico *versus* produção, a partir de quesitos pré-estabelecidos, deve ser amplamente fomentado para garantir que tais características de diversidade cultural acadêmica sejam consideradas no contexto educacional superior. Essa pesquisa lança novas possibilidades de investigação acerca da necessidade de valorização da área de Arte e, sobretudo, da necessidade de mudanças nos processos de avaliação da produção acadêmica e científica que possam garantir a originalidade e qualidade das pesquisas a serem desenvolvidas nos país.

---

<sup>5</sup> Identificaremos, a partir deste ponto, a instituição por sua sigla.

## CAPÍTULO 1

### **A teoria foucaultiana e os mecanismos de controle: pressupostos para a compreensão das relações de poder e vigilância em contextos contemporâneos**

Consideramos relevante num primeiro momento, apresentar algumas das concepções abordadas na obra de Michel Foucault – tomado como referencial teórico – e de alguns autores contemporâneos que discutem e ampliam as temáticas relacionadas às relações de poder-saber, a Sociedade Disciplinar e a Sociedade Vigilante, a partir do modelo do *Panopticon*<sup>6</sup>. Tais conceitos, apresentados pelo autor como um dispositivo tecnológico de controle e vigilância – próprios da sociedade contemporânea – serão utilizados para a análise que pretendemos realizar ao longo desta pesquisa, a saber, a relação do Currículo Lattes e a Área de Arte,- este - compreendido em nossa investigação como dispositivo de controle e vigilância das pesquisas acadêmicas no país.

A opção pela abordagem foucaultiana se dá por considerarmos o filósofo francês como um dos principais autores que trouxeram um novo significado a conceitos tradicionais como: poder, disciplina, vigilância e controle. Tal proposição corresponde – em sua análise – a uma abordagem do poder não mais relacionado a processos de totalização e centralização, mas como uma estratégia em que as relações de poder se exercem em diversos âmbitos sociais. Essas técnicas propiciam manobras que geram efeitos múltiplos e constituem aquilo a que Foucault denomina de *microfísica do poder*. Tais conceitos correspondem amplamente a esta análise, posto que o Currículo Lattes apresenta-se, em alguma medida, enquanto uma tecnologia – utilizada como estratégia – correspondente a um certo mecanismo de controle e vigilância da própria dinâmica das produções acadêmicas.

É pela possibilidade de ampliação da análise que optamos pela utilização dos conceitos propostos por Michel Foucault, tomando como eixo norteador os principais elementos relacionados à temática das relações de poder-saber. Tais concepções nos auxiliarão na percepção de como as transformações nas práticas sociais dos séculos XVIII e início do século XIX permitiram a concepção de uma nova forma de poder.

Nossa abordagem compreende ainda a maneira como tais mudanças na concepção dessas relações de poder propiciaram o surgimento da ‘sociedade disciplinar’ na qual os

---

<sup>6</sup> O *Panopticon* é uma imagem utilizada por Michel Foucault, inspirado na criação arquitetural de Jeremy Bentham, que consiste na criação de um edifício em forma de anel, com um pátio e uma torre central. O edifício era dividido em celas pequenas cujo objetivo era permitir uma visibilidade isolante. Tal imagem reflete, segundo o autor, a uma tecnologia de poder que resolvia os problemas da vigilância.

indivíduos passam por mudanças no tratamento das punições realizadas no corpo para a disciplina dos indivíduos; a organização dos espaços; a vigilância e o controle dos movimentos. Tais transformações tinham como finalidade tornar os corpos disciplinados e dóceis e, por fim, ter o controle da alma<sup>7</sup> desses agentes humanos.

Utilizaremos, de maneira aprofundada, a imagem de *Panopticon*, adotado por Foucault, para abordar a temática referente à existência de uma tecnologia de poder pautada em uma *visibilidade vigilante*, algo muito comum em nossa sociedade contemporânea. Além disso, abordaremos como as características deste modelo aplicadas em âmbito social permitiram o surgimento de uma Sociedade Vigilante.

Dentre os elementos apreendidos, buscamos ainda estabelecer relações entre os conceitos abordados por Michel Foucault e a denominada *Sociedade Vigilante*, que compreende as novas tecnologias como grandes aliadas no aprimoramento das técnicas de controle e vigilância de nossa contemporaneidade, e que se assemelha à prática do Currículo Lattes nos ambientes acadêmicos e institucionais.

### **1.1. Foucault e as relações de poder: as práticas dos micro-poderes e a disciplina como exercício de poder**

A temática acerca do poder, abordada na teoria foucaultiana, nos permite refletir sobre sua prática no contexto social com vistas a estabelecer pontos de intersecção junto à leitura do Currículo Lattes, por uma perspectiva que corresponda às relações de poder-saber, disciplina e vigilância, possibilitando-nos ampliar os horizontes de análise crítica desta pesquisa.

Desse modo, podemos identificar Michel Foucault - de acordo com Deleuze (2006) - como o primeiro autor a elaborar um novo questionamento sobre o problema do poder, até então, legado somente a uma concepção de soberania e centralização. O poder seria, até aquele momento, de propriedade daquele(s) que o haviam conquistado. Afirma o autor, contudo, que Foucault direciona seu olhar para uma nova concepção de poder:

(...) ele é menos uma propriedade que uma estratégia, e seus efeitos não são atribuíveis a uma apropriação, ‘mas a disposições, a manobras, táticas, técnicas, funcionamentos’; ‘ele se exerce mais do que se possui, não é o privilégio adquirido ou conservado da classe

---

<sup>7</sup> Michel Foucault. *Vigiar e Punir: nascimento da prisão*. RJ: Vozes, 2008.

dominante, mas o efeito de conjunto de suas posições estratégicas. (DELEUZE, 2006, p.35).

Trata-se, pois, de uma idéia de poder que se instala de forma completamente diferente das concepções difundidas na sociedade até aquele período. Considerando outros agentes, diferentes procedimentos e estratégias, o poder será definido, nessa nova perspectiva, a partir de uma multiplicidade de fatores, que corresponde a uma *microfísica do poder*.

Foucault define o poder como uma *relação de poder*, e nesse sentido, como salienta Machado (2008), não existe algo unitário e global, mas formas de práticas de poder em constante transformação, de modo que os poderes se exercem em níveis variados e em diferentes pontos que se pluralizam e repercutem funcionando como uma grande rede, sem limites, nem fronteiras, a que nada ou ninguém pode escapar.

Para Michel Foucault (2008b) o poder em si não existe. O que existem são as práticas desse poder, significando que este é algo que se exerce; ele não é uma coisa, um objeto, mas realiza-se enquanto uma *maquinaria social* disseminada pela rede da sociedade. A esse respeito, o autor afirma:

Quando penso na dinâmica do poder, penso em sua forma capilar de existir, no ponto em que o poder encontra o nível dos indivíduos, atinge seus corpos, vem se inserir em seus gestos, suas atitudes, seus discursos, sua aprendizagem, sua vida cotidiana. (...) Também é verdade que foi a constituição deste novo poder microscópico, capilar, que levou o corpo social a expulsar elementos como a corte e o personagem do rei. (FOUCAULT, 2008b, p.131).

Foucault apresenta, entretanto, um novo conceito de poder demonstrando que essas relações possuem características de produção eficazes, rompendo com a idéia de que o poder é somente aquele que diz *não*, que impõe limites e castiga. Neste sentido, Machado (2008) pontua que as análises foucaultianas apontam para o fato de que o poder não pode ser classificado somente como veículo de repressão, na medida em que a dominação capitalista não haveria de se manter em um sistema exclusivamente repressivo. Trata-se de refletir também sobre aspectos positivos que o poder possui, como por exemplo, sob o prisma de um poder transformador. Machado (2008) afirma que é importante destacarmos tais aspectos do poder, posto que:

O poder produz; ele produz real; produz domínios de objetos e rituais de verdade. O poder possui uma eficácia produtiva, uma riqueza

estratégica, uma positividade. (...) O que lhe interessa basicamente não é expulsar os homens da vida social, impedir o exercício de suas atividades, e sim gerir a vida dos homens, controlá-los em suas ações para que seja possível e viável utilizá-los ao máximo, aproveitando suas potencialidades e utilizando um sistema de aperfeiçoamento gradual e contínuo de suas capacidades. (MACHADO, 2008, p. XVI).

É possível observar que as relações de poder propiciam uma produção, uma eficácia, bem como permitem o controle e o aproveitamento das habilidades humanas por meio de estratégias de domínio, elementos típicos das sociedades modernas e contemporâneas. Por conseguinte, em *Vigiar e Punir*<sup>8</sup>, Foucault introduz a problemática da relação de poder sobre os indivíduos que incidia sobre os seus corpos e se utilizava de uma tecnologia de controle. Nessa obra, o autor apresenta sua investigação partindo das técnicas de execução por suplício como exercício do poder soberano do Rei sobre os corpos dos condenados, variando as modalidades de sua morte, mas que, segundo o autor, não lhe tirava sua individualidade.

O suplício se inseriu tão fortemente na prática judicial, porque é revelador da verdade e agente do poder. Ele promove a articulação do escrito com o oral, do secreto com o público, do processo de inquérito com a operação de confissão; permite que o crime seja reproduzido e voltado contra o corpo visível do criminoso; faz com que o crime, no mesmo horror, se manifeste e se anule. Faz também do corpo do condenado o local de aplicação da vindita soberana, o ponto sobre o qual se manifesta o poder, a ocasião de afirmar a dissimetria das forças. (FOUCAULT, 2008a, p.47).

Ainda nessa obra, o autor aponta para as mudanças nos métodos punitivos ocorridos no final do século XVIII e início do século XIX, que vão das técnicas de suplício ao surgimento da prisão. Este tipo de punição – o suplício – passou a ser considerado uma prática de atrocidade com os agentes humanos, a partir da movimentação e reflexão de teóricos e filósofos da época e, num processo lento, o *espetáculo* dos suplícios começa a sair de *cena*.

A punição vai-se tornando, pois, a parte mais velada do processo penal, provocando várias conseqüências: deixa o campo da percepção quase diária e entra no da consciência abstrata. Sua eficácia é atribuída à sua fatalidade, não à sua intensidade visível. A certeza de ser punido é que deve desviar o homem do crime e não mais o abominável teatro. (FOUCAULT, 2008a, p. 13).

---

<sup>8</sup> *Idem, ibidem.*

Tais métodos punitivos – pautados nas práticas dos suplícios e castigos dos corpos – passaram a uma nova técnica na qual se direcionava com menos intensidade ao corpo para atingir com maior intensidade a alma do condenado. É, portanto, essa mudança que permite a implantação de outros mecanismos de dominação do agente humano com maior eficácia. Eles buscavam o domínio sobre os corpos e a mentes ou almas dos condenados:

Não tocar mais o corpo, ou o mínimo possível, e para atingir nele algo que não o corpo propriamente. (...) Se não é mais o corpo que se dirige a punição, em suas formas mais duras, sobre o que, então, se exerce? (...) Pois não é mais o corpo, é a alma. A expiação que tripudia sobre o corpo deve suceder um castigo que atue, profundamente, sobre o coração, o intelecto, a vontade, as disposições. (FOUCAULT, 2008a, p.14-18).

Essas transformações são impulsionadas, de acordo com Machado (2008), por novas questões acerca do surgimento das ‘ciências empíricas e das filosofias modernas’ que abordaram o ser humano como agente de conhecimento, além de atender a interesses econômicos, posto que a nova estratégia para o exercício do poder oferecia mão-de-obra produtiva, já que as punições por suplícios foram substituídas pelo surgimento das prisões. No interior da prisão, as chamadas técnicas disciplinares são utilizadas – parafraseando Michel Foucault (2008a) – para o adestramento de corpos *dóceis e úteis*. Os detentos são utilizados para a produção e realização de tarefas de acordo com a necessidade da instituição. Tem-se, nesse momento, a comunidade prisional ou carcerária também como mão-de-obra.

O poder que se exerce sobre as relações prisionais também gera um saber, pois, a partir da articulação dos diferentes tipos de poder, tem-se novos tipos de saber, como por meio do treinamento, da normalização dos indivíduos do exame, dentre outras características que contribuem para a produção dos saberes. Para Foucault,

(...) o corpo só se torna força útil se é ao mesmo tempo corpo produtivo e corpo submisso (...) esse saber e esse controle constituem o que se poderia chamar a “tecnologia política do corpo”. (FOUCAULT, 2008a, p.26).

Trata-se pois, da existência de uma *microfísica do poder* – como já explicitada anteriormente – que é imposta por aparelhos e instituições como as carcerárias, neste caso específico. Nas relações de poder, deparamo-nos ainda, com complexidades acerca do domínio dos corpos, uma vez que a estes é necessário um investimento pelo poder:

(...) a ginástica, os exercícios, o desenvolvimento muscular, a nudez, a exaltação do belo corpo... tudo isto conduz ao desejo de seu próprio corpo através de um trabalho insistente, obstinado, metucioso, que o poder exerceu sobre o corpo das crianças, dos soldados, sobre o corpo sadio. (...) O poder penetrou no corpo, encontra-se exposto no próprio corpo (...). (FOUCAULT, 2008b, p.146).

Cabe ressaltar que a mudança na condução dos processos punitivos, a exaltação do corpo e os processos disciplinares nos levam a compreender como as estruturas apontadas por Foucault (2008b) acerca das relações de poder na sociedade revelam o surgimento de novas estratégias de poder, integradas ou não ao Estado, e que permeiam as relações das sociedades modernas e contemporâneas denominada de micro-poderes. Em relação a essa idéia, Machado (2008) destaca que,

O que ela visa é distinguir as grandes transformações do sistema estatal, as mudanças de regime político ao nível dos mecanismos gerais e dos efeitos de conjunto e a mecânica do poder que se expande por toda a sociedade, assumindo as formas mais regionais e concretas, investindo em instituições, tomando corpo em técnicas de dominação. Poder este que intervém naturalmente, atingindo a realidade do próprio corpo social e não acima dele, penetrando na vida cotidiana e por isso podendo ser caracterizado como micro-poder ou sub-poder. (MACHADO, 2008, p. XII).

Trata-se, pois, de uma abordagem investida na concepção de uma *microfísica do poder* que permeia o corpo social. Neste caso, é necessário que esta concepção de poder não seja identificada como propriedade, mas, antes, como mudanças que acompanharam as transformações políticas e econômicas. Estas, por sua vez, propiciaram uma expansão de seus efeitos de modo que tais estratégias foram introduzidas no cotidiano dos agentes humanos, por meio de uma rede de relações, salientadas por Foucault, em *Vigiar e Punir*.

(...) o estudo desta microfísica supõe que o poder nela exercido não seja concebido como uma propriedade, mas como uma estratégia, que seus efeitos de dominação não sejam atribuídos a uma 'apropriação', mas a disposições, a manobras táticas, a técnicas, a funcionamentos, que se desvenda nele antes uma rede de relações sempre tensas, sempre em atividade, que um privilégio que se pudesse deter; que lhe seja dado como modelo antes da batalha perpétua que o contrato que faz uma cessão ou a conquista que se apodera de um domínio. (FOUCAULT, 2008a, p.26).



A partir desses pressupostos, a relação com o poder – *microfísica do poder* –, ao longo da história, se manifesta de forma transformadora. O autor traz à baila uma nova concepção das relações de poder como estratégias estruturadas em rede, na qual ocorre uma intervenção com ampla penetração. Tal característica é possível devido a sua singularidade, na medida em que descrevem as relações das sociedades modernas e contemporâneas.

De acordo com Deleuze, a abordagem foucaultiana assinala que a sociedade moderna não possui mais um lugar privilegiado como fonte do poder, mas, ao utilizar-se da palavra local, destaca que “o poder é local porque nunca é global, mas ele não é local nem localizável porque é difuso”. (DELEUZE, 1988, p.36). O autor destaca ainda que essas relações de poder agem nos corpos e nas almas dos indivíduos e nos campos relativos às forças de produção. Desta forma, possuem papéis de produtores junto aos diversos campos da sociedade.

O que ainda há de piramidal na imagem marxista é substituído na microanálise funcional por uma estreita imanência na qual os focos de poder e as técnicas disciplinares formam um número equivalente de segmentos que se articulam uns sobre os outros e através dos quais os indivíduos de uma massa passam ou permanecem, corpos e almas (família, escola, quartel, fábrica e, se necessário, prisão). O poder tem como características a imanência de seu campo, sem unificação transcendente, a continuidade de sua linha, sem uma centralização global, a continuidade de seus segmentos sem totalização distinta: espaço serial. (DELEUZE, 2006, p.37).

As estratégias de poder desenvolvidas com o surgimento das prisões, a partir de uma concepção *corretiva* do prisioneiro, levaram ao surgimento dos processos disciplinares que serão desenvolvidos nas prisões, mas também em outras instituições sociais, tais como: escolas, quartéis, fábricas. Temos, nessa medida, a descoberta de uma nova tecnologia de poder que tem por objetivo vigiar e controlar, de acordo com Foucault (2008a), os corpos e as mentes para que sejam *dóceis e úteis*.

O surgimento dos processos disciplinares como estratégias do exercício do poder em uma sociedade não mais pautada no poder da soberania, mas em redes e instituições – incluindo o Estado – apontam para o fato de que tal poder passa a ser exercido de forma *capilar*, ou seja, que atravessa todas as formas e aparelhos, atuando nos mais íntimos espaços da ação humana. Esta característica contribuiu para concepção e a construção de indivíduos sujeitados e disciplinados em seus gestos e discursos.

Cabe ressaltar que esse tipo de poder perpassa todas as esferas da sociedade e é exercido como algo circular, que funciona em rede; nunca está localizado num ponto, mas é difundido de forma que atinge corpos e mentes. Tal poder não é mais aplicável aos agentes humanos, mas também passa por meio das suas ações. Foucault afirma que quando pensa na mecânica do poder,

(...) penso em sua forma capilar de existir, no ponto em que o poder encontra o nível dos indivíduos, atinge seus corpos, vem se inserir em seus gestos, suas atitudes, seus discursos, sua aprendizagem, sua vida cotidiana. O século XVIII encontrou um regime por assim dizer sináptico de poder, de seu exercício *no* corpus social, e não *sobre* o social. Trata-se de uma mudança na estrutura fundamental que permitiu a realização, com uma certa coerência, desta modificação dos pequenos exercícios do poder. (FOUCAULT, 2008b, p. 131).

A esse respeito, o poder agindo de forma capilar corresponde a um novo tipo de seu exercício que se dissemina entre os corpos, facilitando a ação das instituições para a direção e a sujeição dos comportamentos e ações dos indivíduos da sociedade, por meio de processos disciplinares. As transformações nos processos punitivos levaram, portanto, ao surgimento das prisões – como forma de reclusão penal – e a diversos processos denominados disciplinares, que tinham por finalidade corrigir os comportamentos e transformar a alma dos indivíduos agindo de forma sutil e se disseminando no *corpus* daquele ambiente carcerário:

O encarceramento, com a finalidade de transformação da alma e do comportamento, faz sua entrada no sistema das leis civis. (...) A vida é então repartida de acordo com um horário absolutamente estrito, sob uma vigilância ininterrupta: cada instante do dia é destinado a alguma coisa, prescreve-se um tipo de atividade e implica obrigações e proibições. (FOUCAULT, 2008a, p.101-102).

Michel Foucault denominou esta nova técnica de disciplina ou poder disciplinar e, de acordo com Machado, ela funciona como uma rede e atravessa fronteiras, atuando como um “dispositivo, um mecanismo, um instrumento de poder”. (2008, p.XVII). Esses mecanismos surgiram como forma de organização dos espaços e ambientes, de uma hierarquização, tendo como principal instrumento a vigilância. Foucault descreve as disciplinas por:

(...) as disciplinas se tornaram no decorrer dos séculos XVII e XVIII fórmulas gerais de dominação. Diferentes da escravidão, pois não se

fundamentam numa relação de apropriação dos corpos; é até a elegância da disciplina dispensar essa relação custosa e violenta obtendo efeitos de utilidade pelo menos igualmente grandes. (...) [a disciplina] dissocia o poder do corpo; faz dele por um lado uma ‘aptidão’, uma capacidade que ela procura aumentar; e inverte por outro lado a energia, a potência que poderia resultar disso, e faz dela uma relação de sujeição estrita. (FOUCAULT, 2008a, p. 118-119).

As disciplinas atuarão como técnicas minuciosas de exercício de poder, por meio das instituições, que buscarão obter resultados dos indivíduos em sua singularidade. A grande novidade nesses processos é que os mesmos vinham acompanhados de uma formação de um saber dos indivíduos. É, portanto, esse poder de individualização que será utilizado como instrumento de transformação da conduta dos indivíduos. No caso das prisões – analisado por Foucault – a principal função da disciplina será o adestramento, por meio de um poder que ao mesmo tempo em que disciplina, vigia e constitui um saber fiscalizador de seu comportamento. Constrói-se ainda, em torno de normas e regras, ou seja, são determinados *padrões normais* de conduta que norteiam toda a ação do indivíduo na sociedade.

Esses padrões de disciplina e controle foram utilizados, como já apontados anteriormente, para *além dos muros das prisões*, pois foram apreendidos por outras instituições que permeiam toda a sociedade e, ousamos dizer, se perpetuam nas diversas instituições da sociedade contemporânea. Ao descrever as mudanças nos processos punitivos, Michel Foucault destaca que esse novo poder disciplina por meio do controle e da vigilância, de modo que:

(...) o mais importante sem dúvida é que esse controle e essa transformação de comportamento são acompanhados – ao mesmo tempo condição e consequência da formação de um saber dos indivíduos. (FOUCAULT, 2008a, p. 103).

Estamos diante de técnicas minuciosas que atuam diretamente sobre o corpo dos indivíduos, mas que visam o seu *esquadrinhamento*. Isso permite um domínio sobre os corpos não somente para que se faça o que se quer, mas que o treinamento permita operar de acordo com as técnicas de domínio, com a melhor eficácia, gerando novos saberes. Desta forma, a disciplina foucaultiana é concebida, segundo Machado (2008), como um tipo de organização do espaço. Ela atua como uma técnica de distribuição dos indivíduos por meio de categorização e classificação destes. Além disso, atua como reguladora do tempo com vistas a transformar o indivíduo em um agente produtivo, ágil e eficaz. Este

categoriza e classifica a produção acadêmica segundo critérios estabelecidos pela agência de fomento com vistas a atender as necessidades especificidades da instituição no país. Machado (2008) pontua que:

A grande importância estratégica que as relações de poder disciplinares desempenham nas sociedades modernas depois do século XIX vem justamente do fato de elas não serem negativas, mas positivas quando tiramos desses termos qualquer juízo de valor moral ou político e pensamos tecnicamente na tecnologia empregada. (MACHADO, 2008, p. XIX).

É relevante destacar que esta tecnologia está atrelada a uma necessidade de realização das práticas econômicas, ou seja, que essas técnicas devem oferecer à sociedade indivíduos produtivos, eficazes, que por sua vez, ao longo da sua implementação, possibilitaram a organização de uma economia capitalista existente até os dias atuais. Neste contexto, a articulação política desses dispositivos aliada a uma produção de saber, cujo objetivo era também atender a uma demanda econômica, corroborou para o surgimento de um saber que Foucault denomina Ciências Humanas.

Foucault (2008b) destaca em sua obra que as relações de poder-saber se dão na medida em que o exercício do poder visa a transformação do sujeito e essa transformação produz certo tipo de saber que constrói, fabrica o indivíduo segundo as necessidades das instituições que exercem esse tipo de poder. Segundo o Machado (2008):

Em suma, o poder disciplinar não destrói o indivíduo, ao contrário, ele o fabrica. O indivíduo não é o outro do poder, realidade exterior, que é por ele anulado, é um de seus mais importantes efeitos. (MACHADO, 2008, p. XX).

Ao defender a hipótese de que o poder produz saber, Foucault estabelece uma indissociável relação entre poder-saber, já que julga esta articulação de maneira integrada, considerando que não haverá maneira de se conceber o saber sem dependência do poder, pois, é pelo poder que o saber pode ser produzido:

(...) tentei fazer aparecer uma perpétua articulação do poder com o saber e do saber com o poder... (...) exercer o poder cria objetos de saber, os faz emergir, acumula informações e as utiliza. O exercício do poder cria perpetuamente saber e, inversamente, o saber acarreta efeitos do poder. (FOUCAULT, 2008b, p. 141-142).

É importante frisar que o saber é entendido por Foucault (2008a) num sentido amplo, ou seja, dissociado da idéia de que a única forma de saber seja o saber científico e constatável, que foi amplamente valorizado pela sociedade contemporânea. O autor salienta que o surgimento dos saberes científicos – por meio do poder da vigilância – fortaleceu os processos de normatização. Constrói sua teoria a partir da concepção dinâmica de que a disciplina exerce seu controle sobre o desenvolvimento de uma ação, ou seja, o que passa a ser objeto de observação são os gestos que devem ser moldados cada vez mais perfeitos e melhores empenhados.

Com vistas a atender uma demanda da sociedade capitalista, os processos disciplinares assumem características econômicas e políticas, como podemos observar:

Surge assim uma exigência nova a que a disciplina tem que atender: construir uma máquina cujo efeito será elevado ao máximo pela articulação combinada das peças elementares de que ela se compõe. A disciplina não é mais simplesmente uma arte de repartir os corpos, de extrair e acumular o tempo deles, mas de compor forças para obter um aparelho eficiente.” (FOUCAULT, 2008a, p. 138).

A disciplina, portanto, que tem como uma das suas principais características a vigilância e, por conseguinte, intensificação da ‘tecnologia dos óculos’, volta-se para o aprimoramento das técnicas e dos dispositivos de controle e de exercício desse poder disciplinar. Neste sentido, a vigilância se apresenta como uma técnica muito interessante, uma vez que é pautada no dispositivo do ‘jogo do olhar’ e funciona como um aparelho de visibilidade que permite a inserção de técnicas e processos de sujeição de comportamentos, a partir dos objetivos de cada instituição em que se exerce tal poder. A disciplina gera, por conseguinte, um novo território, que se apresenta como simples, econômico e eficaz:

Ao lado da grande tecnologia dos óculos, das lentes, dos feixes luminosos, unida à fundação da física e cosmologias novas, houve as pequenas técnicas das vigilâncias múltiplas e entrecruzadas, os olhares que devem ser vistos; uma arte obscura da luz e do visível preparar em surdina um saber, novo sobre o homem, através das técnicas para sujeitá-los e processos para utilizá-los. (...) agir sobre aquele que abriga, dar domínio sobre seu comportamento, reconduzir até ele os efeitos do poder, oferecê-los a um conhecimento, modificá-los. (FOUCAULT, 2008a, p.144).

Esse mecanismo de poder, denominado por Michael Foucault de *poder disciplinar*, não mais pautado nas relações de soberania, mas fruto de uma transformação nas relações sociais trazidas pela burguesia, irá garantir – através de um sistema minucioso de coerções disciplinares – uma coesão deste corpo social. Desse modo, a teoria foucaultiana aponta para o fato de que nas sociedades modernas, as disciplinas são inseridas nos contextos sociais por meio de *táticas* que agem como conexões entre o singular e o múltiplo. Em *Vigiar e Punir* o autor conclui que:

(...) a tática disciplinar se situa sobre o eixo que liga o singular e o múltiplo. Ela permite ao mesmo tempo a caracterização do indivíduo como indivíduo e a colocação em ordem de uma multiplicidade dada. Ela é a condição primeira para o controle e uso de um conjunto de elementos distintos: a base para uma microfísica de um poder que poderíamos chamar “celular”. (FOUCAULT, 2008a, p.127).

Foucault (2008a) procura evidenciar que o processo disciplinar é extremamente simples, uma vez observadas as suas principais características: o olhar hierárquico, a sanção normalizadora e realização do exame, específico para a avaliação dos resultados. Para ele o exame é uma forma de vigilância constante que os classifica e permite a distribuição dos agentes humanos, além de possibilitar julgá-los, mensurá-los, detectá-los com o objetivo de *utilizá-los ao máximo*. É por meio do exame, que a individualidade do agente torna-se um elemento de grande relevância para o exercício deste poder disciplinar.

A disciplina é o conjunto de técnicas pelas quais o poder exerce a individualização do ser, na medida em que, por meio da singularização deste, busca-se a classificação, a distribuição e, sobretudo, a sua utilização de modo a aproveitar o máximo das suas capacidades. Para isso, a disciplina exige também um registro contínuo dessas atividades, uma vez que é pelo controle dos detalhes que a eficácia na condução dos processos disciplinares é efetivada. Os registros tornam-se indispensáveis na medida em que oferecem amplo campo de avaliação e acompanhamento dos detalhes de cada ação. Assim encontramos em *Vigiar e Punir* a seguinte afirmação:

A disciplina implica um registro contínuo. A notação do indivíduo e transferência da informação de baixo para cima, de modo que, no cume da pirâmide disciplinar nenhum detalhe, acontecimento ou elemento disciplinar escape a esse saber. (FOUCAULT, 2008a, p.106).

A partir dos pressupostos apresentados, podemos identificar que o desenvolvimento dos processos e técnicas disciplinares buscava transformar o comportamento dos indivíduos, em princípio com o surgimento das prisões e, num segundo momento, sendo adotada por diversas instituições como a escola, as bases militares, os hospitais. Estes foram os precursores de um poder que permeia as relações dos indivíduos até os dias atuais. Podemos ampliar este leque de opções destacando em nossa sociedade as Empresas, as Universidades, os Governos, enfim, uma gama infinita de instituições que são permeadas por estas técnicas e tem como principal característica o controle e a *vigilância* enquanto ferramentas de intensificação dos recursos para o *bom adestramento* dos indivíduos.

## **1.2. Vigilância e Sociedade Disciplinar: faces de um mecanismo de controle**

As análises apontadas por Michel Foucault (2008a) sobre as instituições sociais perpassam - como abordamos anteriormente - por âmbitos escolares, hospitalares, prisionais, dentre outros, e possui um papel fundamental no que tange a conceituação daquela que ele denomina como *Sociedade Disciplinar*.

Para o autor as instituições se configuraram, enquanto práticas disciplinares, como exercício do poder ou dos micro-poderes, a partir de um modelo que ele denomina como disciplinar. Esse modelo tem como característica básica a vigilância por meio de uma *visibilidade*, ou seja, a partir de estruturas físicas que permitissem uma observação constante, endossadas pelo registro de tudo aquilo que pudesse ser visto. Tais práticas desenvolvidas na sociedade ampliaram territórios, uma vez que estas produzem resultados eficientes sobre o comportamento dos indivíduos. A partir daí, são criados *aparelhos* de controle que funcionam como um *microscópio do comportamento* em redes que existem de forma discreta, integrando-se aos dispositivos disciplinares como efeito expensor desta produção.

A característica da visibilidade é apontada por Machado (2008) como uma “(...) vigilância que precisa ‘ser vista’ pelos indivíduos que a ela estão expostos como contínua e permanente; que não tenha limites: penetre nos lugares mais recônditos e esteja presente em toda a extensão do espaço”. (p. XVIII) Neste contexto, Foucault define a vigilância como um *operador econômico* decisivo, pois atua como “peça” do aparelho de produção

ao mesmo tempo indiscreto – dada a sua capacidade de estar presente e sempre alerta – e absolutamente discreto, pois funciona praticamente em silêncio.

A nova concepção de vigilância, assumida no contexto social, possibilita a transformação do ambiente na medida em que inverte a concepção de prisão, até então identificada com a *masmorra*, na qual o prisioneiro é elevado ao topo de uma torre e lá fica isolado na escuridão. Ao contrário, a vigilância analisada por Foucault trata de um controle pela luz, ou seja, da construção de uma estrutura arquitetural, que permitia por meio de uma visibilidade, o controle global e individualizante dos agentes humanos, como podemos verificar pelas palavras do autor:

(...) assegurar uma vigilância que fosse ao mesmo tempo global e individualizante, separando cuidadosamente os indivíduos que deveriam ser vigiados. Em suma, inverte-se o princípio da masmorra; a luz e o olhar de um vigia capta melhor que o escuro, que no fundo, protegia.” (FOUCAULT, 2008b, p.210).

É pela dinâmica do *olhar sem ser visto* que as características de uma sociedade disciplinar transparente e visível emergem em diversos âmbitos das sociedades modernas. Estes foram, por sua vez, o início de uma articulação de poderes que penetrou num pequeno espaço de tempo em praticamente todas as instituições, gerando nessa perspectiva, uma nova forma de *administrar* as relações de poder entre instituições e indivíduos por objetivos e interesses próprios daqueles que exercem o poder.

Deleuze identifica a sociedade disciplinar, a partir das concepções de Foucault, como uma “tecnologia que atravessa todas as espécies de aparelhos e de instituições para reuni-los, prolongá-los, fazê-los convergir, fazer com que se apliquem de um novo modo.” (DELEUZE, 2006, p.35). Desta forma, tal tecnologia foi apropriada por diversas instituições, principalmente por objetivos econômicos, em se tratando de uma técnica simples e pouco custosa. As sociedades modernas e contemporâneas adotaram essas práticas com vistas a atender às demandas capitalistas:

Toda economia, a oficina, por exemplo, ou a fábrica, pressupõe esses mecanismos de poder agindo, de dentro sobre os corpos e as almas, agindo no interior do campo econômico sobre as forças produtivas e as relações de produção. (...) No caso das sociedades disciplinares dir-se-á: repartir, colocar em série, compor, normalizar. (DELEUZE, 2006, p.36-38).



Ao adotar os princípios da vigilância como tecnologia de ação no corpo social, Deleuze (2006) descreve o percurso que essas práticas realizaram ao longo da história contemporânea e aponta para o aprimoramento dos modelos abordados em nossos pressupostos teóricos. Segundo o autor, a sociedade disciplinar teve como principal característica os *moldes produtores de subjetividade*, ao passo que o aprimoramento dessas técnicas levou à *Sociedade do Controle* que está pautada sob a moldagem de transformação contínua, de modo a produzir uma *subjetividade flexível*.

O panorama acerca das temáticas do poder, da disciplina e da vigilância nos permitiu obter fundamentos que pudessem nos conduzir a abordagem que pretendemos realizar acerca da sociedade contemporânea, no que tange à temática relacionada aos mecanismos de controle e de disciplina nas instituições de ensino superior e da produtividade acadêmica, por meio de um dispositivo tecnológico, a saber, o formulário do Currículo Lattes.

É relevante destacar que o percurso realizado até o momento nos ofereceu concepções, que ao longo da história, puderam ser aperfeiçoadas e utilizadas em grande escala nas sociedades contemporâneas. Tais relações contaram com o avanço tecnológico para ampliar suas capacidades de penetração e ação em todos os âmbitos da sociedade, de modo que a expansão e a democratização das fronteiras informacionais – a internet e o surgimento de mecanismos de controle avançados – configuraram um novo modelo de controle social: a sociedade do controle ou da vigilância. Essa sociedade ganhou novos aparatos tecnológicos – e como veremos a seguir – mantém, ainda, como principais características os modelos clássicos apontados por Foucault em sua obra.

Com base nestas novas características, um novo sujeito deverá ser produzido com vistas a substituir o sujeito disciplinado, facilitando o seu controle e sua *governabilidade*. Isto deverá responder às demandas flexíveis de um mercado em constante transformação, tornando-se cada vez mais a referência de conduta e comportamento dos sujeitos humanos ao investir em atitudes que sejam capazes de produzir o chamado *capital humano*, exigido pelo próprio tempo em que vivemos.

Segundo André Gorz, o trabalho humano é considerado desde Adam Smith como mercadoria, sendo que esta não é mais mensurável em função do tempo de sua realização. Trata-se pois, de novos fatores que compõem um ambiente em que as empresas entendem o "capital humano" como: "os empregados tem de se tornar empresas, mesmo no interior de grandes estabelecimentos industriais, devem responder pela rentabilidade do seu trabalho."(GORZ, 2005, p.10).

Desta forma, Gorz destaca que na contemporaneidade o capital humano passa por diversas transformações que caracterizam o conhecimento como *capital imaterial*:

O capitalismo moderno, centrado sobre a valorização de grandes massas de capital fixo material, é cada vez mais rapidamente substituído por um capitalismo pós-moderno centrado na valorização de um capital dito imaterial, qualificado também de "capital humano", "capital conhecimento" ou "capital inteligência". (...) O conhecimento é considerado como a "força produtiva principal". (GORZ, 2005, p. 15).

Tais aspectos, típicos da sociedade contemporânea permeiam o contexto social, principalmente no que tange à temática relacionada ao conhecimento como capital. Este, entendido enquanto força produtiva traz consigo características do capitalismo comercial à baila acadêmica, em que os quesitos relacionados à produtividade e competitividade tornam os agentes humanos suscetíveis a instrumentalizações advindas de pressões externas quanto a uma autêntica produção de conhecimento. O autor destaca que:

"A economia do conhecimento" contém em seu fundo uma negação da economia capitalista comercial. Ao tratá-la como "a nova forma do capitalismo", mascara-se seu potencial de negatividade. O conhecimento inseparável da capacidade de conhecer, é produzido concomitantemente ao sujeito cognoscente. Ele é um *valor verdade* antes de ser um *meio de produção*. (GORZ, 2005, p. 55).

Desta forma, podemos identificar características desta nova forma de pensar o conhecimento dentre as relações existentes nos ambientes acadêmicos e a produção de conhecimento exigida junto a pesquisadores, pautadas em valores de produtividade e pressões quanto ao tipo de atividade a ser desenvolvida. Estamos diante de uma comunidade científica que se apresenta de forma competitiva, sujeita à pressões institucionais que reconfiguram as relações do saber acadêmico pautadas em políticas que buscam atender a quesitos econômicos.

Gorz critica esta prática, considerando-a prejudicial às relações de produção de conhecimento autêntico:

Tratar o conhecimento como um capital e um meio de produção é finalmente rebaixar toda a atividade humana - todas as capacidades cognitivas, estéticas, relacionais, corporais, etc. - a atividades instrumentais de produção, ou seja, ao produtivismo capitalista e à sua indiferença aos conteúdos. O paradigma da produção pela produção, da acumulação pela acumulação, é simplesmente estendido do domínio das mercadorias e dos capitais ao da inovação e dos conhecimento-

produtivos-de-conhecimentos-produtivos considerados como fins em si, sem se preocupar com a orientação e o sentido dessa acumulação. É sob essa luz que o capitalismo cognitivo prolonga o capitalismo - perversando a especificidade das relações sociais de conhecimento. (GORZ, 2005, p. 56).

Sob essa perspectiva, debruçamo-nos para investigar as relações de poder que podem modificar a conduta de pesquisadores por meio do dispositivo tecnológico Currículo Lattes, em especial, aos pesquisadores da área de Arte, que se apresenta de forma a não se ajustar a mecanismos de controle, uma vez que sua natureza diversa procura "escapar" de ser instrumentalizada para o cumprimento de quesitos de produtividade.

Nesse sentido, destacamos um trecho de Foucault (2002) em que ao tratar da temática de linguagem, exemplifica a autonomia dessa área Arte, que caminha por meio das linguagens, o que dificulta seu enquadramento em modelos pré-estabelecidos. Podemos substituir a palavra linguagem na obra foucaultiana pela palavra Arte:

(...) a experiência da linguagem (...) existe primeiramente, em seu ser bruto e primitivo, sob a forma simples, material, de uma escrita, de um estigma sobre as coisas, de uma marca espalhada pelo mundo e que faz parte de suas mais indelévels figuras. Num sentido, essa camada de linguagens é única e absoluta. (FOUCAULT, 2002, p. 58).

É neste contexto contemporâneo em que o capital humano é tomado como mercadoria e sua valoração é feita em função de quesitos de produtividade, que área de Arte pode ser analisada como um exemplo das relações de poder contidas no dispositivo Currículo Lattes. Agregados a esses conceitos, estão ainda elementos que permeiam este processo de transformação da sociedade contemporânea e que estão pautados na figura arquitetural denominada *Panóptico* por Jeremy Bentham e adotado nas teorias foucaultianas, por tratar-se da grande descoberta de um dispositivo disciplinar que permite a vigilância permanente e contínua e que detalharemos a seguir.

### **1.3. O *Panopticon* e a Sociedade Contemporânea: tecnologia do poder disciplinar**

Ao descrever o desenvolvimento da história das prisões, Michel Foucault apresenta no bojo de suas análises uma mudança cultural relacionada à passagem das relações de punição para a vigilância. Esta temática foi abordada nos tópicos anteriores

de nossa pesquisa, porém, vale ressaltar que essas transformações se deram em função de uma economia de poder que tinha exigência de métodos mais eficazes e rentáveis de se administrar as relações de poder. No caso das prisões – que depois se estendeu a todo o corpo social da época – se percebeu que a criação de técnicas de vigiar e punir eram cada vez mais eficazes e vantajosas, pois traziam como características principais a vigilância e o controle da disciplina imposta aos indivíduos.

Tomemos, como exemplo prático o *Panóptico*, adotado por Foucault, que o descreve como uma das mais brilhantes descobertas da sociedade capitalista. O *Panóptico* é compreendido como um aparelho compacto de exercício do poder, segundo as necessidades e peculiaridades daqueles que o exercem. A figura do *Panóptico* é vista por Foucault como um conjunto de mecanismos “que ligam os feixes de procedimentos do que se serve o poder” (FOUCAULT, 2008a, p. 160). Em termos de revolução, o autor compara o surgimento desta tecnologia do poder à máquina a vapor para o sistema de produção, dado o impacto dessa tecnologia na sociedade contemporânea. Isso ocorre justamente porque tal invenção foi utilizada em diversos ambientes sociais, nos quais se realizavam experiências de vigilância permanente.

Observou-se ainda o aperfeiçoamento dos registros, o surgimento dos dossiês, as anotações e classificações que, de certa forma, impulsionaram a ampliação desses procedimentos a outros segmentos da sociedade. Neste sentido, o *panoptismo* foi apoiado pelos aparelhos de Estado, pois, segundo Michael Foucault, este permitiu que os Estados se apoiassem nesses pequenos *panoptismos* por considerar que esta rede de dominação encontrara um instrumento que atenderia às necessidades na regulação das produções. Foucault descreve o *Panóptico* da seguinte forma:

O *Panóptico* de Bentam é a figura arquitetural dessa composição. O princípio é conhecido: na periferia uma construção em anel; no centro, uma torre; esta é vazada de largas janelas que se abrem sobre a face inteira do anel; no centro, uma torre; esta é vazada de largas janelas que se abrem sobre a face interna do anel; a construção periférica é dividida em celas, cada uma atravessando toda a espessura da construção; elas têm duas janelas, uma para o interior, correspondendo às janelas da torre; outra, que dá para o exterior, permite que a luz atravesse a cela de lado a lado. Basta então colocar um vigia na torre central e, em cada cela trancar um louco, um doente, um condenado ou um escolar. (FOUCAULT, 2008a, p. 166).

A partir desta descrição, podemos observar o que o autor define em que se pauta a genialidade desse dispositivo. O lugar possui diversas celas, ao mesmo tempo em que

cada um está totalmente individualizado e sozinho. Michel Foucault (2008a) aponta para o fato de que a visibilidade é enaltecida em detrimento da escuridão, típica prática nos antigos sistemas prisionais. Esta visibilidade pode ser considerada também como a grande armadilha do sistema.

Além da forma concreta com que o *panóptico* é visto na sociedade, faz-se necessário destacar o efeito apontado na teoria foucaultiana como sendo o mais importante deste dispositivo: “(...) induzir no detento um estado consciente e permanente de visibilidade que assegura o funcionamento automático do poder” (FOUCAULT, 2008a, p. 166). A esse respeito, Deleuze assinala:

Quando Foucault define o Panoptismo, ora ele o determina concretamente, como um agenciamento óptico ou luminoso que caracteriza a prisão ora abstratamente... A fórmula abstrata do Panoptismo não é mais, ‘ver sem ser visto’, *mas impor uma conduta qualquer a uma multiplicidade humana qualquer*. (DELEUZE, 2006, p.43).

É nesse sentido que direcionaremos nosso olhar ao abordarmos as questões relacionadas ao Currículo Lattes comparando-o ao modelo de *panoptismo*, sob o prisma tecnológico que – enquanto dispositivo de controle e vigilância – impõe, a partir de interesses e objetivos específicos, uma conduta de professores e pesquisadores frente às demandas no cenário institucional universitário brasileiro.

A essas considerações cabe-nos ainda destacar como este dispositivo age nas produções acadêmicas de pesquisadores da área de Arte, uma vez que esta possui características diferentes dos contextos acadêmicos das demais áreas de conhecimento, o que dificulta seu enquadramento a modelos e padrões de produtividade, presentes neste instrumento.

Assim, podemos associar características da Arte nas considerações de Michel Foucault (2002) sobre as palavras e as coisas que se abrem para o infinito:

Eles formam, neste espaço unido, onde as coisas normalmente se distribuem e se nomeiam uma multiplicidade de pequenos domínios granulados e fragmentários onde semelhanças sem nome aglutinam as coisas em ilhotas descontínuas; num canto, colocam as meadas mais claras, noutra, as vermelhas, aqui, aquelas que tem mais consistência mais lanosa, ali, aquelas mais longas, ou as que tendem ao violeta, ou as que foram enroladas em novelo. Mas, mal são esboçados, todos esses agrupamentos se desfazem, pois a orla de identidade que os sustenta, por mais estreita que seja, é demasiado extensa para não ser instável e, infinitamente, o doente reúne e separa, amontoa similitudes diversas,

destrói as mais evidentes, dispersa as identidades, superpõe critérios diferentes, agita-se, recomeça, inquieta-se e chega finalmente à beira da angústia. (FOUCAULT, 2002, p. XIV).

Desta forma, podemos verificar que o dispositivo tecnológico apresenta características de *controle, vigilância e adestramento*, as quais os pesquisadores em âmbito acadêmico, incluindo a área de Arte estão sujeitos. Segundo Foucault, (2008a) - este aparelho cria e sustenta o poder independente de quem o irá exercer, de modo que os próprios detentos podem ser os portadores deste poder. A esse respeito devemos destacar que o aparelho dispõe ainda daquilo que é denominado *poder visível e inverificável*, ou seja, que o sujeito saiba que é observado, sem nunca saber de fato quem o observa da torre central.

A relação é com o mecanismo que aprisiona o indivíduo e não com a pessoa que faz a vigilância. A idéia do *panóptico* imaginado pelo arquiteto Bentham trazia ainda uma leveza às instituições, na medida em que, não havendo mais grades nem correntes torna-se necessária somente que a divisão das celas fosse bem definidas a fim de atender ao propósito do sistema. Dentre as funções desse dispositivo, temos a utilização do aparelho como uma máquina de transformação de comportamentos, a partir de uma vigilância discreta e silenciosa que permeia o ambiente em que o indivíduo está inserido. O fato é que não se trata tanto da figura do vigia, mas é a consciência de que existe alguém vigiando que transforma a conduta do indivíduo segundo os padrões determinados pelas instituições sociais.

Atuando de maneira discreta, o dispositivo promove mudanças nos programas disciplinares e funciona com eficácia, ao impor e avaliar a conduta no indivíduo e definindo as relações de poder que agem na vida cotidiana dos homens. Este pode ser utilizado em qualquer uso específico, na medida em que se trata de uma figura tecnológica e política.

Michael Foucault indica a utilização da figura do *Panopticon* e afirma que ao se tratar de uma multiplicidade de indivíduos, é necessário impor uma tarefa ou comportamento a fim de alcançar os objetivos específicos da instituição. Para o autor, é o fato de que tal mecanismo se intensifica que permite o aperfeiçoamento do exercício do poder:

Em cada uma de suas aplicações, permite aperfeiçoar o exercício de poder. (...) porque pode reduzir o número dos que o exercem, ao mesmo tempo que multiplica o número daqueles que são exercidos. (...) permite

intervir a cada momento e a pressão constante age antes mesmo que as faltas, erros sejam cometidos. (...) sua força nunca é intervir, é se exercer espontaneamente e sem ruídos. É constituir um mecanismo de efeitos em cadeia. (...) age diretamente sobre os indivíduos; “da ao espírito poder sobre o espírito”. (...) assegura sua economia; sua eficácia por seu caráter preventivo, seu funcionamento contínuo e seus mecanismos automáticos. É uma maneira de obter poder. (FOUCAULT, 2008a, p. 170).

Destacamos que o modelo do *Panóptico* permite a vigilância não somente por parte dos vigias da torre central, mas também por parte de todos os agentes sociais. Desta forma, qualquer membro da sociedade pode constatar o funcionamento do dispositivo. Foucault (2008a) alerta que nesse sistema não há possibilidade de degenerar qualquer tipo de tirania, já que o modelo permite que qualquer pessoa vigie o menor vigia. Para o autor, esta máquina que permite ver, é como uma câmera cuja possibilidade de espionar e exercer o poder pode ser visualizada e controlada por toda a sociedade.

Estamos, pois, diante de uma estrutura que não pode ser somente identificada como um edifício onírico, mas trata-se – segundo a teoria foucaultiana – de um diagrama de poder pautado nas relações do olhar. Para Deleuze (2006), quando Foucault apresenta a idéia de diagrama, isto é, um instrumento que funciona se abstraindo de confrontos, este pode ser utilizado para qualquer fim específico e o que está em jogo é o funcionamento de uma máquina abstrata de exercício do poder. Esta idéia de diagrama descreve as sociedades modernas, no sentido em que se opera um enquadramento por meio de suas estratégias específicas. Assim para o autor:

O diagrama, ou a máquina abstrata é o mapa das relações de forças, mapa de densidade, de intensidade que procede por ligações primárias não localizáveis e que passa a cada instante por todos os pontos, ‘ou melhor, em toda relação de um ponto a outro. (DELEUZE, 2006, p. 46).

Este aparelho tecnológico, portanto, tem por objetivo vigiar os sujeitos submetidos a este modelo, em qualquer que seja o âmbito de sua aplicação. De acordo com Foucault, isso se configura em nossa sociedade como o “(...) princípio de uma nova ‘anatomia política’ cujo objeto e fim não são as relações de soberania, mas as relações de disciplina.” (2008a, p.172). O autor classifica três importantes aspectos nas transformações dos contextos sociais que levaram a formação de uma sociedade disciplinar, a saber:

1. *A inversão funcional das disciplinas*: as disciplinas que até o momento deveria neutralizar os perigos, evitar inconvenientes, passaram a ter nova função na medida em que impulsionou ao crescimento das habilidades dos indivíduos, passou a coordenar suas ações, acelerando e controlando tempo e movimentos, fazendo crescer as aptidões e, portanto lucros. Sua função ainda será a de moralização das condutas, mas com um diferencial de modelar os comportamentos, fazendo com que os corpos atendam à demanda da economia.
2. *A ramificação dos mecanismos disciplinares*: a multiplicação dos estabelecimentos em que a disciplina passa a ser institucionalizada favoreceu uma tendência a se desinstitucionalizar e a circular de maneira mais livre tornando-se mais flexíveis e fáceis de adaptar-se;
3. *A estatização dos mecanismos de disciplina*: em alguns países como Inglaterra e França o poder soberano passou a ser substituído por meio da descentralização do poder do soberano e a regulamentação dos institutos policiais que passara a organizar a ordem, por meio da vigilância, dos registros, tornando visíveis suas ações perante a sociedade.

Esses aspectos contribuíram para a formação de uma sociedade disciplinar, na medida em que ela se expandiu nos âmbitos sociais e possibilitou que os efeitos do poder pudessem atingir os lugares mais recônditos e particulares, de forma capilar, assegurando uma ampla ação das relações de poder. É na particularidade da penetração deste poder que a sociedade disciplinar irá se configurar como uma grande mudança estrutural, pautada na administração dos pequenos exercícios do poder, isto é, os micro-poderes agindo na sociedade contemporânea.

A partir desta função capilar, o poder passa a ser definido pelos pontos específicos por onde passa, tendo como característica básica a continuidade de sua linha, não possuindo um centro controlador, mas funcionando em segmentos, prolongando-se como se fosse uma grande *teia* de relações. É necessário, portanto, captar em que medida esse poder se torna algo intrínseco às relações das instituições e aos agentes disciplinados.

Trata-se (...) de captar o poder em suas extremidades, em suas últimas ramificações, lá onde ele se torna capilar, captar o poder nas suas formas e instituições mais regionais e locais, principalmente no ponto em que, ultrapassando as regras que o direito delimitam, ele se prolonga, penetra em instituições, corporifica-se em técnicas e se mune de instrumentos de intervenção material, eventualmente violento. (FOUCAULT, 2008b, p.182).



As práticas do poder disciplinar disseminadas e corporificadas nas relações entre agentes e instituições – pautadas na vigilância – tornaram-se um dos principais instrumentos da sociedade contemporânea. A vigilância, ou a Sociedade Vigilante apresenta-se na contemporaneidade como um fenômeno que diminui ou faz desaparecer fronteiras nacionais e internacionais tendo sua ação ampliada com o advento das novas tecnologias por meio da democratização das informações pela rede mundial da internet a todos os grupos sociais.

As relações sociais são cada vez mais pautadas a partir de dispositivos tecnológicos de identificação e vigilância que tornam esta sociedade propícia ao surgimento de novos mecanismos que a legitimam como uma sociedade do controle por meio da vigilância. Estas multiplicaram e sofisticaram as práticas de vigilância e de controle, de modo que a sociedade não se concebe sem tais mecanismos que, de certa forma, asseguram a ordem e protegem os indivíduos por meio da identificação, do registro e da observação real ou virtual daqueles que atuam neste ambiente social.

#### **1.4. Sociedade da Vigilância e o Currículo Lattes: dispositivo tecnológico de controle no contexto acadêmico contemporâneo**

Dentre os diversos dilemas, confrontos e desafios da sociedade do século XXI, podemos destacar as questões relativas a esta sociedade que se *vê* e se *concebe* como vigilante. Os termos identificação, vigilância, privacidade nunca antes tiveram tanto impacto nas relações sociais. Pautados na idéia de que a *vigilância* significa também a *segurança*, tais conceitos são assimilados e assumidos enquanto a força motriz que configura um novo modelo social.

Cabral (2008) apresenta a idéia de que vivermos em sociedades cada vez mais e mais vigilantes se tornou um fato real. O autor destaca que:

Os nossos corpos e as nossas mentes estão crescentemente penetrados pelos instrumentos do social. Mas, ao mesmo tempo, torna-se também cada vez mais difícil dizer a que sociedade em particular pertence cada um de nós – para além, está claro, dessa pertença última que não é a pertença a uma sociedade global, mas sim a uma condição humana comum. (CABRAL, 2008, p. 22).

Os dispositivos de identificação vêm ao encontro – como apresenta o autor – a uma concepção na qual se afirma o princípio sociológico central que se pauta no pressuposto da existência de uma necessidade primária de identificação. Destaca ainda que, “(...) nenhum indivíduo pode ocupar uma posição sem se identificar com algo e não há identificação sem transformação” (CABRAL, 2008, p.22). Considerar que o mundo em que vivemos não é estável e está sempre em movimento – em constante transformação – impossibilita a fixação de uma forma que permita à vigilância uma eficácia em sua função de controlar o humano. É neste sentido que tais formas e estratégias de controle podem se tornar potencialmente nocivas ao indivíduo. Cabral (2008) salienta que, por outro lado, não é possível mais pensarmos uma sociedade em que não haja esta vigilância e identificação.

O fato é que a vigilância é um componente da natureza da vida moderna e, parafraseando Frois (2008) *faz parte do ser-se moderno*. Independente de nacionalidade ou de organizações sociais distintas em qualquer lugar do mundo os agentes humanos experimentam atualmente práticas de vigilância e controle, seja para fins de segurança, monitoramento, identificação ou, ainda, localização *online*. Estas características apontam para o surgimento de uma nova forma de se conceber tais dispositivos inerentes à vida cotidiana. A autora afirma que “(...) não interessa onde a pessoa vive: a vigilância é uma tendência a larga escala, e os cidadãos de muitos países estão já familiarizados com os dispositivos” (FROIS, 2008, p.175). Faz-se pertinente utilizarmos de um conceito de vigilância a fim de apreendermos questões-chaves acerca desta temática. Frois (2008) apresenta uma definição simples e objetiva – que corresponde ao objetivo desta pesquisa – sobre o que é a vigilância, obtida na *Surveillance Studies Network*:

A sociedade da vigilância é uma sociedade que está organizada e estruturada mediante técnicas baseadas na vigilância. Estar sob vigilância significa que a informação sobre os movimentos e actividades de cada um é registrado pela tecnologia, em nome de organizações e governos que estruturam a sociedade. Esta informação é depois organizada, seleccionada e categorizada, sendo seguidamente usada como base para a tomada de decisões que afectam as nossas escolhas de vida. (*apud* FROIS, 2006, p.3).

Este sistema de recolhimento de dados constantes tornou-se um aspecto rotineiro na vida cotidiana da sociedade atual. Para Frois (2008) os agentes sociais tornam-se cada vez mais *pessoas em rede* em que as *peças* podem ser armazenadas, analisadas e reagrupadas em várias bases de dados. É importante destacar o grande impacto que as

novas tecnologias tiveram sobre este tipo de prática sem, contudo, substituir os mecanismos disciplinares clássicos apontados por Michel Foucault em sua obra. Ao contrário, as tecnologias, em certa medida, impulsionaram e aprimoraram os mecanismos disciplinares considerados "clássicos".

Estamos diante de um grande *Panopticon Virtual*, sem paredes de concreto, mas que age subjetivamente com dispositivos de controle celulares em âmbito digital - o que oferece a mesma idéia de controle do modelo - por meio de poderes exercidos nas relações entre instituições e agentes humanos. Este modelo de prisão transposto para um sistema virtual permite que os registros efetuados por pesquisadores acerca de suas produções acadêmicas sejam disponibilizados na rede para acesso de qualquer pessoa que desejar. A idéia de visibilidade é a mesma, pois permite a todos *observarem e serem observados sem serem vistos*, na medida em que a noção de tempo e espaço assume outra dimensão em âmbito virtual.

Tal dispositivo tecnológico possui características acerca deste mecanismo de vigilância que nos possibilita associá-lo às teorias foucaultianas, na medida em que é utilizado por instituições para vigiar, controlar e disciplinar as atividades acadêmicas desenvolvidas nesta rede social.

A partir desta nova perspectiva na qual as relações de poder agem de maneira sutil, Souza apresenta a idéia de que: “(...) o poder moderno não seria apenas uma instância repressiva e transcendente, mas uma instância de controle, que envolve o indivíduo mais do que o domina abertamente.” (SOUZA, 2006, p. 242). Desta forma, com o fim das grades e das fechaduras, o *Panóptico* se apóia no jogo dos olhares, na relação entre os vigilantes e os vigiados. Podemos destacar que o atrativo propiciado pelas novas tecnologias potencializa o poder de controlar e disciplinar de forma discreta e envolvente. Este envolvimento do seres com os novos mecanismos – uma vez que eles próprios agem como *vigilantes*, mas também *vigiados*, em ambos os casos anônimos – gera o que denominamos uma consciência que disciplina. Desse modo, não é tanto pelo fato de quem vigia, mas sim pela possibilidade de ser observado pela grande *rede mundial* que o agente humano torna-se passível à transformação do seu comportamento permitindo – como descreve Foucault (2008a) – o adestramento de corpos *dóceis e úteis*.

O desenvolvimento e aprimoramento dessas técnicas nos permite atualmente, verificar a grande semelhança entre o que Foucault (2008c) denominou de *biopolítica*, que se postulou como uma administração não mais da produção do indivíduo dócil, mas sim a gestão minimamente calculada da vida da população num *corpus* social. Para

aprofundarmos essa discussão, tomemos o Currículo Lattes a fim de identificar características presentes neste dispositivo que corroboram com as idéias centrais de sociedade vigilante e administração de um *corpus social* que abordamos até o momento.

Ao utilizarmos o Currículo Lattes como exemplo da ação de micro-poderes sobre a produção de pesquisadores, postulamos estar diante de um mecanismo tecnológico que, através de um formulário, registra toda a produção de professores e pesquisadores envolvidos em atividades acadêmicas. Tal formulário é abrigado e mantido por uma agência de fomento, a saber, o CNPq, que disponibiliza este banco de dados por meio da rede mundial *internet*, permitindo que este funcione como um *Panopticon Virtual* uma vez que o pesquisador está cadastrado em um banco de dados – como uma célula – agrupado e classificado (de acordo com sua área de atuação, titulação, instituição que atua) sob o olhar da visibilidade universal e de um poder *onividente* que impõe critérios, conduta e, principalmente, pode transformar a ação humana segundo interesses particulares de cada instituição.

A importância deste instrumento se dá na medida em que, adotado como referência nacional por diversas instituições, tornou-se o parâmetro de normalização das produções científicas na academia. Supomos, pois, que tal instrumento, expandido pela facilidade dos aparatos tecnológicos em dispor dados, permite uma visibilidade que transforma, classifica e diferencia grupos humanos de pesquisadores, além de favorecer a gestão destes grupos segundo interesses políticos, econômicos e sociais. Para Foucault a figura do *panóptico* foi a grande descoberta da burguesia, uma tecnologia que surgia,

(...) mais que a divisão maciça e binária entre uns e outros ela recorre a separações múltiplas, a distribuições individualizantes, a uma organização profunda das vigilâncias e dos controles, a uma intensificação e ramificação do poder. (FOUCAULT, 2008a, p.164).

Desta forma o Currículo Lattes é utilizado pelas instituições para classificar, individualizar, medir a produção científica, realizar controles e exercer o poder de forma sutil e discreta e, ao mesmo tempo – fazendo referência à obra foucaultiana – indiscreta enquanto incentivadora de uma visibilidade a que o indivíduo é submetido. Podemos assemelhar o impacto comportamental que o Currículo Lattes – entendido como um *panóptico virtual* da sociedade vigilante - pode provocar junto ao seu público nos valendo da afirmação postulada por Michel Foucault acerca do exercício do poder:

(...) o poder externo, por seu lado pode aliviar seus fardos físicos; tende ao incorpóreo; e quanto mais se aproxima desse limite mais seus efeitos são constantes, profundos, adquiridos em caráter definitivo e continuamente recomeçados: vitória perpétua que evita qualquer defrontamento físico e que está sempre decidida por antecipação. (FOUCAULT, 2008a, p.168).

A teoria foucaultiana aposta na concepção do *panóptico* como um modelo de funcionamento, ou seja, uma forma de definir as relações de poder no contexto da vida cotidiana. Segundo esses pressupostos, tal modelo pode ser utilizado por qualquer instituição, com quaisquer interesses específicos, desde que tenha por objetivo impor certo tipo de disciplina e, controlá-la a partir do princípio da vigilância.

Aprofundaremos as relações entre o Currículo Lattes e a concepção de panóptico no capítulo 3, quando analisaremos com detalhes sua estrutura e sua utilização como estratégia disciplinar por meio das vozes e olhares das entrevistas realizadas com profissionais do CNPq, das Comissões e Conselhos de Artes e dos pesquisadores e professores da Área de Arte, objeto específico de nossa pesquisa.

Nosso interesse em analisar a relação desse dispositivo tecnológico e a área de Arte se dá na medida em que nos deparamos com uma questão crucial, posto que a área não é valorizada e é pouco reconhecida no meio acadêmico. Desta forma, é relevante destacarmos que a área de Arte possui grande diversidade em sua produção de conhecimento o que dificulta o enquadramento em um formato padrão para atendimento de quesitos pré-estabelecidos neste formulário.

Ao afirmarmos atualmente a sociedade vigilante possui em suas características estruturais os conceitos abordados pela teoria foucaultiana como o poder, a disciplina, a vigilância, a normalização, a classificação e a sociedade disciplinar, é possível identificar que tais termos – aliados ao desenvolvimento tecnológico e as transformações sócio-culturais – permitiram a expansão dessas ações estratégicas e ampliaram sua penetração em diversos âmbitos do cotidiano social, legitimados na sociedade da vigilância. A esse respeito cabe-nos ainda, destacar que a conjuntura internacional, sobretudo na última década – que, aliás, coincide com a criação do Currículo Lattes – tem demonstrado uma preocupação com o aprimoramento e a implementação de instrumentos de vigilância e de controle que possibilitem antecipar e detectar comportamentos perigosos com vistas a permitir uma ação mais rápida e eficaz de seu combate e eliminação.

É notório o fato de que a proliferação desses dispositivos e mecanismos de controle e vigilância ganham cada vez mais relevância no contexto social, posto que atendem com grande eficácia a interesses políticos, econômicos e governamentais, na medida em que vigiar facilita o controle e o registro. Estes permitem a previsão de tendências, comportamentos, estabelecem perfis, categorizam e classificam em nome de um grande bem coletivo. Desta forma, o *corpus social* transforma-se num grande mapa classificatório, em que os interesses particulares institucionais poderão ser aplicados de forma discreta sobre os grupos categorizados. Fróis alerta para a seguinte situação muito recorrente em nossos dias:

(...) mais importante do que conhecer a história pessoal e social de cada um (história esta que é subjectiva), é saber em que medida é que pode ser utilizada para prever tendências ou estabelecer perfis, seja em termos de conduta desviante ou para finalidades econômicas. Explico melhor: a individualidade de cada um, quando considerada para propósitos de identificação e vigilância, é útil para fins burocráticos, de segurança ou comerciais na medida em que é passível de ser aglomerada em bases de dados informatizadas e depois daí escalpelizada para diferentes finalidades. (FROIS, 2008, p. 28).

De fato, existem possíveis perigos a serem observados na utilização dos dispositivos de vigilância, com a finalidade de disciplinar, transformar comportamentos, avaliar ações, em nome da segurança e do bem comum. A esses elementos podemos adicionar as relações que a academia fomenta no ambiente acadêmico, contando com dispositivos como o Currículo Lattes que pode ser utilizado como mecanismo de vigilância, controle e disciplina das produções acadêmicas na contemporaneidade.

Esse dispositivo permite que pressões advindas de instituições penetrem esta rede de relacionamentos de forma estratégica e que esses agentes busquem atender propósitos de produtividade a fim de pertencer e se manter nesta comunidade acadêmica.

Colocamo-nos, pois, o seguinte questionamento: diante deste diagnóstico, o que resta-nos então? Como podemos transitar nesse território sabendo que a vigilância é um fato, mas que ao mesmo tempo, nem ela própria tem instrumentos que possam - por exemplo, na sociedade contemporânea - controlar a utilização das informações que estão democraticamente disponíveis na Rede Mundial da Internet?

Não podemos negar a necessidade social desses instrumentos que já penetraram o cotidiano de nossa humanidade. Seria ingênuo, todavia, esperarmos que não ocorrerá corrupção, ineficiência, erros, que coloquem em risco o próprio sistema. Assim, é

imprescindível que essas práticas sejam observadas a partir de um censo crítico que possa impulsionar as ações de forma positiva, questionando critérios, conceitos e, antes de tudo, valorizando uma produção autêntica de conhecimento que contribua para o desenvolvimento cultural e científico de nossa sociedade.

Nossa proposta para os próximos capítulos será a de estabelecer um diálogo crítico acerca de como a problemática apresentada nestes pressupostos teóricos podem contribuir para a compreensão dos mecanismos disciplinares e o modelo do Currículo Lattes como o *Panopticon Virtual* da contemporaneidade. Abordaremos especificamente o dispositivo tecnológico e as suas relações com a Área de Arte.

## **CAPÍTULO 2**

### **CURRÍCULO LATTES: DISPOSITIVO DISCIPLINAR DA EDUCAÇÃO SUPERIOR NO BRASIL**

Ao analisarmos as concepções de Michel Foucault (2008a) acerca das temáticas relacionadas às concepções de poder, das relações de poder-saber e da Sociedade Vigilante, pudemos, por meio desse referencial teórico estabelecer as relações entre tais concepções e o formulário Currículo Lattes. Compreendemos o referido currículo nesta pesquisa como exemplo do modelo de *Panopticon* da contemporaneidade, denominado por nós de *Panopticon Virtual* por tratar-se de um aparelho de controle potencializado enquanto apresenta-se como uma tecnologia de poder no ambiente acadêmico e universitário brasileiro.

Para apreendermos como essas relações se estabeleceram e, com o objetivo de ampliarmos nossa análise, torna-se relevante contextualizarmos o surgimento do Ensino Superior no Brasil e as características de seu desenvolvimento em âmbito educacional acadêmico pautadas em parâmetros de avaliação de competência. Esses elementos criaram condições para o estabelecimento de modelos padronizados como o Currículo Lattes que visa registrar as produções acadêmicas em nossa sociedade.

É relevante apreendermos a temática que envolve a compreensão dos aspectos que permeiam a constituição do Ensino Superior no Brasil e o papel da Universidade representado pela sociedade em geral. Esta requer indubitável perspicácia para identificar os elementos pertinentes à sua ampla atuação no campo da cultura e da produção de conhecimento.

Nesse sentido, identificar em que medida as mudanças político-econômico-culturais influenciam e, de certa forma, contribuem para uma nova configuração do papel da universidade no Brasil torna-se de grande interesse para aprofundarmos nossa investigação. Cabe ressaltar que tais aspectos históricos se tornam relevantes uma vez que a Universidade, historicamente se constitui de forma diversa, o que dificulta o estabelecimento de sua identidade presente em âmbito nacional. Desse modo, podemos afirmar que tal consolidação perpassou por caminhos que levaram a produção cultural contemporânea a ser pautada em métodos quantitativos de produtividade que visam atender às demandas de mercado, nocivos a uma identidade e uma produção autêntica do conhecimento. Para esclarecermos tal processo, apresentamos a seguir um panorama



acerca do surgimento do ensino universitário no Brasil problematizando alguns aspectos que corroboram com a relação entre Currículo Lattes e produtividade acadêmica.

Investigamos ainda, como as características do surgimento do Ensino Superior no Brasil possibilitaram o surgimento de aparelhos de controle como o Currículo Lattes, que se assemelham às definições apontadas nas teorias foucaultianas. Estes se configuram presentes em nossa sociedade denominada Sociedade do Controle e da Vigilância, bem como, aprofundaremos como tais mecanismos permeiam o cotidiano dos agentes humanos partícipes da comunidade científica e acadêmica. Nessa perspectiva, analisamos, em particular, os aspectos pertinentes à Área de Arte, uma vez que esta possui características diversas de produção cultural e acadêmica, o que dificulta - em certa medida - sua adequação a modelos padronizados.

Procuramos, por meio da pesquisa de campo realizada com professores da área de Arte, apreender como esse mecanismo tecnológico foi introduzido e absorvido por esta área de conhecimento, de forma que o exercício do poder disciplinar também torna-se fonte de adestramento dos *corpos dóceis e úteis* (Foucault, 2008a). Os relatos dos entrevistados nos permitiram compreender como o poder exercido estrategicamente em função do preenchimento do formulário eletrônico torna os pesquisadores da Área de Arte cada vez mais necessitados de participar dessa rede de relações, única forma de existir frente às instituições e pertencer a toda a comunidade acadêmica e científica.

## **2.1. O Ensino Superior no Brasil e as Reformas do Estado: condições para o surgimento do Currículo Lattes**

O Ensino Superior no Brasil é considerado recente se comparado aos países da Europa e também alguns da América Latina como México e Peru, datados de 1500. Bogotá, na Colômbia e Quito, no Equador, tiveram seus institutos constituídos entre 1622 e 1640. No caso das colônias inglesas, são datadas de 1636 com a fundação de Harvard. É importante destacar que enquanto tais países constituíam seus Institutos de Ensino Superior o Brasil estava sendo descoberto e colonizado pelo império Português, justificando-se assim sua trajetória posterior com relação ao estabelecimento das primeiras Escolas de Ensino Superior.

Por volta de 1788 estabeleceu-se, segundo Niskier (1996), a primeira intenção de constituição de uma universidade no Brasil, pelos inconfidentes, e seria sediada em Vila

Rica, mas essa tentativa não obteve qualquer êxito. Em 1823, na Constituinte, a idéia voltou à baila, mas também não se obteve resultados reais de tais iniciativas. Sucederam-se ainda outras tentativas, em 1874, no Segundo Reinado, em 1881 e 1883, além da menção de D. Pedro II<sup>9</sup>, em 1889, sobre a criação de duas universidades, a saber: uma ao sul e uma ao norte do império, além da criação de faculdades de Ciências e Letras de acordo com as necessidades das províncias e que seriam vinculadas ao sistema universitário. Tais intenções apresentadas não obtiveram nenhuma consequência efetiva para a consolidação desse nível de ensino no país.

Niskier (1996) destaca que, somente em 1920, a idéia de se instituir concretamente uma universidade no Brasil ganha força, considerando-se que na cidade do Rio de Janeiro já funcionava a Faculdade de Medicina, a Escola Politécnica, e as Faculdades Livre de Direito e de Ciências Jurídicas e Sociais. Nesse sentido, ao governo coube, configurar efetivamente, por meio do Decreto nº 14343, de 07 de setembro de 1920 - homologado pelo Presidente da República, Epitácio Pessoa - a Universidade Livre do Rio de Janeiro, reunindo a Escola Politécnica do Rio de Janeiro, a Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro e a Faculdade de Direito do Rio de Janeiro.

Podemos destacar que, após o termino da Primeira Guerra Mundial, aconteceram diversas transformações no contexto social e cultural mundial, as quais tiveram grande influência francesa e de outros países europeus no Brasil, conforme descreve Niskier:

Com o término da Primeira Guerra Mundial, as influências estrangeiras sobre o Brasil sofreram profundas alterações. Durante o Império e nas primeiras décadas do Regime Republicano a França exercera um papel preponderante quase em todas as áreas culturais do país. (...) Na educação, serviram de guia, ao lado dos franceses, os suíços e alemães. As reformas do ensino decretadas, deixavam transparecer, em seus dispositivos, a familiaridade dos seus autores com os sistemas europeus. (NISKIER, 1996, p. 229).

Neste período, a Universidade Brasileira sofria grande influência do modelo de ensino das escolas francesas:

---

<sup>9</sup> Em 1889, D. Pedro II, imperador do Brasil fez menção expressa sobre a temática da criação da Universidade em sua Fala do Trono. A Fala do Trono consistia em um discurso em que os desejos do imperador para o futuro eram apresentados.

A poderosa influência exercida nessa época pela França em relação dos métodos de ensino adotados no Brasil pode ser avaliada, entre outros exemplos, pela criação, em janeiro de 1923, do Instituto Franco-brasileiro de Alta Cultura, instituído oficialmente sob o patrocínio da Universidade do Rio de Janeiro. (NISKIER, 1996, p. 228).

A partir desse modelo e, considerando as questões políticas envolvidas no tratamento das temáticas relacionados à instalação de uma Universidade no Brasil, houve grande movimentação para que fosse instituída uma universidade do país. A constituição e reconhecimento da Universidade de Minas Gerais abriu um viés para se elencar os problemas relacionados à alocação das universidades, além de regulamentar e aperfeiçoar o sistema de ensino no país. Um exemplo da necessidade de reorganização do sistema era que a Universidade de Minas Gerais estava subordinada ao Ministério da Agricultura. Após o decreto de 1928, passou para a jurisdição do Ministério da Justiça e Negócios Interiores. Contudo, a Escola Naval e o ensino militar continuavam subordinados ao Ministério da Marinha. Dentre os problemas relativos ao surgimento do ensino superior no Brasil, Niskier (1996) destaca que neste momento se introduz a este contexto a necessidade de surgimento de uma universidade em São Paulo, que contudo, só ocorrerá no início de 1930.

Morosini (2005) afirma que o período até 1930 é movido por “reformas consecutivas e desconexas”, e a escola brasileira era de conteúdo intelectualista, alienada da realidade e sem vinculação ao mundo do trabalho”. (p.309). As transformações do período podem ser consideradas superficiais no campo da Educação, em especial, no Ensino Superior, embora tenham sido significativas nos campos da política, economia e sociedade.

A partir de 1931 “o ensino superior iria merecer a atenção especial do Governo Provisório, através do Decreto nº 19.851, de 11 de abril de 1931, que passaria a ser conhecido como o estatuto das Universidades Brasileiras” (NISKIER, 1996, p. 250). Esse estatuto seria composto por 116 artigos para estabelecimento das normas de organização da estrutura administrativa e didática que tinha por objetivo reverter um quadro de decadência do Ensino Superior que vinha se acentuando desde a fundação da primeira Universidade do Brasil. Tal estatuto, segundo Romaneli (2006) trouxe como definição, no artigo 1º., que o ensino universitário,

(... ) tem como finalidade: elevar o nível da cultura geral; estimular a investigação científica em quaisquer domínios dos conhecimentos humanos; habilitar ao exercício de atividades que requerem preparo técnico e científico superior; concorrer, enfim, pela educação do indivíduo e pelo aproveitamento de todas as atividades universitárias, para a grandeza da Nação e para o aperfeiçoamento da humanidade. (ROMANELLI, 2006 p. 133).

A autora pontua que já neste momento existia uma visão distorcida sobre a realidade brasileira educacional, uma vez que embora existisse conceitualmente um modelo de educação superior pautado em valores científicos e humanísticos, o cenário social e político, aos poucos, ia se apresentando de forma contrária, com a valorização e incentivo de uma universidade voltada para a formação profissional. Outro fator relevante a ser destacado era a falta de tradição em pesquisa, em função de diversos fatores, dentre eles a forma como a economia do país evoluiu e o processo de industrialização, além das legislações e reformas que pouco contribuíram para a efetiva reversão desta situação.

Consideramos relevante para nossa pesquisa destacar que a Universidade Brasileira mesmo estando num momento de construção de uma identidade, tal construção tornara-se complexa e esta se apresentava em crise. O modelo de universidade que se desejava era ainda considerado humanista, voltado para a formação integral do humano, ou seja, com uma concepção técnica, profissional e cultural. Na prática, porém, o modelo que existia estava sendo substituído por um modelo fixado na formação profissional e de mercado. A esse respeito, Niskier (1996) cita um texto de Francisco Campos, que representa o momento de conflito e contradição existente já neste período. Este trecho aponta uma visão de universidade que valorizava os aspectos humanísticos abordados anteriormente:

“A antiga Universidade do Rio de Janeiro limitava-se ao ensino do Direito, da Engenharia e da Medicina. Faltava-lhe, para completar a sua envergadura universitária, o elemento artístico, indispensável e obrigatório complemento de toda a cultura.... Tornava-se pois indispensável, dar à Universidade do Rio de Janeiro temas autenticamente universitários, incorporando à sua estrutura reduzida ao esqueleto do ensino puramente profissional, as grandes divisões da arte e da cultura científica, o que se faz necessário agregando-se-lhe a Escola de Belas Artes e o Instituto Nacional de Musica radicalmente remodelados na sua orientação artística e didática, e a Faculdade de Educação, Ciências e Letras.” (CAMPOS *apud* NISKIER, 1996, p.250-251).

Cabe destacar que em 1932, é autorizada pelo Decreto no. 21303, de 18 de abril de 1932, a criação em São Paulo, de uma Universidade “Técnica”, que de acordo com Niskier (1996), teria como finalidade – a partir do referido decreto - “promover o ensino prático e as investigações de caráter científico ou utilitário indispensáveis à formação dos técnicos destinados às funções dos grandes empreendimentos”. (1996, p.253).

Nesse sentido é relevante apreendermos que existia a Universidade vinculada ao nível Federal, que se pautava ainda nos modelos europeus. Por outro lado, começaram a surgir as Universidades Estaduais como a Universidade de São Paulo, em que coexistiam os dois modelos de Ensino Superior: o modelo europeu e o modelo americano, voltado para o desenvolvimento tecnológico e profissional.

A primeira tentativa nesta linha, no entanto, não caberia ao governo federal, e sim ao governo paulista, que em 1934, na gestão de Armando Sales Oliveira, instituiu a Universidade de São Paulo (USP), centrada na sua faculdade de Filosofia, Ciências e Letras. Para os fundadores da Universidade de São Paulo, ela teria como principal objetivo devolver seu estado, a longo prazo, a posição de liderança nacional perdida em 1932. (SCHWARTZMAN, 2000, p. 222).

É pertinente salientarmos que as influências políticas e econômicas que o país passava durante o período do surgimento da Universidade até a Reforma Universitária de 1968, tiveram relevante papel nas várias mudanças estruturais da universidade, que eram em sua grande maioria, pautadas no desenvolvimento técnico e profissional. Neste sentido, a Universidade de São Paulo é constituída, em 1934, a partir desta mentalidade, mas que em função da criação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras não tem o seu projeto de Universidade Técnica concretizado, embora já estivesse estabelecida ali a concepção de universidade técnica voltada para atender o mercado de trabalho.

Em contrapartida, Gustavo Capanema, ministro da Educação e da Saúde, no período de 1934 a 1945 defendeu a instituição do Projeto Universidade do Brasil, que teria como um de seus principais objetivos "implantar em todo o país um padrão nacional e único de Ensino Superior". (SCHWARTZMAN, 2000, p.223).

Para Capanema, o projeto de Universidade do Brasil era fundamentado em quatro atividades principais:

o desenvolvimento da própria concepção de universidade; seu planejamento físico, que se deveria materializar na cidade universitária; a criação de uma faculdade de filosofia, ciências e letras, que seria o núcleo de integração de todo o conjunto; e a criação de novas faculdades e institutos, dentre os quais sobressaía o projeto na faculdade nacional de política e economia. (SCHWARTZMAN, 2000, p. 223).

A Universidade do Brasil foi instituída em 5 de julho de 1937, sancionada por Getúlio Vargas pela Lei nº. 452. Capanema defendia uma Universidade para a elite e não era bem visto pela imprensa que o criticava de forma feroz. Esse projeto, perpassou por diversos problemas administrativos, os quais não permitiram sua consolidação completa, mas foi bem sucedido na consolidação de concepções administrativas que foram absorvidas e reproduzidas em anos subseqüentes:

(...) a idéia de que o sistema universitário necessitava de uma sistematização legal que definisse os currículos dos diversos cursos; a noção de que deveria haver modelos e padrões válidos para todo o país; o princípio de que ao título proporcionado pelas universidades deveria corresponder uma profissão regulamentada pela lei; o papel do Ministério da Educação como órgão fiscalizador do sistema educacional, apoiado por um grande Conselho Nacional; a idéia de que o ponto de partida para a estruturação das universidades deveria ser a construção física de seu campus. (SCHWARTZMAN, 2000, p. 243).

Dentre os inúmeros acontecimentos apontados sobre a constituição do Ensino Superior no Brasil é possível perceber como tais fatos ocorrem de maneira desordenada e em diversas regiões do país, tornando-se muito difícil a realização do tipo de projeto de uma Universidade Nacional, como fora proposto por Capanema, que serão reconhecidas em diversos momentos em que o ensino superior passará por mudanças e reformas. Esses elementos impedem o reconhecimento de uma identidade autêntica e homogênea da Universidade no Brasil.

Morosini (2005) destaca que a Universidade Brasileira passará por diversas transformações, até o ano de 1968, com a reforma universitária que se estende até o fim dos anos 80, na qual " (...) já está consolidada a imagem de uma universidade em crise." (2005, p.314). É importante destacar que esta crise trata da falta de uma padronização dos cursos, pois cada qual organizava-se segundo gestão própria, mesmo com a existência de normativas federais. Por outro lado, aspectos econômicos, como por exemplo, a crise de 1930 e o anseio da classe média em ascender socialmente pela educação, influenciaram,

segundo a autora, no questionamento acerca da universidade e geraram, por sua vez, propostas diferenciadas.

Considerando as características histórias apresentadas até o momento, podemos constatar que o ensino superior no Brasil não conta com um único modelo de ensino, mas com uma universidade diversificada e expandida entre pública e privada, organizadas universidades e não universidades, que compreendem a existência dos Centros Universitários, Federação de Escolas e Faculdades Independentes. Neste sentido, as exigências institucionais e os parâmetros de avaliação se constituem de maneira diversa, o que impede - na maioria dos casos - uma visão de cursos superiores de forma homogênea, dificultando ainda a avaliação da qualidade dos cursos oferecidos.

O Brasil conta com a atuação das agências de fomento à pesquisa tecnológica e à formação, tais como CAPES- Coordenação de Aperfeiçoamento de Nível Superior - que acompanha as ações dos programas de Pós-Graduação e o CNPq - Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico -, e que tem por objetivo fomentar a pesquisa e a formação de recursos humanos para o país e participar da gestão política da comunidade científica, por meio de seus comitês e que, de alguma forma, busca estabelecer padrões de qualidade por meio de critérios estabelecidos para a avaliação e concessão de auxílios à pesquisas do país.

O novo contexto, permeado por questões políticas e econômicas acerca da temática da educação superior nos permite identificar a substituição do modelo Francês e das Escolas Européias, consideradas intelectualistas, por uma educação superior pautada na concepção de desenvolvimento baseado na modernização e, conseqüentemente, na produção de tecnologia, visando o desenvolvimento econômico e industrial, que será característica determinante da Universidade contemporânea.

Morosini (2005) destaca que:

Estas normatizações refletem o contexto sócio-político-econômico da nação brasileira, onde o desenvolvimento, com base na industrialização e na internacionalização da economia, caracteriza o processo de modernização da sociedade. (MOROSINI, 2005, p.314).

As Universidades constituirão, ao longo das próximas 3 décadas, - a partir de incentivos políticos - seus currículos e, de certa maneira, direcionarão a produção do conhecimento com vistas ao desenvolvimento de atividades universitárias produtivas, incorporando características empresariais:

A imbricação entre política socioeconômica e a educacional fica clara na exposição de motivos da Lei n. 5540, que trata da reforma universitária e declara ser uma das principais metas a racionalização das atividades universitárias, de forma a dar-lhes maior eficiência e produtividade (Relatório GGTRU, 1968, p.25), características das atividades empresariais (MOROSINI, 2005, p.314).

Trata-se de uma reforma cujas transformações foram profundas, uma vez que foram instituídas as funções para o ensino, a pesquisa e a extensão. A carreira docente começou a ser reconhecida por títulos acadêmicos, além da criação do regime de trabalho de dedicação exclusiva à universidade. Pôs-se fim a cátedra e sua representação elitista, uma vez que esta nova configuração de universidade, pautada em características de gerenciamento administrativo empresarial. Essa não permitia que a cátedra universitária fosse praticada como meio para ascensão social.

A Reforma de 1968 trouxe consigo uma fase chamada de “modernização” que, entretanto, se processava anteriormente e que foi revelada pós-68, tendo como principal característica a busca de uma formação de trabalho com nível universitário que atendesse ao capital monopolista, bem como os interesses das camadas denominadas “médias” da sociedade. É interessante observar que esta situação era considerada “mascarada”, segundo Morosini (2005), em função das promessas de desenvolvimento do país e do populismo que permeava todos os ambientes sociais.

Nesse contexto de “modernização” o conteúdo técnico passou a dominar embora tenha havido intensas discussões sobre as conseqüências da importação de modelos estrangeiros de universidade sem considerar a participação da comunidade acadêmica. Desta forma, a adoção desses modelos por leis e questões políticas permitiram que a reforma da universidade fosse limitada a resolver problemas administrativos e organizacionais, como aponta Morosini (2005):

A reforma da universidade foi profunda. Ela legislava para o ensino com base nas universidades, instituindo a ampliação de suas funções para o ensino, pesquisa e extensão, e criando os departamentos aliados a um complexo sistema organizacional, caracterizado, de um lado, pelo sistema administrativo e, de outro, pelo acadêmico. (MOROSINI, 2005, p. 315).

Verificamos que este processo de modernização se estendeu e se ampliou em âmbito acadêmico. Tanto que, a partir de 1972 os cursos de pós-graduação, mestrado e



doutorado, que “ (...) fundamentavam a concepção de desenvolvimento nos governos militares” (Morosini, 2005, p.314) recebem grande apoio por meio de três Planos Nacionais de Pós-Graduação, sendo eles em: 1972-1979; 1982-1985 e 1986-1989. Vale ressaltar que nesse momento questões políticas direcionavam os rumos da Universidade no Brasil com a finalidade de atender a interesses de caráter econômico tendo em vista a produção industrial.

É relevante destacar ainda que esta modernização, com objetivos específicos de desenvolvimento tecnológico e industrial, permitiu a ampliação do ensino superior privado por meio da instalação de inúmeras faculdades isoladas que se espalharam nas cidades do interior e nas periferias urbanas. Entretanto, a oferta de cursos de graduação nem sempre levavam em conta os padrões acadêmicos para cursos superiores. Temos uma abertura desordenada no campo do Ensino Superior do Brasil incentivada por interesses políticos e econômicos. Esta prática, por um lado permite o acesso ao ensino superior para um grande número de estudantes e, por outro, introduz um problema de avaliação da qualidade do ensino, uma vez que a proliferação de escolas e institutos superiores dificultam a fiscalização por parte dos órgãos públicos responsáveis.

A Universidade Brasileira estende sua fase de modernização até o início dos anos 90, expandindo-se em números e, principalmente, no setor privado com grande destaque para a priorização de uma abordagem empresarial. Esta década é também marcada pela revolução tecnológica, pela globalização e as diferentes concepções do Ensino Superior.

As influências internacionais no campo educacional, principalmente no que tange ao financiamento externo, trouxeram à baila questões relacionadas a grande diversidade que os modelos universitários possuem. Esses modelos são cada vez mais pautados nas relações econômicas e produtivas, em que há a necessidade de se criar instrumentos de normatização e avaliação das práticas docentes e da produção do conhecimento. Neste sentido, torna-se extremamente difícil garantir uma normatização, o que por sua vez, coloca em risco a qualidade do ensino que é oferecido visando incorporar o ensino ao sistema técnico produtivo da modernidade. Esse sistema atende aos quesitos estabelecidos por instituições de poder econômico e político com objetivos e interesses próprios.

Dentre elas, em contexto internacional, as tensões advindas do processo de globalização *versus* o atendimento de necessidades nacionais levaram muitos países a discutirem diversas concepções com relação ao Ensino Superior. Foram realizadas várias convenções em âmbito internacional, dentre as quais destacamos os encontros da

UNESCO, os encontros regionais em cidades como Havana, Dakar, Tóquio, Palermo e Beirute. A partir desses encontros, de acordo com Morosini (2005), em 1998 houve a publicação do documento “A Educação no século XXI: visões e ações: informe da Conferência Mundial sobre o Ensino Superior” em que são abordadas as culturas da paz, da equidade e da qualidade. A autora destaca que o documento sugere as seguintes missões para o ensino superior:

(...) educar, formar, e realizar pesquisas; ter funções ética, de autonomia, de responsabilidade e de prospecção; igualdade de acesso a todos e às mulheres em especial; **promoção do saber mediante a pesquisa e a difusão de resultados**; orientação a longo prazo fundada na pertinência; cooperação com o mundo do trabalho; diversificação como meio de reforçar a igualdade de oportunidades; métodos educativos inovadores; protagonismos dos professores e estudantes, avaliação da qualidade; potencialização dos desafios da tecnologia; reforço à gestão e ao financiamento da educação como serviço público; disseminação dos conhecimentos entre os países; e fortalecimento de alianças sociais. (MOROSINI, 2005, p.317).<sup>10</sup>

É relevante considerar também as concepções de educação superior apontadas pelo documento do Banco Mundial e do Fundo Monetário Internacional em 1995, que em função de investimentos a serem ofertados aos países para o desenvolvimento educacional, sugerem que as universidades estejam voltadas para o mercado, sejam eficientes e racionais. Morosini (2005) afirma que:

A influência internacional no sistema de educação superior, do país, proposta pelo documento elaborado pelo Banco Mundial (1995), reflete a presença de um estado avaliador e que orienta os países em desenvolvimento para a redução do papel do Estado na educação superior; a privatização e a diversificação no sistema de educação superior (SES) e a avaliação da qualidade, todos esses princípios fundamentados num grande articulador – a flexibilização do SES, (MOROSINI, 2005, p.317).

Faz-se necessário ainda considerar as influências políticas e econômicas internacionais que, nas últimas décadas, tem se apresentado como protagonistas e grandes incentivadoras de reformas no ensino superior, a partir de modelos caracterizados por interesses financeiros e de produtividade com o objetivo de atender às demandas do mercado. Essas tendências geraram mini-reformas na estrutura de funcionamento dos cursos superiores, amparadas por instituições como Banco Mundial, o BID (Banco

---

<sup>10</sup> Grifo nosso.

Interamericano de Desenvolvimento) e OMC (Organização Mundial do Comércio) que, buscavam ajustar seus interesses à educação superior. Tais órgãos permitiram um avanço na cultura de uma educação voltada para a produtividade ou o capital humano, analisado no presente texto.

Sguissardi (2006) salienta que as chamadas “reformas pontuais” não dependeram de leis, mas de diversos instrumentos legais que tiveram como principal recorte os ajustes da economia apontados pelo neoliberalismo e defendidas pelo banco mundial nas décadas de 80 e 90. A esse respeito afirma:

O fim do século XX pôs a educação superior na berlinda. A ciência e o ensino superior tornaram-se muito mais presentes como fatores de produção e parte integrante da economia, mercadorias ou quase-mercadorias, em países centrais, da periferia e da semiperiferia. Da mesma forma que o diagnóstico neoliberal identifica entre as principais causas do fracasso da economia o Estado do Bem-estar sua crescente falta de competitividade, também a educação superior – entendida como parte essencial da economia moderna – necessitaria passar por um choque de competitividade. (...) A descoberta desse traço essencial à educação superior (competitividade) permite que se fale nas IES como empresas econômicas a serem administradas de modo empresarial/gerencial. (SGUISSARDI, 2006, p. 1035).

Os aspectos apontados por Sguissardi (2006) revelam um cenário em que a educação superior e a produção do conhecimento passam a fazer parte da economia moderna abertos para a competitividade, o que abriu caminhos para uma cultura da produtividade de resultados quantitativos que valorizará o conhecimento como uma mercadoria.

Tais elementos nos revelam um novo contexto em que as relações com o conhecimento serão "administradas" conforme as leis que regem os mercados de capitais, em que o conhecimento - segundo Gorz - se tornará força produtiva numa nova estrutura social. Essas são características do "Trabalho Imaterial" identificado pelo autor como a valorização do conhecimento em um capital dito imaterial, o qual ele qualifica como "capital humano", "capital do conhecimento" ou da "inteligência". (GORZ, 2005, p.15). Merece destaque que na pós-modernidade o conhecimento passa a ser considerado força produtiva principal utilizada para interesses políticos e econômicos da sociedade pós-moderna.

Assim, a nova cultura de "administração do saber", aliadas aos novos aparatos tecnológicos fornecem subsídios para que a relações sociais, neste caso, as relações no ambiente acadêmico sejam regidas de forma sistemática, conforme afirma o autor:

Os processos matemáticos de pensamento, esvaziados de sentidos, eletronicamente conectados, fornecem à economia política os meios para se moldar as relações sociais com base em abstrações numéricas do real. Esses processos conduziram a um modo sistematizado e inacessível aos sentidos, apartado do saber vivo da experiência. (GORZ, 2005, p. 12-13).

Desta forma, tais fatores capitalistas - como destacam Sguissardi (2006) e Gorz (2005), não só influenciam como corroboram para um posicionamento do ensino superior do Brasil que é conduzido por diagnósticos e teses que levam “universidade brasileira a transitar de adaptações dos modelos clássicos de universidade para os modelos de ocasião” (SGUISSARDI, 2006, p. 1024). Essas teses, segundo o autor, demonstram que o Banco Mundial defende de maneira implícita ao modelo que ele denomina *a universidade do ensino* em detrimento das *universidades de pesquisa*, pautadas nos modelos europeus:

Desta tese [universidade de ensino x universidade de pesquisa] decorrem as *recomendações* de maior *diferenciação institucional*, “incluído o desenvolvimento de instituições privadas”, e a criação de *incentivos* “para que as instituições públicas diversifiquem as fontes de financiamento, por exemplo, a participação de estudantes nos gastos e a estreita vinculação entre financiamento fiscal e os resultados.” (SGUISSARDI, 2006, p. 1037).

É notório que as políticas educacionais voltadas para a prática docente e a produção do conhecimento sofram alterações significativas no que tange à carreira, à produção de conhecimento, à pesquisa científica. Observamos que é neste contexto de crise educacional que as agências de fomento vão atuar e seus campos de interesse e valorização irão direcionar uma cultura acadêmica voltada para as consideradas “ciências duras” ou “tecnológicas”, com melhores condições de atender às demandas políticas e econômicas.

Dentre os fatores que abordamos acerca de uma cultura acadêmica pautada desenvolvimento tecnológico, cabe ressaltar que grande parte dos investimentos financeiros para pesquisa são destinados às agências de fomento como o CNPq, entre outras, que estão subordinadas ao MCT. Neste contexto, os investimento em Educação alocados ao MEC não atendem às demandas advindas do Ensino Superior. Assim, as

pesquisas em âmbito acadêmico superior estão, na maioria das vezes, vinculadas ao MCT e não ao MEC que conta com pouquíssimos investimentos no setor.

É neste cenário que surge a Plataforma Lattes, caracterizada como uma ferramenta *on-line* para abrigar uma Base de Dados que conta com o formulário Currículo Lattes, do MCT, criado, mantido, sitiado e supervisionado pelo CNPq que registra as atividades acadêmicas de pesquisadores brasileiros.

Tal dispositivo será utilizado não somente por esta agência de fomento, mas se tornará – como abordaremos a seguir – referência em âmbito nacional para a avaliação da produtividade científica de estudantes, professores e pesquisadores de todo o país.

Portanto, podemos verificar que a trajetória histórica do surgimento do Ensino Superior no Brasil nos apresenta elementos da busca de uma identidade humanista que, em função de questões políticas, sociais, econômicas e de caráter internacional traçaram caminhos pautados em modelos de ensino superior voltados para o desenvolvimento tecnológico. A estas características, devemos acrescentar o surgimento da globalização, a internacionalização da economia e a velocidade e avanços das novas tecnologias nos contextos sociais. Estes elementos contribuíram para a criação do Currículo Lattes, como um dispositivo tecnológico e estratégico do exercício do poder em âmbito acadêmico. O formulário pode ser considerado um reflexo da concepção da produção do conhecimento contemporâneo pautados em resultados quantitativos para reconhecimento e validação da produção em contexto acadêmico que será abordado mais especificamente a seguir.

## **2.2. O CNPq e o Currículo Lattes: sistema de referência nacional de registro da produção acadêmica**

Ao apresentarmos o panorama histórico do Ensino Superior no Brasil, podemos apreender características do cenário do surgimento da Universidade no Brasil que nos permitiu compreender como questões políticas, econômicas e financeiras influenciaram nos modelos de universidade surgidos no século XIX. Tornou-se possível ainda compreender como a substituição do modelo de universidade européia pelo modelo de universidade americano - voltado para a produtividade - teve grande impacto na educação superior, bem como o avanço das novas tecnologias e a globalização. Estas favoreceram a criação de instrumentos como o Currículo Lattes para avaliar o mérito das produções da

comunidade acadêmica vinculadas à Universidades, Institutos de Pesquisa e Agências de Fomento.

Desde o início dos anos 80 - segundo informações disponíveis no site do CNPq acerca do histórico da plataforma (www.cnpq.br, acesso em março de 2010), os dirigentes da agência manifestavam grande preocupação em instituir um currículo que pudesse ser padrão para o registro das atividades acadêmicas de pesquisadores brasileiros. Dentre os principais objetivos da criação deste currículo estava a criação de uma ferramenta que pudesse permitir a avaliação curricular do pesquisador, a partir de uma base de dados que possibilitasse aos consultores, pareceristas e avaliadores a geração de dados estatísticos sobre a distribuição das pesquisas do país. Neste primeiro momento, foi criado o chamado Banco de Dados, constituído por um formulário que captava os dados dos pesquisadores por meio de impressos em papel e estes eram digitados para um sistema interno informatizado que agrupava tais informações.

No final dos anos 80, o CNPq oferecia às instituições de pesquisa do país - por meio de um sistema denominado BITNET<sup>11</sup> - a possibilidade de realizar buscas sobre pesquisadores brasileiros que estivessem cadastrados nessas bases de dados. Conforme histórico do CNPq, a base de dados contava com o registro de 30.000 currículos. Embora a criação deste banco de dados tivesse o trâmite e o registro das informações, a diversidade na natureza das informações dificultava o tratamento de tais dados. Um exemplo dessa dificuldade era que o sistema não tinha condições de realizar a contagem de autores e co-autores de produções bibliográficas para compor dados estatísticos.

Cunha (2003) afirma que entre os anos de 1998 e 1999 o CNPq realizou um levantamento junto à comunidade científica com o intuito de captar informações que pudessem auxiliar no desenvolvimento de um novo modelo de currículo que viesse a atender às necessidades da agência de gestão e administração e de operação de fomento. A agência contratou, em 1990 os grupos universitários Stela, vinculados à Universidade Federal de Santa Catarina e CESAR, da Universidade Federal de Pernambuco, para desenvolverem, junto com profissionais técnico da área de informática do CNPq, uma versão do currículo integrasse as demais versões existentes.

Neste contexto, é importante destacar que a *internet* começava a se popularizar e a ganhar espaço em território mundial e nacional, o que facilitou na elaboração de um

---

<sup>11</sup> BITNET foi o primeiro sistema desenvolvido pelo CNPq que consistia no Registro de Dados dos pesquisadores com bolsas no país e que era utilizado para realizar buscas e levantamentos estatísticos para o CNPq. Esse sistema foi o precursor do Currículo Lattes.

currículo que estivesse disponível à comunidade acadêmica em que o próprio pesquisador inserisse as informações das atividades acadêmicas realizadas. Em agosto de 1999, o CNPq lançou e padronizou o Currículo Lattes como formulário oficial que seria utilizado pelo MCT e o próprio CNPq.

Salientamos que esta ferramenta tecnológica teve como objetivo atender a necessidade de armazenar dados quantitativos para a gestão administrativa da própria agência de fomento, ou seja, a idéia inicial do currículo era de ser utilizado para auxiliar nas estatísticas do CNPq com vistas a melhorar e facilitar um mapeamento das atividades de pesquisa desenvolvidas no país.

Considerando que o currículo armazenava os dados provenientes de um formulário padrão e que as informações estavam disponíveis na *Rede Mundial Internet*, começou a ser utilizado também pelas principais universidades, institutos, centros de pesquisa e fundações de amparo à pesquisa “dos estados como instrumento para avaliação de professores e alunos” ([www.cnpq.br](http://www.cnpq.br), acesso em março de 2010). Desta forma, houve a necessidade de aprimoramento do formulário, visto que tal instrumento não atendia às demandas das instituições que os utilizava, uma vez que sua ampliação tinha cruzado fronteiras internacionais.

Em 2002, após o desenvolvimento de uma versão em língua espanhola do Currículo Lattes, em parceria com o BIREME/OPAS<sup>12</sup>, o CNPq cria a rede ScienTI que é:

(...) formada por Organizações Nacionais de Ciência e de Tecnologia e outros organismos internacionais, teria o objetivo de promover a padronização e a troca de informação, conhecimento e experiências entre os participantes na atividade de apoio da gestão da área científica e tecnológica em seus respectivos países. Como forma de incentivar a criação das bases nacionais de currículos, o CNPq passou a licenciar gratuitamente o software e fornecer consultoria técnica para a implantação do Currículo Lattes nos países da América Latina. Assim, o Currículo Lattes foi implantado em países como Colômbia, Equador, Chile, Peru, Argentina, além de Portugal, Moçambique e outros que se encontram em processo de implantação. (PLATAFORMA LATTES, 2010).

O Currículo Lattes, portanto, que surgiu no final de década de 90 - e teve a sua obrigatoriedade a partir do ano 2000 para o cadastro de dados curriculares de pesquisadores e acadêmicos em geral no que tange à solicitação de quaisquer tipo de

---

<sup>12</sup> BIREME/OPAS/OMS - Centro Latino americano e do Caribe de Informação em Ciências e da Saúde. Realizou parceria com o CNPq para a criação de versões Latino-americanas do Currículo Lattes.

fomento oferecidos pela agência do CNPq - se apresentou como uma ferramenta em constante transformação e aprimoramento, tendo uma ampliação e utilização disseminada em âmbito nacional e internacional. Sua última versão foi lançada em novembro de 2009, em comemoração aos dez anos de existência. Nesse sentido, o Currículo Lattes é definido como uma ferramenta tecnológica que:

(...) registra a vida pregressa e atual dos pesquisadores sendo elemento indispensável à análise de mérito e competência dos pleitos apresentados à Agência. A partir do Currículo Lattes, o CNPq desenvolveu um formato-padrão para coleta de informações curriculares hoje adotado não só pela Agência, mas também pela maioria das instituições de fomento, universidades e institutos de pesquisa do país. (PLATAFORMA LATTES, 2010).

Desta forma, o Currículo Lattes, ao longo dos 10 anos de sua existência tornou-se o “carro-chefe” da Plataforma Lattes, trazendo como principal característica a possibilidade de registro eletrônico das atividades acadêmicas *on-line* com atualização instantânea disponíveis para pesquisa no site do CNPq. Por essa razão, passou a ser utilizado por instituições de ensino superior para avaliar a produção científica dos seus docentes e pesquisadores.

As facilidades e praticidades oferecidas por esta ferramenta traz consigo uma série de vantagens, principalmente relacionadas ao estabelecimento de um padrão nacional que possibilita sua utilização, segundo informações contidas no histórico do site, “não só às atividades operacionais de fomento do CNPq, mas também às ações de fomento de outras agências federais e estaduais”.

Como citado anteriormente, em 28 de novembro de 2009 a agência lançou uma nova versão que se tornou comemorativa dos dez anos de existência do Currículo Lattes. Segundo informações obtidas do histórico do Currículo, esta nova versão tem por objetivo oferecer à comunidade acadêmica,

(...) um conjunto de implementos, novas funcionalidades e cruzamento de dados. O lançamento coincide com o aniversário de uma década da Plataforma Lattes. Foram realizados acordos com a empresa Thomson&Reuters, cuja base “Web of Science” é uma das mais relevantes na área da Ciência, e com a Receita Federal do Brasil, no intuito de realizar a importação ou certificação de dados presentes nas bases dessas instituições, garantindo assim maior qualidade às informações fornecidas. Outra nova funcionalidade interessante é a Rede de Colaboração, onde será possível visualizar graficamente a rede



de co-autores de um pesquisador que tenham também o Currículo Lattes. (PLATAFORMA LATTES, 2010).

Além do lançamento de novas versões, o currículo é continuamente analisado e são realizadas diversas alterações menores, com o acréscimo de campos, alteração de *layout*, e tem procurado, por meio de parcerias institucionais validar os dados registrados junto à outras bases com a finalidade de obter maior confiabilidade dos dados existentes em seu Banco de Dados.

Em março de 2010 o site do CNPq registrou o cadastro de cerca de 1.620.000 de currículo, sendo que cerca de 126.000 (8%) se referem a doutores e 216.000 (13%) se referem a registro de mestres. Ainda, podemos identificar, de acordo com dados apresentados em reportagem do jornal Folha de São Paulo, de 08 de julho de 2009, que os demais registros referem-se a estudantes de graduação, com percentual acima de 30%, graduados com cerca de 30% e estudantes de pós-graduação e outros com aproximadamente de 9%.

Tais informações tornam-se interessantes na medida em que nos revelam o quanto esta ferramenta obteve - ao longo de dez anos de existência – uma abrangência absoluta nos ambientes acadêmicos, de forma que, ao ingressar em um curso superior, o estudante já estará condicionado a fazer parte desse banco de dados para existir academicamente. Ainda a partir das informações obtidas na reportagem do Jornal Folha de São Paulo, podemos observar que:

Quando surgiu, há dez anos, a Plataforma Lattes tinha apenas o objetivo de servir como fonte de informação “inter pares”. Mais recentemente, contudo, a base cresceu e ganhou novas funções: orientandos se valem da plataforma para selecionar seus orientadores, e vice e versa; alunos usam-na para saber quem lhes dará aulas; empresas, para selecionar consultores; jornalistas, para eleger suas fontes. (FOLHA DE SÃO PAULO, A18, 08/07/2009).

É evidente o crescimento desta ferramenta ao longo de uma década, bem como sua penetração, por meios “capilares”, como definiu Michel Foucault (2008b) em *Microfísica do Poder* e, como o meio acadêmico passou a se apoiar numa ferramenta tecnológica que representa as relações de poder, uma vez que tornou-se a base para a avaliação de pesquisadores em vários níveis e que, ao mesmo tempo, como analisaremos, se mostra como um instrumento frágil e suscetível a fraudes.

Nesse sentido, destacamos como tal instrumento permite uma associação à forma de controle disciplinar apontadas por Michel Foucault (2008a) em *Vigiar e Punir*,

principalmente sob uma perspectiva que nos leva a apreender o que o autor denominava “sociedade disciplinar”, muito comum em nossa contemporaneidade, principalmente no que tange aos aspectos de sua teoria para analisarmos os conceitos de “mérito e competência” de pesquisadores cadastrados neste Banco de Dados, contidos na lógica de elaboração do formulário eletrônico. Existe um poder contido no Currículo Lattes, que é viabilizado pela Plataforma no sentido de disciplinar e transformar o indivíduo de acordo com padrões estabelecidos que, tal como a concepção de exame que os tornam objetos e poder e, por conseqüência, objetos de saber.

Podemos relacionar a configuração do Currículo Lattes com a idéia apresentada por Foucault (2008a):

o exame combina técnicas da hierarquia que vigia e as da sanção que normaliza. É um controle normalizante, **uma vigilância que permite qualificar, classificar e punir**. Estabelece sobre os indivíduos uma **visibilidade** através da qual eles são **diferenciados e sancionados**. (...). A superposição das relações de poder e das de saber assume no exame todo o seu brilho visível.<sup>13</sup> (FOUCAULT , 2008a, p. 154).

Tal associação pode ser estabelecida em função da existência de um formulário, cuja estrutura é pautada no preenchimento de campos relacionados a produção científica que tem por objetivo classificar, pontuar, qualificar e, eventualmente “punir” na medida em que dispõe de dados do indivíduo que podem ser utilizados para controlar e vigiar a sua produção, numa perspectiva que vislumbre a produção quantitativa das atividades acadêmicas dos agentes humanos.

Além disso, as possibilidades de consultas permanentes sujeitas à avaliação das instituições, bem como da comunidade acadêmica em geral corroboram para nossa abordagem foucaultiana em que o indivíduo está sob a vigilância e, ao mesmo tempo, participa desta vigilância. Ao possibilitar a consulta dos currículos de seus pares sempre que desejar, este participa ativamente da vigilância. Cabe destacar que para fazer parte da comunidade acadêmica, o agente humano fica condicionado ao cadastro em tal sistema, uma vez que ele “só existe” se este tiver a visibilidade no Banco de Dados.

Foucault (2008a) descreve ainda um retrato do exame como uma forma de ritual científico, muito comum em nossa sociedade contemporânea em que as características do Currículo Lattes se assemelham e configuram o que ele denomina como uma "nova

---

<sup>13</sup> Foucault, 2008. [Grifo nosso].

individualidade, e onde está estatutariamente ligado aos traços, às medidas, aos desvios 'às notas', que o caracterizam e fazem dele, de qualquer modo, um 'caso'" (2008a, p.160).

É notório, se comparamos a afirmação do autor sobre a transformação da individualidade histórica-ritual, a saber: uma individualidade calculável como os parâmetros e exigências dessa ferramenta tecnológica. Assim, podemos apreender como os mecanismos disciplinares de fato atuam sobre a realidade acadêmica de maneira discreta e eficaz:

As disciplinas marcam o momento em que se efetua o que se poderia chamar a troca do eixo político da individualização. (...) Num regime disciplinar, a individualização, ao contrário, é "descendente" à medida em que o poder se torna mais anônimo e mais funcional, aqueles sobre os quais se exerce tendem a ser mais fortemente individualizados; e por fiscalizações mais que por cerimônias, por observações mais que por relatos comemorativos, por medidas comparativas que tem a "norma" como referência (...). (FOUCAULT, 2008a, p.160).

O autor destaca ainda que todas as ciências possuem um momento de troca dos processos de individualização, os quais queremos assemelhar às transformações e critérios de produção do conhecimento da Universidade Contemporânea à seguinte afirmação:

O momento em que passamos de mecanismos históricos-rituais de formação da individualidade a mecanismos científicos-disciplinares, em que o normal tomou o lugar do ancestral, e a medida o lugar do status, substituindo assim a individualidade do homem memorável pela do homem calculável, esse momento em que as ciências do homem se tornaram possíveis, é aquele em que foram postas em funcionamento uma nova tecnologia de poder e uma outra anatomia política do corpo. (FOUCAULT, 2008a, p. 161).

Considerando as características apontadas podemos identificar o Currículo Lattes como um dispositivo disciplinar eletrônico que se apresenta em condições de atender às demandas de uma cultura acadêmica historicamente voltada para a produção de conhecimento cada vez mais centrada em padrões quantitativos e esquemas de apresentação de resultados. Trata-se de uma tecnologia de poder que produz conhecimento e saber. Nesse sentido, é válida a afirmação de Michel Foucault (2008a) para compreendermos a abrangência de tal dispositivo, bem como as implicações envolvidas neste processo:

O indivíduo é sem dúvida o átomo fictício de uma representação "ideológica" da sociedade; mas é também uma realidade fabricada por essa tecnologia específica de poder que se chama a "disciplina". Temos que deixar de descrever sempre os efeitos do poder em termos negativos: ele "exclui", "reprime", "recalca", "censura", "abstrai", "mascara", "esconde". Na verdade o poder produz, ele produz realidade; produz campos de objetos e rituais da verdade. O indivíduo e o conhecimento que dele se pode ter se originam nessa produção. Mas emprestar tal poderio às astúcias muitas vezes minúsculas da disciplina não seria lhes conceder muito? De onde podem elas tirar tão vastos efeitos? (FOUCAULT, 2008a, p. 161).

Merece destaque nossa preocupação em apreender como este dispositivo - adotado nesta pesquisa como um mecanismo disciplinar - impele os intelectuais a uma preocupação em estabelecer uma produção científica e acadêmica que tenha por objetivo atender aos quesitos estipulados pela estrutura do formulário. Ao se tornar referência institucional, nacional e internacional, esta ferramenta tecnológica tende a abrigar somente a produção do conhecimento que possa ser registradas nos campos que existem no formulário Currículo Lattes. Desta forma, o pesquisador direcionará sua produção para atender à demanda do formulário, tornando-se assim refém desta ferramenta.

Considerando as características históricas do formulário, ou seja, que a sua criação num primeiro momento tenha sido em função de uma necessidade de armazenar dados estatísticos para gestão em C&T (Ciência e Tecnologia), fica evidente que sua estrutura dificulta o registro de atividades acadêmicas de natureza qualitativa, principalmente, na área de Arte, nosso objeto de pesquisa.

Neste contexto, nos deparamos com as fragilidades do sistema, bem como uma exigência de produtividade científica e acadêmica que permeia esse ambiente, levando o indivíduo a se submeter às regras de produtividade, de forma que sua produção passa a ser realizada em função de uma pontuação e que, em alguns casos o levam a cometer fraudes e falsificar dados.

O Currículo Lattes possui uma grande fragilidade, pois os dados cadastrados nem sempre são validados. Aliás, somente nos últimos anos, conforme apontamos neste texto, a agência tem buscado parcerias para validar tais informações. Contudo, as fraudes existem, como por exemplo, em 2009, o caso da ministra da Casa Civil Dilma Rousseff, em que os jornais e revistas denunciavam que seu currículo havia sido "turbinado", ou seja, existiam informações sobre sua titulação que não eram verdadeiras<sup>14</sup>. A ministra

---

<sup>14</sup> Reportagem: As armas e os varões: a educação política e sentimental de Dilma Rousseff. Revista Piauí, no. 31, p.22-31.

reconheceu publicamente que as informações contidas em seu currículo sobre suposta titulação de mestrado e de doutorado não eram verdadeiras e tratavam-se de um "erro" de inclusão. Contudo, admitiu ainda que as informações haviam sido inseridas em seu currículo no ano 2000. Estas informações estiveram disponíveis por 9 anos e, somente, após reportagem da Revista Piauí o caso veio à tona na imprensa brasileira.

Tais fatos nos levam a refletir seriamente não somente sobre a situação - de fraude - em si, mas também quanto as implicações das relações de poder que se colocam antes, ou seja, as exigências que levam o indivíduo a registrar dados irreais para atender a demanda de um mecanismo tecnológico de poder. Estamos cada vez mais diante de realidades que incentivam os resultados mais rápidos para publicação que abrem caminhos para um mercado competitivo que apontam para um panorama quantitativo de pesquisas científicas contemporâneas.

O Currículo Lattes é, em certo sentido, o reflexo e a representação das relações de poder contemporâneas pautadas numa política de produtividade em que, como analisamos anteriormente, a universidade passa a ser concebida sob a ótica empresarial.

É importante ainda observarmos que a área de Artes, pela peculiaridade de sua natureza, exhibe diversas formas de expressão por meio de infinitas linguagens, não permitindo que seja aprisionada em formatos padronizados para atendimento de quesitos do formulário eletrônico.

A este respeito é relevante destacar que a expressividade das linguagens são fundamentais para o desenvolvimento da linguagem como expressividade humana, como aponta Araujo (2004), em *Charles Taylor: para uma ética do reconhecimento*. Para o autor, o problema da expressão é considerado fundamental para Charles Taylor no que tange a realização da identidade e da subjetividade do agente humano, sendo estes, elementos da estrutura de identidade moderna.

Araujo (2004) destaca que a cultura moderna desenvolveu correntes de pensamento contemporâneas que fazem parte do cotidiano ocidental. O autor alerta para o fato de que teorias científicas "acabam encobrindo a expressividade do humano." (p. 33). É relevante considerar que esta forma de pensamento, afirma Araujo,

Taylor mostra que a razão desenvolvida ao longo da formação do ocidente moderno-contemporâneo levou uma série de aprisionamento da expressão, gerando assim, conseqüências complicadoras no que tange às ações dos indivíduos. (ARAUJO, 2004, p. 33).

A Arte se apresenta no nível de articulação e de significação da expressividade de uma cultura moderna no espaço público. A imposição de dispositivos que venham a cercear as formas de sua expressividade tornam-se nocivas ao próprio desenvolvimento desta área e de sua contribuição para a sociedade contemporânea.

Por esta razão, a Arte não é situada neste ambiente de forma confortável, uma vez que sua natureza sempre se expande aos limites estabelecidos pelo dispositivo eletrônico. Esse fato dificulta a relação dos pesquisadores desta área com o formulário e, por conseqüência, com as instituições que o utilizam para medir, classificar e avaliar as produções dos pesquisadores. Contudo, o formato deste dispositivo tecnológico na maioria das vezes não possui campos para abrigar a diversidade desta produção de conhecimento.

Nesse sentido, é possível verificar que a Área de Artes, ao ser incluída e incentivada a preencher os pré-requisitos exigidos por uma política institucional trouxe consigo os efeitos do controle disciplinar apontados por Michel Foucault (2008a). Desse modo, ao se deparar com uma política institucional que exige o preenchimento do formulário para a atuação em cursos de Graduação e Pós-Graduação, os pesquisadores da área de Arte tem procurado atender aos requisitos estabelecidos. Merece destaque o fato de que, há grande dificuldade no atendimento o que gera também certa resistência por parte dos pesquisadores entrevistados da área de Arte. Podemos verificar a existência do poder funcionando como uma grande rede, como tratamos anteriormente, sem limites nem fronteiras a que não se pode escapar. A disciplina se configura como uma técnica utilizada, parafraseando Foucault, "*como uma arte do bom adestramento*":

O poder disciplinar é com efeito um poder que, em vez de se apropriar e de retirar, tem como função maior "adestrar"; ou sem dúvida adestrar para retirar e se apropriar ainda mais e melhor. ele não amarra as forças para reduzi-las; procura ligá-las para multiplicá-las e utilizá-las num todo. (...) A disciplina "fabrica" indivíduos; ela é a técnica específica de um poder que toma os indivíduos ao mesmo tempo como objetos e como instrumentos de seu exercício. O sucesso do poder disciplinar se deve sem dúvida ao uso de instrumentos simples: o olhar hierárquico, a sanção normalizadora e sua combinação num procedimento que lhe é específico, o exame. (FOUCAULT, 2008a, p. 143).

Sob esse prisma do exame, podemos destacar que o modelo do Currículo Lattes nos permite associá-lo aos aspectos da *microfísica do poder* de Michel Foucault (2008a), na medida em que esse instrumento é utilizado como tecnologia de vigilância e controle da dinâmica de produção científica e acadêmica. O formulário eletrônico funciona como

dispositivo que, por meio de um aparelho, o exercício disciplinar seja realizado de forma a permitir o seu controle interno, articulado e que torna visível os que nele se encontram cadastrados. Trata-se de uma vigilância hierárquica velada e tornada visível como podemos obter na teoria foucaultiana:

O exercício da disciplina supõe um dispositivo que obrigue pelo jogo do olhar; um aparelho onde as técnicas que permitem ver induzam a efeitos de poder, e onde, em troca, os meios de coerção tornem claramente visíveis aqueles sobre quem se aplicam. (FOUCAULT, 2008a, p. 143).

Nossa hipótese para esta pesquisa apresenta o formulário eletrônico do Currículo Lattes como um dispositivo tecnológico que atua na sociedade acadêmica contemporânea como um aparelho de disciplina e controle dos pesquisadores de diversas áreas, em especial da área de Arte. Ao assemelharmos a relação das instituições acadêmicas, institutos de pesquisa e pesquisadores, podemos apontar o Currículo Lattes como uma máquina de controle microscópico do comportamento das produções acadêmicas:

As instituições disciplinares produziram uma maquinaria de controle que funcionou como um microscópio do comportamento; as divisões tênues e analíticas por elas realizadas formaram, em torno dos homens, um aparelho de observação, de registro e de treinamento. (FOUCAULT, 2008a, p. 145).

O Currículo Lattes se apresenta como aparelho que registra, classifica, divide, qualifica, disciplina e avalia todos aqueles que estão registrados em seu banco de dados. Atua como um dispositivo tecnológico arquitetural que permite uma vigilância detalhada, no qual, Foucault (2008a) afirmava poder "agir sobre aquele que abriga, dar domínio sobre seu comportamento, reconduzir até eles os efeitos do poder, oferecê-los a um conhecimento, modificá-los" (p.144). Estamos diante da figura do Currículo Lattes como exemplo de um *Panopticon Virtual*, ou seja, uma grande prisão digital que age a partir de controles celulares exercidos por instituições e agentes humanos. Trata-se da mesma idéia apresentada por Michel Foucault acerca do modelo de disciplina e vigilância.

Este aparelho de visibilidade virtual, como vimos, penetra nas relações dos agentes humanos, de forma discreta e permite um controle detalhado e articulado que transforma o comportamento dos indivíduos. É relevante destacar que o Currículo Lattes é preenchido livremente por pesquisadores, estudantes e partícipes da comunidade acadêmica. Estas características permeiam as relações institucionais e dos pares no

Ensino Superior de forma que, ao aprofundarmos nossa análise, verificaremos como os pesquisadores da área de Arte foram inseridos neste contexto de vigilância da produtividade acadêmica.

Analisaremos a seguir os elementos que permeiam a figura arquitetural de Bentham, abordado amplamente nas teorias foucaultianas, e que nos permitirá detalharmos nossa associação com o Currículo Lattes, adotado para esta pesquisa como exemplo virtual de uma tecnologia do poder disciplinar acadêmico contemporâneo.

### **2.3. O formulário do Currículo Lattes: modelo do *Panopticon Virtual* da contemporaneidade**

O Currículo Lattes, é analisado nesta pesquisa como um exemplo do modelo de *Panopticon* apontado por Foucault (2008b) enquanto uma tecnologia de poder, potencializado na contemporaneidade pelos aparatos tecnológicos que configuram um novo modelo de controle social, a sociedade do controle ou da vigilância. Trata-se de um mecanismo caracterizado pelo modelo considerado clássico pelo autor, que se expande em fronteiras nacionais, internacionais e se aperfeiçoa em grande escala na sociedade contemporânea, em particular, no cenário institucional universitário brasileiro.

Dentre as características apontadas nas teorias foucaultianas podemos identificar aspectos pertinentes ao Currículo Lattes ao funcionar como uma rede de relações em âmbito acadêmico. Esta característica funciona de alto a baixo, bem como de baixo para cima e também lateralmente, de modo que "(...) essa rede 'sustenta' o conjunto e o perpassa de efeitos de poder que se apóiam uns sobre os outros: fiscais perpetuamente fiscalizados." (FOUCAULT, 2008a, p. 148).

Desta forma, podemos verificar que o Currículo Lattes, em sua estrutura apresenta-se como uma ferramenta, um dispositivo tecnológico que permite o armazenamento, o controle e a vigilância dos registros dos pesquisadores brasileiros. Ele permite que essa rede de relações exista, por meio de uma visibilidade que torna possível a qualquer um: pesquisadores, instituições, agências de fomento, acessar as informações dos pesquisadores instantaneamente por meio da internet. Estas podem ser utilizadas para avaliar, auxiliar em questões de gestão e analisar pleitos de fomento por mérito e competência.



Por meio da criação de campos, os indivíduos são agrupados, classificados e avaliados segundo sua área de atuação. Neste sentido, esse dispositivo pode ser assimilado à idéia de um poder vigilante na medida em que funciona como uma máquina que pode transformar o comportamento dos indivíduos:

O poder da vigilância hierarquizada das disciplinas não se detém como uma coisa, não se transfere como uma propriedade; funciona como máquina. E se é verdade que sua organização piramidal lhe dá um "chefe", é o aparelho inteiro que produz "poder" e distribui os indivíduos nesse campo permanente e contínuo. O que permite ao poder disciplinar ser absolutamente indiscreto, pois está em toda parte e sempre alerta, pois em princípio não deixa nenhuma parte às escuras e controla continuamente os mesmos que estão encarregados de controlar; e absolutamente "discreto", pois funciona permanentemente e em grande parte em silêncio. (FOUCAULT, 2008a, p. 148).

Outra característica interessante é que o formulário eletrônico permite uma relação com o mecanismo, ou seja, com o próprio Currículo Lattes, na medida em que, o preenchimento torna-se parte do cotidiano dos pesquisadores que buscam atender às demandas das instituições que utilizam-se desse instrumento em âmbito acadêmico. Considerando que nesse dispositivo não existem "grades", a idéia de *Panóptico* traz ainda como característica, uma leveza às instituições, pois é necessário somente que a divisão de celas fosse bem definida para atender o propósito do sistema. Neste caso, temos na estrutura do Currículo Lattes a divisão de campos, os quais buscam atender de uma maneira geral as demandas científicas e acadêmicas de atividades e produção do conhecimento, a partir de quesitos pré-estabelecidos sobre o desenvolvimento e resultados dessas atividades.

A prisão *virtual* é consolidada no momento em que se configura não tanto a personificação do vigia, ou seja, o *chefe da torre* que controla o Currículo Lattes, mas na consciência que os agentes humanos passam a ter de que todos possam estar vigiando e, por sua vez, cria e impõe uma conduta que age na vida cotidiana dos homens.

Podemos exemplificar o funcionamento deste mecanismo por meio dos relatos feitos pelos entrevistados em nossa pesquisa de campo<sup>15</sup>, na medida em que o

---

<sup>15</sup> A pesquisa de campo consiste em entrevistas realizadas com professores da área de Artes e funcionários e representantes institucionais do CNPq. Utilizaremos em parte o material coletado com o objetivo de clarificar alguns aspectos de relevância deste tópico. A análise detalhada dos relatos, bem como a descrição completa da pesquisa será apresentada no capítulo 3.

pesquisador se vê inserido num contexto em que o Currículo Lattes se apresenta como estratégia de transformação da conduta disciplinar:

Eu conheço [o Currículo Lattes] e tenho o meu cadastro lá. Todos nós temos que ter, nós que temos mestrado e doutorado temos que ter. Inclusive temos que preencher e atualizar constantemente o Currículo Lattes. Eu adotei o Currículo Lattes desde o início. A partir do momento em que o Currículo Lattes foi instalado eu o adotei. A Universidade quase que nos condicionou, nos levou a uma obrigatoriedade de adoção do Currículo Lattes (André<sup>16</sup>, Artes Cênicas e Literatura, maio de 2009).

Podemos apreender, ainda pautados nas teorias foucaultianas, que o Currículo Lattes se configura como o *Panopticon Virtual* da contemporaneidade na medida em que, como uma máquina que permite ver possibilita que qualquer pessoa seja visualizada e controlada por toda a comunidade acadêmica.

Controle sempre há. O objetivo é esse mesmo. Ler o seu currículo para saber se você reúne condições para um determinado objetivo. Nesta leitura está pensada e incluída uma observação justa ou não. Se você pode ou não. Então, ao confrontar o meu currículo com o de outro pesquisador e em função daquilo que nós dois estejamos nos candidatando, quem estiver lendo poderá concluir qual dos dois preencheria melhor uma vaga proposta. (André, Artes Cênicas e Literatura, maio de 2009).

Destacamos que este modelo tem como característica relevante a vigilância não somente dos guardas da torre central, mas também por parte de todos os agentes sociais. Trata-se de identificarmos que o Currículo Lattes, entendido como dispositivo tecnológico de disciplina e vigilância tem toda a sua estrutura pautada nas relações do olhar, da visibilidade que as informações contidas neste formulário traz a qualquer pesquisador cadastrado no sistema.

Este *aparelho virtual*, que tem por objetivo controlar e vigiar os sujeitos submetidos a este sistema funciona em âmbito acadêmico na medida em que, abstraindo-se de confrontos se impõe, por meio dos campos disponíveis para preenchimento do formulário, como critérios que determinam o tipo de produção de conhecimento a ser desenvolvido por estes pesquisadores.

Podemos ressaltar ainda dentre as características que assemelham o formulário eletrônico e o modelo de *Panopticon* na medida em que, esse dispositivo utilizado no cenário

---

<sup>16</sup> Para assegurar a expressividade e originalidade, além da privacidade das fontes desses relatos orais, optamos por criar nomes fictícios para os professores-pesquisadores entrevistados.

acadêmico permite, segundo as teorias foucaultianas, o exercício do poder. Isto porque multiplica o número daqueles sobre os quais é exercido. Basta observarmos o número de currículos cadastrados da base de dados da Plataforma Lattes - mais de um milhão - para identificarmos a expansão desse fenômeno impulsionado pela velocidade e possibilidades de uso ofertada pelas novas tecnologias.

O dispositivo pode ser chamado ainda de um intensificador do poder, porque em tais condições, segundo Michel Foucault, "sua força é nunca intervir, é se exercer espontaneamente e sem ruído, é constituir um mecanismo em cadeia". (2008a, p.170). O autor ainda destaca que o *Panopticon* seria uma espécie de "ovo de Colombo" na ordem política. Para o autor ele é capaz de se integrar a uma função qualquer e de aumentar essa função. No caso do Currículo Lattes, estamos diante dessa imagem postulada por Foucault, pois é evidente o fato de que sua abrangência em termos capilares atingiu a comunidade acadêmica incidindo sobre a forma de registrar suas atividades e produções, e intensificou a necessidade de tornar visível toda a sua produção científica, bem como, ajustá-la de forma que atenda aos quesitos do formulário. E todo esse processo é feito espontaneamente pelo pesquisador. É dele a preocupação de tornar visível toda a sua produção, visto que, em nossa sociedade contemporânea as relações estão cada vez mais pautadas em dispositivos tecnológicos de identificação, de controle e de vigilância.

Dentre as características apresentadas do modelo de *Panopticon* é relevante destacar que o *Panopticon Virtual*, ou seja, o Currículo Lattes é ainda mais sofisticado na contemporaneidade por ser um esquema que assegura sua economia em tempo, em pessoal e em material. Esta se dá pois o sistema é gratuito e livre, de forma que pode ser acessado gratuitamente por qualquer indivíduo ou instituição e é atualizado pelo próprio pesquisador, ou seja, trata-se de um grande *laboratório de poder*. Devido a seus mecanismos possíveis de observação é eficaz na capacidade de penetração dos comportamentos dos participantes da comunidade acadêmica e permite àqueles que exercem o poder usufruir de acordo com seus interesses das informações cadastradas no formulário. Estas poderão ser utilizadas para avaliar os desempenhos, estabelecer classificações, impor critérios, enfim, esse instrumento poderá ser utilizado para regulamentar e normalizar as atividades dos indivíduos pertencentes à esta comunidade.

Podemos exemplificar a abrangência e utilização do Currículo Lattes por meio do relato do professor José Roberto Drugowich<sup>17</sup>, diretor de Assuntos Horizontais do CNPq que afirma:

(...) O CNPq buscou ter um currículo padrão que fosse aceito por todos e tivesse uma atualização constante, permanente. E porque o CNPq conseguiu isso? Porque ele tem uma bolsa que é oferecida aos pesquisadores que é chamada bolsa de produtividade (...) Há uma comunidade com cerca de 30 a 35 mil pesquisadores no Brasil hoje ativos atuando na pós-graduação e setoriais que são candidatos a essas bolsas (...) então há concorrência forte, né? E as pessoas são julgadas pelo seu Currículo Lattes não é? E o que acontece? O Currículo Lattes é permanentemente atualizado, as pessoas querem manter o Lattes e a outra coisa foi a questão da visibilidade. (...) O currículo é inteirinho aberto como você conhece. (...) Então é um negócio absolutamente transparente e que todos os pesquisadores tem a necessidade de estar em dia, quer dizer, eles querem manter o currículo super atualizado. (Drugowich, Diretor de Assuntos Horizontais do CNP, maio de 2009).

Sobre a utilização da ferramenta pelas instituições acrescenta:

Paralelamente a isso as outras instituições começaram a aceitar que como ele estava bom, está atualizado, então outras agências como FAPESP<sup>18</sup> que adotavam outro modelo passou a aceitar o Currículo Lattes e ela mesma a partir do Lattes faz um crivo de informática e importa o que interessa para ela e outras fundações estaduais de amparo à pesquisa também adotaram e universidades também começaram a usar a plataforma para extrair os seus próprios dados. (Drugowich, Diretor de Assuntos Horizontais do CNP, maio de 2009).

Assim, estamos diante de uma ferramenta, ou melhor, de uma *máquina virtual* de visibilidade que induz o indivíduo a um estado permanente de visibilidade que assegura seu funcionamento automático, exatamente como pontuou Michel Foucault em *Vigiar e Punir* (2008). A esse respeito cabe-nos ressaltar que a figura arquitetural proposta pelo autor é semelhante à figura virtual que o modelo do Currículo Lattes, adotado por como um *Panopticon Virtual* propõe em sua estrutura:

(...) que esse aparelho arquitetural seja uma máquina de criar e sustentar uma relação de poder independente daquele que o exerce; enfim, que os detentos se encontrem presos numa situação de poder de que eles mesmos são os portadores. (...) A multidão, massa compacta,

---

<sup>17</sup> As entrevistas classificadas como institucionais referem-se a profissionais com cargos junto ao CNPq que são apresentados nesta pesquisa com nomes e funções desempenhadas reais, previamente autorizados, e que se apresentam como fundamentais para os objetivos propostos nesta pesquisa.

<sup>18</sup> FAPESP - Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo.

local de múltiplas trocas, individualidade que se fundem, efeito coletivo, é abolida em proveito de uma coleção de individualidades separadas. Do ponto de vista do guardião é substituída por uma multiplicidade enumerável e controlável; do ponto de vista dos detentos, por uma solidão seqüestrada e olhada. (FOUCAULT, 2008a, p. 166).

Desta forma, ao analisarmos a estrutura do formulário, ou seja, sua disposição em ambiente virtual no site do CNPq, pudemos associá-la à figura do *Panopticon* apontada por Bentham, em que a Plataforma Lattes, ou mais especificamente o Currículo Lattes pode ser visto como a *Torre Central* que abriga todos os indivíduos pertencentes à comunidade acadêmica. A estrutura do formulário se apresenta dividida em campos classificatórios que organizam as informações e as dispõem de acordo com os critérios de relevância atribuídos pelo próprio sistema. Os campos, nos dão a idéia das celas apontadas por Foucault (2008a), que propiciam a maravilhosa leveza às instituições na medida em que livre das grades e correntes, é necessário apenas que as celas sejam bem divididas e que as separações sejam nítidas e bem distribuídas. Temos neste formulário tais características presentes, principalmente quanto a sua minuciosidade e divisão de campos. Podemos verificar ainda que a interface do sistema também nos dá uma idéia de "células" divididas que formam um conjunto do que seria toda a produção cadastrada no dispositivo tecnológico como podemos visualizar no exemplo abaixo:

## 2.1.Figura 1 - Currículo Lattes - Abertura da página



Dados Gerais   Projetos   Produção Bibliográfica   Produção Técnica   Orientações   Produção Cultural   Evento   Bancas   Citações

**Ana Lucia de Souza**  
Última atualização em: 03/02/2010

Mestranda no Curso de Pós-Graduação em Educação, Arte e História da Cultura pela Universidade Presbiteriana Mackenzie, graduada em Administração de Empresas pelo Centro Universitário UNIFEI (2001). É Especialista em Controladoria pela Universidade Presbiteriana Mackenzie (2003) e possui Aperfeiçoamento em Gestão de Entidades da Sociedade Civil (2004). Atua como apoio administrativo acadêmico junto à Direção dos Cursos de Graduação do Centro de Comunicação e Letras da Universidade Presbiteriana Mackenzie. Tem como principais áreas de atuação: Administração, História da Cultura e Novas Tecnologias para a Educação.

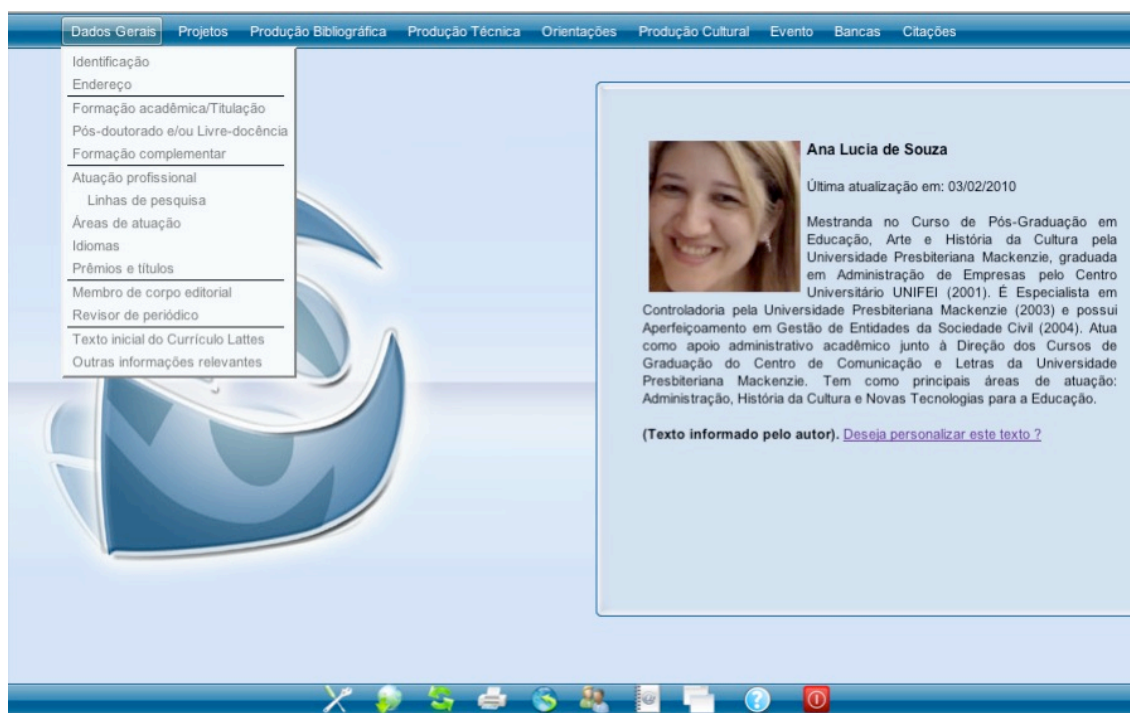
(Texto informado pelo autor). [Deseja personalizar este texto ?](#)

É possível verificar como a interface do sistema é semelhante ao propósito do *Panopticon*: o currículo é dividido em células que são redivididas por assuntos que permitem classificar os registros de acordo com os quesitos e campos estipulados pelo dispositivo. Da mesma forma, Foucault (2008a) descreve o *Panopticon* como:

Tantas jaulas, tantos pequenos teatros, em que cada ator está sozinho, perfeitamente individualizado e constantemente visível. O dispositivo panóptico organiza unidades espaciais que permitem ver sem parar e reconhecer imediatamente. (FOUCAULT, 2008a, p. 166).

Assim, a interface permite visualizar cada célula separada por assunto e temática de classificação que garantem a visualização de todos os registros de produção agrupados e elencados por data e, possibilita a realização de avaliações e pontuações de acordo com interesses próprios.

## 2.2. Figura 2 - Currículo Lattes - Detalhamento das Divisões Celulares



*A interface permite ver cada célula separada por assunto, temática de classificação*

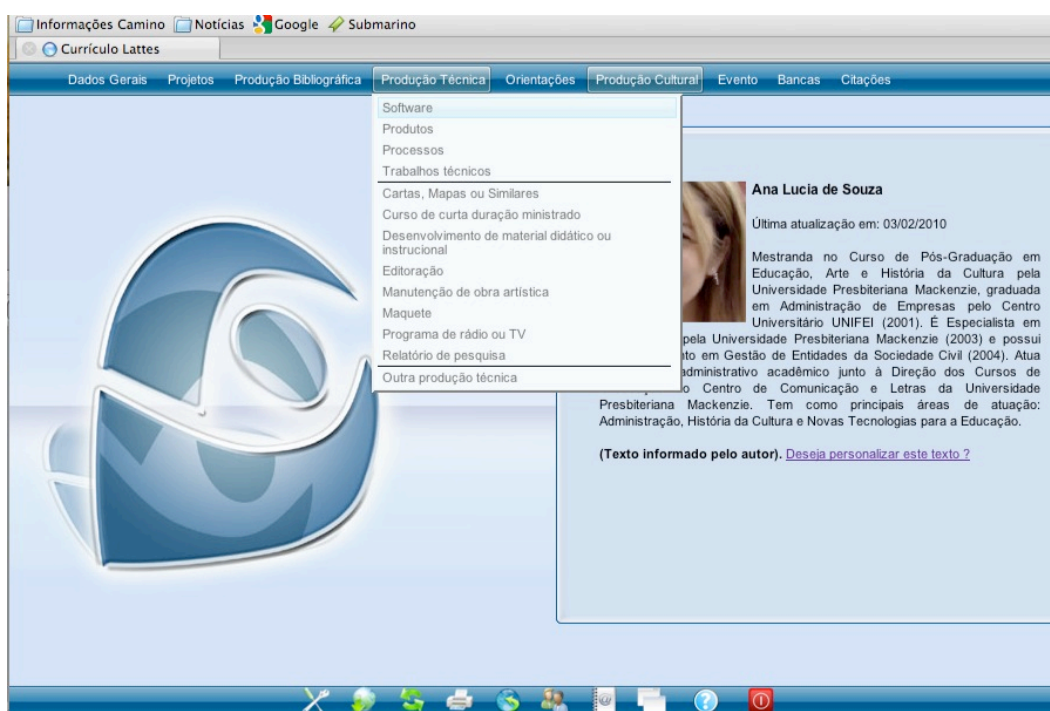
A idéia de disciplina no Currículo Lattes é fixada na medida em que permite a organização do espaço, bem como, ao dividir os registros de forma a medir as quantidades e constituir classes. É possível distribuir as atividades registradas para obter o maior número de registros possíveis de serem inseridos. O dispositivo permite identificar, por meio dos aparatos tecnológicos, que:

(...) a tática disciplinar se situa sobre o eixo que liga o singular e o múltiplo. Ela permite ao mesmo tempo a caracterização do indivíduo como indivíduo, e a colocação em uma multiplicidade dada. Ela é a condição primeira para o controle e o uso de um conjunto de elementos distintos: a base para uma microfísica de um poder que poderíamos chamar "celular". (FOUCAULT, 2008a, p. 127).

O Currículo Lattes torna possível a visualização das produções em escala macro, ou seja, uma visualização global dos registros, bem como uma visualização detalhada das informações inseridas em relação ao formulário completo. Essa facilidade adquirida por meio da tecnologia faz do dispositivo um *Panopticon Virtual* em que todas as informações acerca da vida acadêmica do pesquisador estão à disposição de uma visibilidade que se apóia num sistema de registro que é feita pelo próprio agente humano que se submete a esta rede de relações.

Quem está submetido a um campo de visibilidade, e sabe disso, retoma por sua conta as limitações do poder; fá-las funcionar espontaneamente sobre si mesmo; inscreve em si a relação de poder na qual ele desempenha simultaneamente os dois papéis; torna-se o princípio de sua sujeição. (...) vitória perpétua que evita qualquer defrontamento físico e está sempre decidida por antecipação. (FOUCAULT, 2008a, p. 168).

### 2.3. Figura 3 - Currículo Lattes - Detalhamento Classificação dos Registros por Assunto



*É possível ter uma visão macro das produções por assuntos*

## 2.4. Figura 4 - Currículo Lattes - Detalhamento da categorização dos registros



É possível verificar dentro de cada assunto os registros realizados pelos pesquisadores

O *Panopticon Virtual* da contemporaneidade pode ser identificado nas características da interface do Currículo Lattes segundo elementos apontados na teoria foucaultiana quanto às prisões baseadas em modelos de *Panopticon*, a saber:


Esse espaço fechado, recortado, vigiado em todos os seus pontos, onde os indivíduos estão inseridos num lugar fixo, onde os menores movimentos são controlados, onde todos os acontecimentos são registrados, onde um trabalho ininterrupto de escrita liga o centro e a periferia, onde o poder é exercido sem divisão, segundo uma figura hierárquica contínua, onde cada indivíduo é constantemente localizado, examinado e distribuído (...). (FOUCAULT, 2008a, p. 163).

Da mesma forma, o Currículo Lattes é um espaço virtual fechado, no sentido que é direcionado para profissionais da área acadêmica, em que todos os registros são alocados numa base de dados, ou seja, num lugar fixo, em que todas as atualizações e cadastros são controlados. O sistema de busca de currículos disponível no site do CNPq realiza a função de localizar pesquisadores, buscá-los por área e distribuí-los de acordo com a necessidade de quem realiza a pesquisa.



## 2.5. Figura 5 - Currículo Lattes - Visibilidade do Currículo no Sistema de Buscas

Home > Sobre > Áreas de pesquisa > Equipe de pesquisa > Currículo Lattes > Currículo Lattes em S. Paulo > Currículo Lattes > Currículo Lattes > Currículo Lattes




### Ana Lucia de Souza

Mestranda no Curso de Pós-Graduação em Educação, Arte e História da Cultura pela Universidade Presbiteriana Mackenzie, graduada em Administração de Empresas pelo Centro Universitário UNIFEI (2001). É Especialista em Controladoria pela Universidade Presbiteriana Mackenzie (2003) e possui Aperfeiçoamento em Gestão de Entidades da Sociedade Civil (2004). Atua como apoio administrativo acadêmico junto à Direção dos Cursos de Graduação do Centro de Comunicação e Letras da Universidade Presbiteriana Mackenzie. Tem como principais áreas de atuação: Administração, História da Cultura e Novas Tecnologias para a Educação.

(Texto informado pelo autor)

Última atualização em 03/02/2010

Endereço para acessar este CV:  
<http://lattes.cnpq.br/8436367537312820>



#### Dados Pessoais

<b>Nome</b>	Ana Lucia de Souza
<b>Nome em citações bibliográficas</b>	SOUZA, A. L.
<b>Sexo</b>	feminino
<b>Filiação</b>	[REDACTED]
<b>Nascimento</b>	[REDACTED]
<b>Carteira de Identidade</b>	[REDACTED]
<b>CPF</b>	[REDACTED]
<b>Endereço residencial</b>	[REDACTED]
<b>Endereço profissional</b>	[REDACTED]
<b>Endereço eletrônico</b>	[REDACTED]

**Produção bibliográfica**

**Artigos completos publicados em periódicos**

- ★ SOUZA, A. L.  
Educación de Jóvenes Y Adultos: una experiencia educativa. Revista Studium Veritatis. , v.6-7, p.329 - 335, 2005.  
*Palavras-chave: educação, educação de jovens e adultos, cultura*  
*Áreas do conhecimento : Educação*  
*Referências adicionais : Português.*  
*Trabalho apresentado no Seminário Internacional "Frente a la Emergencia en Educación (Experiencias y Proyectos en Perú y Brasil – Universidad Católica Sedes Sapientiae em Lima no Perú em 2004.*

**Trabalhos publicados em anais de eventos (completo)**

- ★ SOUZA, A. L.  
Comunicação, Ambientes Virtuais de Aprendizagem e Ação Docente: estratégias metodológicas para uma nova concepção do ensino-aprendizagem In: XIV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, 2009, Rio de Janeiro.  
*Anais do Intercom Sudeste*. Rio de Janeiro: Intercom, 2009. p.1 - 14  
*Palavras-chave: comunicação, educação, ambientes virtuais, novas tecnologias, ação docente*  
*Áreas do conhecimento : Comunicação,Educação,Multidisciplinar*  
*Referências adicionais : Brasil/Português. Meio de divulgação: Meio digital*  
*Trabalho apresentado em evento realizado de 07 a 09 de maio de 2009, na Universidade Federal do Rio de Janeiro, UFRJ, Rio de Janeiro, SP.*
- ★ SOUZA, A. L., SOUZA, Ana Luisa de Campos, ALBUQUERQUE, M.B.  
Verdade e Representação In: V SEPesq - Semana de Extensão, Pesquisa e Pós-graduação, 2009, Porto Alegre.  
*Anais do V SEPesq*. Porto Alegre: Centro Universitário Uniritter, 2009. p.1 - 15  
*Áreas do conhecimento : Comunicação,Multidisciplinar,Artes*  
*Referências adicionais : Brasil/Português. Meio de divulgação: Meio magnético*  
*Trabalho apresentado nas Comunicações de Pós-Graduação, realizada no período de 09 a 13 de novembro de 2009.*

**Trabalhos publicados em anais de eventos (resumo)**

- SOUZA, A. L.  
Comunicação, Ambientes Virtuais de Aprendizagem e Ação Docente: estratégias metodológicas para uma nova concepção do ensino-aprendizagem In: XIV Congresso de Ciências da Comunicação da Região Sudeste - Intecom, 2009, Rio de Janeiro.  
*Programas-Resumos*. Rio de Janeiro: Editora Intercom, 2009. v.1. p.122 - 123  
*Palavras-chave: comunicação, educação, ambientes virtuais, novas tecnologias, ação docente*  
*Áreas do conhecimento : Comunicação,Educação,Multidisciplinar*  
*Referências adicionais : Brasil/Português.*  
*Trabalho apresentado em evento realizado de 7 a 9 de maio de 2009, na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Rio de Janeiro, RJ.*

*O Currículo permite a visualização de toda a produção agrupada e organizada*

2.6. Figura 6 - Currículo Lattes - Resumo da Produção registrada de acordo com os níveis de pontuação

Totais de produção	
<b>Produção bibliográfica</b>	
Artigos completos publicado em periódico	1
Trabalhos publicados em anais de eventos	3
<b>Eventos</b>	
Participações em eventos (congresso)	4
Participações em eventos (seminário)	2
Participações em eventos (oficina)	3
Participações em eventos (encontro)	2
Participações em eventos (outra)	4
Organização de evento (congresso)	3
Organização de evento (outra)	5
<b>Outras informações relevantes</b>	
1	CRÉDITOS DO CURSO DE Mestrado concluídos em dezembro de 2008. DISCIPLINAS CURSADAS: CULTURA E ARTES-ABORDAGEM HISTÓRICA-ANTROPOLOGICA;FORMAÇÃO DO DOCENTE.NOVAS TECNOLOGIAS E CIDADANIA ;PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO, AMBIENTES VIRTUAIS, ARTE/TECNOLOGIA; BASES ESTÉTICAS/FILOSÓFICAS, HISTÓRICA/CRITICA DAS ARTES CONTEMPORANEAS; EXPRESSÃO,CULTURA E IDENTIDADE. QUESTÕES CONTEMPORANEAS; METODOS CRIATIVOS EM CULTURA DIGITAL E METODOLOGIA DA PESQUISA. -PROFICIÊNCIA EM ITALIANO -ATIVIDADE DE PESQUISA PROGRAMADA REALIZADA

Página gerada pelo Sistema Currículo Lattes em 11/04/2010 às 16:26:28.

Por tratar-se de um dispositivo quantitativo, o Currículo Lattes elenca ao final os totais de produtividade registrados na Base de Dados. Este é utilizado como instrumento de avaliação de competência e produtividade acadêmica que é visto como eficaz que o torna referência em âmbito nacional.

Comprova-o a multiplicação das instituições de disciplina, com sua rede que começa a cobrir uma superfície cada vez mais vasta, e principalmente a ocupar um lugar cada vez menos marginal; o que era ilha, local privilegiado, medida circunstancial ou modelo singular, torna-se fórmula geral. (FOUCAULT, 2008a, p. 173).

Assim, comparamos o Currículo Lattes, numa perspectiva de modelo de *Panopticon Virtual*, que por meio de seu poder de regulamentação visa à homogeneidade, característica impossível para a Arte:

Em certo sentido, o poder de regulamentação obriga à homogeneidade; mas individualiza, permitindo medir os desvios, determinar níveis, fixar especificidades e tornar úteis as diferenças, ajustando-as umas às outras. Compreende-se que o poder da norma funcione facilmente dentro de um sistema de igualdade formal, pois dentro de uma homogeneidade que é a regra, ele introduz, como um imperativo útil e resultado de uma medida, toda a gradação das diferenças individuais. (FOUCAULT, 2008a, p. 154).

Neste sentido, a área de Arte, com toda a sua diversidade e peculiaridade, é inserida num contexto de produtividade acadêmica e científica pautados em critérios estabelecidos. Os pesquisadores desta área também são solicitados a atender à esses padrões de produção e se vêem diante de uma estrutura homogeneizante (formulário com campos específicos para preenchimento) que não atendem às especificidades da área.

A partir do que Foucault (2008a) denominou "sanção normalizadora" podemos associar o caminho que os pesquisadores da área de Arte percorreram, atingidos também pelas relações de poder, a procurarem se adequar a esse sistema de produção do conhecimento pautado em "formatos" pré-estabelecidos, bem como, sua luta para poder participar ativamente da rede de relações do Currículo Lattes, uma vez que tal dispositivo não abriga aspectos da produção em Arte.

De acordo com a professora Sonia Gomes, membro do Comitê em Arte do CNPq, a partir dos anos 90 (coincide com a criação do Currículo Lattes) houve um crescimento da área junto aos órgãos regulamentadores e instituições ligadas à academia. A entrevistada afirma que nos anos 80 não havia ainda clareza de critérios, mas que a partir

de 1990 a área passou por um amadurecimento e procurou identificar critérios de forma que pudesse enquadrar a área em padrões acadêmicos. Sonia destaca que:

(...) se você está no mundo universitário, no mundo acadêmico, você tem que ser avaliado, não existe essa condição de estar no mundo acadêmico sem avaliação. (...) houve um determinado momento em que eu identifico como início dos anos 90 em que a área de arte se deu conta de que não dava mais para fazer o discurso do coitadinho, do diferente e que era preciso lidar com as outras áreas de igual para igual, definir o que é esse elenco em arte que é uma coisa difícil, mas que eu acho que está sendo enfrentado. (Sonia Gomes, Representante do Comitê de Arte do CNPq, maio de 2009).

A partir desse relato pudemos identificar em nossa pesquisa o movimento da Área de Artes para se adequar a esses padrões, bem como, reivindicar uma modificação no Currículo Lattes que pudesse abrigá-la em suas produções artísticas. Segundo relatos dos entrevistados, o formulário eletrônico possuía campos relacionados produção científica e acadêmica que atendia em grande escala as Ciências Exatas, Biológicas e, quanto mais as áreas se distanciavam das chamadas "ciências duras", os campos iam se tornando cada vez mais difíceis de preencher e, no caso específico da área de Arte, a estrutura não permitia o registro das produções artísticas que eram registradas no campo "Outras."

Valter, um professor com 36 anos de experiência no Ensino Superior é um exemplo da dificuldade que os pesquisadores da área de Arte tem para se adequar à estrutura do formulário eletrônico:

Porque eu sempre sou obrigado a colocar algumas coisas como outras, outras, outras... e isso desqualifica um trabalho que a gente tem de pesquisa, porque Arte é pesquisa e não pode ser considerado como outro, outro, outro... ou seja, como uma coisa menor (...). (Valter, Artes Visuais, abril de 2009).

Tais processos se dão ainda em função da característica fundamental em que este modelo funciona como um pequeno mecanismo penal. Este se dá num primeiro momento em função da obrigatoriedade de preenchimento do cadastro no Banco de Dados para se ter uma identidade acadêmica reconhecida no cenário universitário brasileiro. A partir daí, a penalidade ocorre na medida em que os agentes humanos são, obrigados de certa forma, a manter seu currículo atualizado, uma vez que se o cadastro não é atualizado a cada 6 meses, este desaparece da base disponível para visualização. Desta forma, para

manter-se no sistema de visibilidade é necessária uma atualização constante deste cadastro junto ao site do CNPq.

Neste sentido, Foucault aponta para o fato de que o sistema funcionando como um mecanismo penal permite que este seja,

(...) beneficiado por uma espécie de privilégio de justiça, com suas leis próprias, seus delitos especificados, suas formas particulares de sanção, suas instâncias de julgamento. As disciplinas estabelecem uma "infra-penalidade"; quadriculam um espaço deixado vazio pelas leis; qualificam e reprimem um conjunto de comportamentos que escapava aos grandes sistemas de castigo por sua relativa indiferença. (FOUCAULT, 2008a, p. 149).

Cabe ainda ressaltarmos que em função da utilização dessa ferramenta para apoio e gestão de instituições voltadas para o universo acadêmico brasileiro, como, por exemplo, as próprias universidades, essa punição velada se dá também na medida em que por meio da exigência de atualização, os pesquisadores ficam ainda condicionados a atender metas de produtividade científica que são cobradas em função da verificação dos registros no Currículo Lattes. Tomemos como exemplo o relato de Valter, professor universitário da área de Artes que afirma:

Um controle de disciplina e dedicação. Porque se você tem que preencher periodicamente, você tem que mostrar produção, é uma maneira de você ser cobrado, do "chicotinho" estar ali atrás. (Valter, Artes Visuais, abril de 2009).

Desse modo, ao associarmos as características do modelo de *Panopticon* apresentadas nas teorias foucaultianas buscamos apreender as semelhanças com o formulário eletrônico Currículo Lattes com o objetivo de apreendermos a contemporaneidade de Foucault (2008a) e este mecanismo tão difundido entre o meio acadêmico. É relevante destacarmos, conforme já abordamos anteriormente no capítulo um, que este é um exemplo de como as relações sociais estão pautadas em nossa contemporaneidade em mecanismos de identificação, de vigilância e que a caracterizam como uma sociedade da vigilância e do controle.

Podemos afirmar que o Currículo Lattes é um reflexo do comportamento desta sociedade que se manifesta especificamente em âmbito acadêmico. Como apresentamos, trata-se de um dispositivo que, por sua natureza, possui inúmeras vantagens a toda a comunidade científica, mas que por outro lado, impõe por meio de seus mecanismos, uma

conduta de professores a uma produtividade que busque atender a interesses específicos e demandas do mercado.

Nossa reflexão crítica nesta pesquisa se apresenta neste ponto, o qual se tornou nevrálgico acerca da situação dos pesquisadores acadêmicos brasileiros de incentivo a uma produção quantitativa visando atender às demandas do cenário nacional e internacional de mercado. É necessário aprofundarmos em que medida esse dispositivo tecnológico típico da contemporaneidade, considerados nesta pesquisa como o *Panopticon Virtual* pode alterar os comportamentos de pesquisadores. Neste sentido, analisaremos a seguir, por meio de pesquisa de campo realizada com professores da Área de Arte, como esse dispositivo age em suas produções acadêmicas e seus comportamentos. Abordaremos ainda em que medida a produção na Área de Arte tem se adequado para atender uma demanda uma demanda institucional de produtividade.

### **CAPÍTULO 3**

## **A ÁREA DE ARTE E O CURRÍCULO LATTES: DIÁLOGOS POSSÍVEIS PARA A COMPREENSÃO DO DISPOSITIVO TECNOLÓGICO NA CONTEMPORANEIDADE**

### **3.1. O Currículo Lattes e a Área de Arte: repercussões no contexto acadêmico**

Este capítulo tem por objetivo compor um panorama crítico-reflexivo acerca das relações de poder-saber apreendidas a partir da análise do Formulário Currículo Lattes, bem como de sua eficácia e aplicabilidade na Área de Artes.

Devemos considerar que a Área de Arte possui uma grande diversidade em sua produção acadêmica e cultural, acarretando assim, por sua própria natureza, características que dificultam seu enquadramento dentro de um eixo categorial. Nossa pesquisa se faz relevante na medida em que traz à tona a discussão acerca da produção de conhecimento, reconhecimento e valorização da área de Arte no contexto acadêmico. Além disso, é notório destacarmos a contribuição desta área na produção do conhecimento e da cultura, principalmente pelos aspectos de seu caráter mutável e inovador. No entanto, o que ocorre historicamente é uma desvalorização da Arte perante os órgãos de fomento e das Universidades em geral.

Debruçarmo-nos sobre essas relações em se tratando de produção do conhecimento em âmbito acadêmico torna-se relevante em nosso contexto contemporâneo uma vez que é necessário reconhecer o desenvolvimento desta área - considerada relativamente nova - de modo que o seu reconhecimento se apresenta como algo novo junto à comunidade científica. Sua participação com projetos em agências de fomento somente passou a ser aceito a partir de 1980, cabe-nos ainda destacar seu crescimento significativo e amadurecimento, bem como a luta da área pelo reconhecimento e valorização de sua produção junto às instituições de ensino superior ligadas à produção de conhecimento.

Para estabelecer essa discussão traçamos nossa trajetória a partir de uma pesquisa de campo, de caráter qualitativo, realizada por meio de entrevistas semi-abertas com a finalidade de estabelecer um diálogo, a partir das vozes e olhares daqueles que participam institucionalmente do CNPq e, por outro lado, a visão de professores da área de Arte, com atuação no Ensino Superior em Graduação e Pós- Graduação em Universidades com ampla representação na área de Artes, a saber: Universidade Estadual de Campinas,

Universidade Federal do Rio de Janeiro, Universidade de Brasília, Universidade de São Paulo, Universidade Estadual Paulista e Universidade Presbiteriana Mackenzie. As indicações das instituições estarão elencadas no Memorial Simplificado das Entrevistas nos Anexos desta Dissertação.

Por meio de relatos orais, abordamos a temática proposta a partir de um prisma que buscasse clarificar os posicionamentos institucionais, bem como a percepção que os pesquisadores desta área específica tem da ferramenta Currículo Lattes, bem como suas perspectivas, inovações frente aos quesitos exigidos para o preenchimento do formulário eletrônico, de forma que o confronto entre as entrevistas possibilitasse uma análise pertinente às questões evidenciadas nesta investigação.

Na análise dos trechos das entrevistas buscamos retratar a percepção que os pesquisadores da área de Arte tem do dispositivo tecnológico Currículo Lattes e as implicações da obrigatoriedade deste para as relações administrativas e acadêmicas das instituições que estão vinculados. Identificaremos em que aspectos podemos assemelhar o formulário eletrônico à idéia de *Panopticon Virtual* da contemporaneidade e das teorias acerca das temáticas poder, vigilância, disciplina e sociedade vigilante, desenvolvidos nos capítulos anteriores.

Tivemos por objetivo apreender nessa análise, - por meio dos relatos dos entrevistados - sua atuação como pesquisador e artista, considerando sua trajetória pessoal e profissional na comunidade acadêmica, bem como sua percepção e representação de um grupo - da área de Arte - frente aos desafios que o formulário eletrônico traz para sua vida acadêmica. Investigamos ainda, em que medida esse instrumento tecnológico pode ser utilizado como um mecanismo de controle e vigilância, bem como pode influenciar a conduta dos agentes humanos pertencentes a esta rede de relacionamento.

A análise dessas fontes foi realizada a partir da ótica da História Oral enquanto recurso metodológico para a elaboração de um estudo que possibilitasse a apreensão de conteúdos pertinentes à vida pessoal e social do contexto acadêmico, em particular, para o nosso recorte de investigação: a área de Arte. Desta forma, utilizamos os relatos dos entrevistados considerando os elementos relevantes conforme afirma Meihy:

Ela é sempre uma história do tempo presente e também conhecida por história viva. Como história dos contemporâneos, a história oral tem de responder a um sentido de utilidade prática e imediata. (...) a história oral se apresenta como forma de captação de experiências de pessoas



dispostas a falar sobre aspectos de sua vida mantendo um compromisso com o contexto social (MEIHY, 1996, p. 13).

Desta forma, de acordo com Thompson (1998), o recurso das fontes orais tem sido muito utilizado para analisar fenômenos sociais recentes, com vistas a colaborar com historiadores futuros, sendo que:

As fontes orais tem sido utilizadas mais comumente para duas finalidades muito mais limitadas. Em primeiro lugar, há estudos sobre acontecimentos políticos muito recentes em que não é possível analisar satisfatoriamente por meio de registros escritos. (...) Mesmo nos casos em que essas obras não sejam mais do que um jornalismo de alta qualidade, elas fornecem um material essencial para historiadores futuros. (THOMPSON, 1998, p.17).

Tal prática metodológica adotada se coloca como fundamental para a análise que propomos, tendo em vista que o Currículo Lattes é um fenômeno recente - existe há cerca de 10 anos – e, por tratar-se de um dispositivo tecnológico em constante mutação, não existem registros e/ou publicações suficientes e satisfatórias para caracterizá-lo, de acordo com a temática proposta nesta pesquisa.

O uso das fontes orais como recurso metodológico nos permite, nessa perspectiva, ampliar e aprofundar nossa análise, na medida em que possibilita adicionar novos elementos vivos sobre a temática do Currículo Lattes. É possível identificar as relações de poder apontadas nas teorias foucaultianas, que foram utilizadas na realização desta pesquisa e a percepção que os representantes do CNPq e os pesquisadores da área de Arte tem sobre este dispositivo tecnológico.

Os instrumentos teóricos e metodológicos nos fornecem subsídios analíticos para apreendermos em que medida os pressupostos teóricos, pautados nos postulados de Michel Foucault, podem ser identificados nos relatos feitos pelos entrevistados. Tais fontes nos permitem ainda realizar a associação do Currículo Lattes com o modelo de *Panopticon Virtual* acadêmico da contemporaneidade.

É relevante destacar que a pesquisa realizada com depoimentos orais tem sido valorizada mais recentemente, porém, é cada vez mais utilizada em função dos indicativos que podem revelar sobre fenômenos de âmbito cultural e social. Tais pesquisas permitem verificar aquilo que podemos chamar de “outro lado” da história, que em muitos casos não corresponde à versão oficial de um fenômeno, mas que revela outras possibilidades de direcionar o olhar para um mesmo fato.

A história oral seria inovadora primeiramente por seus objetos, pois dá atenção especial aos “dominados”, aos silenciosos e aos excluídos da história (mulheres, proletários, marginais etc.), à história do cotidiano e da vida privada (numa ótica que é o oposto da tradição francesa da história da vida cotidiana), à história local e enraizada. Em segundo lugar, seria inovadora por suas abordagens que dão preferência a uma “história vista de baixo” [...] atenta às maneiras e ver e de sentir, e que às estruturas “objetivas” e às determinações coletivas prefere as visões subjetivas e os percursos individuais, numa perspectiva decididamente “micro-histórica”. (FRANÇOIS, 1996, p. 3).

Neste sentido, destacamos que a base da existência da história oral como recurso metodológico é o depoimento gravado. As entrevistas foram gravadas por meio de dispositivo eletrônico MP3 e transcritas na íntegra para auxiliar no processo de análise, estando disponíveis no apêndice dessa Dissertação.

Trataremos nessa análise as fontes orais como campo de estudo na história recente da criação desse formulário e sua inserção no meio acadêmico, com destaque para o processo de disseminação na área de Arte. Estes relatos permitem a visualização de um contexto acadêmico que possibilitou desenvolver nossa análise baseados no fato de que estas fontes geram novas formas de conhecimento correspondentes ao o processo de investigação.

Podemos apreender, a partir dos autores apresentados, a relevância dos relatos orais e, como estes nos permitem a construção de um cenário social e de uma ressignificação da percepção desses agentes sobre nosso objeto de estudo, contribuindo para uma reflexão crítica individual ou de um grupo específico. Essa característica é relevante para esta análise, pois trabalharemos com elementos de percepção e comportamento dos entrevistados sobre o formulário eletrônico e as semelhanças e associações com as teorias foucaultianas. Tais características são de grande relevância para realizarmos uma reflexão crítica acerca das relações de poder contidas em nosso objeto de estudo, muito comum na sociedade contemporânea.

Para aprofundar a análise das entrevistas nos valem de algumas categorias operatórias, buscando apreender aspectos relacionados à teoria Foucaultiana e as relações de poder, a partir da utilização de uma ferramenta tecnológica denominada por nós como o modelo de *Panopticon Virtual* da contemporaneidade apontados nos relatos dos entrevistados.

Dentre os elementos aprofundados identificaremos de que forma as características apontadas por Michel Foucault (2008a) em *Vigiar e Punir* – mais especificamente no que se refere às relações de poder - são disseminadas sobre os agentes humanos de forma capilar e discreta com o objetivo de controlar as habilidades humanas. Investigaremos ainda se o *Panopticon* - a prisão considerada como a máquina de disciplina utilizado enquanto estratégia de exercício do poder, por meio do adestramento que torna os corpos dóceis e úteis - pode ser associado ao dispositivo tecnológico Currículo Lattes. Tais elementos serão analisados nos relatos dos entrevistados sob o prisma do ambiente acadêmico, em especial da área de Arte, que por natureza é diversa se comparada às demais áreas do conhecimento acadêmico e científico.

Estes foram os recursos metodológicos utilizados para a análise desta pesquisa, que pretende propor uma reflexão crítica acerca dos métodos contemporâneos de avaliação e de fomento à produção do conhecimento, pautado atualmente em processos quantitativos para atendimento de quesitos exigidos pela comunidade científica e para o preenchimento do formulário eletrônico, visando compreender como as relações de poder e vigilância podem, de alguma maneira, determinar a própria produção do conhecimento científico.

### **3.2. O CNPq, os pesquisadores e o Currículo Lattes: mecanismo de poder diante da produção do conhecimento científico**

O estudo dos mecanismos que perpassam a discussão da produção científica na área de Artes são extremamente relevantes e serão abordadas nesse item por meio da pesquisa de campo desenvolvida na realização de entrevistas e análise qualitativa do material obtido.

As entrevistas foram realizadas entre os meses de março a maio de 2009, num total de 25, entre representantes institucionais e professores-pesquisadores, elencadas da seguinte forma:

- Diretor do Programa Horizontais e Instrumentais que abriga a Plataforma Lattes e o Currículo Lattes e Equipe técnica (2 pessoas), realizadas no CNPq em Brasília;
- Membro do Comitê de Assessoramento em Artes, Ciências da Informação e Comunicação – Subgrupo Arte (2 pessoas), realizadas na cidade do Rio de Janeiro;

. Presidente da Comissão do Currículo Lattes, realizada na cidade de Ribeirão Preto;

- Professores-pesquisadores com produção artística e formação em artes, num total de 20, de instituições de grande relevância na área de Arte, a saber: Universidade Estadual de Campinas, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Universidade de Brasília, Universidade de São Paulo, Universidade Estadual Paulista e Universidade Presbiteriana Mackenzie.

As entrevistas foram individuais, com exceção da equipe técnica do CNPq, em que foi realizada uma entrevista com dois responsáveis pela área, e uma entrevista com um professor-pesquisador (tipo 3) que foi enviada por email, em função da distância geográfica, sem que trouxesse qualquer ônus para compreensão dos tópicos abordados na pesquisa e que por apresentar contribuições significativas para a análise foi incluída no rol de entrevistados. As entrevistas tiveram variação do tempo de duração de 20 a 90 minutos, documentada por meio de gravação em mídia MP3.

Para estruturar as entrevistas, elaboramos questionários que foram categorizados em 3 tipos, a saber:

- *entrevistas tipo 1 (institucional):*

Diretor de Programas Horizontais e Instrumentais do CNPq, com quinze questões semi-abertas;

Presidente da Comissão do Currículo Lattes do CNPq, com dezesseis questões semi-abertas;

Membros do Comitê Subgrupo – ARTE, com onze questões semi-abertas;

- *entrevistas tipo 2 (institucional-técnica):*

Equipe responsável pela Informática do CNPq, com sete questões semi-abertas

- *entrevistas tipo 3 (professores-pesquisadores em Arte):*

Professores universitários com formação e produção artística, com dezesseis questões.

Cada grupo de entrevistas compreendeu um contexto único e original, embora todas fossem permeadas pela mesma orientação temática por meio de perguntas básicas

comuns. Todavia, as entrevistas contaram com a inclusão de questões específicas que surgiam durante os relatos, bem como intervenções ou até mesmo respostas às perguntas dos entrevistados que foram de grande pertinência para compor o ambiente uma vez que estavam relacionadas com a temática central.

As entrevistas classificadas como tipos 1 e 2 referem-se a profissionais com cargos junto ao CNPq que são apresentados com seus nomes verdadeiros e funções desempenhadas reais, previamente autorizados, e que se apresentam como fundamentais para os objetivos propostos neste estudo, uma vez que representam as vozes e olhares institucionais.

O grupo de entrevistados tipo 3 refere-se a professores de ensino superior vinculados a instituições de relevância no Ensino Superior com representatividade na área de Arte. Foram entrevistados professores e pesquisadores nas cidades de São Paulo, Campinas, Rio de Janeiro e Brasília. Ressaltamos que, para assegurar a expressividade e originalidade, além da privacidade das fontes desses relatos orais, optamos por criar nomes fictícios para os entrevistados, a saber: Lucas, Benedito, Joana, Antonio, Maria, João, Madalena, José, Roberto, Valter, Isabel, Thiago, Francisca, André, Felipe, Pedro, Fabiana, Marcela, Ricardo e Leticia.

Cabe ressaltar que as entrevistas realizadas nos meses de março a maio de 2009 foram baseadas numa versão do Currículo Lattes que foi atualizada em novembro do mesmo ano, em comemoração aos 10 anos da Plataforma no Brasil. Destacamos ainda que o objetivo dessa investigação foi o de obter dos relatos dos entrevistados as relações de poder contidas no instrumento tecnológico Currículo Lattes. Os relatos dos entrevistados contemplam as questões abordadas nas entrevistas válidas tanto na versão antiga como na nova versão, o que não trouxe qualquer ônus ao tipo de investigação que nos propusemos a realizar.

Para melhor apreender as questões que foram discutidas, optamos por utilizar categorias operatórias para a análise das entrevistas, por níveis de temas afins. Tais categorias fornecem subsídios para a compreensão de cada aspecto e, ainda nos permitem visualizar uma dimensão geral das possíveis relações entre a área de Artes e o Currículo Lattes no âmbito das relações de poder apresentadas anteriormente, bem como extrair dos relatos uma contribuição acerca dos possíveis caminhos a serem traçados diante das peculiaridades existentes na área de Artes frente aos desafios da contemporaneidade no que diz respeito ao desempenho de sua produção em âmbito acadêmico.

Contudo, antes de iniciarmos pelas categorias, caracterizaremos alguns aspectos que consideramos de grande relevância acerca da compreensão dos professores - pesquisadores – artistas sobre a significação da área de Artes na contemporaneidade. Estas concepções serão de grande auxílio para a análise reflexiva que pretendemos realizar a partir dos relatos.

Os entrevistados são artistas atuantes e professores com titulação na área de Artes, com experiência acadêmica entre 15 e 36 anos e que vivenciaram ao longo de suas experiências profissionais o caminho que esta área realizou durante três décadas e que perpassaram pelas transformações estruturais da Universidade Brasileira nestas décadas, além de, em muitos casos, tê-las vivenciado como alunos. Acompanharam ainda o surgimento das agências de fomento e, em função de suas atividades profissionais são submetidos aos processos de avaliação dos cursos de graduação e pós-graduação a que estão vinculados.

Pudemos apreender ao longo dos relatos como a Área de Arte foi inserida num amplo contexto de universidade em que as exigências de produtividade e avaliação tornaram-se os alicerces das relações institucionais a partir da concepção de critérios pautados num desenvolvimento cientificista que pouco atende às demandas dos pesquisadores da área de Arte.

É relevante destacar, num primeiro momento a percepção que os professores entrevistados tem da área de Arte para, posteriormente, analisar como as relações de poder apontadas por Foucault podem ser identificadas na sociedade contemporânea nos comportamentos e na experiência dos pesquisadores desta área.

Os entrevistados descrevem, ao longo da entrevista, seu percurso acadêmico e as adversidades da área de Arte, em função de sua natureza, da diversidade de linguagens, o que dificulta o seu enquadramento a modelos padronizados na academia, como o Currículo Lattes. Buscam descrever a Arte, a partir de sua própria experiência:

A Arte trabalha com desvios, com o acaso, com o erro. E isto nem sempre a produção acadêmica, mais oficial, digamos, mais considerada, absorve. Por isso eu acabo como pesquisador, mesmo a CAPES dizendo que o que pontua é artigo, eu não deixo de fazer aquilo que me dá prazer de fato. Então, a própria natureza dialética da produção em Arte, da reflexão em Arte, ela é às vezes minimizada quando você aplica no sistema, na plataforma. (Thiago, Artes Visuais, maio de 2009).

É interessante verificarmos que esta diversidade de linguagens se apresenta de forma impactante no ambiente acadêmico, uma vez que a produção do conhecimento científico é concebida exclusivamente em função de quesitos pré-estabelecidos, os quais não abrigam totalmente a Arte, pois ela se apresenta, em muitos aspectos, como parte da vida, conforme o relato de Fabiana:

A Arte está no mundo. (...) A descoberta surpreende porque senão como é que faz se não tiver uma novidade? Mas de qualquer forma tem mais a sensação de que está dentro do vidrinho. E a Arte não. Arte é mais tangível que isso. Não está dentro do vidrinho. Está na vida mesmo. Muito mais. Mas de qualquer forma eu acho que isso é difícil de entender. Acho que a academia às vezes tem a sensação de ficar agarrando alguma coisa que está escapando. Quer dizer, ainda bem, porque na hora que agarrar, prender, acabou. (Fabiana, Artes Visuais-Design, maio de 2009).

Um outro aspecto que merece destaque e que foi amplamente apresentado pelos pesquisadores entrevistados é o fato de que a Arte teve seu reconhecimento como Área de conhecimento recentemente, há cerca de 30 anos. João, um de nossos professores entrevistados que participou ativamente do processo de um primeiro reconhecimento da área aponta para as principais dificuldades enfrentadas no início dos anos 80 na academia e nas agências de fomento e a idéia de pesquisa em Arte.

Eu acho que tive uma importância relativamente grande na questão da Área de Artes. (...) naquele primeiro momento era muito importante você caracterizar a pesquisa em Arte como uma coisa séria. E como uma Área séria você precisa ter parâmetros para dividir. O grande problema no começo da Área de Arte no CNPq, em termos de currículo, era exatamente esta questão: eu saí falando: peçam, peçam, peçam, para criar uma situação de fato no CNPq. (...) O projeto chegou, os pedidos chegaram, mas de uma demanda terrivelmente de péssima qualidade. Por quê? Veio o pedido, mas eram artistas que nunca tinham visto uma universidade, que não sabiam o que era uma área acadêmica, não sabiam o que era uma pesquisa. (...) Comecei a pesquisar e estudar um pouco a pesquisa em Arte, o que é a pesquisa em Arte. (João, Artes Visuais, abril de 2009).

Desta forma, segundo relato de nosso entrevistado, a área de Arte passou a estabelecer critérios para sua atuação e pesquisa, a fim de ser reconhecida no ambiente acadêmico. João destaca ainda que o estabelecimento de "critérios" era fundamental para que a área fosse considerada séria, inclusive segundo ele, para que fosse respeitada.

Assim, podemos identificar que a Área de Arte foi concebida, desde o seu reconhecimento, como uma área que deveria se encaixar em modelos pré-estabelecidos, semelhantes aos outros modelos existentes em outras áreas do conhecimento. Sobre este aspecto João afirma que "naquele momento, talvez a estratégia fosse mais aproximar cada vez mais a questão da Arte de uma pesquisa convencional."

Nesse sentido, é interessante o relato de Antonio, que pontua as dificuldades que a área encontra, por seu caráter diverso, em detrimento a modelos pré-estabelecidos. Contudo, destaca que a área é reconhecida recentemente em âmbito acadêmico e aponta para o fato já destacado por João, acerca do modelo de pesquisa convencional:

(...) a Arte na universidade começou a ser provocada há pouco tempo. A Arte Visual, acho que no máximo há uns vinte anos. (...) A questão da universidade é recente ainda. A universidade está voltada para área de pesquisa científica e para a área de artes visuais e o artista ainda está se colocando, está impondo seu trabalho. É uma coisa que ainda vai levar tempo. (...) Todas as exigências que o método científico está pedindo, nós estamos cumprindo artisticamente para ver se este é o elo que esta faltando nesse entrosamento da arte e a universidade. (Antonio, Artes Visuais, março de 2009).

É possível verificarmos nos relatos a seguir como historicamente a Área de Arte vem se incorporando ao ambiente universitário brasileiro. Trata-se ainda de uma área do conhecimento em construção, dado seu recente e reconhecimento - como foi apontada pelos entrevistados -, buscando de alguma forma se firmar no meio acadêmico. Os depoimentos apontam para um início de amadurecimento da área, neste momento histórico, no qual professores passam a ter suas titulações específicas em Arte, mas nessa perspectiva acadêmica já se destacam as dificuldades para que esta seja reconhecida como uma Área específica de Conhecimento.

(...) as Artes não eram da universidade. Elas são recentes na universidade. Então, me parece que tem uma certa relutância do pensamento universitário mais padrão em admitir que o conhecimento geral pelas Artes é legítimo. (...) talvez esse momento que a gente esteja vivendo seja de verdade um primeiro contrato, sério, intenso e produtivo entre essa desconfiança por parte do pensamento universitário e já um acúmulo, digamos assim, de uma postura crítica até nesses últimos 20 ou 30 anos produzidos pelas artes que vão ter que se entender. (Roberto, Artes Visuais - Gravura, abril de 2009).



A juventude do nosso campo na área acadêmica, (...) a escola de Teatro da Unirio, por exemplo, eu estive lá em 1986, que foi o primeiro ano que o curso de ator era superior.(...) Já são 30 anos. Mas os professores que iam dar aula nesses cursos não eram formados nessa área. Talvez eu faça parte da primeira geração que na qual ela se engrenou, entendeu? Eu fiz doutorado fora.(...) Eu participei do início também da pós-graduação na Unirio (...) por um lado o nosso campo, como um campo específico da Arte e como um campo acadêmico. (...) tem que batalhar para se ter mais [bolsas], mas isto também está ligado à maneira como o Brasil, com as condições que o Brasil oferece para todos os artistas de uma maneira geral. É aquela batalha mesmo grande. (Letícia, Artes Cênicas, maio de 2009).

Um outro aspecto que merece destaque refere-se ao depoimento de João que evidencia em quais circunstâncias a área de Arte foi introduzida no meio acadêmico e, ressalta, que em função de uma grande inexperiência dos artistas na academia, a estratégia de aproximação, ou seja, de atribuir critérios à pesquisa em Artes de acordo com os critérios de uma pesquisa mais convencional pode ser percebida hoje como não eficaz para abrigá-la em sua diversidade. O entrevistado destaca que:

Hoje, eu já teria outras propostas. Seria, por exemplo, essa questão da pesquisa em Arte. Ela tem que existir. Mas uma das coisas fundamentais também é: que tipo de pesquisa? Porque no fundo com esse esquema que existe hoje - eu acho que esse esquema é muito importante - existe o que? O artista pesquisador, ele tem uma jornada dupla de trabalho. Ele tem que ser artista e fazer pesquisa séria, acadêmica. (...) Ele teria que ser um teórico. Porque? Porque ele tem que escrever. Publicar. Então eu acho que isto é uma questão de jornada dupla. (...) O artista tem que fazer uma obra, ele tem que apresentar aquela obra, ele é julgado como artista por uma crítica sobre a qualidade de sua obra, sobre a pertinência de sua obra e, além de tudo isso, ele tem que fazer um escrito teórico e um escrito teórico tem que ter uma certa profundidade. Eu acho isso uma grande injustiça. (João, Artes Visuais, abril de 2009).

A questão acerca da temática da pesquisa em Arte tornou-se desde o início do reconhecimento da Área de Arte na academia uma grande dificuldade, uma vez que passou a ser julgada em função de critérios científicos e dispositivos como o Currículo Lattes. A esse respeito João afirma acerca da Área na academia:

É nova, muito judiada, muito mal compreendida.(...) Essa questão da dupla jornada eu acho uma coisa muito importante. E no Currículo Lattes também: o que é exatamente? Como se mede, como se pesa

aquilo? O que é um trabalho científico? O que é uma exposição? Como é que você faz um julgamento de um trabalho científico numa instituição? Está sempre por trás disso o que é pesquisa em Arte. (João, Artes Visuais, abril de 2009).

Para André, quando se trata da pesquisa na Área de Arte tem-se uma grande discussão. Esta área, por suas peculiaridades, dentre as quais podemos destacar uma prática que não busca resultados como nas demais áreas, geralmente gera polêmica em âmbitos acadêmicos, principalmente considerando o contexto do ensino superior atual - pautado em uma política empresarial - uma vez que se apresenta de forma diversa dos modelos e parâmetros instaurados pelos institutos de pesquisa, agências de fomento e universidades. Acerca desta peculiaridade, o entrevistado destaca que:

Mais uma vez, as dicotomias, separações, compartimentações, são de difícil limitação. O reconhecimento dessas fronteiras é muito complicado. Onde termina a pesquisa e onde começa a prática ou a utilização dessa pesquisa? A pesquisa não deve ser considerada apenas como um trabalho laboratorial ou de escritório fechado, solitário, individual. A pesquisa deve ser coletiva também. A pesquisa é uma atividade de observação e de estudo e isso pode ocorrer sob qualquer episódio, sob qualquer etapa do trabalho. No caso das Artes Cênicas, o teatro, a pesquisa para o teatro, seria o levantamento do material, ou seja, do contexto, do texto, levantamento da época, das razões e o porque aquele texto surgiu, da vida do autor, da história, da política, das sociologias, da religiosidade (...) E logo o espetáculo é também uma manifestação da pesquisa. Ele é também a expressão da pesquisa. Então eu não sei realmente onde é que termina um e começa o outro. Onde começa o campo da pesquisa e o da aplicação da pesquisa. (...) A pesquisa ajuda a transformar um determinado objeto em uma "coisa viva". (André, Artes Cênicas, maio de 2009).

Desta forma, o entrevistado defende a existência da pesquisa em arte, sem que para isso seja necessário "encaixá-la" num esquema pré-definido do que seria uma pesquisa científica e acadêmica, muito comum em institutos e agências de pesquisa que tem a necessidade de estabelecer parâmetros classificatórios e determinantes do que seria uma pesquisa científica. Para ele, fixar-se somente em padrões pré-estabelecidos não dá a garantia que a pesquisa terá resultados. A esse respeito afirma que:

Mas eu acho que não é só em arte não. Eu acho que em outros campos, na hora em que você vai aplicar a pesquisa, ela pode falhar, ela pode não ser exatamente aquilo que você gostaria que fosse, ou levantou como sendo o melhor para o seu objeto de observação e aí você ter que fazer um ajuste, enfim isso é uma seqüência da pesquisa. É uma outra

face dela. É a pesquisa entrando em contato com a realidade propriamente. (André, Artes Cênicas, maio de 2009).

Neste sentido, é importante o debate e a reflexão que propomos nesta investigação, na medida em que a pesquisa, tanto na área de artes como em outras áreas sempre está suscetível a mudanças impostas pelo próprio meio no qual ela será desenvolvida e, desta forma, trata-se de uma crítica aos métodos pautados somente a partir de resultados como os únicos possíveis para a realização de um pesquisa em âmbito acadêmico. Temos, pois a grande polêmica que envolve a área de Arte: se a pesquisa em Arte é considerada científica ou não na academia.

Científica em Arte já é uma contradição, porque os critérios da ciências e arte - claro que tem áreas de tangência - tem áreas que são divergências. Primeiro que, no trabalho do artista na verdade não existe a comprovação de algo. O artista não quer comprovar uma teoria. O trabalho de arte é cheio de surpresas, de acasos, que são próprios desta natureza de trabalho. Eu acho que existe pesquisa sim que o artista tem que ler, ter pesquisa bibliográfica, conhecer obras de outros artistas, mergulhar um pouco no contexto de uma obra, são fatores muito positivos. Na verdade esta pesquisa culmina com uma produção que tem outros critérios, diferentes das ciências. (Maria, Artes Visuais, março de 2009).

A produção do conhecimento é a própria obra do artista. Porque ela não floresce da inspiração do dia para a noite. É igualzinho da científica. (...) Eu acho que é um trabalho em paralelo, mas não estão tão distantes e no fim sempre se encontram. São paralelos que se encontram. Arte e Ciência se encontram, dialogam e muito. Temos que parar um pouco essa cisão, com um olhar de inteligência só para a área racional, a 'área científica'. A inteligência existe em todas as áreas, em todas as profissões e, felizmente para os artistas isto está ficando mais claro. (Valter, Artes Visuais, abril de 2009).

O que se torna importante destacar nesse contexto é exatamente a peculiaridade da área de Arte e do artista em ambientes acadêmicos, de forma que seja valorizada em sua contribuição para a produção do conhecimento, ao invés de buscar adequá-la a padrões pré-estabelecidos desta produção na academia. Neste sentido, a fala de Isabel contribui para uma identificação da atuação dos artistas em âmbito acadêmico:

O artista e a Arte não entraram ainda em nosso país como uma área de conhecimento, por mais que seja diferente esse conhecimento, e não é aquele que eu comprovo uma hipótese, tese, antítese.... você não tem isso na Arte. O processo criativo se faz por meandros as vezes desconhecidos, do inconsciente, do imaginário, da sensibilidade, da intuição, de um domínio técnico. Então, você não está dentro de um

campo comprovável como a Ciência... e para a sociedade isso fica sendo uma coisa ... não sei se é bem vinda ou não. Não são todas as pessoas da sociedade que vem a arte com bons olhos. Acaba acontecendo isso com o Departamento de Arte (...) são setores que menos recebem incentivo, verba inclusive. A gente recebe pouca verba. (Isabel, Poéticas Visuais, abril de 2009).

Outro aspecto relevante é o fato de que o não reconhecimento da área, ou melhor, o recente reconhecimento e inclusão da Arte como Área de conhecimento reflete num baixo índice de oferta de bolsas para pesquisas científicas por parte dos Institutos de Pesquisa, Universidades e Agências de Fomento. O relato de Madalena evidencia mais uma vez esta situação:

Eu acho que realmente poder ser mais [bolsas] , poderia ser mais reconhecido não só pelo CNPq, mas no mundo em geral, no mundo do conhecimento, a Arte como área de conhecimento, que deveria haver essa valorização. Respondendo como coordenadora da área de Arte - porque eu tenho visibilidade dos mecanismos internos - o que acontece muito nos pesquisadores em Arte é que, como eles sabem que não tem muitas bolsas, como eles sabem que não vão ganhar, eles não apresentam [projetos], as pessoas que representam a Arte dentro desses órgão (Capes e CNPq), eles não tem argumentos para falar para as pessoas das ciências duras, para os chefes, para os organizadores, esses que vão dizer quantas bolsas vão para cada área, se a área de Arte não tem uma quantidade imensa de pedidos. (...) Eu acho que realmente tem poucas bolsas, que a área não é muito reconhecida no mundo, no CNPq, na CAPES, mas quanto à quantidade de bolsas, se os professores, se os pesquisadores, se os alunos, se os mestrados, se os doutorandos, se a gente não se inscrever, não tem como. (...) Então você passaria por um não reconhecimento da área no mundo, porque o departamento de Ciências Sociais ou de Biologia é sempre melhor equipado dentro da própria UNB do que do departamento de Arte? Porque nós temos menos secretários? Os artistas tem que cavar o seu espaço, os filósofos estão cavando muito espaço para a Arte. Mas os artistas tem que se mexer também. (Madalena, Arte & Tecnologia, maio de 2009).

Dentre os elementos apresentados sobre a situação da Área de Arte em ambiente acadêmico, identificamos - por meio dos depoimentos dos entrevistados - grandes dificuldades que esta área enfrenta devido a elementos de sua natureza que a distingue as outras áreas do conhecimento. Neste sentido, é relevante destacar que se trata de uma ampla discussão dentro do ambiente universitário. Essa diversidade de linguagem que está em constante mudança torna-se o grande pólo das discussões sobre a Arte e o conhecimento científico. Os relatos a seguir nos permitem observar como a idéia de adequar a Arte ao modelo exclusivamente científico prejudica sua existência no meio acadêmico.

A grande diferença entre as artes e as outras formas de conhecimento, mesmo conhecimento científico neste tipo específico é que esse é um campo que está em constante mutação. Ao passo que nas outras, embora esta mutação aconteça de maneira tão intensa quanto, a questão é no lançamento dos dados o que continua sendo computado é a produção bibliográfica e acabou por aí. (Felipe, Artes, Visuais, maio de 2009).

(...) eu reconheço que é tudo muito difícil de avaliar, mas não é transformando a natureza da Arte em outra coisa que a gente vai conseguir algum avanço. É esse tipo de coisa que precisa ser mais contemplado em toda a estrutura acadêmica. (João, Arte & Tecnologia, abril de 2009).

Temos assim, a constatação de que há necessidade de ampliar os horizontes quando se trata da área de Arte em um ambiente acadêmico. Trata-se de contemplá-la em sua diversidade na estrutura acadêmica ao invés de reduzi-la a parâmetros de produtividade. É indispensável que sua produção seja considerada de acordo com suas peculiaridades para que possa amadurecer e se desenvolver contribuindo para a formação de uma cultura de saber contemporâneo.

A área de Arte é entendida como um grande leque de possibilidades, de linguagens, de descobertas, inclusive em busca de sua própria existência e valorização no meio acadêmico. É uma área em constante movimentação e, nesse sentido, o trecho de Antonio ilustra a tônica que permeia esse processo:

(...) Eu acho que a gente está caminhando. A universidade e o artista estão caminhando. Pelo menos estão procurando caminhar. Eu acho que ainda é um caminho inicial. Acho que os dois tem que estar juntos. Por enquanto o artista está sozinho na universidade. É uma coisa muito difícil. O artista não é filósofo, não é físico, não é matemático, não é químico, mas ele conhece um pouco de tudo. A diferença é que ele não quer provar estas coisas através de fórmulas, ele quer provar através do trabalho. Então eu acho que a universidade tem que aprender a ver o trabalho do artista. (Antonio, Artes Visuais, março de 2009).

Identificamos ainda que este é um tema que merece aprofundamento, contudo, não é intenção nesta investigação. Consideramos necessário apresentar tais aspectos para uma melhor compreensão das categorias de análises propostas nesta investigação.

A partir dos relatos dos entrevistados podemos salientar que a Área de Arte tem representatividade e produção relevante no ambiente acadêmico, embora tenha grande dificuldade de ser valorizada e reconhecida e, ao mesmo tempo, resiste, de certa forma,

buscando manter a originalidade de sua natureza. Dentre esses aspectos é válido verificar que há sempre uma contradição, a saber: de um lado a permanência da natureza revolucionária - uma vez que expressa em diversas linguagens - da Arte frente aos desafios do mundo e, de outro, as pressões a que o pesquisador desta área está sujeito para continuar a "existir na academia".

Essa dicotomia e peculiaridades da Área de Arte enquanto área específica de conhecimento nos fornecerão subsídios para a análise temática que faremos a seguir, por meio das quatro categorias elencadas nesta investigação, a saber: Currículo Lattes e mecanismos de controle; área de Arte e Sociedade Vigilante; Ética e Relações de Poder e Disposições & Aprimoramento do Currículo Lattes, que nos possibilitarão um quadro mais abrangente acerca dessas implicações entre a ferramenta Currículo Lattes e as teorias foucaultianas, voltadas especificamente para as relações de poder, vigilância e controle.

### **Currículo Lattes e Mecanismos de Controle**

A temática relacionada ao formulário do Currículo Lattes teve diversas abordagens e percepções durante as entrevistas realizadas. É relevante ressaltar as dificuldades apresentadas no manuseio do formulário eletrônico, bem como este, utilizado como mecanismo de controle, prejudica e reduz a atuação do pesquisador artista na comunidade acadêmica.

Apreendemos, contudo, como conceitua Michel Foucault (2008a), as relações de poder podem ser identificadas na conduta dos pesquisadores no que tange aos conceitos de disciplina e controle, principalmente relacionados à *microfísica* do poder e o adestramento dos corpos com a finalidade de torná-los *dóceis e úteis*<sup>19</sup>. Os relatos a seguir revelam como as relações da dinâmica do poder se exercem enquanto estratégias, manobras dispostas por meio do funcionamento do dispositivo tecnológico Currículo Lattes. Este, penetra nessa realidade, por meio capilar e atinge os indivíduos como postula Foucault “vem se inserir em seus gestos, atitudes, seus discursos, sua aprendizagem, sua vida cotidiana” (2008b, p.131). É possível identificar como esse poder

---

<sup>19</sup> Esses conceitos foram apresentados nos capítulos anteriores e serão utilizados no momento da análise, sendo retirados do livro *Vigiar e Punir*. São Paulo: Editora Vozes, 2008, p. 180.

exerceu-se de maneira tão invisível de forma que os entrevistados se mostram inseridos num esquema de preenchimento dos dados. Porém, o dispositivo tecnológico não lhes parece adequado, pois ao considerar os campos de preenchimento e o reconhecimento da área, os entrevistados afirmam não contemplar a diversidade da área de Arte. Cabe-nos destacar a adesão desses pesquisadores, bem como suas movimentações no sentido de adequar a sua produção de conhecimento aos quesitos de produtividade exigido pelo dispositivo tecnológico.

Eu agora é que estou mais a par do Currículo Lattes, mas ainda eu vejo a área de exposições não tão importantes como publicações, por exemplo. (...) Eles acabam até nos engessando porque existe muito mais do que esses itens que o Lattes coloca. Eu acho até um pouco engessado com relação à parte criativa, a parte do sensível, fica ainda muito caracterizado a parte científica, a parte racional. (Valter, Artes Visuais, abril de 2009).

(...) nós das Artes quase que somos avaliados por parâmetros externos, parâmetros que pertence a um outro horizonte de pensamento, a um outro horizonte das disciplinas de pesquisa. (...) eu acho que muitas especificidades, muitos detalhamentos ficam prejudicados porque não há espaço para eles na plataforma. Nós precisamos encontrar o jeitinho de incluir na plataforma nossas atividades. (Francisca, Artes Cênicas, maio de 2009).

Mesmo se colocando de maneira a perceber ainda a inadequação de sua Área com relação ao formulário, é interessante verificarmos que o pesquisador se coloca numa posição em que se identifica com esse mecanismo de forma não só a se adequar ao formato como também dá sinais de uma “eficácia produtiva” apontada por Foucault (2008a).

A gente tem que procurar onde se adequar melhor, ou em termos de relevância, porque para se preparar um texto acadêmico todo mundo já sabe, mas para preparar uma exposição leva dois ou três anos (...) é lento e às vezes você prepara isso no mesmo tempo do que se gasta ao fazer um livro. Eu vejo que se deveria ter um maior respeito com relação à Área de Arte no Currículo Lattes. (...) Eu acho que sim, o “chicotinho está ali”, mas acho que é bom a gente ter o currículo atualizado por causa das outras instituições, outros pesquisadores, pessoas que querem conhecer melhor você. (Valter, Artes Visuais, abril de 2009).

O relato de Benedito reforça a idéia de que os pesquisadores da área de Arte se preocupam em se adequar aos formatos e quesitos estabelecidos, em detrimento a uma possível compreensão do saber artístico na academia junto às instituições que determinam e se utilizam do dispositivo Currículo Lattes para avaliação da produção acadêmica:

(...) nos encontros que eu já estive na área de Ensino Superior em Brasília, em Salvador, encontros dos programas de pós-graduação de professores ligados à investigação, do pós-graduando, eu creio que nos debates e propostas se pensa muito em formatação, mas não em inclusão. Creio que este é o problema maior na área de investigação científica em artes. (...) Creio que os programas de pós-graduação deveriam buscar construir uma câmara de discussão que pudesse tornar mais eficazes as exigências particulares que possuem a nossa área de investigação. Caso contrário, vamos ficar discutindo formatos. (Benedito, Artes Cênicas, março de 2009).

Devemos considerar que a grande dificuldade existente com relação à Área de Arte se dá na medida em que as produções de obras artísticas não são valorizadas. Enquanto o pesquisador realiza sua produção fundamentada nos critérios considerados de relevância para a produção de conhecimento científico exigido pelas instituições que exercem o poder nas instâncias de ensino superior -, o pesquisador produz artigos, participa de congressos e cumpre toda a exigência teórica - não há problemas em se "encaixar no modelos padronizados". A grande diferença e, talvez a grande máxima da área de Artes, é exatamente porque em sua natureza existe uma diversidade, principalmente nos experimentos práticos que "escapam" de controles de poder. Os relatos de Madalena e Lucas evidenciam essa característica peculiar da área de Arte que prejudica o preenchimento do Currículo Lattes:

(...) eu sou da área de performance e tecnologia, ou seja, trabalho com o corpo que é quase o limite da dança e com tecnologia que é quase no limite da informática. Então, o campo fica difícil. Antigamente nos "Setores"<sup>20</sup> não existia nenhum lugar para nós das Artes. A gente tinha que colocar sempre em "Outros". Depois foi criado outro item ligado ao Educação Superior que como eu tenho sempre muitos bolsistas em iniciação científica eu estou sempre ligada à Educação Superior e hoje existe lá um lugar que se chama "Esportivos e Culturais", pelo menos essa palavra [culturais] já entrou. (Madalena, Arte & Tecnologia, maio de 2009).

Nós ainda preenchemos - quando eu falo nós me refiro a pessoas que trabalham com ambientes virtuais, mídia eletrônica, com publicação *on line* - ela ainda entra em produção técnica. Por exemplo: Autor! Nesse ano que passou eu fui autor de CDs de poesias sonoras e de um DVD. E se você considerar o livrinho que vem dentro que tem 30 páginas de poesia também é uma terceira publicação. É um trabalho que levou tempo para fazer. E eles não tem como entrar em "Autor". Aí entra em "Outros". E esse "Outros" eu não sei como é visto. (...) Entendeu a

---

<sup>20</sup> "Setores" é um dos campos para preenchimento do Currículo Lattes que classifica em qual setor de atuação aquela atividade pode ser incluída.



minha dificuldade? É um problema sério porque o que conta ponto é publicação de texto em revista *Qualis* e publicação onde há autoria. Eu já tenho quatro produtos de mídias digitais publicados aqui no Mackenzie. E eu não apareço como autor em nada. (...) Aí você fala assim: olha como esse professor é sacana. Ele colocou como produção artística, como autor, como produção técnica, como produção musical e sonora. Ele está em cinco campos com o mesmo produto. O que você quer que eu faça se seu trabalho com interdisciplinaridade? Então, eles que criem um campo interdisciplinaridade e você preenche lá só com o nome do produto (Lucas, Arte & Tecnologia, março de 2009).

O que percebemos, todavia, pelos relatos dos entrevistados é uma tendência a encaixar a própria diversidade da área por meio da criação de campos que abriguem o registro dessas atividades, cumprindo assim com uma exigência de produtividade a que são submetidos e pressionados a responder em função de seus vínculos em Instituições de Ensino Superior.

Eu produzo obras ou textos quando eu vou para congressos, saem em anais, em periódicos. Isso se encaixa bem, toda a parte teórica e tem a parte prática é uma questão para se ver. Aí a modalidade ou especificidade você tem que encontrar ou colocar em outros, ou vai vendo o tipo, contando os caracteres e tenta por a informação lá. Acho que é geral, independe se é tecnologia ou se é linguagem tradicional ou performance. Mas a questão é "obra de arte" como se caracteriza, como deve ser. (...) Eu já participei de algumas discussões e a tendência é a gente conseguir ter um formulário que registre aquilo que a gente ache importante e outras bases na hora que puxa "vem" todas as informações porque esse diálogo ainda está incompleto. (Pedro, Arte e Tecnologia, maio de 2009).

Não sei se você sabe que está surgindo o *qualis* artístico. Ele está com um vulto de indicadores e que deve ser continuamente aprimorado e quem está à frente é a professora Tupinambá, da UNIRIO. (...) E ela colocou que o aplicativo do Lattes estava sendo revisto neste campo da produção artística (...). Por exemplo, o *qualis* artístico é amplo tanto para as artes visuais, teatro, dança, artes cênicas, música e tudo mais. (...) Outra questão que se coloca, a validação dos espaços públicos do *qualis* de exposições, por exemplo, você pode por uma galeria privada, você pode por uma galeria pública. (...) Então os jovens pesquisadores, os jovens artistas querem valorizar o Lattes porque eles estão no circuito de salões de arte, de certames, de concursos. Os grandes pesquisadores, já legitimados, acham que isso não é relevante. Então tem contradições relevantes até entre os diferentes grupos, os diferentes tempos de formação, as diferenças de maturidade de pesquisa. (...) Esse dilema ainda não está resolvido para a plataforma. (Thiago, Artes Visuais, maio de 2009).

Vale ressaltar, pois, que a peculiaridade da área de Arte produz sempre uma forma de resistência a padrões pré-estabelecidos, a sua diversidade impede que seja

exclusivamente encaixada em modelos padronizados. Tais características nos permitem verificar, principalmente no que tange a questão da influência que o dispositivo tecnológico possa ter junto à produção nesta área do conhecimento, na afirmação do relato a seguir:

(...) eu acho que acaba obrigando sim. Mas eu acho que a Arte escapa disso, não no sentido que escapa, é mais ampla. A academia é uma parte da vida, não é a vida inteira. (...) por mais que molde existe um outro mundo, quer dizer, não outro mundo. Você molda até um certo limite. Você molda, mas não domina. Não há como dominar. (...) A gente cadastra os dados, que é o que temos que fazer. (...) A Arte está no mundo. (...) Neste sentido não tem como dizer que a única arte que serve acontece aqui. (Fabiana, Artes Visuais-Design, maio de 2009).

Podemos apreender como a expansão do exercício do poder penetrou capilarmente no cotidiano desses agentes humanos de forma que, como abordamos anteriormente, o poder propicia uma produção, uma eficácia, uma transformação no comportamento dos agentes humanos. Os relatos de Thiago, Sônia e Madalena evidenciam essa mudança na relação dos pesquisadores em Arte e o Currículo Lattes.

(...) eu acho fácil. Não é o aplicativo que é ruim, mas ele é chato. Porque ele vai abrir vários campos e você tem que dar conta de preenchê-los. Normalmente a gente faz o preenchimento em momentos de datas estranguladas e aí a gente acaba faltando algum detalhamento que a gente poderia pôr até em favor da nossa produção mesmo. (...) Ele é mais chato de ser preenchido do que difícil. (Thiago, Artes Visuais, maio de 2009).

A área de Arte tem uma reivindicação antiga de modificação do Lattes. (...) na CAPES já houve uma modificação que foi significativa para nós. A produção bibliográfica vale a mesma coisa que a produção artística, foi uma vitória histórica e depois conseguir essa equiparação para nossa área de Arte foi feito o "Qualis Artístico". (...) ele agora está sendo modificado para absorver esses novos critérios da área de Arte para a coleta dos cursos, o que a gente quer agora é a mudança do Lattes, porque quando você vai preencher (...) o pessoal artístico tem muita dificuldade no preenchimento do Lattes, porque fica tudo no "outros" (Sonia Gomes, Membro do Comitê em Arte, maio de 2009).

Na CAPES nós fizemos nesse ano, principalmente a professora Marta Tupinambá Ulhôa, um esforço muito grande que estava sendo feito já há muitos anos de fato, mas a professora Marta fez um trabalho mais objetivo, e criou no Coleta CAPES - que é para onde esse Currículo Lattes é exportado - diversos itens novos do tipo "dramatização", "ator", "cenógrafo", "iluminador" e nas "artes visuais", "performance" e "curadoria" que era um item bem problemático. (...) aí você coloca "recursos visuais" que é uma outra categoria; "música" e aparece lá

"composição, "performance", "instrumentista", enfim vários. Então, o Coleta CAPES foi adaptado. Há hoje então por parte da CAPES um pedido para o CNPq emparelhar com a CAPES porque a gente exporta [o currículo] mas esse campos ficam vazios no Coleta. (...) Não vou te dizer que ficou perfeito porque não ficou. Poderia ser mais amplo, mas também muito amplo dilui muito. Você tem que ter uma capacidade de síntese e ao mesmo tempo atender a todo mundo. E isso não é muito fácil. (Madalena, Arte & Tecnologia, maio de 2009).

As questões teóricas e conceituais abordadas no primeiro capítulo, nos possibilitaram a compreensão dos aspectos pertinentes às relações de poder inseridas nas falas e concepções dos entrevistados de modo que, conforme nos indica Foucault (2008b) em sua *microfísica do poder*, existem mecanismos de controle e vigilância que, atuando em rede, permeiam o contexto social, determinando as relações e contextos nos quais estão presentes. Estas estratégias, como abordamos anteriormente não se identificam como uma propriedade, mas sim, estratégias que foram introduzidas no cotidiano dos agentes humanos. Ao analisarmos os entrevistados, verificamos a expansão e a influência do dispositivo tecnológico do Currículo Lattes no cotidiano dos pesquisadores, bem como seu poder de dominação, exercido por meio das instituições que exigem o preenchimento de tais quesitos:

Eu conheço [o Currículo Lattes] e tenho o meu cadastro lá. todos nós temos que ter, nós que temos mestrado e doutorado temos que ter. Inclusive temos que preencher e atualizar constantemente o Currículo Lattes. Eu adotei o Currículo Lattes desde o início. A partir do momento em que o Currículo Lattes foi instalado eu o adotei. A Universidade quase que nos condicionou, nos levou a uma obrigatoriedade de adoção do Currículo Lattes. (André, Artes Cênicas e Literatura, maio de 2009).

(...) eu trabalho na Pós-Graduação e é obrigado pelo coleta CAPES. Porque a CAPES faz uma coleta dos dados anualmente, então o professor é obrigado pelo menos anualmente a atualizar. Acho que os professores que trabalham em Pós-Graduação no Brasil devem atualizar o currículo no mínimo uma vez por ano. (Madalena, Arte & Tecnologia, maio de 2009).

Na UNICAMP tem uma certa exigência. Nas particulares eu acho que quem dá aula para pós-graduação tem mais exigência para ele ficar atualizado. Então não dá para deixar passar muito tempo sem atualizar. e até porque complica deixar acumular muitas coisas, mas principalmente na pós-graduação que se tem uma exigência maior. (Maria, Artes Visuais, março de 2009).

Além disso, é possível identificar que, na medida em que o poder permeia as relações com esses dispositivos, as relações de poder passam a existir diretamente com o

indivíduo, uma vez que o mesmo se vê condicionado pessoalmente a atender às demandas daquele contexto social que se apresenta, como neste caso, são os quesitos do Currículo Lattes. Assim, aquilo que num primeiro momento era exigência exclusiva das instituições, tornou-se uma exigência pessoal do pesquisador de forma que, atender a tais requisitos permite o "existir no contexto acadêmico", como podemos verificar nos depoimentos de André, Felipe, Thiago e Drugowich:

Eu tenho essa exigência comigo porque eu sou constantemente convocado a participar de bancas, de comissões e nesses momentos sou solicitado a apresentar o meu currículo, então eu gosto de levar o currículo o mais atualizado possível. (André, Artes Cênicas e Literatura, maio de 2009).

O Lattes é sem dúvida um elemento de comparação sim. É um dos padrões que são usados para referenciar sim. (...) Você abre e todo mundo está ali. Eu tenho que estar ali. Porque se não estiver, inclusive se eu não estiver os programas de pós-graduação nem se quer te matricula. A pessoa começa a encarar isso de outra maneira. Eu sou francamente totalmente favorável ao uso do Lattes. Acho que foi um grande acerto e como todo acerto está sendo algo mutável. (Felipe, Artes Visuais, maio de 2009).

(...) eu acho que na origem do sistema era porque era necessário [preencher o Currículo Lattes]. Senão você teria prejuízos profissionais. Mas depois, com o tempo, o Lattes já se vão 10 anos, a plataforma Lattes, então a gente acaba compreendendo que há uma cultura de informação. Eu mesmo, como eu digo para você, se eu preencho o meu currículo uma vez por ano, eu acesso currículos dos meu interlocutores várias vezes por semana. Então é quase um hábito. Então hoje eu entendo que não é mais uma questão obrigatória. É uma cultura mesmo, de informação curricular. (Thiago, Artes Visuais, maio de 2009).

Lembre também o seguinte: o fato do Lattes estar sempre atualizado, quer dizer, que as pessoas querem que ele esteja atualizado. Ninguém quer que veja que ele só publicou 30. Não, ele publicou 31! O cara fica preocupado com isso. Olha lá defendeu mas uma tese o aluno dele, vai lá e coloca! (José Roberto Drugowich, Diretor de Assuntos Horizontais do CNPq, abril de 2009).

Um aspecto que merece destaque é o fato de que o fenômeno do Currículo Lattes permeou as relações da comunidade acadêmica, de forma que para "existir" nesta rede de relações é necessário estar cadastrado, mesmo que, entretanto, tal dispositivo não atenda aos sujeitos de todas as áreas, conforme relata um de nossos entrevistados:

O Lattes passou a ser como que uma carteira de identidade acadêmica. Mas ela é usada como ainda ela é fortemente calcada, talvez por ser também uma grande maioria, como uma base de dados para um tipo de produção, porque ela é muito versada e de alguma maneira ela foi concebida para um tipo de produção bibliográfica. Digamos que a estrutura principal dela é assim. Então, se você tem uma produção que fuja destes tipos de parâmetros como a produção artística, aí ficam pontos que não são esclarecidos. (Felipe, Artes Visuais, maio de 2009).

Se você não preencher você não consegue entrar em nada no meio acadêmico, não consegue pedir bolsa, nem nada. Então você vai sentindo. Mas eu já acho mais interessante porque você o tem até em cartão de visita, você coloca o seu endereço e coloca "acesso ao Lattes, dia tal, número". Então é legal porque você fica com um banco de dados seus e qualquer coisa e qualquer pessoa pode acessar. (Fabiana, Artes Visuais-Design, maio de 2009).

Por meio dos relatos apresentados identificamos aspectos relacionados também à disciplina, obtida, nesse caso, por meio dos mecanismos de controle. Dentre eles, temos o exame ou avaliação. Nesse sentido, o Currículo Lattes pode ser utilizado para esta prática, conforme se verifica na conduta dos pesquisadores entrevistados.

É válido considerarmos que num contexto acadêmico existem avaliações que são próprias das práticas institucionais educacionais. Todavia, buscamos refletir em que medida um dispositivo tecnológico como o Currículo Lattes - que se traduz em um formulário para registro de dados - pode avaliar, de forma qualitativa a produção de pesquisadores e profissionais da área de Arte, sobretudo, em função da natureza de sua especificidade. Michel Foucault (2008a) pontuava que o exame se apresenta como estratégia do controle disciplinar, que associamos ao Currículo Lattes como expressão da relação poder-saber na medida em que:

(...) o exame está no centro dos processos que constituem o indivíduo como efeito e objeto de poder, como efeito e objeto de saber. É ele que, combinando vigilância hierárquica e sanção normalizadora, realiza as grandes funções disciplinares de repartição e classificação, de extração máxima das forças e do tempo, de acumulação genética contínua, de composição ótima das aptidões. Portanto, a fabricação da individualidade celular, orgânica, genética e combinatória. Com ele se ritualizam aquelas disciplinas que se pode caracterizar com uma palavra dizendo que são uma modalidade de poder para o qual a diferença individual é pertinente. (FOUCAULT, 2008a, p. 160).

Desta forma, o Currículo Lattes se apresenta como uma ferramenta tecnológica de formação de um certo tipo de saber como forma de exercício de poder, associado à idéia de exame, na medida em que é considerado um instrumento de registro de dados

utilizados para avaliação e reconhecimento de desempenho profissional. Destaca-se como aspecto relevante a questão da produtividade acadêmica *versus* produção artística, que se coloca por vezes como dicotômicas – embora não o sejam – principalmente em virtude das exigências de uma demanda de produtividade que identifique os agentes da área de Artes em campo de igualdade em relação às demais áreas do conhecimento acadêmico. No relato de Joana é possível identificarmos alguns aspectos pertinentes à essas relações e, como num primeiro momento a Área de Arte foi inserida neste processo de produção de conhecimento pautado em dados quantitativos:

No começo era muito difícil e muita gente não conseguia. E o Lattes era, nas primeiras versões, muito complicado. (...) Era muito irritante. Você perdia os dados. (...) Existiu até lá na Pós-Graduação dois cursos para professores que era para imersão no Lattes para poder explicar os campos. (...) Então, aquilo era para ser um banco de dados, um instrumento para facilitar, para se ter uma visibilidade da produção conhecimento (...) criado como apoio e não como objetivo ele mesmo. Ele como uma produção do conhecimento. E virou um inferno na vida dos professores que não eram da área científica. (...) Porque o que é importante é o conhecimento que vai produzir e não a quantidade. É a qualidade. Porque às vezes como se mede isto num trabalho de cinco anos, não porque você foi relapso, mas porque tem uma complexidade para você chegar aos resultados demora cinco anos e você vê produções menores, menos importantes, de menos qualidade que são mais pontuadas, são pesquisadores de nível A no CNPq (Joana, Poéticas Visuais, março de 2009).

Verificamos durante as entrevistas a movimentação positiva do pesquisador da Área de Arte com relação ao preenchimento de tal formulário eletrônico em busca de atender aos requisitos das instituições a que estão vinculados, mas que, segundo seus próprios relatos, não tem condições de avaliar a produção de conhecimento. Thiago (Artes Visuais, maio de 2009) destaca que para ele a "Plataforma Lattes é um indicador efetivo. Mas ela não deve ser o único instrumento de avaliação e legitimação de pesquisa em Arte". Tal fala se dá em função de diversos aspectos que área de Arte contribui para a academia no que tange a criatividade, sensibilidade e outras formas de manifestação, da diversidade de linguagens que circulam em um ambiente diverso de estatísticas e dados puramente quantitativos. Além disso, conforme os trechos que destacaremos a seguir, o sistema apresenta falhas no que se refere à validação dos dados inseridos, bem como está impossibilitado de realizar uma avaliação qualitativa, fundamental para a produção autêntica do conhecimento científico:

Avaliar pode, com eficiência eu tenho dúvida porque não precisa comprovar. (...) É difícil haver um sistema que checasse os comprovantes, embora os comprovantes também pudessem ser falsificados. (...) Não é como quando a gente vai prestar um concurso que precisa ter todos os comprovantes lá para provar em anexo. Lá no Lattes não, tem um item, você põe o que você quiser (...). Não dá para pegar o Lattes e pontuar por ele. Dá para buscar uma referência, mas para uma conferência mais sistemática vão pedir os comprovantes de tudo isso. (Pedro, Arte & Tecnologia, maio de 2009).

De certa forma, nenhum campo do conhecimento no Currículo Lattes estará ok, porque eu posso ter um vice-versa. Posso ter um livro hoje que vai ser um "boom", que vai vender para caramba na área de Arte & Tecnologia e que vai ter um impacto muito grande, mas que vai envelhecer muito rápido. Porque as tecnologias envelhecem muito rápido e daqui a um pouco esse livro não serve para nada. Então, de fato, eu acho que o Currículo Lattes não serve para avaliar nada de nada de nenhuma área de conhecimento, porque você tem o longo prazo, você tem o curto prazo, você tem uma modificação de paradigma. (...) aí não tem Currículo Lattes nenhum que vai dizer a repercussão que aquela produção terá. (Madalena, Arte & Tecnologia, maio de 2009).

O Lattes não é uma plataforma que faz uma avaliação qualitativa do trabalho, não tem como ser. Talvez tivesse como ser, mas dentro dos critérios de quem elaborou, de quem descreve e de quem conforma, a cabeça é uma cabeça de estatística. Não é de estatística qualitativa, não, é quantitativa. Ele não tem este caráter. (Joana, Poéticas Visuais, março de 2009).

É relevante destacar que o Currículo Lattes, em sua origem foi criado como um banco de dados para avaliar a produção de candidatos à bolsas do CNPq e que sua utilização, ao longo de 10 anos, tornou-o instrumento principal de avaliação das produções acadêmicas e científicas utilizado por diversas instituições de ensino, incluindo universidades e institutos de pesquisa. Neste sentido, o relato de Thiago, nos auxilia na compreensão de aspectos relacionados à forma como esse instrumento é utilizado junto à comunidade acadêmica. Este evidencia a prática de uma cultura de produtividade de conhecimento numérica para compor os quesitos pautados em índices de crescimento e eficácia produtiva. Neste caso, mais condizentes com a situação econômica e política da sociedade contemporânea que tem influenciado os sistemas acadêmicos em termos de avaliação da produtividade:

Na verdade eu diria que o Currículo Lattes não é um sistema avaliador. Ele é um sistema de registro de produções. Agora, quem vai fazer a avaliação, por exemplo, no caso da pós-graduação, são as Áreas do conhecimento. Então, nesse aspecto, nem todas as áreas conseguem

avaliar de forma justa a produção artística porque se aquilo não tem PCN (Parâmetros Curriculares Nacionais) não entra no ranking. Então isto não é justo. Agora, isso não é culpa do Lattes, da plataforma. É culpa da leitura numérica que se faz desse aplicativo, desta plataforma. (Thiago, Artes Visuais, maio de 2009).

Neste sentido, outro exemplo, é o relato de André, ao dispor questões relacionadas ao tipo de avaliação, principalmente quando se trata do Currículo Lattes, como forma de obter o rendimento de um pesquisador:

Não acredito justo obter o rendimento de um pesquisador (...) Ele [o Currículo Lattes] pode apontar uma justa apreciação dos trabalhos, mas a questão não é o currículo em si. A questão é a Comissão que vai avaliar o currículo (...) a pessoa que for avaliar o Currículo Lattes de um determinado candidato é que terá que ter uma postura mais eclética porque o currículo tende a vasculhar tudo o que você fez. Ele tem um índice que registra tudo o que você faz. Agora, se ele é justo ou não eu acho que não é tanto dele. Eu acho que é mais de quem o lê. (André, Artes Cênicas e Literatura, maio de 2009).

Trata-se de um retrato que podemos comprovar em nossa contemporaneidade, que acarreta sérias conseqüências e, de certo modo, que vem ao encontro de nossa abordagem quando destaca a utilização de uma tecnologia para o controle e a disciplina, que por sua vez, tem como objetivo tornar os corpos dóceis e úteis. Ao abordarmos a temática da disciplina, os relatos demonstram que, segundo a teoria de Michel Foucault em *Vigiar e Punir*, esta funciona como uma rede, atuando como um "dispositivo, um mecanismo, um instrumento de poder" (Machado, 2008, p. XVII). Desta forma, esses mecanismos se apresentam como técnicas do exercício do poder buscando obter resultados em sua singularidade que é acompanhada de uma transformação da conduta dos indivíduos.

Esse posicionamento pode ser apreendido a partir da fala de um dos entrevistados que afirma:

A disciplina pode se encaixar nesse contexto. A disciplina para que você se discipline para entrar nesse sistema de pesquisa, de registro de produção. (...) Não é que a gente precisa produzir mais, mas o maior problema que eu vejo é a preocupação em registrar. Então se a área começa a se disciplinar, a encarar esse sistema como parâmetro, essa disciplina vai ajudar. (...) Eu pertencço a essa geração que fez pós-graduação e que vai se adaptando a esse novo contexto mas tem ainda uma resistência, uma aversão da própria área por causa dessa burocracia toda. (Pedro, Arte & Tecnologia, maio de 2009).



Michel Foucault (2008b) aponta que o poder age entre os indivíduos de forma capilar e este se torna facilitador para a ação das instituições na medida em que direciona e sugere os comportamentos e ações dos indivíduos da sociedade de forma sutil e ininterrupta, atuando como um dispositivo, um mecanismo ou ainda, um instrumento de poder. Em nossa pesquisa, pudemos identificar nos relatos dos entrevistados essa idéia do poder como mecanismo disciplinar que penetrou na sociedade, por meio do Currículo Lattes, como forma sutil de disciplinar os registros das pessoas que participam da comunidade acadêmica:

É obrigatório [o preenchimento do Currículo Lattes, mas eu também acho que é correto você ter esses dados atualizados porque é um órgão, uma fonte de consulta de todo o meio acadêmico. Não é só no Mackenzie, USP, Unicamp, é todo o pessoal, inclusive de outros lugares como Rio ou Brasília. (...) O Lattes é uma referência nacional para qualquer docente, para qualquer atividade desse nível, principalmente para a Pós-Graduação. Eu acho ele fundamental como acesso à informação (Isabel, Poéticas Visuais, abril de 2009).

Todo o resto é um registro do passado. Isto é uma questão enfadonha porque eu já fiz isso. Mas eu tenho que oferecer o registro; E não tem, digamos, qualquer viagem entusiasmo de falar "oba, vou preencher isto aqui". O bacana mesmo é de você fazer a coisa, é publicar, fazer uma exposição, oferecer um parecer técnico para alguma revista ou alguma agência, isto é bacana da ação de pesquisa de docência. O registro é aquilo que você está trabalhando a partir do que já fez. (Thiago, Artes Visuais, maio de 2009).

Porque ele [o Currículo Lattes] se tornou o meu oficial. Eu sei que vou ter de entregar. Então, exigência com certeza faz parte desta necessidade. Mas ao mesmo tempo você já entra, já tem o oficial e você faz aquilo. Tem uma pasta lá que eu vou guardando os documentos de cada ano. Mas o fato de já ter ali, isto tem sido feito mais recentemente, antes não era assim. (Marcela, Artes Visuais, maio de 2009).

Vale ressaltar que na análise podemos associar tais relatos à abordagem de Michel Foucault ao destacarmos a temática do controle disciplinar, uma vez que esse é entendido como uma técnica que atua diretamente sobre os indivíduos, buscando o seu *esquadrinhamento*. Desta forma, como abordamos no capítulo 1, o indivíduo é condicionado, a partir do treinamento, para operar com melhor eficácia o que gera também novos saberes. Essa técnica é concebida como uma categorização e classificação que é, contudo, considerada na sociedade moderna como positivas, geradoras de saberes.

A preocupação em registrar os dados demonstram a eficácia desse poder agindo sobre os pesquisadores da área de arte.

Identificamos ainda que esta nova tecnologia permite que os sujeitos sejam ajustados se nos debruçarmos sobre o fato de que o mecanismo tecnológico disponível no Currículo Lattes é alimentado, ou seja atualizado, pelos próprios participantes desta rede de relações, o que pode nos indicar aspectos da visão de "docilidade e utilidade" dos corpos apontados por Michel Foucault (2008a). O relato a seguir nos fornece subsídios para sustentar tal afirmação, uma vez que consideramos que o dispositivo tecnológico funciona em função da movimentação da liberdade dos agentes humanos:

(...) nesse sentido, é você que está pondo os dados. Embora eu tenha todas essas falhas, você está oficializando algumas coisas que você faz. Então, acho que nesse sentido você está se colocando à mostra. (...) isso está no sistema implantado na nossa sociedade. Não é só no Currículo Lattes, é em tudo. É mais um lugar que a gente está lá visível. (...) O mundo hoje tem essa perspicácia, tem esse jeito de agir. (Marcela, Artes Visuais, maio de 2009).

Essa relação de disciplina gera que o poder exercido por meio das redes capilares torna o indivíduo partícipe desta rede, bem como esteja a ela condicionado. Michel Foucault (2008a) aponta que as técnicas disciplinares utilizadas para a realização de tarefas os tornam *dóceis e úteis* - no caso de nosso objeto de estudo- para o bom adestramento das produções acadêmicas, aprisionadas por mecanismos de registros dispostos em um formulário eletrônico, sendo utilizado ainda como dispositivo para a vigilância e controle dos pares em âmbito acadêmico. Podemos exemplificar por meio do relato abaixo:

Controle sempre há. O objetivo é esse mesmo. Ler o seu currículo para saber se você reúne condições para um determinado objetivo. (...) Você está pensando também no sentido de que o Estado esteja olhando e entrando na nossa vida daquele olho de *panopticon*? Do olho que vê tudo? Não vejo problema nisso. (...) É bom que o governo saiba quem está produzindo melhor, que o Ministério da Educação saiba até melhor do que sabe quem está produzindo ou não. (...) Acho que é bom. Eu penso positivamente, não como um elemento nocivo, prejudicial ou uma arma. (André, Artes Cênicas e Literatura, maio de 2009).

(...) ele [o Currículo Lattes] serve também como controle, sem dúvida. E a avaliação docente acaba passando por este controle. (...) eu acho que tem aspectos positivos e os aspectos negativos seriam a questão de um controle inadequado, uma outra intenção. (...) a informática abre esta possibilidade. (Maria, Artes Visuais, março de 2009).

Outro aspecto relevante é a relação do pesquisador com o Currículo Lattes como forma de disciplina e controle entre instituições e os próprios pesquisadores:

Controle, punição! Se você não está no Lattes, não preenche, não vai receber. (...) Outro dia, o coordenador da minha pós-graduação me disse: "faz dois ou três anos que você não publica nada. Eu não sei não. Acho que vou ter que te tirar do quadro de professora regular de pós-graduação e te passar como colaboradora. Eu sei o que você está fazendo porque eu acompanho e leio o seu Lattes." Tipo assim, como ameaça. (...) Então, se você não põe, se não usa o Lattes, que não é uma boa plataforma, que não são bons indicadores para a nossa área, você não vai ganhar bolsa, (...) só vai conseguir dar aula. (...) Então ele é um instrumento de vigilância, de controle e de punição também. Para mim não são ruins os objetivos para que o Lattes foi criado. A forma como ele é gerenciado, atualizado, que ele está funcionando é ruim, como ele funciona como um instrumento de controle, vigilância e punição. (Joana, Poéticas Visuais, março de 2009).

Nesse sentido, o relato de Joana descreve aspectos existentes na teoria foucaultiana acerca de uma punição velada que entra no campo da consciência abstrata. É na certeza de que será punido caso não preencha o formulário que os pesquisadores se posicionam de forma a atender aos interesses da instituição. Esse poder, microscópico, que permeia o corpo social e, neste caso, permeia o ambiente acadêmico, produz efeitos sobre os comportamentos dos agentes humanos que pertencem a esta rede de relações na medida em que o Currículo Lattes é utilizado como um instrumento de avaliação da produção docente.

Os trechos analisados nos oferecem uma visão ampla de como os conceitos de Michel Foucault agem, na contemporaneidade, em especial no ambiente acadêmico, particularmente na área de Arte. É possível identificar como as relações de poder, associada à disciplina e vigilância, além de uma vigilância potencializada pelos dispositivos tecnológicos permeiam as relações dos pesquisadores entrevistados. É importante destacar que o formulário eletrônico é utilizado para fortalecer e sustentar uma posição cultural acadêmica pautada numa produção do conhecimento baseada em quesitos quantitativos.

Em nossa investigação foi possível identificar como esse dispositivo tecnológico - enquanto dispositivo de controle e vigilância - pode impor, a partir de interesses e objetivos específicos, uma conduta de professores da Área de Arte frente às exigências de produtividade nas universidades brasileiras. Tais elementos serão aprofundados na categoria de análise a seguir.

## Área de Arte e Sociedade Vigilante

A temática da área de arte e a *Sociedade Vigilante* (Foucault, 2008a) foi recorrente durante as entrevistas, tanto no que se refere às concepções do que seja a área de Arte, seu papel na Universidade, suas possibilidades e dificuldades, como também os aspectos que se referem as questões surgidas a partir da Sociedade Contemporânea que se denomina vigilante e se faz valer por meio dessa vigilância. Essa categoria traz ainda elementos interessantes quanto ao contexto social contemporâneo que nos permitem traçar um paralelo entre o formulário eletrônico Currículo Lattes e a idéia de *Panopticon Virtual*.<sup>21</sup>

Dentre os aspectos apreendidos em nossa investigação consideramos relevante retomar os conceitos apontados por Foucault (2008b) acerca da *microfísica do poder*, entendida enquanto uma tecnologia de poder pautada numa visibilidade vigilante, muito comum em nossa sociedade contemporânea. Ao investigarmos a utilização do Currículo Lattes como ferramenta tecnológica de poder, pudemos apreender que ao longo de sua existência e, por meio de sua penetração de forma *capilar*, numa da rede de relações acadêmicas, impulsionada pelas facilidades tecnológicas, esse instrumento tornou-se referência nacional. Nesse sentido, a relação dos pesquisadores com esse dispositivo demonstrou, ao longo das entrevistas, que se trata de um instrumento de condicionamento e que leva os pesquisadores a uma postura acadêmica não só de responder a pressões do meio acadêmico como, de certa forma, influenciar o direcionamento da própria produção do pesquisador:

Influencia [na produção científica] para você equilibrar a sua produção. Eu não posso só fazer obras, ou só fazer textos, ou só participar de tais tipos de congressos. Eu preciso preencher um pouco de toda essa gama. Então você tem participar de um congresso internacional por ano, é preciso publicar num periódico que tenha *qualis A* ou que tenha reconhecimento na área. Eu preciso participar de tais congressos que para a minha área são básicos, mas eu preciso também produzir uma obra de arte, eu preciso orientar "tantos" alunos na graduação, na pós-graduação, no lato sensu, iniciação científica. Porque se você quiser fazer um concurso, livre docência, vai ser pedido todas essas coisas. Porque se não tem um requisito, já não pode fazer. Então, você tem abranger a sua produção. (...) Você precisa produzir visando esse esquema todo atendendo todos esses itens para ter produção em todos

---

<sup>21</sup> Conceitos abordados nos capítulos 1 e 2.

eles e não só concentrar em algum item. (Pedro, Arte e Tecnologia, maio de 2009).

É interessante destacar com que tranquilidade o entrevistado Pedro enumera as funções que deve desempenhar, o que nos coloca diante da temática abordada anteriormente quando Machado (2008), ao descrever a *microfísica* do poder de Michel Foucault afirma que o poder produz domínios por meio de uma eficácia produtiva como uma estratégia cheia de positividade, de forma que seja possível "utilizá-los ao máximo, aproveitando suas potencialidades e utilizando um sistema de aperfeiçoamento gradual e contínuo de suas capacidades" (Machado, 2008, p. XVI).

Os relatos de José e Roberto corroboram com esta afirmação e evidenciam mais uma vez a hipótese que levantamos ao iniciar nossa investigação no que tange ao fato danoso que a utilização desse instrumento que - além de influenciar e aprisionar a produção do conhecimento - pode torná-lo refém do próprio dispositivo. Sobre a possibilidade de que o Currículo Lattes pudesse influenciar a produção acadêmica de pesquisadores no sentido de direcionar a produção para atendimento de quesitos do formulário, os entrevistados José e Roberto afirmam que:

Não há a menor dúvida. Mas não só em Artes. Tem construtor de currículos em todos os campos do conhecimento. E isto nossos colegas aqui da área sabem muito bem. Acho que estes critérios existem para restringir esse tipo de coisa. Para o nosso caso, o efeito é oposto. Você permite que gente que não tem realização artística (...) fazendo malabarismo para se encaixar nos parâmetros da pesquisa científica, em encaminhamento de projetos, consegue construir currículos, vantagens pessoais, viagens (...). Isto permite criar, digamos, uma cortina de fumaça que é através da formalização acadêmica deixando de expor e focar o trabalho artístico. (...) Tem muita gente que só faz o que pode ser justificado. (...) Isso pode levar a um conformismo típico dos nossos tempos, aliás, junto com esse imediatismo e essa inevitabilidade de certas funções que se acentuou a partir dos anos 80 e que nós estamos colhendo os frutos agora com essa crise econômica. (José, Arte & Tecnologia, abril de 2009).

Toda a questão que é só quantitativa, ela vai levar a isso. Não tem jeito. E tem mais. Você pode ver distorções profundas, pessoas que em torno dessa idéia, por exemplo, fiquem tanto tempo dedicados ao cumprimento dessas regras, dessas balizas, do preenchimento desses campos todos. (...) Não acho justo porque você estaria criando (...) armas àqueles que querem cumprir tabelas, àqueles que querem fazer carreira. Agora, se a universidade vai se tornar um lugar para isto, não acho que ela vai ser um bom lugar no futuro. (Roberto, Artes Visuais-Gravura, abril de 2009).

Um aspecto que merece destaque é o fato de que o Currículo Lattes enquanto dispositivo de controle e vigilância influencia - ainda que de forma discreta e invisível - na produção acadêmica funcionando como o *Panopticon Virtual* da contemporaneidade. Foucault (2008) postulou em suas teorias que para a utilização de técnicas disciplinares exercidas estrategicamente sobre os agentes humanos é necessária uma classificação, uma divisão, em que são determinados os padrões normais que nortearão a conduta desses agentes. Deste modo, para exercer tais técnicas pelas quais o poder exerce sua individualização, o *panopticon* surge como uma máquina de inspeção constante. Os agentes humanos são classificados, divididos em função de quesitos que visam tornar geral, de forma que,

(...) seu panoptismo difundido em toda parte faz funcionar, ao arpejo do direito, uma maquinaria ao mesmo tempo imensa e minúscula que sustenta, reforça, multiplica a assimetria dos poderes e torna vão os limites que lhe foram traçados. (FOUCAULT, 2008a, p. 184).

Ao assemelharmos a figura do Currículo Lattes com a idéia de *Panopticon* apontados por Michel Foucault (2008), identificamos as características desta prisão - agora em âmbito *virtual* - de professores e pesquisadores relacionados aos ambientes acadêmicos nacionais. É interessante destacar que a sociedade contemporânea, concebida como *Sociedade Vigilante*, cujo tema abordamos anteriormente, é na contemporaneidade regido por estas relações de poder. Estes, impulsionados pelos avanços tecnológicos permitiu uma *visibilidade desejada* por todos que pode ser observada no relato de nosso entrevistado acerca do formulário eletrônico:

O que é legal no Lattes é sim essa questão. É visibilidade sim. Mas deu essa visibilidade e tem aquele espaço que é importante também onde o cara escreve quando quer, aonde ele diz quais são os pontos fortes dele. (...) eu acho que essa visibilidade que o Lattes traz é importante porque você começa a procurar as pessoas que você tem interesse. Ele traz essa visibilidade e é o lugar onde você vai procurar. Acho que isso sim implica e força a pessoa do lado de lá a deixar as informações atualizadas também. (Felipe, Artes Visuais, maio de 2009).

Cabe ressaltar- a partir das concepções abordadas anteriormente - que ao assemelharmos o Currículo Lattes ao *Panopticon*, identificamos uma concepção corretiva apontadas por Foucault (2008a), na medida em que esse instrumento tecnológico,

concebido por meio da visibilidade, também possui características de punição, evidenciadas no relato a seguir:

(...) chega o momento que também acontece, que é a pessoa que sai fora de circulação ou o cara está fora (...) E aí o Currículo Lattes, depois de um certo limite sai fora do dar. Vai procurar e ele não está mais aí, porque? Porque ele não atualizou. Então ele é tirado do ar. Ele não atualizou por "n" razões (...). (Felipe, Artes Visuais, maio de 2009).

Desta forma, o pesquisador fica condicionado, de maneira discreta, a estar sempre em processo de atualização do formulário para continuar a existir nessa rede de relacionamentos. É possível perceber como esta relação está presente não somente no dispositivo tecnológico, mas em toda a comunidade acadêmica e instituições que se utilizam desse instrumento segundo seus interesses e objetivos. Podemos exemplificar mais detalhadamente por meio do relato a seguir:

(...) é um retrato sim. Quer dizer, é um retrato da academia. Se eu procuro uma pessoa e ela não está no Lattes, alguma coisa está acontecendo. É uma coisa esquisita. Ou ela não está no mundo acadêmico ou ela não tem interesse nesse tipo de coisa. (...) Todo mundo é obrigado a manter o Lattes atualizado. (...) Muitos professores não mantêm. Principalmente na área de Artes, os mais antigos ainda não mantêm. (...) O problema é a dificuldade com o próprio computador. Mas por incrível que pareça são as antigas gerações. Com as novas gerações esse problema não existe. (Felipe, Artes Visuais, maio de 2009).

O relato de Felipe revela as características relacionadas ao bom adestramento e da utilização da disciplina como processo disciplinar dissipado no meio acadêmico, impulsionado pelas facilidades das novas tecnologias. No que tange à adesão dos sujeitos à plataforma, o relato indica uma mudança no comportamento dos agentes humanos, principalmente com relação às chamadas "novas gerações" que já incorporaram a cultura do Currículo Lattes como forma de pertencer à comunidade acadêmica. Segundo nosso entrevistado, isso se dá em função de um fator relevante: a intimidade com as novas tecnologias permite uma certa facilidade em lidar com dispositivos tecnológicos. Podemos também adicionar a este contexto, a realidade social vivida na contemporaneidade em que esses mecanismos de controle e vigilância fazem parte da vida cotidiana, uma vez que atendem de forma eficaz a interesses políticos, econômicos, governamentais e institucionais na medida em que facilita a identificação, o registro de o controle dos sujeitos.

Basta clicar no Google, pedir meu nome, eu tenho ali toda a minha ficha policial, minha vida pregressa. É assustador. Ele é um instrumento da sociedade de controle. (...) a Plataforma Lattes (...) pode ser sim no sentido talvez menos imediato, menos evidente. É engraçado porque a gente se sente exposto e sentir-se exposto ao mesmo tempo que pode ter uma função narcísea, de prazer, o sentir-se exposto pode também ter uma função inibidora. (...) Eu acho que a Plataforma Lattes em si não é nem inibidora e nem narcísea. Mas ela é um instrumento próprio de uma sociedade e de uma era que se define e funciona como uma sociedade do controle. (Francisca, Artes Cênicas, maio de 2009).

No caso específico do Currículo Lattes, podemos afirmar, parafraseando Michel Foucault, que se trata de uma máquina maravilhosa, que a partir dos desejos mais diversos, fabrica efeitos homogêneos de poder. (2008a, p. 167). Nesse sentido, vale ressaltar como esse dispositivo tecnológico se assemelha ao modelo de *Panopticon* que, potencializado pela tecnologia virtual torna-se uma forma de exercício de poder prisional inconsciente, na medida em que os agentes cadastrados no banco de dados estão em vigilância permanente de instituições e de seus pares, com características que se assemelham à definição apresentada pelo autor:

E para se exercer, esse poder deve adquirir o instrumento para uma vigilância permanente, exaustiva, onipresente, capaz de tornar tudo visível, mas com a condição de ser ela mesma invisível. Deve ser como um olhar sem rosto que transforme todo o corpo social em um campo de percepção: milhares de olhos postados em toda parte, atenções móveis e sempre alerta, uma longa rede hierarquizada. (...) Essa incessante observação deve acumular uma série de relatórios e registros. (FOUCAULT, 2008a, p. 176).

E até auto vigilância. (...) Eu acho que funciona sim como vigilância entre os próprios professores, tipo o que o outro está fazendo, até porque está aqui, os meus superiores podem olhar a hora que quiserem para ver se estou produzindo ou não estou produzindo. (...) Eu acho até que deveria ser mais valorizado por isso mesmo. (...) eu acho que nesse sentido ele é uma Plataforma de controle também. (...) mas também não acho isso negativo, controle é controle. Eu fico sabendo da sua vida aquilo que você publicou aqui. Não fico sabendo nada que você não tenha colocado aqui. E eu também coloco o que me interessa. (Fabiana, Artes Visuais -Design, maio de 2009).

A preocupação, por parte dos agentes pertencentes a esta rede de relações quanto à atualização do Currículo é exemplificado pelos relatos de nossos entrevistados com duas opiniões divergentes, a saber: o primeiro se coloca numa posição do que podemos



denominar "prisioneiro inconsciente" e o segundo, numa posição de contra-poder de forma irreverente ao esquema do formulário:

Atualizo [o Currículo Lattes] com muita frequência. Basicamente constantemente, já faço alguma coisa para não perder, é claro, uma semana, 10, 15 dias, mas eu atualizo constantemente para ter o negócio atualizado. (Felipe, Artes Visuais, maio de 2009).

É o que acontece com burocracias. É isso. Modelos, modos de agir, modelos para poder contentar o relatório, a plataforma, mas não o que é para fazer. Teve um ano que fiz tantos relatórios, tantos pareceres na faculdade que eu disse: "Está bem. Vocês ficam me dando tantos relatórios e pareceres para eu fazer que a minha próxima exposição vou grudar todos esses trabalhos na parede. Porque eu não tenho mais tempo para estudar, pesquisar, para produzir conhecimento novo. Eu só fico fazendo relatório para atender a burocracia da academia. (...) Esse é um problema que a academia tem que resolver. Precisaria se organizar de um outro jeito, para se fazer avaliação de sua produção. (Joana, Poéticas Visuais, março de 2009).

Desta forma, vale ressaltar que classificar a área de Arte, por sua peculiaridade, torna-se extremamente difícil se considerarmos a multiplicidade de linguagens que envolvem esta área de conhecimento, bem como suas mutações constantes, que compõem sua natureza. Temos, pois, os relatos nossos entrevistados que demonstra mais uma vez a dificuldade em "classificar" a área de Arte em critérios relacionados à produção científica que reduz esta área em função do ajuste que o Currículo Lattes enquanto tecnologia de poder.

Outra bagunça que existe no meu entender é se Arte é Ciência ou é tecnologia? Porque tecnologia também não é Ciência. Mas eu não uso Ciência? Óbvio que eu uso. Essa é a grande história. Mesmo em Arte. Eu trabalho com Arte e Tecnologia. É óbvio que eu uso tecnologia. É óbvio que eu uso Ciência também. Mas isso não é Ciência e nem tecnologia. Isso é Arte. Que a questão que você pode falar para os próprios tecnólogos: isso é Ciência? Muitos deles vão dizer: não. Isso não é Ciência. Isso aqui é tecnologia. Por isso nós [os artistas] somos dos campos das Ciências e qualquer coisa. (...) O que é pesquisa em Arte então? Pesquisa em Arte é outro tipo de envolvimento, assim como na relação entre Ciência e tecnologia. (Felipe, Artes Visuais, maio de 2009).

A grande diferença que existe entre a questão da Ciência e da tecnologia e da Arte é que a Ciência e a tecnologia buscam a sistematização e a repetibilidade. Porque? Porque uns cientistas fazem um experimento aqui e outros tem que repetir lá e assim por diante. A Arte busca uma coerência interna, mas não necessariamente ela é repetível e não necessariamente ela é sistematização porque ela trabalha num universo

que se fecha nela mesma. Que se fecha nela mesma, mas abre a nossa reflexão no mundo para os outros. (Felipe, Artes Visuais, maio de 2009).

Toda aquela procura de pigmento, etc., como é que vai fazer aquilo, como consigo, como eu não consigo, como aquilo se explica, como aquilo se estabelece, e a busca da linguagem? Esse é o grande problema. Então não é a busca do fenômeno em si. Se meu sensor que faço em uma instalação, se ele vai funcionar ou não. Claro que ele tem que funcionar. Mas o problema que eu estou buscando é uma linguagem, é um diálogo, uma busca de interface do mundo com coisas que são feitas aí, interfaces do nosso populário que devia ser pensado e repensado por designer, que são campos específicos, que sabem mais dessa relação de interface. Todos nós usamos máquinas, todos os cientistas. (...) As Artes, de alguma forma, é esse inconformismo do que está sendo apresentado. (Felipe, Artes Visuais, maio de 2009) .

(...) qualquer desenho de qualquer interface ela é socialmente trabalhada. Isso é o retrato do nosso Currículo Lattes. Parte disso é responsabilidade da área e talvez a maior parte realmente depende da área porque as antigas gerações que são as que trabalhavam com as maneiras mas clássicas de Arte (...) não tinham essa inserção universitária que vem tendo hoje graças à Pós-Graduação. (...) A Arte, embora seja antiga pra burro, talvez tenha um dos campos mais antigos, mas tinha aquela coisa... ela ficava em outro campo do conhecimento e fazia parte junto com a arquitetura, artes visuais e pesquisa em Belas Artes. (...) Tivemos o crescimento universitário, a revolta estudantil dos anos 60 que colocou todo mundo igual. (...) Porque o cara que vai fazer engenharia é mais importante que o cara que faz Artes, do outro que faz Medicina, daquele que faz Física ou Biologia ou faz Educação Física? Se você coloca tudo muito assim, vai ter uma hora que trabalhar com isso. (Felipe, Artes Visuais, maio de 2009).

Na Arte, enquanto você não dá a última pincelada se for uma pintura, enquanto você não coloca o último objeto se for uma instalação, ou faz o último acerto se for um vídeo ou coisa desse tipo, você não tem nada. É zero. Todo aquele trabalho que você fizer - por exemplo - , numa poesia, se você não põe a última pontuação ou as últimas palavras, a poesia não é nada. (...) O que acontece: não dá para publicar os resultados parciais porque ele não é nada. Porque ele tem que ficar em andamento. (Joana, Poéticas Visuais, março de 2009).

Os trechos analisados demonstram de forma bastante pertinente a relação da sociedade contemporânea, denominada sociedade vigilante de forma que tais dispositivos tecnológicos fazem parte do cotidiano. Esta tendência faz parte de uma sociedade permeada pelas relações de poder, com características políticas, econômicas de cunho internacional, cujos interesses são atendidos e que, de forma sutil, já fazem parte da vida dos indivíduos, no sentido que, não só aceitam tais controles e de classificação, como

defendem sua existência e os resultados que se podem obter a partir desses mecanismos junto à sociedade contemporânea.

(...) [o Currículo Lattes] como ele tem acesso, todo mundo tem. (...) eu acho que a informática de uma maneira geral abre esta questão. Você vê isto pelo jornal, hacker, gente que entra no sistema, pirataria. (...) Então eu acho que a questão da informática - eu acredito nisto - tem um aspecto de controle. A gente percebe que isto cada vez mais acontece. O próprio email, mas não só ele, mas todos os trabalhos são colocados no computador, de uma maneira geral, acabam tendo outra face. (Maria, Artes Visuais, março de 2009).

(...) nós somos vigiados o tempo inteiro, nota fiscal paulista, tem o Imposto de renda, se vai abrir conta no banco tem que levar o seu holerite. Quer dizer, todas as malhas sociais são um símbolo da vigilância, tem o prédio, tem a câmera, tem tudo. É uma coisa meio escancarada. (...) Pensa no Google: você vai e põe seu nome e sua imagem, pelo menos sairiam umas pessoas que estariam num blog onde estão também. Está lá e quem não conhece não sabe que sou eu. Estou lá. Está no mundo, está visível. (Marcela, Poéticas Visuais, maio de 2009).

É só a gente comparar, você é muito jovem, mas se a gente comparar, por exemplo, que os instrumentos de vigilância da ditadura militar que estava no poder menos de 30 anos atrás, estes instrumentos de vigilância eram infinitamente menos eficazes do que os instrumentos de vigilância da sociedade altamente informatizada que nós vivemos hoje. (...) ele [o Currículo Lattes] é um sintoma, um instrumento só possível numa sociedade de controle altamente informatizada. Ele facilita e produz o instrumento. (Francisca, Artes Cênicas, maio de 2009).

Dentre os elementos obtidos nesta investigação salientamos a identificação de um diagnóstico típico dos ambientes acadêmicos contemporâneos: a necessidade de uma super produtividade de conhecimento para atender a quesitos relacionados a credenciamentos e reconhecimentos de Cursos de Ensino Superior em nível de Graduação e Pós-Graduação. As instituições de Ensino Superior se utilizam desses mecanismos de controle e vigilância para alcançar os índices de produtividade estabelecidos por Órgãos Superiores como CAPES e CNPq, dentre outros, que tornaram-se referências no cenário educacional e de pesquisas no país.

A análise dos relatos a seguir nos conduz ao cerne de nossa investigação, ou seja, a identificação do Currículo Lattes como um instrumento de vigilância e disciplina, que influencia as pesquisas acadêmicas em função de atendimento do próprio instrumento como apresentamos nos relatos anteriores. A esses aspectos aliamos a criação de um "estado de produtividade" intensivo criado em torno do preenchimento dos quesitos do

formulário eletrônico. É possível identificar como tal cultura da produtividade tem impactos diversos nos pesquisadores da Área de Arte, o que em parte é compreendido em função de sua característica mutável, a qual aprofundamos no início do capítulo. De qualquer maneira, vale ressaltar que, como aponta Foucault (2008b), o poder age de forma que nada ou ninguém escapa de sua ação.

O depoimento de um de nossos entrevistados evidencia o desconforto para os pesquisadores da área, uma vez que o Currículo Lattes é utilizado para avaliar a produção do conhecimento da área.

(...) o Lattes fosse uma espécie de passagem, fosse uma espécie de referência sobre a qual você poderia ter depois acesso às informações mais profundas, mais sérias. Mas não é nem isso. Ele se tornou o fim. Ele se torna o ponto de chegada. Ele se torna uma espécie de juiz, de júri. Aí é que eu acho que ele não está sendo muito importante na hora dessa tabulação de conhecimento. (Roberto, Artes Visuais-Gravura, abril de 2009).

O relato de Francisca exemplifica com detalhamento de que maneira a prática de pressões institucionais visando o aumento da produtividade docente influencia as condições de trabalho das pesquisas que serão desenvolvidas, a saber:

Eu fiz o meu doutorado dando aula, sem bolsa do CNPq e, no entanto, eu tinha que obedecer aos critérios e prazos impostos aos bolsistas, porque senão isso atrasaria o cronograma do programa de bolsas da instituição perante o CNPq. (...) pune em si os justos no lugar dos pecadores (...) meu registro de pesquisa era inteiramente outro e (...) eu tinha um prazo de seis anos. Não que eu desejasse usar este prazo, mas eu não tinha o direito prático de usar este prazo. (...) Mas o CNPq transformava o Programa o tempo inteiro. Porque eu tinha que ser pressionada da mesma maneira que os bolsistas? (...) Tem um nivelamento que ignora as condições específicas de um pesquisador que é quantitativa, que julga os programas, que pontua os programas segundo critérios onde atividades e coisas de natureza diferenciadas são homogeneizadas. Isso pressiona demais o pesquisador. (Francisca, Artes Cênicas, maio de 2009).

Vale destacar como a relação cobrança de produtividade dos pesquisadores causa um movimento frenético para produzir e publicar, em função das exigências como é evidenciado nos relatos a seguir:

O que eu sei é que existe uma cobrança lá no relatório que a gente tem que fazer a cada três anos, existe às vezes cobrança de produção de

textos, de livros com mais ênfase. Uma outra questão que eu levantaria , por exemplo, em 2007 eu terminei um texto, uma publicação, quer dizer texto sobre uma pesquisa sobre livros biotécnicos que eu desenvolvo (...) mas que ainda não está publicado. (...) Isto não significa que você não escreveu, que você não pesquisou, ele só não está publicado. (...) Eu levei na Edusp e talvez eu tenha que batalhar outras editoras. Então o texto existe, mas ao mesmo tempo não consta porque ainda não tem a publicação. Os textos, as publicações de Arte sempre envolvem imagens e isto, por exemplo, encarece a publicação. (Maria, Artes Visuais, março de 2009).

O problema é quando um avaliador que está julgando meu projeto de pesquisa para um editorial. Ele puxa meu Lattes e olha lá: últimos cinco anos de publicação = zero. Ele não vai procurar no Lattes e encontrar alguma coisa legal. Olha, ela fez isso ou aquilo ali. (...) Ele vai naqueles campos. Ele não vai lá onde tem texto, tem técnica, onde pode ter alguma coisa importante. (...) Mas como as pessoas que avaliam não buscam em todos os campos que tem lá, não pensam que as pessoas possam pensar com a própria cabeça e não reagirem como rebanho, mandam colocar obras de arte aqui então ele coloca. (Joana, Poéticas Visuais, março de 2009).

E tem estas questões de avaliação, por exemplo, de revistas que se chamam *qualis*, as que são consideradas *qualis*, revistas que tem pontuação maior que outras, isto para quem, vamos dizer, com mais periodicidade escreve, publica, isto começa a fazer parte. Mas a gente também tem que produzir imagens e ao mesmo tempo começar a pensar em conteúdos, realizar publicações e acaba não dando tempo de ficar pesquisando qual revista é *qualis* e qual não é. Então você acaba encaminhando para revistas da própria universidade. (...) Na área científica isto já existe com uma frequência normal. Na área de produção artística, talvez menos. Eu tenho colegas, por exemplo, que produzem bastantes textos, publicam, mas não tem uma produção do mesmo porte em termos de um projeto artístico pessoal. É quase impossível fazer as duas frentes simultaneamente. (...) é esta questão da cobrança dos textos, porque aí você vê no item quantos livros você publicou nos últimos anos. (Maria, Artes Visuais, março de 2009).

Na área de Artes, eu vejo com colegas, às vezes você fica meio dividido. Quer dizer, você começa a se dedicar a esta produção periódica de textos e aí você deixa a produção visual, produção prática meio de lado. É esta sobrecarga de uma área sobre outra. É uma questão que acaba frustrando. É uma questão que as vezes gera conflitos e questões que fazem a gente ficar pensando como poderia ser ajustado isso na própria leitura do Currículo Lattes. Essa seria a reformulação para setores de produção artística. (Maria, Artes Visuais, março de 2009).

Tem hora que o pessoal até fala "vou ter que pegar menos bancas para poder produzir mais textos". Então eu chego à questão: vou me envolver menos com a aula e vou produzir mais textos. Então isto seria correto? Em termos didáticos não, porque eu tenho uma função didática como professora. Como artista eu tenho que produzir. Se eu parar de

produzir eu não só vou me tornar uma pessoa amargurada e frustrada, como não vou ter condições de estimular o desenvolvimento de pesquisa prática entre os alunos. Se eu mesma parei de produzir, como posso exigir de meus alunos? Não dá para desprezar esta área. É a mesma coisa de dizer para um músico que ele deve parar de compor e apenas escrever. Ele vai parar de produzir obras. (Maria, Artes Visuais, março de 2009).

A situação de competitividade instalada entre os pesquisadores é outro aspecto relevante a ser identificado em nossa investigação, posto que vai ao encontro das afirmações feitas por Foucault (2008), ao apresentar o *Panopticon*, no qual concebemos o Currículo Lattes como *Panopticon Virtual da contemporaneidade*. Este é identificado como uma tecnologia de poder que utilizará ao máximo as potencialidades dos agentes pertencentes a esta rede. Tal mecanismo, permite ainda que os próprios pares se vigiem e controlem suas produções em função de uma exigência do "mercado acadêmico".

Eu acho que a Plataforma Lattes instituiu uma boa competitividade. Inclusive é comum a gente perceber que já existe instalada na academia, nas universidades brasileiras aquilo que a gente chama de "síndrome do Lattes". Por exemplo, quando alguém te conta que publicou um livro, isto te gera angústia. Entendeu? (...) Mas te gera angústia porque esta pessoa, vamos dizer assim, andou "uma casa". Então isto é preocupante porque você vai ficar para trás. Aí você compra a idéia de que você também tem que produzir um livro para poder andar "aquela casa" e ficar igual aos seus pares, assim por diante. (...) A gente brinca muito entre os pesquisadores que o Currículo Lattes é uma gincana e que já que a gente entrou nessa gincana a gente tem que pontuar. É uma verdade. Hoje em dia muitas pessoas deixam de fazer alguma coisa porque aquilo não pontua e vai fazer de forma infeliz ou mecânica aquilo que pontua. (Thiago, Artes Visuais, maio de 2009).

(...) acho que tem que se criar visões. Visões que já são institucionalizadas de como deve ser uma produção artística. E que às vezes não percebem a produção de uma outra maneira. (...) Isso dialoga um pouco com o Currículo Lattes, entendeu? Acho que quem está na academia acaba tendo também uma postura um pouco pragmática, quer dizer, (...) "vou produzir de tal forma porque esta é a forma que eu vou ser bem avaliada". (Leticia, Artes Cênicas, maio de 2009).

Por outro lado, um aspecto que merece destaque é o fato de que mesmo o poder agindo sobre os agentes humanos na busca de neutralizar as forças do contrapoder, sempre poderá oferecer formas de resistência. Estas, segundo Deleuze (2006):

estão necessariamente numa relação direta com o lado de fora, de onde os diagramas vieram. De modo que um campo social mais resiste do

que cria estratégias, e o pensamento do lado de fora é um pensamento da resistência" (DELEUZE, 2006, p. 96)

Como já afirmamos anteriormente, a Arte, por sua peculiaridade, "caminha na contramão da história" e, nestas condições, devemos destacar que embora o poder busque neutralizar ou homogeneizar as ações dos agentes humanos, em nossa investigação identificamos nos pesquisadores certa tendência a não se enquadrarem nos modelos pré-estabelecidos, que buscam aprisioná-los por meio de um instrumento de grande eficácia que é o Currículo Lattes. Desse modo, encontramos nas falas dos entrevistados elementos que demonstram e comprovam as teorias de Foucault (2008a) sobre a existência de movimentos de resistência em toda a relação de poder.

Essa resistência se apresenta ainda entre os pesquisadores da área de Arte principalmente no cumprimento dos requisitos preenchimento dos campos do Currículo Lattes:

Eu não considero o que eu faço seja reconhecido apenas como "produção artística". Eu vou te dizer o porquê: o que me trouxe à vida acadêmica foi querer entender conceitualmente o que eu produzia. Se eu produzisse artisticamente o que eu sempre produzi, eu estou aqui todos os dias, não precisa ter lei de quanto tempo você deve ficar aqui porque esta é a minha vida, se eu já fosse um artista e eu tinha uma vida, sempre tive ateliê, eu não teria vindo para a vida acadêmica. (...) Eu te pergunto: para que serve uma plataforma institucional voltada para o ensino aprendido e produção científica? É para você conceitualizar. Para você criar um *corpus* do que realmente está pesquisando, para na hora de pedir fomentos o cara avaliar que o pesquisador é importante nesta área. (Lucas, Arte & Tecnologia, março de 2009).

Podemos ainda exemplificar esta relação de contra-poder ao analisarmos os trechos de falas de alguns dos entrevistados a respeito da utilização do Currículo Lattes em ambientes acadêmicos:

(...) eu não tenho nenhum grande interesse em saber exatamente como fazer aquilo por uma razão muito simples: talvez eu não concorde plenamente com as bases. Então, no nosso caso, na área de Artes, por exemplo, a grande maioria das atividades para nós das Artes Visuais as exposições, toda essa atividade de ateliê, de oficina, de construção da obra de arte, não tem onde entrar, a não ser em "outros". Então, a gente tem assim 20% do nosso currículo nas plataformas lá mais habituais e 80% em "outros" Isto já me mostra que alguma coisa está errada, né? (Roberto, Artes Visuais - Gravura, abril de 2009).

Eu produzo o que eu acho que é importante produzir porque são desafios, vamos fazer, vamos atrás. Eu não produzo para ganhar ponto

na universidade nem para preencher meu Lattes nesse sentido. (...) Não vou atrás daquilo que vai me dar ponto. Nunca fiquei fazendo média para ganhar ponto. Estou fazendo um trabalho que eu acho que precisa ser feito e que eu posso contribuir. Mas não vou atrás da revista *qualis*. (...) Eu sinto que há uma pressão muito grande, quem as vezes está mais preso à própria universidade é pior. Eu fiz um caminho fora da universidade que alimenta a universidade. (Marcela, Artes Visuais, maio de 2009).

Se há algum profissional que vai fazer só o que é bom para incluir no Lattes: tem que ter dois livros por ano, etc.... Eu acho que esse não é um bom profissional. Não sei, eu acho o contrário. Você tem que ser sério profissionalmente, desenvolver o seu trabalho, independente de onde vão te classificar, independente de Lattes, de SIPEX, até da direção da sua escola. Eu acho que o seu trabalho tem que ser sério. E aí é claro que você vai colocar os dados que tem dentro dos órgãos, que é o Currículo Lattes, que é o SIPEX, que é o trienal. Agora, fazer o inverso, produzir para incluir no Lattes eu acho que é "forçar", você estaria forçando, se deixando levar... (Isabel, Poéticas Visuais, abril de 2009).

E assim, o pesquisador artista acaba, de alguma forma, vivenciando esta relação de poder em função da realização plena de sua obra. A fala de Thiago demonstra as características da sua ação quando se trata de produzir Arte.

(...) o artista de todo modo é um sujeito que trabalha com algum tipo de independência. Talvez ele não tenha necessidade de uma tutela, de um fomento mais sistematizado. Até porque a gente sabe que numa produção artística se ela pede para parar, ela para mesmo. Já num cronograma de um projeto de engenharia, ele segue. (...) Agora, na produção em arte não. Na produção criativa se você não tem a solução para levar adiante um projeto de quadro, por exemplo, esse projeto para. Não dá para você tomar uma pílula, uma aspirina, e ele continua. O próprio fluxo da inventividade humana, da criatividade humana, ele é diferenciado. (Thiago, Artes Visuais, maio de 2009).

Os relatos dos professores entrevistados puderam fornecer subsídios para identificarmos em nosso objeto de estudo, o Currículo Lattes, as características de uma *microfísica do poder* agindo por meio deste dispositivo dentro de um contexto acadêmico em que tal ferramenta tecnológica é utilizada para avaliar a competência de pesquisadores. Além disso, o formulário – nesse cenário acadêmico - tornou-se referência nacional, a “carteira de identidade acadêmica” e incorporou-se na sociedade contemporânea como instrumento de vigilância das instituições e dos próprios pares. Essa relação nos permite associá-lo ao *Panopticon Virtual*, uma vez que funciona como uma prisão discreta e invisível e, ao mesmo tempo, pautada exclusivamente em uma



visibilidade vigiada, típica dos mecanismos de controle e vigilância da sociedade contemporânea ou sociedade vigilante.

É relevante destacar que os trechos analisados revelaram ainda que esse instrumento é utilizado como mecanismo de controle e que influencia a produção científica de forma que os agentes humanos são utilizados ao máximo de acordo com interesses de produtividade no meio científico. Cabe ainda ressaltar que a mudança na conduta dos sujeitos submetidos a esta rede de relacionamentos se dá em função de pressões de produtividade acadêmica para atendimento de quesitos para o bom funcionamento dos cursos aos quais estão vinculados frente aos órgãos reguladores. Tais fatores corroboram para um movimento de competitividade e de super produtividade que alimenta o próprio sistema, de forma que o pesquisador, em certa medida, torna-se refém do próprio instrumento. Em nossa análise identificamos ainda características de resistência, principalmente em função da grande dificuldade que a Área de Arte tem para se ajustar à moldes e quesitos pré-estabelecidos.

De qualquer maneira, destaca-se que as pressões por uma produtividade quantitativa, medida por pontuação, gera outro movimento relacionado à questões de conduta ética. Aprofundaremos nossa análise sobre esta temática na categoria a seguir.

### **Ética e Relações de Poder**

A ética e as relações de poder estão presentes em diversas entrevistas, principalmente identificados nas falas dos representantes institucionais, que permitiram, em última instância, ampliar nosso horizonte quanto a ações que envolvem as relações de ética e de poder no contexto operacional da base de dados do CNPq. É possível apreender como as questões de poder podem estar relacionadas aos problemas de fraudes por parte de pesquisadores, apontados pela Instituição, bem como são tratados todos os casos de denúncia enviados à instituição.

Nos relatos é possível identificarmos questões relacionadas a conduta ética dos pesquisadores. Dado a existência de um formulário que é utilizado como mecanismo de controle e vigilância das produções acadêmicas e, considerando a fragilidade do sistema, existem muitos casos relacionados a fraudes, principalmente em função da necessidade de atender a índices de produtividade estipulados por Universidades e Institutos a que esses docentes estão relacionados. José (Arte & Tecnologia, maio de 2009) destaca que

"quem quer burlar as coisas sempre acha um jeito. Por mais que se tente fazer uma avaliação rigorosa, não tem jeito de não driblar". Pedro, ao discutir sobre esta temática salienta que:

Você tem que confiar, e a gente sabe de um monte de eventos polêmicos onde as vezes as pessoas colocam coisas que não estão corretas, docentes colocam coisas que fizeram... tem vários casos e histórias que a gente escuta. As vezes eles denunciam ao CNPq e já mandaram email falando do compromisso [ético]. (Pedro, Arte & Tecnologia, maio de 2009).

Essa temática também foi abordada nos jornais e revistas acerca da fragilidade do sistema que permite a inserção de dados sem comprovação prévia, o que causou polêmica em 2009 ao se questionar o Currículo Lattes da ministra chefe da Casa Civil, Dilma Rousseff<sup>22</sup>, em que havia o registro de alguns dados relativos à sua formação acadêmica que não correspondiam à realidade. Pudemos apreender que esse tipo de situação tem ocorrido ao longo dos 10 anos de existência do formulário. Segundo os técnicos do CNPq, em entrevista para o Jornal Folha de São Paulo, de 08 de julho de 2009, o custo de criar uma "polícia do Lattes" é muito caro em relação aos problemas detectados. De acordo com a referida matéria, quem deve coibir as fraudes é o CNPq e a instituição envolvida no caso.

De fato, o que está em jogo é algo que se mostra nas entrelinhas de tais ações, ou seja, porque o pesquisador precisa fraudar dados no formulário Currículo Lattes? Isso freqüentemente ocorre em função de pressões das instituições que consideram a produção científica quantitativamente e por meio de uma ação disciplinadora. Nesse sentido, as instituições exigem registros contínuos dos detalhes de sua vida acadêmica que levam muitas vezes os pesquisadores a fraudarem os registros do Currículo Lattes, a fim de atender aos requisitos desta tecnologia de poder, estritamente vinculada às instituições de ensino e fomento à pesquisa.

Por tratar-se ainda de um dispositivo tecnológico de vigilância, esses casos são descobertos e, na maioria das vezes, segundo Geraldo Sorte, coordenador geral de informática do CNPq em entrevista para o Jornal Folha de São Paulo em 08 de julho de 2009, as denúncias são realizadas pelos próprios pares, ou seja, para ele o mais importante é o "olho vigilante dos outros cientistas" (p. A18). Geraldo Sorte ainda

---

<sup>22</sup> Reportagem: as armas e os varões: a educação política e sustentável de Dilma Rousseff. Revista Piauí, nº 31, p. 22-31.

destaca que "o resultado é que todo mundo está de olho. Basta alguém perceber alguma informação falsa e fazer a denúncia à Comissão Lattes que se abre um processo". (p.A18). Temos assim, mais uma oportunidade de associar o Currículo Lattes com a idéia de *Panopticon* Virtual – construída a partir da idéia de *Panopticon* de Foucault – quando o concebemos enquanto um mecanismo de observação e de aprisionamento das produções científicas e acadêmicas de pesquisadores em geral, mas particularmente evidenciado na Área de Artes.

Assim, podemos identificar que as fraudes ocorrem de diversas maneiras e, de acordo o Prof. José Roberto Passetto, Presidente da Comissão do Currículo Lattes,

(...) as denúncias são feitas pelos pares. A maioria são pelos pares. Há pouco tempo, foi feita uma denúncia que determinado pesquisador dizia que era professor titular de uma universidade estadual paulista aqui, quer dizer, na realidade ele era doutor, depois ele dizia no currículo que tinha uma série de publicações, que ele era co-autor, e mostraram que aquilo tudo era mentira. (...) Outra coisa que é muito comum nesse tipo de denúncia de trabalho inexistentes, os pares mandam essa daí. (...) Outra coisa é o indivíduo dizer que ele é doutor, fez o doutorado e não fez. (...) Outra coisa que existe também em termos de denúncias é dos Comitês Assessores. (José Roberto Passetto, Presidente da Comissão do Currículo Lattes, abril de 2009).

Em relação à estrutura pertinente à apuração de denúncias e fiscalização em relação a fraudes, Passetto destaca em sua fala que a Comissão do Currículo Lattes é composta por três representantes da comunidade científica, a saber, além do presidente: um pesquisador da área de saúde, uma da área de biológica (presidente) e um da área de exatas e um pesquisador da área de humanas. A eles acrescentam-se um representante da auditoria do CNPq e dois funcionários que trabalham com os comitês assessores e um representante da área de informática. Dentre as funções da Comissão, destacam-se a análise dos pleitos de sugestões de mudanças e aprimoramento do formulário e a outra função é a de examinar as denúncias de fraude que chegam ao CNPq. Ele afirma que:

Existem numerosas denúncias de fraudes no Currículo Lattes, informações que não são verdadeiras. (...) então esse material chega para a Comissão, ela passa para a auditoria do CNPq, essa auditoria manda, forma um processo, manda isso para o denunciado, o denunciado se explica. Se for uma explicação razoável a gente aceita (...) e se você tiver convencido de que aquilo é uma fraude, o Currículo Lattes desse pesquisador é retirado do sistema. (...) se ele tiver algum benefício decorrente dessa falsificação ele é obrigado a devolver o

benefício e eventualmente nós comunicamos a direção da instituição desse fato. (José Roberto Passetto, Presidente da Comissão do Currículo Lattes, abril de 2009).

Verificamos que os casos de fraude ocorrem com grande frequência, pois como acrescenta José Roberto Passetto, "o indivíduo tem ânsia de melhorar o currículo ele coloca não inverdades, mas semi-verdades". Tais fatos são reflexo da situação acadêmica no Brasil de exigência de produtividade que foi disseminada em todo o contexto universitário do país. O Presidente da Comissão ressalta que:

(...) No Brasil está cada vez mais se adotando aquela filosofia americana Publish or Perge "publica-se ou morra", então isso aqui [na universidade] está sendo cobrado, mas está sendo cobrado aqui, se você vai prestar um concurso para livre docência, um concurso para titular ou concurso para ingresso na carreira, a produção científica vale muito... então o indivíduo é induzido a publicar. Aí é que entra a criatividade: ou ele inventa trabalho completo ou resumo. então ele tenta encher o currículo (...) (José Roberto Passetto, Presidente da Comissão do Currículo Lattes, abril de 2009).

É, portanto, a visibilidade do Currículo que permite a vigilância sem ser visto pelas instituições e pelos próprios pares possibilita-nos adotá-lo como um modelo de *Panopticon Virtual* típico da Sociedade Vigilante. Os aparatos tecnológicos que fazem parte do cotidiano dos sujeitos contemporâneo assumem tais dispositivos como ferramentas estratégicas de poder, de uma coerção e uma submissão ao mesmo tempo discreta e pública.

Está todo mundo de olho, e muitas vezes ele pode, colocar uma informação que interesse para a universidade. Não tem muito valor para o CNPq, mas na universidade pode ser interessante para ele dizer que fez isso, fez aquilo. Tivemos um caso recente na PUC São Paulo (...) de umas informações que não eram corretas (...) toda semana [a gente] recebe alguma denúncia de pessoas dizendo, "olha o currículo do fulano não é esse, o cara está inventando". (José Roberto Drugowich, Diretor de Assuntos Horizontais do CNPq, abril de 2009).

Ele tenta encher o currículo, mal sabe ele que aquilo sempre vai ser confrontado (...) Ele pode passar uma vez, mas depois vem uma denúncia e é fatal, ele sempre tem alguém vigiando (...) é público (...) ninguém mais está livre de ser vigiado. (José Roberto Drugowich, Diretor de Assuntos Horizontais do CNPq, abril de 2009).

Os relatos apresentados nos permitiram analisar as relações de conduta ética apresentadas por pesquisadores quanto a fraudes no Currículo Lattes. Na Área de Arte, o grande risco que os pesquisadores podem sofrer diz respeito ainda a uma condição de fraude em função de uma tentativa de incluir suas produções buscando encaixá-las em campos que não correspondam a real produção para atender as pressões dos ambientes a que estão vinculados.

Eu acho que eles [os campos disponíveis no Currículo Lattes para a Área de Arte] são relativamente adequados e não suficientes. (...) Se eu penso numa produção artística eu tenho que pensar no campo da produção intelectual da produção acadêmica, eu tenho que pensar que eu mesmo sendo pesquisador em arte, mesmo sendo artista, eu penso em artes como ciência. (...) Ele permite o registro, mas talvez não da forma mais adequada. Nada fica de fora no Currículo Lattes. Só que as vezes, por exemplo, hoje o aplicativo até já vem com algumas correções que eu considero elogiáveis. Por exemplo, antigamente a curadoria de uma exposição era considerada uma atividade técnica. Hoje ele é atividade intelectual dentro de algum campo que não é a produção mais nome que seria produção bibliográfica. Mas ela é considerada intelectual. (Thiago, Artes Visuais, maio de 2009).

Foi possível identificar que tais comportamentos são consequência do problema que abordamos na categoria anterior acerca de pressões institucionais e do próprio meio acadêmico, por meio desta rede de relações que levam o sujeito a assumir a necessidade de uma alta produção científica e acadêmica que o permita continuar transitando e atuando no meio.

### **Disposições & Aprimoramento do Currículo Lattes**

Nesta categoria está elencada uma vasta gama de críticas, sugestões, impressões acerca do formulário, de sua estrutura, principalmente no que tange aos campos específicos da área de Arte. É possível apreender, em grande parte, quais são os principais problemas encontrados pelos pesquisadores no formulário eletrônico e aquilo que os pesquisadores julgam relevante em sua produção que, geralmente não são considerados pelo formulário. É possível ainda, ter acesso às mudanças propostas pelo CNPq para aprimorar o dispositivo.

O relato de Pedro demonstra que a Área de Arte tem muita dificuldade em se enquadrar nos formatos instituídos para comprovação e registro das atividades

desenvolvidas porque a “área de Arte começou agora a entrar na área de pesquisa, é uma das áreas mais recentes dentre as áreas de conhecimento.” Para ele, em função dessa reconhecimento recente da área “é normal que esta não se preocupe muito com esses detalhes [de preenchimento do Lattes], com precisões, será que era congresso, será que era seminário” (Pedro, Arte & Tecnologia, maio de 2009). Cada um preenche de um jeito, o que em sua opinião não permite uma visão efetiva de representatividade da área com relação a outras áreas que são muito mais organizadas, até porque estão habituados há bastante tempo.

Os trechos analisados a seguir apresentam a grande preocupação dos pesquisadores da área de Arte que é a de adquirir espaço adequado dentro desse ambiente de competitividade, de forma que suas produções sejam contempladas pelo dispositivo tecnológico por meio da criação de campos valorizados, classificados, avaliados e disciplinados como as demais áreas do conhecimento.

A produção artística não está completa, mas no diálogo CNPq e CAPES, o pessoal já mandou propostas porque parece que eles estão estudando. (...) As produções que a gente não conseguia espaço colocava sempre em outros, então desvalorizava muito essa produção essa produção mais específica como obra. (...) a tendência é ir melhorando o sistema, cada área ir se adaptando, mas como é um sistema que tem que ser geral, as vezes é difícil. Fora o formulário geral, nossa área de produção fica em “outros”. (Pedro, Arte & Tecnologia, maio de 2009).

(...) estava conversando com uma professora que tem um conhecimento muito grande destas plataformas e ela resolve colocando em "outros". Mas veja bem, todo artista e todo acadêmico tem um ego terrível. Nós somos ególatras. É muito complicado você trabalhar um produto durante três, quatro anos e colocar em "outros". Para mim fica parecendo que estou negligenciando uma produção. (...) Na realidade não há um campo onde nós possamos dar a qualidade que o produto tem. (...) Eu tenho produções sonoras como a teatral que eu uso cinco softwares. É uma produção grande. Fora a produção imagética de edição. Eu acho que os campos tem que começar a valorizar estes trânsitos e não apenas o nome "produção artística". (Lucas, Arte & Tecnologia, março de 2009).

Devemos destacar que se trata de um problema crônico, de reconhecimento da Área em âmbito acadêmico, conforme já abordamos anteriormente. O Currículo Lattes aparece como o reflexo desta situação e, portanto, sua estrutura não possui condições de abrigar a área de Arte em sua diversidade, uma vez que há grande dificuldade de compreendê-la. É relevante identificarmos ainda, as relações que os pesquisadores tem

com esta ferramenta e a situação histórica da Universidade no Brasil. Como abordamos no capítulo dois, estamos diante de um cenário de ensino superior que se apresenta, desde o seu surgimento, com características que buscavam atender as demandas políticas e, nas últimas décadas, visam atender ainda às demandas da economia e mercados globalizados.

O que acho aí um problema mais vasto. Não é só de currículo. Eu acho que, primeiro, na universidade deve ter pensado para as ciências exatas, depois para as ciências humanas e as ciências de artes está em último lugar. Aí que eu acho que acontece o grande equívoco, porque as artes produzem conhecimentos pelo que elas são e que não exclui a possibilidade de produzir textos também. (...) Mas existe algo que não pode ser reduzido a palavras e números que é a obra em si. (...) Eu acho que não tem como avaliar a questão do conhecimento se tiver a exposição da própria obra. E isso falta porque é um currículo pensado para a área de exatas (...) (José, Arte & Tecnologia, abril de 2009).

A ênfase, os incentivos são destinados para as áreas que possuem essas características voltadas para o atendimento de demandas políticas. Essas, exaltam as relações de produção de conhecimento numa configuração que privilegia o desenvolvimento tecnológico para o desenvolvimento econômico do país. De fato, temos que considerar a grande relevância dessas áreas e sua atuação em nosso contexto social. Queremos somente destacar que, em função desta distinção, áreas como as Artes não tem reconhecimento em âmbito acadêmico, conforme as falas de nossos entrevistados:

[A área de Arte dentro da Universidade] é praticamente nula. É nula. Não existe incentivo nenhum, porque todas as áreas das Ciências acabam ganhando ênfase da Universidade. Isto porque há interesse da própria indústria, do próprio governo... enfim, todos esses setores que formam a sociedade tem interesse em ver ou a medicina ou a administração ou a economia ou o direito ganharem pesquisa, ter força. Então há um incentivo para isso. As Artes sempre foram assim, vista como o "patinho feio", ou aquele que é o degenerado da família (Isabel, Poéticas Visuais, abril de 2009).

Como a CAPES daria apoio, o CNPq daria apoio para essas pessoas, se elas não estão produzindo nada de relevante para o país? Ou será que a Arte não é relevante para o país? Quem vai dizer que não? Como quem vai dizer que não, que qualquer outra forma de conhecimento não é arte também? É uma forma de um homem se conhecer e de conhecer melhor o mundo não é importante? (...) Talvez nenhum cientista se encaixe no padrão e como nenhum artista se encaixa no padrão. (Felipe, Artes Visuais, maio de 2009).

Nesse sentido, outro aspecto torna-se relevante especificamente para o pesquisador e artista da área de Arte, que diz respeito ao fato de que o Currículo Lattes não tem condições de fornecer o conhecimento sobre um artista, sobre a importância de trabalho em um site da web, por exemplo, que permite a visibilidade de sua produção artística. Thiago afirma que o artista é melhor conhecido por seu trabalho, o uso das cores, do que o próprio formulário eletrônico que traduz somente imagem em texto e texto em número. A esse respeito o entrevistado ressalta que:

(...) Veja, código vai substituindo código. E ele obviamente, conforme vai substituindo, vai se distanciando. Então você perde o contato com o fenômeno e você fica com algo que é muito diferente daquele fenômeno. Representa? Representa. Diz de? Diz. Mas não é mais a mesma coisa. Então eu acho que esta é uma questão importante para a gente pensar o que um Currículo Lattes traduz da obra artística. (Thiago, Artes Visuais, maio de 2009).

Nos relatos dos professores entrevistados percebemos grande preocupação, principalmente porque dada a especificidade da área e, embora exista um grande esforço para encaixar as atividades num modelo - em função ainda de pressões sobre produtividade - muito da produção artística não pode ser entendida por um simples registro num banco de dados. A redução se faz nesse momento não na obra em si, mas na quantidade de produção, que é o que se pode colher com eficiência no Currículo Lattes.

Dentro do contexto acadêmico a produção é em cima da avaliação. E a avaliação é sempre feita sobre o registro da produção e não sobre a produção em si. Tanto o Currículo Lattes como o Data CAPES, os *qualis* de livros, os *qualis* bibliográficos, de fato nunca são avaliadas as produções em si. É sempre um registro, um índice da produção em si e aí que a gente precisa se aprimorar, por exemplo, para avaliar a qualidade do texto, porque se avalia a revista em que o seu texto vai ser publicado, então está vinculada não só a produção da tua obra, do seu texto em si, mas sim ao nome da revista. (...) Não estou falando que o texto não é bom, mas é que a avaliação é sempre indireta e isso muitas vezes gera polêmica principalmente na avaliação de uma obra artística. (Pedro, Arte & Tecnologia, maio de 2009).

A grande questão é que o Lattes realmente não serve para avaliar. E porque? (...) Eu acho que é uma tentativa, e é fundamental que isso, que a arte realmente, não só a arte, as ciências de um modo geral, me parece extremamente reticente a qualquer tipo de avaliação. Esse é o primeiro problema. Eu sou favorável à avaliação sim, mas a uma avaliação comparativa e pelos pares. O problema é que eu, se só avaliar pelo que é disponibilizado pelo Lattes é falho. Porque? Mesmo quando eu lanço dados no Lattes ou quando lanço no "outros", existe o que? Falta



indicação de como eu deixo lançar essa minha produção. Ou os campos não são adequados ou não são adequados o suficiente. (...) E o que falta na questão das Artes é que muitas vezes você não tem como julgar os parâmetros e muito mais onde colocar [no Lattes]. A pessoa não sabe nem como colocar. (Felipe, Artes Visuais, maio de 2009) .

A grande questão sobre a qual consideramos importante fomentar diz respeito ao o debate sobre a pesquisa condicionada somente a modelos convencionais. Tanto na área de Artes como em outras áreas sempre está suscetível a mudanças impostas pelo próprio meio em que ela será desenvolvida e, desta forma, trata-se de uma crítica aos métodos pautados somente a partir de resultados como os únicos possíveis para a realização de um pesquisa em âmbito acadêmico. O que queremos destacar é que esta diversidade existe não somente na área de artes, mas também em outras, embora estas, por suas naturezas, podem ser melhor condicionadas aos esquemas padronizados de pesquisas. Isabel exemplifica esta situação em seu relato afirmando que:

As atividades que eu faço é o meu próprio trabalho como artista plástica fora o lado da pós-graduação que eu dou aula, tenho orientandos, e na graduação... isso não tem problema. Agora, quando você desenvolve uma pesquisa individual, uma pesquisa artística, que não envolveu de repente uma exposição a cada 2 ou 3 anos num museu ou numa galeria, eu acho que o Lattes não pega essa atividade. (...) Então, as vezes você passa de 3 ou 4 anos numa mega produção artística de pesquisa maravilhosa e não tem como colocar o seu trabalho no Lattes. (...) Então, para o artista, sempre essa nossa produção -porque você pode ficar até 10 anos sem expor - não significa que você não está trabalhando, na verdade está trabalhando e muito, dentro do trabalho do ateliê e não é considerado porque o Programa [de Pós-Graduação] visa determinados órgãos, pede datas, que ano, que dia foi realizada aquela exposição... (...) São coisas que vão classificando o trabalho que, no nosso caso, você escreve poemas ou textos, ou está escrevendo um livro para o futuro, isso nada é computado. (Isabel, Poéticas Visuais, abril de 2009).

O relato de Maria corrobora com a afirmação de Isabel na medida em que os critérios de avaliação e de preenchimento do Currículo Lattes não consideram atividades relevantes para a produção na área de Arte:

Eu colocaria em revisão do Currículo Lattes duas coisas que se desequilibram. Uma é esta do comentário da produção prática. Porque na verdade todos os critérios de avaliações existem nas universidades há mais tempo em áreas científicas, conhecimentos mais específicos, onde o pessoal já tem o hábito de textos de publicações, de seminários, maior do que na área artística. E uma outra coisa que eu acho que nas avaliações não é levado muito em conta (...) que é a própria atividade

didática. Parece que a aula em si, você dar aula, é uma coisa que não conta muito. Então toda esta parte de avaliação, do magistério em si, não tem um peso tão grande quanto publicação. Ou seja, eu posso ser uma péssima professora, mas se eu estiver publicando material, minha avaliação vai ser boa. (...) Eu estou na faculdade não apenas pelo meu trabalho artístico como também pelo lado do ensino. (Maria, Artes Visuais, março de 2009).

Desta forma, dentre os critérios de divisão e classificação em quesitos, grande parte obras artísticas acabam sendo reduzidas e condicionadas - principalmente na produção de arte contemporânea - no Currículo Lattes, à categorias consideradas inferiores, como por exemplo, o campo de produção técnica:

A produção artística sempre foi uma produção voltada para questões de representação: pinturas, gravuras, produções maravilhosas. (...) Mas, a produção intermídia, a produção de simulação, ela é regida, há uma regência toda científica que são os algoritmos digitais. Então, por exemplo, você não trabalha só criando poesia digital ou criando arte e tecnologia. Você trabalha na produção, uma produção em conjunto, pelo menos deveria ser assim, com o departamento de tecnologias para o desenvolvimento de certos softwares, para que você alcance esse objetivo. Nesse caso não posso colocar como produção artística. (...) Essa é uma produção artística que leva em consideração totalmente o *corpus* tecnológico. Porque na verdade quem produz o estranhamento do produto artístico é o algoritmo. Não é o artista. Aí vai para produção técnica. Na produção técnica, o que acontece? Fica parecendo que nós temos um laboratório de engenharia. Fica uma coisa muito seca como produção técnica. Quando você põe no Lattes um DVD em "produção técnica" fica parecendo que nós criamos o software. (Lucas, Arte & Tecnologia, março de 2009).

(...) A gente ficou um ano inteiro para produzir um vídeo de 53 minutos. (...) Foram noites e noites acordadas e isto não conta. É trabalho. É produção, mas não conta porque não sai na revista. Mas está lá o DVD. O DVD existe. Está prensado. Foi apresentado em vários lugares. Mas não conta esta apresentação. Não tem onde colocar isto. Então já me senti muito preterida muitas vezes. Porque as respostas são sempre estas e fica injusto você competir com um cientista, ou por exemplo, quem só escreve. (Joana, Poéticas Visuais, março de 2009).

Como podemos verificar as transformações e mutações advindas das próprias características da área de Arte, aliadas às novas tecnologias possuem características próprias que não permitem sua classificação em categorias e modelos especificados por quesitos. Ao mesmo tempo, trata-se de pesquisas de alto nível científico, visto que, como no exemplo da pesquisa relatada acima, correspondem ao desenvolvimento de técnicas de

poesias e do surgimento de novas linguagens de expressão a partir de algoritmos matemáticos que darão forma à criatividade do pesquisador em Arte.

Eu estou passando por um processo agora que estou deixando de chamar poesia digital para chamar de poema digital. Porque isto? Porque o conceito de arte é uma obra pronta, mesmo que ele seja, que ele esteja aberto à interatividade. Não existe obra pronta no meio digital. A interatividade é que permite a toda hora estar mudando. Então o que acontece? Teria que reformular este conceito. Porque o meio acadêmico espera? E o que os órgãos de fomento esperam? Que você tenha um produto. Mas, se o meu produto é um produto - não é efêmero não - que caracteriza-se pela intervenção, pela mutação, pela expansão. Nesta estrutura expandida como fica este produto? É como se você a toda hora, a todo cheque, mudasse a sua assinatura. Você deixaria de ser cidadão? Então não é que artístico não tem produção. (...) Mas não adianta ter novos campos se compreensão da sua produção não houver. (Lucas, Arte & Tecnologia, março de 2009).

Desta forma, outro aspecto que merece destaque são os trabalhos de artistas na contemporaneidade que tratam de diversas temáticas por meio de linguagens corporais, tecnológica, materiais e, que em muitos casos, o efêmero dá sentido a obra.

Tem trabalhos de artistas na contemporaneidade, pelo que nós sabemos, são efêmeros, que eles são colocados em certos lugares que vão se desfazendo com o tempo. (...) Então é toda uma coisa descontínua. Como é que vai se evitar uma coisa desse tipo? São problemas que a Arte coloca. Isto não está previsto em lugar nenhum e também não está previsto no Lattes. (...) Eu acho que todos esses problemas tem uma raiz comum que é esta falta de entendimento da natureza da Arte ainda no espaço acadêmico universitário. (José, Arte & Tecnologia, abril de 2009).

Destacamos ainda a contribuição de tais pesquisas junto ao contexto acadêmico e cultural da sociedade contemporânea, a partir da afirmação de um de nossos entrevistados:

(...) o que eu faço, academicamente, ou seja, eu pesquiso prosa, literatura e poesia em ambientes virtuais, acho que o que eu faço é uma contribuição na produção cultural, porque quando quem abre um catálogo do Brasil, do ponto de vista acadêmico vai ver que existem pessoas que pensam a cultura de uma forma mais século XXI, que existe uma preocupação com a nova literatura do século XX. (...) Eu acho que nós temos que ter duas plataformas: plataforma de incentivo e fomento culturais e uma plataforma de incentivo e fomento científicos. Esse é o grande problema da comissão interdisciplinar: quem vai ajudar meu produto é o matemático. (...) Eu sou um pesquisador de atualização cultural, que vai pensar em novos sistemas de você indagar significados.

(...) Meu trabalho contempla a comunidade. Culturalmente, eu não vou sarar a varíola de ninguém, mas eu quero a impressão de quando ele [meu currículo] for visto pela Plataforma Lattes, seja visto como importância fundamental para a humanidade. (Lucas, Arte & Tecnologia, março de 2009).

É possível apreender por meio do trecho elencado que o mecanismo instituído a ser utilizado por todos, apresenta falhas no que tange ao registro das atividades na área de Arte, a saber:

No campo de artes específico também acho que ficou um grande buraco. Porque parte dessa produção não é considerado científico. Produção artística não é produção científica. Produção artística é produção artística. Mas a grande questão é que ela tem que ser considerada. (...) Isto não quer dizer que o artista não deva ter uma produção reflexiva também. (...) O fato é que em alguns momentos, em várias universidades, a daqui inclusive, por uma questão de regimento geral alguns dados não são simplesmente computados. Porque eles não entram no que seria o campo geral do círculo do conhecimento. (Felipe, Artes Visuais, maio de 2009).

Percebemos a necessidade de se atender aos requisitos exigidos no Currículo Lattes como condição da existência acadêmica, que, entretanto, para a área de artes se apresentam campos que não são suficientes, como aponta Felipe em trechos da entrevista:

(...) em Artes quando você vai lançar o máximo onde você alcança é no vídeo. Então, você tem pintura, escultura, gravura no caso das artes plásticas ou das artes visuais, tem toda essa questão de nomes, já começa por aí a grande confusão, de Artes Plásticas, Visuais e Belas Artes. Aí você está no vídeo. Se você faz escultura, pintura, gravura, no máximo vídeo ou fotografia que às vezes está no campo que às vezes é o da comunicação junto com o próprio cinema, que também é outra confusão que existe. Quem faz alguma outra coisa e está há anos que o máximo que você entra em termos de outras possibilidades classificatórias você não tem "status quo". (...) Tem um monte de gente que não se encaixa nesse perfil. Porque? Porque a Arte tem outras formas, porque você não tem performance, você não tem uma bioarte, você não tem instalação, que são equipamentos que hoje em dia é a maior parte das produções artísticas contemporâneas. (Felipe, Artes Visuais, maio de 2009).

Eu trabalho com artes e mídia, arte e tecnologia. A minha produção não é contemplada. A produção do Lattes, quando você vai trabalhar com arte instalação, performance, instalações interativas, sensoriamento, isso não é contemplado, nem passa longe. O Lattes para no vídeo e ponto. Se eu for utilizar enquanto categoria, aparecem as categorias convencionais das Artes e pára nos anos 80 que é o vídeo. Daí para frente não há nenhuma outra mais. Um artista que trabalha na contemporaneidade, o

único jeito dele citar aquilo lá é "outro, outro, outro". (Felipe, Artes Visuais, maio de 2009)

Sobre esta temática é relevante analisarmos a insatisfação do trabalho do pesquisador que, em muitos casos, o Currículo Lattes não valoriza, não contempla e que, para Marcela é de grande relevância em sua atuação acadêmica:

Uma coisa que (...) me desvaloriza é qualificação que não vale absolutamente nada. Não vale nada você participar de uma qualificação de mestrado. A de doutorado acho que vale. E a de mestrado não. Eu não entendo absolutamente o porque. Eu considero que o trabalho pessoal de uma banca de qualificação é muito maior do que trabalho de finalização. Porque na qualificação você tem de estar olhando o trabalho e enxergando o futuro e se dispondo a contribuir para as potências do trabalho, mas numa finalização, na verdade você pode lamentar ou parabenizar, mas na verdade o trabalho está pronto. Eu lastimo o fato de que a qualificação não seja considerada como um trabalho interessante. (Marcela Artes Visuais, maio de 2009).

Vale ressaltar, todavia, que o dispositivo tem sido atualizado com trabalhos de comissões visando aprimorar na possibilidade de atender à demanda da área. O fato é que a produção artística dentro da área de Arte é algo completamente diferente das outras áreas do conhecimento acadêmico. Adequá-la a quesitos e parâmetros é uma característica própria da universidade contemporânea. Assim, considerando a penetração deste dispositivo tecnológico na comunidade acadêmica devemos destacar que este provocou uma mudança no comportamento dos agentes humanos, como afirmava Foucault (2008), produzindo um novo tipo de saber.

Eu acho que a gente não pode jogar a culpa toda, já falei que isso é um problema da área, mas a gente não pode jogar a culpa toda no Lattes. E nessa aí também faço questão que diga desse empenho que tem o CNPq, a CAPES e a FAPESP, de tentar incorporar a arte que às vezes é um elemento estranho. Estranho, porque é uma coisa difícil e porque não estão acostumados a trabalhar. (...) Querendo ou não, o que o Lattes fez e impôs um aspecto de seriedade à área (...) inclusive para a área se ver como tal. Para a área se ver como uma área tão importante quanto. Mas com as suas diferenças. (...) Existe hoje uma relutância. Mas acho que ela é muito menor e eu não vejo problema nisso. (...) E se os parâmetros não são bons, se eu realmente não concordo que os parâmetros não sejam os mais adequados porque eles realmente não são, mas pelo menos existem alguns. (Felipe, Artes Visuais, maio de 2009).

Considerando a análise realizada ao longo desta investigação podemos afirmar que este dispositivo não possui características para abrigar a área de Arte. A criação de campos, o aprimoramento das informações podem, de certa forma, diminuir a distância entre o instrumento e o pesquisador. O fato é que o método, a estrutura do banco de dados - por ter sido criado como um instrumento de medição quantitativa de dados - não é algo que possa absorver a Área. O que entra em discussão é que esse instrumento foi dotado de características que envolvem os pesquisadores numa dinâmica de produtividade numérica, própria da estrutura do mecanismo e que vem ao encontro dos interesses institucionais e que reflete uma cultura de produtividade própria da contemporaneidade.

Na minha opinião a culpa não é do Lattes. (...) As Universidades federais tiveram há algum tempo mas que agora acabou, um instrumento chamado GET. (...) Que era o seguinte: ganha mais quem produz mais. O Lattes, de uma certa maneira, ele reproduz isso. (...) Eu acho que uma política saudável, inclusive como política para o futuro, tanto nas universidades como no próprio Lattes seria não incentivar a quantidade, porque estão publicando demais e muita bobagem. E ao contrário, incentivar a qualidade. (Sonia Gomes, Membro do Comitê em Arte, maio de 2009).

Cabe-nos destacar que a utilização desse dispositivo como mecanismo de controle visando uma política de produtividade reflete um contexto em que o Currículo Lattes age de forma a disciplinar os pesquisadores e a direcionar suas atividades acadêmicas de acordo com as exigências do sistema. Como consequência, o próprio dispositivo passa a alimentar uma cultura acadêmica de produção de conhecimento pautadas em modelos pré-determinados.

Assim, os pesquisadores da Área de Arte se apresentam nesse ambiente como um dos menos ajustáveis a esta dinâmica, mas que por sua vez, como pudemos identificar, caminham em direção a esta realidade de parâmetros e de índices de produtividade não por vontade, mas por imposições típicas da contemporaneidade acadêmica. Tais práticas devem ser questionadas, uma vez que a produção de conhecimento pode ser reduzida ao ser enquadrada em sistemas de classificação exclusivamente numérica.

O estudo das relações de poder contidas no Currículo Lattes revela uma problemática relacionada à significação da produção de conhecimento científico e acadêmico de nosso contexto social. O formulário é um reflexo de uma política exercida pelas instituições de ensino voltadas para o atendimento de interesses políticos e econômicos, com sua origem na própria forma como a universidade foi concebida desde

a sua criação e de sua ampliação no cenário nacional e que, nas últimas 3 ou 4 décadas tem se firmado com características de mercado pautadas em produtividade.

As relações de poder que permeiam a sociedade contemporânea, que é considerada como Sociedade do Controle ou Sociedade Vigilante fornece subsídios para que as instituições, pesquisadores e órgãos de fomento, como CNPq e FAPESP e, órgãos de reconhecimento de Cursos Superiores, como o MEC e CAPES possam se utilizar de dispositivos como o Currículo Lattes, de forma estratégica, dada a penetração deste mecanismo ao longo de uma década de existência teve no ambiente acadêmico. Tais relações fazem do formulário um dispositivo que permite controlar e mudar o comportamento dos agentes pertencentes nesta rede na medida em que dispõe de características tecnológicas que o transformaram na carteira de identidade dos indivíduos pertencentes a essa rede. A visibilidade oferecida neste mecanismo, impulsionada pelas facilidades tecnológicas, é a grande "máquina de ver" que assegura o funcionamento automático do poder.

As instituições e os próprios pesquisadores, a partir da instituição de um estado consciente e permanente de observação, introduz uma lógica de produção de conhecimento que deve atender aos interesses de políticas que buscam o aumento da eficiência e da produtividade. Essas características são fruto das reformas educacionais e administrativas que tiveram como consequência uma aproximação cada vez maior da produção de conhecimento a modelos que atendam às exigências do mercado global e contribuam para o desenvolvimento tecnológico do país.

Desta forma, o debate sobre a produção de conhecimento no Ensino Superior torna-se de fundamental relevância e amplia o horizonte de pesquisa sobre os elementos que esta investigação permitiu-nos identificar acerca das relações de poder no cenário acadêmico nacional.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A leitura do Currículo Lattes a partir dos pressupostos teóricos de Michel Foucault (2008), acerca das temáticas relacionadas às relações de poder-saber, da sociedade disciplinar e da sociedade vigilante nos forneceram subsídios para que pudéssemos associar a idéia de *Panopticon* ao dispositivo tecnológico ao qual denominamos nesta investigação de *Panopticon Virtual* da contemporaneidade, utilizado para avaliação da competência das produções acadêmicas em âmbito nacional.

No desenvolvimento de nossa pesquisa pudemos salientar e apresentar que características encontradas nas práticas do Currículo são vinculadas a relações envolvendo nas concepções e práticas poder e saber. Essas relações correspondentes ao que classificamos como *tecnologia de poder* que agem junto a pesquisadores brasileiros no cenário acadêmico. Desse modo, podemos afirmar que o controle significativo que esse instrumento adquiriu ao longo de dez anos de existência, levou-nos a identificar como as condições de seu surgimento foram impulsionadas pela situação do Ensino Superior no Brasil, de modo que, ao longo de seu surgimento e da busca de uma identidade, passou por diversas circunstâncias vinculadas a questões políticas e econômicas. Tais circunstâncias, por sua vez, o levaram a se constituir a partir de uma mentalidade voltada para o desenvolvimento tecnológico que absorveu características de produtividade quantitativa e avaliações por competências com a finalidade de atender ainda a interesses políticos e econômicos nacionais e internacionais.

Assim, pudemos apreender que o Currículo Lattes, ao ser utilizado como instrumento de controle, exerce-o sobre os saberes produzidos e influencia, como vimos, o tipo de produção de conhecimento que é desenvolvido por professores pesquisadores, em especial da Área de Arte, que foi o recorte dessa pesquisa.

Tais características nos permitiram aprofundar e refletir de forma crítica sobre questões relacionadas aos aspectos que venham garantir a eficiência dos pesquisadores da área de Arte manifestada por meio de práticas disciplinares e mudança de conduta. Destaca-se ainda a constatação de como este dispositivo pôde controlar a produção de conhecimento na medida em que passou a ser utilizado pelas instituições, com vistas a atender interesses próprios para acatar quesitos estabelecidos por instituições como Universidades, Institutos de Pesquisa, órgãos reguladores como CAPES e agências de fomento como CNPq e FAPESP, dentre outros que autorizam e regulamentam a existência de cursos e de pesquisas no país.



O recorte de nosso estudo foi realizado sobre a área de Arte, em função de uma percepção empírica inicialmente, de que esta não era contemplada adequadamente por este formulário em função de sua diversidade de produção. No decorrer da pesquisa buscamos, a partir desse pressuposto, estabelecer uma relação entre o Currículo Lattes – compreendido como dispositivo tecnológico - e pesquisadores artistas da área de Arte, com o objetivo de verificar por meio das vozes e olhares destes personagens como a Área de Arte era compreendida e identificada na lógica imposta à produtividade acadêmica. Por outro lado, também nos debruçamos sobre a percepção e objetivos institucionais do CNPq sobre este instrumento, visualizando ainda como os Comitês Assessores da área de Arte atuam neste ambiente, a fim de trazer para a gama da discussão diferentes percepções e concepções que correspondem, em última instância, à própria gestão e manutenção do Currículo Lattes.

Assim, essa pesquisa permitiu uma visão global acerca dos personagens envolvidos na construção do mecanismo, de sua utilização institucional e do uso particular de cada pesquisador frente aos desafios acadêmicos da contemporaneidade. A partir dos pressupostos teóricos pudemos apreender por meio dos relatos dos entrevistados que a sociedade contemporânea se configura como sociedade disciplinar e sociedade da vigilância. Esta é caracterizada pela organização do tempo e do espaço e a vigilância constante impulsionada pelos aparatos tecnológicos proporciona constante registro dos indivíduos que somados às pressões quanto à produtividade acadêmica transforma-os, em muitos casos, reféns do dispositivo. Como consequência, temos ainda situações em que a conduta do agente humano infringe – em alguns casos - questões éticas, principalmente no que tange às fraudes no preenchimento com vistas a adquirir melhor colocação e pontuação nos quesitos estipulados pela instituições.

Nossa investigação permitiu-nos considerar o Currículo Lattes como o *Panopticon Virtual* uma vez que este se apresenta como uma máquina de visibilidade contínua que conduz os agentes participantes desta rede de relações a uma autodisciplina pela consciência de estar submetido a esta visibilidade, da qual também é o vigia. Tais constatações nos levaram a questionar em que medida essa cultura acadêmica voltada para a produção em série não compromete a qualidade e a própria identidade da produção de conhecimento científico contemporâneo, principalmente se considerarmos os trechos analisados nessa pesquisa sobre os critérios que impulsionam a produção de pesquisa em função dos quesitos estabelecidos para a produtividade acadêmica em que, publicações ocupam o primeiro lugar na classificação, seguido por outras atividades numa escala

decrecente de pontuação. Podemos afirmar que da mesma forma que Foucault pontua o controle do tempo como um dos fatores que possibilitou a produção de corpos dóceis e úteis, podemos, a partir dessa concepção, questionar se o controle da produção acadêmica hoje produz, em certa medida, os “pesquisadores adestrados” e “úteis”, uma vez que o Currículo Lattes tornou-se a carteira de identidade dos membros da comunidade acadêmica do país.

Diante das semelhanças entre as técnicas disciplinares apontadas por Foucault e o Currículo Lattes constatamos ao longo deste trabalho a carência de uma real necessidade de aprofundar os questionamentos acerca da produção de conhecimento na contemporaneidade, em especial, considerando as características das áreas de conhecimento e, sobretudo no que diz respeito à produção de um pesquisador passível de adestramento, que atenda à propostas fundamentadas em políticas educacionais que tendem a homogeneizar a produção dos saberes em nível superior.

Neste caso, a área de Arte, por se apresentar de forma diversa das demais áreas de conhecimento, por suas características de produção de linguagens, mutação veloz, principalmente na contemporaneidade, quanto ao uso de novas tecnologias, de ressignificação de signos tornou-se um relevante exemplo de análise para trazer à tona aspectos pertinentes à discussão acerca de elementos que a descaracterizam de parâmetros pré-estabelecidos ou impostos tendo em vista limites que extrapolam sua essência enquanto produção específica de conhecimento.

Ao analisar os desajustes que a Área tem em relação aos mecanismos de controle, abriu-se uma possibilidade de discussão sobre as reais necessidades de se fomentar uma cultura de produção de conhecimento quantitativa, além de compreendermos ainda como tais relações de poder foram penetrando e apropriando da própria produção acadêmica de modo que, inclusive a área de Arte foi incluída nesse contexto de produtividade acadêmica para atendimento de pressões de produtividade. Nesse sentido, torna-se pertinente salientar as contribuições de nosso estudo em primeiro lugar para revelar um cenário Educacional Superior com sérios questionamentos acerca de políticas de produtividade, no qual o Currículo Lattes tornou-se o reflexo de uma realidade que tem se imposto nas últimas décadas no ambiente acadêmico de Ensino Superior do país. Além disso, não pretendemos esgotar o assunto e sim, abrir com essa pesquisa, o leque de possibilidades e leituras passíveis de serem desenvolvidas a partir dos pressupostos e objetivos discutidos nesse trabalho.

De todo modo, essa discussão não esgota o assunto, ao contrário, expande para outras questões relacionadas à produção do conhecimento autêntico na academia *versus* atendimento de padrões pré-estabelecidos tendo nas concepções foucaultianas os elementos fundamentais para a análise da sociedade contemporânea, cujos significados têm grande relevância para o contexto educacional atual. Assim, mais do que constatar as relações entre poder e saber e vigilância que se estabelecem a partir da utilização do Currículo Lattes como dispositivo tecnológico de controle, procuramos estabelecer um reflexão crítica para que haja mudanças nas concepções sobre o tipo de produção que é reconhecido no ambiente acadêmico. Esse debate se faz relevante para que de fato a produção de conhecimento contemporâneo tenha originalidade e qualidade e, sobretudo, possa ser valorizada dentre as diversidades das áreas de conhecimento, evidenciando-as em patamares iguais de fomento, incentivo e representatividade enquanto área de conhecimento.

## **Bibliografia**

ARAUJO, P.R.M. **Charles Taylor: para uma ética do reconhecimento**. São Paulo: Loyola, 2004.

ARENT, H. A crise na educação. IN: \_\_\_\_\_. **Entre o passado e o futuro**. São Paulo: Perspectiva, 1979, 2ªed. P.221-247.

BOBBIO, N. **Os intelectuais e o poder: dúvidas e opções dos homens de cultura na sociedade contemporânea**. São Paulo, Editora Unesp, 1997.

BONTEMPI JR, Bruno. História da Educação Brasileira: O terreno do consenso. Dissertação de Mestrado. PUC-SP, 1995.

CABRAL, J. P. A Sociedade Vigilante: ensaios sobre identificação, vigilância e privacidade. IN: \_\_\_\_\_. **Prefácio**. Lisboa: ICS Imprensa, 2008, p. 21-27.

CERTAU, M. **A Cultura no Plural**. Campinas: Editora Papirus, 1995

\_\_\_\_\_. A invenção do cotidiano. Petrópolis: Editora Vozes, 2000

CHARTIER, R. **História Cultural: entre práticas e representações**. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, 1990.

CONNOR, S. Pós-modernismo e academia. IN: \_\_\_\_\_. **Cultura Pós-Moderna: introdução às teorias do contemporâneo**. São Paulo: Edições Loyola, 1989, p.11-26.

CUNHA, R. K. Estado e Educação: A Plataforma Lattes como um Modelo Compacto do Dispositivo Disciplinar. Dissertação de Mestrado, PUC-Curitiba, 2003.

DELEUZE, G. **Foucault**. São Paulo: Editora Brasiliense, 2006.

DERRIDA, J. As pupilas da Universidade: o princípio de razão e a idéia de universidade. IN: \_\_\_\_\_. **O olho da Universidade**. São Paulo: Estação Liberdade, 1999, p. 123-157.

FABRIS, A. **Modernidade e Modernismo no Brasil**. Campinas-SP: Mercado de Letras, 1994.

FOUCAULT, M. **Estética: Literatura e Pintura, Música e Cinema**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001.

\_\_\_\_\_. **Em Defesa da Sociedade**. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

\_\_\_\_\_. **As palavras e as coisas**. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

\_\_\_\_\_. **Vigiar e Punir**. São Paulo: Editora Vozes, 2008a.

\_\_\_\_\_. **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro : Edições Graal, 2008b.

\_\_\_\_\_. **Nascimento da Biopolítica**. São Paulo: Martins Fontes, 2008c.

FRANÇOIS, E. A fecundidade da história oral. IN: FERREIRA, M. M; AMADO, J. **Usos e abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1996.

FROIS, C.(org.). **A Sociedade Vigilante: ensaios sobre identificação, vigilância e privacidade**. Lisboa: ICS Imprensa, 2008.

GOMES, A.M. Política de Avaliação da Educação Superior: controle e massificação. In: *Revista Educação & Sociedade*.vol.23, nº 80, Campinas: 2002, p.277-301.

GORZ, A. **O imaterial: conhecimento, valor e capital**. São Paulo: Annablume, 2005.

KHUN, T. **A estrutura das revoluções científicas**.São Paulo: Perspectiva, 5ªed., 2000.

LEBRUN,G. **O que é poder**. São Paulo: Brasiliense, 1984.

MACHADO, R. Microfísica do Poder. IN: \_\_\_\_\_. **Por uma genealogia do Poder**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2008, p.VII-XXIII.

MOROSINI, M. O ensino superior no Brasil. IN: STEPHANOU, M.; BASTOS, M. H. C (org.). **Histórias e Memórias da Educação no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 2005, p.296-323.

MEIHY, J.C.S. **Manual de História Oral**. São Paulo: Loyola, 1996.

NASCIMENTO, E. (org.). **Jacques Derrida: pensar a desconstrução**. São Paulo: Estação Liberdade, 2005.

NISKIER, A. **Educação brasileira: 500 anos de história -1500-2000**. Rio de Janeiro: Consultor Edições, 2ª ed., 1996

PLATAFORMA LATTES. **Consulta Currículos Lattes**. <http://lattes.cnpq.br/>. Acesso em 05/2010.

ROMANELLI, O. O. de. **História da Educação no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 30ª ed., 2006.

SCAVONE, L.; ALVAREZ, M.C; MISKOLCI, R (org.). **O Legado de Foucault**. São Paulo: Editora Unesp, 2006.

SOUZA, L.A.F. O legado de Foucault. IN: \_\_\_\_\_. **Paradoxos da modernidade vigiada: Michel Foucault e as reflexões sobre a sociedade do controle**. São Paulo: Editora Unesp, 2006.

SCHWARTSMAN, H; CAPRIGLIONE, L. Site do CNPq abriga Currículos Falsos. *Folha de São Paulo*, 08/07/2009, A18.

SCHWARTZMAN, S.; BOMENY, M.H.B; COSTA, V.M.R (org.). **Tempos de Capanema**. São Paulo: Paz e Terra: Fundação Getúlio Vargas, 2000.

SGUISSARD, V. Reforma Universitária no Brasil - 1995-2006: precária trajetória e incerto futuro. In: *Revista Educação & Sociedade*. vol. 27, nº 96-Especial, Campinas: 2006, p.633-1074.

STRATHERN, P. **Foucault em 90 minutos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.

THOMPSON, P. **A voz do passado: história oral**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2.ed., 1992.

TOURAINÉ, A. A sociedade multicultural. IN: \_\_\_\_\_ **Poderemos viver juntos?** Iguais e diferentes. Petrópolis: Vozes, 1998, p.189-235.

## **APÊNDICE I - QUESTIONÁRIOS ELABORADOS PARA A REALIZAÇÃO DAS ENTREVISTAS**

### **Questionário para Entrevista – Tipo 1**

Entrevista semi-aberta

Perfil dos entrevistados: Diretor de Programas Horizontais – CNPq

- 1) Quais foram os objetivos do CNPq com a criação do Currículo Lattes?
- 2) Com o passar de 7 anos de obrigatoriedade de preenchimento para a concessão de fomento, o dispositivo conseguiu atender as demandas/expectativas da Agência de Fomento?
- 3) A atual estrutura de configuração dos campos é considerada satisfatória e de fácil acesso ou o CNPq prevê ajustes na mesma?
- 4) A estrutura e seus campos/conteúdos seguem alguma padronização internacional ou o modelo foi criado pelo CNPq?
- 5) O senhor acredita que o Currículo Lattes tem influenciado a produção de pesquisas no país? Como essa influência tem ocorrido?
- 6) O Currículo Lattes tem possibilitado ao CNPq acompanhar a produção acadêmica e científica brasileira, quer em seus aspectos quantitativos quanto qualitativos? Como isto é feito?
- 7) Como o Currículo Lattes é visto em relação a outras bases de dados do Brasil, por exemplo, Carlos Chagas e no Exterior, por exemplo, ReaD (Japão), Da Vinci (Itália)?
- 8) O Currículo Lattes possui meios de validar/legitimar os registros feitos por pesquisadores? Como essa validação é feita ?
- 9) O senhor considera que a configuração do formulário é eficiente? Ela abriga satisfatoriamente todas as Áreas do Conhecimento? A Área de Artes é abrigada em sua diversidade, segundo sua avaliação?
- 10) A padronização do currículo proporciona melhores investimentos em pesquisa no país? Há critérios pré-definidos? Quais são?
- 11) Quais são os mecanismos que têm possibilitado ao CNPq avaliar a qualidade do conhecimento que tem sido produzido? Ou essa questão é considerada como secundária?
- 12) As IES adotaram o Currículo Lattes como referencial de produtividade acadêmica, o que pode provocar um movimento de “superprodutividade” e competição entre os docentes. O senhor acredita que esse fato pode afetar os resultados registrados na base de dados?
- 13) Há mecanismos que possibilitam identificar eventuais registros não fidedignos de produções acadêmicas ou científicas, ou mesmo fraudes? É possível isto ocorrer? Como o CNPq atua nestes casos?
- 14) Como o CNPq avalia a receptividade do sistema do Currículo Lattes pelos professores e pesquisadores brasileiros?
- 15) O senhor gostaria de acrescentar algo mais?



## Questionário para Entrevista – Tipo 1

Entrevista semi-aberta

Perfil do entrevistado: Presidente da Comissão do Currículo Lattes

- 1) Em que consiste a Comissão do Currículo Lattes? Quando surgiu? Qual é a sua composição?
- 2) Quais são os objetivos que orientaram a criação da Comissão? Houve mudanças ao longo do tempo?
- 3) Em que consistem as atividades/funções da comissão?
- 4) Os critérios que orientaram a configuração inicial do Currículo Lattes foram mantidos ao longo desses anos ou sofreram mudanças? Quais foram as mudanças?
- 5) Com o passar de 7 anos de obrigatoriedade de preenchimento para a concessão de fomento, o dispositivo conseguiu atender as demandas/expectativas da Agência de Fomento?
- 6) A atual estrutura de configuração dos campos é considerada satisfatória e de fácil acesso ou a Comissão prevê ajustes na mesma?
- 7) A estrutura e seus campos/conteúdos seguem alguma padronização internacional ou o modelo foi criado pelo CNPq?
- 8) O senhor considera a configuração do formulário é eficiente? Ela abriga satisfatoriamente todas as Áreas do Conhecimento? A Área de Artes é abrigada em sua diversidade, segundo sua avaliação?
- 9) Como os professores/pesquisadores da área de Arte se manifestam com relação a estrutura do sistema junto à Comissão?
- 10) O instrumento tem possibilitado à Comissão acompanhar a produção acadêmica e científica brasileira, quer em seus aspectos quantitativos quanto qualitativos em todas as áreas? Como isto é feito?
- 11) O Currículo Lattes possui meios de validar/legitimar os registros feitos por pesquisadores? Como essa validação é feita ?
- 12) Há mecanismos que possibilitam identificar registros não fidedignos de produções acadêmicas ou científicas, ou mesmo fraudes? É possível isto ocorrer? Como a Comissão atua nesses casos?
- 13) As IES adotaram o Currículo Lattes como referencial de produtividade acadêmica, o que pode provocar, um movimento de “superprodutividade” e competição entre os docentes. O senhor acredita que esse fato pode afetar os resultados registrados na base de dados?
- 14) Quais são os mecanismos que tem possibilitado à comissão avaliar a qualidade do conhecimento que tem sido produzido? Ou essa questão é considerada como secundária?
- 15) Como a Comissão avalia a receptividade do sistema do Currículo Lattes pelos professores e pesquisadores brasileiros?
- 16) O senhor gostaria de acrescentar algo mais?

## **Questionário para Entrevista – Tipo 1**

Entrevista semi-aberta

Perfil dos entrevistados: Membro do Comitê de Comunicação e Artes – Subgrupo: Artes – CNPq

- 1) A senhora é membro do Comitê da Área de Artes no CNPq. Esse reconhecimento da área de Arte aconteceu na metade dos anos 80. Como a Área é vista pelo CNPq?
- 2) A senhora acredita que a área de Arte é abrigada em sua totalidade e os critérios para avaliação da produção artística/cultural e científica de forma satisfatória?
- 3) De modo geral, o que é Pesquisa em Arte?
- 4) Como a senhora avalia a existência do Currículo Lattes? Ele atende a demanda de produção da área de Arte em sua diversidade?
- 5) A senhora acredita que as Pesquisas em Arte são influenciadas por esses critérios apresentados no Currículo Lattes? Em que medida?
- 6) Existe algo que deveria ser considerado no Currículo Lattes que não é na formatação atual? O que?
- 7) As IES adotaram o Currículo Lattes como referencial de produtividade acadêmica, o que pode provocar, um movimento de “superprodutividade” e competição entre os docentes. O senhor acredita que esse fato pode afetar os resultados registrados na base de dados?
- 8) Nas Estatísticas do CNPq entre 3 e 4% do total de bolsas é oferecida à Área de Arte. Quais critérios são considerados para o financiamento de pesquisas na área? São critérios específicos para a área ou seguem uma padronização com outras áreas do conhecimento? Isto acarreta ônus para área?
- 9) O que a senhora poderia sugerir para o aprimoramento do sistema com relação a área de Arte?
- 10) Como a senhora avalia a receptividade do sistema do Currículo Lattes pelos professores e pesquisadores brasileiros da área de Arte?
- 11) A senhora gostaria de acrescentar algo mais?

## **Questionário para Entrevista – Tipo 2**

Entrevista semi-aberta

Perfil dos entrevistados: Equipe Técnica Informática - CNPq

1. Quando surgiu o Currículo Lattes? Existia algum mecanismo antes de seu surgimento?
2. Vocês concordam que o fenômeno da internet (foi um *boom*) que reconfigurou a concepção dos registros da produção científica do país? Como vocês entendem esse fenômeno?
3. Vocês tem como informar a quantidade de acessos? De atualizações? De currículos cadastrados?
4. Ao longo dos anos, o Currículo Lattes sofreu mudanças e ajustes. Como são feitas as mudanças na estrutura dos campos do currículo? Há uma periodicidade?
5. Em princípio, na base de dados de consultas, ficavam disponíveis todos os dados do pesquisador, inclusive telefone e email. De uns tempos pra cá, esses dados não ficam mais visíveis, inclusive o email é preservado. Esses cuidados, na opinião de vocês servem para aumentar a credibilidade do pesquisador com relação à ferramenta e, de certa forma, assegura sua privacidade?
6. Existem dados não fidedignos publicados no Lattes? O CNPq trata desse assunto? Há algum mecanismo de controle? Como é feito?
7. Vocês gostariam de acrescentar algo?

### **Questionário para Entrevista – Tipo 3**

Entrevista semi-aberta

Perfil dos entrevistados: Professores Universitários que atuam na Área de Arte (em cursos de Graduação e Pós-Graduação) com produção artística. Doutorandos, Doutores ou Titulação Superior com formação em Artes

#### **I Parte – Questões práticas sobre o uso do Currículo Lattes**

- 1) Você conhece / possui cadastro no Currículo Lattes, no site do CNPq? Desde quando?
- 2) Você acha fácil o acesso ao Currículo? Tem facilidade com o preenchimento?
- 3) Com que frequência você atualiza o seu cadastro no site?
- 4) Porque você preenche/atualiza o currículo?
- 5) A sua IES exige atualização periódica do Currículo Lattes?

#### **II Parte – Questões relacionadas à estrutura e conteúdo do Currículo Lattes**

- 6) Você considera a estrutura/campos disponíveis no formulário adequada para registrar as atividades acadêmicas de professores e pesquisadores em Arte?
- 7) A configuração do formulário permite o registro de atividades que você considera de maior relevância em sua produção acadêmica e artística? Quais são essas atividades?
- 8) O que, em sua opinião, não está contemplado no Currículo Lattes, na área de Arte? Você gostaria de sugerir campos..

#### **III Parte – Questões relacionadas à Área de Artes e Produção do Conhecimento**

- 9) De modo geral, o que é considerada uma pesquisa na Área de Artes?
- 10) Você acredita que o Currículo Lattes pode avaliar com eficiência a produção acadêmica dos pesquisadores em Arte? Porque?
- 11) Você se considera avaliado de forma justa a partir dos critérios estabelecidos pelo Currículo Lattes?
- 12) Você já se sentiu preterido em função de critérios estabelecidos pelo Currículo Lattes?
- 13) Você considera que o Currículo Lattes funciona como instrumento de disciplina e vigilância entre pesquisadores?
- 14) Você acredita que os critérios do Currículo Lattes influenciam ou determinam a produção artística/cultural na Academia? Em que medida?
- 15) Nas Estatísticas do CNPq entre 3 e 4 % do total de bolsas é oferecido à Área de Arte. Porque, em sua opinião, esse índice ainda é baixo em relação a outras áreas do conhecimento?
- 16) Você gostaria de acrescentar algo mais?

## **APÊNDICE II - MEMORIAL SIMPLIFICADO DAS ENTREVISTAS REALIZADAS**

### *ENTREVISTAS TIPO 1*

#### **Diretor de Programas Horizontais e Instrumentais- CNPq**

Prof. Dr. José Roberto Drugowich de Felício

Data: 07/04/2009

Local: CNPq, Brasília-DF

Duração: 43 min

#### **Presidente da Comissão do Currículo Lattes**

Prof. Dr. José Roberto Passeto

Data: 22/04/2009

Local: USP, Ribeirão Preto

Duração: 26 min

#### **Membro do Comitê de Assessoramento em Artes, Ciência da Informação e Comunicação – sub-grupo ARTE**

Profa. Dra. Sonia Gomes Pereira – (Artes)

Data: 08/05/2009

Local: Residência da Professora, Rio de Janeiro

Duração: 57 min

### *ENTREVISTAS TIPO 2*

#### **Coordenador Geral de Informática - CNPQ**

Geraldo Sorte

#### **Coordenador de Gestão de Bases de Dados e Redes**

Charles Henrique de Araujo

Data: 07/04/2009

Local: CNPq – sala de reuniões, Brasília-DF

Duração: 41 min

Obs. Entrevista realizada conjuntamente com os dois profissionais da área técnica

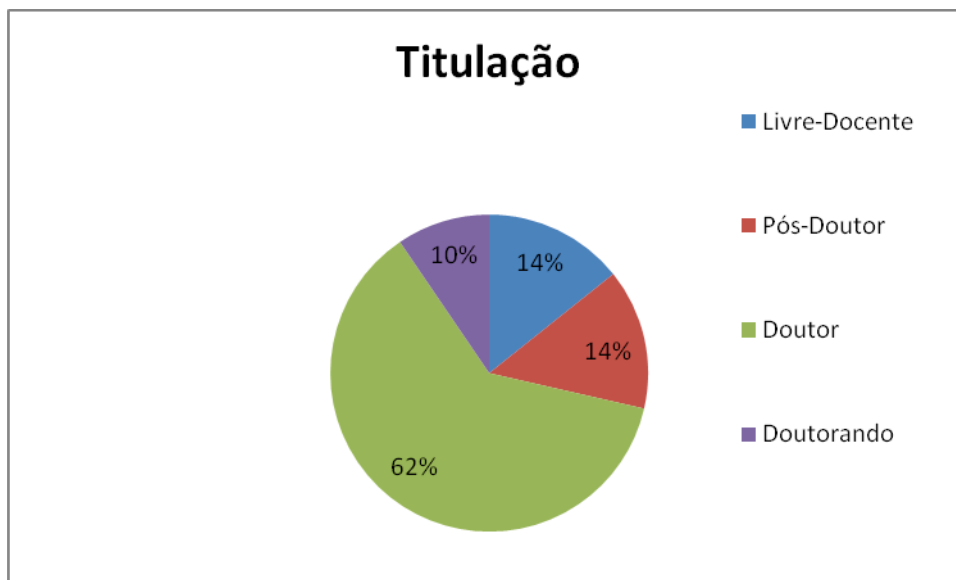
### ENTREVISTAS TIPO 3

#### Perfil dos entrevistados:

Professor com Atuação no Ensino Superior (Graduação e/ou Pós-Graduação)

Professor com Produção Artística

Professores Doutorandos, Doutores ou Superior com formação em Artes



<p><b>Entrevista 01</b> *Nome: Lucas / IES: Univ. Presb. Mackenzie Titulação: <b>Doutor</b>      Obs: Pós-Doutor Área de Atuação: Artes Visuais (Arte &amp; Tecnologia) Atuação no Ensino Superior: 31 anos Local da entrevista: Laboratório Interdisciplinar (IES) Data: 17/03/2009 Duração: 41 min Cidade: São Paulo</p>	<p><b>Entrevista 02</b> *Nome: Benedito / IES: UFRJ Titulação: <b>Mestre</b>      Obs: Doutorando Área de Atuação: Artes Cênicas (Cenografia) Atuação no Ensino Superior: 19 anos Local da Entrevista: Hall do Hotel Eldorado SP Data: 18/03/2009 Duração: 9 min Cidade: São Paulo</p>
<p><b>Entrevista 03</b> *Nome: Joana / IES: USP Titulação: <b>Doutor</b> Área de Atuação: Artes Visuais (Poéticas Visuais) Atuação no Ensino Superior: 30 anos Local da entrevista: Ateliê particular Data: 27/03/2009 Duração: 43 min Cidade: São Paulo</p>	<p><b>Entrevista 04</b> *Nome: Antonio / IES: UNICAMP Titulação: <b>Mestre</b>      Obs: Doutorando Área de Atuação: Artes Visuais (Gravura) Atuação do Ensino Superior: 20 anos Local da entrevista: Ateliê particular Data: 30/03/2009 Duração: 14 min Cidade: São Paulo</p>

<p><b>Entrevista 05</b>  <b>*Nome:</b> Maria / IES: UNICAMP  Titulação: <b>Doutor</b> Obs.: Livre-Docente  Área de Atuação: Artes Visuais  Atuação do Ensino Superior: 27 anos  Local da entrevista: Sala de Reuniões  Data: 31/03/2009  Duração: 30 min  Cidade: São Paulo</p>	<p><b>Entrevista 06</b>  <b>*Nome:</b> João / IES: UnB  Titulação: Doutor  Área de Atuação: Artes Visuais (Arte Tecnologia)  Atuação do Ensino Superior: 35 anos  Local da entrevista: Residência  Data: 07/04/2009  Duração: 47 min  Cidade: Brasília</p>
<p><b>Entrevista 07</b>  <b>*Nome:</b> Madalena / IES: UnB  Titulação: Doutor Obs: Pós-Doutora  Área de Atuação: Artes Visuais (Arte Tecnologia)  Atuação do Ensino Superior: 17 anos  Local da entrevista: Sala de Reuniões (IES)  Data: 07/04/2009  Duração: 20 min  Cidade: Brasília</p>	<p><b>Entrevista 08</b>  <b>*Nome:</b> José / IES: USP  Titulação: Doutor Obs: Livre-Docente  Área de Atuação: Artes Visuais (Arte Tecnologia)  Atuação do Ensino Superior: 23 anos  Local da entrevista: Gabinete de trabalho (IES)  Data: 16/04/2009  Duração: 62 min  Cidade: São Paulo</p>
<p><b>Entrevista 09</b>  <b>*Nome:</b> Roberto / IES: USP  Titulação: Doutor  Área de Atuação: Artes Visuais (Gravura)  Atuação do Ensino Superior: 26 anos  Local da entrevista: Residência  Data: 24/04/2009  Duração: 38 min  Cidade: São Paulo</p>	<p><b>Entrevista 10</b>  <b>*Nome:</b> Valter/IES: Univ. Presb. Mackenzie/UNESP  Titulação: Doutor Obs.: Livre-Docente  Área de Atuação: Artes Visuais  Atuação do Ensino Superior: 36 anos  Local da entrevista: Gabinete de trabalho (IES)  Data: 29/04/2009  Duração: 12 min  Cidade: São Paulo</p>
<p><b>Entrevista 11</b>  <b>*Nome:</b> Isabel / IES: UNICAMP  Titulação: Doutor  Área de Atuação: Artes Visuais (Poéticas Visuais)  Atuação do Ensino Superior: 27 anos  Local da entrevista: sala de reuniões  Data: 30/04/2009  Duração: 30 min  Cidade: São Paulo</p>	<p><b>Entrevista 12</b>  <b>*Nome:</b> Thiago / IES: Univ. Presb. Mackenzie  Titulação: Doutor  Área de Atuação: Artes Visuais  Atuação do Ensino Superior: 25 anos  Local da entrevista: gabinete de trabalho (IES)  Data: 04/05/2009  Duração: 56 min  Cidade: São Paulo</p>
<p><b>Entrevista 13</b>  <b>*Nome:</b> Francisca / IES: UFRJ  Titulação: Doutor  Área de Atuação: Artes Cênicas (Teatro)  Atuação do Ensino Superior: 23 anos  Local da entrevista: Residência  Data: 08/05/2009  Duração: 55 min  Cidade: Rio de Janeiro</p>	<p><b>Entrevista 14</b>  <b>*Nome:</b> André / IES: UFRJ  Titulação: Doutor  Área de Atuação: Artes Cênicas e Literatura  Atuação do Ensino Superior: 29 anos  Local da entrevista: Hall do Hotel Imperial (RJ)  Data: 09/05/2009  Duração: 38 min  Cidade: Rio de Janeiro</p>

<p><b>Entrevista 15</b>  <b>*Nome:</b> Felipe / IES: USP  Titulação: Doutor  Área de Atuação: Artes Visuais  Atuação do Ensino Superior: 20 anos  Local da entrevista: gabinete de trabalho (IES)  Data: 20/05/2009  Duração: 92 min  Cidade: São Paulo</p>	<p><b>Entrevista 16</b>  <b>*Nome:</b> Pedro / IES: UNESP  Titulação: Doutor  Área de Atuação: Artes Visuais (Arte &amp; Tecnologia)  Atuação do Ensino Superior: 27 anos  Local da entrevista: sala de reuniões (IES)  Data: 21/05/2009  Duração: 29 min  Cidade: São Paulo</p>
<p><b>Entrevista 17</b>  <b>*Nome:</b> Fabiana / IES: Univ. Presb. Mackenzie  Titulação: Doutor  Área de Atuação: Artes Visuais (Design)  Atuação do Ensino Superior: 17 anos  Local da entrevista: gabinete de trabalho (IES)  Data: 26/05/2009  Duração: 56 min  Cidade: São Paulo</p>	<p><b>Entrevista 18</b>  <b>*Nome:</b> Marcela / IES: Univ. Presb. Mackenzie  Titulação: Doutor  Área de Atuação: Artes Visuais  Atuação do Ensino Superior: 36 anos  Local da entrevista: sala de reuniões (IES)  Data: 28/05/2009  Duração: 53min  Cidade: São Paulo</p>
<p><b>Entrevista 19</b>  <b>*Nome:</b> Letícia / IES: UFRJ  Titulação: Doutor  Área de Atuação: Artes Cênicas (Teatro)  Atuação do Ensino Superior: 26 anos  Local da entrevista: Café (RJ)  Data: 08/05/2009  Duração: 34 min  Cidade: Rio de Janeiro</p>	<p><b>Entrevista 20</b>  Titulação: Doutor  <b>*Nome:</b> Ricardo / IES: UnB  Área de Atuação: Artes Visuais (Cultura Visual)  Atuação do Ensino Superior: 15 anos  Local da entrevista: entrevista realizada por email e telefone  Data: 18/05/2009  Duração: 30 min  Cidade: Brasília</p>

\*Para assegurar a expressividade e originalidade, além da privacidade das fontes desses relatos orais, optamos por criar nomes fictícios para os entrevistados

# APÊNDICE III - TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS REALIZADAS (NA ÍNTEGRA)

## ENTREVISTA TIPO 1

**José Roberto Drugowich de Felício - Diretor de Assuntos Horizontais do CNPq**

Data: 07/04/2009

Local: CNPq - Brasília

Duração: 42'40''

***Professor, eu queria perguntar para o senhor: quais foram os objetivos do CNPq com a criação do Currículo Lattes?***

Bom, nessa época eu não estava aqui não. Eu acompanhei como pesquisador lá de fora. É... o que que se percebia: é que cada agência e cada instituição acaba exigindo um determinado tipo de currículo. Então: você estava na Universidade de São Paulo e queria renovar o seu contrato né? Você tinha que entregar o seu currículo num determinado formato. É, primeiro põe isso, põe aquilo, enfim, aí se você fosse pedir alguma coisa para o CNPq você tinha que mandar o currículo de um outro jeito e se você pedisse alguma coisa para a FAPESP era um outro currículo. Então a pessoa ficava o tempo todo montando e remontando o currículo num período em que ainda não havia computadores que isso ainda não era disseminado, falando antes de 90. O computador micro começou a aparecer em 92/93 é que a coisa começou a ficar mais distribuída. As pessoas ficavam o tempo todo pedindo para a secretária fazer o currículo, agora faz assim, agora faz assado, e o CNPq antecipou, quer dizer, buscou uma solução que pudesse acabar com isso, quer dizer, ter um currículo padrão que fosse aceito por todos e que tivesse uma atualização constante, permanente. E porque o CNPq conseguiu isso? Porque ele tem uma bolsa que é oferecida aos pesquisadores que é a chamada bolsa de produtividade em pesquisa e que os pesquisadores ou tem a bolsa ou querem ter a bolsa.... então há uma comunidade com cerca de 30 a 35 mil pesquisadores no Brasil hoje ativos atuando na pós-graduação e setoriais que são candidatos a essas bolsas e essas bolsas agora aumentou um pouquinho mas elas até o ano passado elas eram número de 10 mil .... então há uma concorrência forte né? .... e as pessoas são julgadas pelo seu Currículo Lattes não é? O que acontece? O Currículo Lattes é permanentemente atualizado, as pessoas querem manter o Lattes e a outra coisa foi a questão da visibilidade. Como é aberto, esse certamente foi um ponto complicado para o CNPq naquela época né? No sentido que as pessoas aceitassem que os currículos delas estivessem visíveis para todo mundo com todos os detalhes, quer dizer, não é uma parte só, não só os artigos publicados, ou só as teses orientadas, não, é tudo! O currículo é inteirinho aberto como você conhece e agora não, já há alguns anos ele inclusive tem a informação se a pessoa é ou não é docente de produtividade do CNPq e qual é o nível. Então é um negócio absolutamente transparente e que todos os pesquisadores tem a necessidade de estar em dia, quer dizer, eles querem manter o currículo super atualizado.

Bom, paralelamente a isso as outras instituições começaram aceitar que como ele esta bom, está atualizado, então outras agencias, como a FAPESP, que adotavam outro modelo passou a aceitar o currículo Lattes e ela mesma a partir do Lattes ela faz um crivo de informática e importa o que interessa para ela e outras fundações estaduais de amparo à pesquisa também adotaram e universidades também começaram a usar a plataforma para extrair os seus próprios dados. Agora, por exemplo, não sei se o Geraldo te contou nós vamos liberar uma ferramenta para os leitores, para os gestores das instituições que vai permitir a eles entrar na página do CNPq e saber tudo o que foi aprovado no edital universal, no edital julgou, automaticamente isso fica visível para eles e eles tem como fazer, vamos ver, em 2008 o que o CNPq aprovou para o Mackenzie? Entra lá e vê rapidamente ele vai ter então essa boa relação com as instituições também foi um passo importante, e eu acho que essa foi a virtude do Currículo Lattes que é admirada internacionalmente.

***Então, nesse sentido, o senhor considera que esse dispositivo conseguiu atender as demandas e as expectativas que o CNPq, enfim tinha quando criou o Currículo Lattes?***

Eu considero que sim, eu considero que atingiu plenamente os objetivos e ao longo do tempo ele inclusive acho que já superou a expectativa porque por exemplo havia uma crítica principalmente dos argentinos em relação ao currículo lá que era o seguinte: não, a pessoa entra aí e põe o que quer, como é que nos vamos aceitar um currículo que o sujeito chegou lá e fez, enfim, ele pode dizer que publicou isso que publicou aquilo e não é verdade e aí como é que fica? Aceitamos ou não aceitamos esse currículo? E assim por



diante. Então essa questão da certificação ela existia, ela estava o tempo todo como uma pulga atrás da orelha dos gestores e do CNPq. Mas isso começou a ser superado com a criação não pelo CNPq mas as coisas vão aparecendo aí, então de alguns anos para cá, surgiu uma coisa chamada DOI. Você conhece? O DOI é um identificador do documento, de um artigo publicado, por exemplo, e nós passamos a trabalhar com o DOI. A pessoa pode informar... pode não informar, ou a revista pode não ter o DOI, tudo bem, isso significa que não vai ter lá esse "numerinho", esse "simbolozinho", mas quando tiver, quando o pesquisador informar o DOI esse símbolo aparece na frente do artigo e qualquer pessoa pode clicar ali e vai para a primeira página da revista e você vê o artigo naquela revista em que realmente ele existe. Então, deixou de ser uma coisa sem garantia, sem certificação, passou a ter essa certificação pelo DOI e aí você diz: “não, mas e aí se o camarada não informar o DOI?” Se não puser não está certificado. Ninguém é obrigado a acreditar naquilo, se não tiver certificado não é obrigado a acreditar. E mesmo as orientações, por exemplo, a pessoa diz: “orientei a Ana Lucia no mestrado”, bom se você fez o mestrado com aquela pessoa é natural que você tenha o Currículo Lattes e é natural que você diga que fez o mestrado e que foi orientado por fulano de tal. Então, na própria base do Lattes nós temos um simbolozinho do Lattes quando essas informações batem e além disso, nós temos uma certificação pela CAPES, quer dizer que a CAPES tem um banco e num primeiro momento a gente teve que usar no CNPq nas análises porque a CAPES estava travada, no último Coleta que eles fizeram aí teve algum problema, então eles estavam com alguns anos faltando, mas agora isto já está superado... e então, nos últimos dez anos temos a possibilidade de mostrar o símbolo da CAPES para dizer que de fato essa dissertação, essa tese está lá, do jeito que está informado. Todas essas informações estão sendo certificadas, cada vez mais certificadas. No ano passado nós conseguimos mais um serviço gratuito também. Esse do DOI custa 500 dólares por ano para o CNPq, é como se nós pagássemos uma anuidade para ser sócio dessa ONG, porque é uma ONG que faz isso e a partir de 2008 nós também passamos a contar com um serviço da Scopus que é uma base de dados que alimenta on-line o número de citações que aquele artigo tem, recebeu na base Scopus, isso ainda tem problemas porque embora ela tenha as informações sobre muitas revistas ela realmente ainda está trazendo informações incompletas para o Lattes. Por algum motivo os arquivos deles estão sempre bem informados, mas os artigos que não são deles dificilmente vem essa informação. Nós não estamos satisfeitos quer dizer, nós estamos, tudo bem, vai tocando aí nós estamos pedindo para eles melhorarem o serviço, mas estamos também buscando outras alternativas, outros caminhos.

***Então professor, essa preocupação de avaliar essa qualidade é uma questão considerada primária ?***

Fundamental. Porque o Comitê quando se reúne para julgar um projeto de um pesquisador, ele tem como base o Lattes mas ele sempre é claro pode recorrer ao website, à base Scopus e assim por diante. Isso é feito na maioria dos comitês essas coisas ocorrem. Em alguns comitês não há não é, digamos, usual publicar em revistas indexadas, não é usual publicar em revistas internacionais, tá certo? Já é um número muito pequeno e os outros artigos são publicados em revistas nacionais, mas nesse caso nós também temos um acordo com o Scielo, quer dizer, o Scielo, o CNPq também ajuda a financiar o Scielo, a FAPESP é o grande financiador, mas o CNPq também ajuda e o Scielo está construindo esses serviços todos, tanto no DOI que eles já tem, quanto a questão das citações. Isso ainda tem que melhorar, mas eles estão andando nessa direção, tem que andar mesmo, não pode deixar de fazer isso. E, portanto, aí nós vamos ter o Lattes realmente certificado, ou seja, tudo que você enxergar ali que tem um "simbolizinho" seja do DOI, seja da Scopus, seja da CAPES, enfim todos esses órgãos. Você pode acreditar 100% naquilo. O que não for, você pode acreditar com reservas, quer dizer, claro que tem por exemplo orientadores que colocam lá que orientou o mestrado de fulano de tal e não tem a “carinha”. Se você for prestar atenção - isso já aconteceu comigo - o nome do bolsista, do candidato, de quem defendeu a tese não estava correto. Faltou um “cedilha” ou eram dois “L” e você botou um “L” só. É claro que a gente pode melhorar e ter uma busca inteligente e pode ter um nível de acerto maior, mas enfim, existe essa possibilidade, mas o que está certificado, está autenticado, você não tem nenhuma dúvida. O resto você olha com uma certa calma, se puder checar é bom pra ver, fazer a conferência .

***Professor, o Lattes como o senhor colocou ele tem até repercussão internacional... esse modelo foi criado pelo CNPq ou ele foi de alguma base....***

Não, foi criado pelo CNPq.

***Porque ele virou uma referência não é?***

Virou. Tanto que ele foi traduzido e adaptado para o espanhol pela Colômbia. Quem fez isso foi a Colômbia é o “Consciencias” é o conselho equivalente ao CNPq na Colômbia e tem o CONAFIT no

México CONIFIT no Chile. Então, o pessoal da Colômbia adaptou e além disso o currículo passou a ser muito utilizado também pelo pessoal, é claro a Colômbia também tendo feito isso, se espalhou também para outros países. Uns aceitaram mais outros menos. O Chile quis fazer o seu próprio, mas em cima desse. A Argentina tinha essa reivindicação de que sem certificação ia ser difícil, mas vão acabar fazendo também e começou a ser muito útil para a chamada REDE CIENTE. Enfim, tem todo um envolvimento aí nesse caso não sei se você chegou a entrevistar mas existe uma pessoa que pode falar dessa utilização do Lattes fora daqui do Brasil que é o Abel Packer. Ele é do Scielo obviamente, mas tem uma outra, Birene. A ligação dele com o vínculo é com a UNIFESP.

### ***Vou procurar no Lattes dele.***

Você sabe que a minha irmã que é professora da USP em Ribeirão ela disse que as alunas dela quando estão chegando no quarto, quinto ano e tal, começam a encontrar no hospital os residentes, o pessoal que anda fazendo mestrado na medicina elas usam o Lattes para encontrar namorado, pelo menos para ver se namora o cara ou não.

### ***O Orkut acadêmico.....***

É isso mesmo, exatamente!E, em São Paulo eu vi até no Jornal Nacional outro dia alguns médicos sendo entrevistados dizendo que eles mantêm o Lattes super atualizado porque é uma coisa procurada, uma forma que as pessoas realmente utilizam para se informar. Fulano de tal é bom

### ***Então professor, com relação às pesquisas com o Currículo Lattes como referencia, transparente, o senhor acredita que o Currículo Lattes tem influenciado as pesquisas do país?***

Olha, é difícil dizer isso porque não há como medir esse tipo de coisa por via direta o que eu acho que o conjunto sim porque por exemplo o Lattes na verdade, a Plataforma está associada a uma modernização da gestão da ciência e tecnologia do Brasil e que foi, digamos, parte de pelo menos dois esforços que sem dúvida foram fundamentais para o crescimento da produção científica do país: 1 é o programa de bolsa produtividade que já existe desde 1976, mas no começo a comunidade era muito pequena, depois ele passou a ser uma coisa realmente competitiva e que então o Lattes passou a permitir a comparação entre as pessoas. Por exemplo: "eu não tenho bolsa, mas o fulano tem. Deixa eu ver o que ele fez". Para ver como é que eu deveria fazer para ter bolsa, então foram surgindo modelos. Tem o modelo da física, da química, cada um tem o seu modelo. Tem os modelos lá. Se eu quero saber quem são os bolsistas da medicina eu olho lá e outra coisa que caminhou junto com isso foi o programa de avaliação da capes, dos programas de pós-graduação. Avaliação da CAPES, a atribuição dos conceitos dos programas de pós graduação e que se baseiam também na avaliação do CNPq. Para a avaliação dos programas, para que ela seja boa é importante que o programa tenha docentes com várias bolsas produtividade do CNPq. E para ser bolsista do CNPq a pessoa tem que ter um bom trabalho de formação de recursos humanos ou seja, tem que orientar mestres e doutores com regularidade e com sucesso, quer dizer, as pessoas tem que publicar, tem que crescer na carreira. Enfim, arrumar emprego. Essas coisas todas são medidas. Esse é um bom formador de recursos humanos? Ah, sem dúvida! Tem pontos nessa jogada. Então essas duas avaliações, a do CNPq diretamente e individual, analisando pesquisador por pesquisador para atribuir uma bolsa e como a bolsa oferece uma recompensa financeira e de 2003 para cá, além da recompensa financeira, oferece também para os pesquisadores nível 1, um *Plus* o que chamamos de adicional de bancada que é um recurso que o pesquisador pode usar para viajar para um congresso, para trazer um pesquisador de outro lugar, para mandar um estudante dele viajar para participar de um congresso ou visitar um laboratório. É um recurso que o pesquisador pode utilizar da maneira que ele considerar conveniente. Isso tudo faz com que a bolsa seja atraente. Por outro lado, a CAPES ao avaliar os programas diz: "um programa para ser bom tem que ter vários professores que seja pesquisador do CNPq e se não existirem esses pesquisadores lá então alguma coisa está errada." Porque se eles estão querendo ter a bolsa e é importante ter a bolsa e não estão conseguindo, então tem alguma coisa que não está bem. É claro que não são todos, mas você tem que ter, se você tem uns 20 professores no programa, 20 orientadores, então tem que ter 5 ou 7 pesquisadores do CNPq e quanto mais melhor. Essas coisas se realimentaram então não dá pra dizer que o Currículo Lattes ajudou sozinho, isso não, sozinho não daria para dizer isso, mas agora o Currículo Lattes, esse tripé: o Currículo Lattes, a avaliação da capes e a avaliação dos pesquisadores do CNPq essas coisas realmente permitiram, quer dizer, estão na base do crescimento da pesquisa que é sem dúvida alguma importante na produtividade das pesquisas.

***Nesse sentido também professor o senhor acredita que o Currículo Lattes tem possibilitado ao CNPq acompanhar a produção acadêmica científica brasileira?***

Tranquilamente, mas não é a única maneira. É um dos indicadores porque nós temos outros indicadores internacionais. Mas se você olhar pelo web site você não vai pegar um monte de revistas brasileiras ou mesmo livros. Isso só tem no Lattes, então essa é que é a coisa interessante. O Lattes tem tudo! O Lattes tem participação em congresso, o Lattes tem informações, patentes. São informações que são relevantes para a análise de um trabalho de um pesquisador e que muitas vezes não estão presentes em outros indicadores que você tem por aí.

***Sobre as instituições de ensino superior, principalmente as particulares... elas também adotaram o Currículo Lattes como referencial de produtividade e, nesse sentido, abriu a competitividade entre os docentes. O senhor acredita que esse fato de superprodutividade, de aceleração? Enfim, que isso pode afetar os resultados registrados na base?***

Tivemos um caso recente na PUC não foi isso? Na PUC - São Paulo, de umas informações que não eram corretas. A gente recebe sempre, quer dizer, toda semana recebe alguma denúncia de pessoas dizendo: "olha o currículo do fulano não é esse, o cara está inventando". É normal que isso ocorra numa base que já tem mais de um milhão de currículos, mas o fato é o seguinte que por estar disponível para todo mundo está complicado. O pessoal pode entrar, comentar, falar "pô, isso aí é mentira, ele não publicou esse artigo, eu sei que não, esse livro não existe". Essas coisas todas, a gente recebe, processa, quer dizer, vê o que tem que fazer, avisa a pessoa, pede para ela consertar. Se isso se mantiver a gente tira do ar e toma medidas cabíveis, jurídicas. Agora isso é uma aberração, quer dizer, a gente trata como uma aberração mesmo porque todo mundo sabe que uma mentira pode passar por um tempinho curto mas se ele deixar aquelas informações lá.

***Está todo mundo vigilando....***

É isso aí. Está todo mundo de olho. E muitas vezes ele pode colocar uma informação que interesse para a universidade. Não tem muito valor no CNPq, mas na Universidade pode ser interessante para ele dizer lá que fez isso, fez aquilo, mas as instituições agora com essa informação que eu te passei do gestor institucional elas vão ter a possibilidade de olhar de fato. Porque os caras falam assim: "eu ganhei uma bolsa do CNPq", "PDJ" não sei o que, é verdade? Eles vão ter um jeito de verificar isso. Eles vão ter as informações todas. Quer dizer, isso eu acho que era uma coisa que estava faltando aí porque as instituições como nós trabalhamos diretamente com os pesquisadores, as instituições ficam um pouco à margem desse apoio, então o que acontece é importante mas não aparece para eles lá, só por via indireta. Com essas informações cruzadas que as instituições vão ter nós vamos cada vez mais limpando, inclusive com relação a informação. O pessoal pode informar que é professor da Universidade Mackenzie e não é. E nós não temos como saber, certo? Mas agora quando alguém, quem o Reitor lá da instituição indicar para ser o gestor entrar na página e falar assim: "o fulano de tal ganhou o edital universal, o projeto do edital universal, é do Mackenzie. Não! Não é do Mackenzie coisa nenhuma! Imediatamente ele cancela o auxílio. Eles vão ter essa possibilidade. Eles cancelam o auxílio e nós processamos, e aí o sujeito diz: "ai não recebi". Nem vai receber, porque você não foi autorizado a sua contratação pela Universidade Mackenzie. Aí eu acho que a gente fecha o círculo mesmo que precisa, tá certo? Nós vamos ter que trabalhar em colaboração com as instituições sem dúvida.

***Pra ir finalizando, como o CNPq avalia a receptividade do sistema do Currículo Lattes pelos professores?***

Deixa ver se eu entendi: se nós achamos que eles gostam, aceitam, se tem afinidade ou não?

***Isso.***

Olha, para minha surpresa a aceitação foi muito boa. É claro que no início andou um pouco mais lentamente como é de se esperar, até porque as pessoas não tinham idéia do alcance, da abrangência que teria essa Plataforma, mas com o passar do tempo as pessoas foram entendendo que não havia como fugir disso, escapar desse processo. É claro que há críticas quanto a: "uh, mas eu tenho que preencher isto?" "Mas eu tenho que colocar tudo de novo!." "palavras-chave", enfim, tem uma porção de coisas, mas o CNPq também tem trabalhado para facilitar isso. Não sei se o Geraldo te contou ou se você já percebeu mas

hoje sempre que ele for colocar um artigo novo que ele publicou se ele tiver o DOI, ele coloca só o DOI e o sistema recupera o título, o autor e tal. A única coisa que ele tem que conferir são os autores, porque as vezes vem só o primeiro autor ou então se for o caso, de 6 ou 8 autores, ele traz 4 e aí a pessoa precisa completar, mas se for com poucos autores e, na maioria dos casos, você coloca o DOI, o sistema recupera tudo que te importa: O ISSN, a Revista, o nome da Revista, a página ou o número do artigo, traz tudo. E a pessoa possivelmente dá uma conferida e diz ok. Então isso é um ganho. Facilitou para caramba. Outras coisas que estão sendo pensadas para facilitar cada vez mais o preenchimento Lattes também o seguinte: o fato do Lattes estar sempre atualizado, quer dizer, que as pessoas querem que esteja atualizado. Ninguém quer que veja que ele só publicou 30. Não, ele publicou 31! O cara fica se preocupando com isso. Olha lá defendeu mais uma tese o aluno dele, vai lá e coloca! Então, mas esse fato permite também que o nosso outro sistema, o diretório de grupos de pesquisa também fique constantemente atualizado. Antigamente, era só no Censo, agora você entra num grupo a qualquer momento, você puxa quem é que está lá, os Lattes dele estão ali disponíveis. É uma coisa que ficou muito rápida. A outra coisa é que nós fomos criando oportunidade para melhorar o currículo. Então, por exemplo, o fato de colocar uma foto, hoje é possível conhecer boa parte da comunidade científica entrando no Lattes. Não só o nome, mas a pessoa, quer dizer, você encontrar amanhã, sabe quem é e a pessoa, tem a possibilidade de informar, de dar um resumo da vida dela, quer dizer, ela informa o que ela quer informar né? Qual é o resumo? O que ela considera relevante? Ela põe ali. São vários *up-grades* que a gente foi tendo ao longo dos anos, e que realmente tornaram o currículo uma coisa bastante útil e, digamos, que coloca o Brasil numa posição de liderança no cenário mundial, quer dizer, todo mundo chega quase a duvidar que exista e que funcione da maneira que funciona, realmente é uma coisa que nos ajuda muito. Ajuda toda a Ciência brasileira.

***Última pergunta: a gente já conhece a estrutura do Currículo Lattes. Enfim, o senhor acredita ou o CNPq tem medido esforços para fazer com que essa plataforma possa atender todas as áreas do conhecimento, incluindo Arte?***

Sim, sem dúvida! Por isso, ele é bastante completo por causa disso. Ele tem que ser cada vez mais abrangente. Cada área tem sua própria maneira de atuar, seus produtos né? Entre as aspas. E isso chega ao CNPq por intermédio dos Comitês, os Comitês dizem: “essa informação é fundamental para nós”. Muitas vezes o Lattes oferece mais possibilidades para a pessoa informar do que ele tem a informar ou outro que ele gostaria de informar ou então a pessoa muitas vezes até perde tempo em informar e os Comitês não dão bola para muitas coisas que estão ali, mas isso depende de cada comitê, tanto que cada comitê o direito de pedir à informática a máscara que ele deseja para o Lattes dos pesquisadores deles. Por exemplo, você pegar a Física, a máscara da física cobre participação em congresso. O comitê não quer nem olhar, para não perder tempo, para não atrapalhar porque eles não valorizam isso, não acham importante. Eles querem saber o que o cara publicou, o que ele pesquisou, qual é o fator de impacto. O que ele orientou, quantos. Já o pessoal de computação dá muito valor à participação em congresso porque a maioria dos pesquisadores em computação ao participar de um congresso saem os anais e o artigo está lá, ao contrário da física que normalmente que quando sai, geralmente são 4 linhas, meia página. Na computação sai o artigo mesmo, 4 páginas, 8 páginas nos anais da conferência. Para eles isso é importante, eles tem menos artigos publicados e mais participações em congresso. Isso fez com que o professor tivesse a possibilidade, por exemplo, o professor pode colocar patente, ainda outro dia eu estava pedindo para o Geraldo deixar a patente mais visível daquele jeito ali está um pouco escondida, então a gente está mexendo nisso para que fique mais visível e é claro que tem um monte de gente que não tem patente, quer dizer, a grande maioria não tem patente, mas quem tiver coloca lá, tá certo? Tem comitê que não vai se preocupar com isso, mas há Comitês para os quais essa informação é fundamental. E o número é cada vez maior, quer dizer, hoje é a Química que quer saber se o sujeito tem patente, é a Química, a Engenharia Aeronáutica, quer dizer, eles querem saber se o sujeito tem patente. Para outros não, para outros isso não importa, mas o Lattes tem a possibilidade, quer dizer, ele abriga esse tipo de informação. Tem um montão de parâmetros lá e os Comitês definem como é que vai ser analisado e os pesquisadores da área fica sabendo, assim como ficam sabendo, não sei se você sabe disso. Se você fez essa busca na página, por exemplo, é possível saber agora desde 2008 quem são os bolsistas de produtividade da área de matemática. Então, não só entrando no Lattes de pessoa por pessoa, mas também como eu vou adivinhar se o cara tem ou não. Então, você pode entrar lá e conhecer todo mundo que agora inclusive tem um jeito um pouco mais direto de ver isso que é na Plataforma Carlos Chagas. No mapa de investimento, quer dizer, você nem precisar ir lá, é só ir na página inicial e escreve lá “mapa de investimento”. Você vai olhar no Brasil todos os auxílios, todas as bolsas, aí se você clicar do lado esquerdo você pode abrir por estado, por área e tal e aí você vai seguindo, você pode olhar: “ah, agora tem tantos de matemática” no Mackenzie. Então você vai lá e clica no número ele mostra os nomes e se você clicar em cada um dos nomes você vê os Lattes de cada um. Então acabou ficando realmente uma coisa absolutamente transparente. Os comitês não tem vida fácil porque eles acabam de

julgar quem está e todo mundo entra no Lattes de quem ganhou e quem não ganhou . “Porque que não ganhou, porque esse ganhou e tal”, mas funciona bem, quer dizer, se você examinar o número de reclamações que nós temos, por exemplo, no ano passado tivemos 9000 pedidos sei lá para bolsa produtividade, ... e tivemos 3000 concessões. São 6000 pedidos negados e a gente recebe cerca de 500 pedidos de reconsideração que são analisados novamente pelos comitês e por uma comissão de consideração de recurso e aí a gente trata tal desses documentos sei lá, numa ordem de 20 ou 30 vão ser recomendados, então é um processo bem aceito e as pessoas não ficam falando mal da gente o tempo todo. É o que mostra que não é uma coisa - claro que ninguém gosta de receber um não e sempre acha que foi injustiçado - mas não tem repercussão. Isso não gera movimento a ponto de derrubar a diretoria do CNPq. Assim como da CAPES também avalia a cada 3 anos os programas e é uma coisa dura, difícil com o programa receber um conceito 3 ou então o que é 5 passar para 4, ou seja, é um negócio complicado, mas praticamente não se ouve muitas reclamações e acusações. Então eu acho que o Brasil está muito maduro nessa área, quer dizer, faz a avaliação já há bastante tempo, uma avaliação que é aceita pela comunidade, as duas na verdade são aceitas. Também nisso nós somos mais ou menos liderança em relação ao mundo. Não há muitos processos de avaliação tão centralizados como esse que o Brasil tem. Na semana passada estivemos em Portugal e as pessoas não se cansam de elogiar, pois não há uma avaliação dessa, por exemplo, para os programas de doutoramento. Eles tem avaliação de instituições lá, então o que seria o CNPq lá faz avaliação da instituição: boa, muito boa, ou ruim, fraca, sei lá, e pronto. Mas aí dentro dessa instituição, por exemplo dentro da USP você tem 200 programas de doutorado. Tem programa de doutorado bom e tem programa de doutorado que não é tão bom assim, isso eles não tem. Nós temos e é um exemplo para o mundo e, sem dúvida que o Brasil cresceu muito com essas ações do CNPq e da CAPES.

***O senhor quer acrescentar mais alguma coisa?***

Eu acho que não.

***Então está ótimo!***

Só que eu fiquei contente de saber que você está fazendo esse trabalho porque eu sou fã do Lattes há muito tempo e inclusive de tudo o que foi gerado a partir dele, que na verdade surgiu uma plataforma Lattes, não só o currículo, mas a possibilidade de fazer um pedido eletronicamente e que começou há muito tempo, eu me lembro que em 1997 eu fiz um pedido para renovação de bolsa de doutorado de uma estudante de doutorado minha e então ela recebeu a bolsa do CNPq via programa e tal, ganhou a bolsa mas no ano seguinte para ela continuar com a bolsa o orientador precisava solicitar para o CNPq de eu me lembro de ter entrado e ter feito o pedido e foi uma coisa que eu achei tão importante que eu falei no conselho de pesquisa da USP, eu era o representante na minha faculdade, e eu me levantei para dizer: “olha eu quero elogiar o CNPq e tal. Embora não tivesse ninguém do CNPq, mas elogiar pelo que está possibilitando, pelo que está trazendo para a comunidade científica, pelo avanço que está visível e de lá para cá outras coisas aconteceram e realmente e cada vez é mais fácil fazer uma solicitação, tanto de auxílio quanto de bolsa e assim por diante e tudo isso surgiu na verdade com o Currículo Lattes, o fato de você ter as informações todas das pessoas aqui que constantemente atualizadas é que permite ao CNPq fazer tudo isso dessa maneira.

***Obrigada professor, obrigada mesmo!***

Por nada!

## **ENTREVISTA TIPO 1**

**Jose Roberto Passetto – Presidente da Comissão do Currículo Lattes CNPq**

Data: 22/04/2009

Local: Universidade de São Paulo – Rib. Preto

Duração: 26’28’’

***Professor em que consiste a Comissão do Currículo Lattes? Quando ela surgiu?***

Olha, ela surgiu há aproximadamente um ano e a função dela, vamos supor, é analisar, tá certo? Ou trazer propostas de modificação do Currículo Lattes, os pesquisadores, eles constantemente estão mandando sugestões de modificações ou de acréscimo, de limitação. Então essa comissão tem essa função: ela analisa

esses pleitos, verifica se eles são razoáveis ou não, ela transfere para a área técnica. Ela vê se viabiliza isso ou não e uma vez viabilizado isso é então introduzido. Essa é uma função. A outra função é analisar as denúncias que chegam ao CNPq. Existem numerosas denúncias de fraudes no Currículo Lattes, informações que não são verdadeiras. O sujeito inventa trabalhos publicados que não existem ta certo? Inventar títulos universitários que não existem. Então esse material chega para a Comissão, ela passa isso para a auditoria do CNPq, essa auditoria manda, forma um processo, manda isso para o denunciado, o denunciado se explica. Se for uma explicação razoável a gente aceita e se for uma explicação que não se convence, você pede mais informações, e se você tiver convencido de que aquilo é uma fraude, o Currículo Lattes desse pesquisador é retirado do sistema. E conforme, se ele tiver algum benefício decorrente dessa falsificação ele é obrigado a devolver o benefício e eventualmente nós comunicamos a direção da instituição desse fato.

### ***Professor, geralmente, como são feitas as denúncias?***

As denúncias são feitas pelos pares. A maioria são pelos pares. Há pouco tempo, foi feita uma denúncia que determinado pesquisador ele dizia que era professor titular de uma universidade estadual paulista aqui, quer dizer, na realidade ele era doutor, depois ele dizia no currículo, tinha uma série de publicações, que ele era co-autor e mostraram que aquilo tudo era mentira, então isso foi mandado para ele, ao mesmo tempo também foi feita uma denúncia para a direção da faculdade, né? Então para nós veio isso daqui, então ele responde. Imediatamente a conduta desses indivíduos é tirar todas essas informações falsas, só que o CNPq tem tudo isso gravado, tem um sistema de *bkup*, então aquilo fica registrado e esse processo vai caminhando. Outra coisa que é muito comum nesse tipo de denúncia, de trabalho inexistentes os pares mandam essa daí. A outra coisa é o indivíduo dizer que ele é doutor, fez o doutorado e não fez, ele inscreveu no doutorado, largou o doutorado e não fez, ou uma outra coisa que é fonte também de denúncias é doutorados feitos no exterior, principalmente na França, quer dizer, na França existe um sistema acadêmico um pouco diferente daqui, então vem as denúncias, você apura ta certo? a pessoa responde, ou não responde, não e? Nós temos casos de professor titular de uma universidade federal que tinha lá no currículo um doutorado que ele tinha feito na França e depois na hora em que ele foi confrontado né ele disse que não tinha o doutorado. Outra coisa que existe também em termos de denúncias é dos comitês assessores, entendeu? O Comitê Assessor analisa o Currículo Lattes, mas eles tem outras fontes de base de dados para analisar, por exemplo, na área de medicina, nós temos o “medline”, o “is”, então o indivíduo sempre se confronta as publicações que o indivíduo diz que tem com essas bases de dados e aí quando se vê que tem erros grosseiros então este também é enviado para o currículo lattes, para a comissão para tomar pé.

### ***Falando em Comissão como é composta essa comissão?***

Essa comissão ela é composta por 3 representantes da comunidade científica que no momento é um da área de saúde, um da área biológica que sou eu, um da área de exatas que é um físico, e um da área de humanas que é um antropólogo do Rio Grande do Sul, mais um indivíduo da auditoria do CNPq, mais dois representantes, dois funcionários, que trabalham constantemente com os comitês assessores, um representante da área de informática, que eu me lembre é isso daí, você deve ter anotado.

***É eu anotei da outra vez. Professor, o senhor falou que a Comissão existe há um ano mais ou menos, de qualquer forma os critérios do currículo desde a sua criação estão sendo mantidos ou .....***

Não, olha essa comissão já existia, ela funcionou durante um certo tempo e agora ela foi reativada....

***Ah, ta, ela foi reativada....***

Ela foi reativada há um ano e meio novamente, mais ou menos, não sei exatamente o tempo....

***Ah, ta.... entendi, então de qualquer forma, esses critérios que vocês da comissão se utilizam para reorganizar ou mexer no Currículo Lattes eles mantêm a mesma configuração, configuração não, acho que é errado fazer essa pergunta, eles mantêm os mesmos critérios iniciais, no sentido de vamos dar uma continuidade ou ele já foi mudado totalmente?***

Não, não, é uma continuidade, quer dizer, é uma coisa que você vai melhorando progressivamente. Existe solicitação de pesquisadores que querem que inclua lá na Plataforma Lattes, no Currículo Lattes. Informações que eles acham importantes, o indivíduo foi membro de comissão de exame de qualificação, o

indivíduo fez uma [atividade], ele quer que dê destaque para algumas atividades, palestra, etc, tudo isso tem lugar no CNPq, só que ele quer que se dê um destaque separado, é isso daí, outras são por exemplo, tem umas coisas técnicas importantes. Foi dito que quando você trabalha com o sistema “hh “.www, no CNPq esses sistema é vulnerável a fraude. Então, quando você usa o HTTP, isso não tem fraude. Esse sistema lá foi mudado para o HTTP, quer dizer que é um sistema muito menos imune a fraudes do que “coisa”, porque alguém pode chegar lá fraudar o sistema e te denunciar, aí tem essa complicação. Então essas daí são bons ok?

***Professor, então com o passar desses anos de obrigatoriedade, se eu não me engano desde 2000 o Currículo Lattes já é obrigatório para pedir fomento, o senhor acredita que o dispositivo conseguiu atender às demandas da agência de fomento?***

Olha, eu acho que sim, quer dizer, o currículo, esse currículo atualmente, vamos supor, aqui na Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto é o currículo oficial nosso, você não tem um outro currículo. É esse que você atualiza e existe. Então isso daí facilitou muito a vida do pesquisador, não é, ele tem um local que tem um currículo que ele atualiza facilmente e para agência, para a universidade também, quer dizer, a própria universidade tem acesso ao currículo quando ela tem alguma dúvida e agora e a agência de fomento que usa também esse instrumento. O que nós estamos agora tentando fazer é tornar esses dados que são inseridos na plataforma mais realistas. Uma das coisas foi o DOI, você não chegou a ver isso?

***Sim, que é o registro, coloca o número....***

E ele vai, e encontra. Isso é um dado importante. Segundo, nós estamos tentando validar aqueles dados, isso o Geraldo deve ter falado pra você, em outras bases, por exemplo, a base de dados do “medline”, a base de dados do “isy”, tentando automaticamente validar aquilo lá. É uma coisa complexa, você precisa fazer um acordo com essas firmas e essas firmas geralmente cobram muito para fazer isso. O que nós estamos querendo é que o sistema ele tenha alguma coisa para validar, quer dizer, é uma outra base de dados para validar. Acontece que nem sempre, o DOI, tem muita revista que ainda não tem o DOI. Porque ela paga para ter o DOI, então tem muita revista que ainda não tem. Então é uma coisa que está progressivamente se implantando.

***Professor, o senhor acredita que então que a preocupação de agora é não só de dados quantitativos, mas qualitativos?***

De melhorar a qualidade. Porque nós estamos com mais de um milhão de Currículos Lattes, acho que é um milhão e duzentos.... né?

***Hum hum, é....***

Eu fiz uma palestra, pensei que estivesse aqui no meu computador, mas não tenho, para te mostrar alguns dados, mas ela tem mais de um milhão de coisas...e agora é melhorar a qualidade desses dados, melhorar a veracidade desses dados, isto que é o mais importante, porque tem um monte de coisas que é curioso. O indivíduo na ânsia de melhorar o currículo ele coloca não inverdades, ele coloca semi-verdades. Então, um trabalho que ele enviou para publicação e que foi aceito para publicação para nós não vale nada na hora de analisar as coisas lá nos comitês então para aquilo ser [inserido] ele inventa um número para a revista, uma página inicial, uma página final, e aquilo vai. É um trabalho que esta em publicação, mas que se tiver em publicação aquilo não vale. Agora, tem lá, apesar da gente ter colocado no Currículo Lattes, não sei se você viu, tem uma parte “artigos em publicação”, então tem isso daqui, mas a gente precisa melhorar a qualidade disso. Agora você pega um sistema que tem um milhão e duzentos mil pessoas sempre tem um indivíduo honesto, sempre tem um indivíduo que tem uma outra fonte de erro que é geralmente são para muitos a secretaria que atualiza aquilo entendeu? Então, a secretária não tem muito crivo, ela vai lá olha numa base de dados transfere para lá. Então tem gente que publica muito, então as vezes vai erro porque ele não tem tempo pra ver se aquilo que a secretária incluiu ta certo ou ta errado.

***Professor, ainda falando sobre esta questão que o senhor tocou dessa semi-verdade, vamos dizer, não totalmente mentira, mas eu tinha uma pergunta mais ou menos por esse lado, que é: as instituições de ensino, as universidades, enfim, elas adotaram esse currículo como referencial de produtividade acadêmica, o que pode provocar um movimento de superprodutividade, então o cara tem que produzir para mostrar lá na instituição. O senhor acredita que esse fato pode afetar os registros da base de dados e talvez colocar em risco o sistema ou que o senhor pensa sobre isso?***

Quer dizer, no Brasil está cada vez mais se adotando aquela filosofia americana Publish or Perge “Publica-se ou morra”, então aqui isso está sendo cobrado, mas está sendo cobrado aqui, você vai prestar um concurso para livre docência, um concurso para titular ou concurso para ingresso na carreira, a produção científica vale muito, então o indivíduo é induzido a publicar, aí que entra a criatividade: ou ele inventa trabalho, ou ele coloca como trabalho completo um resumo. Então ele tenta encher o currículo, mal sabe ele que sempre aquilo vai ser confrontado ta certo? Ele pode passar uma vez, mas depois vem uma denúncia e é fatal, ele sempre tem alguém vigiando, é publico pô! Você entra lá, é publico, então ninguém mais está livre de ser vigiado.

***Esse currículo o senhor acredita que é uma fonte de vigilância? E controle? Porque se o cara tiver errado....***

Ah, é verdade, por que o cara estiver errado ele vai ter que sofrer com as conseqüências. Eu acho que falta um pouco ainda, é que a gente .... falta um pouco difundir que existe uma vigilância constante não é? Muita gente passa, você não pode, vai dizer o que? Olha você toma cuidado, se bem que não sei se você já viu no Currículo Lattes .... deixa eu ver aqui, então se você for ver, no final, na hora que você atualiza qualquer coisa...

***Quando você vai enviar....***

Está dito lá.....

***Que você atesta que tudo aquilo é verdade não é isso?***

Você atesta que tudo aquilo ali é verdade.

***É porque agora o senhor não está atualizando não vai aparecer... mas aparece uma tela***

É aparece uma tela que fala que aquilo lá é enfim, diz o artigo em que o sujeito se enquadra é que ele não lê direito aquilo, você já viu?

***Eu já vi! Tem um termo que leu e que está de acordo e que você atesta que aquilo é verdade***

É isso mesmo, então com aquilo você passa a ser sujeito naquelas sanções penais, é falsidade ideológica se não me engano.

***Professor falando no currículo, agora eu vou tocar na questão das áreas. O senhor acredita que o currículo atende satisfatoriamente a todas as áreas, em especial a área de arte?***

Olha, isso você precisaria perguntar ao comitê de Arte. Quer dizer, eu acho que ele atende. Acontece que os critérios de valorização do trabalho na parte de Arte, os critérios são diferentes da parte de medicina, claro, medicina vale muito o trabalho publicado. Em Arte isso vale, mas também a produção em termos de arte é diferente. Então realmente eu não sei, a vantagem dele é que pega tudo, mas aí você precisa conversar, eu nunca fiz esse tipo de exercício. Mas eu sei que o pessoal lá valoriza coisas diferentes. Cada Comitê no CNPq tem o seu critério de valorização, certamente o currículo atende tudo. Agora, o comitê é o que vai dizer o que vale mais e o que vale menos.

***Professor, perguntando ainda sobre a área de arte no que tange à Comissão: chegam, eles procuram, como é, como o pessoal se manifesta com relação à Comissão? Tem demanda não tem?***

Olha, eu não estou lembrado agora aqui, eu não me lembro, precisaria até fazer um levantamento, mas eu não sei, mas deve chegar demanda sim. Deve chegar demanda, mas eu não sei isso em relação ao total o que significa.



***Professor, como a comissão avalia a receptividade do currículo lattes pelos pesquisadores brasileiros?***

Olha, eu acho que a receptividade é boa, quer dizer, você recebe isso daí pelas reclamações que chegam do Currículo Lattes e também pelo contato pessoal. No contato pessoal eles acham que é um instrumento importante para a vida universitária. E é isso que eu estou de falando. Tem algumas pessoas que acham, vamos supor: o Currículo Lattes precisa valorizar mais a parte de ensino, tá certo? Mas o Currículo Lattes é um currículo para colocar principalmente a parte científica mesmo, mas tem lugar lá para você também colocar o que você tem em termos de ensino. Cabe aquilo, agora é que quem, o Currículo Lattes quando vai ser julgado por ele lá no CNPq, no início ele foi feito para o próprio CNPq, agora ele está se estendendo a todos não é? Então lá no CNPq o pessoal não valoriza em termos de produção científica não se interessa se o sujeito da aula ou não dá aula porque você pode pegar um pesquisador que não dá aula, ele pertence a um Instituto de Pesquisa pura. O Butantã por exemplo, mas eu reclamação que eu vejo muita gente falando é essa, que não privilegia a parte de ensino, enfim, mas ele privilegia sim, você já viu?

***Já, é na Atuação Profissional aí ele coloca....***

Onde que esta?

***Aqui ó... aí ele coloca atuação profissional, aí mesmo, pode clicar, aí ele inclui aqui aí você tem a opção de colocar ensino, se dá aula, onde que dá, quais são as disciplinas tem sim....***

Olha, outras informações relevantes....

***Aí é uma parte de texto.....***

Aí é uma parte que você pode colocar o que você quiser, olha o que eu coloquei aí: Presidente, Vice-Coordenador, Chefe de Departamento, representante e tal...

***Então professor, só mais uma pergunta, o senhor até já tocou nesse assunto, mas só para entender volume não precisa nem ser numérico, mas enfim, com relação às sugestões, o pessoal sugere bastante, enfim o senhor falou que vai avaliar se é possível, mas então, o pessoal sugere ou não sugere?***

Sugere muito, sugere bastante, quer dizer, cada reunião nossa lá que acontece a cada dois meses nós temos mais ou menos umas 20 sugestões. Eu estou sem a pauta da última reunião mas tinha até mais do que isso, tem muitas sugestões...

***E aí vocês discutem?...***

A área técnica diz se é possível ou não e nós discutimos, algumas coisas a gente diz “aí não tem cabimento”, mas sempre é importante porque tem um sujeito da área social que acha que é importante, o da área de exatas tal e a medicina fica ali no meio, mas é discutido. A Comissão toda discute. O indivíduo da área técnica vê a possibilidade daquilo ser feito né? Porque uma coisa é se pode ser feito ou não, as vezes é muito difícil de fazer, aí que o Geraldo entra lá com a parte dele.

***Professor, o senhor gostaria de acrescentar algo mais que o senhor considera relevante com relação à Comissão ou com relação ao próprio currículo?***

Não, é interessante, tem o folclore disso. Tem duas coisas que o pessoal tá contando: primeiro, nas paqueras aí as moças vão lá e consultam o Currículo Lattes do estudante de pós graduação para ver alguma coisa lá, é uma fonte de [informação]. E a outra coisa é que tem gente desonesta utilizando-se do Currículo Lattes para tirar vantagem. A gente recebe muito emails de firmas dizendo, oferecendo consultoria numa determinada área, ela manda um email para mim dizendo que ela tem algumas firmas que precisam de uma consultoria na parte de hematologia tá certo? Aí diz se você se interessa ou não, as vezes oferece um salário grande, bom, muita gente vai e fala “eu me interessa”. Aí o indivíduo é convidado a ir num escritório em São Paulo, a firma tem um escritório na Av. Paulista sempre num lugar ou na Faria Lima, qualquer coisa, aí

o sujeito vai lá, ele assina um contrato e aí a firma pede um adiantamento para o indivíduo para encaminhar aquilo lá, é como se fosse um negócio de emprego. E aí é ela que está dando o golpe, então tem muita gente utilizando, aí de vez em quando o Currículo Lattes coloca lá de vez em quando “tome cuidado porque isso aí pode ser utilizado de uma maneira inadequada”.

***Tá ok professor, muito obrigada!***

De nada.

## **ENTREVISTA TIPO 1**

**Sonia Gomes Pereira – Membro do Comitê de Assessoramento em Artes, Ciência da Informação de Comunicação - Sub-Grupo ARTE**

Data: 08/05/2009

Local: Residência da professora – Rio de Janeiro

Duração: 57'01

***Professora, em que consiste o comitê da área de Arte? Qual é a sua composição?***

O comitê de artes é formado por dois membros titulares e um suplente. Então, o que a área de artes tem feito já a algum tempo é fazer com que essa composição corresponda às três sub-áreas em que, vamos dizer assim, a área de arte está estruturada. Então é sempre um membro de música, outro de Artes Visuais e outro de Artes Cênicas. Então, embora sejam dois titulares e um suplente nós sempre procuramos trabalhar os três em conjunto para que a gente não tenha que decidir nada de uma outra sub-área que não seja da nossa.

***Em que consistem as atividades ou quais são as funções que o Comitê desenvolve?***

Nós temos várias reuniões anuais, algumas são presenciais e algumas outras que agora são à distância, em que a gente faz julgamentos não é? Por exemplo, concessão de bolsas, concessão de auxílios à pesquisa dos vários tipos que o CNPq oferece. Agora, o sistema do CNPq é assim: os próprios técnicos do CNPq que enviam os pedidos, as propostas para pareceristas. Então, quando nós chegamos lá nessas reuniões nós sempre trabalhamos a partir dos pareceres desses pesquisadores do CNPq, que é um sistema um pouco diferente do sistema da CAPES, porque na CAPES eu já fui representante da CAPES. Na CAPES os representantes de área escolhem os pareceristas para os quais os processos vão ser mandados. O CNPq neste ponto tem um processo um pouquinho diferente: os técnicos é que escolhem e nós trabalhamos a partir destes pareceres.

***A senhora é membro do Comitê. Esse reconhecimento da área de Arte como uma “área mesmo”, ele chegou mais ou menos na metade dos anos 80 pelo que eu pude apurar....***

É, é isso....

***Hoje, como a área de Arte é vista pelo CNPq?***

Olha, a minha visão é a seguinte: a área de Arte cresceu muito tanto quantitativamente quanto qualitativamente, então, da minha experiência, eu fui representante da área de arte na CAPES nos anos 90 e agora estou no CNPq. Então, por exemplo, nos anos 80 era muito comum você encontrar o pessoal de arte sem muita clareza dos critérios, entendeu? Evocando sempre: ah, a área de artes é uma coisa especial, não podemos fazer avaliação, não se avalia a arte que é uma posição que hoje a gente vê que era muito infantil, pois se você está no mundo universitário, no mundo acadêmico, você tem que ser avaliado, não existe essa condição de estar no mundo acadêmico sem avaliação. Então, eu acho que o crescimento, o amadurecimento da área de artes foi uma questão assim incrível nesses últimos dez, quinze anos, quer dizer, foi colocar os critérios no papel, ver o que a área considera importante e isso foi um crescimento que eu acho que começou tanto na CAPES como no CNPq, porque esse crescimento aconteceu – digo eu – lá pelos anos 90. Acho o professor Walter Zanini uma pessoa histórica em relação sobretudo ao CNPq e acho que na CAPES uma pessoa histórica foi o professor Manuel Veiga da música. Então esse foi um marco muito importante.

### ***Da música como ele se chama?***

Manuel Veiga, ele é um professor da Federal da Bahia, não que os anteriores não tenham sido importantes, mas eu acho que houve um determinado momento em que eu identifiquei como início dos anos 90 em que a área de arte se deu conta de que não dava mais para fazer o discurso do coitadinho, do diferente e que era preciso lidar com as outras áreas de igual para igual, definir o que é esse elenco em arte que é uma coisa difícil, mas que eu acho que está sendo enfrentado.

### ***Professora, agora eu vou perguntar um pouquinho com relação ao currículo: a senhora acredita que a área de Arte é abrangida em sua totalidade na estrutura do currículo lattes atual?***

A área de Arte tem uma reivindicação antiga de modificação do Lattes, nós não podemos ainda dizer que seja culpa do Lattes não nos atender ainda, eu acho que isso corresponde a esse próprio amadurecimento, por exemplo, só para te dar uma idéia: na CAPES já houve uma modificação que foi significativa para nós. A produção bibliográfica vale a mesma coisa do que a produção artística, foi uma vitória histórica e depois de conseguir essa equiparação para nossa área de arte foi feito o “Qualis Artístico”, porque não adianta só você dizer que vale a mesma coisa, você tem que chegar e dizer “olha, o excelente na produção artística isso aqui, esses seria, vamos dizer, o livro do mais alto, isso aqui corresponde a um artigo, então a Martha Ulhôa que é a atual representante de artes lá na CAPES liderou um movimento muito bacana que foi justamente a montagem deste “Qualis Artístico”, reuniu gente das três sub-áreas e cada grupo definiu, por exemplo, uma exposição, que você faça uma exposição, se aquilo é uma exposição que você venceu um edital, se aquilo passou por um júri, você foi selecionado, e essa exposição – só para te dar um exemplo – leva dias e dias e dias e se ela é itinerante, essa exposição tem um peso muito diferente de uma pequena exposição feita num lugar, entende? Foi feito um esforço enorme e está pronto. Então, o coleta CAPES, que agora parece que não se chama mais coleta CAPES, ele agora já está sendo modificado para absorver esses novos critérios da área de Arte para a coleta dos cursos, o que a gente quer agora é a mudança do Lattes, porque quando você vai preencher, eu não sou artista, eu sou uma teórica, sou uma historiadora e crítica de arte, mas o pessoal artístico tem muita dificuldade no preenchimento do Lattes, porque fica tudo no “Outros”. Melhorou muito, mas ainda pode melhorar mais, isso aí é uma reivindicação da área, mas eu acho que não é que a gente tenha pronto e o CNPq não esteja querendo dar, é porque isso é um crescimento que nós estamos construindo.

### ***Nesse sentido professora, aí eu vou falar o que o professor Passetto me falou, por isso ele me abriu horizontes para entrevistar o pessoal do comitê, porque eu perguntava para ele com relação à mudança do Currículo Lattes, se o CNPq era aberto à mudanças, à sugestões, e eles disseram que sim e que na área de arte geralmente as reivindicações vem diretamente como via Comitê. Então eu queria perguntar: o comitê recebe uma demanda? Porque a questão toda é essa: existe uma movimentação por parte da comunidade em reivindicar isso ou não? Ou o aparelho é muito chato e a gente espera?***

Eu acho que da comunidade mesmo isso vem de uma forma muito difusa, agora o que foi feito concretamente eu acho que o mérito como pessoa é da Martha Ulhôa, porque como a Martha liderou esse *qualis* artístico, ela teve a oportunidade de trabalhar com o pessoal da CAPES da área de informática para poder adequar. Ela entrou em contato agora com o CNPq responsável por essa parte do Lattes porque o que eles querem é mudar o Lattes e o coleta do CAPES juntos, porque como um alimenta o outro não adianta mudar um e não mudar o outro, então eu até tenho que dizer isso, eu acho que quem está liderando neste momento, liderando mesmo, no sentido de captar todas as demandas é a CAPES através das mudanças, mais até do que nós comitê. O que nós comitê fizemos como comitê? Nós encaminhamos o pedido da Martha. A Martha entrou em contato direto com eles, inclusive com uma linguagem muito mais técnica, a Martha tem tudo pronto, por exemplo: quais são os itens para serem incluídos no item “Artes Cênicas”? Quais são os itens para serem incluídos no item “Artes Visuais”? Tudo foi discriminado e foi passado para o CNPq através da Martha Ulhôa.

### ***Então deve estar em análise.....***

Eu acredito que sim, porque o que acontece, quer dizer, eu acho. Aí eu estou dando uma opinião pessoal, eu acho que o representante da CAPES, ele tem uma posição muito mais forte dentro da própria instituição, quer dizer, ele realmente representa a área. Só para te dar uma idéia: eles tem a possibilidade como representante da CAPES de convocar todos os coordenadores de todos os cursos de pós-graduação para fazer uma reunião e a CAPES banca esse encontro. O Comitê do CNPq, o representante do comitê não tem essa força, acho até que talvez não seja nem para ter. Então você sente que a área é mais organizada na

CAPES pela própria estrutura da CAPES. Não estou com isso falando mal do CNPq, porque o CNPq tem uma estrutura que é muito voltada para pesquisador, enquanto que a CAPES trabalha com instituição... então eu sinto que no CNPq nós vamos muito menos vezes, do que representante da CAPES, você é quase que obrigado a parar a suas aulas para ter que atender a CAPES não é? Mas em compensação é muito mais cobrado, mas você também recebe muito mais no sentido de apoio. Eu penso assim: no CNPq a gente vai às reuniões, é muito trabalho nós fazemos os relatórios de toda a nossa área. No nosso comitê, não sei se estou entrando em outro assunto, o nosso comitê tem trabalhado de uma forma muito legal porque todo final do comitê nós fazemos um relatório que são os relatórios que nós levamos para as nossas associações em que nós fazemos observações de política de área. Então esses documentos ficam no CNPq e são também os motes que a gente leva e eu sinto pouca interlocução com o CNPq, quer dizer, os relatórios ficam lá, e eu não sei também se nós estamos numa fase de transição, porque tem também havido pouquíssimas bolsas, então para você sentir assim, nesse meu mandato, nós estamos trabalhando muito numa estratégia que eu chamo de sobrevivência. Quase que em todo o meu mandato chegava assim: “não tem bolsa nova”, aí a demanda, eu tenho os gráficos, era uma coisa inacreditável, era uma coisa assim: cento e tantos pedidos e não tem bolsa nova. Aí você faz o que? Então você fica torcendo para um pesquisador antigo não ter pedido renovação, que aí você pega a bolsa dele e, então com esse clima de muita penúria, fica muito difícil você fazer uma política entendeu? Você fica fazendo só a sobrevivência.

***Professora, o que seria então a pesquisa em Arte para o CNPq, como Comitê?***

Pois é, eu acho que o próprio CNPq aceitar dentro dele Artes foi uma coisa difícil porque você vê que o próprio CNPq está dentro do Ministério da Ciência e Tecnologia, quer dizer, durante muito tempo, eu acho que nesse ponto a gente deve muito ao Silvio Zamboni, porque ele realmente foi a pessoa que brigou para conseguir colocar a arte dentro do CNPq. Agora eu acho que depois de um momento de muita imprecisão agora como eu te falei, dos anos 90 para cá nós temos uma idéia, quer dizer, o que a gente considera como pesquisa em Arte? Você tem logicamente um grupo que é teórico, que trabalha com história, com crítica da arte, e aí faz todo um trabalho de interpretação que envolve a cultura, então com os teóricos nós não temos muita dificuldade de saber o onde é que está a pesquisa, agora em relação aos artistas, se você for conversar com os artistas eles vão dizer: “todo o trabalho tem pesquisa”, mas o que nós consideramos um trabalho artístico que envolve pesquisa é quando a própria obra está refletindo sobre uma questão, sobre um problema de arte e a reflexão desse artista não é apenas uma reflexão que aparece na obra dele, mas ela aparece também no seu trabalho bibliográfico. Então, por exemplo, quando nós vamos julgar um candidato artista, nós cobramos dele uma produção bibliográfica também. Quer dizer, isso é o que diferencia o artista pesquisador, do artista que não é pesquisador, ele não é obrigado a ser pesquisador, mas do momento em que ele se propõe a ser um artista pesquisador ele deve ter uma reflexão, que naturalmente é comunicada à comunidade através de escrita, de palestras, enfim, sobre as questões da arte e todos os seus sentidos, quer dizer, o que é a arte hoje, como é que se coloca o problema da desmaterialização do objeto da arte, as discussões sobre o fim da arte, ou seja, tudo o que afeta o mundo da arte, esse artista está no meio dessa arena, então espera-se isso dele, não adianta. Bom, vou te dar um exemplo: é polêmico. Vamos ver se eu não estou exagerando, mas eu vou te dar um exemplo: vamos supor um artista. Não sei se eu devia falar nomes, mas, por exemplo, o fulano pode dar 300 concertos por ano, dar concertos em grandes salas da Europa, ele é um grande artista, mas ele pode não ter o perfil de um artista pesquisador, que é o artista que reflete sobre o que faz, coloca essa reflexão não só na sua obra, mas também de uma forma, geralmente é uma pessoa engajada na questão de ensino, é muito comum isso estar junto, não é verdade? Então nós “compramos isso”... Aí, as vezes uma parte da comunidade diz assim: “ah, então você supor que o fulano não é... não, ele é um grande artista, mas nós achamos que o CNPq ou no caso da CAPES que são os programas de Pós-Graduação, nós precisamos de um tipo de artista pesquisador, entende? Não sei, você acha que eu falei isso com clareza?

***Falou, é porque existe essa divisão, vamos dizer, em certo sentido e a questão acho que está nesse cerne de entender o que é então, porque a área de arte precisa de todas essas pesquisas***

Isso, é...

***Então, não significa determinar um único perfil, mas que para o CNPq interessa investir nesse perfil que está ligado ao ensino***

Pois é, deixa só eu dizer uma coisa para você porque aí tem a ver com o meu próprio trabalho pessoal. Essa idéia de que o artista, muitas pessoas acham, inclusive o artista acha que faz muito mal à arte entrar nesse ambiente acadêmico, cobrar do artista que reflita... isso é uma ingenuidade, pois desde o Renascimento que

a Arte, a grande reivindicação do Renascimento foi tirar a Arte – sobretudo as Artes Visuais – da categoria de artes mecânicas e transformar a Arte nas Artes liberais. Então, a grande bandeira de luta do Renascimento foi a questão de que a obra está na cabeça, na idéia. Então, quando Leonardo da Vinci fala que a pintura é uma coisa mental ele está dizendo isso. Quer dizer, nós do século XX, já no século XXI queremos defender a idéia de um artista sem a parte mental que é a idéia, isso é uma loucura, quer dizer, eu só queria dizer que eu imagino o que é que você quer dizer: por exemplo, um artista feito o Iberê Camargo. Ele é um grande artista, escreveu pouco, acho que nem escreveu, não era de falar muito, era um grande artista. É claro que há artistas que tem a obra tão potente e que a própria obra suscita tanta discussão que se forma em torno deles um grupo de outros artistas, de discípulos, quer dizer, eles tem esse poder desencadeador de discussão e polêmica. Eu acredito que um artista como esse é também um artista pesquisador. Agora, o que não é possível é você aceitar, acho eu, que por exemplo, tem também a categoria do artista que está comercializada, esses fazem milhares e milhares de exposição e talvez tenham até mais sucesso, então é preciso fazer aqui uma separação eu acho, dessa produção artística que tem esse potencial de discussão, de reflexão, seja ela através da própria obra ou através até de uma reflexão em paralelo, nós em Artes Visuais não temos muito problema com isso, pois os artistas atuais escrevem e falam muito, mas o pessoal da música, por exemplo, o fulano é concertista e aí? Então, esse ponto é crucial e está sendo o diferencial, vamos supor, como é que tem sido o pensamento predominante na área nos últimos tempos? Esse artista que não quer discutir esses problemas é um direito dele, mas ele passa a ser da ordem do Ministério da Cultura, entendeu? É um outro departamento. Agora se você está dentro de um Instituto de Pesquisa, de apoio à pesquisa – como é o CNPq – ou se você está dentro de uma estrutura como a CAPES que é de desenvolvimento do pessoal de ensino superior – você não pode fugir a esse compromisso que é essencial para a pesquisa. Eu acho que a coisa deveria ser colocada, vamos dizer, nesse ponto.

***É muito interessante porque essa fala derruba muitas resistências....***

É, muita resistências, você imagina que, por exemplo, seria muita ingenuidade nós pensarmos que, por exemplo, a obra do Picasso, enfim, ele botou todos os problemas ali. E se ficou décadas e décadas discutindo o que ele fez. Então, os artistas do passado, mesmo aqueles que a gente acha que são acadêmicos, eles discutiam, aquele pintor que você conhece naturalmente, o Andrew, aquele pintor clássico, tem escritos e mais escritos, ele era professor, entrava em polêmicas pelo jornal. Então eu acho que defender o artista pesquisador não é como muita gente pensa que iria tirar a Arte do lugar dela e colocar.

Eu acho que o lugar da Arte sempre foi esse. Pelo menos de maneira consciente desde o Renascimento. O Caravaggio, por exemplo, brigas terríveis em torno do Caravaggio. Então, é essa condição de discussão, de debate que eu acho que tem que estar presente. Logicamente que com uma seriedade, enfim.

***Professora, vou voltar um pouquinho no Lattes. A senhora acredita, porque assim: com a vinda do Currículo Lattes e se tornou uma referência, ele é transparente, todo mundo vai lá, vê e consulta, e por isso, não só o CNPq, mas as instituições o adotaram como um sistema de avaliar e de mensurar a pesquisa. A senhora acredita então que a pesquisa hoje pode ser influenciada por esses critérios. Aí eu me explico: um pouco mesmo nessa fala que a senhora colocou que com a normatização, os critérios em arte começando a ficar mais claros. A senhora acha que este instrumento pode influenciar em até numa mudança?***

Eu acho que pode. Agora, na minha opinião não é culpa do Currículo Lattes. Eu sou de uma Universidade Federal, então eu acho que consigo ver com mais clareza. As Universidades Federais tiveram há algum tempo mas que agora acabou, um instrumento chamado GET. Era uma gratificação, enfim, a sigla era GET. Que era o seguinte: ganha mais quem produz mais. O Lattes, de uma certa maneira, ele reproduz isso. Só que o Lattes agora, você deve estar lembrando, você marca, você assinala. Primeiro porque ele só trabalha com os 5 últimos anos, não é isso? Depois, você marca o que você fez de mais relevante. Eu acho que uma política saudável, inclusive como política para o futuro, tanto nas universidades como no próprio Lattes seria não incentivar a quantidade, porque estão publicando demais e muita bobagem. E, ao contrário, incentivar a qualidade. Então, por exemplo, eu defendo uma idéia de que, toda vez que eu sou chamada na CAPES, mas eu sou sempre voto vencido... eu digo: gente, ao invés de você coletar tudo o que o professor fez no triênio, você chega para ele e pergunta assim: me dê as três obras que você mesmo considera mais relevante do seu triênio? E você pega aquelas obras e só trabalha com elas, quer dizer, essa política é o que você fala. Se você usa o instrumento, ele acaba viciando. Então, ah, é pela quantidade? Então vamos: artigo, artigo, artigo, aí eu só publico em artigo A... eu só publico em 1A.... sei lá, aquelas coisas. Você acaba, como você diz, você fica sendo, eu faço isso porque o resultado é esse, mas se as próprias agências mudam a sua política, eu acho que seria saudável isso: porque eu tenho que lançar, por exemplo, 300 mil

artigos e palestras e tudo, eu posso colocar, mas nós temos feito isso no Comitê de Arte: nós temos trabalhado só com a produção relevante. Então, isso é um indicador maravilhoso! Uma coisa que nós fizemos também foi um upgrade enorme na avaliação da produção é considerar a produção em série, que a gente chama assim: “cabeça de série”. Por exemplo, isso aconteceu no caso do pessoal de música e do pessoal de teatro. Você imagina que o fulano levava uma peça que, vamos supor, tenha tido 300 apresentações ele botava as 300 vezes, então você veja a gente não conta, simplesmente não conta. Eles pararam de colocar. Então, quer dizer, trabalhar com a produção a idéia de série. Então, vamos supor: se você faz uma exposição e dali sai um catálogo, dali sai um vídeo e sai sei lá, um CD você considera uma série com peso altíssimo, quer dizer, em vez de ficar.... então eu acho que se o CNPq por um lado e a CAPES por outro mudassem esse conceito desincentivaria a pessoa a ficar produzindo, ninguém pode produzir tanto coisa de qualidade, a grande verdade é essa. Quer dizer, você numa pesquisa séria, inovadora, você leva tempo para fazer e nenhum artista plástico faz uma exposição de categoria para, sei lá, ganhar um edital do CCBB, algum lugar importante né? Em São Paulo, no Rio de Janeiro... para ele preparar uma exposição dessa leva no mínimo 3 anos, aquele que vem com 10 exposições em um ano você já sabe que aquilo foram exposiçõezinhas. Eu acho que o passo seguinte para o Lattes seria, eu acho que é importante você colocar tudo até porque você tem um mapeamento da produção, mas é cada vez mais investir naquelas estrelinhas que você marca. Então, de repente acontece o seguinte: nós vamos trabalhar com a produção relevante. Você marca e dá peso aquilo. Porque até agora elas ficam ali, mas quando faz o resumo do Lattes só aparece números. Naquela parte final lembra? Mas na verdade eu acho que naquele resumo devia aparecer a parte quantitativa e aquilo que o próprio indicou como o mais relevante, porque aquilo é o perfil dele, aquilo ali é quase que o DNA dele. Nós temos trabalhado muito com as estrelinhas como a gente chama. Porque senão você chega, o fulano diz: ai eu fiz exposições, ganhei um prêmio de um lugar absolutamente desconhecido, como é que você vai trabalhar só com números. Não, então eu quero ver, então a gente faz umas tabelinhas para poder fazer as escolhas não é?

*Então, deixa eu aproveitar para emendar com esta, porque era a próxima que eu ia fazer mas a senhora já respondeu e de repente a gente só complementa, porque como eu estava falando que as instituições pegaram o Lattes como sinônimo de produtividade e tem essa tendência que poderia provocar um movimento de superprodutividade, que é um pouco no que a senhora está tocando... e aí nesse caso, esse movimento não pode afetar os resultados registrados?*

É, ele pode afetar, mas eu acho que o próprio CNPq e o pessoal do Lattes já teve essa intuição ao você marcar. Agora, a gente não pode esquecer um aspecto que eu acho assim muito importante do Lattes que é o critério nacional, porque nós temos muitas dificuldades de equalizar critérios no Brasil todo pelas diferenças regionais, eu pessoalmente sou contra você relativizar os critérios para outras regiões, eu acho que as universidades menores, de locais com mais dificuldade, é preciso incentivar para que eles cresçam, não precisam baixar os critérios, mas é dar apoio para eles alcançarem os critérios. Eu acho que é a grande qualidade do Lattes e eu acho que é a grande vitória. Todo mundo está usando o Lattes por isso, porque senão você diz assim: “será que a FINEP usa os mesmos critérios da CAPES? Quer dizer, cada um usa um critério. Então eu acho que esse instrumento nacional foi um ganho e que a gente não deveria perder isso, porque senão por exemplo, São Paulo é São Paulo e como é que você vai comparar São Paulo com um estado mais pobre? Mas você não pode baixar os critérios, então eu acho que esse momento de confronto da comunidade inteira com um instrumento único, eu acho que foi um salto, inclusive porque os critérios não foram rebaixados, eles foram realmente pelo contrario, eu acho que está havendo uma cobrança muito grande de comparação com os critérios internacionais, então esse discurso do coitadinho ele fica quase que excluído. Agora o que eu acho é que o passo seguinte seria trazer para dentro do Lattes um espaço maior esses itens que o próprio currículo edita como produção de relevância, porque é muito perigoso a gente voltar para o estágio anterior: “ah, fulano acha bom, mas o ‘cicrano’ não acha. “vamos supor São Paulo: A FAPESP põe um tipo de critério, aí você vai trabalhar com uma outra instituição e é outro, então ficava uma coisa, a manipulação é muito maior, entende? Então esse é o lado positivo que eu acho do Lattes, embora eu ache que ele pode ser melhorado.

*Professora, vou perguntar de bolsas. Embora a senhora já tenha tocado nesse assunto, eu fiz uma pesquisa no site que tem disponível por área a distribuição das bolsas do CNPq e pelo que eu apurei ela sempre esteve atrelada à área lingüística e letras e agora entrou “multidisciplinar” que também foi uma vitória ... para o meu programa.... porque o meu programa é multidisciplinar né. Então eu nem sei se a área multidisciplinar entra nesse status porque ela é bem recente, mas pelo que eu pude apurar mais ou menos entre 3 a 4% do total de bolsas é oferecido para área de arte. Então eu queria perguntar se os critérios estabelecidos para a concessão de bolsas é igual ao das outras áreas, ou se na Arte tem um critério diferente, no sentido de olhar a especificidade da área e como é feita a divisão das bolsas?*

Olha, o que o CNPq diz e eu até acredito que deve ser verdade é que eles determinam o número de bolsas pela demanda. Então tudo é pela demanda. Agora, a grande diferença que eu acho que existe, sobretudo das áreas chamadas “duras” é que essas outras áreas tem muitos fundos setoriais. Então, por exemplo, eu não sei como poderia dar exemplo disso, mas a Física, então tem um fundo setorial com determinada empresa. Então essa empresa aloca recursos, então eles acabam dando mais bolsas para essas áreas também, não só porque são prioridades governamentais, mas também porque você pode abrir o site do CNPq e você vai ver uma infinidade de fundos setoriais: para a Saúde, para a Física, para a Química, pesquisas que são prioritárias mesmo. A área de Cultura quase não tem esses fundos setoriais, que acho que era inclusive, para um futuro também, era conseguir fundos setoriais do Ministério da Cultura ou de outros, porque você verifica por exemplo, o CCBB, a Petrobrás, todo mundo faz a sua própria seleção. Eles poderiam fazer através do CNPq, então algumas instituições não querem passar por isso, ele poderiam entregar os recursos e dizer: “os recursos estão aqui e vocês [o CNPq] é que vão fazer a seleção”. Isso não acontece na nossa área, então você vê toda hora um edital: É Caixa Cultural, é Petrobrás Cultural, é Banco do Brasil, mas você vê que cada um tem o seu próprio júri e são eles mesmos que organizam. Então eu acho que talvez o crescimento na área cultural seja também a gente conseguir credibilidade junto a esses órgãos para eles fazerem o que o pessoal da Ciência e Tecnologia já fazem há muito tempo. É claro que na hora de você priorizar num país com problemas de saúde ou de educação, uma pesquisa de tecnologia de alimentos, essa área tem que ter prioridade e nós temos que ser realistas. Já acho um ganho enorme o CNPq ter aceitado a área de Arte hoje. Agora a área de Arte tem que ir à luta, como a gente diz de brincadeira, tem que ir à luta. Eu vejo o Ministério da Cultura abrir editais. Aí eu pergunto: então porque o Ministério da Cultura não pega a área de Arte do CNPq que faça essa avaliação? Ela tem todos os instrumentos, ela não gasta um tostão, no entanto, criam-se comitês que acabam saindo caríssimos. Então eu acho que é essa articulação que agora nada do que eu estou apontando para você eu estou dizendo como falha, eu estou achando que este é um estágio do crescimento. Eu vejo com muita positividade de um caminho da área de Arte. Vejo mesmo, tanto dentro da universidade, como na CAPES, como no CNPq, eu acho que é como um momento de crescimento até a gente conseguir ocupar espaços que nós ainda não ocupamos. A toda hora você deve receber por email um monte de edital e eu penso que eles estão gastando rios de dinheiro para fazer a avaliação, enquanto que o CNPq está preparado para isso, tem know how, trataria de uma maneira muito mais isenta, muito menos manipulada, mas nós não estamos ainda neste ponto, mas nós vamos chegar! Eu acho que a área vai chegar.

***Professora, a senhora já falou, mas só se tiver mais alguma coisa, ou se eu posso considerar uma sugestão para o aprimoramento do sistema, do Currículo Lattes com relação à Área de Arte a senhora falou sobre as “estrelinhas” de ser mais valorizado. Fora isso teria mais alguma coisa que a senhora gostaria de acrescentar?***

Teria ainda a divisão de itens que hoje fica muito em “Outros” e que a equipe da CAPES já trabalhou e tem pronto para entregar ao CNPq, acho que já até foi, seria interessante você entrar em contato com a Marta Ulhôa porque ela inclusive ela teve um analista de sistemas, por parte da CAPES, trabalhando com ela, porque é lógico que a gente não entende dessa linguagem, então ela pegou todo o estudo que foi feito pela equipe e ele [o analista] estava transformando isso em não sei nem te dizer bem o que é que é, mas ela estava nessa luta, inclusive porque não adiante melhorar o instrumento de coleta da CAPES se não mudar o Lattes, eles tem que mudar juntos, porque você sabe que ele importa os dados do Lattes.

***... e aí é que o problema é quando importa, não importa tudo....***

É, então os dois tem que crescer juntos. Então eu acho que são duas coisas: melhorar o instrumento, mas melhorar a questão da qualidade, quer dizer, dar um destaque maior às estrelas. Porque você tem que abrir tudo para saber onde é que estão as estrelas. Eu acho que de alguma maneira isso deveria ser destacado. Porque as vezes você se perde, tem estrelinha em cima, depois em baixo, quer dizer, naquela ficha resumo, na minha opinião deveriam vir os números e as estrelas na íntegra, não sei se são 3 ou 5, mas viriam as 5. De repente você trabalha só com as 5. Nós temos feito muito isso: fulano é o máximo! Vamos ver se o fulano é o máximo! Vamos ver as estrelas dele onde é que estão, é palestra aqui e ali, aí você vê até porque é muito importante isso, porque a coerência da produção do pesquisador com o próprio projeto de pesquisa e tem casos em que a gente até ria, por exemplo, uma pessoa com um projeto sofisticadíssimo e de repente você via a produção: uma palestra sobre um tema nada a ver. Aí você vê como se fosse uma ultrassonografia, nesse sentido o artista precisa ser sério. Eu considero mais um artista com uma grande obra durante um triênio, ou seja, uma grande obra do que a pessoa que tenha feito dez grandes bobagens... aí não é só na área de Arte não, pelo contrário, eu acho que o pessoal das Ciências Exatas é que

tem mais resistência em implantar esse sistema porque quando se fala nisso não é um problema nosso, só da área de arte, então não me interessa que o cara escreveu dez artigos, eu quero ver que artigos são esses, eu não vou ver tudo, eu vou trabalhar por amostragem e ele próprio vai me dizer o que é melhor e eu vou olhar, eu posso até entrar no site, tem pessoas que postam no seu próprio blog ou está no site da revista, quando você trabalha com a produção de “TOP” de cada pesquisador você pode ter mil artigos, mas ao invés de você ficar com aquele volume imenso de produção que você não sabe o que é. Graças a Deus as GEDs caíram das Universidades Federais porque as pessoas ficavam como você falou: “tenho que fazer um artigo”, significava uma gratificação, então isso deformou, as pessoas saíam correndo produzindo coisas que na verdade são bobagens acadêmicas.

***Professora, como a senhora avalia a receptividade do Currículo Lattes pelos professores e pesquisadores?***

Eu acho que é boa. Talvez nós não sejamos os melhores, porque olha só o problema: a UFRJ tem um sistema interno chamado SIGMA e que ela não abre mão. Então, tudo o que você pede internamente: bolsa, incentivo de qualquer coisa é avaliado pelo SIGMA, então nós temos que preencher dois: o SIGMA e o Lattes. Aí o pessoal da UFRJ vai dizer assim: “não, não tem problema, que um exporta para o outro. Não exporta direito Ana! A verdade é que você exporta, mas depois você tem que entrar no Lattes e arrumar tudo porque fica uma bagunça. Então, comparado com o SIGMA eu acho o Lattes muito melhor. Eu acho mais fácil de preencher, então eu não vejo tanta dificuldade, eu acho que ele já foi muito pior. O Lattes por exemplo, é muito mais chato, agora as pessoas também reclamam de tudo, agora eu acho que é muito melhor você preencher o currículo Lattes do que você ficar fazendo currículo tradicional, então eu vejo isso como uma coisa positiva. Agora, tem por exemplo, a Ligia Fafy, não sei se você conhece de nome, ela morreu relativamente há pouco tempo. Ela foi uma grande artista e era professora na escola onde eu trabalho, ela nunca fez o Lattes na vida. Ela dizia: “eu me recuso” a fazer isso. Eu era coordenadora da Pós-Graduação, eu saía correndo atrás dela, era uma cena cômica ela andando pelo corredor e se ela entrasse no banheiro eu entrava junto atrás e perguntando: você fez alguma exposição em Barcelona? Quando foi? Tudo pela Pós-Graduação! Então, você ainda tem, mas que aos poucos está passando, uma posição romântica daquele artista que diz assim: “sabe, eu não quero saber da vida real, eu quero só ficar no meu Ateliê”. Mas ele quer os recursos, então é uma posição um pouco infantil porque só pode ganhar recursos se for avaliado. É a única maneira de você ser sério, ser democrático, é dinheiro público. Como eu estou numa escola de Arte eu noto muito a diferença no comportamento dos artistas. O pessoal mais jovem sabe que tem que fazer o Lattes, sabe que tem que montar projeto, sem essa de dizer que artista não escreve, eles sabem que se eles não fizerem isso não vão ter nada. Não montam laboratório, não montam ateliê, mas os artistas mais antigos se colocavam muito nessa posição que eu acho sim uma coisa careta, isso eu acho careta, que é aquele artista que acha que vai atralhar a minha arte, se eu me meter com esta burocracia estarei contaminado, oh! Sinceramente eu acho isso uma idéia ultrapassada.

***Então, professora eu queria agradecer e perguntar se a senhora gostaria de acrescentar alguma coisa ainda ....***

Não querida, eu só queria dizer o que já falei, até porque eu já participei de julgamento de outros lugares eu tenho um grande respeito pelo CNPq e pela CAPES. Tem defeitos, mas eu acho que são sérios, tentam ser justos, então eu respeito muito porque a gente sabe o trabalho que é feito lá, eu estou dizendo isso porque estou comparando com outros espaços que eu acho que não são assim. E eu acho que pelo menos na área de Arte, ou pelo menos eu tive sorte nos meus mandatos, que as pessoas entenderam que não dá para ir pra lá e fazer a política da sua instituição. Porque isso pode beneficiar parcialmente a sua instituição, mas estraga a área. Se a área tiver boa todos crescem juntos como se diz do Oiapoque ao Chuí. Eu acredito nisso, eu estou muito entusiasta mesmo. Acho que teve uma interferência muito positiva das universidades, lógico que eu estou vendo da ótica de quem está na universidade federal, mas enfim, eu tenho quase 30 anos de trabalho e eu sou favorável a avaliação. A pessoa que chega pra mim e diz que não quer ser avaliada eu acho uma coisa muito estranha, eu acho que ninguém está acima de ser avaliado você não acha?

***Claro, com certeza! E só uma coisinha que eu queria acrescentar e que eu não sei se a senhora endossa... a senhora acredita que esse é um período de mudança? Porque pelo que eu tenho visto das entrevistas parece que é um momento de mudança mesmo, na área de Arte, com relação às agências, uma mudança de um lado, um entusiasmo do outro.***



É, eu acho que o que aconteceu foi a própria mudança na área de arte, eu acho que as pessoas hoje estão se conscientizando. Mesmo quem não é da área de arte está se conscientizando da importância da área de arte pela questão da criatividade, dos sentidos. Então, por exemplo, o diálogo com a ciência, isso cresceu muito, há alguns anos atrás, vamos supor, eu imagino nos anos 50, 60... o economista olhava para o artista e pensava “coitado”... quer dizer, o mundo pós-moderno teve muitos problemas, mas ele mostrou pra gente o fracasso daquele discurso de que a economia vai resolver o problema do mundo. Ou é, a economia não resolveu, levou a gente para o buraco; a administração não resolveu e não vai resolver tudo. A ciência, pelo contrário, descobriram que os modelos científicos não estão contra as Artes. O que aconteceu foi que as pessoas viram as limitações de suas próprias áreas de conhecimento. E aí a questão da criatividade que é o grande da imaginação, que é a fonte primária do artista. Na verdade é a fonte do cientista também. Então, nesse momento a área de arte teve uma entrada que ela não tinha antes. Se você pegava um economista ele ia rir na sua cara, ou então era muito comum você pegar, isso aí ainda existe viu, mas existe muito menos, ou pegar um bando de cientistas e dizer “era tão bom se tivesse uns músicos aqui para tocar pra gente, assim, tipo fundo musical”, mas isso hoje eu acho que está decaindo, esse pensamento da arte como enfeite, a arte como acessório. Agora, eu sou muito otimista, eu acho que apesar de todos os pesares, da falta de dinheiro, disso e daquilo, a área de Arte cresceu e, amadureceu sobretudo, é isso!

## **ENTREVISTA TIPO 2**

**Charles Araujo – Coordenador de Gestão de Bases de Dados e Redes**  
**Geraldo Sorte – Coordenador Geral de Informática**

Data: 07/04/2009

Local: CNPq – Brasília

Duração: 41’22’’

***Então você estava contando que o Currículo Lattes começou com o professor Pavan mais ou menos em 1980....***

*Geraldo:* Então, eu cheguei aqui em 1988 e antes de chegar aqui já existia um negócio chamado banco de currículos. O banco de currículo era assim: os pesquisadores preenchiam um formulário em papel e o CNPq já torturava os professores desde aquela época com esses formulários em papel, eles eram trazidos para cá e as pessoas faziam um trabalho de enquadramento do que foi preenchido, das tabelas, principalmente de área de conhecimento. Havia um grupo de tratamento da informação e um grupo de digitação dos dados, e isso formava uma base que na época a gente utilizava basicamente para imprimir o currículo e ter ele para fazer algumas estatísticas básicas do currículo. Um tempo depois foi feita uma versãozinha de um software de entrada de dados para facilitar esse trabalho de tratamento, então foi feito um programa chamado “bcur”. O “bcur” era um software feito em DOS para capturar, fazer exatamente a entrada de dados .....(ruído).... então foi criado o Bcur que era um software feito em DOS e o pessoal fazia a entrada de dados. E facilitou, foi feita a entrada e, de novo, não havia surgido ainda a internet. Um tempo depois surgiu uma precursora da internet que foi a bitnet que conectava nas universidades e com a bitnet a gente pode dar maior visibilidade ao currículo. Ele passou de uma situação que você tinha a captura da informação para fazer entrada de dados para uma situação em que você colocava isso na internet, na internet não, a precursora da internet que era a bitnet.

***Você preenchia e enviava on line ou nem era o Currículo Lattes ainda?***

*Geraldo:* Não, nem era, não era, aquilo era o banco de currículos. Ele era basicamente um software que capturava informações e carregava numa base de dados. Então, com a bitnet a gente pôde colocar uma consultinha na época. Uma consulta que permitia a seleção dos especialistas, coisas pessoais para a universidade. A universidade tinha acesso e podia fazer consultas básicas, tipo o currículo do professor, selecionar consultores, essas coisas todas. Bom, o currículo tinha buscas básicas, o currículo ficou algum tempo disponível nesse meio e as pessoas começaram a usar com uma certa frequência e aí num determinado momento nós tivemos um certo problema porque as pessoas se sentiam um pouco invadidas na sua privacidade porque se inseriam informações que eram disponibilizadas para toda, para quem estava consultando. Era uma espécie assim: tudo bem você usa para vocês aí para avaliar mas não vale você “botar” isso para fora, era uma questão aí delicada, teve então muitos pesquisadores que ficavam se queixando disso, aí houve um retrocesso disso, uma espécie de recolhimento e o currículo passou de novo

“para dentro”. Bom, depois disso, o currículo nessa época a gente tinha uma base estável em torno de 30 mil currículos, 32 mil currículos. O Charles acompanhou isso né?

*Charles:* Acompanhei a partir do início de 99 tinha cerca de 30, 35 mil

*Geraldo:* Era na faixa de 30, 35 mil.... Não era esse número enorme, na época eram só doutores e alguns mestres que preenchiam o currículo. A demanda era bem menor, bolsa então, a comunidade do CNPq era uma coisa que ainda estava se expandindo. Nesse momento houve um recolhimento e assim surge a idéia de fazer currículos numa versão. O Windows surgiu e as pessoas se queixavam muito do formulário de entrada que era feito em DOS, etc, aí surgiu uma versão Windows do currículo que era chamada currículo do orientador aí começaram os problemas das várias, de surgirem versões diferentes da mesma coisa e foi feita uma outra iniciativa do MCP na criação do currículo que se chamava CNCP que usava a base do Lattes e que tinha uma variedade de Currículos. O CNPq por sua vez tinha o currículo do orientador e isso começou a gerar um certo desconforto muito grande entre os pesquisadores, gerar um currículo e o outro? E aí a coisa não se falava e tal. Bom, aí chegamos no Lattes. O Lattes, a grande vantagem do Lattes foi que ele juntou essas duas coisas, fez uma espécie de importador para uma base única e com isso as pessoas que tinham seus currículos já preenchidos puderam aproveitar os dados. Fizeram o preenchimento, na época nós tivemos aí na base técnica um grupo de Santa Catarina, o Estela que participou o desenvolvimento, também o pessoal de Recife apoiou muito nesse trabalho de migração e entendimento da base e nós fizemos também na época um trabalho inicial com a CAPES para poder tentar que o Coleta CAPES - um negócio que se trabalhava muito com produção científica – pudesse ter uma forma mais integrada com o currículo .... então o pessoal houve num determinado momento uma certa resistência e aí depois passaram a aceitar de certa forma o Lattes e hoje a CAPES adota o currículo. Então, com isso, com essa busca de integrar tudo e a aparição da internet, veja aquela questão colocada pela comissão anterior, comissão não, desculpa, pela comunidade científica, uma preocupação pela questão do acesso aos dados e privacidade da informação, quer dizer, quando a internet surgiu já houve um “back” inicial e as pessoas viram que é difícil esconder qualquer coisa da internet e hoje você luta muito com essa questão da privacidade e tal para ver até onde vai, onde é o limite disso. Então surgiu a coisa da internet, as buscas foram viabilizadas, a comunidade começou a preencher o currículo, o Currículo Lattes foi sendo cada vez mais solicitado para outros tipos de bolsa. Na época bolsa produtividade em pesquisa, mas aí foram solicitando o Currículo para outras modalidades de bolsa. Hoje o currículo é obrigatório para iniciar o doutorado, para o mestrado, você deve ter preenchido o seu, então todo mundo passou a fazer o Lattes e aí a gente teve esse feito também dentro das particulares [universidades] e hoje, pelo menos no âmbito de Brasília, todo o professor de universidade, inclusive de universidade particular tem o seu Currículo Lattes e o Charles tem caso até de inscrição de concurso não é?

*Charles:* É eu já vi casos de que caem questões sobre o Currículo Lattes, sobre a Plataforma Lattes

***Essa coisa é que me instiga né? Como, até eu não sabia desse breve histórico, mas como uma coisa que acabou num certo momento até se fechando, com a internet deu um “boom”, não sei se vocês concorda, mas que na minha opinião mudou até a concepção até de produção científica. Hoje você vai procurar um professor você não procura na instituição que ele está, você procura no Lattes, vai lá no Currículo Lattes, digita o nome dele.***

*Geraldo:* É hoje é comum : hoje morreu uma pessoa e a mesma foto que está lá no jornal é a foto que está no Currículo Lattes. Teve aquele caso, você deve ter acompanhado do professor que foi assassinado, ele estava fazendo pós-doutoramento a foto que apareceu era a do Lattes, então é incrível mesmo, como é que aconteceu? Lógico, que aí é interessante, o que a gente viu aqui foi um salto. No primeiro ano de 30, 35 mil currículos para um número que vem escalando, escalando até chegar agora com 10 anos, quanto é Charles?

*Charles:* Está em torno de um milhão e quinhentos mil ...

*Geraldo:* Quer dizer, a gente tem aí 9% que são doutores, você imagina aí uma faixa de 130, 140 mil, é que esse número com o tempo já foi se estabilizando, então ele está em 100, 110 mil, menos de 9% eu diria, mestres e doutores estão se estabilizando, mas realmente os outros, graduação, tem aumentado muito, mestrado também, mestrado tem aumentado muito. Doutores é que fica mais ou menos estável, tem um crescimento anual normal. E a Base cresce agora cerca de 20 a 25% por ano. E o número de atualizações, o Charles já pegou ocasiões em que em um dia...

*Charles:* acho que foi em torno de 18 mil atualizações num dia ...

***Acesso você tem idéia mais ou menos? Acho interessante medir a quantidade de acessos, ou seja, quantas mil pessoas acessam a plataforma num dia, para consultar qualquer coisa ?***

*Geraldo:* A gente pode pegar números mais exatos, mas o pico de consulta já chegou a, pelo menos o que a gente viu aqui, mas vamos separar em duas consultas, em três, desculpa. Você tem a primeira consulta ao site que é a busca de currículos, a segunda você o acesso direto ao currículo que foi o que os pesquisadores pediram, você coloca o site do CNPq + / e o identificador do pesquisador, identificador dele se ele quiser colocar o número dele direto. Esse a gente não tem um número exato.

***Esse a gente acaba acessando direto do site das instituições né?***

*Geraldo:* Exatamente!

***Porque onde eu trabalho a gente aderiu a isso. Tem a página e a hora que você clica no nome do professor vai direto para o currículo dele. Quer dizer, a própria instituição incorporou o Currículo Lattes....***

*Geraldo:* Isso! E aí, dentro disso que você está falando, a terceira coisa com relação ao número de buscas, são as instituições que tem acesso à extração da base Lattes porque o que o CNPq fez foi centralizar a captura e o tratamento da informação e a recepção da informação e de certa forma a disseminação inicial ali, mas descentralizar a parte do acesso pelas instituições da seguinte forma: você tem serviços hoje que permitem que as instituições capturem seus currículos, dos professores, dos alunos, a base, não só exibir, você tem um link para o currículo. Não é só isso ele tem um link, ele tem um serviço que extrai o currículo dele da base que está aqui e leva isso para a instituição. Para que? Para tentar facilitar a vida dos pesquisadores que estão lá, para produção científica, essa coisa toda, já está lá para preencher data capes, essa coisa toda que atualmente dá bastante trabalho. Então o CNPq capturou tudo por essa capacidade que a gente acabou tendo de fazer essa coisa de forma. Bem, eu diria bem eficiente e disseminar para as instituições os dados dos currículos entrados aqui, então o pesquisador entra aqui e a instituição obtém. Esse movimento de busca, nós temos situações interessantes, quer dizer, esses serviços são, a maioria das instituições vem aqui buscar todo dia, as atualizações, esse a gente não tem uma estimativa também.

*Charles:* Essa aí da pra gente fazer um levantamento. No acesso as instituições tem uma contagem, tem um log de quantos acessos.

*Geraldo:* Isso aí Ana acho que são informações que eu poderia te prover depois por email, você passa o que você quer por email e fica mais fácil...

***Ok. Uma outra pergunta que eu queria fazer. É porque eu acompanho o currículo desde a época que era off-line que você enviava por aquele programinha.. depois passou para a internet, e o que eu percebi foi que ao longo desse tempo ele teve várias mudanças, com relação aos campos que o Charles estava até me falando né então eu queria perguntar assim: essas mudanças de campos, de alteração de estrutura. Assim, antes tinha um campo “x” agora tem “y”. Como é que ela é feita? Tem uma periodicidade ou vocês vão recebendo as sugestões, vão analisando e já põe no ar. Como é feito esse trâmite?***

*Geraldo:* Isso é interessante! É uma pergunta muito boa! O que acontece? Num determinado momento o CNPq parou de trabalhar com isso internamente, não é ele quem faz as mudanças, ele recebe as mudanças e essa etapa, num momento que a gente chegou é o surgimento da comissão que é criada com a participação quase que basicamente dos pesquisadores, com os pesquisadores de cada um das áreas que participam desta comissão e são eles que decidem o que é que vai e o que é que não vai né? A importância disso é que o CNPq meio que colocou na mão da comunidade científica – representada pelos pesquisadores e tal – a decisão de como vai ser a evolução do Currículo Lattes. E assim, o que a gente notou que para o meio acadêmico científico foi um sonho assim muito grande, ou seja, coisas que do ponto de vista dessa parte técnica mesmo a gente jamais conseguiria evoluir, muitas vezes isso chega hoje à nós via sugestão. A questão das citações que hoje você tem disponível e acessa direto, quer dizer, as pessoas estão começando a avaliar o currículo pelo número de citações que o cara tem, é um negócio interessante, a pessoa olha e fala ah, poxa! Isso pode ser consultado várias vezes. Isso dá para ele uma facilidade grande de usar o Currículo Lattes também para isso. Ele não precisa entrar em outra base para buscar esse tipo de coisa, e teve também a inclusão do DOI, então quer dizer a parte de certificação de informações, quer dizer, tudo o que foi agregado com essa entrega basicamente eu diria assim, do currículo para que seja evoluído pelos próprios

pesquisadores, pela comunidade científica foram, é claro, a comunidade tem mais, a avaliação dela é melhor, mas nos parece que foi uma coisa muito relevante e de certa forma o que a gente faz é coletar até um determinado momento as sugestões que nos chegam ou via o email que está disponível na página ou via mesmo currículo de sugestões e meio que montamos uma espécie de planilha com o estudo e levar para a comissão deliberar sobre cada sugestão. E aparece umas coisas, quer dizer, muito interessantes, algumas são viáveis, outras que não são viáveis naquele momento e a gente trabalha para tentar viabilizá-las por aqui. Quer dizer, o nosso papel aqui na comissão, o papel da informática, ou seja, ínfimo na comissão é viabilizar o que ficou definido, então basicamente a gente fica lá para passar as dificuldades de implementar isso, as possibilidades e um pouco os prazos, mas a decisão sobre o que é que vai e como vai é dos pesquisadores que no momento em que são colocados na comissão, isso já muda para eles, passam a receber ligações de todo e qualquer lugar, sugestões, todo mundo. Então eles passam a ser os canais, como já se esperava, isso começou na gestão anterior e o professor Eduardo criou a comissão agora também, recriou a comissão do Currículo Lattes. Eu acho que vai ser bom, parece que vai ser o futuro né? Está na mão dos pesquisadores, não é uma decisão burocrática e o serviço de informática que vai. Não, é uma coisa que os pesquisadores vão estar decidindo.

***Uma outra coisa também que eu notei, o que eu vejo e que acho interessante até que em princípio ficavam disponíveis todos os dados, completo da pessoa, aí num determinado momento não fica mais e, por exemplo, no caso do email, antigamente o email ficava lá exposto, agora não, agora você manda uma mensagem via site e aí a pessoa se quiser te retorna e aí sim você recebe o email dela. Esses cuidados também ajuda para que o pesquisador não se sinta invadido, porque hoje em dia é como o senhor falou, não existe não invasão, todo mundo procura na internet, não tem como, mas também há um certo cuidado para não deixar tão expostos os dados particulares?***

*Geraldo:* É, sem dúvida. O email passou a ter isso, você deve ter acompanhado, no começo o email era uma coisa que todo mundo tinha liberado, mas aí começaram os casos de spam e isso acabou sendo um problema sério. Então a gente meio que recebeu muita..... Hoje a gente recebe muita crítica de alguns que dizem: “mas pô eu queria ter o email”..., etc.... porque é que não tem o email.

*Charles:* Eles reclamam bastante que a gente só precisava entrar e digitava o nome, agora não a gente tem que entrar na página da pessoa, tem que entrar em contato com a expedição....

*Geraldo:* Mas eu acho que isso é também uma tendência não é Charles? Isso não é só para o Currículo Lattes eu diria que todos os sites que trabalham com essa questão de emails está muito mais preocupado com essa coisa. O email passou a ser uma coisa realmente daquele dado pessoal, então eu lembro que não era nada muito importante, mas passou a ser o endereço como se fosse o endereço residencial, o endereço residencial você não mostra, certo? E ele passou a ter essa característica, é impressionante e a gente eventualmente tem alguns problemas aí que a gente recebe reclamações aí, quer dizer, na semana passada uma professora da UnB, o email dela foi utilizado para mandar spam para todo mundo. Ela ligou pra gente muito chateada, nós mandamos um técnico lá verificar e tal e essa agilidade de como ele é utilizado, tecnicamente o protocolo que é utilizado no envio de email ele é muito frágil, por isso que as fraudes proliferam por aí, quer dizer, você se fazer passar por outra pessoa para ficar mandando email por outro endereço é muito fácil né? O único problema é que fica o rastro, o IP que, o endereço que mandou a mensagem, então a gente passou isso para o pesquisador e agora vamos questionar e acionar a polícia federal, o próprio Google, no caso o email era do Google era o gmail. Então ela vai ter que acionar o gmail e a gente vai até acompanhar com um certo cuidado isso para ver como é que a Google vai se posicionar neste caso. É um fato: partiu do gmail mesmo certo, está claro que foi pelo gmail e é uma pessoa que se sentiu ofendida, que se sentiu muito ofendida porque no caso foi enviado um spam dizendo que ela estava abrindo vaga para a equipe dela de pesquisadores e estava pedindo um depósito numa conta para se habilitar para isso, então é uma coisa absurda, a pessoa com toda a razão está extremamente chateada e a gente quer acompanhar para ver até onde isso vai, é uma coisa que realmente vai, a pessoa conhece ela, sabe qual é a área dela e é um crime, isso é um crime não é? Então, o currículo meio que acompanha essas tendências, os pesquisadores vem aqui, falam das suas preocupações. Vou te citar um fato interessante né Charles? A data do nascimento. Esse foi um campo que deu muita discussão na comissão.

*Charles:* tanto é que aparentemente não tem muita importância surgiu discussão a respeito da forma...

*Geraldo:* É interessante, porque a gente vai na comissão, acompanha a discussão, mas é claro que a gente não tem posicionamento, só assiste, mas é bem interessante, uns defendem que não, outros que isso depende, a idade e tal e meio que a produção científica dependendo da idade, achar que o pessoal está

jovem, quer dizer, como é que essa coisa de mostrar a idade, quer dizer, para eles alguns que defendem dizem o seguinte: bom, se o pesquisador é novo e já produziu um artigo interessante isso é uma tendência de que ele tem uma possibilidade muito grande de se, deveria ser apoiado, agora o pesquisador já tem um certo tempo e a um certo momento, não produz. Então o pessoal diz “espera aí”, mas aí a gente resolveu isso durante a discussão que também surgiram coisas que hoje aparece no currículo. Então você tem não a idade dele, mas quando ele fez o doutorado dele, então isso indica não a idade, mas quando teoricamente ele se colocou em âmbito acadêmico.

***Só mais uma pergunta já que a gente entrou em temas polêmicos, eu também acompanhei o momento em que existia o Currículo Lattes no site e num determinado momento foi encaminhado até um email dizendo que todos os pesquisadores deveriam revisar os seus currículos e certificar que todas aquelas informações ali eram verdadeiras e aí agora existe aquele selinho sempre nos currículos. Existe, quer dizer, suponho que existam dados não fidedignos colocados, trata-se desse assunto, tem mecanismos de articulação, de respaldo, porque com o DOI por exemplo, eu percebi que existe uma tendência a tentar certificar tudo, mas a plataforma tem como é que surge, se surgem denúncias, como é que é essa coisa de dados possivelmente não fidedignos?***

*Geraldo:* Então, foi criado dentro dessa comissão foi criada uma outra comissão que trata dessa coisa da questão da ouvidoria. Ela chama-se “ouvidoria e veracidade das informações do currículo”. O Charles faz parte dela. Ela recebe insumos da ANDI, então ela recebe as denúncias que acabam chegando que vem da comunidade científica, e vem mesmo! São avaliadas e levadas a essa grande comissão de deliberação que a comissão do Currículo Lattes, e lá participa a auditoria do CNPq, os pesquisadores, nós da informática e representantes das áreas técnicas. Então nesse momento as denúncias são avaliadas depois de se colher as informações todas, então o denunciante faz a reclamação, por exemplo, a auditoria e a comissão de apoio vai à caça das informações para poder certificar até que ponto aquilo é verdadeiro, eventualmente manda correspondência através de carta para as instituições ou para a própria pessoa, em último caso se manda uma carta para a empresa questionando se aquela pessoa possui um cargo ali ou não e é apresentado para a comissão e a comissão delibera. A deliberação pode variar desde a retirada da pessoa da base e se ela auferiu algum benefício do CNPq com aquela informação falsa ela terá que ressarcir o CNPq, nós temos um caso que está em avaliação nesse momento, um caso importante, um denunciante diz que tem um artigo lá que a pessoa não escreveu. As denúncias são de toda a natureza desde o fato da pessoa não ter o diploma de doutorado mesmo até mesmo essa coisa da publicação de artigos que não foram publicados ou que não são artigos. Temos uma denuncia aí que foi a inclusão de um determinado artigo que não foi publicado e foi incluído no Currículo Lattes, para verificar se esse artigo influenciou de alguma forma na decisão do comitê para que o benefício seja dado aquela pessoa. O denunciado vai se pronunciar e aí a decisão vai ser da comissão.

Os mecanismos de validação que o currículo tem de forma automática estão sendo cada vez mais implementados são: tem o DOI

*Charles:* tem que questão que está sendo implementado que é a verificação cruzada entre orientado e orientador, se a pessoa disser que foi orientada por alguém e o orientador disser que orientou então esse cruzamento é recebido na base do Currículo Lattes. Há um link para cada um dos dois, enfim, de toda forma a gente tem coletado dados para ver essas disparidades nas estatísticas, frequência, quantidade de orientados, quando estão acima da média a gente verifica indicio de fraude.

*Geraldo:* Esse é um dado muito importante são estatísticas que são tiradas e levadas para a comissão. Por exemplo, a produção de uma área específica, essas discrepâncias não são exatamente indicativos de que há fraude mas são estímulos para que a comissão avalie determinados casos que poderia haver alguma distorção. E a última reunião da comissão deliberou que a gente vai trabalhar em parceria com as universidades para validar alguns dados que a universidade poderia nos apoiar. Então esta foi uma decisão muito importante em que a gente vai começar a atuar junto às áreas de informática da universidade para verificar o que nós podemos validar. Uma coisa que já foi demandado, agora é só um processo que começa com uma ação específica, uma avaliação inicial seria a questão da avaliação na formação acadêmica, quer dizer, se o último grau mesmo é de doutor, se aquela instituição realmente reconhece. O que a gente vai buscar também, quer dizer, é saber quem é que vai prover essa informação. Se é a universidade que outorgou aquele grau ou se é a universidade onde o pesquisador se encontra naquele momento. Nos vamos discutir junto com essas áreas de informática para ver onde é que a gente consegue validar isso de forma mais correta, mas, ou seja, os mecanismos técnicos para fazer isso nós vamos estar discutindo também como isso vai ser feito, mas já é um dado que para a gente resolveria boa parte das denúncias. Eu diria que grande parte das denúncias é em torno da titulação. Aquela (titulação) não é ou eventualmente no caso de

titulações concedidas por instituições no exterior, a equivalência disso é discutível, então tivemos problemas desse tipo também, quer dizer, determinado grau na França é chamado de doutorado, mas ele na realidade aqui não se considera doutorado. Então essas coisas que estão aí são as que a gente está trabalhando agora e, se agrega uma certificação no currículo. Então a tendência é que a gente consiga com esse trabalho com as instituições uma certificação muito boa. A atuação, ou seja, o cargo do pesquisador na instituição é uma coisa que para a gente vai ser bem tranquila certificar isso daí e é importante se você levar em consideração, não é a questão do cargo em si, mas se realmente ele tem o vínculo com aquela instituição e o próprio saber se aquele projeto é viável né, porque por exemplo, em determinadas situações de bolsas, não só de projetos, mas de bolsas a pessoa que está solicitando a bolsa, ela tem que ter o vínculo com a instituição para receber aquela bolsa.

***Tem algo que vocês gostariam de acrescentar sobre o currículo, sobre a plataforma? Alguma novidade, enfim.....***

*Geraldo:* Mais é sobre o nosso trabalho e o da comissão, e as pessoas começam a ver os resultados. Nós estamos trabalhando muito nessa área de validação, de certificação das informações, eu diria que o problema agora não é mais a quantidade, mas sim a qualidade da informação fornecida, isso é muito importante. O currículo está sendo utilizado por muitas instituições, inclusive por instituições de governo, inclusive quando alguém está a procura de especialistas vai até a base do Lattes então ele está no governo de uma forma com uma importância muito grande no que se refere à área acadêmica, em curso, para o governo, para ações e planejamento do governo ele está sendo um instrumento fiscal, isso aí é importante do nosso ponto de vista é um produto de que todos se orgulham muito, e o CNPq sempre é levado e reconhecido como uma instituição que tem uma base [de dados] de qualidade e que esse processo de certificação vai só melhorar essas nuances do CNPq. Então o currículo é extremamente importante. Existe um outro componente da plataforma que chama-se Diretório de Instituições que ele vai estar sendo visto como um elemento e a parte de pesquisa que faz parte da Plataforma Lattes que é importante e que tanto este como os dois elementos, a Plataforma, a gente imagina que a evolução dela vai ser muito interessante e eu diria que é extremamente importante essa decisão de atribuir à comunidade científica a evolução [do currículo], a gente como observador a gente vê que isso é realmente uma decisão muito acertada e isso nos dá uma certa tranquilidade quando qualquer uma dessas alterações são formuladas porque a gente tem o respaldo de uma comissão que é a própria comunidade. A própria comunidade está ali e sabe e diz “põe em prática isso aqui, põe em prática aquilo ali”. Alguns campos são sempre avaliados, olhamos se realmente não há alguma correção nos campos, alguma distorção que a gente tem que corrigir e assim, eu diria que o futuro é promissor, o presente é promissor, a revolução é a garantia que o software não morre e acredito que usando essa sistemática da comissão do Lattes é a nossa garantia.

*Charles:* Tem também a questão do conteúdo, a gente está melhorando e a questão da acessibilidade do currículo melhorar a interface, pois tem o pessoal que acessa e que tem dificuldades, melhorar a tecnologia, enfim, a gente melhora por um lado e a gente está caminhando para melhorar bastante as dificuldades de acesso, facilitar o preenchimento.

*Geraldo:* A questão da acessibilidade é o que o Charles falou esse ponto está difícil, vamos trabalhar nisso, a gente está tratando disso com muito cuidado. Esperamos em breve ter uma nova versão que facilite mais a questão do preenchimento. E a questão da interface, a minoria é com relação a interface mas de forma geral tem sido trabalhada e, enfim, é realmente isso que o Charles falou a dificuldade da interface. A interface é sempre uma questão difícil de tratar, mas está sendo visto e, de novo, a gente espera sempre contribuições nessa área específica as instituições ainda não são muito boas e a gente espera que algum grande design de interfaces e se dedique ao trabalho que é para a comunidade que se dedique ao trabalho de rever propor uma interface nova que resolva os problemas atuais. Acho que é isso!

***Eu agradeço, muito obrigada!***

Geraldo: Ok!

Charles: Ok!

## ENTREVISTAS TIPO 3

### Perfil dos entrevistados:

Professor com Atuação no Ensino Superior (Graduação e/ou Pós-Graduação)

Professor com produção Artística

Professores Doutorandos, Doutores ou titulação superior com formação em Artes

### Entrevista 1

\*LUCAS / IES: Mackenzie

Área de Atuação: Arte & Tecnologia

Data: 17/03/2009

Local: Laboratório Interdisciplinar (IES) – São Paulo

Duração: 41”

#### ***Você conhece e possui Currículo Lattes no CNPq? Desde quando?***

Desde 2000.

#### ***Você acha fácil o acesso ao currículo? Tem facilidade com o preenchimento?***

Não. Eu acho que sou a pessoa menos indicada para falar sobre isto. Tenho muita dificuldade para preencher este tipo de informação porque eu acho que ele é exaustivo, ele pergunta muitas vezes a mesma coisa. Pode ser por causa do sistema, do software. Pode ser, eu não tenho certeza, que seja por causa do sistema. E com certeza ele nos causa um certo desânimo porque raramente as informações dele são usadas pela própria instituição.

Por exemplo, quando você recebe um convite para dar uma palestra, umas aulas, você é obrigado a mandar seu currículo e se você mandar seu currículo lattes não vale. É estranho esta coisa. Quando você importa o currículo lattes para o Capes seria uma facilidade terrível, informações como datas, local e os RLs não vão. Porque estou dizendo isto. Quando você pergunta se eu acho fácil preenchê-lo, na realidade eu faço toda uma relação da minha produção no Word normal que é extremamente simples, mas na hora de colocar isto lá complica. Fica parecendo até outra produção e não aquela a qual você destinou.

#### ***Porque você preenche ou atualiza o Currículo Lattes?***

Primeiro, por uma necessidade acadêmica, uma exigência para pedidos de bolsa, fomento para pesquisa, um mal necessário. Eu já fui contra esta coisa de Lattes de Capes. Eu falava, ah! Stalinismo, né? Mas quando eu fui vice-diretor de uma instituição, que por ética não vou citar o nome, de seis faculdades, e depois quando você é vice-diretor de um lugar e começa a ver como funcionam os credenciamentos aí você começa a perceber que com toda a exigência do Lattes, do Capes e tudo mais, existe muita informação de caráter mentiroso, de caráter duvidoso. Você sabe que aquilo não existe. Você sabe que aquela produção não é bem aquilo.

Eu tenho certeza que quando o pessoal do Capes olha, o CNPq também, sabe que aquilo não é verdade. Então, estas instituições passam a ser um mal necessário. Mas, o preenchimento dela é para isso na realidade. Eu gostaria muito que nós tivéssemos um *recall* de que realmente o nosso Lattes foi lido. Porque muitas avaliações, pelo menos a mim pessoalmente, de não ter sido aprovada uma viagem – viagem é mais fácil -, mas estadia, uma coisa assim, você percebe que só foi avaliado o que você escreveu na exigência do projeto.

Mas ninguém entrou no Lattes para ver seu histórico, se aquele projeto que você está desenvolvendo é extremamente pertinente a um dado que já vem com você de anos para cá. Por exemplo, eu lancei um DVD agora. Ele é uma pesquisa fruto de 2004 lá da França. Se você entrar no meu Lattes vai perceber isto. Mas, se for só julgar pela exigência que o CNPq quer para você pedir uma bolsa, parece que eu criei este trabalho ontem.

***O senhor já introduziu um pouco da questão dos campos, mas eu preciso perguntar novamente. O senhor considera a estrutura dos campos disponíveis adequada para registrar suas pesquisas?***

Não. Eu acho que aí tenho experiência própria. Nós ainda preenchemos - quando eu falo nós eu me refiro a pessoas que trabalham com ambientes virtuais, mídia eletrônica, com publicação online – ela ainda entra na produção técnica. Por exemplo, autor. Neste ano que passou eu fui autor de CDs de poesias sonoras e de um DVD. E se você considerar o livrinho que vem dentro que tem 30 páginas de poesia também é uma terceira publicação.

É um trabalho que levou tempo para fazer. E eles não têm como entrar em “autor”. Aí entra em “outro”. Esse “outros” eu não sei como é visto. Mas, na realidade eu tenho que colocar tudo como produção técnica. E aí eu pergunto o seguinte: quer dizer que publicar um livro é mais sério que publicar um DVD de poesia visual? Porque um DVD leva muito tempo a edição de som....

Por isto que, quando eu publiquei os poemas, o texto de abertura de um cara lá do Paris 8, Laboratoire de Paragraphe, um cara respeitado internacionalmente, e o CD sonoro, para perceber que eu fiz todo um percurso onde não descaracteriza a importância da pesquisa acadêmica mais a autoria. Aí você me pergunta o seguinte: eu preencho isto em produção sonora, em produção artística, em produção técnica ou preencho isto em autor? Porque quer queira, quer não, eu sou um autor.

Entendeu a minha dificuldade? É um problema muito sério porque não é a realidade. Porque o que conta ponto é publicação de texto em revista *Qualis* e publicação onde há autoria. Eu já tenho quatro produtos de mídias digitais publicados aqui no Mackenzie. E eu não apareço como autor em nada. Parece que este tempo todo que eu fiquei aqui, fiquei olhando para o teto. É difícil. Você foi minha aluna e viu como é difícil fazer uma produção destas.

Lembra o dia que eu escrevi na lousa que eu escrevo a partitura que é produção musical? Aí você fala assim: olha como esse professor é sacana. Ele colocou como produção artística, como autor, como produção técnica, como produção musical e sonora. Ele está em cinco campos com o mesmo produto. O que você quer que eu faça se eu trabalho com interdisciplinaridade? Então, eles que criem um campo interdisciplinaridade e você preenche lá, só com o nome do produto.

***Falando sobre este assunto, das atividades de maior relevância, dessa produção que o senhor está dizendo, não há espaço para colocar ou há espaço para colocar no Currículo Lattes?***

Não. Ele não tem um espaço para colocar. Por exemplo, estava conversando com uma professora que tem um conhecimento muito grande destas plataformas e ela resolve colocando em “outros”. Mas veja bem, todo artista e todo acadêmico tem um ego terrível. Nós somos ególatras. É muito complicado você trabalhar um produto durante três, quatro anos e colocar em “outros”.

Para mim fica parecendo que estou negligenciando uma produção, até pelo respeito que eu tenho pelo Mackenzie. Para que eu tenho um espaço deste (Laboratório Interdisciplinar no Mackenzie) para colocar em “outros”? Não. Eu tenho uma produção sonora. Tenho as partituras impressas. Na realidade não há um campo onde nós possamos dar a qualidade que o produto tem. Inclusive para o próprio CNPq e Capes. Porque se coloco em “outros” fica parecendo assim: ah!, ele pegou lá um softwarezinho, criou.... Não! Você viu! Eu tenho produções sonoras como a teatral que eu uso cinco softwares. É uma produção grande. Fora a produção imagética de edição. Então eu acho que os campos têm que começar a valorizar estes trânsitos e não apenas o nome “produção artística”.

***Pergunto também com relação a isto: o senhor considera que estes campos de “produção artística”, que estão no Currículo Lattes, contemplam suficientemente a área de artes? Ou o que falta para ele contemplar a área de artes?***

Não. Apesar de ele ter um dispositivo que quando você clica você tem lá exposição, multimeios e outras. Na realidade, minha produção não é de multimeios. Multimeios é um termo que a Unicamp criou e ficou. Na realidade minha produção é hipermídia. E hipermídia não é multimeio. Então eu não consigo conceito porque... Eu te pergunto: para que serve uma plataforma institucional voltada para o ensino aprendido e produção científica? É para você conceitualizar. Para você criar um *corpus* do que realmente você está pesquisando, para na hora de pedir fomentos o cara avaliar que o pesquisador é importante nesta área”.

Eu não considero o que eu faço - eu vou te falar uma coisa pela primeira vez e é legal que está gravando – seja reconhecido apenas como “produção artística”. Eu vou te dizer o porquê: o que me



trouxe à vida acadêmica foi querer entender conceitualmente o que eu produzia. Se eu produzisse artisticamente o que eu sempre produzi - você sabe disto - eu estou aqui todos os dias, não precisa não ter lei de quanto tempo você deve ficar aqui porque esta é a minha vida, se eu já fosse um artista e eu tinha uma vida, sempre tive ateliê, eu não teria vindo para a vida acadêmica.

***Então pergunto para o senhor, aproveitando o gancho, o que é considerado de um modo geral produção científica na área de artes?***

Hoje, nós temos o conceito de simulação que é um conceito que está transitando entre representação e simulação. A produção artística sempre foi uma produção voltada para questões de representação: pinturas, gravuras, produções maravilhosas. Um exemplo disto é o nosso grande professor Norberto Stori, uma referência.

Mas, a produção intermídia, a produção de simulação, ela é regida, há uma regência toda científica que são os módulos algoritmos digitais. Então, por exemplo, você não trabalha só criando poesia digital ou criando arte e tecnologia. Você trabalha na produção, uma produção em conjunto, pelo menos deveria ser assim, com o departamento de tecnologias para o desenvolvimento de certos softwares, para que você alcance este objetivo. Neste caso, não posso colocar como produção artística.

Quer ver, por exemplo, o Loop poesia, não sei se você se lembra quando dei esta aula, ele não tem o setup, ou seja, em termos de software quando termina a programação você não fecha ele. Isto é uma coisa que vai totalmente contra as regras, porque ele vai rodar em cada computador de forma diferente. Não pode. Você imagina ouvir o Djavan entrar no computador com uma voz numa rotação diferente?

Mas, para o meu trabalho era importantíssimo mudar o setup. E as empresas que fazem os CDs não aceitam. Essa é uma produção artística que leva em consideração totalmente um *corpus* tecnológico. Porque na verdade quem produz o estranhamento do produto artístico é o algoritmo. Não é o artista. Então não posso falar isto. Aí vai para a produção técnica. Na produção técnica, o que acontece? Fica parecendo que nós aqui temos um laboratório de engenharia. Fica uma coisa muito seca como produção técnica. Quando você põe [no Lattes] um DVD em produção técnica fica parecendo que nós criamos o software.

Para se ter uma idéia, para responder ainda esta sua pergunta, agora não sei como está, mas há uns anos atrás para eu publicar um CD *Rom* meu, era produção de software. Você punha na produção técnica produção de software. Porque quando você programa através de um software de autoria, faz a programação de um produto. Mídia poesia, por exemplo, segundo as regras você tinha criado um software. Olha como a coisa é complicada. Porque não colocar lá poesia digital, artes em ambientes virtuais.

Isto já está catalogado. Isto existe no mundo inteiro. Onde eu faço pós-doutorado, o Laboratório de Paragraphe, na França, só faz isto. Porque este passo não é dado? É complicado.

***O senhor acredita que o Currículo Lattes, a existência dele, influencia a produção do conhecimento científico? Ele afeta a área de artes? Em que sentido?***

Primeiro que eu acho, quando você vai prestar “toefl”, já ouviu falar em “toefl”? Se você vai para uma área como comunicação visual, artes, você presta “toefl”. Se você for para uma área científica, você for fazer um estágio na NASA, por exemplo, você faz o GRE (Graduate Record Examination). Eu não sei porque o Lattes não é assim. Aí vão dizer: ah! Lucas você não quer uma coisa interdisciplinar?

Porque eu acho que - eu estava agora conversando com o Brito, gerente de Desenvolvimento e Tecnologia - o que eu faço, academicamente, ou seja, eu pesquiso prosa, literatura e poesia em ambientes virtuais, acho que o que eu faço é uma contribuição na produção cultural, porque quando quem abre um catálogo do Brasil, do ponto de vista acadêmico você vai ver que existem pessoas que pensam a cultura de uma forma mais século XXI, que existe uma preocupação com a nova literatura do século XXI, etc.

Mas se eu morrer não vai fazer falta para a humanidade. Desculpa, estou falando uma coisa muito cruel. Eu sei que muitos artistas discordam disto. Porquê? Porque meu produto é cultural. Inclusive é um produto que conta com a minha morte. Os grandes artistas já morreram.

Agora, o cara que criou o raio laser, que hoje você faz cirurgias espetaculares, isto é ciência. Isto é ciência. Eu acho que nós temos que ter duas plataformas: plataforma de incentivo e fomento culturais e uma plataforma de incentivo e fomento científicos. Este é o grande problema da comissão interdisciplinar. Quem vai ajudar meu produto é o matemático.

Tem um “*paper*” que eu escrevi para um evento que aconteceu em 2008, evento sobre poesia digital, na França, que eu começo assim: literatura não é ciência. Literatura pertence ao nosso imaginário. Pertence aos nossos dados cognitivos. Linguística é Ciência. Tanto é que todo sistema linguístico é utilizado para nomenclatura do Projeto Genoma. Porque ele é código. Eu não estou produzindo ciência. Eu sou um pesquisador de atualização cultural, que vai pensar em novos sistemas de você indagar significados.

O único lugar que lida com conceito e muda a vida do cotidiano é a maçonaria. É uma discussão que a gente tem que ter na interdisciplinaridade. Porque, por exemplo, a educação mexe com esta base. Por isto que nós temos Educação, Arte e História da Cultura, porque esta história da cultura vai ler estes espaços artísticos e educacionais para você ter uma *práxis* para contemplar a comunidade. Meu trabalho contempla a comunidade. Culturalmente. Eu não vou sarar a varíola de ninguém, mas eu quero a impressão de quando ele for visto pela plataforma Lattes, seja visto como importância fundamental para a humanidade. Esta missão era do Mário de Andrade. Não é minha. Eu acredito que de qualquer pessoa lúcida não seja. A não ser que ele queira um... Isto é muito sério que estou falando. Eu não sei se nós vamos hoje ter um espaço para a existência de um novo Paulo Freire. Porque hoje a produção é interdisciplinar e ela é coletiva.

Só um parênteses. Eu tenho uma tese que ninguém aceita. É óbvio, porque nem eu aceito. Que na área interdisciplinar, não digo mestrado, porque no mestrado você tem que aprender a pesquisa, mas o doutorado tinha que ser defendido por equipe. Porque quando que você num doutorado interdisciplinar defende uma idéia sozinho?

É um projeto interdisciplinar. Então, sabe os três astronautas que desceram na Lua falou “olha a gente vai na Lua e agora nós vamos defender nosso doutorado. Fala aí Armstrong”. Você dá o título de doutor. Porque o título de doutor ainda tem que ter esse “recorte” da originalidade individual do ser humano. Então, o que está acontecendo? O Lattes, ele na realidade é apenas a grande metáfora da diferença que existe entre o meio acadêmico e o meio do mercado.

O mercado exige, e a cada vez mais, que você trabalhe em equipe. Pagam fortunas para você ir a hotéis fazenda. Pagam fortunas para palestras onde vai fazer fulano trabalhar com outro e assim por diante. O Mackenzie até deve fazer isto. Aí vamos para a vida acadêmica. A prova é individual. A produção acadêmica é individual. E as disciplinas são individuais. Como que você forma uma pessoa como um todo se o processo de ensino e aprendizado é individual e, quando o cara vai procurar emprego é regra saber se ele sabe trabalhar em grupo. Esta é a grande contradição brasileira. Uma tese de doutorado tem que ser defendida em grupo. Ah!, nós somos um laboratório, pá, pá, pá...Eu, mais dois. Nem que seja em três dias a defesa. Não pode ser mais a fulana ter um recorte original que pertença em hipótese apenas a ela. Esta é a idéia do doutorado e você divide sozinho. Isto é para funcionalismo público.

***Então, só para retomar esta última parte da influência, o senhor acredita que o fato de existir na plataforma, nesta estrutura que ela tem, ela de alguma forma determina a pesquisa em arte a partir de seus critérios?***

Dentro do que eu faço – acho que esta pergunta seria importante para o Norberto e o Rizzolli – porque você sabe como chama meu doutorado?: “A pintura tradicional e sua atualização programática”. O que eu mostro é que todos os sistemas de pintura de alguns cânones viraram software. É por isto que qualquer um hoje vai lá e desenha. No que eu trabalho, as referências artísticas são outras, o que nós podemos chamar de arte. Por exemplo, eu estou passando por um processo agora que estou deixando de chamar poesia digital para chamar de poema digital. Porque isto? Porque o conceito de arte é uma obra pronta, mesmo que ele seja, que ele esteja aberto à interatividade. Não existe obra pronta no meio digital. A interatividade é que permite a toda hora estar mudando. Então o que acontece? Teria que se reformular este conceito. Porque o que o meio acadêmico espera? E o que os órgãos de fomento esperam? Que você tenha um produto. Mas, se o meu produto é um produto – não é efêmero não – que caracteriza-se pela intervenção, pela mutação, pela expansão. Nesta estrutura expandida como fica este produto?

É como se você a toda hora, a todo cheque, mudasse a sua assinatura. Você deixaria de ser cidadão? Então não é que artístico não tenha produção. Se você entrar – o meu Lattes antes de 2004 era uma desgraça - eu fiz mais de 49 exposições como artista plástico. Esta gravura é minha. Mas tudo bem. É gravura, ta numerado, prova de artista. Mas você pega, por exemplo, o trabalho “Quando assim termina o nunca”, percebe que é um dado efêmero naqueles poemas visuais. Percebe que ele é passageiro. E isto precisa ter novas plataformas, novos campos. Mas, não adianta ter novos campos se a compreensão da sua produção não houver. E só tem um jeito da produção ser compreendida: você

trazer consultores à área. Consultores que passam por este mesmo problema. Por exemplo, o Conselho Multidisciplinar falava, vamos fazer em Brasília ou em qualquer lugar, pode ser até na minha casa, vamos juntar o pessoal que tem esta produção digital. Já deve ter sido feita esta reunião. Eu não tenho esta informação. Como eu te falei, eu sou um pesquisador, eu meto a cabeça aqui e esqueço o mundo.

Vamos ver o que é para eles produção. Os franceses não têm este problema. É autor. EUA não tem este problema. Também é autor. Eles vão falar que nós somos autores, só que a pontuação não é a mesma. A produção técnica vale menos que a teoria de alguma coisa. É complicadíssimo isto. Eu costumo brincar que sou que nem o Bangu, aquele time do Rio de Janeiro, participo, mas não entro.

***Já que estamos falando das agências de fomento, nas estatísticas que eu levantei no banco de dados do CNPq, entre 3% e 4% do total geral de bolsas e de fomento é oferecido à área de artes. Porque em sua opinião este índice é tão baixo em relação a outras áreas do conhecimento?***

Eu não poderia falar aqui gravado. Seria antiético e eu teria que provar. Eu vou tentar dizer coisas que aconteceram comigo. Estou na vida acadêmica como professor há 30 anos. Comecei em 1978. Estou nesta pós-graduação desde 1991, mas só de 1997 para cá que conta. Porque estou te dizendo isto? Porque a primeira vez que o CNPq me deu alguma coisa além da bolsa de mestrado e de doutorado que foi Capes foi em julho deste ano (2009) para eu ir para o Uruguai.

Até pensei: será que me deram para eu não ter que voltar mais? Ainda se tivesse me dado para ir para a Alemanha, tudo bem. Porque sempre as minhas viagens para fora foram pagas pelo pessoal de fora. O Mackenzie nem tenho o que falar. O Mackenzie sempre incentiva e fomenta esta parte. Mas veio observações assim. Se você acha que é 2%, 3% é pouco, eu também concordo.

Você vê agora o Obama permitiu as células-tronco. Mas eu me lembro que há dois anos atrás saiu um edital querendo professor convidado. Eu li e falei para a minha esposa, este edital sabe para o que é? Para um bando de cientistas americanos fazerem pesquisa aqui no Brasil e levarem para lá os resultados e os *royalties* ficam para os americanos. Isto porque aqui podia este tipo de pesquisa e lá não podia. Assim como a China não permitia. Agora nos EUA pode, mas vai ver se você consegue bolsa para fazer pesquisa lá.

São poucas bolsas, porque primeiro não há política cultural no Brasil. Segundo, as observações que têm para sua pesquisa não ser aprovada é no assunto. Você pede uma bolsa de *pós-doc* e eles analisam como se você quisesse uma bolsa de doutorado. Sabendo que *pós-doc* você senta, escreve e entrega. E a pessoa vem te questionar que seu conceito não está claro. Ninguém tem que questionar que meu conceito não está claro. Eu vou fazer o trabalho ainda. Vêm observações do tipo: bibliografia não está clara. Então, você percebe que estas observações elas fazem com que este percentual que está aí pareça que nós de instituições privadas, exceto a PUC, não estamos realizando produtos culturais.

Outra coisa: a política brasileira de produção cultural, não é, não existe uma política cultural no Brasil. Eu já vi *Lei Rouanet* ser usada para realizações de banco. Não existe a regra do jogo do que é a cultura brasileira, do que é produção de cultura brasileira, nem mesmo quando o Gil esteve lá. Por exemplo, a cultura brasileira vai ser ... Na época do Niemayer, na época do Juscelino, tinha um reporte do que seria produção cultural no Brasil.

Você tinha o Niemayer, a Bossa Nova, o teatro, o cinema novo. Você tinha. Era aquele. E hoje, o que o Brasil produz culturalmente? Axé music? Não. Tem que ter alguma coisa a mais. E tudo parou no produto cultural de 1970, o concretismo, o Oiticica. Parou ali. Acredito que estas bolsas, este percentual, são puro reflexo de não haver uma política cultural e que de governo a governo vá se modificando. Só existe bolsa do Itaú, disso aqui, disso ali. As bolsas que vem do governo para instituições do governo vem todas no começo do ano.

Eu fico meio abismado quando sou convidado para uma banca que vai acontecer daqui a duas semanas, eu viajo pela CAPES e durmo lá pela CAPES. Mas, a CAPES não precisa de 120 dias para me mandar um negócio destes? Porque o cara me manda e tudo pela CAPES? Aí ele diz: Ah!, professor, é que a gente já recebe esta remessa no começo do ano. Então é complicado. Então, é preciso saber que 2% são estes, para quem foi. Como ela é avaliada. Se isto fomenta o reporte de uma política cultural. Eu falo cultural e literária, artística no sentido de pinturas, exposições, arte e tecnologia, poesia e assim vai. A gente precisa saber o que é este número. Às vezes, este número está aí e é a Ivete Sangalo indo cantar lá em Paris. Ninguém sabe que alguém está pesquisando ela. Eu conheci uma pessoa lá na Inglaterra, não vou citar o nome, pesquisando capoeira com bolsa da CAPES. Eu conheci uma pessoa em Paris pesquisando a fome infantil no Nordeste brasileiro. Então, enquanto isto tem gente falando:

não. É lá que estão estes documentos. Pô, pega e vai ao Nordeste. Eu sou contra. Eu sei que as pessoas vão me achar reacionário, mas paciência.

***Professor, o senhor gostaria de acrescentar algo mais?***

Gostaria demais de acrescentar uma coisa que eu acho profundamente importante que eu já pedi várias vezes, tomei até um puxão de orelha quando o Janine veio aqui dar uma palestra sobre ética e ele foi extremamente antiético.

Eu já mandei vários e-mails para o Capes e CNPq pedindo que estudassem uma maneira de quando pessoas portadoras de necessidades especiais, deficientes visuais, físicos, com limitação de mobilidade, que fosse estudado uma verba adicional para que esta pessoa levasse alguém para ajudá-lo nesta dificuldade de locomoção, de visão, de uma série de coisas. É lógico que você teria que comprovar através de documentos médicos, até mesmo por órgãos governamentais. Isto é uma coisa que a própria Capes e CNPq podem propor. Porque o que começa a acontecer. No meu caso, por exemplo, quando viajo fico em hotel adaptado, tudo bem. Mas esta bolsa de três meses eu vou ter que levar minha esposa. Eu vou ter que alugar um lugar para ficar e como que eu faço o café da manhã, como arrumo a cama? Mas aí a bolsa é do Mackenzie.

Mas quando eu pedi para a CAPES vi que o que eles davam para mim: U\$ 100 para minha esposa, eu acho que eles nunca estudaram a possibilidade de alguém acompanhando uma pessoa com necessidades especiais.

Quando eu perguntei para o professor Janine, disse ele que não poderia responder sobre isto, que ele estava cuidando de uma palestra sobre ética, ele jogou o auditório contra mim. Ainda bem que nós trabalhamos aqui no Mackenzie com professores extremamente lúcidos e éticos porque a resposta do Janine foi a seguinte: eu não posso fazer isto. Vou tirar o lugar de um pesquisador para alguém ir com você te ajudar. E no auditório tinha mais de 100 pesquisadores. Ele quis jogar os 100 contra mim. Mas este dinheiro é público. Não é do pesquisador e nem dele. Acho que isto é uma das coisas que eu mais venho pedindo. Para que a CAPES e o CNPq nos seus fomentos, até que se pesquise, estude uma maneira. Aqui nós temos a Sheilinha que para ir almoçar alguém tem que pegar ela, levar até o restaurante e trazê-la de volta. E se ela precisar viajar e ter que pedir uma bolsa? E aí? Então, o que vai acontecer? Vai começar a acontecer que com o tempo nós não vamos poder contemplar as exigências CAPES e CNPq. Vamos deixar de viajar. Eu entrei aqui andando de muleta. Hoje ando com este carrinho. Daqui mais cinco anos vou começar a ter problemas de locomoção. E aí? A instituição me manda embora porque eu não produzo mais? Eu não tenho mais congresso internacional? Isto é um problema muito sério. Muito sério.

## Entrevista 2

**\*BENEDITO/ IES: UFRJ**

Área de Atuação: ARTES CENICAS (CENOGRAFIA)

Data: 18/03/2009

Local: Hall do Hotel Eldorado - São Paulo

Duração: 9"

***Você conhece e possui cadastro no Currículo Lattes do CNPq? Desde quando?***

Sim, conheço. Desde que foi criado.

***A sua instituição exige a atualização periódica do Currículo Lattes?***

Com certeza. Tanto a Escola de Artes quanto o programa de pós-graduação em Arquitetura da UFRJ e no programa de doutorado que estou fazendo.

***Você considera as estruturas dos campos disponíveis no formulário adequado para registrar as atividades acadêmicas de professores e pesquisadores?***

Algumas sim, outras não. Porque parece não atender ao perfil de professores investigadores em artes, por exemplo, artes visuais e artes cênicas. Parece não contemplar o perfil de determinados pesquisadores nestas áreas.

***Você considera os campos relacionados à área de artes suficientes? O que em sua opinião não está contemplado no currículo na área de artes?***

Eu quase respondi isto na pergunta anterior. As pessoas ligadas à dramaturgia, à cenografia, à parte da praticidade de um espetáculo que são os figurinistas, os cenógrafos, os iluminadores, eu acho que para os professores artísticos atuantes nestas áreas não me parecem adequados os campos de preenchimento de um investigador que tem este perfil plural de educador e de artes "tatuais".

***Ainda nessa área de artes, da sua produção, aquilo que você considera relevante na produção acadêmica, a configuração permite o registro? De que forma você consegue ou não incluir estas atividades?***

Permite sim. Mas não me parece com a terminologia adequada. Por exemplo, cenografia como se fosse uma obra pública. Ela certamente não é só uma obra pública como se você estivesse expondo um quadro. Ela é uma obra que contém uma crítica. E, por exemplo, não há um campo que você possa preencher com críticas publicadas a esta obra. Coisa que eu acho muito importante que tivesse sido contemplado pela Plataforma Lattes. É o retorno de sua investigação como um artista atuante. Como uma investigação viva e que não tivesse um fim.

Você acredita que o currículo lates neste formulário influencia a produção do conhecimento na área de artes?

Não creio. Não creio porque funciona apenas a meu ver como um banco de dados, mas não estimula a ocorrer cruzamentos de pistas como numa biblioteca virtualizada, enfim. Não ocorre isto, neste tipo de situação.

***De modo geral existe uma discussão sobre a área de artes na academia científica. O que é considerado de modo geral uma produção científica na área de artes?***

Na área de artes, em toda a investigação o investigador tem que ter aporte, o apoio na filosofia. O campo da filosofia é que dará as bases da investigação, os encaminhamentos para as pesquisas em arte. Então creio que o corolário desta investigação será sempre a filosofia. É impossível não ocorrer uma investigação que não esteja abraçada à filosofia.

***Você acredita que a pesquisa em arte é determinada pelos critérios do currículo lattes e das agências de fomento?***

Não acredito. Porque nos encontros que eu já estive na área de ensino superior em Brasília, em Salvador, encontros dos programas de pós-graduação de professores ligados à investigação, do pós-graduando, eu creio que nos debates e propostas se pensa muito em formatação, mas não em inclusão. Creio que este é o problema maior na área de investigação científica em artes.

***Eu fiz uma investigação nas estatísticas do CNPq e verifiquei que somente de 3% a 4% do valor total das bolsas é oferecido à área de artes. Na verdade, área de artes, lingüística e letras. Porque em sua opinião este índice é tão baixo em relação a outras áreas do conhecimento?***

Foi porque neste país nenhuma política pública esteve preocupada com o ensino das artes. Então tem um maior reflexo disto. É um retrato preciso de que o ministério da Educação e todos os setores que contemplam as instituições sobre o ensino das artes de terceiro grau, principalmente em terceiro grau que vai abrigar os investigadores. Isto é o reflexo desta atuação e de que não há vontade pública do governo, na área do ministério da Educação, de se conseguir ampliar essa discreta conta de bolsas para a instituição.

***Você gostaria de acrescentar algo mais sobre este tema?***

Eu creio que os programas de pós-graduação deveriam buscar construir uma câmara de discussão que pudesse tornar mais eficazes as exigências particulares que possuem a nossa área de investigação. Caso contrário, vamos ficar discutindo formatos. Precisamos discutir políticas de investigação. Isto que eu acho que seria importante neste momento para ampliar verbas, bolsas, cotas de participação de investigação nas artes.

**Entrevista 3**

\* JOANA/ IES: USP

Área de Atuação: POÉTICAS VISUAIS

Data: 27/03/2009

Local: Ateliê Particular - São Paulo

Duração: 43"

***Professora a senhora conhece e possui cadastro no Currículos Lattes no CNPq. Desde quando?***

Desde que começou a ser obrigatório para você conseguir qualquer recurso e bolsa, de auxílio à pesquisa, eles começaram a exigir que para poder dar a bolsa teria que ter o currículo lattes lá. Quando eles acharam que deveriam unificar, ter uma base de dados das pesquisas científicas, das produções de conhecimento, base igual, uniforme de dados para todo o país. Aliás, foi um pouquinho antes de eu fazer o meu projeto. Quando fui fazer meu credenciamento na pós-graduação. Defendi doutorado em 2000, isto deve ter sido em 2001. Você tinha que homologar e fazer o credenciamento para poder dar aula. Nesta época, em 2001, já era obrigatório para dar aula na pós-graduação no *Stricto Sensu*, para apresentar qualquer projeto era necessário o Lattes.

No começo era muito difícil e muita gente não conseguia. E o Lattes era, nas primeiras versões, muito complicado. Você tinha que adivinhar como colocar mais ou menos as informações lá dentro. E não era igual. Um campo não era igual ao outro. Num campo você tinha que bater a primeira letra e depois introduzir as demais. Em outro campo era diferente, ele já ia direto. Era muito difícil no começo. Era muito irritante. Você perdia os dados. Você enviava e não ficavam registrados os dados. Era começo mesmo do programa. Era bem complicado. Existiu até lá na pós-graduação dois cursos para professores que era para imersão no Lattes para poder explicar os campos. Foi realizado então um curso mesmo sobre como preencher o formulário. Quer dizer, aquilo era para ser um banco de dados, um instrumento para facilitar, para se ter uma visibilidade da produção de conhecimento – vou falar de conhecimento porque se eu falo em produção científica e for ser bastante objetiva e criteriosa eu estou excluindo a artística e a filosófica -. (porque são áreas diferentes do conhecimento). Então vou falar em produção do conhecimento acadêmico produzidos pelas academias e universidades.

Então, quando o Lattes foi criado como um apoio e não como um objetivo ele mesmo. Ele como uma produção do conhecimento! E virou um inferno na vida dos professores que não eram da área científica. Porque eles tinham outros hábitos de preenchimento de currículos que eram feitos muito rapidamente com aquilo que precisava, porque, o que é importante é o conhecimento que vai produzir e não a quantidade. É a qualidade. Porque às vezes como se mede isto num trabalho que demora cinco anos, não porque você foi relapso, mas porque tem uma complexidade que para você chegar aos resultados demora cinco anos e porque você vê outras produções menores, menos importantes, de menos qualidade são mais pontuadas, são pesquisadores de nível "A" no CNPq. Você vai ver os artigos de relevância vai ver que eles têm o critério de avaliação de relevância, mas todos estes critérios são voltados para publicação bibliográfica. Quer dizer que quem não faz publicação bibliográfica, quem torna público seu trabalho de outra forma...

***A senhora já falou um pouquinho, enfim a própria plataforma já mudou. Hoje a senhora acha fácil o acesso ao currículo, tem facilidade de preenchimento?***

Eu quando fiz a primeira vez eu fiz com uma professora de biblioteconomia. Ela fez para mim. Eu não tinha paciência. Eu dizia: não vou perder meu tempo e minha inteligência. Eu dizia: meu tempo e minha inteligência eu tenho que aplicar na produção do conhecimento. Não vou preencher o Lattes. Eu pedi a uma pessoa que fosse de uma área ligada à classificação, arquivo, no caso uma colega da área de biblioteconomia. Ela preencheu. Só que preencheu dentro dos critérios da área dela e que não eram os meus. Quando fui ver já impresso, eu achei tudo aquilo uma bagunça. E falei: mas onde estão as coisas? As exposições estão misturadas com as obras. Ai falei: ai Meu Deus do céu que bagunça, o que é isto?

Neste ponto, eu fui para o Lattes, estudar o Lattes e ver os campos, onde eu podia colocar e de que forma eu poderia burlar aquela classificação que eles tinham feito para que os trabalhos fizessem sentido. Por exemplo: ao invés de eu colocar as obras de arte e as exposições tudo em obras de arte em slides, eu coloquei as exposições em eventos, porque fazer uma exposição é de uma natureza diferente do que você fazer a pesquisa para você fazer o trabalho.

Num trabalho científico quando você faz a experiência você vai relatar a experiência. O artigo é uma espécie de descrição e de relato desta experiência. Então você pode publicar resultados parciais, você pode publicar uma série de coisas. Na arte, enquanto você não dá a última pincelada, se for uma pintura, enquanto você não coloca o último objeto se for uma instalação, ou faz o último acerto se for um vídeo ou coisa deste tipo, você não tem nada. É zero. Todo aquele trabalho que você fizer, enquanto você não terminar - por exemplo, numa poesia se você não põe a última pontuação ou as últimas palavras, a poesia não é nada. Porque você não pode tirar uma vírgula, um acento, uma letra, um erro que for, porque ele faz parte da estrutura. Não é como tirar um pedaço e não mudar nada. Não é como na obra de arte que a soma das partes não dá o todo. Não dá. Você só tem o todo quando se dá o todo mesmo. Isso não se modifica. O que acontece: não dá para publicar os resultados parciais porque ele não é nada. Porque ele tem que ficar em andamento.

Não dá para você confundir ele [o objeto] com a exposição porque é um outro tipo de trabalho, uma curadoria, uma organização. Um tipo de trabalho que tem uma outra pesquisa que você tem que fazer, que os curadores fazem, que os montadores fazem, que os organizadores de nível fazem, que os historiadores fazem, que os críticos fazem. É uma outra pesquisa para você ter aquele resultado da exposição.

Até esta época, nos anos 2000, não era muito comum você ter essa divisão toda. O artista em geral faz um trabalho difícil dos curadores, vamos dizer para darem consistência para o trabalho deles, fixarem, para que todo mundo, que toda exposição tivesse uma curadoria.

Eu me lembro que nas nossas primeiras exposições nós fizemos o trabalho, montamos a exposição e fizemos o release. O artista fazia tudo, toda esta parte. Depois, começou a ser dividido. O jornalista fazia o release; o político fazia a leitura crítica, a análise do trabalho, a análise crítica. Não que o artista não pudesse ter uma reflexão do seu trabalho. Ele tem. Mas é um novo trabalho essa reflexão. Porque quando ele está fazendo este trabalho ele está pensando e pensar é um ato maior do que refletir.

Porque refletir é quando a coisa já está pronta, ela reflete. É como uma imagem reflexo. Então o trabalho já está pronto, então você vai refletir sobre ele. É uma imagem já de segunda geração. É um reflexo. Mas quando você está realmente pensando, criando, não tem reflexo, você tem pensamento. Isto é muito mais amplo. Então, nesta fase que eu fui colocar os trabalhos, e eu tive que estudar cada um daqueles campos para ver, não o que eles estavam pedindo, mas de que forma a minha produção não saísse uma bagunça. Então, que saísse uma obra atrás da outra cronologicamente, e que saíssem

as exposições também cronologicamente, uma atrás da outra e que os textos que eu tivesse escrito, os livros que eu tivesse participado, imagens que tivessem sido publicadas também que tivesse cronologicamente organizada, porque a organização cronológica é uma organização, não é a melhor, mas dela você pode tirar outras. Você pode dizer: “ah, olha, neste período ela voltou a fazer gravuras novamente”. Você pode até buscar tudo que eram gravuras, porque nas obras, nos campos onde tinham as obras visuais, tinha um lugar onde você fazia a descrição. Abria uma janelinha. Não sei se ainda é assim. Porque agora não faço mais. Porque quem atualiza para mim é a Lu que está familiarizada com o trabalho e as novas versões do Lattes.

Ela tem que fazer o dela e então faz o meu também. Eu deixo uma pasta separada, que se chama Lattes, então toda a minha produção eu coloco nesta pasta e ela então escolhe os campos e põe lá. Na nossa área a gente faz trabalhos muito diversos. Você acaba inventando técnicas e procedimentos, por exemplo, para fazer um determinado trabalho. Então a gente cansou, de inventar, naquela época, me lembro de quando não tinha computador e a gente inventava, por exemplo, procedimentos para poder transferir a imagem de um sistema para outro, multiplicar, etc. Hoje em dia o computador faz tudo para você.

***Professora, porque a senhora preenche e atualiza o currículo? E com que frequência ele é atualizado?***

A gente faz uma vez por ano. No começo do ano, em fevereiro. A gente pega todos os dados do ano anterior. A gente tem um grupo de pesquisas. Este grupo de pesquisas trabalha junto não em todos os trabalhos. É um coletivo inteligente. Alguns trabalham com os autores. Outros fazem o som, a imagem. Outro faz captura, outros fazem a edição, etc. Eles vão se agregando segundo as competências e vamos fazendo. Então estas pessoas para a gente poder atualizar toda a produção do grupo, porque quase todo mundo entra e gente de fora também entra nos trabalhos. A gente pega uma vez por ano faz uma lista de tudo. Como esta pasta que eu tenho, todo mundo tem a sua. A gente faz a lista de tudo e cada um preenche a sua individual. Tem uma pessoa que faz tudo para mim.

Porque uma vez por ano? Porque os trabalhos demoram. Porque não saem artigos publicados a toda hora. Porque uma exposição não sai a toda hora, pode demorar de três a quatro anos para sair publicada. Então, o que eu tenho para atualizar no Lattes é uma conferência que eu dei, um ou outro festival que pediram alguns trabalhos que foram concluídos, porque eu gosto de mandar trabalhos novos, originais para festivais se for de vídeo, para mostras se for de exposição.

Não tem muita coisa em quantidade. O que tem são cinco, seis itens por ano. Tem as bancas. Mas as bancas não contam nada para o Lattes. Banca dá um trabalho! Você tem que ler, tem que checar as fontes, tem que checar incoerências e se tiver incoerência, tem que apontá-la e basear esta incoerência em dados também. Tem que fazer uma pesquisa também. Eles dão um mês para você ler a tese e na verdade acaba gastando mais tempo do que isto, porque você precisa de muitas horas.

Como tem outras coisas que você não pode abandonar que são a sua pesquisa pessoal, seus outros orientandos, você acaba trabalhando de madrugada para poder fazer este trabalho seriamente. Então quer dizer, estou falando aqui como tudo deve ser ou como tudo deveria ser. Você fica muito tempo dedicado a um estudo e ele não conta nada. Uma banca, uma orientação de mestrado, de doutorado, não conta para nossa produção. Numa escala de 0 a 10 é 0,2 a importância disto. E isto é uma coisa que você preenche rapidinho porque você não tem que explicar sobre o que foi a tese, qual foi a sua participação. O Lattes não é uma plataforma que faz uma avaliação qualitativa do trabalho, não tem como ser. Talvez tivesse como ser, mas dentro dos critérios de quem elaborou, de quem descreve e de quem conforma, a cabeça é uma cabeça de estatística. Não é de estatística qualitativa, não é qualitativa. Ele não tem este caráter.

***Então vão aproveitar e perguntar - a senhora até já respondeu - e vou juntar duas perguntas. Se a senhora considera nesta estrutura e nestes campos disponíveis adequados para registrar estas atividades e na área de artes o que não estaria contemplado? O que a senhora gostaria de sugerir, por exemplo, que deveria existir no currículo.***

Há alguns anos atrás, quando comecei em 2000, em 2001 e 2002 quando eu mesma preenchia, mandei uma sugestão para eles que no campo da publicação, por exemplo, diz “a raiz das palavras” das coisas. Publicação o que quer dizer? Publicação quer dizer tornar público um trabalho. Então você tem alguns tipos de publicação de igual importância. A bibliográfica você faz isto, quando faz artigos. Publicação na música: o “conceito” é a forma de tornar público o trabalho dos músicos, não o trabalho dos compositores, porque os compositores podem publicar o tipo publicação bibliográfica a



canção que ele fez, porque ela é escrita. O músico não, como ele publica? Ele faz concerto, ele grava. É a forma de ele tornar pública essa produção de conhecimento que ele tem. Eu sugeri, mas nunca obtive resposta. Nunca vi mudança nesta área que houvesse no item publicação que você tivesse todas as formas de tornar público o seu trabalho, publicações bibliográficas, exposição, todas estas coisas.

E que fosse pensado melhor, por exemplo, a questão das obras de arte. Na obra de arte, por exemplo, a pesquisa toda que você faz acaba ficando materializada no objeto artístico. Só que quando você vê o objeto artístico você não vê a pesquisa. Pode até sentir, mas você não vê.

Seria coisa interessante porque se tivesse este campo a gente poderia preencher, porque você tem o trabalho, a obra, que seria - vamos dizer - como o livro, o romance, a poesia, você tem lá. Agora, todo o trabalho de pesquisa que é quando se foi na indústria química, quando se foi misturar determinados materiais para poder conseguir uma determinada coisa, quando se inventou uma técnica para conseguir determinado resultado, quer dizer todo este memorial, a descrição da experiência da realização daquele objeto é a pesquisa. Se tivesse um campo para isto então você poderia relatar a sua pesquisa e não pareceria um idiota que não produz nada frente a um cientista. Então parece que o artista não estuda, não produz nada porque ele não publica. Mas é porque também este trabalho que ele teria para publicar, este memorial, essa descrição, todas as pesquisas que ele fez, se ele fizer isto aí ele não teria campo para publicar. A não ser que ele publique numa revista. Mas está lá! Às vezes no catálogo, às vezes na tese, na internet. Todo esse conjunto, a metodologia do trabalho, para ele chegar ao objeto.

Então, a pesquisa existe. Só que não tem campo para relatar. Embora ela hoje em dia com a Internet, as pesquisas ficam publicadas no site, sempre nos fóruns, tem várias formas de você dar visibilidade para ela. Mas não tem campo para você publicar isto. Se bem que agora eu acho que eles entraram, não sei mais como é porque não tenho entrado faz tempo. Talvez tenha as revistas eletrônicas. Mas porque eles não consideram muito porque eles acham que é uma coisa muito tipo “ah, qualquer um que precisa publicar e faz uma revista eletrônica, faz um não sei o que”. Então qualquer um pode publicar em qualquer revista.

Por isto que é bom você ter critérios de qualidade. E os critérios de qualidade não são uma coisa que vai definir. É um conjunto de coisas que vai definir. É o tempo que vai demorar para você fazer. É certo que uma pessoa mais inteligente vai mais rápida e outra mais devagar. Mas você vai somando vários aspectos e pode ter um critério qualitativo e não quantitativo.

Eu cansei de ver artigos publicados com outros nomes que na hora eu falo “ué eu já vi isto” que é o mesmo artigo que eu li e que eles só mudaram algumas palavras, está desmembrado algumas coisas, uns parágrafos estão num lugar, quer dizer, se fez uma indústria e um modelo de como fazer hoje artigos para serem publicados, para aparecerem no Lattes.

***A senhora também já entrou neste tema, mas só para confirmar, eu tenho uma pergunta exatamente sobre a questão das produções, da produção artística na academia. A configuração então permite o registro das atividades que a senhora considera de maior relevância na sua produção?***

É como eu falei. Ela permite para mim porque eu fui lá e olhei e falei isto cabe aqui, posso organizar assim e assado que cai direitinho. O problema é quando um avaliador que está julgando meu projeto de pesquisa para algum editorial. Ele puxa meu Lattes e olha lá: últimos cinco anos de publicação = zero. Ele não vai procurar no Lattes e encontrar alguma coisa legal. Olha, ela fez isto ou aquilo ali. Ele também não vai com esta cabeça. Ele vai lá, vai direto “deixa ver o que ela pesquisou”. Ele vai naqueles campos. Ele não vai lá onde tem texto, tem técnica, onde pode ter alguma coisa importante. Quer dizer, se você quiser você consegue. Mas como as pessoas que avaliam não buscam em todos os campos que tem lá, não pensam que as pessoas possam pensar com a própria cabeça e não reagirem como rebanho, mandam colocar obras de arte aqui então ele coloca. Aí é aquela mistura, você não sabe mais a importância que cada um daqueles trabalhos tem. Você não sabe mais qual foi a sequência. Não dá para fazer uma leitura. Pelo menos na nossa área é uma bagunça.

***A senhora acredita que o currículo pode avaliar com eficiência a produção acadêmica?***

Com este que está aí não. Eu não acho. Este falta justamente bastante coisa para avaliar porque eles têm um critério quantitativo. Se você produz coisa boa não tem. Porque você pode ver que a maior parte dos recursos que saem para a área da arte, falo na minha arte, que sai, que ganha projeto é tudo projeto de tecnologia, projeto meia boca de ciência e arte na interface entre ciência e arte. Para a arte

mesmo não saem recursos, não sai dinheiro, capital para você fazer trabalho artístico. Vai fazer projeto em pintura, em gravura, para ver se ganha recurso do CNPq ou do Capes, seja do que for, nem da FAPESP, em lugar nenhum.

O artista quando faz o projeto dele é diferente do projeto científico. Ele é quase uma carta de intenção, porque o trabalho vai mudando durante seu desenvolvimento. Não que o trabalho científico não mude também. Ele muda. Ele tem uma pergunta quando você começa um trabalho: vou estudar isto para ver como isto se comporta, como isto acontece. No trabalho artístico, quando acaba o trabalho é que você chega à pergunta. Não tem resposta. Ele não é uma resposta para nada. Ele não tem aplicação nenhuma a não ser fazer você pensar.

***A senhora considera que é avaliada de forma justa a sua produção artística nesta profissão a partir destes critérios? A senhora já se sentiu preterida em função destes critérios?***

Mas sempre! Tanto que eu não apresentei mais projetos. Porque todas as respostas que me vem do CNPq é: "não tem publicações nos últimos anos". Mas não tem que publicações cara pálida? Qual que não tem? Qual é o trabalho que não tem? Quantos trabalhos por ano você tem que fazer para conseguir recursos? Demora muito para você fazer. Eu me lembro que passei um ano inteiro virando noites, dormindo de três a quatro horas por dia, quando dava, virava várias noites trabalhando. Eu lembro que eu e ela juntas a gente produziu um trabalho em vídeo que era para sair um DVD junto com outro artista pesquisador que era da área de eletroacústica, da UNESP. A gente ficou um ano inteiro para produzir um vídeo de 53 minutos. E ainda nem foi para escrever sobre este trabalho, só para fazer o trabalho, para criar o trabalho. Foram noites e noites acordadas e isto não conta. É trabalho. É produção, mas não conta porque não sai na revista. Mas está lá o DVD. O DVD existe. Está prensado. O DVD já foi apresentado em vários lugares. Mas não conta esta apresentação. Não tem onde colocar isto. Então já me senti muito preterida muitas vezes. Porque as respostas são sempre estas e fica injusto você competir com um cientista ou, por exemplo, com alguém que só escreve. A pessoa que o trabalho dela é escrever, o jornalista, o escritor. Como vou competir com eles? Aí falam assim: o artista que está na academia tem que aprender a pensar. Quem disse que o trabalho dele não é pensamento? Mas não é assim. Tem que aprender a refletir sobre o que pensou. Mas quem disse que ele não reflete? Só que se ele ficar gastando tempo com fazer análise crítica, primeiro ele vai fazer o que faz um crítico, um curador, um historiador de arte. Não vai fazer o trabalho dele. O que ele pode é produzir sim por escrito e relatar sua pesquisa. Isto ele pode fazer. Mas fazer uma reflexão no sentido de uma análise ele é capaz. Não é que ele não é capaz. Mas não é a linha de pesquisa dele. A linha de pesquisa dele é outra. Por isso que eu me sinto preterida, mas não inferiorizada porque eu dou valor ao meu trabalho. É esta organização que não dá valor. É esta estrutura que não dá valor. Eu me lembro que alguém me dizia: "se você ganhasse recursos você não diria isto, seria outra coisa". Eu dizia: "eu trabalho". Se não reconhecem isto, o trabalho é rico, é um trabalho muito consistente. Não pode confundir esta riqueza com o valor que lhe é atribuído. Porque quem atribui o valor para esta riqueza não sou eu. Se ele não vira valor, isso não quer dizer que o conhecimento não foi produzido. Quer dizer que a estrutura, o modo como ela está organizada, como foi criada é que não reconhece o valor que este trabalho tem, por enquanto, pode ser que venha a reconhecer. Tem que se pensar muito. Uma coisa que o Foucault falou muito: uma coisa é o seu capital, a sua riqueza. Outra coisa é o valor que vai adquirir.

***Num determinado momento quando a senhora falou sobre os artigos "Ah, eu já vi remodelado, criou-se uma forma...".***

É o que acontece com burocracias. É isso. Modelos, modos de agir, modelos de ação para poder contentar o relatório, a plataforma, mas não o que é para fazer. Teve um ano que fiz tantos relatórios, tantos pareceres na faculdade, que eu disse: "Está bem. Vocês ficam me dando tantos relatórios e pareceres para eu fazer que a minha próxima exposição vou grudar todos estes trabalhos na parede. Porque eu não tenho mais tempo para estudar, pesquisar, para produzir conhecimento novo. Eu só fico fazendo relatório para atender a burocracia da academia.

***A senhora acredita que isto acontece também em função do Lattes com relação aos pesquisadores na área de artes?***

Os relatórios não. Os relatórios sempre existiram. É a forma que as pessoas têm, elas acreditam que é a forma, que é o instrumento que elas tem de avaliação. Por exemplo, você vai viajar, vai para um

congresso. Então você volta e faz um relatório desta viagem. Todo mundo já tem um modelo do relatório. Pega um relatório e eles são quase todos iguais. O conteúdo é “Eu fiz isto. Fui para fazer isto. Apresentei tal trabalho”. Aí o parecerista lê, faz o parecer para ver se está de acordo com o objetivo, etc. e tal. No fundo, acaba que poucas pessoas sabem que estes relatórios não avaliam e não servem muito para nada. São pilhas de papel que você vai ter que fazer quando seria mais interessante você ter a produção mesmo. Se dedicar a ela. É muita burocracia. Mas eu acho que esse não é um problema só aqui não. Esse é um problema que a academia tem que resolver. Precisaria se organizar de um outro jeito, para se fazer avaliação de sua produção.

***A senhora considera que o currículo Lattes, da forma como ele está hoje exposto na Internet, ele funciona como um instrumento de disciplina e vigilância entre os pesquisadores?***

Controle, punição! Se você não está no Lattes, não preenche, não vai receber. Você não atualiza... Outro dia, o coordenador da minha pós-graduação me disse: “faz dois ou três anos que você não publica nada. Eu não sei não. Acho que vou ter que te tirar do quadro de professora regular de pós-graduação e te passar como colaboradora. Eu sei o que você está fazendo porque eu acompanho e leio o Lattes”. Tipo assim, como ameaça, né: eu sei o que você está fazendo porque eu leio o Lattes, acompanho o Lattes e você não pôs nada lá. Então, se você não põe, se você não usa o Lattes, que não é uma boa plataforma, que não são bons indicadores para nossa área, você não vai ganhar bolsa, seus orientandos não vão ganhar bolsa, você não vai ter auxílio, não vai conseguir nada da faculdade, só vai conseguir dar aula. Aí se você só consegue dar aula, piora cada vez mais, é um círculo vicioso. Então ele é um instrumento de vigilância e de controle e de punição também. É bom fazer uma análise “foucaultiana” do Lattes. É muito bom.

***A senhora de acrescentar alguma coisa a mais sobre este tema, idéia....?***

Eu não acho ruim o objetivo, conceito primeiro. Eu acho ruim a forma como ele foi feito. Qualquer coisa em si não é boa ou ruim. Eu acho bom que você tenha algum lugar para ter parâmetro da produção, para encontrar pesquisador, para saber o que eles fazem. Eu acho isto bom. Ter um lugar onde você pode recorrer e saber sobre estas coisas.

Mas este instrumento tem que ser melhor pensado para que haja justamente quando você entrar lá tenha uma visibilidade de qualidade daquele trabalho, da importância daquele trabalho. Você estar ali olhando a produção daquele pesquisador, saber realmente quem ele é, que importância ele tem, que formação ele tem, quem que ele forma, com quem que está sendo contribuído o trabalho dele. Porque às vezes não é um artista que expõe todos os anos porque os trabalhos deles são muito profundos. Não dá para fazer todo ano uma exposição. É que nem pesquisa básica ou aplicada. É que nem na ciência básica ou tecnologia. Não dá muito para você fazer este tipo de comparação. Acaba inferiorizando um em relação ao outro. Mas é aparência, é falso. Porque quando você tem mudança num setor afeta a todos os outros. Isto é real. Isto acontece.

Estes três eixos, ciência, filosofia e artes, eles vivem se afetando mutuamente. É isto que provoca mudanças no modo de pensar, de agir e no modo de sentir as coisas. Para mim não são ruins os objetivos para o que o Lattes foi criado. A forma como ele é gerenciado, atualizado, que ele está funcionando é que é ruim, como ele funciona como um instrumento de controle, de vigilância e de punição.

E também daí de você privilegiar “quem tem o poder pode privilegiar o seu setor”. Dá para manipular. Então eu sempre acho que os programas nascem com boas intenções e acaba que as boas intenções são as últimas coisas que se vai pensar. Mas eu sempre acho que há uma saída. Tem gente que diz: “você fala ‘eles lá de cima’, mas eles lá em cima somos nós”. Não somos nós não. Lá em cima é para quem gosta do poder. Eu não sou estas pessoas que estão lá em cima. Eu gosto de potência, de poder produzir, de desejo de poder produzir. Eu não gosto de vigiar ninguém. Não gosto de estar lá em cima distribuindo. De ter o poder para fazer determinadas coisas. Eu não acho que quem está lá em cima somos nós mesmos. Não somos. Porque quem está dirigindo isto gosta do poder. E há muito tempo deixou de produzir coisas que realmente traz um sentimento novo para qualquer setor que seja, seja para a arte, para a ciência.

#### **Entrevista 4**

\***ANTONIO**/ IES: UNICAMP  
Área de Atuação: ARTES VISUAIS  
Data: 30/03/2009  
Local: Ateliê Particular - São Paulo  
Duração: 14"

***Professor, o senhor conhece e possui cadastro no currículo lattes do CNPq? Desde quando?***

Faz uns 10 anos.

***O senhor acha fácil o acesso ao currículo? Tem facilidade de preenchimento?***

Eu entro facilmente. Tenho a senha. Então entro facilmente.

***Com que frequência o senhor atualiza o currículo lattes?***

Acho que é bi-anual. Não sou muito rígido nestas coisas. Depende dos acontecimentos. Se tiver uma produção muito boa eu coloco lá.

***Porque o senhor preenche ou atualiza o currículo?***

Para atualizar. Para deixar em dia. A Universidade pede também. Eu dou aula na UNICAMP e no MACKENZIE. As duas universidades pedem. E lá na UNICAMP tem um outro sistema, o Sipex.

***O senhor considera que a estrutura que o currículo Lattes tem, os campos do formulário, eles são adequados para registrar as atividades acadêmicas?***

Do artista? Eu acho que em princípio tem. Eu não reparei ainda... Eu não tive dificuldade nenhuma para fazer. Acho sim que é adequado.

***O senhor já respondeu que considera os campos suficientes para registrar sua produção artística. O que eu gostaria de saber do senhor é se você acha que falta algum campo que contemple a área de arte? Tem alguma sugestão?***

Isto dentro do currículo?

***Isto. Dentro do currículo.***

Olha, eu nunca procurei pesquisa no CNPq para falar alguma coisa deste tipo. Então aproveitar só o currículo, para mim está sendo suficiente. Não tenho outra exigência. Se eu não tenho, então o CNPq não tem exigência comigo também.

***A configuração permite que o senhor registre as atividades que considera mais relevante na sua produção artística?***

Sim. Sim.

***De modo geral, o que o senhor considera uma produção científica na área de arte?***

É uma questão difícil de responder. Porque arte trata de um outro assunto. Trata da sensibilidade. A ciência entra após uma descoberta intuitiva, uma situação intuitiva que está se apresentando. Eu não digo na ciência, digo na razão. Então é difícil porque eu faço gravura. Gravura tem muita questão de química, fórmula, que seria a parte técnica do trabalho. Quanto à criação eu acho que este é o conflito entre o artista e a universidade.

***O senhor acredita que o currículo Lattes pode avaliar com eficiência a produção acadêmica dos pesquisadores em arte?***

Eu acho que não. Eu acho que ainda é voltado para o lado do mundo acadêmico em relação à ciência. Da maneira como você preenche o currículo Lattes, é de uma maneira acadêmica e burocrática em relação à produção artística. Mas enquanto em termos de pesquisas eu acho que não tem muito eco lá.

***O senhor se considera avaliado de forma justa a partir dos critérios que estão estabelecidos lá no currículo Lattes? A gente sabe que o currículo Lattes serve de referencial para os pesquisadores, que através do currículo a instituição cobra do pesquisador mais produção e que o currículo acaba sendo uma ferramenta da instituição na avaliação da produção de cada um. Então a minha pergunta é: se o senhor considera que sua produção artística possa ser avaliada de forma justa só pelo currículo Lattes?***

Eu acho que tem pouca repercussão. Quando acontece de uma pessoa pesquisar através do Currículo Lattes, a gente comemora. É um grande show. Então não sei. Não sei se é esta resposta. Acho que não tem muita procura. Então...

***O senhor já se sentiu julgado ou preterido em função dos critérios do currículo Lattes?***

Não. Isto em relação a pesquisa você está falando? Não, eu nunca procurei uma pesquisa. Então não tenho como julgar.

***O senhor considera que na academia o Lattes funciona como um instrumento de disciplina e vigilância sobre os pesquisadores?***

Acho que não. Acho principalmente porque ele está ligado no CNPq. Acho que tem um grau de avaliação. Eu me coloco como artista sendo responsável pelo meu trabalho. Então, a investigação que eu faço é uma investigação que cabe a mim a responsabilidade. Eu não estou colocando a responsabilidade nos centros de pesquisas.

***Nas estatísticas do CNPq, embora o senhor já falou que nunca entrou lá para fazer pesquisa, eu pesquisei e percebi que somente de 3% a 4% do total de bolsa e de fomento foi para a área de arte. Então, eu queria saber, em sua opinião, se o senhor tem alguma idéia do porque ser tão baixo este índice em relação a outras áreas do conhecimento?***

É uma questão que nós discutimos muito lá na universidade. A gente sabe que a escolha é sempre. Quando alguém da UNICAMP que eu conheço ganha bolsa do CNPq é meio festejado, porque é muito difícil ganhar uma bolsa. Eu acho que isto acontece porque a arte na universidade começou a ser provocada há pouco tempo. A arte visual, acho que no máximo há uns 20 anos atrás. Antes, o artista ou trabalhava para o publicitário ou era ligado ao governo, ministério da Cultura, Banco do Brasil. A questão da universidade é recente ainda. A universidade está voltada para a área de pesquisa científica e para a área de artes visuais o artista ainda está se colocando, está impondo o trabalho ainda. Acho que é uma coisa que ainda vai levar tempo.

Mas que existem pessoas, artistas, eu também, outros artistas que se preocupam com este lado, desta situação de pouco incentivo na área. Inclusive as teses – estou fazendo doutorado na UNICAMP – estão procurando estabelecer um método de arte artística que vá de encontro com o método científico da outra área também.

Todas as exigências que o método científico está pedindo, nós estamos cumprindo artisticamente para ver se este é o elo que está faltando neste entrosamento da arte e a universidade. Porque uma coisa não existe e não sobrevive sem a outra. Porque a razão sem a sensibilidade não vai para a frente. Porque tem as duas coisas juntas. Sensibilidade sem ter uma razão também tem que equilibrar. Tem que ter equilíbrio de temperamento.

Acho que a universidade é uma instituição assim como uma pessoa é uma instituição. O indivíduo é uma instituição e a universidade também. Mas uma universidade tem mais tempo, tem mais indivíduos para se formar uma instituição do que um indivíduo só. O indivíduo tem o conhecimento empírico de base, artístico. Já a universidade tem o conhecimento de todas as pessoas. Olha o caso do Mackenzie, ele tem mais de 130 anos.

É só imaginar quantas pessoas passaram por lá, se formaram na instituição Mackenzie, ela é o reflexo das pessoas, formaram a universidade com o reflexo delas. E o indivíduo é uma pessoa instituição também. Tem que se adaptar a esta universidade, ao conhecimento desta universidade. Eu acho que o indivíduo traz o conhecimento para a universidade. E ela tem a obrigação de acolher este conhecimento. O que o indivíduo não sabe é que o conhecimento dele foi o conhecimento que a vida deu quando a gente entra numa universidade, entra jovem na universidade. Não é por acaso que você vai fazer arquitetura ou outra área. Tem um motivo que levou a pessoa a fazer isto. Este motivo ele desconhece. Ele só vai afirmar este motivo através da universidade. Neste primeiro momento, a universidade tem que saber receber este indivíduo porque ele está trazendo conhecimento e este conhecimento tem que ser trabalhado.

***Professor, o senhor gostaria de acrescentar mais alguma coisa sobre este tema, produção de arte? De como a arte é vista na universidade, enfim, alguma coisa que o senhor queira acrescentar, até mesmo na questão do currículo lattes.***

Eu acho que a gente está caminhando. A universidade e o artista estão caminhando. Pelo menos estão procurando caminhar. Eu acho que ainda é um caminho inicial. Acho que os dois têm que estar juntos. Por enquanto o artista está sozinho na universidade. É uma coisa muito difícil. O artista não é filósofo, não é físico, não é matemático, não é químico, mas ele conhece um pouco de tudo. A diferença é que ele não quer provar estas coisas através de fórmulas, ele quer provar através do trabalho. Então acho que a universidade tem que aprender a ver o trabalho do artista.

## **Entrevista 5**

**\*MARIA/ IES: UNICAMP**

Área de Atuação: ARTES VISUAIS

Data: 31/03/2009

Local: Sala de Reuniões - São Paulo

Duração: 30"

***Professora, a senhora conhece e possui Currículo Lattes no CNPq? Desde quando?***

O Currículo Lattes está atualizado. Nas universidades ele começou a ser solicitado há uns cinco ou seis anos atrás. Antes tinha o currículo normal. Depois surgiu o currículo Lattes que na verdade todas as universidades estaduais e particulares pedem. E aí você vai atualizando este currículo. Quem quiser tem acesso a ele.

***A senhora acha fácil o acesso ao currículo? Tem facilidade no preenchimento?***

Não. Eu pessoalmente não. Na verdade um funcionário da UNICAMP, o Ivan, me ajuda com os currículos porque lá tem um outro currículo que é mais complexo ainda, é o Sipex (Sistema de Informações, Pesquisa e Extensão), que é uma outra variação de currículo que eu acho que é mais complexo. E o Ivan ajuda com esta pasta até por uma questão de tempo. A gente não consegue tempo para ficar horas e horas sentada atrás destes detalhes mais burocráticos. Eu acho que o funcionário agiliza isto com mais facilidade do que a gente.

***Professora com que frequência a senhora atualiza seu currículo no cadastro?***

O Currículo Lattes eu mantenho atualizado. No mínimo passou um semestre eu atualizo ele. Eu não deixo acumular. E às vezes até durante o semestre eu vou entregando o documento e ele vai atualizando para mim. Porque para qualquer tipo de situação que você pede o auxílio de viagem, auxílio de pesquisa, você precisa estar com o currículo atualizado.

***A senhora já respondeu no começo, mas de qualquer forma as instituições exigem esta atualização no currículo?***

Na UNICAMP tem uma certa exigência. Nas particulares eu acho que quem dá aula para pós-graduação tem mais exigência para ele ficar atualizado. Então não dá para o deixar ele passar muito

tempo sem atualizar. E até porque complica deixar acumular muitas coisas, mas principalmente na pós-graduação que se tem uma exigência maior.

***Professora, agora falando um pouco da estrutura do currículo lattes, a senhora considera que a estrutura que está lá, os campos disponíveis no formulário, ela é adequada para registrar as pesquisas da área de artes?***

Eu sempre acho que na verdade, atualmente, se dá um peso equivalente à exposição com publicação. Quer dizer, existe uma equivalência. Só que o problema, o peso da avaliação maior ainda cai sobre a produção de textos, livros, simpósios.

Talvez, se no formulário do currículo tivesse algum registro um pouco mais detalhado das exposições visuais e assim, na avaliação, por exemplo, da mesma maneira que têm itens que pedem quantas publicações, quantos livros, quantos textos, também ter o equivalente em exposições, em mostras, em trabalhos expostos que na verdade é um esforço tão grande quanto. Quer dizer produzir, agendar exposição, ir atrás de todos os detalhes.

Eu acho que atualmente tem se considerado, mas ainda existe um certo desequilíbrio que a gente observa nos comentários dos pareceristas. Porque quando você tem currículo com exposições, mas não tem o equivalente de publicação de livros, de textos, existe uma crítica neste sentido.

***Professora, a senhora acredita que a configuração do formulário do jeito que está hoje, ela permite registro das atividades que a senhora considera de maior relevância no seu trabalho?***

Eu acho que duas coisas que eu colocaria em revisão do Currículo Lattes, duas coisas que desequilibram. Uma é esta do comentário da produção prática. Porque na verdade todos os critérios de avaliações existem nas universidades há mais tempo em áreas científicas, conhecimentos mais científicos, onde o pessoal já tem o hábito de textos de publicações, de seminários, maior do que na área artística.

E uma outra coisa que eu acho que nas avaliações não é levado muito em conta e a gente também observa isto depois nos pareceres, que é a própria atividade didática. Parece que a aula em si, você dar aula, é uma coisa que não conta muito. Banca de TGI (Trabalho de Graduação Interdisciplinar ou Trabalho de Conclusão de Curso) não conta muito.

Então toda esta parte de avaliação, vamos dizer do trabalho, do magistério em si, não tem um peso tão grande quanto uma publicação. Ou seja, eu posso ser uma péssima professora, mas se eu estiver publicando material, minha avaliação vai ser muito boa. Eu acho que este lado do ensino propriamente dito deveria ser considerado com uma pontuação boa, elevada, porque é um trabalho, que afinal como professor, como área de magistério, é uma prioridade. Eu estou na faculdade não apenas pelo meu trabalho artístico como também pelo lado do ensino.

***Professora, de um modo geral - porque existe sempre uma discussão sobre a área de artes na academia - o que seria considerado uma produção científica na área de artes?***

Na verdade, científica em arte já é uma contradição, porque os critérios da ciências e artes - claro que tem áreas de tangência - tem áreas que são divergências. Primeiro que, no trabalho do artista na verdade não existe uma comprovação de algo. O artista não quer comprovar uma teoria. O trabalho de arte é cheio de surpresas, de acasos, que são próprios desta natureza de trabalho.

Tanto é que quando você fala para um artista que o doutorado tem que ser original, o trabalho de arte. Ele tem sua originalidade já inerente. A não ser que fica copiando o trabalho de outros artistas, que não é o caso. Eu acho que existe pesquisa sim que o artista tem que ler, ter pesquisa bibliográfica, conhecer obras de outros artistas, mergulhar um pouco no contexto de uma obra, são fatores muito positivos. Na verdade esta pesquisa culmina com uma produção que tem outros critérios, diferente das ciências.

***A senhora acredita que o currículo lattes da forma como ele é apresentado hoje pode avaliar com eficiência a produção acadêmica dos pesquisadores em artes?***

Eu acho que poderia ser estudada uma adaptação, não remodelar inteiramente, talvez o conceito, mas distribuir estes pesos de maneira diferente, de maneira que a produção artística seja encarada também como uma produção de pesquisa e não apenas um momento de inspiração, de lazer apenas. Aí dá a impressão que para o artista é muito fácil ficar produzindo trabalhos com imagens ou com

instalações, ou com vídeo. Parece que isto tudo é muito fácil, e que é menos sério, por exemplo, que um livro que você publica sobre um assunto.

Na verdade acho que pode ter uma interação. Tem artista que escreve e tem artista que não escreve muito bem. Tem artista que escreve com um pouco mais de dificuldade. Em compensação tem o peso do trabalho visual também. E isto não precisa ser justificado. O comentário do artista é mais reflexivo, é um depoimento do artista e não uma teoria que você quer justificar e a obra de arte vai justificar esta teoria.

***A senhora comentou que lá na Unicamp é cobrado o currículo lattes mesmo para um pedido de bolsa no CNPq. A senhora se considera avaliada de forma justa no pedido de bolsa na sua instituição a partir dos critérios estabelecidos pelo currículo lattes?***

Eu não sei na verdade responder isto agora, porque eu encaminhei pedido de auxílio de viagem para seminário em outro país e ainda não tenho resposta. Então não sei ainda como isto vai ser avaliado. Porque a produção artística na verdade é acompanhada por uma pesquisa de texto, só que tem uma predominância de imagem maior.

Então eu acho que... eu ainda não sei. O que eu sei é que existe uma cobrança lá no relatório que a gente tem que fazer a cada três anos, existe às vezes a cobrança de produção de publicações de textos, de livros com mais ênfase. Uma outra questão que eu levantaria, por exemplo, em 2007 eu terminei um texto, uma publicação, quer dizer texto sobre uma pesquisa sobre livros biotécnicos que eu desenvolvo. Tem um texto introdutório que faz uma contextualização, tem documentação com imagens, tem o texto que acompanha este trabalho, mas ele ainda não está publicado.

Eu levei na Edusp e talvez eu tenha que batalhar outras editoras. Então enquanto isto o texto existe, mas ao mesmo tempo ele não consta porque ainda não tem a publicação. Os textos, as publicações de arte sempre envolvem imagens e isto, por exemplo, encarece a publicação. Muitas vezes você tem o material, mas que não foi ainda publicado. Isto não significa que você não escreveu, que você não pesquisou, ele só não está publicado. É como a livre docência. Eu fiz um volume, tem pesquisas, tem imagens.

Eu vou ter que uma hora reformular algumas coisas. Eu posso evidentemente fazer um pedido talvez para a FAPESP, ir a uma editora, tentar fazer uma coisa junta, só que isto tudo leva um tempo para mim. Então não é que você não produziu textos. Como não está publicado, ele não conta ainda.

E tem estas questões de avaliação, por exemplo, de revistas que se chamam *qualis*, as que são consideradas de *qualis*, revistas que tem uma pontuação maior que outras, isto para quem, vamos dizer, com mais periodicidade escreve, publica isto começa a fazer parte.

Mas a gente também tem que produzir imagens e ao mesmo tempo começar a pensar em conteúdos, realizar publicações e acaba não dando tempo de ficar pesquisando qual revista é *qualis* e qual não é. Então você acaba encaminhando para revistas da própria universidade. Para participar de publicações no exterior você tem que ter os contatos. Em áreas científicas isto já existe com uma frequência normal. Na área de produção artística, talvez menos. Eu tenho colegas, por exemplo, que produzem bastantes textos, publicam, mas não tem uma produção do mesmo porte em termos de um projeto artístico pessoal. É quase impossível fazer as duas frentes simultaneamente.

***Professora, a senhora já se sentiu preterida ou julgada em função dos critérios estabelecidos pelo currículo lattes em termos de produção?***

Eu acho que esta pergunta eu já respondi anteriormente porque é esta questão da cobrança dos textos, porque aí você vê no item quantos livros você publicou nos últimos anos. Pombas, eu tenho um texto em 2007. Eu terminei um texto que pode virar um livro, mas ele ainda não está publicado. Então tem este tempo que envolve uma publicação.

***A senhora considera que o Currículo Lattes – no começo a senhora até falou que ele, que as pessoas encontram, utilizam o Currículo Lattes e as instituições também – funciona como um instrumento de vigilância e de disciplina entre os pesquisadores?***

Vigilância em que sentido?



***Porque ele está lá na plataforma e está todo mundo vendo o quanto a senhora produz, se a senhora não produz, se tem produção, se não tem. E disciplina no sentido de que se não produziu um texto, vem a cobrança do texto como a senhora acabou de citar: olha, você não produziu texto.***

Sem dúvida. Eu acho que o currículo é um comprovante, por exemplo, se você produziu texto, se você tem que colocar este texto. Eu anexei no currículo lates, por exemplo, o conteúdo deste texto, desta pesquisa, que fecha o ciclo com os livros objetos e coloquei lá o livro, o índice, quantas páginas, o conteúdo e deixei junto um anexo dizendo que o texto já está pronto, mas ele ainda não foi publicado. Porque eu acho que a gente também tem que colocar estas questões. Quer dizer, você tem um livro, uma livre docência que quase é uma publicação, mas você não consegue publicar rapidamente. Pelo currículo ela não vale como um texto, um livro. Isto eu acho problemático. Este tempo que você tem que batalhar, na verdade não é um tempo que uma instituição pega o seu trabalho e encaminha. É você que tem que correr na editora, fazer os contatos, aí faz um plano para a FAPESP. Quer dizer, é uma agilização que tem que ser feita pelo artista, pelo pesquisador.

Na área de artes, eu vejo com colegas, às vezes você fica meio dividido. Quer dizer ou você começa a se dedicar a esta produção periódica de textos e aí você deixa a produção visual, produção prática meio de lado. É esta sobrecarga de uma área sobre outra. É uma questão que acaba frustrando. É uma questão que às vezes gera conflitos e questões que fazem a gente ficar pensando de como poderia ser ajustado isto na própria leitura do Currículo Lattes. Essa seria a reformulação para setores de produção artística. Porque existem pessoas na universidade, por exemplo, que ainda questionam a existência da produção artística no currículo. Acham que isto não traz muita contribuição. É esta confusão de que o trabalho artístico não envolve pesquisa. Que é uma coisa que você vai fazendo e pronto.

Eu acho que dentro da própria instituição ainda tem muito preconceito. E o pessoal que trabalha com Currículo Lattes, o pessoal que trabalha com toda esta parte nem sempre tem uma visão sobre esta produção artística de uma maneira ampla. Então os critérios também passam pelo crivo de quem organiza estes currículos.

Como ele tem acesso, todo mundo tem. Eu nem teria tempo hábil para ficar abrindo Currículo Lattes de várias pessoas para comparar. Mas se existe alguém que possa levar isto no sentido pejorativo, competitivo ou para controlar, eu acho que a informática de uma maneira geral abre esta questão. Você vê isto pelo jornal, hacker, gente que entra no sistema, pirataria. Você vê isto pelos e-mails. Vira e mexe aparece um e-mail que você não sabe de onde veio e quando você vê pode ser um vírus. Então eu acho que a questão da informática ela – eu acredito nisto – tem um aspecto de controle. A gente percebe que isto cada vez mais acontece. Quer dizer, você tem um cartão, você bate o cartão, você leva o cartão para tudo quanto é lado. O próprio e-mail, não só ele, mas todos os trabalhos que são colocados no computador, de uma maneira geral, acabam tendo esta outra face. Quer dizer, tem momentos muito positivos como, por exemplo, você agiliza as pesquisas; uma pessoa que não conhece meu currículo e quer saber o que eu produzo é só ir ao currículo lates. Então neste sentido é ótimo.

Agora, que ele serve também como controle, sem dúvida. E avaliação docente acaba passando por este controle. Eu não acho que ele é inteiramente ruim porque também tem casos de professores que se acomodam e ficam anos numa instituição trabalhando sem acrescentar, sem produção. Então eu acho que tem aspectos positivos e os aspectos negativos seriam a questão de um controle inadequado, uma outra intenção. É o que eu falei, a informática abre esta possibilidade.

***Professora, a senhora já respondeu, mas eu gostaria que a senhora confirmasse. Eu fiz uma pesquisa sobre as estatísticas do CNPq com relação a fomento para a área de artes (artes, letras e lingüística), e levantei que apenas de 3% a 4% desse fomento é destinado à área de artes. Então, porque, em sua opinião, este índice é tão baixo em relação a outras áreas?***

Eu acho que é em parte isto: menos publicações, menos livros, menos textos, periódicos. Tem, com menos freqüência, por exemplo, seminários no exterior, o que em outras áreas é muito freqüente. No fim quando você pesa a numeração de eventos, atividades, a área de arte acaba ficando prejudicada se você comparar neste sentido com outra área.

Eu acho que isto é fruto desses critérios de avaliação que foram na verdade feitos não por artistas, mas por professores ligados às universidades de outras áreas. Eu acho que o ideal seria uma reavaliação desses critérios. Não só avaliar este peso equivalente de produção artística com o texto

que teoricamente existe, mas que na prática a pontuação ainda pesa mais para texto, como também eu acho que a avaliação didática é mal avaliada.

É como já falei. Eu posso ser um péssimo professor, mas eu publico muito e minha pontuação vai lá para cima. Eu não acho isto justo. Eu acho que sobre a própria atividade didática deveria ter um item que cuidasse um pouco mais dessa questão. E essa equivalência eu acho que ela existe, mas ainda existe meio na teoria. Eu acho que no relato, no currículo, deveria ficar mais visível isto, que você produz uma exposição que é o equivalente a uma publicação no Brasil. Se você expõe fora você tem o equivalente a um outro tipo de publicação. Isto teoricamente existe, mas na prática ainda não se percebe. Então, as pontuações de área de arte sempre vão ficar mais prejudicadas neste sentido em comparação com outros territórios, outras áreas.

### ***Professora, a senhora gostaria de acrescentar algo mais?***

Eu acho que já falei bastante sobre esta questão, mas para finalizar sintetizando esta equivalência de exposição com texto ficar mais visível, ter uma avaliação mais cuidadosa da parte didática. Eu acho que tem alguns critérios que não são justos. Por exemplo, um TGI vale menos. Um mestrado vale mais que TGI. Todos têm um esforço. Tem hora que o pessoal até fala “vou ter que pegar menos bancas para poder produzir mais textos”. Então eu chego a esta questão: vou me envolver menos com a aula e vou produzir mais textos. Então isto seria correto? Em termos didáticos não, porque eu tenho uma função didática como professora.

Como artista eu tenho que produzir. Se eu parar de produzir eu não só vou me tornar uma pessoa mais amargurada e frustrada como não vou ter condições de estimular o desenvolvimento de pesquisa prática entre os alunos. Se eu mesma parei de produzir, como posso exigir de meus alunos? E isto é uma coisa muito séria. Não dá para desprezar esta área. É a mesma coisa você dizer para um músico que ele deve parar de compor e apenas escrever. Ele vai parar de produzir obras. Então eu acho que pensar na produção artística como uma produção que envolve pesquisa, eu acho isto o maior desequilíbrio.

## **Entrevista 6**

**\*JOAO/ IES: UnB**

Área de Atuação: ARTES VISUAIS

Data: 07/04/2009

Local: Residência - Brasília

Duração: 47"

### ***Bom, professor, a história é essa: o currículo e a área de artes.***

Eu acho ótimo. Porque o problema é o seguinte: Eu te falei que estou afastado há muito tempo do CNPq. Eu acho que tive uma importância relativamente grande na questão da área de artes. Até no meu livro eu falo um pouco, você já deve ter sabido de tudo. E naquele primeiro momento era muito importante você caracterizar a pesquisa em Artes e Arte como uma área séria. E como uma área séria você precisa ter parâmetros para dividir. O grande problema no começo da área de Artes no CNPq em termos de currículo, em termos de tudo, era exatamente esta questão: você fazia. Eu saí falando: peçam, peçam, peçam, para criar uma situação de fato no CNPq. Você pediu.

Só que o que veio? Foi legal, foi bom em termos de estratégia política. Em termos de você conseguir forçar a barra para poder oficializar a área de Arte foi muito bom. Agora, em termos de uma ... o que aconteceu? O projeto chegou, os pedidos chegaram, mas de uma demanda terrivelmente de péssima qualidade. Porque? Veio o pedido, mas eram artistas que nunca tinham visto uma universidade, que não sabiam o que era uma área acadêmica, não sabiam o que era uma pesquisa, não sabiam de nada e mandaram pedidos. Então esse foi um problema muito difícil e daí que eu comecei..., quer dizer eu já estava preocupado com isso. Comecei a pesquisar e estudar um pouco a pesquisa em arte, o que é a pesquisa em artes.

Uma coisa era claro desde o começo: precisa ter critérios. Não existem áreas que não tenha critérios. Senão não é uma coisa séria. Aliás, até para ser respeitada. E a grande coisa do dinheiro hoje, por exemplo, que está tangenciando de certa forma esse problema é o problema do currículo e das artes. Quer dizer, tem que ter coisa, mas tem que ter também alguma diferença. Naquele momento, talvez a estratégia fosse mais aproximar cada vez mais a questão de arte de uma pesquisa convencional.

Hoje, eu já teria outras propostas. Seria, por exemplo, essa questão da pesquisa em arte. Ela tem que existir. Mas uma das coisas fundamentais também é: que tipo de pesquisa? Porque no fundo com esse esquema que existe hoje - eu acho que esse esquema é muito importante - existe o que? O artista pesquisador, ele tem uma jornada dupla de trabalho. Ele tem que ser artista e fazer pesquisa séria, acadêmica. Estou falando, com critérios, com tudo aquilo que a gente desejaria para uma pesquisa séria.

Além disso, o que sobraria? Ele teria que ser um teórico. Porquê? Porque ele tem que escrever. Ele tem que publicar. Então eu acho que isto é uma questão de uma jornada dupla. Eu vou te falar uma coisa que, talvez, por onde fosse, pudesse ser a saída para alguma coisa disso. O biólogo, por exemplo, ele trabalha na bancada dele o ano inteiro. Trabalha e trabalha muito seriamente numa área que é altamente considerada, altamente científica. Ninguém põe em questão nada do trabalho de um biólogo numa bancada, num laboratório.

O que ele faz? Ele pega, tem material, está trabalhando, trabalhando... Ta, tem muitas coisas do ... Bom, agora vou publicar. O que ele faz? Ele pega alguma coisa que ele levou seis meses, ele tem umas coisas, quase como um formulário, aí ele resolve, faz três páginas, resolve tudo e faz a pesquisa dele e dá todos os recados com todos os resultados e as conclusões que ele tirou daquela coisa. Quer dizer, coisas que o artista não faz. O artista tem que fazer uma obra, ele tem que apresentar aquela obra, ele é julgado como artista por uma crítica sobre a qualidade de sua obra, sobre a pertinência de sua obra e, além de tudo isso, ele tem que fazer um escrito teórico e um escrito teórico que tem que ter uma certa profundidade.

Eu acho isso uma grande injustiça. Isso você pode até levantar porque eu acho isso uma coisa extremamente importante. Eu já levantei isso uma vez no congresso da ANPAP. Você conhece a ANPAP?

***Conheço. Inclusive estou tentando entrar em contato com a Viga Godilho que é presidente agora.***

Ah!, eu conheço muito ela. A Viga Godilho, né? Eu acho que é interessante, que você deveria tentar o contato, o que você está fazendo é de extrema importância para a ANPAP que existe há mais de 20 anos. A ANPAP eu fundei ela.

Mas eu não acredito em pessoas. Acredito em instituições. Então eu fiz um trabalho bem grande que eu tinha naquele momento. A área de arte não existia, era uma coisa frágil. É frágil até hoje.

***É uma coisa nova ainda, né?***

É nova, muito judiada, muito mal compreendida, muito... Os pesquisadores em arte hoje eles já tem mais consciência, mas naquela época eles não tinham a menor consciência do que seria uma classe... Então quando eu propus a fundação da ANPAD, eles acharam uma coisa assombrosa. Eu disse: olha, não tem de assombrosa, Era aquilo que todas as associações já tinham feito. O único mérito meu foi de conhecer as outras e fazer para a arte o que não tinha sido feito ainda. Eles ficaram assustados, mas no final deu certo, né?

Agora, essa questão da dupla jornada eu acho uma coisa muito importante. E no Currículo Lattes também: o que é exatamente? Como se mede, como é que se pesa aquilo? O que é um trabalho científico? O que é uma exposição? Como que você faz um julgamento de um trabalho científico numa instituição? Está sempre por trás disso o que é pesquisa em arte.

***O senhor tem o currículo, possui cadastro e faz atualização do Lattes? O senhor acha que é fácil?***

Tenho. Olha, só entre nós, o que estou falando é em off.  
(o entrevistado solicitou OFF nesta resposta)

***Professor, a sua instituição, por exemplo, a UnB, exige o preenchimento deste currículo?***

Ah!, sim. É tudo, para tudo precisa do Currículo Lattes.

***Então ele acaba se tornando um referencial, né?***

É. Ele é um referencial. Ele contempla até a questão das artes, mas eu acho que poderia melhorar mais. Por exemplo, de atividade artística você tem tudo meio confuso no Currículo Lattes, de repente na hora que eu imprimir, tentando preencher da melhor maneira possível, eu fiz isso na semana

passada, por acaso, aparece de tudo. Aparece, por exemplo, exposição virtual que eu faço no meu site junto com grandes exposições que eu faço, coletiva e internacional, entende?

Então é muito pouco. Eu acho que precisaria realmente uma questão melhor dividida. E isso está implícito o que...como é que funciona isso? Uma exposição... E é difícil, concordo que é difícil. Estou criticando, mas você faz uma exposição...Tem, já vi várias classificações, internacional, nacional e regional. É difícil. Eu faço aqui exposição que tem um nome internacional e que é uma exposição pequenininha, sem graça nenhuma. De repente você faz uma boa exposição na sua cidade, que é uma grande exposição e ela conta como uma exposição regional. Como medir...É difícil. Como medir, por exemplo, uma exposição? Tudo bem. Tem algumas coisas que a pessoa vai para a Bienal de São Paulo, a bienal de Veneza, é fácil você distinguir. Mas o resto fica difícil.

***O senhor acha que esses campos que contemplam deveriam ser reformulados? O que falta aí na área de artes?***

Com certeza. Eu acho que deveria ser mais elaborado, por exemplo. Olha, é difícil. A coisa é complexa. Porque é complexa? Porque você tem uma coisa pelo menos aquilo do que é acadêmico e do que não é acadêmico. É muito difícil. Por exemplo, uma exposição: eu como professor universitário eu posso fazer uma grande exposição de Arte. Como artista e pesquisador, apresentando um produto do meu trabalho de pesquisa. O porteiro de Goiás é um artista. Foi ele que pintou esse e aquele quadro. Ele é um artista primitivo, bom artista. Acho que mal ele sabe ler. Quer dizer então, se você põe uma exposição do porteiro academicamente válido igual a um outro, um artista puramente intuitivo, eu não estou falando que ele seja pior. É uma questão de critério. No meu livro, aquela divisão que eu faço. Também é difícil de você fazer, pois ela [essa divisão]tem dificuldades.

Agora, até do mesmo artista pesquisador, ele faz uma exposição, aquilo é resultado realmente de uma pesquisa ou aquilo não é? Então eu acho que é uma coisa extremamente complexa. Eu acho de qualquer forma que se deveria ser melhor elaborado essa questão do peso dos currículos em termos de Artes. Publicação? Uma publicação acadêmica é igual a uma publicação de Artes. Até que ponto ele tem que ter equivalência? Porque deveria. Deve.

A gente volta, no fundo, na mesma questão que eu levantei, que eu me deparei há 20 anos atrás. Quais são os critérios? É uma coisa difícil. Por exemplo, a mesma publicação da *Qualis*, da Capes, aquela coisa de publicações é o grau. Eu não tenho publicado mais. Eu assumo. Mas eu estou podendo fazer isso porque eu já sou um aposentado... Não tenho publicado muito. Nos últimos cinco anos fiz praticamente quatro livros, mas tudo de artes que dá o mesmo trabalho ou mais que o livro teórico. Agora, é a mesma coisa? É e não é. É dúvida. É difícil. Você pegou num ponto que eu acho extremamente interessante para tese. Agora, isso precisa ser discutido. É muito difícil você afirmar. E o que acontece? Para critérios de medidas científicas quanto mais cartesiano e mais difícil, melhor. Comparar um currículo de um com outro pesquisador.

***O senhor acredita então que este currículo que existe hoje, ele pode avaliar a produção dos pesquisadores em artes com eficiência?***

Eu acho que ele é falho. E, com certeza o que eu posso afirmar com toda a segurança é que ele pode qualificar muito mais dentro das ciências exatas, biológicas da vida, do que das ciências, principalmente, das artes. Com certeza ele não é ...eu acho que teve até uma pré-discussão, o que é muito bom, porque até no Currículo Lattes você tem espaço para colocar obras, artistas, tal e tal, e é uma evolução. Mas é pouco, porque ele é feito para ciências exatas.

Aliás, o que está por trás disso não é ele. É tudo, é jeito das ciências exatas. Todo o esquema não é ... O Currículo Lattes é apenas um reflexo do que está aparecendo. O CNPq, a Capes, ele é feito das ciências exatas. É mais fácil você adaptar para ciências sociais, para as humanas vai ficando mais difícil, filosofia, problemas antigos, filosofia, publicar artigos científicos de filosofia, filosofia vem da minha área de produção do CNPq. Eu não ouço falar nada. Eles desconversam. Para eles era importante o encontro. Para eles é fundamental encontros entre filósofos. Quer dizer, é isso que eles queriam aqui. Não era um congresso internacional. Era isso que eles pediam.

Então esses órgãos são voltados para as ciências exatas. E quanto mais exata, mais fácil de você medir. Tem uma escala – no livro, acho que eu nem coloquei isso – tem uma escala, por exemplo, você começa nas ciências exatas. Então você tem física, engenharia, química, são experimentos fáceis. Você pega uma bola de algum metal, de alguma liga metálica, eu faço a mesma experiência dela que eu faço aqui, que eu faço no Japão e em qualquer lugar. Você vai, por exemplo, para as ciências da vida já é

muito diferente. Em agricultura: se eu testo milho, por exemplo, aqui isso não vale para São Paulo, não vale nem para Goiás. Porque tem a questão genética, tem a questão do clima, a questão do solo. Para a bioestatística, eles tentam minimizar isso e deixar do jeitinho mais próximo que as exatas gostam. Ciências Sociais: já complica muito mais. Você pode fazer...em química eu faço uma pesquisa e vejo o que acontece. Em economia eu não posso pegar “ah!, vamos deixar a inflação a Zero” para ver o que acontece, para ver se o pobre morre de fome ou não. Não posso. Mas tem método, tem a cronometria que se inventou para conseguir de uma forma estatística...Você põe em número. O grande negócio é você pôr em números. À medida que você põe número numa coisa, você prova até o que é errado. Como a própria economia faz. A economia, ela não é séria. Ela parte dos princípios utópicos que o mercado refez e não sei o que e depois desenvolveu uma linha, uma coisa sofisticada, altamente sofisticada do ponto de vista matemático estatística como qualquer economia... Mas ele apresenta resultados, números exatos, tal e tal e tudo bem. À medida que você vai caminhando como para as ciências humanas, sociologia, você tem também essa simetria, tem muita coisa estatística que resolve os problemas do mesmo jeito que a bioestatística resolve as ciências da vida.

A Arte não tem estatística. A filosofia mesmo não tem. É uma coisa muito mais difícil. Você não mede. O que eu vou medir em Arte? Vou medir o que? Grau de satisfação de cenógrafo? Não dá! É muito subjetivo. E é para ser assim. O importante é nunca esquecer que a Arte faz parte do conhecimento humano. Quer dizer, é por isso que ela é também contemplada, normalmente levando sempre muita desvantagem. E essas coisas sempre levam desvantagem por causa dos critérios.

Quer dizer, o Currículo Lattes é uma ponta. Mas se você pensar em tudo que ocorre, é sempre desvantagem. Eu sei porque eu já fui em eventos e escutei de tudo: que a Arte não, e volta e meia nem vê o nome da universidade. Na UNB, minha universidade, na distribuição de bolsa de iniciação científica que eu estive, um teve a cara de pau de falar “vocês querem bolsa de iniciação científica para quê? Vocês não fazem pesquisas”. Entende? Para que vocês querem bolsa de iniciação científica? Valendo de um conceito. Sempre preconceito. E existe este preconceito por causa dos critérios. A Arte não é uma coisa numérica. É subjetiva.

Para você usar o Currículo Lattes em Arte você precisaria também ter... sei lá... eu acho que é critérios ainda. Quais? Não sei. Não é conveniente de continuar como está que é os tais critérios do fundo da pergunta das ciências exatas. E quanto mais exatas melhor. Eu acho que é isso que está por trás de todo o processo.

***Nesse sentido, professor, o senhor até comentou um pouquinho agora, pegando esse gancho da iniciação científica dos meninos, o senhor já se sentiu preterido em função desses critérios estabelecidos pelo Lattes? Que até o senhor mesmo acabou de dizer que são voltados para a área de exatas.***

Sim. Eu acho que todo artista, não digo preterido, mas prejudicado. Me sinto prejudicado sim. É claro que se eu tivesse só *paper* publicado eu não teria que explicar nada para ninguém. E *paper* está previsto em internacionais e nas nossas áreas você tem as revistas *Top*, são *Qualis* e, por exemplo, das áreas; biologia, por exemplo. Tem muitas áreas em que ela cientista brasileiro nenhum consegue, estando no próprio Brasil, não consegue publicar.

Sem falar na americana *Times*, *Nature*. É muito difícil. Você estando no Brasil é praticamente impossível na *Times*, na *Nature* você conseguir alguma publicação. Você começa a apanhar daquelas de terceiro, quarto nível para baixo nos EUA, os que são considerados ainda grandes cientistas. Existe um critério. Eles conseguiram fazer. A área de Ciências Humanas tem. Você fala de uma *Nature*, todo mundo sabe o que é *Nature*. Sabe que é importante ter uma publicação na *Nature*, na *Times*. É muito importante. Talvez o que precisasse no Brasil, na área das artes, não no Brasil, em qualquer lugar, fosse você criar alguma coisa com a mesma lucidez que eles entendem os seus meios de comunicação, talvez os meios de exposição. Certo? Talvez fosse alguma coisa nesse sentido. Talvez fosse por aí

Você fala com um biólogo, qualquer um, “publiquei em tal”, ele tem na cabeça o mapa da coisa. Publique onde? Na *Science*, na *Nature*. Mas na *Nature Geral* ou *Nature Biológica* que tem... A *Nature* dividiu em áreas. Também são muito importantes. Você chega num Comitê Sensor, do CNPq, de qualquer coisa, o biólogo, o cientista, ele sabe qual é a coisa. Está na cabeça. Talvez isso não tenha escrito em lugar nenhum, nem em currículo lattes, nem nada. Mas eles criaram uma cultura onde eles tem a perfeita definição da importância daquele órgão. Nós não temos isso na arte.

Você chega e fala “olha eu fiz uma exposição em Vertice. Que galeria? Ah!, ninguém conhece. Entende? Talvez alguma coisa que não fosse exatamente igual, é impossível, mas que você tivesse alguma coisa nesse sentido. Alguma coisa em pintura. A *Qualis* até é isso, é publicação científica. E eu acho que acima de tudo na área do fazer artístico, que a coisa de pesquisa em arte também é forma, é muito

diferente, né. Fazer pesquisa em História da Arte é muito fácil. Contempla muito mais fácil. É muito mais fácil eu colocar de uma forma adequada no meu currículo lattes se eu for Arte- Educador, se eu for historiador da arte.

Embora tenha ainda algumas coisas, é muito mais fácil. Artista, o que eu fiz? Eu fiz isso. Qual foi o meu produto? O meu produto foi uma exposição. É geração de obra de arte. É produção de uma pesquisa? É produção de uma pesquisa. Então quais são os critérios? Poderia não ter também. É difícil. Não é uma coisa assim... Mas eu acho que talvez o que deveria ser feito seria primeiro talvez se criar uma cultura no próprio meio. Uma cultura no próprio meio. Da mesma forma que você sabe, por exemplo, dos cursos de pós-graduação, autorizados pela Capes, mas aquele é bom, aquele é médio? Você teria que ter também uma escala de valores sobre a questão dos locais, talvez parecidas com essas publicações de revistas.... com essa cultura que as várias comunidades têm dos seus veículos de comunicação. Artes, ela tem, eu acho... mesmo a área de Arte não contempla o artista. Ela pode até contemplar outros tipos de pesquisadores em Artes. Se você fizer restauro em artes, fizer materiais em artes, ela pode fazer muito bem a coisa, porque muitas vezes não está fazendo arte, está fazendo química. Agora, o grande problema é exatamente a coisa no artístico, no fazer artístico. Este é o grande nó. Esse é o pior. É o pior de todos. Isso daí também é claro, é uma questão ideológica. O mundo assumiu a feição cartesiana. Tudo que é numérico é considerado. Os cientistas, principalmente das exatas para aquele lado porque lá eles são respeitados como verdades absolutas. Porquê? Porque eles conseguiram. Se apropriaram daquele discurso e ser quase uma coisa que as verdades e as ciências é uma coisa só. Na realidade não é. A ciência tem pontos de vista, tem formas diferentes, mas é que nem propaganda, tudo que é feito é testado e aprovado, por isso. Acabou. Você chega até no IPT, um jaleco do IPT, perfume, sabão, máquina não sei o que, pesquisador do IPT. Porquê? Porque convence o marqueteiro que não é bobo, que sabe que te jogando a figura do cientista de uma instituição de peso como o IPT, mesmo que ele não saiba o que é o IPT, sabe que é científico já sobre, aquilo é verdade. Porque é calçado no discurso científico. E Arte tem uma outra cultura. Por ser coisa mais subjetiva é uma coisa sempre mais ligada à intuição, misticismo, religião, que é tudo o que não é bem visto pela população. Muito embora a totalidade dela quase seja mística. Mas acreditar mesmo, ele vai pela ciência, vai pelo número.

***Então, professor, nesse sentido mesmo, uma coisa interessante, porque o professor está na academia e ele tem, embora na área de artes, como o senhor falou, ele tem outros caminhos. Ele é obrigado a seguir aquele outro caminho ali. Seguir aqueles critérios que são dados pela ciência e tal. Aí eu pergunto, com essa vinda do Currículo Lattes que normatizou tudo, o senhor acredita que esses critérios têm influenciado na produção artística? Ou seja, as pessoas começam a pensar em entrar nesse esquema ou se acontece um movimento ao contrário?***

Não. Eu acho que tem. Eu acho gravíssimo. É muito boa essa sua pergunta. Porque é gravíssimo? Porque estou vendo que existe uma tendência para muitos artistas para se tornarem teóricos, deixarem de produzir a obra para produzir teoria. Existe um incentivo constante ao artista - não estou dizendo historiadores das áreas teóricas - existe um incentivo muito grande dela querer publicar teorias, textos. Tem. Porque? Porque isso conta e é relevado. À medida que ele se torna mais teórico é aí que se prejudica a criação. Você prejudica a área de criação para privilegiar uma área teórica.

Com isso eu não quero dizer que o artista não tenha que ter a noção teórica, não tenha que ser preparado teoricamente. Tem sim, mas ele não precisa escrever tão bonito, falando um português bem, tão bonito e sofisticado como um filósofo, como um cientista social, um literato. Porque? Ele acaba se expondo. Ele acaba sendo controlado. À medida que ele apaga as ciências dele, começa a se preocupar mais com a produção teórica do que a produção artística. Porque? Porque é muito mais fácil você escrever teoria do que escrever Arte. Muito mais fácil. É uma coisa associada. Eu fazer, eu sou um artista, fazer uma versão teórica minha. Eu desenvolvo dentro da minha área. É muito mais fácil eu mostrar as minhas reproduções teóricas, por que? Porque eu tenho as bibliografias, citações, eu tenho todo um aparato acadêmico, eu posso citar, que é fundamental para qualquer acadêmico, enquanto na obra de arte você fica naquilo.. Então existe claramente uma distorção e um incentivo na área acadêmica para você ser mais teórico e menos artista.

É uma coisa que eu acho importante. Você deveria levantar. Você poderia desenvolver isso, acredito que não exista nenhum estudo, mas existe o incentivo em termos de área na área acadêmica. E nas outras áreas, mesmo em termos de artes, você tem um mercado que é uma coisa, você tem a área acadêmica nas artes, como você tem em qualquer outro lugar. Você tem as empresas privadas que também é uma coisa mais imediato, menos científico, mais imediato, mas tem a questão de patentes,

tem tudo, é indústria, tem muita coisa que é indústria de tudo o que você precisa. Tem patente, área técnica, engenharia, você tem uma parte comercial. O que está aí no mundo inteiro não é considerado o centro da ciência.

Optar por ganhar dinheiro e não fazer uma ciência no primeiro mundo. Isso é no mundo inteiro e não é no Brasil. Nos EUA chega numa certa hora ele faz doutorado, faz doutorado e tal, ou ele vai para a carreira acadêmica encarar a questão ou ele vai para a indústria, para empresas. Não é a mesma coisa de arte em si, porque nas empresas você ganha dinheiro no mercado é um risco. Aliás, a diferença é essa. No mercado é muito difícil o mercado. Em termos de grandiosidade eu até arriscaria - assumindo altos riscos - fazer um paralelo de uma analogia semelhante.

O mercado também não é melhor lugar para conseguir dinheiro com obra de Arte. O mercado te leva a ser um devorador de ambientes, de interiores e a pessoa começa a ser cooptada e pressionada para fazer o que é verdade. E aí você perde a pesquisa. É mais fácil você fazer um quadro e vender, o Porteiro tem uns 500 deles. Desse daí da parede mesmo eu já vi um catálogo.... 10 é a mesma coisa. Mesma coisa. Só que ao invés do anjinho ser abóbora é mais vermelho. Embute alguma coisa, tira um olho pintado, tira e põe... É a mesma estrutura do quadro. Eu já vi desse, exatamente desse meu quadro, só para exemplificar. Mas porque? Ele faz para ganhar dinheiro.

Quer dizer, qual é a pesquisa? Ele já fez pesquisa alguma uma vez na vida para saber o que ele estava fazendo. Mas hoje ele pega ... aí você tem tudo. O próprio Volp estava fazendo ao final da tese do quadro que ele tinha feito, ele tirava fotografia. Até o Volpi fez isso. O mercado é cruel.

***O Currículo Lattes veio para revelar as pesquisas, os pesquisadores, está tudo lá e todo mundo pode ver. O senhor acredita e considera que esse instrumento funciona como um dispositivo, que ele funciona como um instrumento de disciplina e vigilância entre os pesquisadores?***

Eu acho que sim. Acredito. Porque quando você quer, por exemplo, tem um concurso, você vai se inscrever num concurso, aparecem os nomes publicados dos 16 concorrentes seus, você vai lá ver o que os caras fizeram na vida. Está lá, está vendo. Isso não deixa de ser uma vigilância. Aparece, sei lá, para concurso, para tudo. Você quer saber "será que o fulano é bom? Publica muito? Não publica?" Eu acho que sim. O pessoal do CNPq admite isto ou não?

***Falam que fica à disposição por causa da competitividade. Quer dizer, as instituições também utilizam esse instrumento para vigiar os pesquisadores para ver se publicam ou não publicam. Se está produzindo ou não.***

Eu acho que é uma vigilância que pode até usar... Ela está disponível e o problema é o seguinte: é uma coisa disponível. O uso que se vai fazer daquilo é quem tem interesse. Algum interesse ele tem. Pode ser o interesse de um concorrente ou até de um inimigo. Pode ter de tudo. Pode ser de simples curiosidade, mas que está ali aberto. Como é que não? A vida da pessoa que está ali, tudo o que ele faz, tudo o que ele produziu. E é claro que pode ser uma coisa de bisbilhotar. É, se você põe qualquer coisa e o povo tem muito interesse. Tanto é que o BBB está aí, já está na 9ª ou 10ª edição e está fazendo sucesso. E isso porque? Porque quer ver. Isso sem interesse. É normalmente por instinto. Sempre que tiver interesse, que eu quero saber da vida de alguém ou se vou fazer um concurso que ele vai fazer também ou que eu me inscrevi em alguma coisa que ele é concorrente, o pessoal vai acabar vendo.

Não tem dúvida. À medida que você deixa explícito porque é público, ninguém é. As escrituras são públicas. Eu só vou num cartório desenterrar uma escritura se eu tiver algum interesse muito grande. E nesse caso, eu acho que o currículo lattes é tudo que é de bom e de mal. Eu posso até querer saber se fulano é bom porque eu quero contratar ele. Eu quero convidar ele para fazer alguma coisa. Até para o bem, também. Na grande maioria das vezes são concorrentes. A área acadêmica é um mundo de concorrentes. De gente vaidosa e concorrentes.

Se não tivesse tanta vaidade acho que ia fazer outra coisa, ia aparecer menos, menos *paper*, menos publicações e não sei o quê e possivelmente ganhar mais dinheiro. Mas o professor universitário, de um modo geral, ele opta, claro, ele gosta, tem todo um ideal. Não estou tirando o ideal disso, mas um componente é a vaidade.

***Eu fiz uma pesquisa de dados no site, dei uma levantada no CNPq e verifiquei que apenas cerca de 3% a 4% do total das bolsas oferecidas vão para a área de artes. O senhor até já falou um pouquinho sobre isso, mas só para amarrar essa questão, porque na sua opinião esse índice é tão baixo em relação às outras áreas do conhecimento?***

Por vários motivos: primeiro, o fundamental é que o CNPq, os julgamentos, a estrutura de como é os sensores, a estrutura toda é voltada para as ciências, principalmente as exatas. À medida que se afasta daquilo existe prejuízo. Segundo, que é uma área que sofre preconceito. Terceiro porque é uma área que talvez não tão estrutura quanto outras áreas das ciências mais novas. Ela é mais nova. Ela é uma área, talvez, das últimas a ser reconhecida. Ela é uma área que foi, não só as artes como todas as ciências humanas, que foi castigada por vários anos de ditadura. Entende?

Também tem isso. As outras áreas começaram primeiro. Elas têm um poder de articulação política...A primeira coisa para mim é o discurso científico. Tudo foram eles que começaram, principalmente os de física. Eles começaram moldando uma coisa do modo deles. O resto veio atrás. Claro que eu estabeleço os critérios para eu concorrer. Eu vou estabelecer aqueles critérios que me são favoráveis. Essa é a realidade. E o mundo científico começou principalmente, o próprio CNPq ele começou, senão me engano, mais com os físicos, na década de 50, 51. E acabaram dando a feição. O próprio Comitê Conselho Deliberativo do CNPq, que seria o órgão máximo, não sei como é que está, mas ele evidentemente acabou tendo uma predominância muito grande dentro da área de exatas onde estão as pessoas, talvez das mais bem preparadas. Os critérios foram feitos por eles. Começou com eles, foram feitos por eles e persistem até hoje. Muito embora eles deram uma velha aberturinha que até no Currículo Lattes não podia, produção cultural, produção científica. Não é o ideal. Está muito longe de ser.

É uma questão diferente. E o preconceito da área? Com certeza. As artes sempre teve muito preconceito. Ela não é tida pela comunidade como uma área séria. Eu digo no geral. Claro, tem cientistas brilhantes e ilustres que consideram, mas no grosso ela não é tida como uma área séria. A própria universidade, arte é muito importante quando vem uma autoridade e tem um coral ou uma orquestra da escola de música fazendo uma apresentação. Aí é ótimo. Mas, quer dizer, é uma coisa que não entra na "coisa". É uma questão de conceito. Não é da estrutura. A hora que a universidade quer se impor ele vai lançar aquelas pesquisas mais *hard* possível. Existe primeiro os critérios. Segundo, a própria experiência, a história da coisa. Enquanto o físico, o matemático, todos, já estavam estruturadíssimos, a Arte, por exemplo, estava querendo nascer. Articulação política; eles são muito mais competentes. Para fazer uma articulação política precisa de pesquisadores em artes, de músicos. E o pessoal de teatro, por mais politizado que seja, não conseguiu fazer uma política ligada a essa questão científica com a mesma eficiência que a ciências exatas fez. E é um preconceito, claro, com relação às artes, é em qualquer lugar. Não só no CNPq, mas como na própria universidade. Isso você pode falar à vontade que eu assino embaixo.

***Professor, o senhor gostaria de acrescentar alguma coisa?***

Não. Acho que é isso mesmo. Gostaria que quando você fizesse sua tese me mandasse uma cópia.

**Entrevista 7**

**\*MADALENA/ IES: UnB**

Área de Atuação: ARTE & TECNOLOGIA

Data: 07/04/2009

Local: Sala de Reuniões - UnB - Brasília

Duração: 20"

***Professora, a senhora conhece, possui cadastro no Currículo Lattes do CNPq, desde quando?***

Sim, desde que foi criado. Só não me lembro quando foi a data. Inclusive a minha primeira inscrição no Lattes foi assim: 14 bolsistas porque eu já tinha tido 14 bolsistas e puxar os dados ia ser difícil, então ficou assim: 14 bolsistas. Desde o primeiro ano. Eu não me lembro quando foi.

***A senhora acha fácil o acesso ao currículo, tem facilidade no preenchimento?***

Eu acho porque eu tenho muita experiência. Eu tenho uma metodologia que eu costumo ensinar aos outros professores, porque como eu sou coordenadora da área de Artes na CAPES e os professores de Artes reclamam muito de não conseguir fazer, eu tenho uma metodologia que eu ensino. Cada atividade que eu faço, que eu recebo o certificado, que eu abro uma exposição coloco imediatamente em cima do teclado.



Ou seja, acabou a atividade eu coloco ela no Currículo Lattes. Então por não ter acumulo é muito fácil. Para mim é muito fácil e eu não tenho problema.

***Então a senhora atualiza o currículo com uma certa periodicidade imediata né?***

Sempre que acontece qualquer evento.

***E a sua instituição de ensino exige a sua atualização periódica?***

Sim, porque eu trabalho na Pós Graduação e é obrigado pelo coleta CAPES. Porque a CAPES faz uma coleta de dados anualmente, então o professor é obrigado pelo menos anualmente a atualizar. Acho que os professores que trabalham em Pós-Graduação em todo o Brasil devem atualizar o currículo no mínimo 1 vez por ano.

***A senhora considera que a estrutura atual do formulário, dos campos que estão disponíveis atendem à área de Arte com eficiência?***

Muitas vezes não porque inclusive eu sou da área de performance e tecnologia, ou seja, eu trabalho com o corpo que é quase no limite da dança e com tecnologia que é quase no limite da informática. Então o campo fica difícil. Antigamente nos setores não existia nenhum lugar para nós das Artes. A gente tinha que colocar sempre em Outros. Depois foi criado um outro item ligado ao Educação Superior que como eu tenho sempre muitos bolsistas em iniciação científica eu estou sempre ligada a Educação Superior e hoje existe lá um lugar que se chama Esportivos e Culturais, pelo menos essa palavra já entrou. Você vai me perguntar da CAPES depois ou eu falo agora?

***Pode falar agora...***

Na CAPES nós fizemos nesse ano, principalmente a professora Marta Tupinambá Ulhôa, um esforço muito grande que estava sendo feito já há muitos anos de fato, mas a profa. Marta fez um trabalho mais objetivo, e criou no Coleta CAPES - que é para onde esse Currículo Lattes é exportado para o Coleta - diversos itens novos do tipo dramatização, ator, cenógrafo, iluminador e nas artes visuais, performance e curadoria que era um item bem problemático ... então o Coleta foi adaptado. Há hoje então por parte da CAPES um pedido para o CNPq emparelhar com a CAPES porque a gente exporta mas esses campos ficam vazios no Coleta. Há um pedido que o CNPq já reconheceu de considerar essa outra formatação. Eu não sei de cor para te falar, mas se você abrir um coleta você vai ver toda a produção artística, aí você coloca lá Artes Cênicas e você vai ver vários campos lá ... aí você coloca Recursos Visuais que é uma outra categoria; música e aparece lá composição, performance, instrumentista, enfim vários. Não vou te dizer que ficou perfeito porque não ficou. Poderia ser mais amplo, mas também muito amplo dilui um pouco. Você tem que ter uma capacidade de síntese e ao mesmo tempo atender a todo mundo. E isso não é muito fácil.

***E essa nova formulação da CAPES, a senhora acredita que se for transposta vai melhorar o preenchimento?***

Vai melhorar demais. Vai atender muito mais ....

***Porque eu até ia perguntar, não sei se vale a pena... mas enfim, na configuração do currículo hoje, aquilo que na sua produção é considerada de maior relevância é possível. Cadastrar de uma forma que seja visível ou não. Como é que a senhora faz?***

Eu não sei se você ficou sabendo, mas a área de Arte, com a Marta, porque ela é a coordenadora da área de Arte na CAPES e eu sou a adjunta. Com a Marta a gente fez um trabalho em conjunto nas reuniões com os coordenadores de pós-graduação através de emails e nas próprias avaliações dos programas, a gente fez um trabalho de avisar os professores que já que o Currículo Lattes não atendia as necessidades, aos itens que qualificaria a produção, que colocássemos no título da produção todos os itens qualificantes. Então, por exemplo, se eu fiz uma exposição de Artes Visuais e essa exposição é inédita, então eu coloco assim: "exposição de artes visuais inédita" porque nunca tinha havido, mas por exemplo, ela também foi para o Rio de Janeiro, então ela é "inédita e itinerante", então ela é: "inédita, itinerante - porque parece uma contradição mas não é porque ela esteve em dois lugares - , catálogo, eu coloco ainda (32 páginas) para você ter noção do volume, envolvimento do curador, ou seja, projeto de curadoria, processo seletivo". Então, a gente indicava para a área de Arte incluir no título porque tem a opção de 400 caracteres que dá

para incluir muita coisa. Muitos professores da área atenderam á nossa recomendação, outros não, alguns mais lentamente, mas esse foi um trabalho que a gente fez há uns 3 anos ....

***De uma forma que pudesse então contemplar mesmo as produções que os Artistas tem....***

É criar visibilidade porque quando você imprime o currículo lattes, muitos itens que você teve o trabalho de completar não aparece. E se você coloca no titulo, aí aparece tudo.

***De um modo geral existe a questão em torno sobre o que é pesquisa em Arte e da Arte na Academia como ciência. A senhora poderia descrever em linhas gerais o que é considerada uma produção em Arte na academia? (científica?) Ou a área não tem esse caráter científico?***

Eu acho que a colocação é errada porque se você parte do princípio que a Arte envolve, falando como Deleuze *perceptus* e *affectus* para não falar de sentimento, ou seja, de sentimentos ou emoções que eu não prefiro. *Perceptus* e *affectus* são plenos de conhecimento. É um conhecimento que gera o *perceptus*, que faz você perceber alguma coisa e essa percepção vai mexer com o seu conhecimento. Então eu diria que essa sua pergunta não cabe porque não teria essa divisão entre o que seria científico e o que seria artístico. O artístico seria necessariamente conhecimento. Então, em sendo conhecimento ele é uma produção científica.

Você pode repetir a pergunta?

***Posso. É porque, na verdade a questão é que muitas vezes a Arte não é considerada uma ciência, é por isso que eu queria levantar como a Arte se coloca sim como ciência...***

É, dentro que você esta fazendo uma análise do CNPq, você está fazendo um trabalho que tange à CAPES, então naturalmente você está fazendo um trabalho que diz respeito à produção de conhecimento, dentro da academia. O que é então uma produção de conhecimento? É um trabalho refletido. Por mais que ele seja um trabalho intuitivo, ele necessita de reflexão. Essa reflexão é a parte Didática dele na academia. Então a exigência da CAPES da produção bibliográfica eu considero correta no sentido de que um aluno – nem é aconselhável ao aluno ver o trabalho do professor e ficar tão influenciado inicialmente. O aluno vai fazer o que? Apenas ver, apenas ouvir, apenas assistir uma peça de teatro? Não, para criar um repertório no qual ele precisa se embasar ele vai necessitar de uma análise critica dessa produção artística. Então, ele fazer essa análise critica é a produção bibliográfica, naturalmente, a produção de conhecimento puramente científico se você quiser.

***A senhora acredita que o Currículo Lattes com sua configuração atual pode avaliar com eficiência a produção acadêmica dos pesquisadores em Arte?***

É, mas mesmo em ciência, por exemplo, só o tempo dirá, porque você vê muitos autores, da área de literatura e de ciências sociais, escreveram livros hoje, publicaram... que contariam pontos no Currículo Lattes, no entanto, esses livros não tiveram impacto no momento, mas foram reconhecidos 30 anos depois, 50 anos depois... como Duchamp por exemplo, 50 anos depois porque considera-se que ele estava a frente do seu tempo entende? De certa forma, nenhum campo do conhecimento no Currículo Lattes estará ok, porque eu posso ter um vice-versa. Posso ter um livro hoje que vai ter um “boom”, que vai vender para caramba na área de Arte & Tecnologia e que vai ter um impacto muito grande, mas que vai envelhecer muito rápido. Porque as tecnologias envelhecem muito rápido e daqui a um pouco esse livro não serve para nada. Então, de fato, eu acho que o Currículo Lattes não serve para avaliar nada de nada de nenhuma área de conhecimento, porque você tem o longo prazo, você tem o curto prazo, você tem uma modificação de paradigma, por exemplo, você tem Spinoza que foi expulso da academia, que teve que escrever com outros nomes e 300 anos depois ele foi ressuscitado e está na boca de todo mundo. Está na boca dos neurocientistas. Então, como você pode saber se aquela produção está .... aí não tem Currículo Lattes nenhum que vai dizer a repercussão que aquela produção terá.

***A senhora já se sentiu prejudicada ou preterida, enfim pelos critérios estabelecidos no Currículo Lattes? A Área de Arte ser de alguma forma ou não preterida, ou sempre foi tratada igual...***

Não, não é tratada homoganeamente, ainda hoje porque não tem quando eu vou colocar o setor da minha atividade não tem atividade cultural pura e eu, por certo, não trabalho em “Cultura”, porque cultura tem um

monte de coisas juntas, eu trabalho em Arte, inclusive eu sou do Conselho Nacional de Cultura, eu gostaria muito de ser do Conselho Nacional de Arte, porque a Cultura é muito ampla e dilui as questões específicas da Arte, entendeu?

***E o Currículo Lattes tem forma de deixá-lo visível, à disposição, para consulta de todo mundo, a senhora acredita que esse dispositivo tecnológico na Rede, serve como um dispositivo de controle e disciplina entre os pesquisadores e as instituições ou ele funciona somente como um banco de dados?***

Não, ele funciona como um instrumento de controle sim.

***Eu fiz uma pesquisa no site do CNPq para saber as estatísticas com relação a fomento nas áreas, e eu apurei que mais ou menos entre 3 e 4 % do total das bolsas é oferecida para a área de Arte. Porque, na sua opinião esse índice é baixo em relação a outras áreas do conhecimento?***

Quantas áreas são?

***Exatas, Humanas, Biológicas, Lingüística, Letras e Artes***

3% é só Artes?

Só Artes. 26% Exatas.....

Mas as Exatas correspondem a 3 tipos diferentes de Engenharia, as Ciências da Saúde tem 4 Biologias que são diferentes...

***E a área de Artes está contemplada com Letras e Lingüística....***

Esses 3% são então para Letras, Lingüística e Artes? Eu acho que realmente poderia ser mais, poderia ser mais reconhecido não só pelo CNPq, mas no mundo geral, no mundo do conhecimento, a Arte como área de conhecimento, que deveria haver essa valorização. Respondendo também como coordenadora da área de Arte - porque eu tenho visibilidade dos mecanismos internos - o que acontece muito nos pesquisadores em Arte é que, como eles sabem que não tem muitas bolsas, como eles sabem que não vão ganhar, eles não apresentam e como eles não apresentam, as pessoas que representam a Arte dentro desses órgãos (CAPES e CNPq), eles não tem argumentos para falar para as pessoas das ciências duras, para os chefes, para os organizadores, esses que vão dizer quantas bolsas vão para cada área, se a área de Arte não tem uma quantidade imensa de pedidos. Então, isso é uma atitude que eu tenho, que eu falo sempre, pois se eles vão dar somente uma bolsa para Arte, peçam 12! Pecam 12 que pode ser que no ano que vem eles nos dêem 2. É a mesma coisa aqui com os bolsistas de iniciação científica da UnB: "não tem bolsa. O professor de Arte só tem 2....", mas o pessoal da Química tem 3. Então eu também quero 3 bolsas. Aí eu peço 5. E já me aconteceu aqui na UnB, de toda a UnB, só eu ter 3 bolsas de iniciação científica. Nenhum professor de nenhuma outra área tinha 3 bolsas de iniciação científica. Então, tem que pedir. Eu acho que realmente tem poucas bolsas, que a área não é muito reconhecida no mundo, no CNPq, na CAPES, mas quanto à quantidade de bolsas, se os professores, se os pesquisadores, se os alunos, se os mestrandos, se os doutorandos, se a gente não se inscrever, não tem como. Tem muitos editais que você vê lá e não tem nenhuma inscrição na área de Arte. Diversos. Então, nas reuniões que a gente faz com as pós-graduações, com os coordenadores de pós-graduação, a gente salienta também esses aspectos, esses editais são complicadíssimos às vezes e, as pessoas acham que não vão ganhar e então não se inscrevem. Então você passaria por um não reconhecimento da área no mundo, porque o departamento de Ciências Sociais ou de Biologia é sempre melhor equipado dentro da própria UNB do que o departamento de Arte? Porque nós temos menos secretários? Os artistas tem que cavar o seu espaço, os filósofos estão cavando muito espaço para a Arte. Mas os artistas tem que se mexer também.

***Professora, o senhor gostaria de acrescentar algo mais?***

Eu acho que você pode até pegar o Lattes, mas já até te orientando. Você pode até pegar o Lattes como o exemplo de uma reflexão, mas eu acho que de fato é uma reflexão muito maior, sobre o estado da Arte e o estado da Arte no momento atual, quer dizer, o que acontece com a Arte. Em que medida ela consegue se impor no mundo. Mas eu digo no mundo como um todo. Usar o Lattes como exemplo, porque se você só centrar ali, você pode perder certas questões. Como essa valorização da Arte, por exemplo, que vem sendo feita pela Filosofia, como que existe sim uma valorização da Arte. Sabia que 70% do dinheiro que se ganha em Nova York vem pela Cultura? É só de espetáculo teatral, é hotel, é dinheiro que circula na cidade ... não sei se é 70% ou se é mais... pessoas que vão para ver um espetáculo de teatro, para ver uma exposição... é preciso que o mundo reconheça que a área de Arte é um gerador de dinheiro, de moeda corrente, gerador de contatos, de intersubjetividade.

**Entrevista 8**

**\*JOSÉ/ IES: USP**

Área de Atuação: ARTE & TECNOLOGIA

Data: 16/04/2009

Local: Gabinete de Trabalho - USP - São Paulo

Duração: 62"

***O senhor conhece e possui cadastro no Currículo Lattes do CNPq? Desde quando?***

Sim. Desde que foi implantado. A gente precisa ter isso para atuar na área acadêmica. Nem me lembro em que ano isso começou.

***O senhor acha fácil o acesso ao Currículo Lattes? Tem facilidade com o preenchimento?***

Eu peço para alguém fazer para mim. Depois dou uma checada. Não acho fácil não.

***O senhor atualiza o currículo com frequência? A sua instituição exige alguma periodicidade?***

A instituição exige. Mas eu atualizo também em função de estar com ele atualizado para o Data Capes, essas coisas, né.

***O senhor considera que os campos disponíveis lá no formulário são adequados para abrigar a produção em artes?***

Acho que não. Embora tenha melhorado.

***O que o senhor acha que falta nesta área de artes com relação ao currículo?***

O que eu acho aí é um problema muito mais vasto. Não é só de currículo. Eu acho que, primeiro, na universidade deve ter pensado para as ciências exatas, depois para as ciências humanas e as ciências de artes está em último lugar. Aí que eu acho que acontece o grande equívoco, porque as artes produzem conhecimentos pelo que elas são e que não exclui a possibilidade de produzir textos também. Tem a parte teórica de crítica, a história da arte, artísticas, também. Ela trabalha com teoria, às vezes.

Mas existe algo que não pode ser reduzido a palavras e números que é a obra em si. Vou falar das artes visuais que é meu campo. Eu acho que o pessoal da música, do teatro, vai ter opinião semelhante pelo menos numa parte. Eu acho que não tem como avaliar a questão do conhecimento se não tiver exposição da própria obra. E isso falta porque é um currículo pensado para a área de exatas que aí nem me sinto capacitado para dizer se é adequado ou não. Acredito que sim, porque as instituições são sérias.

Existe dentro da comunidade científica um grande desconhecimento em relação à arte. Eu sinto...inclusive fundamentado por todo o tempo que eu já trabalho na universidade. Eu não vejo nas

pessoas formadas na maioria das outras áreas uma noção clara do que seja arte. Vejo muito uma noção fundamentada no senso comum que é o que prejudica o ensino da arte como um passatempo, algo divertido que não exija maiores questionamentos intelectuais, que não seja tão árdua como qualquer linguagem.

A Capes é um exemplo, mas é um exemplo que eu diria predomina não só na nossa sociedade, mas em todas. A não ser em círculos mais especializados como o círculo artístico, o círculo artístico que não está isento de falhas também que são muitas ou círculos acadêmicos que lidam com essas questões que são amplamente minoritárias entre as universidades. Na USP são três os departamentos de arte: música, ciências cênicas e artes visuais. E só.

Não é mesmo de se esperar que o resto da comunidade acadêmica entenda o que nós fazemos. Nós também somos muito ignorantes em relação às outras áreas. Mas aí eu acho que deveria ter uma conversa muito mais ampla. Em parte está tendo aqui na USP, mas é uma coisa desconexa. Tinha que ser mais coordenada e levar a conseqüências mais concretas. Por exemplo, aqui existe a Comissão Especial de Regime de Trabalho que cuida e zela pela produção dos professores em regime integral. O atual presidente veio pela primeira vez procurar a ECA. Tivemos conversas amplas e abertas com ele e ele entendeu perfeitamente a nossa posição e pediu que nós fizéssemos os parâmetros para que os nossos trabalhos fossem avaliados por eles. Ele reconhece que eles não têm parâmetros do que eles teriam que avaliar numa obra de arte que é a própria obra de arte, embora eles possam incluir textos que circulam em volta, mas você não pode substituir o contato com a própria obra de arte.

Eu reconheço que é impossível também. O ideal seria ter contato com o original ou pelo menos com reproduções com alguma qualidade. É completamente ilusório achar que o currículo, projetos, financiamentos, etc., atestem a qualidade de um trabalho de arte. Tem que entrar em contato com ele mesmo. E o que acontece também...isto eu posso falar porque vi isto acontecer e continua acontecendo, por exemplo, um dos critérios usuais para avaliar a produtividade científica, publicações científicas indexadas, isto não existe na nossa área.

A publicação mais natural de um artista é a exposição. Não exclui a possibilidade de produzir texto, mas também é uma decisão do artista quando o trabalho precisa ser acompanhado de texto ou não. Isto são decisões de nível poético que talvez escapem às pessoas de fora da área. Em muitas vezes, um texto acompanhando um trabalho visual pode diminuir ao invés de enriquecer. Isso quem tem que se arriscar a tomar a decisão é o artista.

Tem muita gente, e isto eu acho catastrófico, que a situação não poderia deixar, eu creio, de ser complicada no início. Ou seja, o primeiro curso de artes visuais, esse mesmo que começou em 1971, e esse já passou muito tempo. Admito que houve avanço extremamente significativo, como, por exemplo, se aceitar obra de arte como dissertação de mestrado, como tese de doutorado, embora os próprios nomes não sejam bem aplicados em casos de produção de trabalhos de artes visuais e nunca vão ser uma dissertação. E um trabalho visual como tese de doutorado também não. Enfim, isto já está sendo aceito. É um avanço significativo. Têm projetos artísticos sendo financiados por agências de fomento.

Uma coisa que me incomoda muito e produz resultados muito ruins é que os modelos de encaminhamento dos projetos ainda não são adequados às artes também. Então, você pode obter um financiamento, por exemplo, sem apresentar imagem nenhuma do seu trabalho, mas elaborar uma bibliografia vasta, erudita, que não é tão difícil, fazer um projeto bem fundamentado e quando na verdade o artista deveria ser capaz de atestar é a capacidade de realizar aquilo. E realizar é muito diferente de fazer um projeto em relatório.

Do jeito que estão as coisas, volto a dizer, deve ser adequado a outras áreas. Mas, do jeito que estão as coisas você pode muito bem ... Tem gente que não tem produção efetiva em arte ou é muito fraca conseguindo se afirmar dentro das nossas instituições acadêmicas às custas de uma especialização de encaminhamento de projetos. Tem gente que não tem presença alguma no circuito artístico, que volto a dizer cheio de falhas também, mas se você tem curso de artes plásticas ou de música ou de artes que implica na formação de alunos para que possam realizar seus próprios trabalhos visuais, isto tem que ser orientados não apenas, mas também por artistas que tenham uma produção efetiva.

E uma coisa que tem que ficar clara é que essa produção em si, mesmo que não inclua algum texto, ela é um ato reflexivo e de conhecimento mesmo que não tenha tradução adequada em linguagem verbal ou matemática. Então, uma coisa que é muito ruim e nós também constatamos é que tem muita gente dentro das nossas melhores universidades que na verdade não tem produção artística consistente. E eu entendo isso como uma produção que acompanha toda a vida do artista não seja apenas transformada em mestrado, em doutorado, muitas vezes sem ter nada no meio, mas é a continuidade dessa produção que é uma reflexão contínua que se aprofunda.

Sem querer também me iludir que isto vai ser uma coisa linear e, muito menos garantida. Em arte não existe este tipo de garantia e ainda mais que é algo que precisa do outro para acontecer. Então reconheço que é tudo muito difícil de avaliar, mas não é transformando a natureza da arte em outra coisa que a gente vai conseguir algum avanço. É este tipo de coisa que precisa ser mais contemplado em toda a estrutura acadêmica. E está sendo, mas muito devagar. Pelo tempo que já passou, deveria haver uma compreensão muito maior, inclusive para ajudar muitos profissionais sérios que estão nas universidades a serem acompanhados por pessoas que também possam de fato contribuir para a formação dos artistas e para a produção acadêmica da universidade.

Existem entre os chamados pares, né, existem abismos enormes de nível artístico, embora muitas vezes, os títulos sejam os mesmos. Então, uma coisa que eu acho que teria de funcionar e deveria ser critério nas artes, eu acho que deveria ter mais peso, sem excluir a possibilidade do projeto como critério para ingresso na pós-graduação, por exemplo, para pedir financiamento. Eu acho que isto deveria ser acompanhado num percurso anterior que mesmo não reconhecendo que não tem uma garantia da qualidade do trabalho artístico, principalmente futuro. Se é que pode haver alguma segurança é pela qualidade das realizações anteriores e não por um projeto que apresentado pode ser muito bem elaborado, mas que muitas vezes, e é estranho que se permita, depois de ser realizado pode se dar conta dele através de um relatório que não mostre visualmente um trabalho artístico.

Fico abismado de ver aqui o artista – estou falando isto baseado em experiência de tudo que já fiz aqui dentro. Quando você vai, por exemplo, classificar os pedidos de bolsas de mestrado e doutorado, a gente tem três linhas de pesquisa: uma delas é poéticas visuais que tratam das realizações do trabalho artístico. Nas duas últimas vezes que eu participei disto, a linha de poéticas visuais, que sustenta a nossa conceituação, é a mais numerosa. Portanto, geralmente, tem mais pedido de bolsa nessa área.

Exemplo: em 10 pedidos de bolsas, seis eram de poéticas visuais. Só dois tinham imagens. Se você fosse ler a parte escrita, elas eram mais ou menos equivalentes. Na hora em que você vê as imagens, e mesmo assim achei poucas, mas aquelas poucas imagens davam uma boa margem de certeza para afirmar que um trabalho era muito bom e o outro era muito ruim. E apenas a leitura dos projetos não revelava nada. Na hora que você vê as imagens fica tudo muito claro. Isto é algo que deveria ser obrigatório, mas não é. E não é proibido e também não é pedido pela comissão de pós-graduação para incluir isto em projeto. Então, já que não se proíbe e também não se pede, as pessoas não fazem. Ora, isto deveria ser obrigatório. É impossível você tomar qualquer tipo de posição crítica em relação a um trabalho de artes visuais sem as imagens, mesmo que elas diminuam a potência do trabalho realizado ao vivo, ainda mais num momento que a gente vive onde há muitos trabalhos de instalações, sites específicos, são coisas que tem que ser percorridas com o corpo. Às vezes são coisas distribuídas em lugares diferentes de uma cidade. Isto não tem como ser registrado efetivamente como mesmo uma gravura, uma pintura, um desenho, ao serem reduzidas por meio de fotos mecânicas elas perdem uma grande parte das suas qualidades. Mas pelo menos você consegue ter uma idéia bem mais razoável do que se trata do que através de um texto.

E muito mais razoável se você tiver uma seqüência de imagens que mostre o percurso de um artista do que apenas um projeto mesmo bem encaminhado dentro dos parâmetros científicos tipo justificativa, objetivo, etc., que eu acho que não são adequados. Seria muito melhor ter algo mais aberto e deixar a cargo dos artistas a responsabilidade de apresentar seu trabalho, que ele poderia até expor melhores as eventuais falhas.

Eu acho que tem muita gente que não tem trabalho artístico não muito bem estruturado, mas cumpre-se fidelíssimamente todos os encaminhamentos e acaba se afirmando com isto. Ele se torna especialista em projetos, relatórios. Eu cansei de ver isto acontecer. Então é uma maneira que você perde todo o rigor crítico. Ora, aos olhos de um especialista de outra área que não tem conhecimento suficiente sobre este assunto pode parecer que está tudo muito bem. Porque que existe este tipo de coisa? Para garantir o rigor da pesquisa, afinal existem verbas públicas, etc. Mas neste caso, sem ter a obra de arte presente, toda ou quase toda a capacidade de avaliação crítica daquele trabalho se perde, se torna impossível.

Em parte é algo intrínseco à arte. A presença de uma obra de arte não pode ser substituída por uma reprodução. A reprodução pode manter boa parte do significado daquela obra, mesmo diminuída. Em certos casos, acho que tem que ser muito elástico, de repente você tem algo que é a própria obra de arte que pode ser até mesmo armazenada numa biblioteca como tese ou, por exemplo, pode-se fazer um livro de artista ou pode-se fazer um trabalho que tenha eleito como veículo de realização um xerox.

Ali você pode ter possibilidades de ter contato com a própria obra original, embora reproduzível. Mas em muitos outros casos isto não é possível. Isto tem que ser levado em conta, mas é algo que até onde

eu sei é uma preocupação que não existe em outros campos do conhecimento. Em nosso caso isto é fundamental. O mestrado, o doutorado, por exemplo, a gente tem procurado isto coincidir com uma exposição e que a banca seja feita neste espaço expositório.

Esta exposição é temporária. Se a gente almeja o rigor acadêmico, que isto que estou falando é para ter rigor acadêmico e não perdê-lo, esta avaliação tem que ser feita ao vivo quando isso é necessário, quando o trabalho não perde isto. Tem trabalho em rede de Internet. Então, os problemas se colocam. Mas, isto sempre que for possível entrar em contato com o trabalho do jeito que ele é. Mas, em grande parte dos casos este trabalho é temporário, não é algo que pode ser armazenado definitivamente na biblioteca como um livro.

Se eu tenho uma exposição, uma instalação de gravuras, de fotografia e não sei lá o que, mesmo que eu me esforce ao máximo em captar fielmente estas imagens, até mesmo suponhamos que eu tenha uma exposição de fotos de pequena dimensão e eu consiga reproduzi-las nas dimensões originais, mesmo que eu faça ampliações das fotos e faça um volume com isso, eu perco a ordem com que elas estão dispostas no espaço, os diálogos que eu estabeleço com as imagens que só acontecem no próprio espaço expositivo.

Então este tipo de coisa faz parte da atividade artística. Tem trabalhos de artistas na contemporaneidade, pelo que nós sabemos, são altamente efêmeros, que eles são colocados em certos lugares que vão se desfazendo com o tempo. Então este tipo de coisa de registro é muito difícil. Eu tenho uma orientando de mestrado que ela tem uma intervenção urbana, que chamamos assim, mas não é bem isto, é algo que é até difícil de achar um nome, que envolve música, certos objetos que ela fez, uma parte da música é executada num lugar que é transmitida por alto falante para fora. Ali fora tem outra parte da música sendo executada ao vivo. Tem uma exposição em outro lugar que a pessoa ouve a música, mas não vê os músicos.

Então é toda uma coisa descontínua. Como é que vai se evitar uma coisa deste tipo? São problemas que a arte coloca. Isto não está previsto em lugar nenhum e também não está previsto no Currículo Lattes. Ora, se a gente quer ter mecanismos efetivos de avaliação crítica, acho que deve existir e que muitas vezes não existem no o circuito artístico, eu acho que na universidade deve ser simultaneamente mais livre e mais rigorosa. Não rigorosa no sentido científico. Mais livre por não estar submetida às pressões comerciais que existem no circuito artístico, sem ter a ilusão que elas não se refletem aqui dentro também.

Mas deveria tentar avaliar as obras de arte pelo que elas são de fato e não pelos interesses que se criam em volta das obras na hora que elas são inseridas nos circuitos artísticos. Mas para fazer isto temos que ter primeiro o contato com as obras. Por exemplo, o Currículo Lattes é aberto a todos. As pessoas podem ter acesso para avaliar as possibilidades daquela pessoa ser um possível orientador, ver o que ele faz. Se o Currículo Lattes não contiver também uma amostra do trabalho artístico do artista, eu não me sentiria muito à vontade para entrar em contato com alguém baseado apenas no número de exposições que ele fez, nas palestras que ele fez, nos cursos dos quais ele participou.

A experiência mostra que tem gente excelente que não fez um grande número de cursos e isto é outra coisa que tem que ficar claro. E o artista onde ele mais aprende é através da realização do seu trabalho e não necessariamente fazendo “ene” cursos que existem aos montes e muitas vezes são workshoping's de uma semana, 15 dias, que são coisas que não podem deixar de ser superficiais.

Isto é um período muito curto para realizar um trabalho de fôlego. Então precisa ver esse trabalho para ver se ele tem fôlego. Mas isto tem que ser visto ao vivo. Eu reconheço as dificuldades que isso implica, mas não adianta a gente fugir deste problema. Tem que ser conhecido e talvez discutido em conjunto soluções melhores que eu mesmo não sei quais seriam.

***Já que o senhor falou neste assunto, tem uma das minhas perguntas que trata deste tema também. Eu acho que o senhor até já respondeu, mas vou confirmar. A pergunta é da sua obra como professor e artista. Aquilo que o senhor considera mais relevante é possível colocar no Currículo Lattes? Um pouco o senhor está falando...só para entender, o senhor diz “a minha produção artística visual eu não posso colocar lá”.***

É claro. Porque o que é mais relevante são as imagens. Eu trabalho mais com gravuras, fotografias, desenho. Fiz uma instalação até agora e não sei se vou fazer de novo. Não trabalho sistematicamente com instalação. É algo que o conjunto do trabalho levou a ser feito. Então o que era aquela instalação? Uma exposição que mostrava dois quartos contíguos com objetos e luz, um deles escuro, outro bem iluminado, como vou por aquilo no Currículo Lattes?

Existe um filme que foi feito daquilo por uma amiga minha que já não é a própria instalação. Você não tem a experiência de entrar num quarto escuro e descobrir o que acontece lá dentro. De repente você

vai para o claro e ali tem imagens e outros objetos. Você não tem isto no filme. O Lattes pede que você destaque as cinco produções mais importantes...Eu vou mudando aos poucos conforme eu faço... Eu tenho exposições individuais onde você pode mostrar seu trabalho com mais densidade. Conforme eu vou fazendo uma que eu acho mais importante eu destaco uma e deixo de destacar outra. Mas o que aquelas exposições foram ninguém tem noção. Posso estar até escrevendo ali "isto aqui inclui 60 gravuras que foi a exposição de doutorado, que faz parte de um conjunto que se chama 'Ir, passar, ficar'. E daí, do que se trata? O mais importante é o trabalho em si.

***O Currículo Lattes é um instrumento que as instituições usam para medir a produção dos docentes. E como o senhor mesmo disse é importante ter o rigor. Estou perguntando isso, a partir do pressuposto de que tanto os pesquisadores em artes como os de outras áreas tem que apresentar seus resultados, né? Então eu pergunto se o senhor acredita que o Currículo Lattes na estrutura que ele existe hoje ele pode avaliar com eficiência a produção acadêmica em artes?***

Eu acho que não. Ele avalia através... O que eu ponho lá: exposições, tudo bem. Exposição também é um negócio extremamente vago. Por exemplo, eu tenho um trabalho que faz parte do acervo do Museu de Arte Moderna que ele já participou de cinco ou seis exposições pelo menos organizada pelo MAM. É sempre o mesmo trabalho, só que foram enfoques diferentes. Um trabalho meu que é uma mistura de gravura e fotografia entrou em exposição às vezes que o enfoque é fotografia. Então, um negócio que desvia um pouco do eixo da fotografia mais corrente entrou lá.

Entrou também em exposições sobre gravuras em algo que é um tanto fora da noção aceita de gravura. É sempre o mesmo trabalho. E o que este trabalho é ninguém sabe no currículo lattes. E pode parecer...como as exposições têm títulos diferentes, pode parecer que eu produzi trabalhos diferentes para cada uma delas, o que não é verdade. Isto é outra coisa que precisa se pensar. Tem artistas que trabalham com obras únicas e outros que tem obras múltiplas como no caso das gravuras e outras coisas que podem ser muito mais múltiplas ainda.

Então você tem gente que não tem como estar participando de duas exposições simultaneamente porque o trabalho é um só. A não ser que trabalhos diferentes, que é mais difícil, e outros em função do meio que utilizam podem estar participando de várias exposições ao mesmo tempo, em várias cidades e até mesmo vários países.

Ora, seu eu posso estar participando em várias exposições simultâneas com alguns trabalhos muito ruins também. Que se eu não tiver chance de ver, ninguém vai ter a menor condição de criticar também. Supõe-se que foram aceitos por certo espaço, eles passaram por um certo crivo, nem sempre, é verdade, isto está tendendo a tentar analisar se houve procuradoria ou não. Eu ainda acho muito pouco. Se você quer de fato analisar a produção você tem que ver o trabalho da maneira que for possível.

E a reprodução é um negócio que já existe há tanto tempo e afinal permite fazer isto, ainda que, eu volto a ressaltar, a gente perde alguma coisa. Eu acho que todos estes problemas têm uma raiz comum que é esta falta de entendimento da natureza da arte ainda no espaço acadêmico universitário.

***O que o senhor considera uma produção acadêmica ou científica? Eles usam muito essa palavra "científica" e eu sei que é muito... Então o que seria de um modo geral uma produção científica ou acadêmica na área de artes?***

Seria a própria arte. Não é chamada pesquisa em arte ou pesquisa sobre arte. Eu acho que a própria arte tem que ficar claro que é um ato de conhecimento. E isto a maioria das pessoas não consegue entender que passa de uma coisa decorativa, de uma coisa gratuita, sempre extremamente agradável de fazer, divertido, que não é verdade.

Isto pode ser agradável ou divertido de fazer, mas também pode ser angustiante. E um caso ou outro exige um nível de raciocínio elevado que aquilo é, no caso de uma obra de arte, ele é técnica, que esta técnica pode ser exercida pessoalmente. Ou certas obras pedem a realização com equipamentos industriais. Agora, esta técnica simultaneamente, indissociavelmente, ela é linguagem e uma linguagem que não se expressa por símbolos como números ou letras. É uma linguagem que está ligada a uma certa matéria.

E não adianta tentar traduzir isto por outra linguagem compreensível. Essa matéria ela alcança níveis de organização ou desorganização intencional que são muitos sutis, mesmo quando são obras feitas com materiais brutais, pesadíssimos ou por outro lado podem ser coisas muito simples, nada mais do que lápis e papel.



Quando o artista faz isto ele está pensando tanto quanto quando alguém escreve um texto. Um texto, a não ser que eu muito me engano, ele opõe resistência a essa elaboração, cria imprevistos que não poderiam ser calculados a não ser escrevendo aquele texto tanto quanto a uma realização de uma obra de arte que parece algo digamos restringindo-se ao nível mais conhecido, mas que não vale para tudo, por exemplo, o artista realizar a obra sozinho.

Aquilo está longe de ser um ato manual. Mesmo porque a mão não opera sozinha, ela está ligada ao ser humano inteiro que é um todo muito complexo e contraditório que se ignora a si próprio. Mas, aí a mão vem deste contexto. Não é algo que...A técnica não é algo que eu aprendo e aplico o resto da minha vida. É algo que a partir de um fundamento que eu crio e justamente por este fundamento eu ser capaz de ir reinventando como linguagem também, à medida que novas idéias surgem para serem desenvolvidas.

O que não implica em fazer operações mais complicadas ou difíceis do ponto de vista manual. Muitas vezes a experiência do artista é simplificar os atos físicos justamente para não confiar demais na sua habilidade manual. E isto não é uma habilidade. É uma capacidade intelectual na minha opinião. Mas isto não é tão fácil entender por quem não pratica. Tem poucos depoimentos que façam pensar sobre isto e algo que para quem pratica fica claro através da experiência. Ou de uma transmissão oral com outros artistas mais velhos que foram seus mestres ou com os quais tem contato.

São coisas que não se escreve muito sobre isto. E que se tende, inclusive, a rebaixar o lado artesanal da arte como se fosse pouco intelectual, pouco inteligente. Mas aí é toda uma longa e antiqüíssima tradição de colocar a linguagem verbal acima do artefato, quando a gente vive uma época que atendendo a folia das hierarquizações e das divisões entre os campos de conhecimento, seria mais correto de pensar que quando a inteligência existe ela se manifesta de qualquer jeito.

Que pode se manifestar muito mais através de artes manuais do que através da maioria dos textos que temos que reconhecer são muito ruins também. A maioria dos textos é péssima. A gente vive escrevendo textos na universidade, que são textos burocráticos que nos assolam o tempo todo, infelizmente, que não exige esforço intelectual, são quase que mecânicos.

Enquanto que existem uma série de operações que parece puramente manuais para quem observa, mas que exige uma imensa atividade de quem faz. Só que isso não se vê. Mas isto aí tem que ser constatado no resultado da cadeira daqueles atos. Ou seja, no caso das artes na própria obra de arte por quem tem capacidade de entender.

***Professor, o Currículo Lattes na forma como ele está hoje, o senhor como professor tem que preencher este formulário, o senhor é avaliado através deste currículo pela sua instituição?***

Aqui nós temos a CERP (Comissão de Direitos do Regime de Trabalho) que avalia a produção dos professores e eles mesmos acham insuficiente o Lattes, eles pedem mais coisas para nós.

***É isso que eu quero perguntar. O senhor se acha avaliado de forma justa pelos critérios do Currículo Lattes?***

Eu acho que não. Por exemplo, embora recentemente nós soubemos que vai ser considerada publicação tanto quanto em revista científica a exposição, um negócio que acabou de acontecer, reconheço o avanço, sem dúvida. Não estou falando que nada aconteceu. Melhorou muito. Mas para chegar numa avaliação justa tem que chegar na obra de arte. Pra que a gente expõe uma obra de arte afinal? O destino dela é entrar no mundo. Ela tem que ser vista. O que vai acontecer com o espectador eu não sei.

É óbvio que gera controvérsia, que tem gente que vai achar muito ruim. Outros que vão achar fantástico. Mas isto não é exclusividade da obra de arte. Existem divergências sobre abordagens científicas também. Só que eu não entendo quase nada de ciência, mas até onde eu sei a experiência científica ela tem que ser reproduzida por outros. Você não pode aplicar estes princípios na obra de arte mesmo porque isto depende dessas reações que grande parte são subjetivas, mas não totalmente no espectador.

Como é que existiria um nível de avaliação de algo que é exposto e vai ter um potencial de reações num outro que eu não conheço, geralmente que pode ir do delírio à indiferença? É muito difícil. Então por isso que eu falo que para ter uma noção de algo tão difícil de avaliar é necessário o percurso, aí você pode ver um diálogo dos trabalhos de um mesmo artista entre si, a busca de uma coerência e até mesmo a busca de uma não coerência. Acho que não é uma coisa que acontece por acaso. Se você deixa tudo à obra do acaso você vai ter as duas coisas misturadas e a falta de sentido.

***Professor, o senhor também citou num determinado momento que a gente estava conversando que a pessoa entra lá no currículo, que ele está exposto para todo mundo ver, enfim, partindo deste pressuposto, o senhor considera que essa forma como ele é exposto na rede que ele funciona como um instrumento de disciplina e vigilância?***

Quem quer burlar as coisas sempre acha um jeito. Por mais que se tente fazer uma avaliação rigorosa, não tem jeito de não driblar. Neste caso, o único jeito é, por exemplo, já que a produção artística não é necessariamente apresentada ali, você coloca artigos publicados, palestras, cursos que você participou. Não vou dizer que não quer dizer nada, mas você pode fazer tudo isto e ter um trabalho artístico muito ruim.

Se for pensar como a maioria dos artistas, como os alunos que nos procuram também, porque as pessoas se aproximam das artes? É através da própria obra. Eu vi certas coisas que me deixaram inquieto, emocionado, que me fizeram pensar sei lá tudo isto ao mesmo tempo, que eu me interessei em tentar fazer algo parecido. Os alunos que nos procuram também vem aqui porque viram outras obras, sejam elas pinturas, instalações ou histórias de quadrinhos.

Tem muitos deles que se interessam por fazer histórias em quadrinho porque é uma forma de arte que circula muito mais amplamente no mundo. E não se interessaram pelo número de histórias em quadrinhos que, digamos, que Will Eisner publicou durante a vida, mas pela própria história que eles viram. Então, eu acho que tudo isto quer a gente coloca no Currículo Lattes pode continuar a ser colocado, mas precisa de algo mais. Por exemplo: já tive gente que entrou no meu Currículo Lattes e depois mandou e-mail querendo ser meu orientando. Bom, nesse caso eu acho que o contato tem que ser feito através da secretaria de pós-graduação e não diretamente com o professor para não criar privilégios. Já teve um, dois ou três, não me lembro exatamente quantos, que são fotógrafos e viram que eu tenho certos trabalhos com fotografias junto com gravuras e se interessaram em serem orientados por mim. A não ser que eles tenham visto isto em outras fontes, no meu Currículo Lattes eles só viram que tem exposições minhas de fotografias e gravuras.

Ora, se eu não sou um fotógrafo, não me sinto apto a orientar alguém em fotografia. Eu não estudei fotografia especificamente. Não tenho a mesma fundamentação que na gravura. E são pessoas que estavam colocando questões muito específicas de fotografia. Então de certa maneira foram enganados pelo meu Currículo Lattes, embora eu tenha colocado lá que realmente as exposições tinham até uma pequena anotação sobre o que são essas exposições, no que essas exposições se consistiam.

***Então, parece que o currículo, digamos assim, não mostra aquilo que é realmente o pesquisador, nesse caso o senhor?***

Acho que não. O importante é... a palavra pesquisador é se artista é suficiente. Eu prefiro pensar que arte é uma busca também, que é o sinônimo de pesquisa. Esta história de pesquisa em arte...a arte do jeito que eu entendo ela já tem todas as exigências de rigor que você possa imaginar. Não é que você fala que a pesquisa em arte que vai ser mais rigorosa. Mas aí eu vejo isto sendo usado por gente que não tem este rigor justamente para disfarçar esta falta de rigor.

***Já que o senhor tocou neste assunto, eu gostaria de saber: o Currículo Lattes exige uma demanda para você preencher, colocar lá a sua produção. As instituições, geralmente, tem também cobrado porque existe a cobrança de outros órgãos. O senhor acredita que um formato como este que é do currículo, influencia na produção até artística da academia? Por exemplo, o senhor acredita que pesquisadores, enfim, pessoas que possam ficar determinadas por isso e aí direcionam sua produção para atender estes critérios?***

Não há a menor dúvida. Mas não só em artes. Tem construtor de currículos em todos os campos do conhecimento. E isto nossos colegas aqui da área sabem muito bem. Acho que estes critérios existem para quem restringir este tipo de coisa. Para o nosso caso, o efeito é oposto. Você permite que gente que não tem realização artística, quase nenhuma ou nenhuma mesmo, eu diria violentando a natureza do trabalho artístico, fazendo malabarismo para se encaixar nos parâmetros da pesquisa científica, em encaminhamento de projetos, consegue construir currículos, vantagens pessoais, viagens, etc., realizando algo...no fundo não realizando o que eles estão se propondo a cumprir. Isto permite criar, digamos, uma cortina de fumaça que é através da formalização acadêmica deixando de expor e focar o trabalho artístico. Não acho que tenha que ter só artista no departamento de artes, acho que tem que estar presentes. Acho interessante. Sem dúvida temos que ter teóricos, críticos,

historiadores é óbvio, e também é importante a presença de pesquisadores de arte de fato. Certas coisas não têm que ser feitas por artistas. E tem que ser feitas com metodologia científica. Do jeito que está, o principal prejudicado não é o artista se o principal ato cognitivo é o que fica escondido. E se criam facilidades justamente por este ocultamento para que pessoas que não tem uma produção consistente no campo da arte se afirmem. E o que é grave é que estas pessoas ao se afirmarem não estão em posições de mando nas universidades, talvez no CNPq, na FAPESP e na CAPES. E pior, orientando a formação de pessoas que pretendem ser jovens artistas. Coisas para a qual eles não estão qualificados.

***Já que o senhor tocou no assunto do CNPq, como eu estou estudando o Currículo Lattes, eu fiz uma busca no que ele disponibiliza para verificar o que tinha lá de apoio, fomento para a área de artes. Começa que a área de artes engloba letras e lingüística, chamada hoje de grande área. Então, a gente não tem um índice só para a área de artes. O índice que aparece lá é para toda as três áreas. O índice de investimento nesta grande área é de 3% a 4% do total das bolsas. Porque na sua opinião este índice é tão baixo em relação a outras áreas do conhecimento? O que o senhor acha que acontece para que este índice seja tão baixo?***

Acontece o seguinte: os modelos são pensados para a área científica. Primeiro, tem gente que se especializa em fazer projetos de arte segundo os parâmetros científicos e conseguem financiamentos que podem muito bem não resultar num bom trabalho artístico, mas que isto não é visto e vai se dar conta através de um relatório. Tudo bem.

Acontece outra coisa aí que é mais um depoimento pessoal – eu sei que não estou falando só em meu nome, tem gente que concorda comigo. No caso do trabalho artístico estou falando de arte de verdade... Vou dizer o seguinte também. A maioria das coisas que a gente chama de arte não é de fato arte dentro da esfera acadêmica e nem fora dela. Mas que o artista é um... tem uma relação intelectual, afetiva, emocional ética, tudo que você possa imaginar para o seu trabalho. Não é algo assim diferente.

Suponhamos que no momento que eu vou pedir uma bolsa para fazer um projeto artístico, suponhamos que eu quero realizar não sei o que, ao ter que colocar lá dentro dos parâmetros do projeto tipo justificativa, etc. as minhas intenções, eu me sinto mentindo. Literalmente. E traindo a relação que eu tenho com o meu trabalho. Eu já me sinto muito mal e é por isso que eu não costumo pedir nada. Mesmo porque a maioria do trabalho que eu faço não é algo que precise de um grande investimento de dinheiro e a gente não pode esquecer que está lidando com verbas públicas.

Mas, eu acho que para muita gente, e em primeiro lugar é um conflito ético, quando você desenvolveu seu trabalho artístico até um certo nível você ter que negar tua relação real para satisfazer este tipo de exigência. São coisas que não são tão simples assim transformar toda a rede de relações que um artista tem com seu próprio trabalho e objetivo e justificativas, etc.. Ainda mais bibliografias, que grande parte do que poderia justificar o trabalho artístico é a experiência do artista que não está em bibliografia nenhuma.

Embora, obviamente, muitos livros têm sido preciosos para ajudar este próprio trabalho a surgir. Fora isto, também tem uma dificuldade crônica e compreensível das pessoas que trabalham com arte em fazer este tipo de projeto baseado num tipo de raciocínio que não lhe é familiar. E o inverso seria igualmente absurdo. Você pegar algum tipo de modelo que fosse tido como modelo a projeto artístico e obrigar todo mundo a se adequar a ele.

Isso acontecer exatamente a mesma coisa. Seria completamente absurdo. E para complicar mais a coisa, na área de artes na universidade eles não têm só trabalhos artísticos. Tem teóricos também que não devem seguir os mesmos modelos que em muitos casos um trabalho de pesquisa sobre arte ele pode muito bem ter objetivos especificáveis, justificativas claras, principalmente quando não implica na realização do trabalho artístico.

É algo, digamos, improjetável, mas não só nas artes, que ao se realizar o trabalho você vai descobrir, isto vai te levar a fazer algo que não era o que tinha sido planejado. E sobre isto o Duchamp já falou. Ele falou sobre coeficiente de artisticidade, senão me engano, que é o que foi efetivamente realizado, mas não estava planejado.

Não adianta pensar que as pessoas conhecem Duchamp e suas reflexões sobre o trabalho. Mas isto é intrínseco. Tem algo que só vai ser descoberto ao se fazer aquele trabalho. Não adianta querer prever isto no projeto. Então, de repente você parte por um lado e chega no outro. Você vai arrumar justificativas para isso? Primeiro me perguntaria para que? Desde que o trabalho se justifique a si mesmo não vai ser um texto que vai se justificar.

Aí voltando àquilo que você me perguntou, tem muita gente só faz o que pode ser justificado. Parte de um pressuposto de que não é visual, que já sabem quais vão ser os resultados, que não existe e não se assume os riscos que um trabalho artístico inclui. De certa forma a justificativa já está pronta antes do trabalho ter sido realizado. Então isto é péssimo. É completamente antiartístico e acho antiuniversitário também. E acho anticientífico porque as descobertas científicas implicam também nos mesmos riscos quando é descoberta de verdade.

Isto pode levar a um conformismo que é típico dos nossos tempos, aliás, junto com esse imediatismo e essa inevitabilidade de certas funções que se acentuou a partir dos anos 80 e que nós estamos colhendo os frutos agora com essa crise econômica. É todo um discurso neoliberal que começou a tomar conta de tudo e que não existe solução para nada e tudo é inevitável que só serve aos conformistas que sempre existiram, mas facilita suas intenções.

E tem outra consequência, esta muito ruim, que eu acabei constatando em várias áreas, várias universidades, coisas que eu participei ao longo do tempo, que é fazer trabalhos artísticos pensando apenas no público especializado da universidade, ou seja, alunos e professores do departamento de artes plásticas, no caso, que não poderia ser entendido por absolutamente ninguém fora os departamentos especializados dentro da própria universidade e menos ainda fora dela.

E arte é algo que está em busca de um público não específico. Então tem coisa, que eu já vi, que partem de tantos pressupostos de conhecimento num eventual espectador e que simplesmente não vai ter espectadores. Não tem condições de serem entendidas fora, a não ser num congresso, por exemplo, de pós-graduação. Aí o autor apresenta aquilo, faz todo um discurso explicando, quando na verdade o que está sendo apresentado se não fosse acompanhado de discurso seria incompreensível. Se você pega aquele mesmo trabalho e expõe num espaço público, fora da universidade, sem o acompanhamento do discurso e aquilo pretende ser uma obra de arte, que condições que o público não especializado vai ter de entrar em contato com aquilo ali. Então não estou sugerindo vulgaridade mais do conhecimento, mas uma pessoa alfabetizada é capaz de ler um livro, talvez não entenda, mas é capaz de ler.

É algo também preocupante ao ver que muita gente faz os trabalhos unicamente para conseguir financiamentos, bolsas, muitas vezes para residências artísticas que estão cada vez mais numerosas mesmo quando não seriam necessárias para realizar um trabalho. E na verdade esse é um mal do circuito artístico que funciona excessivamente em circuito fechado. Pede cada vez mais um público especializado que é extremamente restrito.

Por isso quando falo que tem muitos alunos que entram aqui interessados em histórias de quadrinho, a gente vê nitidamente porque quase sempre participo da prova de aptidão no vestibular, a noção de arte de imagem que as pessoas têm não é formada pelo que a gente entende de arte. Ela é formada por história em quadrinho, ilustração, mangá, videogame, logotipos. Essas coisas que atinge as pessoas indiscriminadamente. Mas, que para a grande maioria da sociedade é a relação com as artes visuais que elas têm. Então, isto é algo para ser refletido também.

E o que acontece é que, geralmente, a influência de ilustrações, de histórias em quadrinho que as pessoas trazem não é das boas ilustrações, das boas histórias de quadrinho que são tão artes quanto qualquer outra forma artística. A influência vem das piores imagens que são mais veiculadas. Agora, eu não posso acreditar que das pessoas não especializadas, mesmo que seja doutor em outra área, tenha um discernimento muito maior do que isso em relação às artes. Não acredito mesmo. Sinto muito.

***Professor eu vou agradecer esta entrevista, mas antes eu vou perguntar se o senhor gostaria de acrescentar algo mais. Se quer falar mais alguma coisa sobre isto?***

Não. Sobre isto, não. Já falei tudo que eu pensava. Já manifestei sobre o assunto em várias ocasiões.

***O professor solicitou retomarmos a entrevista para complementar sobre a área de Arte na academia...***

Entendo perfeitamente as dificuldades quanto à implantação dos cursos de artes que eram muito maiores do que agora. Não tinha como ir se adequando. Para você constituir departamentos você tem que ter gente com doutorado. Eu me lembro que os meus professores tiveram que fazer matérias de pós-graduação quer não tinham nada a ver com as artes. Faziam só para conseguir seus títulos.

Acho que está na hora da gente se manifestar mais, propor mais coisas. Temos tentado e até certo ponto conseguindo fazer. Por exemplo, esta solicitação da comissão de pesquisa: acabamos de elaborar um documento e até bem feito por sinal colocando os nossos parâmetros para a avaliação

artística dentro da USP, mas que pode servir de base para outras coisas, mostrando as produções dos artistas com imagens.

Eu acho também, não quero parecer muito unilateral em relação aos colegas de outras áreas, quando o diálogo acontece, tenho notado que é perfeitamente possível as pessoas nos entender. Não é impossível fazer alguém de outra área do conhecimento entender o que eu faço. Preferencialmente mostrando exemplos concretos, coisas que eu realizo, etc. Dentro da nossa escola que é de comunicações e arte que já é um problema, quando fui chefe de departamento dialoguei com outros chefes e encontrei interlocutores.

A gente, por exemplo, sugeriu mudar o peso da prova de ingresso aqui, isto partiu de mim. A prova prática tinha peso 2 que é o peso em geral da USP. Que não dá um excessivo peso a isto com base na visão das outras áreas. Então que tinha sido meramente repetido o peso da prova que era prática e que no caso era a apresentação do portfólio do artista.

Eu consegui reunir todos os chefes e eles entenderam perfeitamente nossos argumentos e sugerimos passar para 4, 3, 3, ao invés de 5, 3, 2. Três é o peso da aula e 5 na análise do portfólio. A gente tinha que diminuir mais na análise do portfólio e dar mais peso na prova prática. Os nossos colegas da música é mais importante ainda que é quando se pede para interpretar uma peça. Isto foi aprovado dentro da ECA.

Os outros colegas entenderam perfeitamente. Agora está parado no Jurídico da USP e sabe-se lá quando vai dar uma resposta. Oras, esse diálogo tem que partir de nós. A gente não pode esperar que colegas que lidam com realidades tão diferentes, que não tem porque estar mais bem informados do que nós venham propor soluções. Tem que ser nós.

Aqui na comissão de pesquisa da ECA, por exemplo, um colega nosso, que você vai entrevistar, ele acabou de ser eleito vice-presidente da comissão de pesquisa justamente colocando estas questões. A gente não deve estar apenas discutindo e encaminhando as coisas do jeito que são. Temos que propor e mostrar, primeiro ficar claro para a escola como um todo que tem essa questão que é comunicações e artes que já é complicada, que a nossa produção não é texto e nem pode ser expressa matematicamente, embora as outras escolas também possam. Mas não generalizar.

Essa comissão de pesquisa é uma forma adequada para elaborar uma maneira melhor de lidar com pesquisa em arte que eu acho que é a própria arte e tornar isso oficial e a partir daqui para estâncias mais altas. Não é muito fácil, mas isto tem que ser iniciado o diálogo. E isto tem que partir de nós. E voltando à questão que eu acho que tem tanta gente que no fundo não está qualificada por não ter um trabalho artístico para orientar a formação de aluno que pretendem ser artistas, eu acho que estas pessoas que estão presentes em todos os departamentos de artes plásticas do Brasil, estas pessoas não estão interessadas em mudança nenhuma.

E do jeito que está é a situação que lhes convém. Tem que partir de nós. Isto dá trabalho. É um trabalho a mais que você já acrescenta a todas suas atribuições que não são poucas. Mas tem que partir dos próprios professores de artes plásticas e tem todas as tendências possíveis. Também tem as tendências dentro do seio dos artistas plásticos radicalmente conceituais que não dão importância alguma à realização física de certos trabalhos e não admitem que isso é também problema intelectual. Existem essas divisões. Não esqueçamos também que este departamento em 71, quando foi criado, era o auge da época conceitual no Brasil. E acho que isto repercute até hoje. Eu diria que é uma forma de artes visuais que encontra maiores facilidades de adequar esquemas científicos e menos visuais.

## **Entrevista 9**

**\*ROBERTO/ IES: USP**

Área de Atuação: ARTES VISUAIS-GRAVURA

Data: 24/04/2009

Local: Residência - São Paulo

Duração: 38"

### ***Professor, o senhor conhece e possui cadastro no Currículo Lattes do CNPq?***

Eu imagino que a primeira vez que eu tive que fazer isso foi no período que eu estava começando minha pós-graduação. Posso estar enganado, mas em torno de 1994, 1995. Para eu ingressar no curso de pós eu tive que fazer meu lattes pela primeira vez. Mas foi era uma coisa muito improvisada na época. Não sei se...Já existia o Lattes ou eu estou confundindo?

***Não. Na verdade era um currículo e que depois se transformou, porque não era on-line***

Eu me lembro que tive de fato de fazer dentro dos conformes exatamente como você diz quando eu fiz meu concurso para a USP. Ou seja, em 2003. Exatamente. Agora está ficando mais próximo. É isso mesmo.

***Professor, o senhor acha fácil o acesso ao currículo? Tem facilidade no preenchimento?***

Não. Eu estou sendo muito sincero já que a gente tem sigilo na entrevista, eu não tenho nenhum grande interesse em saber exatamente como fazer aquilo por uma razão muito simples: talvez eu não concorde plenamente com as bases. Então, no nosso caso, na área de artes, por exemplo, a grande maioria das atividades para nós das artes visuais, as exposições, toda essa atividade de atelier, de oficina, de construção da obra de arte, não tem onde entrar, a não ser em “outros”. Então a gente tem assim 20% do nosso currículo nas plataformas lá mais habituais e 80% em “outros”. Isso já me mostra que alguma coisa está errada, né?

***Professor, com que frequência o senhor atualiza seu currículo?***

Por uma razão também acadêmica, anualmente. Porque nós temos lá que fazer um relatório para o CNPq, para a CAPES, então não sei o que, anual, né, por causa da pós, então como eu dou aula aqui na pós e oriento na pós eu tenho que todo ano atualizar.

***O senhor já começou a responder, mas enfim: o senhor considera que os campos disponíveis lá no formulário são adequados para a área de artes?***

Não. Acho que não. Acho que não muito em função deles terem sido previstos por uma atividade mais da área científica e de uma certa idéia de ciência ainda para ser mais exato. Se a gente pensar numa ciência de maneira generosa e plena é uma barca no mundo, né? Mas de uma certa atividade científica que é extremamente baseada em dados. Quer dizer, é toda ela quantitativa. E quando você pensa numa atividade mais qualitativa, você tem muita dificuldade de entrar no currículo e poucos espaços para manter a produção.

***Dentro disto que o senhor está falando, o que o senhor acha que faltaria para contemplar a área de artes?***

Eu acho que o que poderia ter uma base fundamental, como o próprio Lattes já é uma plataforma, mas que tivesse mais flexibilidade. Exatamente “como” eu não sei te dizer porque não é minha área. Não saberia tabular essas coisas ou como desenvolver de uma maneira metodológica isso, mas que de alguma maneira contemplasse essas atividades que não se encaixam exatamente nas previstas das ciências.

***O senhor também tocou neste assunto, das atividades que o senhor considera mais relevantes da sua produção o senhor comentou que não tem como incluir lá. Quais seriam essas atividades mais relevantes na sua produção, que o senhor acha que deveria ser contemplada, que deveria ter um campo, enfim, que pudesse ter um destaque?***

No nosso caso específico, como eu sou da área de artes visuais ou das plásticas, como preferir, são as exposições. Porque elas são as faces mais pública do trabalho que a gente faz. Até muito mais pública, deste ponto de vista que eu quero colocar aqui, do que a própria docência, que é pública, mas ela está ali limitada a um certo número de pessoas, pelo ingresso de vestibular ou pelo esforço de se aproximar da universidade por vias não muito ortodoxa. E a exposição não. Quando ela ocorre ainda em espaços públicos como Pinacoteca, MASP, MAM, assim por diante, aquilo de uma maneira teórica pelo menos deveria estar aberta a visitação pública. E acho que exposições neste currículo ela vem num papel muito tabulada, ele simplesmente computa onde se fez, quando se fez, se tem título, a exposição, e assim por diante. Está começando a ter uma mudança. Também não vamos ser totalmente rígidos e cruel em relação a isso.

A própria FERT, lá da USP, que ultimamente está sendo encabeçada pelo professor Ramirez, que é da área de medicina, e ele próprio, não se queixou, mas colocou para mim também que a medicina tem

uma certa dificuldade de se encaixar nessas tabulações. Está pedindo que a gente da área de artes faça todo um rearranjo segundo nossos pontos de vista das importâncias das nossas atividades.

E a gente fez um primeiro grande esboço disso lá no nosso departamento e tem as equivalências que parecem que já estão começando a ser postas em prática até na CAPES. Coisas do tipo, não sei se é exatamente isso, mas uma exposição individual na Pinacoteca do Estado de São Paulo, por exemplo, equivaleria a uma publicação de um livro. Uma exposição coletiva internacional que tem toda uma série de pesos que tem também, que aí você pode mensurar, equivaleria a participação em congresso internacional. E coisas desse tipo.

Eu acho que isso já é um primeiro sinal de que existe alguma vontade mínima de mudar isso. E essa vontade, eu entendo que ela tenha demorado até um certo tempo para se manifestar, porque as artes não eram da universidade. Elas são recentes da universidade. Então, me parece que tem uma certa relutância do pensamento universitário mais padrão em admitir que o conhecimento geral pelas artes é legítimo. Do ponto de vista universitário, do ponto de vista do pensamento superior, do que quer que seja isso.

Então, talvez, esse momento que a gente esteja vivendo seja de verdade um primeiro contrato, sério, intenso e produtivo entre essa desconfiança por parte do pensamento universitário e já um acúmulo, digamos assim, de uma postura crítica até nestes últimos 20 ou 30 anos produzidos pelas artes que vão ter que se entender. Não dá para fingir mais que não existe. Talvez seja fruto desse choque, dessa tensão, destas mudanças que me parecem começam a surgir aí no horizonte.

***Então eu vou aproveitar esse gancho para te perguntar uma outra questão. Já que o senhor tocou neste ponto da artes na academia. Existe uma discussão séria aí no sentido do que é uma pesquisa científica e o que não é. Nesse sentido, de modo geral, como o senhor vê a área de artes na academia? Como que a gente valida... valida, nem sei se esse é o termo correto de se utilizar, porque a pesquisa em arte não é pesquisa, por exemplo, é? Então, como o senhor entende essa posição da arte na academia?***

Esse é um assunto cabeludíssimo. Eu vou tentar falar algumas coisas. Dá aí para fazer horas e horas de entrevistas e a gente não ia nem passar perto de esgotar nenhum aspecto que ele levanta. Só para você ter uma idéia, eu estou aqui agora, neste instante, preparando uma aula que eu vou dar segunda-feira sobre perspectiva. A perspectiva a princípio, se entendida rapidamente, seria uma técnica de construção espacial. Uma técnica de tabulação até dos elementos físicos dentro de um certo espaço.

Não é tão simples assim. Mas mesmo partindo desse pressuposto, quando você vai ver a história dessa tentativa de construção você vai ver que no momento em que ela nasce no Ocidente, pelo menos, né, com intensidade que é no século XV, através da figura do **Brunelleschi**, ela é portadora de uma voz que vem pela via das artes, como a gente chamaria hoje, mas que nesse momento está completamente imbricada com o que a gente chamaria hoje também de ciência. É quase impossível distinguir o cientista e o artista nesse momento.

Quer dizer, a gente conhece o Gaubeti, o Meleski, o Hilbert, o Paulo Cielo, o Piero de La Francesca, todos grandes nomes. Hoje é tudo nome de artistas. Mas na época em que eles estavam produzindo esta grande obra deles, eles eram muito mais vistos como homens da atividade de serviços e não das artes liberais. Eles não eram intelectuais. Eles não estariam na universidade e, no entanto, as preposições deles artísticas são tão artísticas quanto matemáticas e vão mexer tanto com o mundo do universo da arte quanto com a matemática, o da geometria, o da lógica e enfim, assim por diante.

Só passando por um pequeno exemplo, não tão pequeno assim: essas hierarquias que se constroem hoje de uma maneira tão simples e óbvia, elas têm uma história. Então, nesse instante você não teria como dizer que uma coisa é superior à outra a não ser que você acolhesse uma hierarquia anterior como a tradução que rezava essa distinção entre artes liberais e artes de serviço. Bom. Passado todo esse período a gente... Bom, agora está tudo mais claro e tal.

De certa forma não. Porque no fundo no fundo a gente vive um drama não parecido, mas que toca nessa pedra de novo. Quer dizer, quando as artes têm que comprovar, demonstrar, se arquitetar enquanto importantes dentro do pensamento ligado a um conhecimento superior, nós teremos este mesmo tipo de discussão de novo. Não é? Quer dizer, há uma ambição de querer visibilidade por parte de alguém que se considera superior.

Mas acho que não tem mais espaço para isso. Acho que na vida contemporânea não deveria existir mais esse tipo de querela porque ela é completamente contraproducente. Ao contrário, deveria se admitir toda uma pluralidade de possibilidades de visão de mundo para poder construir o que a gente chama de conhecimento, sei lá o que vale.

Se isto tudo faz algum sentido, a noção de pesquisa ela tem que ter esta mesma amplitude. Não estou dizendo com isso que a gente vai então criar uma espécie de canibalização da pesquisa de que tudo vale, tudo pode. Não é bem assim. Mas eu acho que de alguma maneira os pesquisadores e as pesquisas se quisesse usar este nome, você pode usar outros nomes. Se for seguir certamente o método científico para pensar a pesquisa, acho que artista não faz pesquisa.

Mas ele faz uma coisa bastante semelhante em termos de importância, em termos de profundidade e tal dentro da sua área de conhecimento que equivaleria essa pesquisa. Mas definir isso, dar nomes a isso, não é o meu papel individual. Eu adoraria participar de alguma coisa neste sentido. Como estou. Se eu estou na universidade eu estou participando dessa discussão. Então acho que antes de discutir essas questões sobre os rumos da pesquisa, nós teríamos que rediscutir essa questão anterior, esta da redefinir a própria idéia de pesquisa. Isto ficou claro?

***Agora só voltando um pouquinho, então, no Lattes, né, porque ele avalia as pesquisas. O senhor acredita que o Lattes ele pode avaliar com eficiência a produção acadêmica dos pesquisadores em artes? Porque?***

Do jeito que ele é, não. Do jeito que ele é não, porque isto tudo que eu estou te dizendo aqui, por exemplo, não tem onde entrar. Isto não cabe. Quer dizer se eu vou defender uma tese, se eu vou defender uma livre docência ou algo que vale, na hora em que eu faço isso eu estou articulando dentro da minha área toda uma tese, deve estar articulando, toda uma tese de saberes aí, que são deste ponto de vista uma pesquisa muito particular por um lado, mas que se engata num pensamento mais amplo.

Mas como é que eu faço tudo isto virar uma informação dentro do Currículo Lattes? Eu acho muito complicado responder isto porque todos os argumentos, todas as respostas e perguntas que forem geradas por este momento, por exemplo, viram depois o título. Tese com título tal e assim por diante. Então, você não tem de fato um espaço que você possa ter acesso ao material que gerou toda essa tabulação. E não sei se não seria tão impossível, hoje em dia, com a tecnologia que a gente dispõe.

Mas que poderia ter links, que poderia ter toda uma série de processos aí onde o Lattes fosse uma espécie de passagem, fosse uma espécie de referência sobre a qual você poderia ter depois acesso às informações mais profundas, mais sérias. Mas não é nem isso. Ele se tornou o fim. Ele se torna o ponto de chegada. Ele se torna uma espécie de juiz, de juízo. Aí é que eu acho que ele não está sendo muito importante na hora dessa tabulação de conhecimento.

***Outra pergunta então, nesse sentido também, porque de qualquer forma o artista, o professor artista, aquele que está na academia, ele tem que alimentar este sistema e é por ele que ele vai ser avaliado. E aí eu queria ou mesmo para pedir um projeto de pesquisa. Ele virou a referência na academia. E aí eu ia perguntar duas coisas. Uma é se o senhor já foi avaliado ou se considera avaliado de uma forma justa ou se o senhor já se sentiu preterido em função destes critérios com relação à sua produção, por exemplo?***

Olha, preterido não. Porque na verdade eu estou começando agora. Ontem, por exemplo, foi meu primeiro mestrando que defendeu a sua dissertação. Então eu estou começando agora a entrar um pouco mais fundo nesta coisa da orientação, na pós. Eu vou começar agora ...estou com duas alunas na graduação que vão querer desenvolver comigo bolsa de pesquisa.

Então até então eu não precisei muito ligar estes negócios de fomento, até por uma questão de personalidade. Sempre gostei de desenvolver meus projetos do meu jeito, do meu ritmo, do que ter que criar relatórios sistemáticos sobre ele e assim por diante. Agora como eu vou ter que me defrontar com esses órgãos de fomento, e o Lattes é sua espada, nessa hora, eu talvez comece a ter alguns problemas.

Mas até agora eu seria injusto se dissesse que fui preterido, ou que eu me senti preterido porque não tinha as tais qualificações. Não tive nenhuma experiência neste sentido. Mas só para te colocar como isto que eu estou dizendo aqui pode ser complicado, eu li um artigo, não faz muito tempo, no jornal sobre um cientista. Então, quer dizer, que eu não estou só falando de artista, de artes e etc. Também às vezes nos acusam de ficar fechado no nosso mundinho. Um cientista que dá aulas se não me engano em Oxford, uma dessas grandes universidades inglesa, tradicionalíssima, ocupa uma cadeira em física, uma cadeira que já foi ocupada por não sei lá quem, enfim. É um sujeito super brilhante, enfim. Executivo português, jovem, se ele tem 40 anos é muito. Ele está em torno de 40 anos, brilhante, que assim, além de ser um cientista de estar questionando Einstein, é coisa de altíssimo nível. Ele resolveu e já faz um tempo, que ele não queria entrar nesta disputa universitária que é



quase que um show de talentos neste sentido de publicações e não sei o que, de ficar sendo o que mais publicou, sendo o que mais participou de congresso, e sei lá o que. Ele queria estudar, ele faz constantemente e dar sua voz. Ele é adorado pelos alunos. E ele tem um compromisso: ele publica tudo o que ele faz, que ele acha que tem alguma importância, alguma relevância, num blog que ele tem. Como é que fica? Quer dizer, ele não publica em revistas indexadas, ele não publica livros do tipo "X" que vão contar pontos no currículo dele, ele não participa sistematicamente das mesas formais, etc e tal. Mas tudo que ele faz, tudo que é importante na cabeça dele sobre as pesquisas que ele desenvolve e tal, ele publica num blog. E este blog você tem acesso, eu tenho acesso, o professor "X" tem acesso, o aluno "Y" tem acesso, e o sujeito da Capes tem acesso. Entendeu? E qualquer órgão de fomento também tem acesso. Mas ele não cumpre nenhum ritual científico. Como é que ficaria este sujeito aqui, por exemplo? Como é que ele poderia ter acesso a bolsas ou poderia participar deste conjunto de atividades ali oficiais e tal em torno da ciência se tudo que ele faz é um blog? Como é que se conta ponto de um blog? Você percebe que deste ponto de vista o blog é um pouco pesado demais para um mundo que é mais rápido, mais leve, mais energético, mais brilhante meu Deus do céu! É por isso que me cansa tabulação e pseudo.

***Neste sentido, eu também queria perguntar uma outra coisa. Porque assim, o que o senhor falou é muito verdade. Que os pesquisadores, agora a gente vive uma era também um pouco confortável por estes dispositivos que é publicar, publicar e produzir, produzir e nesse sentido o senhor acredita que o Currículo Lattes ele pode influenciar em...como é que eu posso dizer ... na produção acadêmica no sentido de que sei lá o cara para responder a este dispositivo.***

Claro. Não tem dúvida. É a famosa idéia requeitada. Você fica requeitando semanas, meses, anos, porque não? Toda a questão que é só quantitativa, ela vai levar a isso. Não tem jeito. E tem mais. Você pode ver distorções profundas, pessoas que em torno desta idéia, por exemplo, fiquem tanto tempo dedicados ao cumprimento dessas regras, dessas balizas, do preenchimento destes campos todos e, ao contrário, alguém que realmente tem coisas interessantíssimas, importantíssimas a dizer, mas não tem esse talento, chamemos de talento, portanto ele vai ter muito menos material tabulado, ele vai ser posto num grau muito inferior do que esse outro é, essa outra, enfim, que tem essa disposição burocrática exacerbada, digamos assim. É justo? Eu acho que não. Não acho justo porque você estaria simplesmente aí criando, como você mesma já disse, armas àqueles que querem cumprir tabelas, aqueles que querem fazer carreira. Agora, se a universidade vai se tornar um lugar para isto, não acho que ela vai ser um bom lugar no futuro. Ela já foi muito mais desafiadora. Ela já acolheu. Este para mim é o grande ponto que a gente toca. O Lattes é só um sintoma. Ele não é o responsável, ele não é nada. Ele é um mecanismo. A gente já teve em momentos mais, como é que eu poderia dizer, mais generosos, aonde a própria USP, onde eu estou agora, acolheu professores das mais distintas personalidades com a mesma generosidade. Porque a gente sabe que você tem muitos tipos de produção que se completam inclusive. Você tem aquele professor ou professora brilhante que é muito sistemático e que reúne material fabuloso, que tem capacidade de organizar coisas, publicar coisas que vão ser de verdade quase que cartilhas. Que as pessoas vão ter que passar por aquilo.

Que eles cumprem um papel fundamental. Mas tem um outro oposto cheio de idéias extravagantes, delirantes e tal, mas que não tem essa verve, que vai ser muito mais irresponsável entre aspas. Ele é tão importante quanto esse primeiro tipo. E são dois casos extremos, afóra sutis graduações que você vai ter aí de tanto de participação quanto da atividade mesmo de intelectual, sensível e tal. Isso tudo não tem como se tabular por um micro isso, né. Não tem jeito. Essa convivência é tão rica assim que se você puder passar por um único filtro ela vai criar uma tabela também dizendo que o que produz sistematicamente é 10. O outro pode ser no máximo 5. Quando que 10 e 5 deste ponto de vista que estou colocando aqui ...não quer dizer nada. A gente está usando uma lógica da nota ainda. É uma lógica que eu acho que deveria ser extinta na escola. Presença, nota, são coisas do passado na minha cabeça.

Isso não tem que existir mais. Eu acho que a escola só vai ser de novo um lugar importante quando ela se tornar um lugar atraente para o jovem. Se ela for esse lugar de cumprir tabela sinceramente estamos em maus lençóis.

***Eu fiz uma pesquisa nas estatísticas lá do CNPq com relação a fomento e eu apurei...Porque a área de artes ela é colocada junto com letras, lingüística, artes e, agora, a multidisciplinar. Uma outra área aí. É. Uma outra área aí, que eu entro...Meu programa é multidisciplinar, né, demorou também para se reconhecida. E lá, enfim, verificando, é claro, via... Por exemplo, o percentual das grandes áreas, vamos dizer assim, então está escrito assim, total de exatas é***

**25%; de humanas, 24%; biológicas, 18% e 20%. E a área de artes é a menos contemplada, somente entre 3% a 4%. Isto também acaba ocorrendo por causa do preenchimento dos currículos. Mais ou menos 3% e 4% do total de fomento. Eu queria perguntar para o senhor porque na sua opinião esse índice é tão baixo em relação às outras áreas?**

Olha, eu não tenho assim conhecimento das estatísticas como a que você disse que teve acesso e tal. Mas eu tive uma notícia, eu acabei de participar de uma eleição lá na ECA, eu fui eleito na segunda-feira passada o vice-presidente do Conselho em Pesquisa. Olha que loucura estou fazendo. E uma das coisas que a gente conversou muito lá na comissão de pesquisa é em torno disso. Porque? Porque a Eca foi tida como, se não me engano, como a pior escola da USP em termos de pesquisa.

É por esses critérios aí, com estatísticas, não se faz pesquisas. Agora, vamos voltar um pouco essa fita. Porque não se faz pesquisa? Porque a pesquisa computada é só aquela que se encaixa nos parâmetros, nos moldes e nas tabulações todas consideradas. Agora, vamos voltar mais um pouco ainda a fita. A Eca tem muitas áreas. Mas pequeno só nas áreas de artes. Se você ficar só no cinema, olhe só, ato falho. O cinema está naquela coisa ele não sabe se é comunicações, se é artes, está numa crise de identidade.

Mas vamos pensar que ele já é artes. Ta, vamos puxar para o lado de cá. Mas os que são mesmo é música, artes visuais e plástica e teatro. Será que não tem pesquisa? Eu fico pensando, o professor de piano, ou de violino, o de flauta ou de percussão ou que seja, história da música, ele não tem nenhuma pesquisa? Ele vai dar aula, ele é um gênio que veio pronto já do céu, ele toca piano como ninguém e o outro gênio que é o aluno dele vai absorver por osmose? Ou será que tem toda uma preparação, que ele não estuda horas e horas por dia piano?

E não lê uma série de textos sobre piano, ele tem toda uma literatura especializada, desde a questão mais prática, técnica de percussão do próprio módulo, que é importantíssimo para quem toca para ver como funciona, até as metafísicas mais fumacentas sobre a música e assim por diante? Eu tenho certeza que quem dá aula de música faz tudo isso. Isso não é contado como pesquisa. Ou quem vai dar aula de pintura, por exemplo. Será que também ele não faz todo um esforço de entender desde as questões mais básicas de química de pintor, os pigmentos, como é que se constitui os pigmentos, como são os veículos para se fazer as tintas?

Porque ele tem que ensinar isso para seus alunos. Para você ensinar uma coisa dessas para o aluno você tem que saber. Até também as questões da estética, história da arte, arte contemporânea e todo esse negócio. Então será que esse pintor também não faz pesquisa nenhuma? Ele chega lá e só, e como se fosse um semi Deus faz uma pintura e o aluno absorve aquilo? Quer dizer, e até ridículo falar assim desse jeito. Então, quer dizer, a Eca não faz pesquisa.

A ECA é um bando de gente que se diverte pintando, tocando piano e fazendo teatro, que é mais divertido ainda. O que tem então? O que tem que fazer então? O que a gente está pensando, né? Vamos fazer um dossiê. Vamos escola por escola, departamento por departamento, vamos fazer um dossiê de tudo que se produziu no último ano. Aquela peça de teatro que a Eca encenou não sei o que, então o que foi feito? Então, tudo o que se levantou sobre o autor, ou sobre a encenação, sobre o figurino, cenário, as questões do ator, enfim. Tem muita pesquisa nisso tudo.

Mas como de novo não passa pelo filtro X, não é pesquisa. E morre na praia. Como um passatempo, diversão e tal. Quer dizer, a gente voltou para o começo da nossa conversa. Então, o Lattes não contempla de verdade uma noção mais generosa, mais ampliada. Não é só o Lattes. Os órgãos de fomento também. Se a gente é o fim da linha...Tudo bem a gente pode não ser nada tão excepcional. Mas no fim da linha não é. Tem muita gente séria ali. Muita gente que está de verdade ali trabalhando. Então, se você pensar na pesquisa enquanto ... Ou naquele sentido mais antigo, grego, do ser pesquisante, eu acho que é impossível você ter uma atividade intelectual sem a presença desse ser pesquisante. E eu insisto nesta tecla. Quer dizer, a grande mudança começaria a acontecer se todos nós nos dispuséssemos a olhar de uma maneira mais generosa para esses seres pesquisantes sem criar essas competições de quem é maior ou é menor. Isto tudo é tão antigo. Eu acho que na minha cabeça não cabe mais.

***O senhor disse que, por exemplo, a ECA é considerada uma faculdade que não tem pesquisa, não produz. As instituições de qualquer forma elas, como eu já falei, elas se utilizam desse dispositivo para avaliar a produção acadêmica dos pesquisadores. E essa informação ela é pública. Ela está lá no site, então qualquer um vai lá e vê. O senhor acredita ou considera que este dispositivo ele funciona como instrumento de vigilância e disciplina entre os pesquisadores?***

Me explica um pouco melhor essa sua pergunta...

***Então, no sentido, por exemplo, do que o senhor falou, que a Eca ela considera que os professores não tem uma produção. Aonde que ela viu isso? Lá no Lattes. Ela está monitorando...Na verdade é nesse sentido. O senhor acredita que este dispositivo ele serve tanto, sei lá, para as instituições monitorarem os pesquisadores, para os pesquisadores se monitorarem entre si?***

Ah, eu acho que tem tudo a ver. É por aí mesmo. No entanto, que esse negócio que eu estou te colocando da produção, tem um outro dado. Quer dizer, vamos pensar um pouco agora na estrutura física mesmo. Os cientistas que estão lá ou que estão nas universidades, de maneira geral, a pesquisa deles é feita onde?

***Em laboratório...***

Que pertence a quem?

***Às instituições***

Então é um cientista que tem na escola onde você leciona um ...pode ser ótimo, excelente, talvez o melhor do País, um laboratório fabuloso que talvez custe uma fortuna, e ele está lá. Ele está lá em atividade constante, ele reúne pesquisadores, alunos, professores e assim por diante. Então tem essa evidência. É evidente. Tem laboratório que desenvolve pesquisas, isto tudo são facilmente de serem reconhecidas, reconhecíveis, porque elas estão ali de corpo presente. Tem uma fisicalidade. Na nossa área existe isso? Mas nem sonho disso. Quer dizer, se a gente tivesse numa situação, hipotética, ideal, onde, por exemplo, os professores de artes tivessem estúdios particulares lá, no campus também.

Nesses estúdios eles podiam receber alunos. Eles podiam criar, entre aspas, pesquisas. Eles podiam desenvolver trabalhos. Teriam uma fisicalidade visível ali, no local onde ele está atuando. Não é isto que ocorre. De modo geral a nossa pesquisa, se é que para dar este nome, ela é feita no seu ateliê, na sua casa, sei lá, num lugar fora. E que lá dentro ganha uma enorme abstração. O que você tem lá dentro é um ateliezinho, coletivo, de um modo geral muito insuficiente para o número de alunos que deveriam usá-lo com intensidade, e que então cria toda uma nova situação abstração em torno dessa visibilidade do que se desenvolve.

Bom. Mesmo com esta condição toda adversa de não ter essa fisicalidade que estou colocando aqui da produção, a gente consegue ter uma produção. Que quando você expõe aqui, ali e lá, onde é que sai isso na imprensa e tal? Nos cadernos de diversão, nos segundos cadernos. Tudo bem. Acho bom também que a artes tem esse lado, que atrai um pouco para o lado lúdico, assim por diante. Mas não é só isso. Tem toda uma construção ali que foi promovida, que foi de fato edificada para que aquela obra aparecesse.

Então, a nossa fisicalidade, muitas vezes, desses pontos de vista que eu estou colocando, ela está muito distante da universidade, da instituição. E portanto, criar essa ponte se torna algum esforço mínimo de quem olha de fora. Se não me interessa criar esse esforço, então não faz nada. Não tem nada lá. Não é isso? Então eu acho que o que você está colocando tem essas duas partes. Tem o crivo sim muito a ver e tem também uma falta de interesse de entender as distensões possíveis da própria instituição no nosso caso.

Nosso campo ele é expandido deste ponto de vista. Ele não está lá dentro só. Não sei se isso faz sentido para você? Quer dizer, quando o médico que dá aula lá na USP ele leva os alunos dele para as clínicas ele tem todo ali um palco assim dizendo para atuar, e é um palco oficial. Nós não temos isso. Nós não temos.

***Professor, o senhor gostaria de acrescentar mais alguma coisa que o senhor acha relevante?***

Só uma coisa muito simples e breve assim. Eu só não queria que o que eu estou falando aqui todo o tempo fosse entendido como uma reclamação ou que tivesse um tom assim para teimoso. Não mesmo. Eu não tenho nenhum problema em ser visto como improdutivo, porque isso eu não sou. Eu tenho consciência de que eu tenho uma produção e que esta produção é a base do que eu posso de alguma maneira tentar fazer os meus alunos entenderem, aprenderem, assim por diante.

Se no meu foro íntimo não tem nenhum problema com isso. Eu me considero uma pessoa produtiva. Mas eu estou muito mais preocupado nesta hora com a visão coletiva mesmo. Com um estado que a sociedade deveria ter mais alerta com relação à própria produção de conhecimento. E se esses

órgãos, que balizam, que monitoram, que fomentam, e tal, não tem essa sensibilidade, como é que você vai esperar que a população que tem muito menos instrumentos tenha? Então, estou muito mais preocupado com a construção de uma sociedade mais integrada, mais aberta, mas que esteja em diálogo. E não só ...Não é uma questão que passa por vaidade individual, de ser reconhecido, nada disso.

## **Entrevista 10**

**\*VALTER/ IES: UNESP/MACKENZIE**

Área de Atuação: ARTES VISUAIS

Data: 29/04/2009

Local: Sala de Reuniões - São Paulo

Duração: 12"

***Professor, o senhor conhece, possui cadastro no Currículo Lattes do CNPq, desde quando?***

Desde 1998, por aí....

***O senhor acha fácil o acesso ao currículo, tem facilidade no preenchimento?***

O acesso eu acho fácil, mas o preenchimento agora está melhorando, eu achava muito complicado para os leigos. Até sugiro que as instituições fizessem reuniões com os professores com uma pessoa especializada no preenchimento, porque nós perdemos muito tempo para preencher o Currículo Lattes, às vezes preenchemos errado, pode ser até que pareça má fé, mas não é. É por ignorância mesmo, porque cada um tem o seu universo, isso aí é uma coisa técnica, é só quem está por dentro, habituado a fazer. E sempre a gente tem dúvida. Eu tenho dúvidas e acabo colocando em lugares que eu mesmo acho que não esteja certo porque eu também não vejo outras opções, principalmente na área de Arte.

***Professor, com que frequência o senhor atualiza o Currículo Lattes?***

Eu atualmente atualizo durante o período todo do ano letivo para não deixar acumular.

***A sua instituição exige atualização periódica do Currículo Lattes?***

Sim.

***O senhor já começou a responder, mas eu vou perguntar mais objetivamente: o senhor considera as estruturas dos campos disponíveis adequadas à área de Arte?***

Não! Porque eu sempre sou obrigado a colocar algumas coisas como outras, outras, outras.... e isso desqualifica um trabalho que a gente tem de pesquisa, porque Arte é pesquisa e não pode ser considerado como outro, outro, outro.... ou seja, como uma coisa menor....

***Certo, aí eu aproveito então para perguntar: dentro das suas atividades, da sua produção acadêmica e artística, aquilo que o senhor considera mais relevante é possível colocar no Currículo Lattes ou o se dá um "jeitinho" como o senhor falou?***

É, a gente sempre tem que procurar onde se adequar melhor, ou em termos de relevância, porque para se preparar um texto acadêmico todo mundo já sabe como é esse processo, é mais próximo..... agora para se preparar uma exposição, as vezes você fica 2 ou 3 anos e fica ao mesmo tempo pesquisando também, porque o artista quando ele está com uma idéia de um projeto ele já está elaborando esse projeto e isso vem por trás toda uma teoria, sob um conceito, sob a construção de um pensamento, de um projeto, de uma série de obras a serem pintadas e o fazer é um resultado quase final, não é só o processo final, mas é um processo que é lento também e às vezes você prepara isso no mesmo tempo do que se gasta ao fazer um livro. Então eu vejo que se deveria ter um maior respeito com relação a essa área das Artes pelo Currículo Lattes. Porque agora é que o Currículo Lattes tem um espaço, mas até então não tinha .... nós considerávamos assim: "poxa eu que sou um acadêmico teórico, mas também da prática e parece que Arte ainda não é coisa mental", como disse o Leonardo da Vinci.

***Professor, que campos, o que o senhor acha que falta. O que o senhor gostaria de sugerir com relação à área de Arte no currículo? O que o senhor acha que não contempla ainda e que poderia ser melhorado?***

Eu agora é que estou mais a par do Currículo Lattes, mas ainda eu vejo a área de exposições não tão importantes como publicações, por exemplo. Porque ao expor, eu estou publicando toda uma idéia, todo um pensamento. Essa publicação que não é verbal, mas ela tem toda uma teoria por trás, ela tem todo um conceito pensado também. Não é só o resultado final.

***Professor, o senhor acredita, porque é assim: to partindo do pressuposto de que o Currículo Lattes virou referencia para as universidades, enfim... para avaliar a produção acadêmica e científica dos pesquisadores. O senhor acredita que os critérios podem determinar a produção artística na academia?***

É, eles acabam até nos engessando porque existe muito mais do que esses itens que o Currículo Lattes coloca. Eu acho até um pouco engessado com relação à parte criativa, a parte do sensível, fica ainda muito caracterizado a parte científica, a parte racional..... a parte de um trabalho mais livre, de pesquisas mais livres, eu vejo que é um desequilíbrio ainda.

***O senhor já se sentiu preterido pelos critérios do Currículo Lattes?***

No início sim. Principalmente quando eu colocava tudo “outros”, “outros”, “outros”.... porque não tinha onde colocar. Agora tem no Currículo Lattes a área de Artes Visuais que tem exposições dentre outras coisas eu estou me sentindo mais próximo como um pesquisador de uma academia porque até então eu me sentia meio excluído, como um “ser não pensante”, como eu disse.

***Professor, esse currículo fica à disposição das instituições, das pessoas e tudo mais. O senhor acredita que ele pode ser utilizado como um mecanismo de controle, de disciplina, entre pesquisadores?***

Olha não tinha passado isso pela minha cabeça ... mas um controle de disciplina no sentido de dedicação .... também é. Claro que é! Porque se você tem que preencher periodicamente, você tem que mostrar produção, é uma maneira de você ser cobrado, do “chicotinho” estar ali atrás....

***Professor, eu fiz uma pesquisa lá no site do CNPq e eu percebi que dentre todos os percentuais de fomento à pesquisa nas grandes áreas, somente entre 3 e 4% é concedido à área de Artes, sendo esta entendida como Artes, Letras, Lingüística e Multidisciplinar. Porque na sua opinião esse índice é tão baixo?***

Porque é como o próprio currículo. Desde o início ele sempre privilegiou a área científica e até com relação às bolsas FAPESP e CNPq sempre foi mais privilegiada essa área científica. Com relação à área de Arte o olhar é diferente ... não é científico. É um olhar de preconceito com relação à razão.

***De um modo geral para o senhor, que é um artista e que está na academia, o que é então considerada uma produção científica (não sei se é essa bem a palavra), mas na academia o que é considerada uma produção na área de Arte?***

A produção de conhecimento é a própria obra do artista. Porque ela não floresce da inspiração do dia para a noite. É igualzinho da científica. Um cientista, um literato, um matemático, um físico e um químico.... um da área da engenharia. Ele também tem um início, um meio e um fim. A pesquisa desde a sua pré-escola vai ser assim. Então, nas Artes é a mesma coisa. Tanto cênicas, musica, dança, literatura... é a mesma coisa. Nós vamos tendo essa formação desde a pré-escola e nós vamos nos direcionando no curso superior. Não vejo diferença nenhuma. Eu acho que é um trabalho em paralelo, mas não estão tão distantes e no fim sempre se encontram. São paralelos que se encontram. Arte e ciência está cada vez mais evidente que se encontram, dialogam e muito. Tem que parar um pouco essa cisão, com um olhar de inteligência só para a área racional, a área científica. A inteligência existe em todas as áreas, em todas as profissões e, felizmente para os artistas está ficando mais claro. Não vamos colocar que um Pelé não fez arte. Fez muita Arte, foi

muito inteligente em seu trabalho. Ele veio construindo o seu trabalho com muito suor, muito treinamento, muito conhecimento da área dele do futebol. Como também um Einstein, como também um Picasso, como um Van Gogh que fez em 5 anos toda a sua obra maravilhosa, quando Picasso fez o seu quadro em todo o século vinte, então eu não vejo diferença na produção intelectual do artista, ele trabalha nas suas buscas nos seus questionamentos, ele utiliza a sensibilidade, mas ele lê, ele estuda, ele tem as suas referências como tem um cientista também. Nada nasce pronto não, ele vai se formando, com conhecimento, como qualquer outro profissional em qualquer outra profissão.

***Professor, obrigada. O senhor gostaria de acrescentar alguma coisa?***

Sim, eu queria voltar naquela pergunta que você fez, se o Currículo Lattes é mais ou menos um olhar cuidadoso com a produção do professor. Eu acho que sim, como eu disse “o chicotinho está ali”, mas eu acho ao mesmo tempo que é bom a gente estar com o currículo atualizado por causa das outras instituições, outros pesquisadores, pessoas que querem conhecer melhor você. Eu, por exemplo, já dei cursos e continuo sendo convidado que pelo Brasil pessoas que me convidaram porque entraram e viram o meu currículo, porque se não tivesse atualizado talvez eu não tivesse sido convidado. Tem esse lado positivo também que eu acho.

## **Entrevista 11**

**\*ISABEL/ IES: UNICAMP**

Área de Atuação: POÉTICAS VISUAIS

Data: 30/04/2009

Local: Sala de Reuniões - São Paulo

Duração: 30"

***Professora, a senhora conhece, possui cadastro no Currículo Lattes do CNPq, desde quando?***

Sim, o meu cadastro deve ter uns 8 ou 9 anos... acho que foi logo que começou, mas a data exata eu não vou saber. Quando começou eu fiz em seguida porque eu sou da UNICAMP e então foi feita a exigência para que todos os docentes fossem cadastrados, porque lá é uma Universidade Estadual e passou a ser obrigatório.

***A senhora acha fácil o acesso ao currículo, tem facilidade no preenchimento?***

Não é um dos mais difíceis. Se pegarmos o SIPEX da UNICAMP como exemplo, que é difícilíssimo, impossível, a não ser para quem domine o programa, então eu acho que o Lattes não é assim tão complicado. Então lá além do Currículo Lattes como acesso de toda vida do docente e do pós-graduando é pelo SIPEX que é um sistema só da Unicamp Ele é parecido com o Lattes, mas é bem complexo e difícilíssimo. Só os técnicos mesmos conseguem fazer o preenchimento.

***Mas o Lattes a senhora consegue?***

Não de cara. Precisa de uma ajuda, mas acho que depois a atualização de dados é possível... eu o faço. Eu peço para os técnicos da UNICAMP. Entrego todos os documentos anuais e eles mesmos fazem a atualização para mim.

***Então, neste caso, a senhora atualiza com que frequência?***

Uma vez por ano. Não faço semestralmente não.

***A senhora até já comentou, mas porque a senhora preenche/atualiza seu currículo?***

É obrigatório, mas eu também acho que é correto você ter esses dados atualizados porque é um órgão, uma fonte de consulta de todo o meio acadêmico. Não é só MACKENZIE, USP, UNICAMP, é todo o pessoal, inclusive de outros lugares como Rio ou Brasília. Se alguém está procurando um orientador, por exemplo, ou quer saber em que área você atua. Então o Lattes é uma referência nacional para qualquer docente, para

qualquer atividade desse nível, principalmente para a Pós-Graduação. Eu acho ele fundamental como acesso à informação.

***A senhora considera que os campos que estão disponíveis no formulário são adequados para registrar as atividades acadêmicas dos professores de Arte?***

Não. Não sinto isso. Eu acho que dificulta um pouquinho ... porque as vezes você coloca uma exposição se é coletiva ou individual, dependendo do tipo de trabalho que você está realizando ou se é um artigo ligado à arte, às vezes ele não registra exatamente como é ou pontua como é aquela atividade que você desenvolveu. Então eu acho que uma certa adequação ao artista, ao professor em Arte, poderia ser feita sim.

***No caso da sua produção, a configuração que existe permite à senhora registra aquilo que considera de maior relevância e quais seriam essas atividades?***

As atividades que eu faço é o meu próprio trabalho como artista plástica fora o lado da pós-graduação que dou aula, tenho orientandos, e na graduação ... isso não tem problema. Agora, quando você desenvolve uma pesquisa individual, uma pesquisa artística, que não envolveu de repente uma exposição a cada 2 ou 3 anos num museu ou numa galeria, eu acho que o Lattes não pega essa atividade. Porque tem que ter comprovado de alguma maneira. Então, as vezes você passa de 3 ou 4 anos numa mega produção artística de pesquisa maravilhosa e não tem como colocar o seu trabalho no Lattes, porque você não tem um campo, desde que não seja documentada. Ou seja não considera aquilo verdadeiro, “entre aspas”... Então, para o artista, sempre essa nossa produção – porque você pode ficar até 10 anos sem expor – não significa você não está trabalhando.... na verdade está trabalhando e muito, dentro do trabalho do ateliê... e não é considerado porque o programa visa determinados órgãos, pede datas... que ano, que dia que foi realizada aquela exposição... qual é o nome, o local, cidade... então, São coisas que vão classificando o trabalho que, no nosso caso, você escreve poemas ou textos, ou está escrevendo um livro para o futuro... isso nada é computado. Sempre foi assim.... no SIPEX também não entra... é assim....

***Neste caso professora, o que a senhora gostaria de sugerir que fosse incluído para abrigar essa produção?***

O processo criativo. Como algum item que entrasse qual a pesquisa que foi desenvolvida no momento pelo artista, as linguagens adotadas, técnicas que estão sendo desenvolvidas, algum tipo de mídia diferenciado dentro do seu processo, temática da pesquisa, qual o tempo que você vislumbra para o fechamento de um ciclo desse processo criativo. Você pode falar: “estou na fase embrionária”, eu “estou desenvolvendo um estudo...” ou eu “estou na fase da obra”...., “estou na fase do fechamento do processo”, e computar uma coisa de 5 ou 10 anos... uma coisa “pequena”... no sentido de tempo, por exemplo um mestrado leva 2 anos e meio... ah, levou um título... as vezes você faz uma obra de 10 anos e não tem como registrar isso... porque está fora da instituição, está fora do mercado.... da galeria, do museu... eu acho que a única coisa...mas isso não é só o Lattes não... isso é sempre assim, ou seja, tudo o que você não consegue documentar ele fica por fora e às vezes esse “fora” é muito importante. As leituras realizadas, ou seja, todo o contato de você faz com a filosofia, com a literatura para fundamentar o seu trabalho, eu acho que tudo faz parte da formação da gente e que você está passando para o seu aluno como docente, eu não sei, eu acho muito difícil isso um dia acontecer, mas acho que a luta tem que haver, para a gente tentar melhorar um pouquinho essa questão de trazer o que a ciência considera como meio de trabalho dentro da Universidade, do corpo docente válido e do meio artístico que é diferenciado. Se ele é diferenciado, deve haver meios e canais que justifique e que mostre essa diferença e qualifiquem a validade disso.

***De um modo geral, a senhora que está na Unicamp e experimenta como é que a Arte está dentro da Universidade o que é considerado na academia uma produção na área de Arte? Como é que o professor da área de Arte se situa na academia?***

Ele se situa se fizer parte do instituto que é nomeado dentro das poéticas visuais, como eu estou contratada dentro do Instituto de Artes. Eu poderia estar dando aula na Educação, ser uma artista plástica, mas estar na educação. Então aí fica mais complicado. No meu caso e de outros colegas a gente está concursado diretamente num departamento que é voltado para as Artes Plásticas. Então eu estou no Instituto de Arte da Unicamp, no departamento de Artes Plásticas. Então aí toda a minha atividade tanto junto ao discente, quanto aos meus colegas, aos programas que são discutidos para as disciplinas, as reuniões departamentais, as atividades que a gente desenvolve, tudo é voltado para a Arte por conta do departamento ao qual eu

pertenço. Poderia estar fora; estar na arquitetura e ser uma artista plástica. Ai já começaria a ter uma diferenciação entre a atividade do departamento e a tua formação.

***Como é que o departamento, enfim, esta área é vista dentro da Universidade?***

É praticamente nula. É nula. Não existe incentivo nenhum, porque todas as áreas das ciências acabam ganhando ênfase da Universidade. Isto porque há interesse da própria indústria, do próprio governo... enfim, de todos os setores que formam a sociedade tem interesse em ver ou a medicina ou a administração ou a economia ou o direito ganharem pesquisa, ter força. Então há um incentivo para isso. As Artes sempre foram assim, vista como o “patinho feio”, ou aquele que é o degenerado da família. O artista e a arte não entraram ainda em nosso país como uma área de conhecimento, por mais que seja diferente esse conhecimento, e não é daquele que eu comprovo com uma hipótese, tese, antítese, você não tem isso na Arte. O processo criativo se faz por meandros as vezes desconhecidos, do inconsciente, do imaginário, da sensibilidade, da intuição, de todo um domínio técnico... de todo um procedimento, de todo um conhecimento, de leituras, de coisas que você vai tentando abarcar dentro do teu trabalho, então ele vai se enunciando aos poucos... e as vezes aquilo que você previa no começo não ocorre e dá outra coisa. Então, você não está dentro de um campo comprovável como a ciência... e para a sociedade isso fica sendo uma coisa, não sei se é bem vinda ou não. Não são todas as pessoas da sociedade que vem a arte com bons olhos. Acaba acontecendo isso com o departamento de arte, mas não é só na Unicamp não... seja na ECA, seja no Rio de Janeiro, seja em Brasília. So setores que menos recebem incentivo, verba inclusive. A gente recebe pouca verba.

***Com relação ainda ao Currículo Lattes: como a senhora mesmo disse ele é a referencia. Então as instituições se utilizam dele para avaliar as produções acadêmicas dos professores. A senhora acredita que ele pode avaliar com eficiência a produção acadêmica? Como é que fica a situação do professor neste caso?***

Eu acho que 100% não. Ninguém avalia por um sistema desses, ou qualquer sistema pode avaliar uma produção, seja lá de quem for... mas é um dos órgãos que mais se aproxima de uma realidade, daquilo que um docente faz no seu departamento. Acho que é o que mais se aproxima, pelas perguntas, pelas colocações que são feitas... vários setores, então a atualização que você vai fazendo... tem orientandos, pesquisas, congressos, trabalhos publicados, área de pesquisa, quantos mestrados você já orientou, quantos mestrados e doutorandos já foram defendidos... está tudo lá registrado. Então, passa de alguma maneira a aproximar muito do que um docente faz ou não. Eu acho válido, porque você tem acesso a esse cadastro e ele é aberto a todo mundo, o que é maravilhoso.

***Como a senhora disse, o currículo fica à disposição de todos. Seja dos professores, dos alunos, das instituições. A senhora considera ou acredita que ele funciona como um instrumento de vigilância e controle ou de disciplina?***

Olha, eu nunca vi por essa ótica o Currículo Lattes. Eu acredito muito mais nele num sentido positivo ao abrir a informação a todo mundo, e que foi por isso que ele foi criado, instituído, do que a uma vigilância... porque uma vigilância se daria se fosse possível dentro do departamento que você atua. Você tem órgãos, direção ou chefias que fariam esse papel. Eu acho que o Lattes não. Não sinto que tenha isso. Eu sempre vi o Lattes pelo lado positivo, justamente por essa abertura que ele possibilita ao meio acadêmico de você ter acesso. Onde você teria uma informação sobre aquele docente ou sobre a área de pesquisa dele, se ele orienta e não orienta? Porque você tem meios dentro da Unicamp, ou até mesmo no Mackenzie, na Unicamp a gente tem por exemplo, um relatório trienal docente e lá você tem que fazer tudo e ele passa por uma análise da reitoria. Ai sim. Aquele docente, com todas as suas atividades, é analisado se é compatível com o cargo dele, a sua classificação, quantas disciplinas ele ofereceu, quantos orientandos ele tem, defendido ou não... ali sim, eu acho que o trienal avalia, mas o Lattes não vejo que tenha esse lado negativo. O Lattes não. Não sei se alguém vê, mas eu não vejo.

***Como o Currículo Lattes virou referencia, tem um formato, uma padronização.... eu queria saber se a senhora acredita se isso influi na produção acadêmica ou não?***

Se há algum profissional que vai fazer só o que é bom para incluir dados no Lattes: tem que ter dois livros por ano, etc, eu acho que esse não é um bom profissional... não sei, eu acho que é o contrario. Você tem



que ser sério profissionalmente, desenvolver o seu trabalho, independente de onde vão te classificar, independente de Lattes, de SIPEX, até da Direção da sua escola. Eu acho que o seu trabalho tem que ser sério. E aí é claro que você vai colocar os dados que você tem dentro dos órgãos, que é o currículo Lattes, que é o SIPEX, que é o trienal... agora, fazer o inverso, produzir para incluir no Lattes, eu acho que é “forçar” ... você estaria forçando, se deixando levar ... eu não sei... porque não é por aí que eu vejo a minha vida ....

***Teve um momento na entrevista em que a senhora falou das bolsas... eu fiz uma pesquisa no site do CNPq para verificar o percentual de bolsas nas áreas. No caso da área de Arte é agrupada com Letras, Linguística e Multidisciplinar que é uma área nova. Essa área tem entre 3 e 4% do total das bolsas. Porque na sua opinião esse índice ainda é tão baixo com relação a outras áreas de conhecimento?***

Eu acho que está atrelado àquela questão: de como a sociedade vê a Universidade, ou seja, áreas que ela tem interesse, onde ela de certa maneira incentiva mais, precisa mais do que a área artística. Então eu acho que isso também influi nos índices de bolsas. Apesar de que me parece ter havido um acréscimo grande de bolsas no ano passado, tanto que lá na UNICAMP a gente teve surpresas no nosso Departamento. A UNICAMP recebeu um comunicado de última hora que teve um aumento de bolsas e que tínhamos que procurar nossos orientandos para saber como distribuí-las. Então eu acho que houve um aumento, talvez por questões de pressões, ou de necessidade... ou igualar mais as áreas, mas eu acho poucas, principalmente em relação a outras áreas. Mas aí você tem que ver, por exemplo, engenharia: tem Mecânica, Elétrica, Naval, etc.... também tem tudo isso, eu não seria a pessoa mais indicada para fazer análise dessa ordem para tecer qualquer comentário sobre quantidade de bolsas... acho que aí seria o pessoal da própria CAPES que deveria ver quais são as áreas de conhecimento, das áreas Humanas, quais seriam: Letras, História, Filosofia... e começar a dar para cada área do conhecimento igualmente, eu acho que distribuir igualmente essas bolsas, mas aí eu não tenho esses dados. Eu acho, sem dúvida pelo que eu ouvi falar eram poucas, pelos coordenadores da pós, quando se tenta uma bolsa junto à pós-graduação, docentes nossos quase não tem acesso à bolsas então eu acho que é uma área muito restrita mesmo. Eu tive a sorte de ser da Unicamp, do meu lado eu sou privilegiada. O próprio Lattes tem um convênio quando o docente é de São Paulo e dá aula na Unicamp, então existe uma “meia bolsa” automática para nós. Então eu tive mestrado com meia bolsa o tempo todo e tive o doutorado com meia bolsa o tempo todo. Então sendo docente ha uma bolsa-auxílio e eu só posso achar ótimo porque no meu caso sendo docente e morando em São Paulo houve essa possibilidade. Agora quem trabalha em instituições particulares não tem acesso à bolsa e eu acho que aí era uma coisa que poderia ser revista. Neste ponto, porque depende, pois você não pode achar que uma pessoa que tem 10 horas aula que dão no Mackenzie, na FAAP, na São Judas, que aquele pai de família consiga fazer um mestrado ou um doutorado com uma pequena carga de alguma faculdade em que ele esteja dando aula, eu acho que ali deveria entrar uma bolsa e não pode. Basta você estar trabalhando que você não pode ter acesso à bolsa. Nem CAPES nem FAPESP, eles não autorizam... e se sabem você tem que reembolsar . Eu acho que aí é um ponto crítico na formação de conhecimento de nosso país. Eu já vi vários colegas meus precisando da bolsa , pais de família que dão pouquíssimas aulas e só porque estão numa Universidade perderam o direito à Bolsa. Então esse é um ponto que eu acho que deveria ser revisto junto à CAPES e à FAPESP. Dá para ajudar esses profissionais desde que justifiquem uma baixa renda, mas é claro se ganha 5000 ou 6000 reais não justifica uma bolsa. Mas acho que poderia ser como o Mackenzie faz: uma triagem do aluno, quem vai ser bolsista pelo imposto de renda, pela comprovação de documentos, então eu acho que a CAPES também poderia fazer isso. “X”salário justifica a bolsa, abaixo daquele salário comprovado eu acho que justifica. Estes critérios poderiam ser revistos: critérios de cotas de bolsa, ou seja, quantidade de bolsa para cada departamento e critérios com relação aos que trabalham e recebem pouco com direito a bolsas, ao meu ver, por anos dentro do ensino e por perceber que prejudicou muito.

***Professora, a senhora gostaria de acrescentar alguma coisa sobre a temática?***

Eu acho que só uma curiosidade com relação ao teu trabalho. Você está fazendo essa pesquisa, todo esse trabalho, desenvolvendo no Mackenzie, junto ao Programa de Pós e o teu objetivo é detectar a realidade do Lattes ou ajudar de repente em lacunas ou reforçar pontos positivos... como é que está o seu trabalho?

***Então, a minha idéia é dar voz a todos os lados. Propor uma comunicação. Então dar voz ao CNPq, como ele vê essa ferramenta, como ele vê a receptividade dos professores, o que ele espera, quais são as novidades que vão aparecer ... que são muitas, porque eu já fui lá e já descobri... por outro lado, como é que funcionam os comitês com relação ao CNPq e qual é a percepção dos professores sobre esta***

*ferramenta porque a gente não quer transformar essa plataforma num monstro, então o que a gente quer ver: dar voz aos professores para saber quais são as percepções, o que é que eles sugerem, como a área de Artes é vista, porque o que sai muito é que os professores reclamam que eles tem que colocar tudo em outros, que já vem mudando, mas então assim, que a gente sabe como é que está sendo esta interação. Porque o sistema está aí, ninguém pode negar, ninguém pode fugir dele, então na verdade é promover esse dialogo e verificar que pontos poderiam ser melhorados na plataforma ou, em que o professor poderia contribuir também, se ele é ouvido, se não é. Porque as vezes o professor fala “ai, a gente reclama mas ninguém ouve. Ouvir o outro lado: “eles reclamam?” ou não...*

Então, aí eu acho que como sugestão, assim como nós temos que anualmente fazer a atualização, caberia ao comitê do próprio Lattes, deve ter um grupo lá que gerencia tudo, quando começa a repetir uma determinada questão, por exemplo. “outros”, fiz um artigo, fiz uma exposição individual, trabalhei tantos anos em pesquisa tal e isso começa a ser de mais de um “x” grupos de professores é porque aquilo é uma rotina no trabalho do conhecimento. Então, depois deveria ser reclassificado. Entrar como item de classificação. Então, essa atualização da plataforma poderia ser, se não anual, a cada 2 anos. E ela própria ir se reformulando a partir do que ela vai percebendo da dinâmica do trabalho docente, das mudanças que vão acontecendo até mesmo em termos de tecnologias, de técnicas, de linguagens e necessidades sociais, pois com essa crise, por exemplo, de repente a bolsa poderia se estender a muito mais gente ou aumentar o valor, ou ter uma ajuda de custo para material de impressão final, ou seja, alguma coisa que se fosse percebendo a realidade do momento, como a demanda está se processando e ela própria fazer as mudanças, quer dizer, não só a gente se atualiza mas eles também. E ter um canal de comunicação. Talvez um email, de fale conosco, ser uma voz viva de todo mundo com essa equipe de repente. Não que eles vão ficar mandando resposta, mas que a gente pudesse fazer contato. Não sei, uma coisa mais dinâmica talvez, porque eu pelo menos acesso o Lattes e só, não sei quem está lá. Não tenho a menor idéia de como é a estrutura do Lattes, do pessoal, desconheço os procedimentos. Acho que quase ninguém tem esse conhecimento. Eu acho que hoje com a internet poderia formar esse canal, talvez de uma conversa por email, não sei... aberto a sugestões, mudanças, uma equipe, um grupo...

**Obrigada professora.**

## **Entrevista 12**

**\*THIAGO/ IES: MACKENZIE**

Área de Atuação: ARTES VISUAIS

Data: 04/05/2009

Local: Sala de Reuniões - São Paulo

Duração: 56"

### **Professor você conhece e possui cadastro no CNPq? Desde quando?**

Sim. Conheço o Currículo Lattes e sou cadastrado desde a origem do Lattes no período, não me lembro exatamente quando, acho que em 2000/2001, quando surgiu a plataforma eu atuava como professor pesquisador para a PUC-Campinas. Era exigência da própria instituição que todos seus pesquisadores preenchessem o Lattes o mais rápido possível.

Inclusive na época foi orientação de que nós preenchêssemos tendo como 2000/2001, o ano zero da produtividade. Então a gente preencheu o campo de formação acadêmica, os campos de pesquisa, ou seja, aquelas primeiras entradas. E depois toda aquela parte de produtividade nós incluímos aquele ano. E, obviamente, que a orientação era que com o tempo vai se preenchendo retroagindo nos anos. Por exemplo, tem de 99, de 98...Confesso, nunca fiz isso.

Portanto o Currículo Lattes registra a minha produção acadêmica a partir deste ano, de 2000/2001. É uma coisa que eu sei que eu deveria ter ele todo, embora a gente precisa do Currículo Lattes por alguma questão ou busca de fomento, bolsa de estudo, obviamente eles vão avaliar a produção dos últimos três anos. Então com isso gera uma preguiça automática e você acaba não preenchendo. Mas como você viu, a minha atuação docente começa em 84, portanto tenho 16 anos de produção e produção forte eu consideraria sem esse registro. Existe ainda uma expectativa para minha vida de retroagir e completá-lo integralmente. Particularmente os campos de produção intelectual, periódicos, livros, artigos e tudo mais. Mas isto é uma coisa que eu ainda não fiz.

### ***Você acha fácil o acesso ao currículo? Tem facilidade no preenchimento?***

Olha, eu acho fácil. Não é o aplicativo que é ruim, mas ele é chato. Porque ele vai abrir vários campos e você tem que dar conta de preenchê-los. Normalmente a gente faz o preenchimento em momentos de datas estranguladas e aí a gente acaba faltando algum detalhamento que a gente poderia pôr até em favor da nossa produção mesmo. Então a gente acaba preenchendo os campos obrigatórios. Muitas vezes aquele campo de explicação e de observações a gente acaba não fazendo porque não são campos que travam, digamos o acesso à informação. Então eu acabo, digamos assim, ele é mais chato de ser preenchido do que difícil. Eu considero assim.

### ***Com que frequência você atualiza seu currículo?***

Pois é. Eu todo o começo do ano eu decido, além de emagrecer, preencher o Currículo Lattes assim que a produção esteja certificada. Mas eu não consigo. Eu tenho preenchido em média uma vez por ano. Particularmente em dezembro, janeiro, que é um período que a gente está mais tranquilo pelo fato de eu atuar em pós-graduação. É exigência do Coleta CAPES, então eu acabo preenchendo nestes períodos. Um evento ou outro que eu considero importante anunciar de imediato eu acabo colocando. Particularmente, a produção de livros, artigos, capítulos, eu acabo inserindo antes deste grosso do conjunto de atuações do ano. Este ano a gente vai ter que antecipar para outubro porque vai ter avaliação docente interno da UPM.

### ***Porque você preenche e atualiza o Lattes?***

Olha, eu acho que na origem do sistema era porque era necessário. Senão você teria prejuízos profissionais. Mas depois com o tempo, o Lattes já se vão 10 anos, a Plataforma Lattes, então a gente acaba compreendendo que ali existe uma cultura de informação. Eu mesmo, como eu digo para você, se eu preencho o meu currículo uma vez por ano, eu acesso currículos dos meus interlocutores várias vezes por semana. Então é quase que um hábito.

Hoje em dia se alguém me procura para uma troca de experiência, para me convidar para alguma ação conjunta, eu sempre vou colocar lá na busca do currículo o nome dessa pessoa para saber quem é ela, o que tem produzido. Então o filtro é um indicador efetivo de compreensão da dinâmica produtiva de cada pesquisador. E eu sei que muitas pessoas me procuram justamente pelo meu Currículo Lattes.

É muito comum você ser convidado para uma conferência, para uma palestra ou para uma atividade de pesquisa em comum por conta de você ter acumulado um conjunto de experiências, de compreender um aspecto diferenciado do seu campo de atuação e o currículo Lattes é e tem sido um intermediário de ações de pesquisa e produção. Então hoje eu entendo que o preenchimento do Lattes não é mais uma questão obrigatória. É uma questão de cultura mesmo, de informação curricular. A CAPES exige, o Mackenzie vai passar a exigir agora com a avaliação interna do docente.

### ***Você considera a estrutura dos campos disponíveis no formulário adequada para as atividades acadêmicas da área de artes?***

Eu diria o seguinte. Aquele texto de abertura que normalmente vem acompanhado da foto e tal e que muitos pesquisadores não colocam foto...Eu mesmo decidi que o sistema foi se aprimorando e surgiu a possibilidade de você ter uma imagem e eu fiquei em dúvida, isto é brega colocar imagem, é uma ação cafona ou não você ter a sua imagem no currículo? Mas depois a gente começa a perceber que as pessoas te conhecem, as pessoas buscam a tua imagem.

Muitas vezes, em algumas circunstâncias, as pessoas entraram em contato comigo porque me convidaram para um evento e ligam e diz "olha a gente queria colocar na divulgação do evento uma foto sua, pode ser a do Currículo Lattes? Então você começa a perceber que até a imagem que a gente coloca, o retratinho ali, é funcional. Então eu acho que é bacana.

E aquele primeiro campo eu acho que é o mais prazeroso de você preencher, porque ali você vai estabelecer uma síntese de quem você é, qual é sua formação, quais são os seus interesses de pesquisa. Eu acho que é o único campo do currículo da Plataforma Lattes que me possibilita abrir perspectivas. Que me permite dialogar... Que as pessoas, por exemplo, que procuram meu currículo dialoguem comigo para o que a gente pode fazer junto e não por aquilo que eu fiz.

Todo o resto é um registro do passado. Isto é uma questão assim...ela é enfadonha porque eu já fiz isso. Mas eu tenho que oferecer o registro. Então não tem, digamos, qualquer viagem entusiasmo de

you falar “oba, vou preencher isto aqui”. O bacana mesmo é de você fazer a coisa, é publicar, fazer uma exposição, oferecer um parecer técnico para alguma revista ou alguma agência, isto é o bacana da ação de pesquisa de docência.

Agora o registro é aquilo que você está trabalhando a partir do que você já fez. Então aquele campo inicial eu acho bonito porque eu posso dizer “olha, tenho interesse nisso, inclusive meus campos de interesse são esses, esses”, e aí as pessoas vão me encontrar de fato. Agora, os outros campos, por exemplo, se eu tenho um campo de imagem para eu colocar meu rostinho eu poderia ter no segmento de artes um campo para eu inserir imagens artísticas também, de produções que eu fiz, realizei, se são inéditas ou já expostas e até mesmo fotos dos espaços em que eu expus.

Então eu acho que tem aí um fator que o sistema já que é um aplicativo que absorve imagens, ele poderia ser mais expandido neste aspecto porque às vezes você colocar lá exposição individual, galeria, tal, ano tal, é muito pouco para você dizer do que foi apresentado. Da mesma forma um capítulo de livro. Você coloca lá livro tal, página tal...O que é isto aí? É apenas um indicador. Então ele poderia ser talvez menos frio, menos numérico, menos quantitativo e mais quente no sentido de ser, de ter algum tipo de espaço onde o seu currículo pudesse se manifestar não por índices além.

Eu acho que o indicador quantitativo é importante porque é um rankingamento e isso eventualmente se traduz em números naquela questão da produção “C e D”, OK. Mas eu acho que poderia ter campos mais lúdicos, digamos assim, particularmente para o campo de arte ou dos campos de produção do conhecimento que seriam mais criativos ou mais humanizados, no sentido de ter campos onde você pudesse expor produções que não apenas traduzidas em páginas, números e títulos. Mas eu também não sei como isso poderia ser feito. Realmente é uma questão de ter acesso à base, aos bastidores do aplicativo.

***Aqui eu ia exatamente perguntar se você considera os campos, o aplicativo, enfim, que estão lá disponíveis hoje, se eles são adequados, suficientes?***

Ora, veja só. Eu acho que eles são relativamente adequados e não são suficientes. Porque, veja só, se eu penso numa produção artística eu tenho que pensar no campo da produção intelectual da produção acadêmica, eu tenho que pensar que eu mesmo sendo pesquisador em arte, mesmo sendo artista, eu penso em artes como ciência.

Então ele tem que ser tratado como qualquer outro campo do conhecimento contemporâneo. Então dar título, número de páginas, o número de obras, o local, seja lá editora ou galeria, isto tem que ter. Não tenho dúvidas disso. Mas, por exemplo, quando a gente está discutindo o *qualis* artístico... Não sei se você sabe está surgindo o *qualis* artístico. Ele está com um vulto de indicadores e que deve ser continuamente aprimorado e quem está à frente é a professora Tupinambá, da Universidade do Rio de Janeiro (Unirio). Eu acho que o nome dela é Marta. Ela que ficou pela Capes para resolver o *qualis* artístico.

E nós estivemos na ANPAC, no encontro da Associação Nacional de Pesquisadores de Artes Plásticas, que aconteceu no ano passado, em Florianópolis, e este ano acontece em Salvador. Ela fez a conferência da abertura justamente para falar das primeiras notícias para a comunidade de pesquisadores em artes sobre o *qualis* artístico. E ela colocou que o aplicativo do Lattes estava sendo revisto neste campo da produção artística e que ela pedia, orientava a comunidade de no campo de detalhamento descrever o melhor possível aquilo que foi realizado.

Por exemplo, e o *qualis* artístico é amplo tanto para as artes visuais, teatro, dança, artes cênicas, música e tudo mais. Então, por exemplo, se você coloca lá um item produção, exposição individual de arte, galeria tal, ano tal, ninguém sabe quantas obras foram produzidas, que materialidades foram expostas, que tipo de impacto teve. Então ela sugeria que nesse campo de detalhamento fosse colocado, por exemplo, exposição de 15 obras, óleo sobre tela, formato tal, exposição de arte figurativa, ou seja, uma exposição de arte figurativa com tendências surrealistas e tal.

Depois colocaria impacto tipo “a exposição foi noticiada no jornal Folha de S.Paulo, no Estadão, foi objeto de crítica na revista Vejinha, ou seja, colocar, digamos, um espectro maior. Só que daí a gente se depara com a contradição daquilo que é quantitativo e o qualitativo. Porque conhecendo os artistas como a gente conhece em 25 anos de atuação como pesquisador, você começa a perceber que ali é um espaço para dizer muito e não dizer nada.

É um espaço para você tecer considerações auto reflexivas sobre a beleza do seu trabalho, os autos-elogio que surgem entre os artistas. Então isto também não é o mais justo, o mais adequado. Eu acredito que teria de ter um formato que pudesse ser discutido pelos artistas, mas que gerasse no aplicativo um formato único. Por exemplo, número de obras tem um campo ali que cabe de 0 a 100, digamos. Foi noticiado? Sim ou não. Mídia: local, regional ou nacional.

Como tem lá “foi publicado em português, livro estrangeiro” você teria que ter estes filtros para você dar uma dimensão do que foi sem fazer a tradução, a condução, porque o artista quer queira quer não a gente forma opinião, a gente forma imagem, não como os políticos, e tal. Mas a gente forma opinião sobre a obra e particularmente no mundo contemporâneo em que a compreensão da obra de arte tem que vir com bula. Então, os artistas começam a fazer uso deste espaço detalhamento para dar a bula do seu próprio trabalho.

E aí quando você vai fazer, digamos, uma avaliação do seu trabalho, você pode se debater com um trabalho que você não vê muito ruim, mas com uma descrição ótima e muito elaborada. Como você pode ter o contrário. Um trabalho maravilhoso e um artista que talvez não tenha o recurso do diálogo, da elaboração teórica, ele vai ser simplista e você vai achar que aquilo não vale nada.

Outra questão que se coloca, a validação dos espaços do *qualis* de exposições, por exemplo, você pode por uma galeria de arte privada, você pode por no espaço público. Existe galeria cujo dono decide quem expõe e existem galerias que tem conselho de curadores. Existem espaços públicos que abrem editais e existem espaços públicos que são geridos pelo coordenador da Pinacoteca ou chefe de museu da prefeitura ou do governo. E eles também têm essa liberdade de chamar quem ele quer.

Outra coisa, daí a questão, ali mais um trabalho que passou pelo crivo de um edital, por exemplo, que teve um júri que selecionou as exposições do ano, vale mais do que uma exposição feita numa galeria que pode ter sido feito num arranjo pessoal. Só que aí, um artista consagrado, um pesquisador consagrado, ele não se submete mais a um edital.

Porque quando você quer participar de um congresso, por mais consagrado que você seja na área, se você não for convidado entre X conferencistas, porque daí tem uma dinâmica do próprio evento que não vai chamar você sempre, todo ano, existe um rodízio, digamos assim, você querendo participar você tem que mandar um artigo para avaliação. E teu artigo pode ser aceito ou não.

Já no campo da produção artística em si não é assim. Se eu não sou convidado para expor, digamos, na Pinacoteca, eu não vou solicitar um espaço para a Pinacoteca ou não vou entrar num edital de jovens que querem acesso, querem visibilidade. Eu já tenho. Eu não preciso disso. Então não vou acessar. Eu vou expor numa grande galeria cujo marchand já me conhece, cuja imprensa já me conhece e ali vai sair uma belíssima exposição com todo impacto de divulgação, de reflexões a respeito.

Então, por exemplo, existem contradições... Então os jovens pesquisadores, os jovens artistas querem valorizar o Lattes porque eles estão neste circuito de salões de arte, de certames, de concursos. Os grandes pesquisadores, aqueles já legitimados, acham que isso não é relevante. Então tem contradições relevantes até entre os diferentes grupos, os diferentes tempos de formação, as diferenças de maturidade de pesquisa.

Então nesse sentido acho que você expor, por exemplo, hoje você expor numa galeria Paulo Villaça é muito mais importante do que você expor, digamos, no Paço das Artes. Só que o Paço das Artes é público, têm curadores. O que é o quê? Então esse dilema ainda não está resolvido para a plataforma.

***Você já falou aqui o que não está contemplado na área de artes. Os campos você também sugeriu. Então quero perguntar da configuração que existe hoje, ela permite o registro daquilo que você considera de maior relevância?***

Ela permite o registro, mas talvez não da forma mais adequada. Nada fica de fora no Currículo Lattes. Só que às vezes, por exemplo, hoje o aplicativo até já vem com algumas correções que eu considero elogiáveis. Por exemplo, antigamente a curadoria de uma exposição era considerada uma atividade técnica. Uma palestra era considerada uma atividade técnica. Hoje ele é atividade intelectual dentro de algum campo que não é a produção mais nobre que seria a produção bibliográfica. Mas ela é considerada ação intelectual.

Por exemplo, no meu caso eu basicamente todo ano sou convidado para fazer uma conferência na Faculdade Mozart que é uma faculdade de artes que fica na Zona Norte de São Paulo, em Santana. Quando eu vou para lá eu levo uma palestra sobre algum tema do meu interesse, do meu campo de investigação, mas que interessa ao alunado dos cursos de artes, música, artes cênicas, design e tudo mais.

Eu falo para mil pessoas, 800 pessoas. Eu me pergunto: quando eu escrevo um artigo numa revista acadêmica qual é o impacto? Você falar duas horas sobre um determinado tema é muito mais daquilo que você ler um artigo em 15 minutos. Só que o formato é outro. Existe um registro. A revista registra a sua reflexão. Você tem ali toda uma construção acadêmica, metodológica, científica. Numa palestra, eventualmente você pode brincar, você pode desviar, então é outro circuito, digamos assim. É outro desenho de oferta de informação.

Mas eu, particularmente, me sinto mais envolvido intelectualmente, desafiado intelectualmente a construir uma palestra onde eu posso apresentar meu ponto de vista e este ponto de vista ele é sempre instruído pela formação que você tem. Não é um ponto de vista desavisado. Você apresenta imagens de forma semi proliferada, mas 100 imagens em duas horas. Uma revista não consegue absorver um artigo com 100 imagens.

Então você tem que ser restrito. Você tem que lapidar às vezes o teu ponto de vista. Você perde até as próprias idéias da criatividade, da inventividade, do momento que é algo que a arte trabalha. A arte trabalha com os desvios, com o acaso, com o erro. E isto nem sempre a produção acadêmica, mais oficial, digamos, mais considerada, absorve.

Por isso que eu acabo como pesquisador, mesmo a Capes dizendo que o que pontua é artigo, eu não deixo de fazer aquilo que me dá prazer de fato. Porque eu acho tão relevante, é tão revigorante para mim quanto escrever um artigo e fazer uma palestra ou fazer um debate, uma mesa redonda. E as coisas surgem. Questionamentos surgem. O periódico normalmente ele é um diálogo muito silencioso.

Por exemplo, a pessoa lê o seu texto...Recentemente eu recebi um e-mail de uma professora da universidade do Rio Grande do Sul dizendo "caro **Thiago\***, soube do seu texto, entrei em contato com o seu texto tal, tal, só que eu não tenho as referências dele e gostaria de ter esse texto como objeto de estudos com os meus alunos".

Eu fui no Lattes, localizei o texto e fiz um recorte e coleí e mandei como resposta para ela a indicação. Ai ela me respondeu agradecendo. Ela ainda acrescentou "que incrível que nós estivéssemos no mesmo encontro da ANPAP, no Rio Grande do Sul, e não nos conhecemos pessoalmente". Ou seja, ela só foi me conhecer lendo o artigo. E como ela é professora, ela teve o interesse em aplicar aquele meu artigo para o conjunto de alunos dela. Ela buscou interlocução.

Muitas vezes as pessoas lêem e até tem questionamentos para fazer, dúvidas que surgem ou outras idéias, ou não se sentem motivadas ou inibidas ou o tempo não permite que entre em contato para discutir. E arte...estranho, alguém mandar..."olha eu li um texto seu e gostaria de discutir sobre ele com você". As pessoas não fazem isto. Numa palestra não. A pessoa levanta a mão e diz "olha, você falou isso, o que significa? Não entendi o que é". Ou então "eu penso diferente. Como pode ser discutido isso?". Então, a própria natureza dialética da produção em arte, da reflexão em arte, ela às vezes minimiza quando você aplica no sistema, na plataforma.

***Pelo que eu tenho observado, existe uma grande dificuldade em definir arte na academia. Porque ali existem as ciências e existem as artes. Lá no começo você já disse que a arte tem que ser tratada exatamente como as outras áreas...***

É, na academia ela tem que ser tratada como ciência.

***De modo geral, então, como é considerada uma produção de arte cientificamente, não sei se posso dizer assim. Na academia o que é considerada uma produção em arte?***

Bem, ai eu acho que a gente teria que fazer algumas distinções que o próprio aplicativo nos dá, digamos, o desenho. Você tem campos de atuação em arte. Por exemplo, se você pegar o meu currículo Lattes você vai abrir e está lá: **Thiago\*** é pesquisador em arte. Quando eu falo que sou pesquisador em artes eu posso estar pensando que eu sou pesquisador, um teórico em arte como de fato sou no sentido da minha prática docente, da minha prática como pesquisador, eu sou um teórico que vê o fenômeno artístico a partir das suas manifestações básicas da própria organização da linguagem visual, o seu alfabetismo, o seu eixo semiótico e assim por diante.

Agora, eu posso ter um momento em que a minha pesquisa em arte é aquilo que eu gosto de chamar. Eu pesquiso forma, ou seja, eu sou o produtor de arte, o artista. E daí você vai ter sempre essa ação pendular que às vezes estabelece convergências nítidas, mas às vezes estabelece contradições também. Será que o Marcos quando movimenta seu cérebro pra construir um texto cria este texto diferentemente daquilo que ele constrói um quadro ou mudam só os elementos materiais? Ou mudam as materialidades dos ritmos?

Será que eu consigo ser tão inventivo na minha produção artística quanto eu sou na minha construção textual? Então, essa é uma questão. Daí você pode pensar "ah! Tudo bem. Então você é um teórico em arte, você é um professor, você é um teórico, então você escreve textos que refletem acerca do fenômeno artístico". Então, aí eu considero e posso colocar na caixinha de pesquisa. E um quadro, uma escultura?

Vou te contar um exemplo. Um professor da casa pediu para eu criar um troféu. Ele não conhece minha produção artística. Nem eu conheço. Mas ele queria, porque ele queria, então eu estou construindo o troféu. Eu construí este troféu primeiro intelectualmente mostrando, digamos assim, concebendo simbolicamente o que é o que deveria ser o troféu Mackenzie e dali eu dei forma a este trabalho.

Eu trabalho assim. Tenho uma idéia temática, depois eu corro atrás de construir um pensamento sobre esta idéia temática. Um texto que já apresentei num congresso em Portugal, agora estou lapidando mais para o congresso da ANPAP que é em setembro, que é o "Espectador criativo na arte contemporânea". Então, não tenho mais aquela visão contemporânea da obra no museu. Eu brinco com a obra. Ela mexe comigo, eu mexo com ela. Não só fisicamente, organicamente, a obra me cola, eu colo na obra. Eu posso puxá-la. Ela pode me puxar.

Como é isso? Que tipo de contemplação é essa? Que tipo de percepção nova? Então estou tentando compreender isto. Agora, será que o espectador enquanto eu estou interagindo com uma obra eu não estou tendo uma atitude de pesquisa? Será que essa percepção não é muito diferente daquele encontro com a beleza que seria o nexos de uma arte de mais tradição? Eu não tenho mais beleza para dialogar. O que eu tenho? A matéria, a forma, e tal. Então eu penso que quando estou criando para uma exposição estou criando, estou pesquisando forma.

Quando eu falo forma é para representar todo e qualquer elemento visual que pode ser a cor, pode ser a textura, pode ser o volume, pode ser o ponto. Mas criar forma, ou seja, dar forma de visibilidade a algo que está em você. Isto pode ter um verso subjetivo, emocional? Sim. Mas será que a construção de um texto também não tem? É tão desagradável quando você pega um texto que cumpre as normas acadêmicas, que vem contar metodologia, que justifica, que mostra relevâncias, será que não dá para quebrar isto e fazer uma coisa mais inventiva?

E, eu acho que o nosso programa ele mexe com isto. A gente nunca deixa vocês gerarem a "formulinha" que todo mundo vai repetir. Então, eu acho que tem um duto de criatividade que a gente tem que perseguir. E se não for o pesquisador em arte a fazer isto em favor da academia, de outras formas de manifestação. Eu me lembro que uma vez eu fui convidado para fazer o texto crítico de uma exposição de uma grande ceramista que é uma professora da USP na Unicamp, na galeria de arte da Unicamp e eu como sou crítico de arte e artista fiz um texto desenhado.

Ela olhou aquilo e não entendeu nada. É claro que tinha texto também. Mas, por exemplo, quando eu falava que a obra dela, aquele conjunto, aquela série que ela estava apresentando era uma série cônica eu desenhei um cone para mostrar como era um cone. E depois de falar do espiralado que ela tinha, eu desenhei um espiral. Então eu fui retirando da obra dela alguns elementos, digamos, essenciais, formalmente essenciais, e fui aplicando no corpo do texto.

Ela ficou surpresa. Por decisão dela e por meu aceite ela não publicou naquilo que seria catálogo, mas depois de anos e anos, mais de 12, 15 anos, ela me chamou uma vez para uma banca na USP de um orientando dela e ela se lembrou daquele texto dizendo que aquilo que ela tem guardado como se fosse a melhor relíquia crítica sobre o trabalho dela que ela tem.

Tanto que um artista importante, tantos artistas de arte importantes escreveram sobre a obra dela. Mas sempre aquela coisa de escrever à distância, de não tocar a obra e trazer para o texto. Tem algumas pessoas que a gente pode discutir e devem ser discutidos. Acho que a Plataforma Lattes é um indicador efetivo. Mas ela não deve ser o único instrumento de avaliação e legitimação de pesquisa em arte.

***Aproveitando o gancho, o Lattes como você mesmo falou ele se tornou uma referência. Então, os pesquisadores são avaliados pelo que está registrado ali. Você considera que ele pode avaliar com eficiência a produção de artes? Se não, como fica a área de artes? É prejudicada ou existem outras formas de se avaliar dentro da academia?***

Olha, eu acho assim, por exemplo, se você pensa numa livre docência que seria talvez o ápice máximo de uma carreira em arte, né, o pesquisador que pleiteia uma livre docência fatalmente ele vai ter que incluir no conjunto documental desse processo o Currículo Lattes. Mas normalmente ele faz um dossiê, aquilo que talvez nas áreas mais duras seria dossiê para o artista é um portfólio. Eu acredito que o portfólio, inclusive esta é uma discussão que tenho tido muito em orientações de TGI, em orientações de mestrado aqui na Educação, Arte e História da Cultura, onde eu tenho investido nesta história do portfólio, onde o portfólio é o grande Arca de Noé, digamos assim, de uma carreira.

Agora, como é que este portfólio poderia ser traduzir para um campo informático eu não sei. Eu acho que há possibilidade, da mesma forma que os artistas contam em sites. Por exemplo, se eu quiser conhecer o artista Norberto Stori, eu conheço melhor através do Lattes ou do site que ele próprio

mantém na Web? É através do site. Porque ali eu vou ter a visibilidade da obra dele, com cores, com tintas e tudo mais. Já a plataforma, não. Ela traduz imagem em texto, imagem, vamos dizer assim brincando, traduz imagem em texto e texto em número. E é com o número que a gente fica.

Não sei se você conhece, acho que até comentei com vocês em aula aquele filme “A Prova” que é do Eeven Bavcar, onde o ator Hugo Weaving faz um fotógrafo cego. Este filme foi feito inspirado de forma bem livre na vida do Bavcar. E a história desse rapaz é assim: ele é cego e aparece em um tempo real, em tempo presente. Ele é um jovem cego que tem um cachorro guia. O filme em alguns momentos vai gerar um *flash back* onde mostra que ele, em torno de 10 anos de idade, ele pergunta para a mãe o que tinha fora da janela do quarto dele. E a mãe contava que tinha um jardim muito bonito e muito bem cuidado por um jardineiro. Só que ele era cego e não acreditava na mãe. Ele achava que essa descrição era falsa e, digamos, muito otimista. Até que ele fez 10 anos e a mãe dá de presente para ele uma câmera fotográfica. E ele passa a vida...E daí no tempo adulto ele já está alguém que sai para passear com o cão e fica fotografando.

Aí então, veja, tem a paisagem, ele traduz essa paisagem em fotografia. Daí ele mostra a fotografia para o rapaz e o rapaz então traduz essa fotografia em descrição da foto. Aí aquilo que era paisagem virou imagem e aquilo que era imagem virou descrição oral. Daí ele vai para casa, ele tem um rotulador em braile, ele rotula segundo a descrição do rapaz, do amigo, ele faz uma legenda e cola atrás da foto. Então, ou seja, aquela descrição oral é abandonada e ele fica com a legenda. E daí quando ele quer saber o que tem, recuperar a imagem e por consequência a paisagem, ele faz a leitura prática.

Então, veja, código vai substituindo código. E ele vai, obviamente, conforme vai substituindo, vai se distanciando. Então você perde o contato com o fenômeno e você fica com algo que é muito diferente daquele fenômeno. Representa? Representa. Diz de, diz de. Mas não é mais a mesma coisa. Então eu acho que esta é uma questão importante para a gente pensar o que um Currículo Lattes traduz da obra artística.

***Eu ia perguntar se você se considera avaliado de forma justa pelo Currículo Lattes, mas você já falou da questão do portfólio.***

Na verdade eu diria que o Currículo Lattes não é um sistema avaliador. Ele é um sistema de registro de produções. Agora, quem vai fazer a avaliação, por exemplo, no caso da pós-graduação, são as áreas do conhecimento. Então, nesse aspecto, nem todas as áreas conseguem avaliar de forma justa a produção artística porque se aquilo não tem PNS (Parâmetros Curriculares Nacionais) não entra no ranking. Então isto não é justo. Agora, isso não é culpa do Currículo Lattes, da plataforma. É culpa da leitura numérica que se faz desse aplicativo, desta plataforma.

***Na verdade a gente entende que são alguns critérios que criam e determinam a forma do Currículo Lattes. Então eu pergunto se você já se sentiu preterido por quem te olha em função desses critérios? Por exemplo, a sua produção é baixa. Você não vai ganhar uma bolsa porque você não tem...***

Não. Neste ponto não. Porque na verdade, embora seja uma plataforma universal, digamos assim, todo mundo preenche a mesma plataforma, mas a forma de análise dessa produção é diferenciada. Então, por exemplo, se eu me inscrevo na Fapesp, eu vou me inscrever no comitê de artes e, portanto, este comitê de artes sabe que a produção é...digamos, o nivelamento geral da produção em arte é aquela. Então vão me ver como alguém produtivo no meu campo.

Se você fizer uma comparação, por exemplo, com o campo da saúde em que é possível um único pesquisador publicar 40 artigos num ano em revistas internacionais para os campos das humanidades das artes, isto é loucura. Se você publicar 1, 2, 3, no máximo, você já está ultraproductivo. Agora, pensa que normalmente a produção em humanidades ela é autoral, ela é individual, ela é longa, reflexiva.

Um artigo de revista científica em saúde pode ser a fórmula que foi...cujo processo foi compartilhado com 15 pesquisadores e esses 15 pesquisadores assinam. Então essa produção não só é pesquisa no seu sentido de formato, digamos assim, ele é relevante, mas pequena na questão de páginas, tal. Pode ser meia página uma publicação. E são 15 autores. Então essa pesquisa, esse produto, ele reverbera em 15 currículos.

Então se eu estou dentro de uma rede, tudo é compartilhado, então qualquer publicação que um desses 15 consiga vira meu nome junto. Então, daqui a pouco 15 produziram 15 vai dar... É diferente, mas isso as áreas reconhecem. Elas sabem perceber, existe uma maturidade. O Brasil, a gente pode



dizer que hoje ele está maduro, a própria instituição do Currículo Lattes é um segmento de maturidade. Tanto que muitos países estão importando a idéia. O Brasil tem apoiado inúmeros países lá a adotar o mesmo tipo de sistema.

Países que são já bem maduros mesmo olham um pouco para a Plataforma Lattes de forma risível. Porque é que um país precisa fazer um ranking de produção? Não basta perceber a densidade de um pesquisador? Mas são países como França, Itália que tem tradição em universidade, em pesquisa que não precisa disso de fato. Mas a gente ainda é pequenininho. Alcançamos alguma maturidade, mas a gente tem que evoluir muito até o momento em que o Currículo Lattes vá ser abandonado. Sabe que o Currículo Lattes não é algo que deva permanecer.

Ele é talvez o calibrador. Ele foi instruído para estabelecer uma calibragem, um nivelamento da produção. Depois ele vai ser abandonado porque o país vai estar moderno o bastante para relacionar...para que estabeleça o relacionamento de pesquisas humanas de forma ... ou que se compreenda de fato de um ou de outro pesquisador.

***O Currículo Lattes como a gente já falou, ele fica exposto na rede e todo mundo te procura, todo mundo te vê, você vê todo mundo...Você considera que ele funciona também como um instrumento de disciplina e de vigilância entre pesquisadores e instituições?***

Sim. Eu acho que a Plataforma Lattes instituiu uma boa competitividade. Inclusive é comum a gente perceber que existe já instalada na academia nas universidades brasileiras aquilo que a gente chama de "Síndrome do Currículo Lattes". Por exemplo, quando alguém te conta que publicou um livro, isto te gera angústia. Entendeu? Não é que você tem inveja da pessoa, não é isso. Mas te gera angústia porque esta pessoa vamos dizer assim, andou uma casa.

Então isto é preocupante porque você vai ficar para trás. Aí você compra a idéia de que você também tem que produzir um livro para poder andar aquela casa também e ficar igual aos seus pares, assim por diante. Mas acho que isto é uma preocupação que não deve existir. Se você for um pesquisador vocacional, comprometido com o ambiente onde você está, comprometido com o avanço do seu campo de atuação, no meu caso no campo das artes. Se eu estou comprometido com o avanço nas áreas de artes eu vou estar produzindo naturalmente. Eu não vou cumprir tarefas burocráticas.

A gente brinca muito entre os pesquisadores que o currículo lattes é uma gincana e que já que a gente entrou nessa gincana a gente tem que pontuar. É uma verdade. Hoje em dia muitas pessoas deixam de fazer alguma coisa porque aquilo não pontua e vai fazer de forma infeliz ou mecânica aquilo que pontua. Eu acho que uma carreira saudável é aquela que apresenta um mix de ações, de realizações. E mais do que tudo façam a promoção de uma carreira, mas que façam desse pesquisador um sujeito feliz também, consciente de sua atuação, do seu campo e tudo o mais. Sem que a gente tenha que ser tutólogo também.

Um artista que me ensina muito é o Mondrian, quando ele diz que a gente deve buscar a intensificação e não a extensão. A extensão é a superfície. Intensificação é o aprofundamento. Então, quanto mais você escrever, mais e melhor você vai escrever. Quanto mais você desenha, mais e melhor você vai desenhar. Então você tem que perceber qual é a sua vocação, qual é a sua contribuição para aquela área e investe. Talvez não te reconheçam como um grande teórico, mas vão te reconhecer como um grande artista. Talvez não te reconheçam como um grande artista, mas vão te reconhecer como um grande teórico.

E daí também é importante você ensinar as pessoas ou seus interlocutores a lerem, saberem de onde você está falando. Acho que isto é importante. Você fala a partir de um conjunto teórico, de referências bibliográficas, você adota autores e estes autores vão continuar com você. Por mais que você olhe para as margens e busque novas referências, parece que existe um caminho ali que você escolheu naturalmente e vai adiante.

No meu caso é a semiótica. Eu não tenho escrito textos sobre semiótica, mas o conhecimento semiótico me orienta a escrever todos os textos que eu construo para a arte. E também até a minha produção artística. A semiótica, o feixe dos signos, está presente quando eu estou elaborando uma obra, um objeto artístico, tem ali o pesquisador junto. É o que eu chamo... e isto eu tenho feito alguns investimentos na própria universidade para pensar o artista pesquisador.

Quem é esse artista pesquisador? Primeiro é alguém que teve uma formação sistematizada, podemos dizer universitários em artes, é alguém que pesquisa forma e tem consciência de que ele está operando a linguagem. E não está buscando apenas os efeitos visuais, mas sim dialogar com o próprio bastidor da produção de formas de linguagem visual e tudo mais. E aí a gente tem o artista consciente, auto-reflexivo, com produção baixa no sentido numérico, mas aquilo que apresenta é resultado de uma profícua investigação de linguagem.

***Eu fiz uma pesquisa para verificar quais são os índices de fomento que o CNPq concede às artes. Pelo que eu pude investigar, as grandes áreas, como eles chamam o conjunto formado pela área de artes, lingüística, letras e multidisciplinar, receberam nos últimos três anos em torno de 3% a 4% no total das bolsas. Podemos considerar este um índice baixo. Na sua opinião, porque este índice é baixo na área de artes?***

Eu diria que este índice é na verdade reflexo espelho da realidade brasileira. Se você pensar na gestão de uma família, o que sobra para o lazer e para a cultura talvez seja menos até do que 4%. Se você pegar uma família sócio-economicamente privilegiada, talvez este índice aumente. As pessoas, talvez comprem menos comida, mas vão mais ao cinema, digamos assim. Talvez uma família grande, de classe baixa, do lote que chega do salário ela vai comprar muito mais comida e não vai nada em cinema.

Então eu acho que é assim. Porque as artes são tão pequenininhas na divisão desse bolo. Porque o país é assim. O país precisa construir estradas, precisa de arte, precisa de cultura. O ser humano desde sempre precisa. Antes de construir estradas, o homem já estava produzindo arte. O homem já estava produzindo linguagem. Antes da arquitetura, antes da engenharia, antes da matemática. Mas é uma matriz, digamos, que é própria do homem, mas que a civilização foi suprimindo.

Por exemplo, a carga nas escolas de arte são duas horas aula por semana e um conjunto de 25 horas. Então, veja aí o quanto a matemática ocupa isto, o português ocupa isto e o quanto a arte ocupa. Então é o reflexo da sociedade. Quantas pessoas buscam a profissionalização em arte? Se você pega uma escola de engenharia, ela tem quatro mil alunos. Se você pega uma escola de arte, ela tem 600 alunos. Então, obviamente, o lote de solicitações é maior e tudo mais.

O artista de todo modo é um sujeito que trabalha com algum tipo de independência. Talvez ele não tenha tanta necessidade de uma tutela, de um fomento mais sistematizado. Até porque a gente sabe que uma produção artística se ela pede para parar, ela pára mesmo. Já um cronograma de um projeto de engenharia, ele segue. Se um trava, vem um outro e destrava e continua. Agora, na produção em arte não. Na produção criativa se você não tem a solução para levar adiante um projeto de quadro, por exemplo, esse projeto pára. Não dá para você tomar uma pílula, uma aspirina, e ele continua. O próprio fluxo da inventividade humana, da criatividade humana, ele é diferenciado. E, obviamente, os órgãos de fomento que tratam com o dinheiro público, talvez até tenham uma cisma natural e até certo ponto justificável de não arriscar tanto numa produção. Se você pensar que a Lei Rouanet, por exemplo, ela vem dedicando um conjunto muito significativo de apoio cultural, artístico, ela está na ponta, ou seja, de órgãos que já estão produzindo, aí ela vem e apóia. Mas aquilo que é o nascedouro, digamos, de uma produção, o nascedouro do conhecimento em arte, ele é colocado em cheque mesmo.

***Você quer acrescentar mais alguma coisa?*** Não. De cabeça, não.

### **Entrevista 13**

**\*FRANCISCA/ IES: UFRJ**

Área de Atuação: ARTES CENICAS - TEATRO

Data: 08/05/2009

Local: Residência - Rio de Janeiro

Duração: 55"

***Professora a senhora conhece e possui Currículo Lattes no CNPq?***

Sim.

***A senhora se lembra desde quando?***

Acho que mais de 10 anos.

***A senhora acha fácil o acesso ao currículo? Tem facilidade com o preenchimento?***

Não acho difícil preencher. Eu acho chato, demorado. Eu acho que tem uma questão para nós da área de arte que é uma concepção da plataforma. Ela não foi pensada para a área de artes, muito menos para a área de teatro. Eu acho que teria que haver uma atenção às especificidades da pesquisa e do ensino no teatro, em artes principalmente. Em artes e no teatro. Eu acho que esta atenção não foi dada, mas não acho que foi por descuido. Não é casual. Eu tenho a impressão que isto está ligado a uma certa hierarquia de saberes.

Provavelmente e aí só o pessoal das outras áreas poderia responder ...a impressão que eu tenho é que é uma plataforma pensada para aquilo que se valoriza no plano do pensamento científico que é exatamente a tecnociência. Essa hierarquia que coloca no topo a tecnociência, coloca no topo a tecnologia em geral, a área médica, etc., as ciências duras e toda a pesquisa tecnológica que está envolvida aí prejudica as outras áreas. Isto significa que nós das artes quase que somos avaliados por parâmetros externos, parâmetros que pertence a um outro horizonte de pensamento, a um outro horizonte das disciplinas de pesquisa.

E, com isso, eu acho que muitas especificidades, muitos detalhamentos ficam prejudicados porque não há espaço para eles na plataforma. Nós precisamos encontrar a maneira de ... encontrar o jeitinho de incluir na plataforma as nossas atividades. O que eu desconfio é que a pessoa que vai consultar e não perceber qual foi o macete de inclusão ela também não consegue ver o que a gente incluiu. Eu acho que tem um problema ali realmente de linguagem e de hierarquia de saberes.

***A senhora já disse que as estruturas dos campos não abrigam a área de artes. O que a senhora acha que falta para a área de artes? O que poderia ser incluído?***

Eu acho que falta para a formulação das questões ligadas ao teatro um domínio, um conhecimento maior do nosso regime de trabalho, não no sentido trabalhista da expressão, mas no sentido da nossa disciplina de pensamento, das nossas disciplinas práticas. Ou seja, os procedimentos ligados à área de arte, à área de teatro, desde a prática de construção pura e simples, banal de um espetáculo, por exemplo, até uma terminologia, um vocabulário próprio do nosso trabalho teórico também. Eu acho que falta isso, exatamente porque na hora que eu quero incluir... Eu estou me reportando a uma situação do momento que eu quero incluir uma atividade exercida.

E o *status* da atividade é amplo. Não é pequenininho. O *status* é amplo. A gente quer incluir uma atividade exercida num determinado período e não consegue porque o programa não prevê esta gama de possibilidades. E a outra coisa é que quando você consegue entrar numa página para incluir uma atividade, você fica impossibilitado de incluir uma atividade, incluir um dado, porque falta um detalhe de informação que aquela atividade não tem.

Aí você deixa de incluir. Aí então procura um macete para poder incluir. Mas aí eu desconfio que na hora da pessoa fazer a consulta também não vai perceber, aí a informação fica prejudicada. O perfil do trabalhador neste sentido, do profissional, do pesquisador ou do professor ou do cientista também fica prejudicado.

***Da sua profissão artística ou acadêmica relacionada a teatro, a tudo mais, a senhora consegue registrar ela de uma forma eficiente ou fica sempre...?***

Fica sempre pobre. Fica sempre aquilo que não pode entrar.

***Então aquilo que é mais relevante a senhora não consegue colocar?***

É. Porque eu acho que tudo é relevante. Não cabe ao profissional, isto é que eu acho uma questão fundamental, quer dizer, para mim tudo o que eu fiz é importante. Eu quero informar com o maior detalhamento possível aquilo que eu faço, da maneira que eu faço, porque me interessa que a divulgação sobre meu trabalho seja a mais exata possível; seja mais facilmente compreensível por um maior número possível de pessoas. Claro. E a plataforma existe para isto.

***Com que frequência a senhora atualiza seu currículo?***

Com muita preguiça. Deixo passar um ano. O ideal seria fazer de seis em seis meses, mas aí entra também esta questão. A gente tem um dia a dia um pouco violento. O dia a dia do acadêmico é um dia a dia muito complicado. Por exemplo, eu tenho um dia em que sou coordenadora de curso. E eu acho engraçado porque eu passo muito tempo na universidade ou mesmo que eu não vá à universidade eu

fico providenciando coisas para a universidade, realizando coisas para a universidade, mesmo que de fora dela, mesmo que em casa.

Então, meu tempo é muito tomado. E aí quando me sento para fazer uma atualização na plataforma, ela é tão chatinha que não cabe no meu dia a dia. Quando vou me lembrar de atualizar minha plataforma é sempre por um motivo prático qualquer, de uma situação imediata e aí eu já tenho muitas coisas acumuladas, aí fico muitas horas, perco muito tempo, até brigando com a própria plataforma porque ela é muito complicada. Veja, não é o manejo dela que é difícil. É a concepção dela que não é acolhedora. Ela não é, digamos, uma interface amigável.

### ***A sua instituição exige a atualização?***

Sim. Inclusive internamente tem muitas coisas, por exemplo, projetos de extensão, projetos de pesquisa e tudo mais. Para nós próprios que somos professores quando a gente encaminha um projeto desses o que nos serve, digamos, como referência é a Plataforma Lattes.

Obviamente nossa documentação interna, nossos registros de matrículas internos e tudo mais eu tenho como informar isto. Quando meu projeto está sendo julgado, uma das coisas que eu tenho para informar sobre o trabalho que eu exerço é a plataforma. Senão teria que fazer rolar papel dentro da universidade. Não precisa. Não é necessário. Entregar o currículo cada vez que eu entrego um projeto ou quando estou tomando uma iniciativa interna. Então tá bom. Aqui está meu currículo. Não é necessário.

### ***Existe uma grande divisão do que é a arte e do que é a ciência. Ou seja, como a arte é entendida na academia. Eu quero perguntar então para a senhora, de modo geral o que é considerado uma pesquisa em arte ou uma atualização em arte?***

Bom. Esta pergunta é complexa. A gente tem que começar pelo começo. Acho que a gente tem que voltar no início da conversa e perceber que a Plataforma Lattes não contempla as especificidades da área de artes é por causa daquela hierarquia que eu mencionei entre os saberes.

Quer dizer, tudo que foge àquele espectro básico, digamos de perfil do que seja a ciência, do que seja o profissional, o investigador, o cientista, etc., e este perfil está muito ligado à tecnociência, muito ligado às ciências duras, me parece que tudo que foge a isso é um pouco relegado mesmo a um só fim. Eu acho que há uma situação que coloca num primeiro plano as ciências humanas e num terceiro plano as artes.

Se a gente pensar em termos de hierarquia, há um desprestígio da Plataforma Lattes que me parece que reflete o desprestígio que a própria academia consagra regularmente. Acho que os saberes modernos, aí eu coloco o moderno neste marco do século XVIII em diante, eles têm essa divisão de saberes o que seja a filosofia, a religião, as ciências, as artes, tudo dentro de um certo terreno de especificidades, de separação disciplinar. Ela é também uma separação elitizadora e hierarquizadora. Eu acho que a academia consagra isto. No fundo, nós pós-modernos, ainda somos modernos ainda muito eliminista. A academia acha na verdade quando ela pensa em relações entre os campos dos saberes, ela pensa ainda à maneira eliminista, à maneira seccionadora do século XVIII. Eu digo isto na prática do dia a dia. Ainda que ela tenha todo o pensamento teórico voltado para a transdisciplinaridade, ainda que ela tenha todo um pensamento teórico voltado para uma horizontalização dos saberes, para uma interpenetração dos saberes, no campo prático ela ainda raciocina muito à maneira. Eu acho que é isso que a Plataforma Lattes reflete.

A rigor, a relação da universidade, aí eu falo da universidade de maneira genérica e não apenas uma UFRJ, as universidades com as agências de fomento, ela parte deste princípio que é o que me parece que norteia essas relações. Então, a responsabilidade eu acho que é uma responsabilidade compartilhada. E acho que nesse regime, a universidade não resiste a este regime de autoritarismo das agências e aí estas agências exercem uma pressão muito forte sobre as universidades. Tem uma via de mão dupla aí. Eu acho, por exemplo, que a inscrição nos programas de bolsas e pesquisas no Capes, no CNPq, etc., ela é uma inscrição muito norteadada por esta hierarquização.

E também, por exemplo, um certo critério norteadando tudo. Então, os programas de bolsas e eu particularmente fui vítima disto, dos programas de bolsas... Eu não era bolsista. Eu já fiz meu doutorado depois do concurso para a UFRJ. Então já fiz meu doutorado dando aula, sem bolsa do CNPq, e, no entanto, eu tinha que obedecer aos critérios de prazos impostos aos bolsistas, porque senão isto atrasaria o cronograma do programa de bolsas da instituição perante o CNPq.

E com isto o programa de bolsas perde pontuação caso estes atrasos venham a ocorrer. Então pune em si os justos no lugar dos pecadores. Porque o meu regime de trabalho, meu regime de pesquisa

era inteiramente outro e internamente na universidade eu tinha um prazo máximo de seis anos. Não que eu desejasse usar este prazo máximo de seis anos, mas eu não tinha o direito prático de usar este prazo. Legalmente eu estava completamente protegida pelo regimento interno da UFRJ. Pela universidade eu tinha este prazo de seis anos já que eu não tinha nenhuma bolsa.

Mas o CNPq transformava o programa o tempo inteiro. Porque que eu tinha que ser pressionada da mesma maneira que os bolsistas? Eu estava exercendo meu trabalho em sala de aula. Estava exercendo meu trabalho sem nenhum tipo de incentivo até porque não podia já que eu tinha salário. Tem um nivelamento que ignora as condições específicas de um pesquisador que é quantitativa, que julga os programas, que pontua os programas segundo critérios onde atividades e coisas de natureza diferenciadas são homogeneizadas. Isto pressiona demais o pesquisador.

E desta mesma maneira, por exemplo, há uma hierarquia também, um certo nivelamento a coisas do tipo, por exemplo, eu tenho que colocar na Plataforma Lattes atividades de extensão. Estas atividades de extensão não me parecem que elas sejam percebidas, não me parece que elas sejam compreendidas nesse sentido horizontalizador. Me parece que esta dificuldade é muito grande e ela é de parte a parte. A universidade age de maneira inadequada e as agências também.

***A senhora acredita que o Currículo Lattes possa avaliar com eficiência a produção acadêmica entre os pesquisadores em arte? A senhora se considera avaliada de uma forma justa?***

Não. Não acho justo. Nem acho que a Plataforma Lattes seja capaz de acolher estas especificidades. Porque veja, tem uma coisa que eu acho que é um princípio básico em geral, mais em teatro especificamente. Eu acho este princípio fundamental: a idéia de que você está pesquisando e você não sabe onde vai chegar. Se souber onde vai chegar, você não está fazendo uma pesquisa.

Este é um princípio lógico. E, portanto, exige uma maleabilidade, uma flexibilidade que os programas de pesquisas não oferecem e que a Plataforma Lattes não contempla na descrição. Eu quero dizer o seguinte: se eu estou pesquisando eu não sei onde vou chegar. Logo, eu também não sei em quanto tempo chegarei. É claro que já de princípio é necessário que haja algum tipo de acompanhamento das agências de fomento porque obviamente eu não posso estar usando dinheiro do Estado para indefinidamente pesquisar uma coisa que não tem a menor indicação de que chegará a algum resultado.

Mas, por outro lado a pesquisa tem esta natureza. A gente não sabe onde vai chegar e se vai chegar. Essa é uma questão. Eu acho que isso permeia inclusive as atividades de ensino dentro do regime universitário, dentro do regime acadêmico que é um território um tanto incontrollável do caminho dos saberes, do caminho das pesquisas que a universidade deve acolher, que as agências de fomento devem acolher.

E, por outro lado, uma academia que tem também a responsabilidade de transmitir os saberes já acumulados pela história da humanidade. Ela é uma repassadora de conhecimento. Ela é uma retransmissora de um conhecimento já consolidado. Mas, há que perceber que ela é legitimadora, ela é consolidadora e que ela é produtora do saber. E, por exemplo, o território da experimentação artística. É engraçado como ela não é legitimada pela academia. Porque se você diz que está pesquisando sinto que há um tratamento diferenciado. A pesquisa médica, por exemplo, a pesquisa tecnológica, a qual é dado todo o incentivo, exatamente na aposta de que haverá um resultado útil e num prazo relativamente curto. A pesquisa artística não. Ela trabalha com a exploração de possibilidades do terreno da linguagem, ela trabalha com exploração de possibilidades que permeiam relações subjetivas, produções subjetivas, processos de subjetivação, que vão propiciar ou não a criação tanto no campo daquilo que é propriamente objeto de arte e daquilo que é propriamente discurso sobre a arte, crítica, teoria, etc.

Então, são objetos muito abstratos, às vezes. E, talvez, a natureza abstrata, a natureza conceitual destes campos de possibilidades de pensamentos não sejam mesmo acolhidos. O artista, geralmente, é visto até caricaturalmente, o pensador de arte é visto até caricaturalmente como alguém que trabalha pura e simplesmente com a sua intuição e sua sensibilidade. Logo, ele produz um pensamento que foge, digamos, às balizas da racionalidade. Ou aquilo que o Ocidente consagrou como racionalidade.

É um recorte muito restrito de pensamento. É um recorte muito limitado de pensamento. É aquilo que o Ocidente consagrou como regime de pensamento científico racional. E essa caricatura do artista comum intuitivo, do pensador de arte, como alguém que trabalha com a sensibilidade e nada mais não só é uma caricatura absolutamente inadequada como ela é restritiva. Ela é redutora, digamos assim.

E aí acho que a plataforma Lattes não contempla esta natureza própria da criação artística, da natureza própria do pensamento teórico sobre a arte. Mas, isto é um reflexo. Veja. Não é uma coisa que é falha estrita da plataforma. Mas eu acho que ela é um reflexo da relação que a universidade tem com as agências de fomento. E ela é um reflexo também desse olhar redutor que a própria academia tem sobre a produção acadêmica artística.

***A senhora já falou sobre este assunto, mas eu queria perguntar se a senhora já se sentiu preterida em função dos critérios estabelecidos pelas agências e pelos currículos?***

Não. Nunca me senti preterida. Até porque todas as vezes que busquei estas coisas eu obtive. Eu não me sinto preterida. Eu obtive bolsa no mestrado, eu obtenho o que necessito para o meu trabalho de extensão, para o meu trabalho de pesquisa universitária.

O meu problema não é ser preterida. O que eu sinto é que a disputa com o campo técnico-científico é uma disputa desproporcional, até porque a locação de recursos é muito menor. Infinitamente menor. Isto dentro da universidade e nas plataformas também, nas agências de fomento. O próprio montante que nós temos destinado a este tipo de incentivo é muito menor. Infinitamente menor. Eu tenho certeza que se o meu projeto for, digamos, colocado em julgamento junto a um outro de pesquisa em área técnico-científico e tudo mais, certamente a área de artes vai ser preterida. Não pelo meu trabalho, mas pela área de artes. Ela é enxergada com olhos, digamos, até um pouco depreciadores.

***O Currículo Lattes, como a senhora mesma comentou, ele trouxe à tona a disposição de todas as informações da vida acadêmica, ou seja, ele deu uma visibilidade maior de todo mundo. Todo mundo vê todo mundo. A senhora acredita que esta visibilidade pode ser usada também como um instrumento de vigilância e de controle?***

Eu não tenho a menor dúvida. Basta clicar no Google, pedir meu nome, eu tenho ali toda a minha ficha policial, minha vida pregressa. É assustador. Ele é um instrumento da sociedade de controle. Claro que é. Eu não estou dizendo que a Plataforma Lattes seja um instrumento de controle. Eu não estou dizendo isto. Até porque ela pode ser sim no sentido talvez menos imediato, menos evidente. É engraçado porque a gente se sente exposto e sentir-se exposto ao mesmo tempo em que pode ter uma função narcísea, de prazer, o sentir-se exposto pode também ter uma função inibidora.

Eu acho que sim. Nada atua no sentido único, no sentido unidirecional. De jeito nenhum. Acho que todas as coisas têm suas ambigüidades. Eu acho que a Plataforma Lattes em si não é nem inibidora e nem narcísea. Mas ela é um instrumento próprio de uma sociedade e de uma era que se define e funciona como uma sociedade de controle.

Basta recorrer àquele textinho, pequenininho Debray sobre o profissionalismo. Não tem a menor dúvida. Chega a ser assustador. É só a gente comparar, você é muito jovem, mas se a gente comparar, por exemplo, que os instrumentos de vigilância da ditadura militar que estava no poder menos de 30 anos atrás, estes instrumentos de vigilância eram infinitamente menos eficazes do que os instrumentos de vigilância da sociedade altamente informatizada que nós vivemos hoje.

O FMI hoje não está em ação porque não é necessário. Ele não é necessário. Por isso que ele não está em ação. Compreende? Eu acho que tem aí uma situação muito séria que é da nossa sociedade atual. Não é culpa do Lattes. Mas ele é um sintoma, um instrumento só possível numa sociedade de controle altamente informatizada. Ele facilita e produz o instrumento... Na hora que você produz instrumento você abre espaço para esses outros que não são os usos para os quais os próprios instrumentos foram construídos. É simples assim.

Santos Dumont e a angústia de ter feito o avião. Na hora que um instrumento foi inventado para aqueles objetivos para os quais ele foi inventado ou criado ele abriu espaço para que outros objetivos fossem também contemplados. É simples assim.

E essa questão do Lattes, por exemplo, é um mecanismo de controle sim. Ele é um mecanismo de controle. Porque já não basta que eu comprove meu currículo. Porque quando eu tenho um currículo em papel e se eu tenho ali acompanhando aquele currículo de papel a comprovação da atividade que eu exerci, de alguma maneira documentada, isto tem força documental, isto tem fé, é portador de uma fé.

E o Currículo Lattes eu posso colocar ali coisas que eu posso vir a comprovar ou não. Mas, a visibilidade que eu ganhei ali é imensa, é infinitamente maior de tal maneira que qualquer pessoa que entre, que faça uma consulta a meu Currículo Lattes, pode de um momento para o outro, até sem que eu saiba, pode sim preterir a minha pessoa e meu trabalho em prol de outras pessoas e trabalhos que se supõem que sejam melhores que o meu, mais amplos, de maior alcance que o meu trabalho.

Qualquer pessoa pode ser preterida perante outro sem nem sequer saber. Se eu escrevi ali, não tem comprovação de nada. É engraçado porque não há nenhuma comprovação.

Então, o que eu quero dizer é que a fé documental é muito pequena em relação à visibilidade. É essa visibilidade que afinal de contas trata a trajetória profissional de uma pessoa. Acaba que é mais a visibilidade do que a realização de fatos documentados. E isso, enfim, me parece que obedece à lógica do controle.

***Pensando nesta questão do controle, sabemos que as bolsas são destinadas a partir de uma análise desta visibilidade, deste currículo que está disposto ali na rede para todo mundo. Eu fiz uma pesquisa sobre os índices de ofertas de bolsas na área de artes que inclusive agrupa lingüística, letras e artes e mais recentemente a criação da área multidisciplinar. Então pelo que eu pude pesquisar, do total de bolsas mais ou menos de 3% a 4% é destinado à área de artes, desse grupo que eu falei anteriormente. Inclusive eles não dispõem de dados estatísticos só de artes, letras ou lingüística. Então não dá nem para saber quanto foi destinado à área de artes. Deve ser um percentual ínfimo.***

Não só a destinação das bolsas como a descrição das especificidades dentro deste grupo, era isto que eu estava me referindo, se você não tem possibilidade de descrever com precisão seu objeto, você não tem como valorizá-lo no mercado das bolsas. Entende? Porque ele passa por ser um objeto um tanto obscuro e, portanto os critérios de distribuição se tornam obscuros também.

***Então a pergunta era essa: porque na sua opinião este índice é tão baixo?***

Eu acho que é isso mesmo. Quando você tem um objeto obscuro, cujas especificidades estão ali difusas, omitidas, você não tem como ir...e aí vamos ser honestos, não vamos fingir que não existe o fato de que existe uma disputa por bolsas e que isso constitui um mercado. Então é complicado porque além de estar escrito num horizonte de hierarquias de saberes, porque é assim que são tratados os campos das artes, na descrição do objeto ele mesmo, do projeto ele mesmo, da área do saber ela mesma, dentro das suas especificidades, ela está ali reduzida a um grupo e dentro disso ele se torna um objeto difuso.

Onde é que eu vou inscrever? É muito interessante, muito engraçado, se você pegar aqui vários livros das minhas estantes e eu tenho muitos livros aqui, que na hora de arrumar as estantes eu vou procurar as fontes e digo "Ah!, isto aqui cabe dentro da história. Ah!, bom. Mas cabe dentro de filosofia porque é filosofia da história. Ah!, é. Mas cabe na parte de lingüística porque a metodologia é a do discurso. Entende? Na hora que eu vou arrumar meus livros para eu me guiar, para eu saber onde vou encontrá-los a cada momento que vou precisar.

Então, é simples assim. É complicado assim. Quando há esta dificuldade de descrição do objeto, isto resulta em dificuldades de inscrição do objeto numa área específica. É isso que eu acho que não há essa sensibilidade da plataforma. Mas eu duvido que isto seja inocente. Isto não pode ser inocente. Isto obedece a uma lógica de discriminação dos saberes, no interior do campo dos saberes.

É complicado. Vá ao Coppe da UFRJ onde deslizam todos os dias as verbas, para nós astronômicas, de pesquisas em áreas tecnológicas e técnico-ciências. É muito dinheiro que circula. Eu duvido. Será que é porque aqueles objetos, eles em si são mais facilmente explicáveis? Duvido. O objeto de pesquisa em si é de uma complexidade muito grande de descrição. Por outro lado, criam-se mecanismos mais propícios a essa descrição, mais convidativos e mais detalhados.

***Professora a senhora gostaria de acrescentar algo mais que a senhora considera relevante?***

Não sei. O que eu queria saber é se você entendeu? Se ficou claro o que eu disse. Porque essas coisas são muito...

***Olha, eu vou ser bem sincera. Eu acho que entendi. Mas acho que é uma conversa densa e eu vou ter que maturar no sentido que o problema, pelo menos que eu pude perceber, não é o que está exposto, o problema não é só a Plataforma Lattes. O problema é o que vem por trás. É o que está por trás de tudo isto. É isto que tem que vir à tona. Questionar só o instrumento é muito raso. É importante, na verdade, desvendar o que está por trás.***

Qual a lógica que semeia aquilo, porque senão a gente fica com... você percebe a dificuldade, porque senão fica como o censo do IBGE: quem é negro, quem não é negro, como quantificar a ... tem

perguntas engraçadas no censo do IBGE, como por exemplo, em que classe a senhora se sente incluída? Você ainda sabe isto porque eu pertencço a uma elite obviamente em termos de formação intelectual, universitária, acadêmica, etc. Mas isto não me dá de jeito nenhum, por exemplo, um imóvel próprio para moradia.

E aí o censo do IBGE não tem essa percepção de jeito nenhum. Não dá essa percepção de jeito nenhum. Digamos que eu tenha uma faixa salarial X e que, portanto em termos absolutos é muito maior do que a faixa salarial Y de outro trabalhador menos qualificado do que eu, por exemplo, o censo me coloca numa posição de elite.

No entanto, no contexto de vida deste outro trabalhador, das facilidades de trabalho, do ambiente onde ele se insere, ele pode ter uma casa própria, por exemplo, e eu não. E, portanto, a minha folga financeira, embora eu ganhe em termos absolutos é muito mais, é muito menor que a deste outro trabalhador. E isto o censo do IBGE não contempla. Ele não dá visibilidade a isto. O trabalho é quantificador neste sentido de que ele não relativiza os dados. O que eu acho que a plataforma lattes acaba que opera num sentido semelhante.

***Outra coisa que eu fiquei pensando é essa questão da hierarquização. Na hora que a senhora falou sobre isto me veio uma coisa na cabeça que quando você entra nas áreas, elas não estão dispostas por um critério, por exemplo, ordem alfabética, elas não estão. Então elas têm todo o elenco das áreas (humanas, etc), só que esta área, a nossa área, vamos dizer assim, ela é a última. E ela é lingüística, letras e artes e ela é a última. Neste sentido, realmente o que a senhora colocou me remeteu imediatamente em pensar nesta ordem. Talvez seu eu fizer uma pesquisa mais profunda, a hierarquia vem dali, daquela exposição.***

Ela é visível na tela. É engraçado isto.

***E uma outra coisa são os conteúdos. Quando você os coloca no lattes, quando você está preenchendo você não sabe em que ordem ele vai sair na impressão. Mas, se você perceber a produção artística e cultural está lá embaixo.***

Você quer ver uma coisa? No espetáculo teatral, a presença das escolas de teatro na universidade pública brasileira já vem de décadas. A UNIRIO, que é a escola de teatro do Rio de Janeiro e uma das mais antigas do país. A mais antiga é a Martins Pena fundada em 1913. É a escola de teatro mais antiga do país. Ela é do Estado. Ela funciona atualmente num regime de segundo grau, de curso técnico.

Já a escola da UNIRIO pertence ao regime universitário desde 1973, mais ou menos. Neste ano ela foi agrupada e passou a fazer parte do regime universitário. Primeiramente numa federação de escolas isoladas, depois agrupadas e depois se transformou em universidade que é a Universidade Federal do Rio de Janeiro. E está lá a escola de teatro. Há décadas existe lá a escola, o trabalho de teatro lá da USP, essa coisa toda. Depois nos anos 80 e 90, alastrou-se imensamente o número de escolas de teatro pelas universidades federais do país inteiro. Tem muitas escolas de teatro.

Portanto, dentro de um regime de pesquisa, de ensino, universitário. É muito engraçado porque qual é a produção destes cursos de artes? O que resulta da formação de um aluno de teatro é a participação num espetáculo. É aquele objeto que está ali e que vai resultar dele. Então não tem como descrever isto na Plataforma Lattes.

Se eu escrevo um texto para um programa de um aluno meu ou da mostra de teatro da UFRJ e eu escrevo um texto para a revista da mostra de teatro da UFRJ eu tenho que encontrar dentro da Plataforma Lattes uma maneira de dizer onde está aquele texto porque não está previsto isto. Ela não me oferece esta possibilidade. Eu tenho que dizer que foi um periódico? Não é propriamente um periódico. É um jornal? Não é propriamente um jornal. Mas eu tenho que poder consignar. Eu escrevi um texto que é de reflexão teórica, é reflexão resultante de prática acadêmica dos estudantes. Enfim, eu não tenho como relatar isto. Eu tenho que encontrar dentro da Plataforma Lattes a possibilidade de inserir aquilo sem que a própria tela me impeça.

Porque se eu inserir lá de uma maneira auspiciosa, digamos assim, se eu não for auspiciosa, na hora que eu fizer o dado entrar, incluir ou salvar, na hora que eu for salvar a informação ele não deixa porque faltou um item, um daqueles itens quaisquer. Aí eu tenho que encontrar uma maneira auspiciosa para driblar aquele entendimento que a plataforma me impõe. Porque ela não tem a percepção de que eu produzo alguma coisa que está dentro de um horizonte contextual, um horizonte específico também.



É um objeto específico dentro de um contexto específico. Por exemplo, um artigo que eu faço para uma revista ou um catálogo de teatro, um catálogo de exposição. Quando o curso completou 10 anos, eu produzi um catálogo. Eu fiz todo o projeto editorial e tudo mais. Isto teria que ter um peso. Porque não é um artigo. Não é um artigo de jornal, de revista especializada. Não é um ensaio num livro de ensaios. Não é. É um projeto editorial para um catálogo. Tem inclusive toda uma especificidade ligada a uma área do saber que é produção editorial. E eu não tenho como colocar isto lá dentro da plataforma.

E depois, uma coisa que eu penso também é a questão da abrangência. Por exemplo, é claro que eu não quero diminuir de forma alguma, mas, por exemplo, você pega um catálogo de uma peça, que tem ali também uma reflexão teórica, você não escreve né? quantas pessoas vão ler aquilo e quantas pessoas vão ler um texto que está no periódico *Qualis*, AB mais C.... Neste sentido é que eu acredito também que precisa ter uma mudança aí, não de desvalorizar uma coisa, mas de valorizar uma outra. Porque o que acontece é o seguinte..é esta a questão. Acaba sendo um critério quantitativo desqualificador e você centrar na quantidade de pessoas que vai ler e não centrar na produção em si. Eu escrevi e as pessoas vão ler. É outra questão. Eu escrevi e isto resulta de um investimento que o estado fez em mim.

Afinal de contas, sou professora de uma universidade pública e o Estado investiu na minha formação e dessa formação resultam cotidianamente produções de objetos que são resultados desse investimento. Ao longo de anos. Não estou falando de investimentos imediatos. Não; Estou falando de um investimento a longo prazo, de larga escala. O que você produz hoje não é resultado de um investimento imediato. É uma coisa que pertence a uma cadeia de investimentos e na formação do profissional, do investigador, do professor, do pesquisador, seja o que for, que é muito mais longo do que isso.

Então, o critério quantificador que pergunta quantas pessoas vão ler o que eu escrevi e não pergunta o que eu escrevi é desqualificador da minha produção. Isto é uma coisa fundamental. Por exemplo, no caso do teatro isto é mortal porque enquanto o cinema alcança milhões de espectadores, então o cinema merece mais investimento? Ou ele merece mais investimento porque ele é uma produção cara e necessária?

Porque o teatro pode ser muito caro também. Mas ele tem a natureza desta atividade. Uma platéia de cinco mil espectadores é uma platéia imensa, distribuída em muitos dias, muitos meses de apresentação. Dez meses de apresentação e 50 mil espectadores é uma longuíssima temporada. Isto é o resultado de um dia de apresentação de um filme. Então você não pode comparar porque senão você desqualifica a produção. Esta é a questão. Eu acho que, digamos assim, no que chamei aqui de mercado de bolsas, de financiamentos de incentivos, etc., criam-se problemas muito graves que resultam numa crise econômica. E que acaba que a Plataforma Lattes ou outros instrumentos....a gente não pode esquecer que estão dentro do contexto todo.

***Vai me ajudar bastante. O que eu queria era isto mesmo. Eu sei que é uma coisa muito complexa mesmo. Depois vou refletir, maturar e vou te pedir se eu precisar de algum help.***

É claro.

***Eu sei que estou colocando o dedo na ferida. Quando comecei a fazer esta pesquisa eu fiquei um pouco temerosa porque não esperava ter tanta receptividade dos professores como eu tive. Então eu pensava: vou levantar um tema e não vou ter contribuição para este trabalho. Enfim...***

Não tem dúvida. É crucial. Eu acho que você tem aí inclusive um belo tema no sentido de que você está se deparando com um fato de que você ao propor a sua pesquisa provavelmente você teve a capacidade, a percepção intuitiva talvez de uma demanda, de uma necessidade desta pesquisa. Eu acho que a percepção você teve. E aí é complicado mesmo porque você vai se deparar com este tipo de coisa, não tem jeito.

No mesmo momento que você dá visibilidade...Eu não tenho nada contra...Eu gosto de ter meu Currículo Lattes na plataforma. Não tenho nada contra. Eu tenho tudo a favor. Muito pelo contrário. Eu sei que estou utilizando métodos muito limitados e que tem efeitos contrários aos quais ele se propõe. Ele tem. Ele não resolve.

## Entrevista 14

\*ANDRÉ/ IES: UFRJ

Área de Atuação: ARTES CENICAS E LITERATURA

Data: 09/05/2009

Local: Hall do Hotel Imperial - Rio de Janeiro

Duração: 38"

***Professor, o senhor conhece, possui cadastro no Currículo Lattes do CNPq, desde quando?***

Sim, eu conheço e tenho o meu cadastro lá. Todos nós temos que ter, nós que temos mestrado e doutorado temos que ter. Inclusive temos que preencher e atualizar constantemente o Currículo Lattes. Eu adotei o Currículo Lattes desde o início. A partir do momento em que o currículo Lattes foi instalado eu o adotei. A Universidade quase que nos condicionou, nos levou a uma obrigatoriedade de adoção do Currículo Lattes.

***O senhor acha fácil o acesso ao currículo, tem facilidade no preenchimento?***

Bom, são duas perguntas: o acesso a ele pela internet me parece que é bastante fácil, não há problemas quanto a chegar a ele, basta você ter a sua senha, dominá-la, mas o preenchimento dele eu não acho que seja fácil não. Ele é muito corretamente minucioso, mas essa minúcia no campo das exatas, da literatura, eu acredito que em qualquer domínio do conhecimento ela acaba por mostrar que as áreas se tangem, que as formas de conhecimento, das áreas do conhecimento, acaba criando uma relação muito próxima na medida em que você vai se aproximando da minúcia. Então há determinadas atividades que você não sabe encaixá-las, sob que rubrica elas vão ficar registradas. Quer dizer, é uma informação interessante porque isto mostra finalmente que as áreas do conhecimento todas se interligam e se intercomunicam e aí surge a dificuldade de onde eu vou colocar essa informação, essa atividade que eu fiz e aí você começa a perceber que a mesma informação vai para vários campos, vai para várias rubricas e isso cria algumas dificuldades porque o currículo acaba se tornando muito copioso da mesma informação. Eu não tenho como criticá-lo, não sei como resolver esse problema, e como eu disse corretamente ele aponta para essa natureza comum do conhecimento de uma maneira geral, a não ser que essa divisão seja somente didática. O Currículo Lattes é tão minucioso, tão detalhado que acaba acentuando essa característica certa, justa, mas na hora de ler e de formar o currículo ele fica muito pesado. Isso acarreta uma dificuldade para a leitura, as pessoas ficam se entojando, se entediando da leitura dele. O meu currículo, graças a Deus, com a atuação de 30 anos na área de arte eu tenho um currículo com um número de páginas alto e eu duvido que alguém se disponha a lê-lo ainda.

***O senhor já tocou um pouquinho nesse assunto, mas enfim, a sua instituição exige a atualização periódica e de quanto em quanto tempo o senhor atualiza o currículo?***

Ela exige..., mas eu tenho essa exigência comigo porque eu sou constantemente convocado a participar de bancas, de comissões e nesses momentos sou solicitado a apresentar o meu currículo, então eu gosto de levar o currículo atualizado ou o mais próximo possível. Eu costumo atualizá-lo todo ano, mas quando, num determinado semestre, eu me dou conta de que houve um volume de trabalho grande e que isso vai acarretar numa sobrecarga no final do ano, ao cabo de seis meses, sete meses eu faço a atualização, pois assim no final do ano tenho somente mais alguma coisa para atualizar. Quando eu chego em julho, agosto e vejo que já fiz muita coisa, peço a uma secretária, que trabalha lá na universidade para ela atualizar. E quando ela volta a atualizar em dezembro, ela tem menos trabalho.

***Bom, agora eu vou perguntar um pouquinho sobre a estrutura, mas aquilo que o senhor considerar que não domina, vai me dizendo... Eu queria perguntar se o senhor considera que as estruturas ou campos que existem no formulário são adequados para registrar as atividades acadêmicas em Arte?***

Como eu mais ou menos informei a você quem faz o Currículo Lattes pra mim é uma funcionária, uma amiga, que se dispôs a me ajudar nessa tarefa. Bom, ela me diz e eu tenho acompanhado de certa forma, pois ela me telefona para tirar dúvidas. Ela me diz que existe esse problema no qual eu já me referi que é o fato de não saber onde colocar uma atividade, pois ela pode participar de vários campos de diversas naturezas. Ele é bastante complexo, ele é um currículo detalhista, muito cheio de observações, é preciso ter muito cuidado na hora de incluir os dados, mas não é um currículo muito difícil de preencher não. É trabalhoso, é o que eu posso responder, pois não sou eu quem "mete a mão na massa".

***A sua produção de maior relevância é possível de ser incluída no Lattes?***

É possível, pois houve um avanço na apropriação e na qualificação dos nossos trabalhos, porque eu realizo muitos trabalhos na área cênica, ou seja, em várias atividades: seja como assistente de direção, seja como diretor, seja como ator, as vezes como dramaturgo, o fato é que anteriormente, quando eu só trabalhava com literatura, nós não tínhamos muito espaço para registrar ou fazer pontos as atividades práticas na área de cena, na área do espetáculo, porque a faculdade era de letras e lá só se entende a literatura escrita. Não se considerava a literatura oral, ou a expressão oral da literatura, que é o caso do intérprete cênico, do interprete teatral com texto, não se considerava uma atividade adequada para se incluir no currículo. Me parece que foi o Currículo Lattes que modificou essa concepção, aceitando as expressões orais e cênicas como possíveis de registro. Então, antes eu tinha essa dificuldade: eu tinha realizado 3 ou 2 espetáculos, como autor ou como diretor, e isso não era registrado. Acho que com o Currículo Lattes eu fiquei beneficiado e também porque tive a oportunidade de ser transferido da faculdade de letras para a faculdade de comunicação e artes e passei a trabalhar no departamento de teatro e isso me facilitou, pois as minhas atividades de todas as naturezas, seja escrita, seja publicação de artigos, de livros, de textos sobre teatro, de críticas sobre espetáculos em jornal, são contatos, mas também a minha atuação como ator, como dramaturgo, como diretor, também pode ser contemplado.

***Existe uma grande discussão na academia, com relação a arte e a pesquisa em arte e a pesquisa científica. De um modo geral, o que o senhor considera uma pesquisa em arte?***

Mais uma vez, as dicotomias, separações, compartimentações, são de difícil limitação. O reconhecimento dessas fronteiras é muito complicado. Onde termina a pesquisa e onde começa a prática ou a utilização dessa pesquisa. A pesquisa não deve ser considerada apenas como um trabalho laboratorial ou de escritório fechado, solitário, individual. A pesquisa deve ser coletiva também. Não impede que ela seja individual, mas não só, ela pode ser coletiva e deve ser praticada em todos os espaços em que caiba algum objeto de interesse da pesquisa e acredito que ela esteja sendo praticada no momento do exercício da atividade. Ela tanto antes, como durante e depois. A pesquisa é uma atividade de observação e de estudo e isso pode ocorrer sob qualquer episódio, sob qualquer etapa no trabalho. Num trabalho anterior, num trabalho de escritura, houve coleta de dados ou coleta de material, mas também pode ser num momento em que você esteja já utilizando esse material na elaboração de um novo produto. No caso das artes cênicas, o teatro, a pesquisa para o teatro, seria o levantamento do material, ou seja, do contexto, do texto, levantamento da época, das razões e o porque aquele texto surgiu, da vida do autor, da história, da política, das sociologias, da religiosidade, enfim, levantar tudo o que cercava a criação daquele determinado texto. E logo o espetáculo é também uma manifestação de pesquisa. Ele é também a expressão da pesquisa. Porque na hora de você desenhar, ou seja, quando você está desenhando na pesquisa como deverá ser o figurino de determinado ator, de determinada personagem numa peça de época, você desenha uma coisa, mas na realidade sai outra. Então na hora de executar o figurinista continuará essa pesquisa sob o material que ele dispõe. Então esta produção não pode obter o material indicado. Por exemplo, indica-se uma cortina muito cara, então o cenógrafo diz que não pode obter uma cortina tão cara; de maneira que a produção continuará essa pesquisa na medida em que procurará adaptar a sua realidade as limitações do pesquisador primeiro. Imagina para o pesquisador que deve dar o efeito que o primeiro pesquisador limitou e indicou como provável, correto e justo para determinada época, com um outro tecido. Que tecido poderia provocar o mesmo efeito. Essa é uma pesquisa, resulta em pesquisa. Então eu não sei realmente onde é que termina um e começa o outro. Onde começa o campo da pesquisa e o da aplicação da pesquisa. A aplicação da pesquisa é a continuidade dela. A pesquisa ajuda a transformar um determinado objeto em uma “coisa viva”. É um meio auxiliar muito importante.

***Eu trago essa pergunta porque sempre tenta-se encaixar a pesquisa num molde e que isso, em arte, escapa, porque você não consegue fazer um “modelinho” e dizer que aquilo ali é pesquisa. Então eu gosto de perguntar para verificar se esta minha hipótese é verdadeira.***

Mas eu acho que não é só em arte não. Eu acho que em outros campos, na hora em que você vai aplicar a pesquisa, ela pode falhar, ela pode não ser exatamente aquilo que você gostaria que fosse, ou levantou como sendo o melhor para o seu objeto de observação e aí você vai ter que fazer um ajuste, enfim isso é uma seqüência da pesquisa. É uma outra face dela. É a pesquisa entrando em contato com a realidade propriamente.

***As instituições utilizam o Currículo Lattes como uma única base de dados para avaliar a produção docente. O senhor já falou um pouquinho que se sentiu privilegiado em relação a sua produção. O senhor acredita que esse instrumento pode avaliar com eficiência a produção acadêmica dos pesquisadores em arte?***

Depende, ou que seria eficiência....

***Ou de uma forma justa?***

Não acredito, justo obter o rendimento de um pesquisador... Ele pode apontar para uma justa apreciação dos trabalhos, mas a questão não é o currículo em si. A questão é a comissão que vai avaliar o currículo.. Como eu te disse eu não domino muito o Currículo Lattes, eu não sei se ele tem pontuações, se ele tem hierarquias ou não, ou seja, coisas mais ou menos importantes... eu sei que existem áreas e sub-áreas. Mas isso não quer dizer que as áreas são mais importantes que as sub-áreas. A sub-área é uma área solidária, paralela que está embutida na concepção da área. Então, a comissão que for avaliar, a pessoa que for avaliar o Currículo Lattes de um determinado candidato é que terá que ter uma postura mais eclética porque o currículo tende a vasculhar tudo o que você fez. Ele tem um índice que registra tudo o que você faz. Agora, se ele é justo ou não eu acho que não é tanto dele. Eu acho que é mais de quem o lê. Eu nunca percebi o Currículo Lattes como prejuízo a minha atividade; ele melhora a minha atividade, ou seja, a leitura do que eu faço. Isto em relação aos modelos anteriores, aos modelos que preenchíamos anteriormente. Mas como eu disse, o Currículo Lattes acaba sendo muito minucioso e causa um certo cansaço à sua leitura. Muitos colegas com muitos anos de trabalho, que estão na academia há mais de 20 anos costumam ter um currículo muito vasto, copioso. Duvido que se termine a leitura dele...

***O senhor acha que ele fica um pouco repetitivo?***

Acho.

***Se tivesse alguma coisa para sugerir, não didaticamente porque o senhor não conhece os campos...***

Eu sugiro um reestudo do formato para verificar em que pontos ele pode ser simplificado. Procurar fazer uma versão simplificada igual se faz com o imposto de renda.

***Com relação à exposição dos dados: o senhor acredita que esse currículo estando com as informações dispostas e o fato de que as instituições podem ver os dados, se ele [o Currículo Lattes] pode ser utilizado como instrumento de vigilância e de controle entre os pesquisadores?***

É complicado... eu acho que não... controle sempre há. O objetivo é esse mesmo. Ler o seu currículo para saber se você reúne condições para um determinado objetivo. Nesta leitura está pensada e incluída uma observação justa ou não se você pode ou não. Então, ao confrontar o meu currículo com o de outro pesquisador e em função daquilo que nós dois estejamos nos candidatando, quem estiver lendo poderá concluir qual dos dois preencheria melhor uma vaga proposta. Então, fora este objetivo, só quem estiver muito proposto a prejudicar os outros, estiver com um espírito negativo e que queira usar o Currículo Lattes como uma arma. Não é que eu não acredito que essas coisas não aconteçam, eu até suspeito, mas eu não dou força para esse tipo de suspeição minha de que o currículo possa ser usado como arma, como meio de prejudicar alguém, de controlar a vida de alguém ... Você está pensando também no sentido de que o Estado esteja olhando e entrando na nossa vida daquele olho de panopticon? Do olho que vê tudo?

***É mais ou menos, mais no sentido de que as instituições de observarem a produção dos seus docentes e por ali ter uma forma de cobrar produtividade...***

Não vejo problema nisso. Pode ser mesmo que seja, mas eu não vejo mal nisso não. É bom que o governo saiba quem está produzindo melhor, que o ministério da Educação saiba até melhor do que sabe quem está produzindo ou não. Chegar perto e interessar-se e saber porque aquela universidade não está produzindo, quais são as deficiências, quais são os meios com os quais o governo poderia ajudar para que ela viesse a produzir melhor. Acho que se for bem entendido o Lattes pode oferecer aos técnicos e funcionários, enfim, pessoas que trabalham no Ministério da Educação, pode oferecer elementos para uma melhor análise de cada unidade do país, cada Centro Universitário. Acho que é bom. Eu penso positivamente, não como um elemento nocivo, prejudicial ou uma arma.

***Do total das bolsas do CNPq concedidas nos últimos cinco anos, para a área de Arte, (esta contemplada com Letras, Linguística, Artes e Multidisciplinar) foram ofertadas entre 3 e 4% , porque o senhor considera que este índice seja tão baixo?***

Esse numero é baixo. Multidisciplinar engloba tudo. Eu elogiava o Lattes porque no seu trabalho de esquadrihar bem a natureza de cada tarefa, ele acaba por apontar essa multidisciplinaridade em uma atividade, como em teatro que a pessoa acaba estudando história, filosofia, sociologia, política, porque eu não posso trabalhar um texto teatral sem recorrer aos elementos em que ele foi gerado, em torno dos quais, em função dos quais ele foi gerado. A novidade é o multidisciplinar. O próximo projeto que eu for encaminhar já vou encaixar no multidisciplinar. A generosidade das artes e do campo teatral é tão grande que você, ao estudar teatro, ao montar um espetáculo, você tem que saber sobre luz –que é física -, cor – que é química e física - , tem que saber linguística, tem que saber história, tem que saber geografia, enfim, tem que saber filosofia, então é multidisciplinar. Há também uma coisa que acontece comigo que é o critério de idade para atribuição de bolsa, isso me deixa um pouco triste que esse critério de idade seja tão rigorosamente adotado. Por exemplo, entra um projeto de uma pessoa que tenha 25 anos de magistério, portanto, 50 ou 60 anos de idade. Este concorre com uma pessoa de 20 anos de idade, recém-formados. Eles preferem os jovens e costumam negar bolsas à pessoas de menor idade. Isto é uma coisa que precisaria ser reequilibrada. Não estou dizendo que devemos entrar num ciclo de privilegiar somente os mais velhos, os mais experientes. Mas é preciso estabelecer-se um equilíbrio, umas posturas de maneira que tanto os jovens possam ser estimulados com a concessão de uma bolsa, quanto também o professor experimentado, vivido, e que tenha uma contribuição a dar, porque se está decretando muito cedo, precocemente o fim de uma carreira, de uma vida, quando se nega quase que sistematicamente o apoio ou uma bolsa a uma pessoa de mais idade.

***Professor, o senhor gostaria de acrescentar mais alguma coisa?***

Não, estou satisfeito com a conversa e achei muito boa a sua entrevista. Foi muito objetiva e apesar de eu iniciar achando que eu não ia ser útil penso que foi sim.

## **Entrevista 15**

**\*FELIPE/ IES: USP**

Área de Atuação: ARTES VISUAIS (ARTE & TECNOLOGIA)

Data: 20/05/2009

Local: Gabinete de Trabalho - USP - São Paulo

Duração: 92"

***Professor, o senhor conhece e possui cadastro no Currículo Lattes do CNPq? Desde quando?***

Desde o "bbcur", ou seja, antes do Lattes estar devidamente instituído. Quando a gente tinha ainda que fazer ...enfim. Ainda era através de disquete, você tinha que pegar o currículo Lattes, baixar o currículo Lattes, quer dizer, nem tinha como baixar. Você pegava uma versão do Lattes, instalava no seu computador e a partir daí você pegava essa mesma versão e enviava para eles. Enfim. Eram outros processos. Mas eu acho que eu tenho o Lattes desde esta primeira versão. Desde o "Bbcur" da primeira versão.

***Professor, você acha fácil o acesso ao currículo? Tem facilidade com o preenchimento?***

Eu diria que não tenho dificuldades, mas a questão é que são algumas especificidades que nem sempre o Currículo Lattes ele aborda e algumas dubiedades relativas à área. A questão do Lattes, um dos maiores problemas do Lattes é que ele foi estruturado inicialmente, agora ele está a sendo transformado, o Data Capes também, embora sejam coisas distintas, elas estão relacionadas, elas foram estruturadas para algumas áreas do conhecimento. Então, eles privilegiam as áreas da ...algumas produções que são as produções de natureza bibliográfica. Toda a base de dados, toda a maneira como esse cadastramento é feito, é feito em função de outras áreas inicialmente. É claro que isso vai sendo transformado porque existe uma demanda dos próprios usuários, de todos os professores, de todos os alunos, e a dimensão que o lattes tem hoje é realmente muito grande.

O Lattes passou a ser como que uma carteira de identidade acadêmica. Mas é que usado como ainda ela é fortemente calcada, talvez por ser também uma grande maioria, como uma base de dados para um tipo de produção, porque ela é muito versada e de alguma maneira ela foi concebida para um tipo

de produção bibliográfica, por exemplo. Basicamente é isso. Digamos que a estrutura principal dela é assim. Então, se você tem uma produção que fuja destes tipos de parâmetros como a produção artística, aí ficam pontos, que não são esclarecidos.

***Já que você tocou nesse assunto, então vou adiantar uma pergunta. Você considera os campos – o senhor até já comentou um pouco – relacionados à área de artes no currículo suficiente? E o que na sua opinião, não está contemplado?***

Eu acho que não são suficientes não e há uma grande dubiedade na questão do lançamento. E não só nesta parte. Mesmo em outros lançamentos como participação em congresso, participação em seminários, conferências, quer dizer você pode lançar em alguns campos. Mas para a pessoa que não tem prática, que não está acostumada acho que é muito diferente. Eu vejo isto mais pelos meus colegas, talvez pelos números de anos que estou mexendo com ele, foi ficando fácil.

Enfim, você vai se acostumando e já sabe basicamente onde estão as coisas, aonde você lança, mas às vezes alguns colegas te perguntam, eu mesmo quando vejo itens novos que surgem, já não sei onde lançar. Tem que pensar. Eu acho que uma primeira providência que deveria ser tomada, isso independente de área ou não. Teria que ter uma ajuda no Lattes, ou seja, um indicativo do que cabe para aquela entrada, onde deveriam ser lançados aqueles dados, e isto por área, evidentemente, artes, humanas, biomédicas.

No campo de artes específico também acho que ficou um grande buraco. Porque parte dessa produção não é considerada como científica e, no meu entender, também não é considerado científico mesmo porque simplesmente não é científico. Produção artística não é produção científica. Produção artística é produção artística. Mas a grande questão é que ela tem que ser considerada. É a mesma coisa que eu chego para alguém da área de física e digo: meu amigo, onde está sua produção artística? Aí o cara vai olhar para mim e dizer: como produção artística? Eu não tenho produção artística *stricto sensu*, talvez nem *lato sensu*, nem nada.

E a mesma coisa aí. Eu acho que a grande conquista que se faz aí é que simplesmente este tipo de produção não era considerado ou está muito defasado. Então, por exemplo, se os campos que tem para - é claro que isto é uma luta antiga dentro do próprio CNPq também. Mas, de qualquer maneira, por exemplo, se a gente for ver os dados que tem lá e isso cabe também à própria FAPESP está aí, CNPq está junto e a Capes melhorou. E talvez seja uma outra coisa que eu acredito que deveria ser feita é uma relação maior entre estes bancos de dados. Notadamente da CAPES e do CNPq.

E a CAPES sim fez uma atualização destas produção artística, dos itens, ou seja, do seu entendimento. Isto não quer dizer que o artista não deva ter uma produção reflexiva escrita também. Isto é um outra questão. O fato é que em alguns momentos, em várias universidades, a daqui inclusive, por uma questão de regimento geral alguns dados não são simplesmente computados. Porque eles não entram no que seria o campo geral do círculo do conhecimento. E os dados artísticos são esses.

Há uma grande defasagem. Como esses dados, de uma maneira geral, são estáveis e independentes dos assuntos que estão sendo trabalhados....Por exemplo, quando você faz um livro, independente de qual tema que você discute no seu livro, ele continua tendo ISBN, tem número de páginas, quer dizer número de páginas hoje em dia é uma coisa impressionável, mas você tem que acrescentar alguns itens como o URL, você tem que ver se ele está numa mídia eletrônica ou se ele está on-line, etc. Então, são novos dados que não eram possíveis inclusive de serem acessados antes.

Mas, de qualquer maneira, enquanto estrutura básica está lá. Tem um comitê, de seleção, número de páginas às vezes não tem. Enquanto em estrutura fica. Agora em artes quando você vai lançar o máximo onde você alcança é no vídeo. Então, você tem pintura, escultura, gravura no caso das artes plásticas ou das artes visuais, tem toda essa questão de nomes, já começa por aí a grande confusão, de artes plásticas, visuais e belas artes. E daí você está no vídeo. Se você faz escultura, pintura, gravura, no máximo vídeo ou fotografia que às vezes está no campo que às vezes é o da comunicação junto com o próprio cinema, que também é outra confusão que existe.

Quem faz alguma outra coisa e está há anos que o máximo que você entra em termos de outras possibilidades classificatórias você não tem "*status quo*", eu não estou nem entrando em mídias eletrônicas ainda que é quando você faz uma obra de arte ou bioarte, enfim "N" outras possibilidades que estão aí você tem que parar no que seria vídeo. Se você faz alguma coisa que não seja pintura, gravura ou escultura, você faz vídeo. Tem um monte de gente que já não se encaixa mais neste tipo de perfil. Porquê? Porque a arte tem outras formas, porque você está falando não é só questão assim.... você não tem performance, você não tem uma bioarte, você não tem instalação, que são equipamentos que hoje em dia é a maior parte das produções artísticas contemporâneas.

O difícil destas coisas do Lattes é onde é que você lança essa produção. Você tem que lançar em outra, outra, outra, o tempo inteiro. E quer dizer quando este número de outras excede outro desconhecimento que isto também acontece. Tem muita gente que lança um negócio porque não sabe procurar. Mesmo quem sabe tem que lançar em “outros” porque não existe outro campo possível. Então tem alguma coisa errada, alguma coisa que precisa ser modificada e atualizada. A grande diferença entre as artes e as outras formas de conhecimento, mesmo conhecimento científico neste tipo específico é que esse é um campo que está em constante mutação. Ao passo que nas outras, embora esta mutação aconteça de maneira tão intensa quanto, a questão é que no lançamento dos dados o que continua sendo computado é a produção bibliográfica e acabou por aí. Basicamente é esta, independente de ela ser ....de ela ocorrer na forma de participação em congresso através de anais ou pela publicação, digamos, de artigos, etc e tal. E um outro problema, que as artes tem aí também, que são os catálogos que não são levados jamais em consideração. Então existem catálogos que são maiores do que muitos livros. Então há especificidades.

Por exemplo, na física é raro alguém da física publicar um livro. Eles trabalham como? Basicamente com objetos, publicação de artigos e revistas indexadas. Tudo bem. Então é um critério de áreas. Agora, a artes além dela ter seus livros como outras áreas têm. Por exemplo, na área de ciências humanas é comum que se publique livros também. Isto tem uma importância muito grande. Então, isto está contemplado. Toda esta produção bibliográfica de um modo geral está contemplada, mas os catálogos em particular não. E as pessoas produzem catálogos com tipo manual, não sei o que. Às vezes um catálogo pode ser muito mais relevante no campo do que o livro.

E em termos de conteúdo, de qualidade, etc, etc. O que está acontecendo é que não há este cuidado. Porque? Porque muitos destes catálogos não tem ISBN e coisa e tal. Apesar de que muitos saem hoje também. Porque são feitos por, instituições, etc. e tal. Mas, hoje em dia você pega um catálogo da Bienal de São Paulo que diz textos que estão lá, etc, etc, a qualidade daquelas imagens, não são imagens, digo imagens enquanto consulta, enquanto conteúdo, enfim. Se para um químico, se para um físico, se para um matemático, as formas e os elementos que eles trabalham são importantes porque trabalham num campo praticamente de referências visuais muitas daquelas referências são referências visuais fundamentais. Então, colocá-las como? Então, espera um pouco! Se você não pode colocar isto aqui, como é que você vai dizer que este artigo tem 20 páginas, se cinco são só imagem, se 10 são só imagem.

Mas, se minha fonte de referência é uma fonte de referência imagética, como não vou utilizar? É a mesma coisa que eu chegar para um matemático e dizer: “eu quero o texto escrito, porque esse negócio de vir com fórmula, esse negócio não funciona porque isso não é texto”. Então eu acho que é um julgamento um tanto quanto ridículo, às vezes que é feito. No que diz respeito à área de arte, digamos, é necessário uma atualização, é premente que seja feita, digamos, uma atualização. Porque a área tem que ser contemplada. E CNPq, quando se diz nacional quer dizer o quê? Essa é uma outra questão bizarra.

Quando você pega o primeiro parágrafo está lá: “dar ao desenvolvimento da ciência e tecnologia. Então não é ciência, tecnologia e artes? Porque esse também é um desenvolvimento também. Porque a arte e cultura é fundamental para o nosso país ou se faz um organismo, mas eu acho que no organograma dentro do próprio conselho do CNPq, da CAPES. Sei que no CNPq é que ele tem bolsistas e eu inclusive. Não sou só eu. Tem um monte, vários bolsistas em artes também.

Se a gente desenvolve pesquisa, nós temos bolsa, nós temos projetos, que nós estamos dentro, se tem uma área do qual analisa os nossos projetos, nós estamos dentro de todo o sistema de seleção nós somos avaliados, etc, etc, e tal, porque que a nossa produção específica não é avaliada enquanto tal? E aonde a gente tem...Aonde a gente deve mostrar esses nossos elementos, quer dizer, a gente deve mostrar nossas particularidades eu tenho outros elementos que não funciona. Uma coisa que a gente tem que entender é o respeito pela nossa singularidade é como, por exemplo, como comprar roupa. Já nos EUA é feito um figurino para os americanos que de um modo geral são mais gordos e muito maior. E aqui no Brasil nós somos menores e mais magrinhos. Esperamos que se eu for comprar calça lá não é o do tipo que funciona. Então é querer ajustar um tipo de roupa para outra figura.

E a arte, de um modo geral, dentro da universidade tem os seus figurinos. Não é igualzinho ao dos outros. O que não a exime de também vestir calça. Então o que acontece aqui...Ninguém está dizendo que o artista não vai escrever, que ele não vai publicar, não vai participar de seminário, não vai fazer isso, não vai fazer aquilo. Isto tudo já é contemplado no Lattes porque já está mais do que esmiuçado pelos outros colegas. Então isso não é para se preocupar. Mesmo tendo estes itens, por exemplo, catálogos não são contemplados. Eu não lembro se coloca exposição, se coloca produção de filme, a produção....Até tem de vídeo, mas é tão....enfim. Precisava ter campos e que isso fosse melhor elaborado.

***Agora, uma pergunta particular. Da sua produção, o senhor já tocou neste assunto, mas da sua produção aquilo que o senhor considera de maior relevância é contemplado no Lattes ou o senhor fica procurando?***

Não é contemplado no Lattes. Eu trabalho com artes e mídia, arte e tecnologia. A minha produção não é contemplada. A produção do Lattes, quando você vai trabalhar com arte instalação, performance, instalações interativas, sensoriamento, isso não é contemplado, mas nem passa longe. O Lattes pára no vídeo e ponto. Se eu for utilizar enquanto categoria, aparecem as categorias convencionais das artes e pára nos anos 80 que é o vídeo. Daí para frente não há nenhuma outra mais. Um artista que trabalha na contemporaneidade, o único jeito dele citar aquilo lá é “outro, outro, outro”.

Quer dizer, a não ser que ele trabalhe dentro dos campos mais convencionais. E aí quando estou dizendo convencional não é nenhum julgamento de valores. Como não estou dizendo que um trabalho artístico é melhor ou pior do que qualquer outra publicação. Porque publicação ainda é área pública. Então eu acho que da área pública é mais que uma exposição. É uma exposição. Mas desde que ela seja trabalhada em outros conceitos também. Eu não estou querendo substituir uma coisa pela outra, mas dizer que na atividade artística, inclusive acadêmica, que é essa a grande questão, porque o Lattes não está aqui para fazer recenseamento de artistas de mercado ou de um médico de mercado também, ou de um físico de mercado que está fazendo para a indústria também ou de um matemático que faz isso também.

A questão é outra. Ou de um escritor que está escrevendo um livro aí comercialmente falando do mundo acadêmico. As artes fazem parte da universidade. A universidade faz parte do mundo acadêmico. Existem muitos desses trabalhos que são frutos de uma intensa pesquisa. De pesquisa de natureza artística. Mas elas existem. Muitas são feitas em grupo. Muitas são feitas, são repertoriadas, elas são investigadas e trabalhadas para que daí você tenha dados. E como eu posso expor isso além de levá-las para seminários e falar delas? A especificidade, como se existe a especificidade de alguém que trabalha na área da tecnologia que vai fazer uma, tipo, licença, que vai fazer uma patente.

No campo das artes existe a questão da exposição, seja ela exposição musical em público. Imagina você apresentar a obra numa bienal de São Paulo ou numa exposição de grande visibilidade? Visibilidade. Estou dando o desvio. Estou expondo. Estou publicando. Estou dando a público. Onde, de um maestro ou de um grupo de música que busca novas possibilidades seja de música clássica, seja de música eletrônica, etc. Como é que eu vou colocar isso e mostrar ao público de uma grande festa, num evento de teatro, acontecimento urbano, etc. e tal. Arte pública também é outro item que quando se quer tipo de colocar dentro destes outros elementos, enfim. São várias as possibilidades aí, música, música eletroacústica, além de todas estas participações dessa, digamos, de outros assuntos, que existem nos campos do mestrado. Então, realmente é difícil. É claro que você não pode atender a todos os campos. Seria impossível. Isso é uma coisa muito complicada.

Mas enquanto estrutura, faltam pelo menos algumas categorias novas que não tinham sido pensadas até então, onde você pudesse colocar esses elementos como elemento chave e daí sim falar da especificidade. Eu acho que realmente faz falta sim. É uma questão de valorização do próprio professor e do próprio pesquisador em artes na universidade brasileira, porque a pesquisa em artes não se resume em história da arte e a estética. Tem a questão do fazer artístico, assim como a física, a matemática, não só física e matemática teórica. E assim como...E assim vai.

Em todos os campos existe a questão, na própria medicina e em outros campos também, da teorização e a questão do próprio fazer específico em outras áreas que são as áreas aplicadas. A engenharia é uma área aplicada no seu campo geral. Só que tem que ter uma força política muito grande. Então, ela consegue aplicar as mudanças que ela quer. Então, hoje em dia, se por exemplo, no campo da biologia, eu acredito que já tenha lá o que seja a genética. Não é possível que em todos esses anos que eles não possam...Eu não posso perguntar para eles “o que você faz?”. “Trabalho em genética”, que é um campo, sei lá, há 10 anos atrás talvez nem existisse.

O que eu sinto é que há uma preocupação de algumas partes, tanto é que na Capes essa briga já vem acontecendo, que já é antiga, que não é de hoje também, mas já vem surtindo resultado. Já a partir de 2008, 2009, é lançada a produção artística com novos campos diferentes do Lattes porque o Lattes não te cumpre. Você pode mudar, mudança vai ser feita, então.... Por exemplo, no Data Capes esse campo já foi feito, já assinado pelas três áreas. Você já tem uma divisão melhor dentro desse tipo de coisa.



***Professor, o senhor tocou na questão da pesquisa, eu tenho uma pergunta também relacionada a isso. Só para complementar, porque existe sempre essa grande, sei lá, dicotomia ou divisão que se faz da arte e da ciência ou da arte como produção científica. De modo geral, para o senhor, o que é considerado pesquisa em arte? O senhor já citou que ela não é científica.***

E não é tecnologia. Outra bagunça que existe no meu entender é se arte é ciência e tecnologia? Porque tecnologia também não é ciência. Mas eu não uso ciência? Óbvio que eu uso. Essa é a grande história. Mesmo em arte. Eu trabalho com arte e tecnologia. É óbvio que eu uso tecnologia. E é óbvio que eu uso ciência também. Mas isso não é ciência e nem tecnologia. Isso é arte. Que a questão é que você pode falar para os próprios tecnólogos: isso é ciência? Muitos deles vão dizer: Não. Isso não é ciência. Isso aqui é tecnologia. Por isso é que nós somos dos campos das ciências e qualquer coisa. Tecnologia é a aplicação de determinados conhecimentos científicos.

Enquanto em nível de estruturas em artes... Em arte é isso também. O que é pesquisa em arte então? Pesquisa em artes é um outro tipo de envolvimento, assim como na relação entre ciência e tecnologia. Talvez eu possa falar disso de alguma forma...talvez seja mais fácil de compreender. Como que você faz...Uma coisa é quando você está pesquisando desenho em artes sem nome nos índices gerais. Em tecnologia você vai procurar alguns, digamos, aplicativos novos. Então você está buscando desde que seja uma nova bombinha para o seu motor funcionar melhor ou para você fazer uma fundação de um poço de petróleo pré-sal porque nunca foi ainda. Só se fez a 1 mil metros de profundidade e agora você vai ter que descobrir um novo sistema que funciona a 3 mil metros, tal. Você não vai fazer um novo tipo de pesquisa sem levar em consideração todos esses novos elementos do pré-sal.

Em artes, há esse tipo de busca. De você estar procurando fazer novas incursões no campo do sensível, se você está trabalhando com música ou com ciências, você está procurando novas sonoridades, ou seja, novas relações entre o público e suas formas, novas formas de você falar do seu próprio espetáculo, e as artes vão dentro desse campo da própria visibilidade. Eu posso citar desde ... ou produções que são híbridas onde você vai usar o próprio senso acadêmico, onde você vai usar novas formas de percepção, onde eu posso trabalhar com a coruja não tendo que trabalhar imagneticamente dentro do espírito *sensus*, mas pegar o próprio fenômeno que faz com que a gente veja os próprios ... ou seja, trabalhar essa visibilidade em outros campos.

A grande diferença que existe entre a questão da ciência e da tecnologia e da arte é que a ciência e a tecnologia buscam a sistematização e a repetibilidade. Porque? Porque uns cientistas fazem um experimento aqui e outros têm que repetir lá e assim por diante. A arte busca uma coerência interna, mas não necessariamente ela é repetível e não necessariamente ela é sistematização porque ela trabalha num universo que se fecha nela mesma.

Que se fecha nela mesma, mas abre a nossa reflexão do mundo para os outros. Se fecha em termos de incoerência que não tem uma ligação de época, ela tem toda uma reação e aí nesse campo ela é muito mais próxima do que seria, imagino, do campo das ciências humanas. Porque o que você está buscando é uma reflexão sobre o próprio homem, sobre a sua colocação nesse nosso espaço. E aí é uma das grandes diferenças. Talvez uma razão de você dizer, por exemplo, quem é mais importante: o Da Vinci ou será Picasso ou alguém que trabalha com tecnologia? E nem vou falar no nome de alguém que trabalha com tecnologia porque senão vão perguntar quem, mas quem, quem?

Porque a questão é essa e já são nomes que já são consagrados. E o que vai concorrer com isto? Não dá. Porque é impossível comparar. Porque eu não posso pegar aquela ligação com ele e ... em ciência se você pega o Newton ou o Einstein você pode dizer: Ah!, mas o Newton..., o Einstein quebrou a teoria do Newton, não é que quebrou, expandiu o campo do conhecimento. Se em ciência você descarta aqueles outros caminhos porque foram experiências, porque há uma sistematização, uma busca em saber esta verdade entre aspas. Isto é uma bobagem. Isto não existe. Essa é a grande diferença. Agora, não é por isso que não existe pesquisa, que não existe busca, que não existe um investimento, e que esse trabalho que é tipo apresentado seja de um Picasso, ou de um Da Vinci, ou que entra outros mil artistas, a gente pode citar milhões aí, inclusive da nossa atualidade, evidentemente.

O que é boticário é uma outra coisa, é uma coerência visual, é uma discussão com a sociedade, é uma discussão da contemporaneidade. E é uma discussão, é um diálogo entre áreas mesmo como as ciências faz com ela. Porque quando um cara está mexendo com biologia e está trazendo problemas como o das células-tronco e todas as questões que a genética está trazendo hoje em dia, ele está discutindo socialmente inclusive se pode ou não pode, se é ético, se não é ético e com todas estas outras pessoas aí, se dá registro ou não, se aquela teoria vale ou não, se aquela outra não funciona ainda, etc. e tal.

A questão em arte continua isto também. Mas não é mais ciência, se fosse darwinista ou criacionista, se você é não sei o que, mas os campos existem. E existe uma fila enorme. Se arte e tecnologia é arte ou se não é. Se este tipo de sensibilidade é do homem contemporâneo ou se os artistas estão a serviço das grandes indústrias tecnológicas, etc. e tal e outros discursos que existem por aí. Além de toda essa questão desse contexto que não estão sendo envolvidas há toda uma busca. E mesmo pela questão da busca do artista de tornar pública ...

Toda aquela procura de pigmento, etc, etc, como é que vai fazer aquilo, como consigo, como eu não consigo, como aquilo se explica, como que aquilo se estabelece, e a busca da linguagem? Esse que é o grande problema. Então não é a busca do fenômeno em si. Se meu sensor que faço em uma instalação, se ele vai funcionar ou não. Claro que ele tem que funcionar. Mas o problema que eu estou buscando é uma linguagem, é um diálogo, é uma busca de interface do mundo com essas coisas que são feitas aí, interfaces inclusive do nosso populário que devia ser pensado e repensado por designer, que são campos específicos, que sabem mais dessa relação interface. Todos nós usamos máquinas, todos os cientistas.

Ninguém usa porque? Qual é essa bendita interface que eu vou usar? Talvez seja uma interface muito mais àqueles que estão acostumados...que eles não estão pensando, o uso das habilidades e os outros itens porque aquilo está de tal forma arraigado, a maneira como eu vejo, inclusive, visualmente aqueles benditos formulários lá, deveriam também ser repensados. Tem gente que estuda isso também. Tem gente que trabalha com isso. E isso não é respeitado. Toda aquela forma careta, horrorosa, há anos, o que dificulta, inclusive, a entrada. Dificulta para uns, porque outros que tem aquela forma de ver o mundo, que está completamente marcada por determinados pontos vai continuar assistindo a fita completamente e até se adequar completamente.

As artes de alguma forma é esse inconformismo do que está sendo apresentado. Mas, isto exige uma busca e uma pesquisa enorme...É claro que existe uma pesquisa em artes. Nunca deixou de existir. O único problema é se valorizar isso. É a saída que seria aquele ideal romântico do artista que vai se matar, que vai se curar não sei o que, nada, que vai procurar as coisas como se fosse uma coisa individual, que ele vai fazer uma coisa, uma coisa...mas é também. Não quer dizer que não, que um troço, se é cientista muitas vezes tem também o empenho individual dele e com certeza ele é tão louco quanto qualquer artista.

A dúvida não está em ser tão criativo como qualquer artista também. Mas a questão é que um leva esta busca e empenho dele para um campo e o outro vai levar essa busca e empenho dele para outro campo. É só isto. É uma questão de escolha de campos e de potencialidades e de qualidades que você tem em outros campos. Um bom cientista, digamos, em física, certamente não o seria em medicina ou em arquitetura ou em artes, ou seja lá o que ou em educação física. E aí mesmo o comentário vale para todos e vice-versa. Eu posso ser muito bom em fazer arte, mas seria um péssimo físico e vice-versa, um péssimo biólogo e vice-versa.

Existe pesquisa em artes. Ela tem suas especificidades, mas não deve ser aí confundida com o trabalho de mercado... A mesma coisa que o cara vai fazer romance e vai vender por aí. Não está pensando num campo cênico. A mesma coisa que o cara que está fazendo um quadro, uma instalação, sei lá o diabo que ele está fazendo, não de estar vendendo em galeria visual. Não é esta confusão. Mas é quem está procurando e isto de uma maneira há uma sistematização. Mas a forma como esta sistematização é feita, evidentemente não é igual. E nem poderia, porque nós estamos falando de coisas diferentes.

Como é que eu posso usar as mesmas ferramentas para analisar ou para realizar os meus trabalhos? O que funciona para um campo não necessariamente funciona para outro. Simplesmente o que se pede é que também se lembre dessas outras pessoas que estão aí e que estão inseridas. E o Lattes querendo ou não ou o BCCUR, quando tinha na sua origem, ele veio já assim. É claro que ele está sendo melhorado e é extremamente importante que ele siga assim, aprimorando. E vem sendo.

Seria completamente injusto dizer que não há esta melhora. Há busca, há melhora, mas há ainda, certamente, se for investigar pessoas de outras áreas, mesmo da área de exatas ou de biomédicas, com certeza eles vão ter um outro tipo de problema. Eu não posso falar por eles porque eles têm as especificidades deles. E além de terem essas especificidades deles, eles têm a força política para fazer essas mudanças e para fazer de forma muito mais evidente e muito mais fácil do que um grupo que querendo ou não querendo é um grupo minoritário, dado o número de pessoas.

Quando estou falando minoritário, não estou querendo dizer com isso mais ou menos importante. Mas ele é minoritário no sentido de que o número de pessoas, ou seja, "ah!, na área de artes não era uma pesquisa interessante para ser feita". Quantas pessoas tem atuando em cada campo. É a força que, evidentemente, naquele momento aquele campo tem. Se você pegar a genética agora com certeza talvez o número de pessoas que trabalham com genética não seja tão numeroso, mas a

potência que eles têm financeira e a potência de não sei o que, é incontornável. A mesma forma de negócios do pré-sal. Se eles resolverem colocar dinheiro no negócio do petróleo como sempre teve e com certeza vai ter muito mais a partir de agora, então um grupo que pode ser relativamente pequeno ou relativamente grande vai ter uma força para fazer mudanças e para coisas. Mas eles fazem pressões políticas.

E de um modo geral qualquer desenho de qualquer interface ela é socialmente trabalhada. Isso é o retrato do nosso currículo Lattes. E ele só vai ser moldado a partir do momento em que as bases começarem a encher o saco dos caras. Que as pessoas se percebam: “pô, eu não me vejo representado aí. Mas eu não me vejo representado”. Parte disso é responsabilidade da área e talvez a maior parte realmente depende da área porque as antigas gerações que são as que trabalhavam com as maneiras mais clássicas de arte, não que é...não estou fazendo nenhuma distinção ou valorização de dizer que uma é melhor ou pior do que a outra. Mas não dava a mínima importância, não tinham essa inserção universitária que vem tendo hoje e isso graças à pós-graduação. Graças ao número de pessoas formadas, graças ao número de professores.

Talvez se você viesse há 20, 30 anos atrás, 30 anos atrás para ser mais específico, eram raríssimos os doutores em artes que você ia encontrar, em artes, eu digo até ter encontrado doutores trabalhando em universidades de artes, mas eram formados em filosofia, em história, em educação, praticamente. Em arquitetura também não tinha...Hoje em dia a situação se inverteu. Há especificidade, há um campo enorme e na maior parte de todas as escolas existem doutores em artes e não em outros campos correlatos. Que não há problema nenhum.

Mas eu estou só dizendo isso porque é importante frisar como isto mostra os valores e especificidades da área. Talvez daqui a um tempo a gente comece a encontrar doutores em sei lá, em genética, quando se formar um campo. Talvez você também não vá encontrar doutores da arquitetura, pelo número de pontos. Mas porque? Porque há 40 anos atrás, não sei exatamente quantos, era um campo da engenharia. Então você vai encontrar doutores em engenharia, história, história da arte, etc, etc. Mas porque? Porque o campo simplesmente não existia enquanto campo do conhecimento específico.

A arte, embora seja antiga pra burro, talvez seja um dos campos dos mais antigos, mas tinha aquela coisa ela ficava em um outro campo do conhecimento e fazia parte junto com a arquitetura, artes visuais e pesquisa em belas artes. Então, isso não era culpa...Não fazia parte do campo científico. E não é mesmo *stricto sensu*. É um campo artístico. Mas este campo também tem valor. O tanto quanto. E por isso que está todo mundo na bendita universidade. Tivemos o crescimento universitário, a revolta estudantil dos anos 60 que colocou todo mundo igual. Então não tem porque esse negócio aí. Porque o cara que vai fazer engenharia é mais importante que o cara que faz artes, do outro que faz medicina, daquele que faz física ou faz biologia ou faz educação física ou faz sei lá o que?

Se você coloca tudo muito assim, vai ter uma hora que trabalhar com isso. Você vai ter que dar bolsa. Não é que vai ter que dar bolsa por isso, porque ninguém dá nada para ninguém. Nem para o físico, nem para o matemático, nem para o engenheiro, nem para ninguém e nem para o artista. Porque é o artista, o engenheiro, o biólogo, o físico, que vai ter que vai atrás e vai ter que batalhar. Então tudo isso é feito. E porque que dão? Porque tem pesquisa sim. Porque tem trabalho que está sendo feito. Então agora o problema é isso. É que para uns, eventualmente, o sistema é mais fácil é porque o campo é maior, então ele tem muito mais acesso. A mesma coisa que eu vou dizer “ah!, mas todo mundo que vale é futebol em esporte”. Então, se você o que você não pode fazer, que eu acho um grande erro, é dizer que esporte é igual a futebol.

É a mesma coisa que dizer que pesquisa só vale para quem faz de uma certa maneira, mas, espera um pouco: e basquete, vôlei, esgrima ou equitação ou hóquei ou não sei o que. Só porque são campos menores ou tem muito menos praticantes ou não são populares não é esporte? Não merece investimento ou não merece apoio? Acho que há uma grande confusão. Neste campo todo, grande campo que o Lattes trabalha, não só o Lattes, a CAPES também... É claro que existem os grandes usuários que são preferenciais, que são os esportes da vez. Às vezes é o tênis, às vezes é a Fórmula 1, às vezes é o vôlei, às vezes é o basquete, mas na grande parte das vezes é o bendito futebol mesmo.

Mas e agora? E os outros elementos que estão lá? Eles são mais ou menos valorosos? Eles são mais ou menos importantes para você ter reconhecido você tem que jogar futebol? Esse é o problema.

***Professor, o senhor acredita que o Currículo Lattes seja um instrumento de avaliação dos docentes. Você acredita que ele pode avaliar com eficiência a produção dos pesquisadores em artes? Se não, como é que vocês fazem?***

A grande questão é que o Lattes realmente não serve para avaliar. E porque? Não é que não serve. Eu estou sendo injusto também. Eu acho que é uma tentativa e é fundamental que isso, que a arte realmente, não só a arte, as ciências de um modo geral, me parece extremamente reticente a qualquer tipo de avaliação. Esse é o primeiro problema. Eu sou favorável à avaliação sim, mas a uma avaliação comparativa e pelos pares.

O problema é que eu, se só avaliar pelo que me é disponibilizado pelo Lattes é falho. Porque? Mesmo quando eu lanço dados no Lattes ou quando lanço no “outros” existe o que? Falta indicação de como eu deixo lançar essa minha produção. Ou os campos não são adequados ou eles não são adequados o suficiente. Se eu tenho uma publicação de um livro, um artigo em revista ou uma participação em análise de congresso e está mais que estabelecido. Porque? Porque eu tenho lá um mínimo de páginas, eu tenho o ISBN eu tenho quem foi o editor, eu tenho se foi feito com um tipo de publicação etc e tal, o número de páginas que eu escrevi, o número de capítulos eu tinha lá, enfim eu tenho todos os elementos. É quase que razoável uma edição *Qualis* bibliográfica hoje em dia, porque existem maneiras de você burlar isso aí também, não intencionalmente.

A única forma de você valorar é dar uma outra olhada nisso também ou olhar a crítica porque você sabe que a revista A é igual à revista B. Por isso que existe a *Qualis*. O que vai dizer a *Qualis* também? Que não basta publicar, porque aí eu vou ver se essa revista é indexada internacionalmente, se é indexada nacionalmente, se é uma revista de primeiro nível ou se é uma revista de péssimo nível. Vale tudo. Mas eu não posso comparar um cara que publica na *Nature* ou outra revista de prestígio para um cara que publica num outro campo menor ou alguém que está iniciando, o que é fundamental também.

Não é uma crítica. Mas para um cara chegar numa publicação desse nível é uma coisa que tem que ser valorada de forma diferente de alguém que está lá iniciando e que é o caminho que todo mundo passa também. Não tem nenhum demérito nisso. É um processo, mas que é na área pública e para a área conseguir reparar é muito mais difícil.

O outro cara passou também, todo mundo sabe que há essa receptividade. É a mesma coisa, imagina o que é você colocar um trabalho numa bienal de São Paulo e num documento de caixa e colocar numa galeria pequena, num espaço menor, num restaurante mesmo que seja. Isto tem em qualquer lugar. Você não vai querer comparar um trabalho que você expôs num restaurante com uma bienal, o filtro que tem em toda a questão de visibilidade. Então são vários outros elementos que tem aí e estão sendo colocados.

E o que falta na questão das artes é que muitas vezes você não tem nem como julgar os parâmetros e muito mais onde colocar. A pessoa não sabe nem como colocar. Então falta um guia. Para todos os efeitos do guia, onde eu entro com a minha produção artística? É aqui ou é aqui? Em apresentação de obra artística ou é não sei o que? São vários campos. Sei que existe uma confusão danada. Depois quando eu consulto do lado de fora sem ter acesso àqueles dados ali embaixo, o que me aparece muitas vezes é só o título. É ridículo. Como é que eu posso analisar?

Então, o que muitas vezes a Capes pede a todos nós - não é só quem está dentro do programa de pós-graduação, a gente pede a todos os professores que fazem a mesma coisa - é que no título coloque o nome da obra, a natureza, por exemplo, eu não sei. Título, eu não sei o que, o que vírgula, vídeo sei lá, digamos, que de instalação, performance, sei lá eu, o que for pintura, escultura e depois... obra inédita, exposição individual, de 15 trabalhos, período, com a curadoria de fulano, sicrano, beltrano, catálogo de 52 páginas, trilingüe, com CD e com DVD, exposição itinerante.

E assim por diante...Para que a pessoa que esteja avaliando saiba que aquela obra que você chamou “cosmologia” não é um desenho que você fez para uma capa de CD-Rom. Porque eu não vou poder diferenciar uma coisa de outra. E não quer dizer nada. *Cosmologia*, que diabo é isso que você fez que se chama *cosmologia*? Porque os campos não estão preparados para isso. Como que você pega uma pessoa que fica dois, três anos que fica preparando uma série de trabalho, preparando, em termos de pesquisa desenvolvendo um trabalho para esta exposição, para essa visibilidade, para essa exposição, para essa publicação e isso não é valorado como nada? Essa é a questão.

Porque aqui não tem nenhuma coisa. Entra o título, acabou. E é só o que tem de visível. Se aqui ganho um prêmio internacional, se o cara ganhou uma bolsa de residente lá no Centro Guggenheim com isso? Ele ganhou uma série de prêmios. Bolsa de artes. Puxa, que bom, ele ganhou uma bolsa. Como ele conseguiu isso? Ah, eu não sei...sei lá. De repente? Acha que o sujeito vai ganhar um prêmio em física, matemática, em química, é de repente? Não é. A mesma coisa é isso. Só que é difícil pra você identificar, em outros casos você pega o percurso do cara e diz: puxa, o cara publicou aqui, fez ali e chegou uma hora que o cara chegou num tal nível e publicou um livro de importância ou de relevância na área e ele foi embora, não sei o que. Agora, agora não tem como verificar. *Cosmologia*, o que eu vejo? Eu vejo não sei o que, aqueles nomes lá soltos, perdidos, o que quer dizer aquilo? O que

falta sim, é uma adequação que eu acho que talvez a CAPES ou o Data Capes tenha dado um avanço nisso. Acho que seria a hora que da mesma maneira que o Data Capes ela se aproveitou de todos os campos do Lattes, que usou essas referências, acho que está na hora de pegar um retorno. É um bom momento para o CNPq pensar em pegar todo esse trabalho que foi feito pelo pessoal da área de artes e fazer um retorno. Seria uma coisa importante.

Eu acho significativo que a gente não pode também, aí eu vou fazer uma contra argumentação, vou ser o advogado do diabo: Eu acho que a gente não pode jogar a culpa toda, já falei que isso é um problema da área, mas a gente não pode jogar a culpa toda no Lattes. Porque eu acho que tanto o CNPq, quanto o Capes e a própria FAPESP, quer dizer, os órgãos de fomento de pesquisa, eles têm uma extrema sensibilidade com o campo das artes.

Ele é completamente justo. Eu quero que independente de você colocar meu nome, eu digo que pode botar meu nome aqui porque eu não faço a mínima questão de ser antipático ou não, porque o que estou falando não é nenhuma novidade de todas as pessoas que eu te coloquei. E nessa aí também eu faço questão que diga desse empenho que tem o CNPq, a CAPES a FAPESP também, de tentar incorporar a arte que às vezes é realmente um, elemento estranho que está aí. Estranho, porque é uma coisa difícil e por que não estão acostumados a trabalhar. Então há uma sensibilização muito grande. O pessoal da área é consultado.

Mas isso leva um certo tempo. É aquele negócio de você estar incorporando novos sócios ao clube. Para o clube você quer todo mundo usando bigodinho. Então o negócio complica quando os caras não querem usar o bigodinho. A questão toda é essa. Então tem que haver essa coisa e se cede de um lado e se cede do outro também. Porque se houvesse a disponibilidade total que nunca não existe, então fica todo mundo.

O que é bacana no Lattes, e outra coisa, extremamente positiva, porque querendo ou não, com todas essas dificuldades ou defeitos que são todos corrigíveis, eu acho que o sistema tem muito mais qualidade e é claro que fique registrado no meu depoimento, eles tem muito mais qualidade do que defeitos. Querendo ou não, o que o Lattes fez e impôs um aspecto de seriedade à área, não seriedade nos critérios de bolsa que embora coisa de ficar séria, babaca, rígida, seriedade inclusive para a área se ver como tal. Para a área se ver como uma área tão importante quanto. Mas com as suas diferenças.

Eu acho que o Lattes é uma coisa importante se há alguns anos atrás os professores tinham - e muitos ainda hoje tem - uma relutância realmente, uma falta de vontade porque o artista tem toda essa questão da própria liberdade, de não querer que os dados sejam colocados. Existe ainda. Existe hoje uma relutância. Mas acho que ela é muito menor e eu não vejo problema nisso, porque o que você está fazendo é simplesmente dar a público o que você vem fazendo. Mas dar a público novamente. E se os parâmetros não são bons, se eu realmente não concordo que os parâmetros eles não sejam os mais adequados porque eles realmente não são, mas pelo menos existem alguns. E claro que eles tem que ser melhorados. Seria um idiota se estivesse dizendo que eles são ótimos porque eu acho que esse esforço é muito legal sim. Eu acho que é muito importante e louvo essa iniciativa.

O Lattes é excelente para a área no sentido em que em que fez a área olhar para ela mesma, que fez a área repensar seus próprios critérios, inclusive deu elementos de julgamento que não tinha. Então é coisa extremamente subjetiva. Então tem aquela história: como que vocês - voltando à pergunta inicial - como vocês avaliam dentro da área, vocês e seus próprios colegas, os colegas não estão avaliando você também, evidentemente sendo avaliados por outros igualmente. Porque? Porque você tem que ter parâmetros que são meio subjetivos.

A questão é de você categorizar determinados espaços, categorizar determinadas manifestações e determinados esforços. O que não quer dizer que eventualmente uma manifestação de rua, um movimento, seja mais ou menos importante do que uma bienal de São Paulo. Aí é uma outra briga. É uma outra questão. Mas ela tem que ser colocada, porque se ela não for colocada como é que eu vou trabalhar com ela? Então eu acho que o grande esforço que tem aí do CNPq é extremamente válido. Eu acho que nada mais do que você estar no CNPq, no Capes, que todo mundo, uma vez que nós estamos na universidade.

E não é só a universidade que tem que chegar e se enquadrar no que a gente acha. Tem muita gente que também tem que se enquadrar. Mas aí tem uma negociação. Aí tem uma conversa. Aí como eu falei é claro que existe uma prevalência de quem joga futebol, que os créditos é do mesmo time.

Acho que nossa produção é tão importante quanto e é tão esporte se a gente disciplinar os mandamentos da etapa que são os outras. Ela tem um outro tipo de penetração. Ela não usa uma coisa de grandes estádios, de grandes fortunas. Apesar que tem as suas manifestações também, mas nem sempre passam pela própria academia. Uma questão da ciência não sei o que, aqui no Brasil nem sempre passa pelos grandes conglomerados financeiros. Mas isto é uma outra discussão.

De qualquer maneira, o Lattes ele é fundamental porque obrigou e acredito que hoje todas as universidades, não só dentro das universidades, ou seja, o campo do que era universitário se expandiu numa coisa enorme com toda a pós-graduação e com a graduação reverberou-se em todos os campos. As pessoas que estão nos campos lá é muito grande e hoje eu acredito que seja um grande número que realmente precisa de implemento e, principalmente, do de recursos do Lattes. Não é por isso que começa a haver este tipo de chiadeira, inclusive alunos para o seu próprio trabalho. Se não houvesse reclamação, que diabo você está fazendo aqui?

Mas eu acho que não basta reclamar e não basta ir lá lutar para que essas coisas sejam mudadas. Mas acho que tem que dar valor sim. Tem que dar os méritos a quem tem ... Eu acho que o Lattes e, talvez o próprio nome Lattes, é um nome extremamente justo de se dar ao currículo, à essa base de dados em homenagem ao César Lattes que nunca foi um cientista comum. Então eu acho que o Lattes, às vezes levava até o cachorro dele para assistir suas aulas. Se ele era essa pessoa que não se encaixava no padrão do mundo científico. Talvez nenhum cientista se encaixa no padrão e como nenhum artista se encaixa no padrão. E talvez essa seja a grande briga.

Porque cada um se acha ruim. Mas independente de cada um se achar ruim que, digamos assim, é uma característica, eu acho que há a necessidade de você ter esse recenseamento, de você ter esse banco de dados, porque isso permite também que você coloque e se coloque em relação aos seus pares. Agora, falta sim falta a questão do que seria esse bom senso que a grande questão talvez envolve, talvez em outras áreas seja muito mais específica. Mesmo dentro da área de artes quando você vai publicar não existe este problema de ser melhor ou pior. Mas quando você lança uma produção artística é difícil.

Se houvesse um guia em que pelo menos as indicações primeiras fossem colocadas até que isso virasse um certo hábito, que é o que está acontecendo. Então as pessoas no campo da arte vão fazer, o que elas tem que fazer é DATA CAPES, o que eles estão fazendo é prestar contas só para a universidade. Elas não pedem passagem para participar de congressos internacionais, elas dão conferência, elas dão aula magna e elas produzem com apoio do CNPq, da Capes, da FAPESP e das universidades.

Como a CAPES daria apoio, o CNPq daria apoio para essas pessoas, se elas não estão produzindo nada de relevante para o país? Ou será que a arte não é relevante para o país também? Quem vai dizer que não? Assim como quem vai dizer que não, que qualquer outra forma de conhecimento que é uma forma de arte também? É uma forma de um homem se conhecer e de conhecer o mundo não é importante? Agora, a questão sim... e daí eu acho como que a gente julga voltando àquela questão é pela comparação. O Lattes sem dúvida é um elemento de comparação sim. O que às vezes é que ele é, ele poderia ser melhorado para trabalhar as especificidades que lá não estão contempladas, que não estão atualizadas, talvez o tanto que deveriam estar, na minha opinião, elas não estão, mas nem por causa disso deixa de ser significativo porque você tem as pessoas que estão na área e que tem as mesmas dificuldades. É um dos padrões que são usados para referenciar sim. Não tenha dúvida nenhuma. E é fundamental. A primeira coisa quando eu vou ver, quando vejo a pessoa pedir algo é o Lattes. Se ele pedir uma coisa que antigamente era uma coisa que passava lá, que era BBCUR que era meia dúzia de gato pingado que tinha, então eu fico feliz de ter pelo menos um Lattes desse, porque os dados que tinha também eu sei que não era ruim.

De qualquer maneira, hoje em dia não! Você abre e está todo mundo ali. Eu tenho que estar ali. Porque se não estiver, inclusive se eu não estiver os programas de pós-graduação do país nem sequer te matricula. A pessoa começa a encarar isso de outra maneira. E começa a tentar. Uma das questões que a gente vê o tempo inteiro, entre os professores, outros colegas também, é: "Espera um pouco. Onde que eu encaixo isso, onde que coloco aquilo. Como é que eu lanço isto aqui. Como é que eu faço isto?". Há essa preocupação.

Talvez uma outra coisa além dessa mesma questão de você não faz Lattes, talvez...nós aqui que trabalhamos num mundo de multimídia e que está cada vez mais informatizado e tal, que a gente pudesse colocar aí elementos "outros" dos nossos próprios trabalhos ali. Porque não colocar também imagens ou sons ou sei lá que diabos mais a gente poderia colocar ai. Aonde você pudesse complementar este tipo, de trabalho com outros elementos que pudesse falar um pouco mais. Porque se eu quero ter acesso a um texto tipo tal que está lá, eu pego o link, vou lá na página, sei onde que está a revista, um livro, eu tento comprar, quer dizer, talvez eu tenha que comprar.

Mas pelo menos você tem um índice, eu tenho idéia do que é aquele negócio. É claro que eu não vou, a idéia não é que a cada trabalho que você vai fazer você vai anexar aquela história toda. Eventualmente se puder colocar vídeo ou imagens, um trecho daquele trabalho, seja ele cênico, seja musical, por exemplo, aquela experimentação que você está fazendo. Aliás, o que seria válido inclusive para outros campos, porque acredito que ficaria extremamente fascinado se algumas dessas

descobertas de física ou de biologia, que me interessam muito, diga-se de passagem, eu não tenho nenhum constrangimento de falar desses campos porque o que interessa é que eu trabalho com coisas híbridas, a arte trabalha com a contemporaneidade.

Se fosse possível mostrar: “Olha aquilo que estou fazendo é essa fórmula aqui. Olha aqui a minha reação química”. Não sei....que diabo que ele queira mostrar lá, meus dispositivos, meu radar, sei lá, o que está rolando. Eu acho que talvez fosse uma outra maneira de que o Lattes, inclusive, adquirisse uma outra dimensão que não só a de um banco de dados de recolhimento de dados do ponto de vista numérico.

Claro que quando eu falo numérico não é depreciativo. Porque neste numérico existe o qualitativo também. Porque eu sei que a revista A, B, C é melhor que a X,Y,J, K, e que existe uma qualificação da área e que o campo seja lá que campo for e até mesmo em artes a gente também tem a *Qualis*. O *Qualis* Bibliográfico da área. Aqui nas artes as nossas revistas mais importantes são A,B, C. Acho que o Lattes é um grande banco de dados. Tem a história de um monte de gente do Brasil. Tem a história da pesquisa no Brasil de uma forma, da pesquisa recente. Em todos os campos e na arte inclusive.

Vai chegar um momento em que muitos dos dados das pesquisas que nós estamos falando hoje, as pessoas vão buscar nesse banco de dados que foram lançados a partir de um certo momento. Isto vale para tudo. Mas talvez a gente não dá a devida importância a isso e além de ter - acho que se o Lattes mudasse de interface ou ficasse um pouco mais complexo não só enquanto elemento de busca de dados que é e funciona muito bem. Acho completo. Função ele tem também, mas que fosse também uma janela de divulgação, porque quantas vezes a gente não vai procurar elementos lá para a gente, ou de informação de um campo que você está procurando, muitas vezes no recebimento “Professor eu estava procurando alguém que trabalhasse nessa área e achei o seu nome, não sei o que e vice-versa”. Eu sou francamente favorável ao uso do Lattes. Acho que foi um grande acerto e como todo acerto é uma coisa que está sendo mutável. É uma coisa que está sendo melhorada e acho que isso vem sendo feito.

E eu acho que eu sou, se tivesse que dar nota daria uns 10 desde que ele continuasse se aperfeiçoando e que se lembre das artes também. Só ao vai levar meus 10 de vez. Porque por enquanto ele está 9,5 e já está muito bom. Mas acho que enquanto eles não resolvem isso aí, não tem não. E nunca vai ter. Acho que ele é, digamos, muito exagerado. Eu não queria dar nota, mas eu acho que de qualquer maneira ele tem um padrão extremamente elevado. Acho muito positivo para a área de artes, inclusive, mas tem muita coisa que poderia melhorar ainda. Não só para a área de artes como eu acho que falta uma contribuição de outras áreas que não leva em consideração em termos de uma série de designer que eu vejo lá, poderia deixar isso mais fácil de você trabalhar e não ter aquela cara careta que você encontra em alguns periódicos científicos, *on-line*, aquela coisa horrível.

Mas aí é cultura de área. Isso é cultura de área. Então as pessoas só vão entender que essa cultura ela é de área quando começam a ter outros tipos de padrão. Quando outras revistas, outros lugares que essas pessoas costumam consultar começarem a mudar de área, você pode ter certeza que é isso aí que vai mudar também. Mas essa é a força política, força ...Desculpe. Isto é uma outra história.

***Professor, o senhor falou com relação à questão da avaliação, O Lattes se tornou uma referência. Ele é um fenômeno. Ele foi adotado pelas instituições, pelos pares, enfim, e ele tem essa visibilidade que o senhor já comentou. O senhor acredita que ele funciona também como um instrumento de disciplina e vigilância? Eu me explico: é no sentido que tanto os pares se encontram quanto as instituições se utilizam desse instrumento para visualizar os docentes. Não estou falando só no sentido negativo. Como o senhor entende esse tipo de relação do visível?***

Sim. Então é isso que eu estava dizendo agora. Quando você quer alguma coisa você vai procurar, mesmo em outras áreas. Quando você quer uma pessoa para uma banca ou para não sei o que, você vai procurar uma pessoa que você tem uma afinidade com o tema que está sendo discutido, alguma pessoa que seja especialista na área, que tenha aquela...em particular. O que é legal sim no Lattes eu acho que essa é a grande questão.

É visibilidade sim. Mas deu essa visibilidade e tem aquele espaço que é importante também onde o cara escreve quando quer, aonde ele diz quais são os pontos fortes dele. É claro que ele não vai dizer, de um modo geral, quais são os seus pontos fracos. De qualquer maneira o que interessa nele é o que você está procurando. Mas sim, eu acho que essa visibilidade que o Lattes traz é importante porque você começa a procurar as pessoas que você tem interesse. Isso funcionaria melhor em outros países onde a concorrência é muito mais forte. Se você procurar as pessoas que são fortes numa área para você trazer para o seu campo.

Você às vezes procura pessoas para participar de seminário, de congresso e tal. Sim, eu acho que o Lattes é extremamente importante. Ele traz essa visibilidade e é o lugar onde você vai procurar. Se você procura um cara lá, que ele fala que é especialista em genética e o último artigo dele é de 10 anos atrás ou o cara é extremamente preguiçoso e não lançou o negócio ou não tem nenhum vínculo que a própria instituição vai cobrar dele. Porque ele tem que renovar constantemente. Ele tem que pedir bolsa para ele e para os alunos, bolsa de pós-graduação.

Eu vou ver o que ele está orientando na área, quem são os alunos que ele orienta, se ele tem bolsa, etc, etc. Mas se o cara está lá há 10 anos e não faz nada, porque eu vou chamar um cara desse? Acho que isso sim implica e força a pessoa do lado de lá a deixar as informações atualizadas também. Ou chega o momento, que também acontece, que é a pessoa que sai fora de circulação ou o cara está fora da área ou em outro campo e tal e ele não vai manter isso atualizado. E aí o C Currículo Lattes depois de um certo limite sai fora do ar. Vai procurar e ele não está mais aí, porque? Porque não atualizou. Então ele é tirado do ar. Ele não atualizou por "N" razões que aí cabe a ele ver...

Mas é um retrato sim. Quer dizer, é um retrato da academia. Se eu procuro uma pessoa e ela não está no Lattes, alguma coisa está acontecendo. É uma coisa esquisita. Ou ela não está no mundo acadêmico ou ela não tem interesse naquele tipo de coisa. Às vezes acontece de ter um grande especialista que está solto por aí, pode estar, em indústria e não tem interesse nenhum. Isso não quer dizer que ele não esteja participando de congresso nenhum, mas ele não tem interesse nenhum no Lattes. Ele sai do ar. Muitas vezes acontece do cara ser procurador de bienal A,B, C, D... e daí não tem um vínculo acadêmico mais forte. Daí ele não tem interesse de colocar a produção dele aí. Porque ele não está academicamente vinculado. Então ele não precisa de bolsa, relação de alunos, e etc. e tal. Mas isso eu acho que são muito mais exceções do que regra.

***E com relação às instituições, professor? O senhor acha que ela funciona como uma vigilância?***

Eu sou obrigado a entregar meu ...Todo mundo é obrigado a manter o Lattes atualizado. Muitos não mantêm. Muitos professores não mantêm. Principalmente na área de artes, os mais antigos ainda não mantêm. Há uma relutância grande ainda dos professores mais antigos do campo das artes porque eles têm dificuldades com o próprio computador. O problema é a dificuldade com eles. Mas por incrível que pareça são as antigas gerações. Com as novas gerações esse problema não existe.

É com muitos da antiga geração. De alguma maneira não sou da antiga geração. Mas de um modo geral da média, digamos assim, para nós das novas gerações esse problema deixou de existir.

***Professor, essa é uma pergunta que tinha ficado lá no começo. O senhor atualiza de quanto em quanto tempo seu currículo?***

Eu sou muito, de um modo geral, é que meu tipo de trabalho, isto é muito pessoal, mas eu tenho, Nessas horas eu sou muito sistemático porque é assim, eu deixo juntar um bolinho em cima da mesa. Enquanto eu não tirar da minha mesa e colocar aquele material numa pasta ou coisa assim. Eu coloco na gaveta, eu coloco as atualizações e ele não sai da minha mesa e eu gosto de mesa vazia. Atualizo com muita frequência. Basicamente constantemente, já faço alguma coisa para não perder, é claro, uma semana, 10 dias, 15 dias, mas eu atualizo constantemente que é para ter o negócio atualizado.

***Professor, última pergunta. Você falou de bolsas e eu dentro da minha pesquisa eu fiz um levantamento com relação aos índices de bolsas que são oferecidas pelo CNPq. A gente sabe que já existiu muito menos bolsas na área de artes. Mesmo assim, pelo levantamento que eu fiz é mais ou menos entre 3% e 4% do total das bolsas do CNPq são oferecidas para a área de artes. E na área de artes a gente entende letras, lingüística, artes e multidisciplinar, que é uma área agrupada junta. No relatório deles eles colocam como grandes áreas.***

Tudo bem, mas aí eu acho que você vai ter um erro de sistematização de números muito, muito, muito...Não sei porque. Mas isso é fácil de você resolver também. Porque se você trabalha enquanto grande área, tudo bem, isso vai te dar o primeiro retrato. Eu vou ter biomédicas, dados, formação, etc, tudo como é dividido lá e este outro campo que é o campo onde você vai colocar letras, lingüística e artes. Então, tudo bem. Você pode dizer nesses três campos não sei o que. Ponto. Tudo bem. Então você está falando por área. Mas dentro do que seria esse grande campo que você falou você pode identificar muito bem quem são os bolsistas de arte e quem são os das outras áreas.

O que seria completamente incorreto, porque tem muitos nessas áreas que não tem nada a ver com a questão de artes. Absolutamente nada a ver e, inclusive, elas são áreas clássicas como a letras. A



letras é um campo, o que eu quero dizer clássico não é no sentido de ruim ou bom. Clássico no sentido de todos esses parâmetros que você está querendo analisar. O único inconveniente para quem é de letras, a briga que eles tem, daquilo que a gente está falando de briga e de diferença é saber se eu posso colocar meus romances, meus livros, que a gente escreve como produção científica. É por aí, isso não dá. Isso não dá.

É o seguinte; se você, isso tudo bem, os três, quatro por cento. Mas o que você tem que ver tem aí outros fatores que tem que ser analisados, mesmo que você pegue a grande área que é a questão de prioridade. Se a onda agora é a genética, pega a prova da FAPESP, ela destina 10 bilhões porque são áreas que consomem muito. Uma área de letras ou de artes, eu não estou querendo ser, não é a mesma coisa que o cara fazer uma pesquisa de genética que ele vai comprar equipamentos que custam milhões. Quando a gente quer estes caras de computador ou negócio de vídeo, isso aí é dinheiro de pinga, é mixaria.

Em história, imagina os caras que vão fazer uma pesquisa desse negócio de plataforma de petróleo, do pré-sal. Imagina que não vai ser um equipamento desses mixos que ninguém compra. Entendeu? As demandas são relativas. Assim como há as prioridades e quem define prioridade se a área científica é ou não, isso não é o grande problema. É como eu falei, o CNPq, Conselho de Ciência e Tecnologia, e artes nem está lá. Então é um bicho estranho. Porque quem define as verbas é o Ministério da Ciência e Tecnologia. Não é o Ministério da Educação porque aí nós entraríamos também. Porque nós somos tão educação quanto outras áreas. Tem uma briga de verba desgraçada aí. Não estou dizendo que isso seja correto. Estou explicando que a situação é um pouco mais complexa do que você está colocando. Então eu tomaria muito cuidado para fazer este tipo de divisão. Tudo bem. Isto te serve como primeiro parâmetro. O que eu colocaria como realmente elemento de base nessa sua pesquisa, dentro deste primeiro retrato, mas eu deixaria tudo entre “aspas”. Dentro dessa grande área eu pegaria realmente quem são, quais os que ... e você poderia muito bem fazer isso.

É só você entrar lá no CNPq, tentar tipo área “bolsista em letras”. Lá tem todos os nomes e tem o número lá em “Bolsista em letras”. Sai nomes, sai tudo. Não só por artes como por universidades, por região. E mesmo essa divisão, quando ela é feita, ela é feita levando uma série de outros critérios que são critérios regionais. Então, muitas vezes o pessoal daqui diz que é prejudicado porque tem a bendita Fapesp, tipo “Ah!, não consigo bolsa da FAPESP, auxílio-bolsa”, que não é verdade. Como que se nosso Estado não fosse da União também.

Mas de qualquer maneira eu trabalharia só dentro, do universo de artes ou pegaria uma universidade específica para você, tipo, trabalhar. Porque essa área é, digamos assim conveniência. Não é...Então pegar 3%, então precisa ver dentro destes 3% quanto vai para as artes, quanto vai para não sei quem e quanto vai para...Com certeza consome o maior número de bolsas disparado.

***Então, porque na verdade, de qualquer forma esse índice é baixo. Então a minha pergunta seria: porque esse índice de bolsas é baixo? Por exemplo, é porque tem pouca demanda?***

Então, essa é outra questão que você tem que fazer. E onde que eu quero chegar? O índice também. Negócio de bolsa tem que ver o número do tipo demanda. Essa pesquisa só tem a lógica. Quer dizer, é lógica, ela é lógica, é uma lógica do mercado, feira de mercado, ciência. O que é mais valorizado agora? É trabalhar com dietética, é trabalhar com petróleo ou trabalhar com artes? A resposta é evidente. Porque quando você tem um projeto Genoma, você quer qualquer coisa, qualquer coisa entre “aspas”. Não estou pegando valor não, porque é questão de prioridade nacional.

É definir a prioridade agora e ou passa a ser, sei lá, qualquer coisa. Células-tronco vai todo mundo investir ou biodiesel, porque nós temos, ou o frango, alguém ter a prioridade nacional nessa área de artes ou cultura. É uma outra questão que é o número. Independente disso, então tem essa questão e tem uma outra questão que é o número de pessoas que garantem carreira. Por isso que eu acho que o tamanho de cada universidade.

Você pega o Instituto de Arte que tem cerca de 200 professores e pega uma faculdade de medicina que só no Hospital Universitário tem em torno de 3 mil médicos, mais de 10 mil enfermeiros. Então, como é que você lida com esses universos que são tão diferentes entre si? Vai nas faculdades de letras que tem um monte de gente. Então eu acho que se essa pesquisa, se ela é significativa porque ela é pequena, se ..., você não pode trabalhar com números absolutos. Essa é a questão.

E dentro do campo, tudo bem, você pode como um primeiro levantamento ...E isso não é um número muito baixo, porque dentro do número de bolsas não sei quanto vai para não sei o que. Porque? Porque as pesquisas na área de saúde são muito mais institucionalizadas. Tem um outro problema que são as artes. A arte tem um problema muito sério que é de trabalhar individualmente, vem da própria formação acadêmica, vem da própria cultura de área, e que artes e tecnologia muda também.

Porque um cara quando vai estudar engenharia, vai fazer biologia, ele aprende que ele trabalha em grupo, que esses trabalhos tem que ser os grandes projetos. Porque como é que você vai fazer individualmente perfurar um campo de petróleo, vai fazer uma pesquisa genética de qualquer natureza que seja. Agora, a arte, não. Porque ela acha que é um Deus? Esse é um outro problema. Nesses lugares todos, o que acontece é que existe um grande trabalho em equipe. A cultura que é uma cultura que está sendo mudada de área também. E de pesquisa, porque tem muita gente que não quer colocar-se em nada, que pensa que universidade é um lugar que vem para dar aula e vai embora e tchau. Não que ele não faça pesquisa, mas pesquisa é um trabalho pessoal dele. Então ele confunde muitas vezes o trabalho pessoal com tipo pesquisa. Mas isso eu não vou entrar no mérito.

Eu pegaria dentro desse campo, dentro da área de ciências porque aí você vai ter um retrato muito mais claro, porque essas coisas elas estão juntas? Porque elas são, mais próximas. Elas não são iguais. Então a questão é: dentro desses que estão próximos, ou seja, porque essas áreas brigam com as outras. E você não pode esquecer que o último cara que era diretor lá do Capes, era o Gianini, que era da área de ciências humanas, da filosofia.

As coisas não são tão assim... Mexeu muito com o pessoal, o pessoal começa a ficar nervoso porque o cara às vezes começa a perder o controle. Isso é legal. Mas o que eu faria? Pegar dentro deste texto, lógico tem que comentar "Ah!, dentro de ...não bate". Mas dentro deste texto eu faria essa discussão. Porque tem um problema muito a ver com a demanda e quero saber qual é o número de pessoas, porque quantas são as universidades de arte que tem e a de letras e você vai ver que a de letras tem 500 mil pessoas a mais. Tem 250 faculdades de letras por aí.

Mas mesmo essas 250 universidades de letras, estou chutando o número, qual é a demanda? Então não basta você dizer que é 0,00% que a arte tem. Tem demanda reprimida? Tem sim. E é alta. Mas qual é a demanda dos outros? E qual é o número que você tem? Porque aí fica uma coisa que você pode comparar. Senão é realmente incomparável. Você querer comparar os dados de artes com os da física ou da medicina é bobagem.

É a mesma coisa você querer comparar o Da Vinci com o Picasso. É asneira. É asneira porque aí você está falando de universos completamente diferentes. Ah!, mas tudo que se refere a bolsa, o valor é o mesmo. Mas e daí? Não tem nada a ver. Então, não tem porque as condições elas são completamente diferentes. O que não quer dizer que não seja ...Falta bolsa de pesquisa em artes? Falta sim. A demanda é grande? É sim. Deve ter uma demanda reprimida, não sei se 50 ou 60 pedidos que chegam por ano. Talvez não sei quantos. Agora, vá lá ver no Lattes a quantidade de milhares de pedidos que chega. Vai lá numa área como medicina ou engenharia e ver os milhares de pedidos que chegam. Então, porque diabos você acha que isso...tem pessoas, pedem, tem que ter 100 bolsas, se tem 2 mil que pedem... Então, isto é uma coisa que não faz sentido, sabe, a gente comparar isso. E tem essa questão do tipo prioridade mesmo. E tem coisas de outras coisas que é o próprio mercado que te influencia também. Se você é engenheiro, você sai da faculdade, você faz uma boa universidade, você sai ganhando não sei quantos mil por mês.

Se você vai ser professor você vai ganhar menos não vai ganhar assim. Então, a disputa nas academias é maior inclusive. Então, a coisa acontece dos dois lados. Como que o mercado absorve essas pessoas para ficar em pesquisa porque tem que ser assim. Eu te garanto. Porque se não tiver, como as indústrias que não incentivam, quem que vai incentivar a produção nacional?

Como se vai ter cientista trabalhando ou mesmo artista funcionando, imagine os artistas ficarem só pelo próprio mercado correndo atrás de galeria de arte? Ia estar fazendo a mesma coisa o tempo inteiro. E arte inclusive. Porque o cara vai se sujeitar ao mercado. Então, porque que existe? É claro que existe o mercado também, exatamente quebrando o que está ou o que o mercado dita. Porque o mercado dita. Mercado é que monta feira de arte. Galeria que fala: você vai expor esse ou aquele trabalho; esse tipo de trabalho me interessa, esse não; esse tipo de perfil eu não quero; quero que faça isso, que venda, que faça aquilo, o mercado claro que dita. E a arte e tecnologia, porque que tem grandes fotos em todas as universidades? Porque durante muitos anos, porque é muito caro, não é só tinta aquarela, porque não é, convém, dominante na arte contemporânea ou problema de crítico, muita gente não entende, não conhece, não quer saber, mas também porque não tem onde colocar esse meu trabalho. O mercado tem um papel muito sério nisso também. E a grande questão é que é legal também e vamos ter mais uma coisa em relação em bolsa e pesquisa também no campo das artes, o que é diferente no campo das letras também que a gente não pode esquecer. E das outras artes. Quem é na letras que tem bolsa? É quem, basicamente 90%, são todos teóricos. Então, eles são completamente encaixados em não sei o que. Não quer dizer que seja ruim dentro do sistema. Se não for 90% é 95%. Se não for mais.

Tem um outro tipo de produção, mas esta produção outra, ela é colocada de maneira paralela ou que desenvolvem pesquisas que são pesquisas experimentais, de linguagens ou fazendo novas mídias

para realizar coleta de texto para divulgação, de material, etc, etc. Agora qual é o grande barato que temos nós das artes? Tem um monte de artistas que como eu tem bolsa de pesquisa sim. E não sou teórico. Não quer dizer que não escrevo, que eu não participo de congresso, que eu não participo de texto, porque o artista pensa também. O artista não é um idiota qualquer.

E ele quando está fazendo trabalho ele está pensando, ele está refletindo. Mas ele não é um teórico. Porque a gente tem uma outra coisa que precisa ser mostrada assim como o engenheiro também não é teórico. Ele não está fazendo física teórica. Ele não está discutindo teoricamente. Ele está aplicando conceitos e produzindo coisas também e essa é a questão. Claro que quando a gente trabalha num campo, o artista trabalha num campo que é o da sensibilidade, é um outro universo. Mas comparativamente é essa a questão.

O que é bacana, inclusive nestas bolsas do próprio CNPq, que é extremamente louvável é que os artistas também estão lá representados. Não é 1, 2 ou 3...Acho que tem um número significativo deles. A grande maioria talvez, enfim, é uma porcentagem razoável, talvez 30%. Não sei. A grosso modo falando especificamente de pessoas que você conhece, há uma representação significativa de artistas sim. Não é só a questão da pesquisa teórica onde você vai privilegiar um tipo de conhecimento que já existe nas ciências humanas.

Que não é nada novo, que não é distinto do que você faz em história, filosofia, etc. Mas é um outro tipo de pesquisa que também está sendo valorizada e contemplada com bolsa e isso é significativo sim. Deveria ter mais? Claro que sim. Não estou dizendo que seja suficiente. Claro que não é. Precisava talvez dobrar o número de bolsas atuais. Mas aí é força da área. Porque ele chega lá, por exemplo, e diz: "na nossa área agora é...sei lá...é frango não sei das quantas que nós vamos exportar para a China. Vai lá na área e diz está aí o moço quer pesquisar frango, o milho do frango, a pastagem, sei lá o que".

Eu nunca vi ninguém dizer que a prioridade agora é a arte. Então, se não são as pessoas do campo das artes, teóricos, os artistas, o grupo das artes, porque eu não faço distinção, porque acho que seria injusto e seria incorreto. Eu só preciso, eu só ressaltei isso para dizer que está todo mundo lá. Que não são só os teóricos que estão sendo contemplados. Os artistas também estão lá presentes. Então, se a discussão é essa, então volto ao grupo de novo. De estarem ali devidamente todos presentes.

Se o grupo não for lá e encher o saco dos outros sei lá o que, ministros, sei lá o que, as pessoas do CNPq, vai todo mundo lá e fala "pô a gente não sei o que, pô, mas não sei, pô, mas não sei o que, e lembrar que os artistas não estão todos aí para ficar enfeitando prédio de ninguém. E nem ficar tocando a banda no coreto para tipo recepção de ministro, de presidente de não sei o que, de ficar colocando peça na frente de algum público. Da mesma maneira que você não pede para o cara dirigir o trenzinho que vai te levar para porta tipo ministério. Então é isso. O que tem que ser entendido é que esse campo do conhecimento, esse campo que faz parte do homem, está lá presente com todas as suas especificidades. E não para decorar coisa nenhuma. Então são coisas diferentes.

## **Entrevista 16**

**\*PEDRO/ IES: UNESP**

Área de Atuação: ARTES VISUAIS (ARTE & TECNOLOGIA)

Data: 21/05/2009

Local: Sala de Reuniões - UNESP - São Paulo

Duração: 29"

### ***Professor, o senhor conhece, possui cadastro no Currículo Lattes do CNPq, desde quando?***

Eu possuo. Deixa eu ver... quando eu entrei na Pós-Graduação, deve ser 99, 2000.... foi logo que criaram a gente teve que fazer o currículo.

### ***O senhor acha fácil o acesso ao currículo, tem facilidade no preenchimento?***

No começo foi muito confuso, eu me comuniquei várias vezes e eles diziam: " a gente está implantando agora, então tem muitos problemas, vamos ver..." Por várias vezes eu tentei preencher e dava problema, eu mandava email e eles diziam que estavam corrigindo o sistema ... depois normalizou um pouco, para preencher tudo já não dá mais tanto problema. Mas no início foi complicado porque o próprio sistema não estava funcionando direito. Hoje em dia o sistema funciona bem, mas o que a gente discute muito são os espaços específicos para a produção de área artística e tal... e depois tem umas outras preocupações pessoais que é a coisa da credibilidade porque você pode por o que lhe der na cabeça , sem a necessidade de

um comprovante. Então você precisa confiar que as pessoas estão preenchendo de fato e a gente sabe que a área de Arte é uma área que o pessoal não sabe preencher direito o formulário. Na CAPES a gente viu uma pesquisa que nesta área 40% dos formulários eram preenchidos incorretamente. Era a área que tinha mais erros no preenchimento do formulário.

***Talvez por conta de uma dificuldade que o senhor falou antes....***

É uma coisa histórica também da própria área. O pessoal de outras áreas já está mais habituado... a área de Arte começou a entrar agora nessa área da pesquisa, é uma das áreas mais recentes dentre as áreas de conhecimento. A coisa da pesquisa, a PG em Arte é uma coisa recente comparando com outras áreas. Então é normal que área não se preocupe muito com esses detalhes, com essas precisões... será que era congresso, será que era seminário, será que era encontro? Em que ano foi? Era número em algarismos romanos ou escrito.... cada um preenche de um jeito. Aí quando o sistema pega ele lê cada um de um jeito... as vezes não sendo como o mesmo evento que as pessoas participaram.

***Professor, com que frequência o senhor atualiza o seu cadastro?***

Agora eu criei o hábito de cada vez que eu participo do evento, tenho uma produção .... e como é on-line não é mais aquele que a gente fazia off-line depois enviava tudo de uma vez... então agora eu faço uma coisa e já vou on-line, porque se acumula muito pra preencher é ruim ... então eu vou, faço uma produção e já incluo.

***Porque o senhor preenche e atualiza o seu currículo?***

Bom, a academia solicita, sou obrigado porque toda vez que eu vou pedir fomento ou alguma coisa ele pede uma súmula que você puxa do Lattes e precisa ter os últimos 5 anos e se eu não tiver a produção lá eu não vou conseguir a verba ou a aprovação do projeto. Então tem que estar sempre bem atualizado.

***Professor, agora vamos para a parte que o senhor já tocou um pouquinho que é com relação aos campos. O senhor considera que a estrutura que existe hoje é adequada para registrar as produções em Arte?***

A produção artística não está completa, mas no diálogo CNPq e CAPES, o pessoal da área de arte da CAPES já mandou propostas porque parece que eles estão estudando... mês que vem entra um novo formulário do Currículo Lattes, eu não sei como vai ser, se já vai entrar, se incorporaram isso daí ou não, mas sempre ficava em “outros”, “outros”, as produções que a gente não conseguia espaço colocava sempre em outros, então desvalorizava muito essa produção mais específica como obra ... eu não estou muito a par dos detalhes, mas parece que vai mudar. A tendência é ir melhorando o sistema, cada área ir adaptando a sua área e tal, mas como é um sistema que tem que ser geral, as vezes é difícil. Mas eu acho que o diálogo está acontecendo e que aos poucos o sistema está melhorando. A gente manda sugestões, agora mesmo eles estão pedindo sugestões ... acho que a tendência é ir cada vez mais aprimorando e melhorando. Agora a gente já reclamou muito, porque sempre ficava em outros. Fora o formulário geral, na nossa área a nossa produção sempre fica em “outros”

***Professor, o senhor falou que a sua principal área é Artes Visuais e Tecnologia, da sua produção, ou seja, aquilo que o senhor considera mais relevante é possível incluir no Lattes de uma maneira eficiente ou senhor tem que dar uma “ajeitada”?***

Bom, aí tem que ver a questão da modalidade. Porque eu produzo obras ou textos quando eu vou para congressos, saem em anais, em periódicos.... isso se encaixa bem, toda a parte teórica e tem a parte prática é uma questão para se ver. Aí a modalidade ou a especificidade você tem que encontrar ou colocar em outros, ou vai vendo o tipo, contando os caracteres e tenta por a informação lá. Acho que é geral, independe se é tecnologia ou se é linguagem tradicional ou performance. Mas a questão é “obra de arte”, como se caracteriza, como deve ser ... e é ruim porque esse diálogo tem que ir formatando de uma maneira que quando a gente na PG faz o coleta CAPES que precisa das informações que puxa do lattes, puxa algumas, mas não puxa outras.... daí a gente precisa preencher tudo depois ..... Agora, se o sistema quer ficar integrado, você preenche o Lattes e vai servir para o Data CAPES, mas por enquanto eu acho ainda que tem que ter um acordo entre as agências, os formulários, os sistemas.... a gente está caminhando para isso. Eu já participei de algumas discussões e a tendência é a gente conseguir ter um formulário que registre aquilo

que a gente ache importante e outras bases na hora que puxa “vem” todas essas informações porque esse diálogo ainda está incompleto.

***Teria algum campo que o senhor gostaria de sugerir?***

Não sei se algum campo novo, eu teria que pesquisar porque eu não lembro de todos os campos, eu deveria até ter que dado uma olhada, mas eu não tive tempo. De repente, posso até te mandar depois um email detalhando mais isso daí. Mas eu acho que não é tanto uma questão de campos, mas sim que informação deve conter em cada item ....

***Mas aí o senhor diz como algum tipo de informação para o docente ou que essa informação estivesse mais clara .....***

Que essa informação estivesse mais clara sobre esta produção para que quando você puxasse através de outros sistemas, tipo a CAPES, a coleta CAPES, a produção da PG já trouxesse todas essas informações. Você não fosse obrigado a completar aquilo que o sistema não puxou .... e mesmo o formulário da CAPES também não tinha. Se criou um outro agora que é um pouco mais específico para a obra artística. Agora tem uns campos para musica e teatro que está mais completo. Eles tem esse formulário específico, mas o Lattes ainda não tem esse detalhamento. Está ainda incluso somente as coisas mais gerais.

***Professor existe também uma questão grande inclusive com relação à pesquisa em Arte, que o senhor também já citou aqui que é uma área nova, dentro do contexto das áreas do conhecimento ou da academia, porque a Arte na verdade é milenar. De um modo geral o que o senhor considera como uma pesquisa em Arte?***

Pesquisa em Arte é muito amplo. A gente vai contextualizar dentro da academia e fora da academia. Fora da academia tem diversos graus. Dentro da academia tem um formato. Então eu acho que a Arte como um todo abrange tanto na academia como fora da academia a pesquisa. Entendendo a pesquisa como uma coisa muito ampla. Agora se o sujeito fizer a pesquisa dentro da academia tem um formato que tenta se encaixar também um pouco dentro da produção da pesquisa junto com outras áreas do conhecimento e adaptar também a parte prática. Isso é o que eu acho que é a polêmica. Porque a pesquisa teórica não tem problema, o pessoal da arte estética conceitual, a história não tem um tipo de pesquisa muito diferenciada, mas quando entra o processo criativo é que entra muita polêmica e tem muita discussão sobre como é e como deve ser: se é só fazer uma obra ou se é só “tocar” a parte da performance, ou se exige uma pesquisa, um memorial. Que memorial é esse... então acho que tem várias posições. Eu já mudei muito em relação a esse parecer, de como deve ser uma pesquisa prática. Acho que prática, só prática em nível de graduação pode ser, mas em pós-graduação não. Acho que aluno de pós-graduação tem que ser prática-teórica ou teórica-prática, uma mistura: você faz um trabalho, mas tem que ter reflexão teórica em cima também. Se bem que na graduação se fica longe disso, mas em termos formais, acho que na pós-graduação hoje eu não sou a favor de ter uma pesquisa puramente prática. E essa coisa de prática e teórica é relativa porque tem que ter uma pesquisa conceitual, uma reflexão em cima. Pesquisa bibliográfica, de campo, tem que contextualizar a obra que a pessoa está produzindo, dialogar com conceitos, teorias... com outros artistas que trabalham na mesma modalidade. Então eu acho que a pesquisa prática não está desvinculada da pesquisa teórica, tanto que na pós-graduação é um profissional que vai seguir carreira acadêmica, quer dizer, não somente, o artista pode fazer, mas é uma briga quando eu falo isso em sala de aula, mas eu digo que o artista não precisa de título, quem precisa de títulos é o professor, o docente, o acadêmico. Claro que enriquece o percurso, a produção do artista também se ele quiser fazer um doutorado, mas eu acho que o título é mais para o acadêmico que vai ter que dar aula, vai ter que orientar pesquisas, vai ter que continuar fazendo pesquisa, etc... Os artistas tem outros meios: bolsas no exterior, fundações para desenvolver seu trabalho e não precisa fazer dentro do sistema de pós-graduação, na academia. Se quiser, pode é claro!

***E aí é para seguir carreira né?***

***Professor, o Currículo Lattes é utilizado para analisar a produção dos docentes. O senhor acredita que ele pode avaliar, no formato em que ele está hoje, com eficiência a produção em arte?***

Avaliar pode, com eficiência eu tenho duvida porque não precisa comprovar. Você tem que confiar, e a gente sabe de um monte de eventos polêmicos onde as vezes as pessoas colocam coisas que não estão corretas, docentes colocam coisas que não fizeram .... tem vários casos e histórias que a gente escuta. As vezes eles denunciam no CNPq... já mandaram email falando do compromisso. É difícil haver um sistema

que checasse os comprovantes, embora os comprovantes também pudessem ser falsificados... então, a maioria eu acho que coloca de fato o que é real, mas é na confiança... não é como quando a gente vai prestar um concurso que precisa ter todos os comprovantes lá para provar em anexo. Lá no Lattes não, tem um item, você põe o que você quiser e às vezes para um concurso muitos não tomam como referência, ou as vezes toma mas exige os comprovantes de tudo aquilo. Não dá para pegar o Lattes e pontuar por ele. Dá para buscar uma referência, mas para uma conferência mais sistemática vão pedir os comprovantes de tudo isso.

***Professor, a gente está falando dos campos, que está mudando, mas o Currículo Lattes ainda tem um formato e ele é utilizado para avaliar – como eu já falei – os pesquisadores, o senhor acha que a área de arte e os profissionais da área de arte são avaliados de uma forma justa ou no caso das instituições tem outra forma de avaliar a produção acadêmica deles.***

Dentro do contexto acadêmico a produção é em cima da avaliação. E a avaliação é sempre feita sobre o registro da produção e não da produção em si. Tanto o currículo Lattes, como o Data CAPES, os *qualis* de livros, os *qualis* bibliográficos, de fato nunca são avaliadas as produções em si. É sempre um registro, um índice da produção em si e aí que a gente precisa se aprimorar, por exemplo, para avaliar a qualidade do texto, porque se avalia a revista em que o seu texto vai ser publicado, então está vinculada não só a produção da tua obra, do seu texto em si, mas sim ao nome da revista. Aquela Revista tem uma estrutura, tem um conselho, tem um sistema de avaliação, de parecer, então meu texto é bom. Não estou falando que o texto não é bom, mas é que a avaliação é sempre indireta e isso muitas vezes gera polêmica principalmente na avaliação de uma obra artística. Se tendo a obra já é difícil avaliar. Você tem uma obra, põe 5 pessoas para discutir a qualidade da obra eles vão ficar uma semana... e se pedir para criar os referenciais, os índices de como vão avaliar aquela obra, aí..... já viu.... mas tem algumas propostas e eu acho que já é um começo.

***Professor, o senhor já se sentiu preterido em função desses critérios estabelecidos em função do Currículo Lattes?***

Em geral a área de Arte é assim: faço muitas obras mas parece que nunca tem muito valor ou importância da obra artística dentro desses formulários, desses sistemas... tem que colocar sempre em outros, e para nós é muito importante, porque a obra é que gera todo esse processo de reflexão, da crítica que sem a obra não tem como acontecer esse processo, então ela é uma produção que tem que ser considerada, mas dentro dos formulários ainda não tem essa importância. Porque os formulários são feitos para áreas do conhecimento em geral. Agora o pessoal de Arte é quem precisa ir dando sugestões para adaptar a sua área porque senão nunca vai ser avaliado.

***Professor, o Currículo Lattes também tem uma outra função: ele deu uma visibilidade para a comunidade acadêmica que não existia. Então, ele está no ar, a pessoa pode entrar, pode olhar, e nesse sentido, o senhor acha ou considera que ele pode funcionar como um instrumento de disciplina e vigilância entre os pesquisadores e instituições?***

Disciplina e vigilância? Mas disciplina e vigilância seria o que?

***No sentido de que ... bom, vigilância entre os pesquisadores um pouco nesse contexto que o senhor colocou, de denuncia....***

É isso existe um pouco porque tem uma pessoa que vê diz “não, isso daí ele não produziu”, “ele não dá aula na pós-graduação” e colocou. Aí você manda um email para o CNPq denunciando. Seria assim: que a comunidade tem uma certa vigilância na sua área, como já aconteceu.

***E disciplina, seria assim: das próprias instituições olharem e terem como cobrar, você não produziu, você tem que produzir... não tão diretamente, mas esse instrumento o coloca numa posição de vigilância....***

A disciplina acho que pode se encaixar nesse contexto. A disciplina para que você se discipline para entrar nesse sistema de pesquisa, de registro de produção. Porque até eu comentava: não é que a área não produz, a área não sabe registrar direito ou não se importa muito com isso. Então o que a gente precisa fazer é aprender a registrar. Não é que a gente precisa produzir mais, mas o maior problema que eu vejo é a preocupação em registrar. Então se a área começa a se disciplinar, a encarar esse sistema como parâmetro,

então essa disciplina vai ajudar. Se o pessoal começar a registrar dentro dos padrões corretamente, todo mundo usar o mesmo nome para o mesmo congresso, acho que é uma maneira de caminhar como as outras áreas caminharam. Tem área que preenche e tem só 3% de erro, a Arte tem uma história. A nossa área já teve 40% em alguns formulários. Então, a disciplina no sentido de padrões... porque a turma reclama muito, tem esse histórico do gerações que vem porque a maioria dos artistas não eram acadêmicos, não tinham mestrado... eram artistas que lecionavam na academia, mas agora já tem outras gerações. Eu já pertencço a essa geração que fez pós-graduação e que vai se adaptando a esse novo contexto, mas tem ainda uma resistência, uma aversão da própria área por causa dessa burocracia toda ...

***Vou perguntar uma outra coisa: o senhor acredita que esse novo formato influencia na produção científica da academia?***

Influencia para você equilibrar a sua produção. Eu não posso só fazer obras, ou só fazer textos, ou só participar de tais tipos de congressos. Eu preciso preencher um pouco de toda essa gama. Então você tem que participar de um congresso internacional por ano, é preciso publicar num periódico tem tenha *qualis A* ou que tenha reconhecimento na área. Eu preciso participar de tais congressos que para a minha área são básicos, mas eu preciso também produzir uma obra de arte, eu preciso orientar “tantos” alunos na graduação, na pós-graduação, no *lato sensu*, iniciação científica.... porque se você quiser fazer algum concurso, livre docência, vai ser pedido todas essas coisas. Porque se não tem uma, um requisito, já não vai poder fazer... Então, você tem que abranger sua produção. É um contexto diferente: quando era só artista eu ficava no ateliê só fazendo obra. Dentro da academia não dá. Você precisa produzir visando esse esquema todo atendendo todos esses itens para ter produção em todos eles e não só concentrar em algum item.

***Última pergunta: eu fiz uma pesquisa bem geral nos índices de bolsas que são concedidos pelo CNPq aos pesquisadores das diversas áreas. A área de Arte fica agrupada com Letras e Linguística, é um dado geral que eles colocam que é de 3 a 4% que pode ser considerada baixa com relação a outras áreas enfim, eu queria perguntar porque todo mundo reclama sempre da quantidade das bolsas, o senhor acredita que esse índice é baixo e porque na sua opinião esse índice é tão baixo?***

Eu acho que é baixo pela própria quantidade de pesquisadores. Se você pensar assim: quantos pesquisadores tem em Arte? Quantos programas de Pós-Graduação? Qual é a população dessa área? Daí você pega uma área de Exatas? Quantos pesquisadores, quantos programas de Pós-Graduação? Ou em Economia, Administração? A porcentagem vai ser em relação à demanda que define um pouco essa porcentagem baixa porque eles tem que distribuir de acordo com a demanda. Se uma área manda 100 projetos e outra área manda 1000 projetos, a segunda vai ter mais porcentagem do que a que mandou 100. Na nossa área mandava pouco por causa dessa dificuldade, o pessoal achava difícil e dizia que não ia mandar porque não ia ganhar mesmo. Quer dizer, era uma política inversa. Agora de uns tempos pra cá começou a tomar consciência e mesmo que não der vamos mandar. Ou seja, quanto mais pedidos, quanto mais demanda a gente criar, mais a gente vai conseguir aumentar a porcentagem de verba em bolsa. Mas isso é uma coisa muito recente, porque sempre tinha essa visão de que era difícil então não mandava porque não ia ganhar. Aí reduzia cada vez mais. E a bolsa de pesquisador é uma coisa restrita mesmo. É uma bolsa renovável de dois em dois anos e dificilmente perde né? E a verba não vai crescendo. Vai crescendo a demanda e a verba não vai crescendo na mesma proporção e vai ficando cada vez mais restrita. Mas em termos da porcentagem é a porcentagem das áreas em geral. E também os pedidos. Nossa área pede muito pouco. Acho que é pelo próprio histórico da área de arte.

***Professor, o senhor gostaria de acrescentar alguma coisa?***

Eu acho que o Currículo Lattes é um avanço, tanto que esse sistema já foi vendido para vários países da América Latina, Portugal, Moçambique e convênios com essas agencias que vem organizando de certa maneira. É uma ajuda. Se não tivesse Currículo Lattes não sei como é que seria. Talvez tivessem os currículos individuais, cada um com um formato que fica difícil. O Currículo Lattes é um sistema que começou e vai melhorando, nós vamos dando sugestões e é um referencial tanto para a pesquisa, para as agências de fomento, tem como fazer uma pesquisa sobre as pessoas que estão estudando tal assunto, acho que o currículo está se desenvolvendo para que seja utilizado para isso também. A produção, andei vendo também aqueles que estão fazendo convênios com outros sistemas, com editoras para contar a produção de artigos, referencias, citações. Então vai cruzando com esses sistemas de busca pela internet que é geral, que é essa coisa de refinar a pesquisa-busca pela internet. E o Lattes vai tentando agregar características e a utilidade dele vai ampliando também e de certa maneira ajuda bastante para organizar a área da pesquisa como um todo.

## **Entrevista 17**

**\*FABIANA/ IES: MACKENZIE**

Área de Atuação: ARTES VISUAIS (DESIGN)

Data: 26/05/2009

Local: Gabinete de trabalho - São Paulo

Duração: 56"

### ***Professora a senhora conhece e possui cadastro no Currículo Lattes do CNPq? Desde quando?***

Não sei se tem essa informação no próprio Lattes. Eu tenho desde o mestrado, acho. Desde 1992, justamente porque eu fiz mestrado com bolsa da FAPESP na UNICAMP. E aí tinha que já entregar o currículo. Quer dizer o Lattes já era uma exigência. Não tão obrigatório quanto é hoje. Mas a gente tinha que cumprir, preencher o Lattes.

### ***A senhora acha fácil o acesso ao currículo? Tem facilidade no preenchimento?***

Olha, ele deu uma melhorada. Teve uma reforma que melhorou, mas eu ainda acho que os critérios são muito subjetivos. Tem coisas que você pode colocar em várias áreas. Você não sabe qual vai ser o encaixe que você vai dar, mas com o tempo você vai pegando o jeito, conversando com as pessoas, vendo aonde elas vão colocando. Mas eu mesma já fiz a experiência de imprimir Currículo Lattes de colegas meus, porque está na Internet. É só você acessar e ver coisas que a gente participou junto e que fez a mesma coisa e ver que a pessoa encarou de um jeito e eu de outro.

Mas os dois estão certos porque tem espaço para colocar em mais de uma forma. Então isso eu acho meio complicado. E tem, inclusive, lá na nossa área mesmo, já teve até reuniões para tentar unificar um pouco isso, dos professores discutirem como preencher o Lattes para ficar uma coisa mais fácil. Acho que com o tempo você vai pegando o jeito. Mas ele é complicado sob o ponto de vista. Já melhorou.

### ***Professora com que frequência a senhora atualiza seu Currículo no Lattes?***

Depende da pressão. Eu tento assim...Como já tive muitas situações de ter de ficar preenchendo correndo, eu tento atualizar conforme os acontecimentos. Por exemplo, aquela palestra, aquela participação na mostra ainda não deu tempo para colocar. Porque agora está no final do semestre, aquela complicação. Mas o ideal seria depois de cada coisa você fazer. Pelo menos uma vez por semestre é certeza. Uma atualizada legal, assim.

### ***Porque a senhora preenche e atualiza seu currículo?***

Olha, eu acho que é uma plataforma legal, assim. Sei lá, uma coisa mais assim "tem que preencher...Se não preencher você não consegue entrar em nada no meio acadêmico, não consegue pedir bolsa, nem nada. Então você vai sentindo. Mas hoje eu já acho mais interessante porque você o tem até em cartão de visita, você coloca seu endereço e coloca "acesso ao Lattes, dia tal, número". Então é legal porque você fica com um banco de dados seus e qualquer coisa e qualquer pessoa pode acessar.

Eu fui fazer uma entrevista com um artista português em outubro do ano passado, nós conhecemos uma pessoa em comum, professora da Unicamp que já recomendou, mandou um e-mail para ele e aí a gente começou a se comunicar e eu mandei para ele o link. Ele olhou, leu, viu tudo, aí perguntou coisas e tal. Quando cheguei lá ele sabia, ele tinha lido de fato. Então foi uma coisa legal, uma coisa mais tranquila.

Algumas pessoas te acham assim por acaso, que vão procurando pelo assunto até chegar em você e o Lattes é uma das rotas. Ou gente antiga que é aquela coisa da Internet mesmo, do Orkut, um amigo do meu irmão que.... Sei lá eu. Nem é meu amigo, mas é uma pessoa de 30 anos atrás, foi pelo sobrenome, estava procurando pelo meu irmão e achou meu sobrenome e caiu na Plataforma Lattes. Ele viu minha foto e falou "ah. É ela mesmo". Apesar dele ter me conhecido há 30 anos atrás ele falou "com esse sobrenome, mesma cara, é ela mesma". Aí ele me escreveu. O Lattes é uma referência, né?

Eu consulto o Lattes. Quando sou convidada para uma banca, por exemplo, e não conheço o outro professor que vai participar eu vejo lá para saber quais são os assuntos dele, para ver que lado ele vai



pegar, por exemplo, me ajuda a enriquecer a história, pensar um pouco sobre tudo isto. Então eu acho que é uma referência mesmo, eu consulto bastante.

***A sua instituição exige então essa atualização?***

Sim. Exige. Eu acho que todas estão exigindo porque...Para funcionar tem que estar todo mundo lá. Não pode ter uma parte que está fora, em outro lugar. Às vezes acontecem divergências, mesmo, de criarem outro tipo de cadastro. Acho que o Lattes está ficando mesmo com um referencial.

***Professora agora vou passar para a parte de conteúdo. A senhora já tocou um pouquinho nele. A senhora considera que a estrutura dos campos disponíveis, hoje no Lattes, ela é adequada para registrar as atividades dos professores em artes?***

Não. Não considero não. Eu acho que é muito genérica e acho que ela é feita por quem é da área de exatas, biológicas, enfim. Mas ela é para aquele sistema de pesquisa...É mais para o sistema de pesquisa das exatas, mais quantitativa do que qualitativa, diria. Até as humanas acho que é menos favorecida. O quantitativo é mais favorecido no Lattes.

***E o que na sua opinião não está contemplado em relação à área de artes? O que a senhora acha que poderia ter e não tem? Ou o que a senhora sente falta?***

Olha, a gente precisaria dar uma estudadinha nele para ver uma coisa mais específica. Olhar, tal. O que eu me lembro é de estar preenchendo e toda hora cair em "outros". Você vai preencher, não tem nada...Você quer colocar, mas não acha, não acha, e no final tem que ter um "outros", que é aquele "NDA" e aí você vai no "outros". Fazer o quê? Sabe, é uma coisa...A gente pode dar uma olhada agora. Tem aqui esse texto inicial. Pelo texto que até o próprio currículo gera, não sei se você já observou isto, você pode ter uma idéia do que eles consideram mais importante.

Porque eu não fiquei muito satisfeita com o texto que ele gera. Por conta disso faltaram várias coisas que ele não contempla. Então você imagina o que seria mais importante para ele, né? Então...Formação complementar: aqui falta um monte de coisas. Tem coisas que você acaba ... Na verdade a gente teve orientação meio recente para preencher principalmente o que tiver de três anos atrás. Daqui de hoje para três anos atrás. Então tem coisas anteriores que acabam se perdendo um pouco ou coisas que você sabe que o Lattes não vai valorizar.

Por exemplo, tem uma coisa aqui no meu trabalho, a questão do Circo. Eu e minha família tivemos um Circo. Coloquei aqui neste texto, mas nem tem onde falar aqui porque não foi um trabalho acadêmico. Então ele vai ficando dissolvido aqui no meio. Aí quando você fala da exposição, é uma coisa que está mudando é a exposição de arte valer tanto quanto uma publicação. Porque na verdade é uma publicação do artista. Mas é muito difícil. Isto não é considerado.

Só em alguns lugares que isto tem sido trabalhado para ser mais freqüente...Na Unicamp, por exemplo, tem grupo de pesquisa, tem tudo isto, que é essa questão de você no mestrado trabalhar a sua própria poética... Eu sou artista e tenho uma produção cultural e tal... Aí de repente eu quero discutir a minha própria poética no ...Isto é muito difícil de ...Não tem muito espaço para isso na academia...Acho que o Lattes reflete um pouco isso. Não é considerado você fazer uma exposição artística e vale menos que um artigo, uma coisa assim. Uma coisa que você publica.

Porque publicação é considerada...Hoje em dia não, papel não mais, publicação eletrônica é considerada letras, palavras, a reflexão que você faz sobre aquilo. Então é complicado. Aqui, por exemplo, produção artística...Demais produções...Produção técnica...Vamos pensar aqui, o que eu coloquei? Aqui, capítulo G, trabalho, congresso, este tipo de produção técnica...Workshop de jóias é um curso de extensão. Workshop de livro é um tipo de curso de extensão.

Eu me lembro que fiquei na dúvida se esta produção técnica...Porque eu fiz um filme também. Deixa eu ver onde está colocado este filme aqui. É, em "demais trabalhos", são produções criativas, arte, designer e arquitetura. Você está vendo outro filme que eu fiz no mestrado também. E aí fica aquela coisa, não é nem publicação, fiquei em dúvida se isso era produção técnica, demais tipos de produção técnica, se o filme não seria uma produção técnica. Porque "demais trabalhos" é "outros", né. Por exemplo, aqui, vendo-se este título não dá para ter uma idéia do que foi isso. Não dá para ter a menor idéia.

### ***A senhora colocou instalação. O que é isto? Onde foi? Qual o público?***

Não dá para saber. É complicado. Esta instalação, inclusive, que foi uma coisa que eu coloquei aqui como um negócio importante, onde é que a gente veria para poder destrinchar isso... Não tem mais nada. O que tem de informação é isso. Isso aqui foi um trabalho feito com quase 500 pessoas. Uma escultura feita num evento importante que é o ENEP (Encontro Nacional de Educadores de Paulínia), em Paulínia (SP). Foram cinco dias nesse encontro que a gente construiu uma escultura gigante, e queimou lá mesmo no último dia.

É um projeto super forte. Ficou lá na escola onde foi feito. Mas aí onde você vai colocar? Em instalação, né? O nome do projeto era Projototem. Não dá para saber nada, né? É aquela coisa assim, meio complicada. Você vai vendo pelos assuntos das pessoas... Quando vejo o currículo de outras pessoas, mesmo minha... ou mesmo aqui as orientações, trazendo jóia, você já começa a pensar “essa pessoa é da área de design, mas é mais ligada à área de produto pelo tipo de orientação que tem. Acho que você vai tendo uma noção da pessoa, mas não dá para saber o que foi feito. Fica muito esvaziado. Participação em evento, por exemplo, você fica vendo que evento é “outros”. Todo e qualquer evento é outros....

Outra coisa. Eu coloquei aqui Alexandre fulano de tal porque ele estava na época fazendo isso. Depois eu vi que eu atualizei aqui na iniciação científica... Aí tem aqui “iniciação científica” mas.... Aqui é concluídas, né? Mas você coloca lá embaixo não tira aqui o Alexandre automaticamente. A gente tem que tirar. Este aqui, por exemplo, eu esqueci. Estava vendo hoje, ele aparece em concluídas e não concluídas, em andamento, né? Então, quer dizer, poderia tirar automaticamente, né?

Aqui, olha esse cara André Novaes Rezende, uma orientação de estágio docente, também cai em “outros”, “orientações de outras naturezas”, porque ele não foi meu aluno de orientação científica, ele não foi meu orientando de mestrado, ele foi uma orientação de estágio docente. Então tem essas questões. Eu acho que realmente ele não mostra o que você faz. Eu estava procurando ao... Tem aquelas falhas, né?

Hoje eu fui entrevistada, por coincidência é o dia das entrevistas, por causa do meu trabalho com aquário com vitral. Eles estão querendo fazer uma reportagem no Jornal do Comércio, um jornal segundo o repórter com 70 mil exemplares. Eu falei, legal, bacana. E aí ele quer falar sobre vitrais. Me entrevistou e pelo que eu fui falando ele se interessou mais pelo restauro do vitral do Parque da Água Branca que eu fiz. Eu não me lembrava se era 96 ou 98. Então fui ver no Lattes e não está isto.

Porque é um trabalho artístico. Mas é meio assim artístico técnico também e como era de 96, acho que eu também não procurei onde colocar. Depois estava pensando, eu tenho que achar uns outros aí para colocar esse negócio porque é um negócio super importante da minha vida que não aparece no Lattes. É ligado à minha área acadêmica. Meu mestrado está em cima disso, mas não aparece no Lattes. Tem uma falha minha de não ter procurado outros aí para colocar. Então preciso arrumar. Mas também não tem essa opção “restauro”, não tem. E restauro não tem mesmo. É uma coisa que fica separado. Outra coisa que eu acho que poderia ser melhor são links das linhas de pesquisa com aquilo que seus alunos estão trabalhando.

De certa forma eles são um pouco... fica até um pouco distante também. Não sei como poderia ser feito esse cruzamento de dados. Mas é teoricamente nos doutorados. Eu senti isso porque era super organizado e a faculdade particular tem que se organizar muito mesmo para conseguir manter o nível do doutorado e do mestrado. Então, tudo é preencher relatório CAPES. Você tendo ou não tendo bolsa você preenche relatório CAPES de tudo o que você fez.

E como eu fiz na psicologia, eu encontrava problemas para preencher porque as áreas que você tinha que encaixar... eu estava fazendo doutorado na psicologia sobre criatividade, meu trabalho é com arte, tinham alunos de iniciação que estavam entrevistando um dos artistas que eu entrevistei. Então ele fez um trabalho bonito aqui na área de design e arte e esse trabalho em parte é meu também porque fui que orientei ele. E aí no final das contas eu não tinha muito onde encaixar porque a minha orientadora é da área de psicologia. Então a gente estava procurando os ramos e não conseguia cruzar as duas coisas. A gente acaba cruzando e forçando um pouco. Coloca lá e pronto. Mas forçando um pouco as áreas, né.

Você já viu aquela área (só para te ajudar) de classificação? A gente não tem aonde e acaba caindo em recreação, já reparou isso? Não tem onde pôr. Você fica na dúvida se é na educação... Aí o que mais encaixa lá eu lembro que tem um que tem recreação... Aí eu falei “bom, vou por aí mesmo”.

***É o setor. Tem muita gente que nem preenche porque não cabe.***

Porque tem a área, né? E nas áreas até tem agora...Eu vi que agora eles criaram uma área nova, a multidisciplinar. Então é interessante neste sentido também. Mas por outro lado, quando você chega no setor você tem indústria não sei o quê... e educação.

***Pergunto: da sua produção artística e cultural, a senhora consegue registrar satisfatoriamente no Lattes ou não?***

Não. Não consigo. Acho que fica aquém. Eu acho que o Lattes favorece a produção acadêmica. A produção artística não favorece. Fica aquém. É que nem aquilo que você destacou mesmo. Tipo: ah! Não dá só pelo título da obra? Talvez tivesse uma forma da gente escrever um pouco melhor sobre essa obra ou que você pudesse clicar aqui e ir lá. Eu ainda tenho uma outra questão minha que eu não sei como vai resolver.

E no Lattes não tem espaço para nome artístico. Não tem. Não tem espaço para isso. Essa é uma coisa que falta. Podia ser separado, em destaque, alguma forma, até codinome...Porque realmente é diferente. Nome dos artistas não é o mesmo.

***Nesse sentido professora tem uma grande discussão na academia do que é uma produção artística, enfim. Existe sempre essa grande polêmica. De modo geral o que a senhora considera arte na academia?***

Olha, eu acho que é assim, mesmo nessa questão do mestrado, da análise dos trabalhos artísticos eu acho que é a questão da poética somada à reflexão. De qualquer forma a academia é a reflexão. A gente está aqui para pensar junta ou pensar mesmo. Pensar, analisar, criticar, refletir, este que é o verbo mesmo. E eu acho que o fazer propõe essa reflexão. Quando você vê uma obra de arte, isso já é um ato criativo por si só. Porque você tem que fazer movimentos internos nesse sentido até de visualizar, não só no sentido cognitivo de aproximações e agrupamentos e tal, mas também coisas que te emocionam, mas também relacionar essas coisas com referências do teu repertório, da história da arte.

Então o movimento de olhar uma obra de arte já é por si só um ato criativo e que permite a reflexão. Mas eu acho que quando se está na academia acho que é interessante combinar as duas coisas. A reflexão também escrita mesmo sobre o trabalho. O trabalho e a reflexão escrita sobre o trabalho. Acho que nenhum dos dois em se tratando de arte tem a ver. Eu tive algumas discussões com minha orientadora porque eu fiz questão de colocar na minha tese as imagens. E eu tive permissão dos artistas para isso. Aí quando eu fui para o banco da Internet ela não quis de jeito nenhum porque ficou com medo que fossem mexer nas imagens e acabou que não foi nenhuma imagem.

Mas é engraçado porque teve várias pessoas que me procuraram porque leram a tese e mesmo sem imagens compreenderam perfeitamente. Aí eu perguntei a elas se não tinham sentido falta de nada. É que a pessoa não viu da outra forma com as imagens. Mas eu considero importante ver a imagem para compreender o que o artista está falando. Acho que são as duas coisas mesmo. Acho que você fazer uma reflexão escrevendo o trabalho não é a mesma coisa. Você tem que mostrar a imagem e refletir sobre ela. Eu acredito mais nisso, inclusive que a gente deve puxar a arte como referência, eu faço bastante esse esforço tanto nas aulas para a turma de Design como nas aulas da turma de Publicidade. Valorizar, de mostrar os alunos, o gesto artístico, um gesto criador mesmo, para entender como uma referência mesmo que o mundo a ser absorvido e vivido junto. E não deixado de lado como uma coisa bonitinha, mas uma coisa a ser absorvida mesmo. Acho que isto é super importante.

Os alunos da publicidade (porque o pessoal da publicidade você sabe, né, você conhece lá né?... ) é um pessoal que está muito assim a fim de ter uma grande idéia e tal, mas não referenciam uma arte. Acham que arte é uma coisa para artista. Como eu moro em Campinas, uma vez eu estava vindo para São Paulo ouvindo uma entrevista coletiva do Washington Olivetto, quando ele foi seqüestrado, que ele deu quando saiu do cativeiro e uma das coisas que ele falou foi que ele ia tirar um tempo para ele porque estava muito traumática a situação. Ele disse que iria para a Alemanha visitar um Museu, deu o nome do museu, mas eu não me lembro, e ia a um outro lugar também. Sei que ele citou duas coisas na área de arte sobre o que ele pretendia fazer naquele momento. Não foi uma coisa assim "eu vou porque estou estressado". Não. Ele foi lá porque ele precisa ver isso para trabalhar no mundo das imagens. Não importa se ele é da publicidade ou da arte. É o mundo das imagens que ele precisa conhecer e até para se aprofundar nisso para poder... Ele precisa mesmo desse contato com a arte

muito intenso. Aí já começo dando bronca nos alunos “você estão aqui em São Paulo e não visitam o MASP...”. Tem que ser por aí mesmo.

***O Lattes tem sido usado como uma referência para as instituições também para avaliar a produção acadêmica dos pesquisadores. A senhora acredita que ele pode avaliar com eficiência a produção dos professores em arte? No caso da academia como é que vocês fazem para validar essa produção se ele não contemplar?***

Eu acho que ele não contempla, mas pelo menos ele existe. Eu acho que tem este ponto forte. Não preenche tudo, mas ele existe. Acho que ele ajuda bastante a achar pessoas, a compreender quem são essas pessoas. E também não vejo outras formas. Não sei como poderia ser... Talvez um banco de imagens dos artistas. Alguma coisa que os artistas pudessem selecionar, porque muitos tem sites. O próprio site acaba sendo um bom banco de imagens do artista.

Talvez o Lattes pudesse ter um link para o banco de imagens do próprio artista. Mesmo que fosse uma coisa pequena que pudesse colocar. Porque às vezes você não lembra até o nome do cara. Eu conheço muita gente de arte. Além disso, estou em contato todo dia. Muitas vezes você fala assim ah!, o fulano, você não lembra direito...Aí você vê e fala ah!, é aquele cara, aí você já lembra.

E também às vezes a coisa pode te encantar que você não sabia. Você olha, entra numa num lugar assim, olha, este cara é fantástico. Não tinha idéia! São as imagens...Então acho que se tivesse imagens no Lattes favoreceria o campo das artes visuais. Ou possibilidade de se ter links. Também não tem links, pensando bem não tem links para outra coisa... Acho que tem links para instituições aqui. Tem para eles mesmos, que é o próprio grupo de pesquisa, linha de pesquisa e tal. Ah!, tem: *home page*, mas instituição que a gente está. Não tem um site, um lugar para você colocar o seu próprio site. O Artista que tiver site não tem onde colocar. Também eles não fornecem os armários para você guardar suas imagens. Não fornecem a chave para que seja guardado em outro lugar.

Porque é assim...A gente enfrenta até um pouco de dificuldade aqui mesmo no Mackenzie, de colegas que são artistas fantásticos, até que são, que tem até uma certa... não diria dificuldade né, não tem o hábito também de escrever, de estar escrevendo, mandando artigo. Mas a academia é isso. É uma discussão. Não tem outro jeito. Então uma maneira de você conhecer é freqüentando, freqüentar ateliê, freqüentar galeria, museu. Viajar é super importante, por incrível que pareça. Você percebe tendência, tal, dá para você enxergar quem está sendo importante.

***Professora, a senhora já se sentiu preterida de alguma forma em função dos critérios estabelecidos pelo Currículo Lattes em relação à sua produção? Ou é mais tranquilo...***

Deixa eu pensar um pouco. É porque é assim...De uma certa forma eu não me submeti a concurso a partir de Currículo Lattes, vamos dizer assim. Ele tem funcionado como um complemento, não como uma coisa exclusiva. Assim, só pelo Lattes é que minha produção será avaliada. Então, tem a coisa do próprio portfólio que você tem de trabalho para você mostrar, tal, mas deixa eu ver quando foi que eu o usei mais decisivamente, foi quando entrei no mestrado, por exemplo, para entrar no mestrado foi importante, mas meu Lattes nem era assim gorducho, vamos dizer, nessa época, porque sou meio crua do trabalho acadêmico.

Eu tinha feito muitas coisas artísticas, mas meu Lattes era meio minguido porque eu não tinha escrito quase nada e o Lattes valoriza muito essa área. Tinha mais obras artísticas. Mas não fui preterida em função disso porque ele já não era mesmo considerado aquilo que avalia. Ah!, por exemplo, eu sou Lattes e vou disputar com outros Lattes. Era meio que um complemento. Acho que na área de artes ele é ainda considerado um pouco complemento. Não tem como avaliar só por aí. É uma coisa difícil mesmo.

***A senhora já citou também a facilidade de olhar o Lattes, pesquisar todo mundo, enfim. Todo mundo vê todo mundo. Os professores vêem os outros professores. A senhora acredita que ele pode funcionar - não que ele seja isso - como instrumento de vigilância entre pesquisadores e instituições?***

Com certeza. E até auto vigilância. Às vezes você preenche errado. Eu estava vendo aqui, agora que eu me toquei, hoje, que aparece coordenadora, não sei porque eu não fiz isso, mas aparece. Então preciso olhar. Por exemplo, aqui no meu currículo; quem é a coordenadora desse grupo, desse projeto de pesquisa, é a Ariane, não sou eu. Alguma coisa eu preenchi errado. Fui eu mesma que preenchi.

Eu acho que funciona sim como vigilância entre os próprios professores, tipo o que o outro está fazendo, até porque está aqui, os meus superiores podem olhar a hora que quiserem para ver se estou produzindo ou não estou produzindo. Acho que funciona assim, neste sentido. Eu acho até que deveria ser mais valorizado por isso mesmo. Por exemplo, aqui no Mackenzie a gente tem que preencher um relatório que poderia ser até o próprio Lattes, se a gente valorizasse o Lattes, se a gente pudesse preencher legal com tudo que o próprio relatório...O relatório do Mackenzie, o de produtividade tem mais coisas que o Lattes.

Na PUC de Campinas também tinha um bem parecido com esse do Mackenzie. E a gente ficava revoltada: “puxa eu tenho o Lattes porque ficar preenchendo esse negócio?” Embora tenha mais coisas que o Lattes não tem. Mas eu acho que nesse sentido ele é uma plataforma de controle também. Não é qualquer informação desse tipo que vai gerar controle. Mas também não acho isso negativo, controle é controle. Eu fico sabendo da sua vida aquilo que você publicou aqui. Não fico sabendo nada que você não tenha colocado aqui. E eu também coloco o que me interessa.

Muito tempo eu não tinha feito esse textinho em cima e muitas pessoas me falaram para eu não colocar nada em cima porque são coisas exóticas, não sei o que e eu vou colocar porque é parte de mim. Isto é minha vida artística. Não tem porque eu não colocar. Mas é uma coisa meio extra. Eu vejo pelos colegas, todo mundo só coloca coisas que fez acadêmicas. Bem acadêmica mesmo, para valorizar esta parte. E também acho legal você saber o que interessa às pessoas.

É aquilo que eu te falei. Eu dou uma olhada sim. Eu vou por...sei lá entra...ou mesmo até professor que eu ia fazer matéria, no dia que eu ia escolher matéria para fazer no doutorado. Matéria que você pode fazer, mas que eu não conhecia o professor. “Mas quem é esse cara?” Aí você vai ver... só pelo título, pelas coisas que ele escreveu, que ele participou. Ele participou mais de congresso de educação ou congresso de arte? Ah!, é mais na área de imagem. Não, mas é mais na área de publicidade. Não, é comunicação, é jornalista.

Você começa frear um pouco para saber quem é essa pessoa. Quem é profissionalmente. E agora tem foto também e dou uma olhada. É até bom porque às vezes você vai a algum lugar que você não conhece, por exemplo, uma banca, e vê as pessoas e pode reconhecer o professor pela foto. Assim a gente já sabe um pouquinho da pessoa.

Nesse sentido eu acho que ele pode ser usado como uma plataforma de controle. E acho até que deveria mesmo ter mais crédito neste sentido. Eu acho que não dá para ter tanto, aliás, isso é uma coisa assim, só não tem mais, eu imagino – porque eu fiquei pensando: “porque razão o Mackenzie faz a gente preencher um outro e a Puc-Campinas preenche o deles?” – porque também as pessoas não colocam a realidade, colocam coisas que não são verdadeiras no Lattes, infelizmente.

Puseram aquela cláusula lá no final depois de tanto rolo que deu, mas a gente sabe, assim, coisas absurdas tipo eu soube de ex-colegas que a pessoa foi fazer uma matéria na Unicamp e colocou lá mestrado, na cara dura, porque como vai conferir? Então não tem esses problemas...Na instituição fica mais difícil. Como você vai colocar aqui no Mackenzie um negócio tão absurdo assim? O RH vai falar: você fez o mestrado, cadê o seu papel? Existe uma forma de controlar mais.

Nesse sentido eu acho que ele é muito amplo. Não tem tanto controle e as pessoas colocam muito o que querem. Só por isto que ele não é usado mesmo mais como uma plataforma melhor para avaliação. Nesse sentido o controle é paliativo da sua produção porque se ele fica como uma coisa única como é que ele faz. A gente sabe que tem os cambalachos. Mas como recurso, pega uma cópia do Lattes e todos os comprovantes para confirmar que aquilo é real. Ou pelo menos dos últimos três anos.

***Professora a senhora acredita que estes critérios determinam a produção artística ou cultural na academia? Porque o Lattes tem um formato. A senhora acredita que esta estrutura acaba moldando o pesquisador a publicar, a fazer isso ou aquilo e em que medida a senhora acha que isso é positivo ou não?***

Olha, eu acho que acaba obrigando sim. Mas eu acho que a arte escapa disso, não no sentido que escapa, é mais ampla. A academia é uma parte da vida, não é a vida inteira. Então existe vida extra academia também. Por mais que molde existe um outro mundo, quer dizer, não outro mundo. Você molda até um certo limite. Você molda, mas não domina. Não há como dominar. É uma coisa assim...A gente cadastra os dados, que é o que temos que fazer e muitas vezes é muito positivo você fazer a reflexão...”Não acho que é uma coisa legal”.

Então você vai estudando e também o fato de haver registro, quer dizer, de você não estar inventando a roda porque você está em processo de criação, mas você está mexendo em coisas que já existem, todo um material que você vai se informando e vai crescendo em cima disso. Nesse sentido

acho que a academia ajuda bastante. O fato de você olhar, identificar, classificar, poder entender o que é bom e o que não é, poder informar só para a sua crítica. A arte está no mundo. Está aí. Nesse sentido não tem como dizer que a única arte que serve acontece aqui.

Mas isso eu não tenho receio porque quem pensa isso na academia é um pensamento muito estreito porque é muita pretensão. Aí é demais! Acho que a arte nesse sentido é difícil de compreender porque uma experiência científica você pode ter a sensação de que está dominando, dominando aquilo que acontece. Domina todos os fatores. Então você domina muito completamente aquilo, embora exista a descoberta científica também que surpreende.

A descoberta surpreende porque senão como é que faz se não tiver nenhuma novidade? Mas de qualquer forma tem mais a sensação de que está dentro do vidrinho, ali. E arte não. Arte é mais tangível do que isso. Não está dentro do vidrinho. Está na vida mesmo. Muito mais. Mas de qualquer forma acho que é por isso que é difícil de entender. Acho que a academia às vezes tem a sensação de ficar agarrando alguma coisa que está escapando. Quer dizer, ainda bem, porque na hora que agarrar e prender, acabou. Quer dizer, as duas coisas juntas.

Mas é isso. É difícil mesmo. É difícil de registrar uma produção artística. E essa discussão acho que começa até por nós professores de arte, uma coisa muito difícil é a questão da avaliação. Por exemplo, de como você avaliar o trabalho do aluno, ele tem direito a uma avaliação que dê indícios de como ele está indo, de até onde ele pode ir, sugestões e tal. Então faz parte da orientação. Mas você pode acabar com o aluno ali, de repente, por uma avaliação meio impensada ou uma coisa que você pode falar mais forte, quer dizer, é uma coisa delicada, não é  $A + B = C$ . É um negócio sério.

Então fica complicado. Às vezes você vê coisas na academia e fala “nossa, que coisa”. Mas você tem que ver os critérios que isso foi pensado, como foi avaliado, ver o campo da arte. É aquela que faz o campo mesmo. Quem cria o campo? São os que pensam a arte. São os professores de arte, os críticos de arte, os diretores de museus. Eles criam um campo. Tudo que está ali é arte. Agora, esse campo é um campo de discussão mesmo. De pensamento vibrante e não um campo de pensamento fixo. É uma coisa que está gerando ali. Porque senão como é que fica?

***Agora eu vou falar de bolsa. Na verdade de maneira muito genérica. Também não estou querendo fazer uma avaliação ingênua. Eu fiz uma pesquisa no site do CNPq para ver mais ou menos como é a distribuição de bolsas nas várias áreas. Na área de artes...Na verdade a área de artes é agrupada como grandes áreas, exatas, biológicas, tem várias áreas e na área de arte ela é agrupada artes, lingüística e letras e agora a multidisciplinar. De todo valor que é distribuído em bolsas pelo que eu pude ver do relatório que eles publicaram, mais ou menos entre 3% e 4% desse total vai para esse grupo, que na verdade é o menor índice do ranking todo. Eu queria saber se a senhora considera esse índice baixo e porque ele é tão baixo em relação às outras áreas do conhecimento?***

Eu acho que é baixo, mas acho que é um reflexo sobre vários aspectos do ponto de vista histórico. Se a gente pensar a formação do pensamento científico mesmo, desde quando veio e foi formada, quer dizer, a academia em cima disso. Mesmo a arte acadêmica e século XVIII e coisas assim, da perfeição, da beleza, depois veio a questão da vanguarda. Talvez por essa dificuldade de avaliação também se que tem do trabalho do artista e como encaixar essas pessoas que estão fazendo arte.

Engraçado que eu sinto também que as pessoas de outras áreas têm muita dificuldade mesmo. Eu, por exemplo, fiz o doutorado na psicologia, eu fiz Design, depois eu fiz mestrado em Arte na Unicamp e doutorado na Psicologia da Criatividade. Durante as aulas quase todo dia a gente tinha que explicar o que é arte porque as pessoas têm uma idéia assim...Também a idéia que as pessoas tem do artista é aquela pessoa que não faz nada, que vive de brisas, que fica só pensando...

Geralmente você fala: ah!, no que você trabalha? “Ah!, sou artista. Ah!, mas você faz o quê?” Você trabalha com que? “Com arte.” Como assim? Onde você trabalha mesmo? Aí é como você se distrair... parece a pergunta. Esse reflexo vem de muito cedo. Dei aula desde pequenininha, pré-escola, até ginásio. Só não dei aula para o ensino médio. Mas dei bastante aulas para o 1º grau. E eu vejo que tem reflexo no ensino médio, porque tem colegas que comentaram. Tem uma questão que vai chegando no terceiro colegial. Você não consegue dar aula de arte porque os pais e mães só pensam em cursinho, só pensam em fazer cursinho para universidade.

Aí o que você tem que saber? As matérias básicas, português, matemática, tudo que se encaixa ali que vai fazer o cara passar no vestibular. E artes, esquece. Depois que você já estiver fazendo uma coisa, ganhando dinheiro, você vai se distrair fazendo um pouquinho de arte. Mas está completamente fora, você não consegue. Eu acho que no ensino de primeiro grau mesmo, o que mais me doía era a obrigatoriedade dos dias dos pais e das mães. Ah!, como eu sofria nessas datas. Você tem que fazer

uma lembrancinha sabe? Eu estava trabalhando com um tema gerador, aquele esforço para tirar da classe o tema que gerou até uma motivação, o que vai fazer, estava todo mundo trabalhando com uma coisa super legal, cada classe trabalhando com uma coisa, sabe oito turmas diferentes, oito trabalhos diferentes com muito mais esforço do que você dar um “parão”. Aí você briga com a direção da escola para não parar aquilo para fazer uma coisinha do dia das mães, uma coisinha de madeira já pronta para pintar e entregar. Aí gente, aí fica aquela ... “Ai como meu filho é criativo”. Então isso já vem desse tipo de educação. Vem o reflexo disso. Vem essa coisa de valorização e que não é considerado trabalho mesmo. Às vezes o pai falando “coitado do meu filho. Ele é artista, né?” Em vez de ficar orgulhoso. A coisa assim meio bem louca. Mas acho que é um reflexo. Acho que é formado todo esse sistema e o sistema de bolsa se apóia nisso, é formado em cima do pensamento científico mesmo, mais voltado para as áreas exatas e técnicas.

A gente é da Sociedade Brasileira do Progresso Ciência. É muito legal. A gente lá, se a gente bobear está no “outros”. Se bobear, você cai no “outros”. Porque você começa a se encaixar em várias coisas, se encaixar e no fundo no fundo você vai perceber que não tem a área, entendeu? E não tem mesmo. É reflexo de tudo que acontece. Na Unicamp, por exemplo, que é um lugar que eles ganham bastante bolsas em geral, eles batalham e estão sempre com esse discurso que eles querem que entrem pessoas que eles possam trabalhar a própria poética e possam refletir a própria poética.

E que a questão do cara fazer uma exposição conte com uma publicação. Porque senão qual seria o recurso da arte? Só vai entrar o cara que vai falar então de história da arte? Só pode entrar pessoas para falar da arte, mas que o assunto é arte através de outra área. A sociologia da arte, a história da arte, a antropologia da arte, mas e a arte mesmo? Tem que entrar. Tem que entrar todos os artistas. Porque esses vieses têm. E numa boa parte destes 3% que você achou deve ser isso também. Deve ser história da arte, sociologia da arte, antropologia da arte e não o artista, mesmo lá dentro da academia. Eu imagino que seja por aí a experiência.

***Professora a senhora quer acrescentar alguma coisa mais, alguma coisa que a senhora acha relevante?***

Não. Acho que a sua pesquisa é relevante. Vamos ver aí como você vai refletir sobre isto. Acho super interessante mesmo, pensar. Então é uma necessidade. Acho que a gente tem que pensar mesmo nesses critérios de avaliação. Acho que são critérios mesmo de avaliação. Sem dúvida. Seja para controle, seja para conhecer colega, é um critério de avaliação mesmo que se tem aí.

## **Entrevista 18**

**\*MARCELA/ IES: MACKENZIE**

Área de Atuação: ARTES VISUAIS

Data: 28/05/2009

Local: Sala de Reuniões - São Paulo

Duração: 53"

***Você conhece e possui cadastro no Currículo Lattes do CNPq? Desde quando?***

Sim. Eu acredito que deve ser desde o começo. Não tenho esta informação. Tem uma história que é o seguinte: como aquilo é muito enjoado de preencher, quem começou a preencher para mim foi uma secretária do Instituto de Artes da USP. Todo ano eu passava para ela fazer o currículo. Eu prestei um concurso de oficialização, estou tentando lembrar quando foi o memorial porque me lembro que neste memorial eu ainda não tinha o Lattes, senão eu acho que teria agregado. Depois eu vejo exatamente qual foi a data do concurso que eu fiz o memorial.

Sempre tem um currículo que está atualizado com as principais coisas, não de palestras, mas de trabalhos feitos, publicações que a gente tem no Currículo Lattes que organizo. Eu todo ano ajeitava aquilo, até pela universidade, aquela história toda. Depois de um tempo, uma pessoa do Instituto de Artes telefonou pedindo para eu participar de uma banca e falou “estou vendo que no seu Lattes você não tem orientando...”. Eu falei: “como não tenho orientando!”; eu já tinha três ou quatro. Resolvi que ia dar uma olhada lá no Lattes. Quando fui ver meu lattes, era vergonhoso porque na formação, como ele não fica com muita clareza para um qualquer e a gente fica confiando que o outro mexeu devidamente, eu não tinha acessado a informação, tinha muitas coisas de cunho menores e junto com doutorado, junto com mestrado, era uma confusão. Morri de vergonha. Falei: “Meu Deus como é que eu tenho esse Lattes apresentado quando na verdade eu tinha muitas outras coisas para incluir”.

Isso ficou uns três ou quatro anos assim. Que ela punha e eu não ia conferir. Eu falei: “não, preciso arrumar isto e aí fui refazendo.” Tanto que no meu Lattes – até aquela apresentação, eu digo que tem as informações mais recentes – eu não coloquei coisas muito do passado, de cursos que eu fiz de formação, os menores eu não coloquei. Não sei de que ano eu começo. Porque era impossível eu ficar preenchendo aquilo tudo. Então acabei tendo este aviso lá na frente e não fico presa. Na parte de orientando, sim, esta parte toda eu incluí. Mas cursos que eu fiz de formação é um tempo muito grande, isto não está colocado. Eu não sei nem qual é o curso mais velho que eu tenho lá. Mas tem essa relação no meu caso. Acho que ele ajuda num certo sentido porque como agora, acho que nas universidades, eu vejo assim dentro do Instituto de Artes, a gente tinha que fazer uma papelada de uma série de documentos com as informações de todas as folhas do Lattes, todas as partes do Lattes a gente preenchia a mão.

E aí eu também chamava uma pessoa para me ajudar nesta parte da história, por isso estava tudo fora do lugar e ficava em dúvida: isto eu ponho aqui ou ali? Como não estava atenta no que tinha lá era super confuso. E hoje já existe esse mecanismo de tirar do próprio Lattes. O que você tem que preencher é o Lattes, pois a universidade do Lattes é que pega as informações.

Eu acho que este foi um momento que o Lattes também passou a ser não uma coisa paralela e acabou sendo o oficial porque o que está ali está oficializado, vamos dizer assim. E eu acho que isto na própria coleta de dados para a Capes. Antigamente não era assim. Mesmo no Instituto de Arte era uma quantidade de folhas que vinham para você preencher tudo a mão e que depois ela revertia no preenchimento da coleta. E hoje não. É do próprio Lattes. Então ele se tornou também um lugar de certa visibilidade para qualquer um, ele está lá, tá posto.

Mas a minha trajetória, ele começou a ser mexido por mim. E hoje eu tento – não é assim super organizado no sentido de colocar – não deixar muito acumulado mesmo para não ficar depois enlouquecida atrás dos papéis, do que seja, especialmente porque a gente continua na academia, então isso é importante.

#### ***A senhora acha fácil o acesso? Tem facilidade com o preenchimento?***

Ele não é difícil. Ele é chato. Porque como você vai abrindo casinha, sempre que abre uma casa, que vai colocar uma banca você tem que por o nome de todas as pessoas que estavam na banca, na ordem. Sempre você tem que pôr pessoas novas que vão estar lá naquela única vez, que foi membro de banca junto com você numa determinada banca de uma universidade qualquer. O rol de nomes que você fica acumulando no seu Lattes é grande. Você tem que escrever todos estes nomes, aquela coisa da área...Eu não faço preenchimento total. Quando tem comentário, aquele tipo de coisa eu não faço. Acho uma dificuldade além desta coisa que você não pode colar, não pode trazer uma coisa do outro campo, tudo você tem que digitar. Tem algumas coisas que são difíceis de elencar, principalmente a produção.

Eu tenho uma grande quantidade de material educativo para exposições, por exemplo, lá ele fica como produção técnica, materiais institucionais ou outros, que aí eu não sei porque, não sei se é nesse, eu não consigo mais preencher os materiais funcionais. Eu tenho que colocar no “outros” porque aquele não aceita mais. Não sei o que acontece. Várias vezes tentei colocar ali e não consigo e entro em “outros” e ponho.

É difícil. Tem certas coisas que você não sabe onde vai colocar. Você é citada numa entrevista, mas onde está posto isto? Não sei exatamente onde colocar. Fizaram uma entrevista comigo – isso é uma coisa para eu responder agora inclusive no próximo ano – em que sou citada. Tem duas entrevistas. Uma é comigo. A matéria toda em cima da entrevista comigo. Não um texto que eu escrevi. Então como é que isto entra? Eu não sei e não consigo achar fácil onde é que eu coloco ali. Tem uma dificuldade de localização, tanto porque é muito genérico e aquilo que você faz não cabe tão bem ali. E nessa coisa de abrir muitas janelas você acaba também com dificuldade às vezes de se ajustar.

#### ***A senhora já falou que atualiza com frequência. Porque a senhora atualiza? É uma exigência?***

Porque ele se tornou o meu oficial. Eu sei que vou ter de entregar. Então, exigência com certeza faz parte desta necessidade. Mas ao mesmo tempo você já entra, já tem o oficial e você faz aquilo. Tem uma pasta lá que vou guardando os documentos de cada ano. Mas o fato de já ter ali, isto tem sido feito mais recentemente, antes não era assim.

Eu fazia sempre anual. Eu guardava tudo e chegava no final do ano eu punha tudo lá. Mas eu percebo que às vezes as pessoas precisam de alguma coisa, o que vai pôr ou pede e vão pelo Lattes encontrar



e não está esta informação. Então eu comecei a tentar desde o final do ano passado a colocar, não imediatamente, tenho uns três para colocar, mas estão lá como possibilidade.

***A senhora também falou sobre os campos, que tem uma dificuldade. A senhora considera que na estrutura que existe hoje, os campos disponíveis são adequados para registrar as atividades dos professores e pesquisadores em arte?***

Eu acho que não. Tem algumas coisas que realmente falta, por exemplo: a gente coordena trabalhos educativos em museus. Você não tem espaço para esse trabalho especificamente. O que é publicado por um livro fica mais fácil. Material educativo fica no “outros”. Ele não é um material institucional. Ele tem outro caráter. Mas ele fica no “outros”. Você vê que o que está em “outros” é tudo que não tinha lugar para colocar e vai para lá.

Eu acho que mesmo em relação à curadoria, à produção de trabalhos artísticos, eu sei que é uma história nova. O Zamboni foi um que lutou muito para que isso seja colocado, que tivesse uma outra conotação. Nós mesmos, aqui no curso, estamos levantando quais os valores que vai se dar no mestrado. Para estas coisas a gente tem que estar sempre voltado: “ao que é a produção deste aluno que vem estritamente pela área de artes”.

O próprio professor colocou hoje na palestra que tem uma coordenação da ciência que tem uma história muito antiga. Nós em arte, no campo de pesquisa, os mestrados e doutorados são muito deficientes em relação às outras áreas. Então acho que esta falta de história... Ele deu também uma coisa que eu acho interessante. Ele disse que 2% de erro só tem na área de ciências e na área de artes não, a grande maioria erra. Eu acho que são várias coisas de erro mesmo. Acho que tem uma resistência muito grande em preencher estas coisas formais, assim como eu tinha. Isto é até a hora que falei “vou entrar nisso e organizar porque está vergonhoso”. Acho que tem a parte da resistência e tem essa coisa de onde coloco tal coisa. A ferramenta é difícil. E tem algumas coisas, por exemplo, lá está como “área de educação artística”. Nós da arte lutamos muito para que se substituísse educação artística por ensino de arte. Até teve uma discussão numa época na FAEB através de e-mail e Internet se devia ser educação artística dentro de ensino de arte, dentro de artes visuais, música, etc. Ou se seria mais geral. Mas são coisas muito complicadas de mudança. Fico imaginando se mudar alguma coisa como vai ficar aquilo que já está. É um processo difícil também.

Não sei se poderia ser uma coisa mais amistosa no sentido de talvez, nem sei se tem, mas talvez, quando se tem no computador um programa que você clica naquela ferramenta com aquela ?(interrogação) e ali te dá a dica do que deve cair ali. E acho que no Lattes não tem isso, um tutorial. Porque se tivesse acho que facilitaria às vezes o preenchimento de alguma coisa. O que vai estar ali. Eu acho que isso poderia ter ali. Em programas normais você tem a ferramenta e no Lattes você não tem.

***Já que a gente está falando em campos, o que na sua opinião não está contemplado? A senhora já falou algumas coisas, inclusive sobre a questão dos trabalhos educativos que a senhora desenvolve em museu. Que campos faltam ali? Teria mais algum campo que a senhora acha dificuldade e facilitaria o registro desta atividade?***

Esta coisa de citação em artigo que não é seu, como é que fica? Amplas dificuldades mais recentes. Porque você olha ali, não sei “décor” para te falar, mas são poucas ações disponíveis ali na produção. É pouca coisa que tem ali. É complicado quando você tem um universo muito maior do que caberia ali. Você tem meio que forçar.

Tem uma coisa que outro dia, mas eu não me lembro o que era, mesmo quando você fala de congresso, qualquer coisa assim, eu não me lembro o que era, você tem a cidade, mas você não tem a instituição, não sei se é isso. Você está com o congresso X, você tem a cidade onde foi promovido, mas a instituição que promoveu não está.

***É evento. Participação e evento.***

E aí você está lá como conferencista, como ouvinte, como comunicador, tal. Está lá a cidade...E eu acho que o que dá de certa maneira a validade para um congresso é a instituição que o promove. Eu acho que não aparece isto.

### ***Não aparece mesmo***

Quer dizer, qualquer um pode colocar I Congresso de não sei onde, mas não diz qual a entidade. A entidade daria um crédito a mais para aquele congresso. Outro dia eu senti falta disso.

### ***Da sua produção acadêmica e artística, a senhora consegue cadastrar bem ou tem que tentar encaixar em alguma coisa?***

Tem essa coisa do “outros”. Material educativo tem que estar sempre no “outros”. Eu não tenho tido uma produção artística. Minha produção artística é muito íntima. Então não tenho uma produção artística que vá elevar. E nem aparece, as coisas antigas da produção não estão colocadas pelo motivo que eu citei no início, que são coisas anteriores ao que eu estava fazendo na época. Eu só coloquei as coisas mais importantes.

E tem a história de que você até acaba falando “nem vou pôr isso” porque às vezes você não está com o papel, com o comprovante, e aí você acaba até eliminando determinadas coisas para facilitar o trabalho. Já tem bastante, tá bom. Não precisa tudo.

Uma coisa que eu também acho, não é que me falta, mas que desvaloriza é a qualificação que não vale absolutamente nada. Não vale nada você participar de uma qualificação de mestrado. A de doutorado acho que vale. E a de mestrado não. Eu não entendo absolutamente o porque.

Eu considero que o trabalho pessoal de uma banca de qualificação é muito maior do que trabalho de finalização. Porque na qualificação você tem de estar olhando o trabalho e enxergando o futuro e se dispondo a contribuir para as potências que tem no trabalho, mas numa finalização... na verdade você pode lamentar ou parabenizar, mas na verdade o trabalho está pronto.

Pode ser reprovido, mas normalmente não tem, claro que vai fazer uma leitura, vai fazer uma análise, evidentemente, mas a responsabilidade que tem numa banca de qualificação é muito maior no meu ponto de vista. Aliás, eu acho o momento mais bonito da vida acadêmica eu acho que é o momento da qualificação porque está tudo em potência ali. E se tem dois leitores cuidadosos, espera-se que sejam sempre, que estão ajudando a enxergar muita coisa dentro do seu trabalho.

Eu lastimo o fato de que a qualificação não seja considerada como um trabalho interessante. Uma dúvida que eu tenho e não é, por exemplo, a suplência dentro de uma banca. Também não entra. Eu não ponho mesmo. Mas eu fico imaginando, a suplência acho que tudo bem. Estar como suplente e, necessariamente, nem o trabalho às vezes ele quer ter. Passa os olhos. Não vai ficar na banca. Tem uma outra responsabilidade frente a isso.

A indicação sempre honra. Mesmo que você está como suplente, só de ter sido lembrado é bom. Mas tudo bem. Esta é uma dúvida minha. Eu não tenho posto, mas tudo bem. Mas a qualificação é vital ter o seu lugar e espaço, mas eu vejo isso, o que é uma possibilidade de mudança numa coisa oficial como essa que está com toda essa estrutura.

Deve ser uma loucura. Eu fico imaginando a quantidade de currículos que tem no Lattes. E tentar qualquer mudança eu acho uma loucura, mas eu acho muito boa no fazer, por mais que seja complicado, acho ela democratizada num certo sentido porque todo mundo pode ver onde você caminhou, o que você está escrevendo. Acho que numa busca por alguém, você pode descobrir coisas. Não é o wikipédia, mas ele funciona assim. Você põe lá um nome e você vai saber o que a pessoa produziu. Mesmo você estar lendo um livro de um determinado autor, que autor é esse. Então você pode chegar via Lattes se for um autor brasileiro que eu acho que dá um pouco do panorama dele enquanto um estudioso, um acadêmico, então acho interessante neste sentido.

### ***O Currículo Lattes traz questões relacionadas a pesquisa, nesse sentido eu trago como uma pergunta: de modo geral o que a senhora considera pesquisa em arte? Um pouco para entender essa discussão de que não tem pesquisa em arte, que arte não é ciência. Um pouco só para trazer à luz já que a gente está falando de pesquisa, que o currículo que cadastra... O que a senhora considera pesquisa em arte?***

Eu sempre acho que a gente precisa olhar para a questão fora da academia primeiro. Até no livro de arte que a gente escreveu: “porque a arte é importante na escola?”. Porque ela é importante fora da escola. Portanto, a arte precisa estar na escola. Então eu preciso olhar fora. Como é que o trabalho do artista ou de quem lida com arte de maneira mais geral. Essas pessoas pesquisam. O trabalho que hoje o professor apresentou não é porque ele está dentro da academia. É porque ele é um artista.

O artista contemporâneo hoje tem uma perspectiva do seu próprio trabalho que também está pautado em conceitos que de certa maneira fundamentam o trabalho. Ele não vai fazer a teoria senão

ele escrevia o livro e não fazia a obra. Mas a obra em si traz um pensamento que está fundamentado em idéias também. No trabalho do artista, que a gente pensa do artista, o trabalho lá de fora que está fundamentado em pesquisa, em pesquisa teórica, em fundamentação teórica, melhor dizendo, em pesquisa da própria idéia, da sua poética e tudo mais. No campo do artista, na universidade então é claro que isso pode estar sendo o seu foco, como a produção e a leitura do seu próprio trabalho.

Eu vi, por exemplo, a do Mubarak, fui assistir a defesa dele. Me interessava e fui assistir a defesa. O que era o trabalho dele como trabalho acadêmico? Era um trabalho em cima da própria produção artística. O texto era um texto muito pequeno, mas poético e tal. Eram poéticas visuais que estavam lá colocadas. E isto também é muito recente. Não sei se você entrevistou algumas pessoas que lidaram com isso. O Alcindo, não sei, diz ele que é um dos primeiros que defendeu o trabalho com a própria poética. Ele é professor do Instituto de Arte também. Mas é recente isso. É muito recente. Acho que é da década de 90. É 10, 12 anos atrás que começa o artista vir para a universidade e fazer valer o seu trabalho como artista enquanto a sua pesquisa acadêmica que está fundamentada. É muito recente, mas foi um ganho e aí muitos desses que você entrevistou, muitos batalharam para que isso vingasse enquanto idéia. Que as poéticas fossem também colocadas dentro deste caminho.

Fora o artista que pesquisa o seu próprio trabalho, há muitos artistas que trabalham em campos mais abertos não só de si mesmos, mas também trabalhando com poéticas de outros artistas ou quase levantando histórias de artistas que viveram, mas às vezes não tem a presença, que não foram aflorados ainda. Como o Rossini, aluno no nosso programa, que está trabalhando com aquele artista do Norte, do Acre.

É um outro universo de pesquisa e que vai também exigir, que eu acho, que é um outro dado que a arte vai trazer, não só o levantamento histórico, do contexto histórico, mas a interpretação da obra, a leitura possível da obra. A análise. E isso vai trazer outra série de questões metodológicas mesmo. Que tipo de análise vai fazer, semiótica, temática, por onde que vão essas... Então abre também frente a outras disciplinas, uma outra construção, porque você está lidando com uma interpretação que evidentemente a subjetividade vão entrar com tudo, porque graças a Deus, as ciências, essa idéia da neutralidade das ciências já caiu.

Embora é tão forte isso como um estereótipo, que mesmo ontem, na aula com a turma: “não é para escrever em terceira pessoa?” porque isso vem como marca, como se eu escrevendo na terceira pessoa eu não estou fazendo um trabalho acadêmico, que é essa idéia da neutralidade, sabe. Que é preciso distanciamento. Agora, neutro não dá para ser. Estamos num mundo onde o modo que você olha para as coisas tem a ver com você. Como diz lá “toda perspectiva é a perspectiva de um ponto. Cada um olha para os olhos que tem e onde você os pés pisam”.

Esta idéia é retirada, mas abre no campo da arte esta outra dificuldade quando você está levantando, quando você está trabalhando com a leitura da imagem. E não só às vezes do artista, mas a leitura da cidade, a leitura da cultura visual, a leitura de uma série de outros aspectos que em outras áreas essa leitura fica mais presa a análise do discurso lá que está na lingüística, já pautada no conhecimento metodológico que está firmado. Enquanto que na arte tem muita coisa ainda sendo descoberto, inventado, melhor dizendo, no próprio fazer.

Dentro das questões de arte, acho que há espaços que fazem maiores conexões com a educação quando se pensa em processo de arte e educação, em desenvolvimento estético ou coisas do gênero ou numa visão mais de história quando você está levantando um período histórico, um período artístico, embora eu sempre acho que o campo da leitura e da imagem já sai do que necessariamente estava colocada às vezes só na história. Sempre tem interpretação, mas a interpretação de uma imagem, ou de uma imagem em movimento no caso do cinema exige outro tipo de construção.

***O Currículo Lattes é utilizado como um instrumento de avaliação entre as instituições sobre a produção dos pesquisadores. A senhora acredita que é possível um pesquisador de área de artes ser avaliado com eficiência pelo lattes?***

Só pelo Lattes não. Porque tá lá. Eu estou pondo o trabalho na exposição X e edições 2. Mas o que é o trabalho? Ele não dá conta só pelo seu currículo. A idéia, acho que nem poderia ser, de repente fazer mais memorial, mais portfólio. Porque como é que um artista é, pensando como artista mesmo, que trabalha em cima das poéticas e tal. Um portfólio do artista que você tem as soluções, os conceitos, é o modo como o artista se apresenta. Ele não se apresenta pelo Lattes. Ele se apresenta pelo portfólio. Talvez um das ciências apresentasse as suas publicações em congressos, bem ligado à área de ciências mesmo, ciências da saúde. O que vai registrar são as publicações em revistas estrangeiras.

Mas na área de arte é um pouco deste portfólio. Eu ponho lá material educativo para uma mostra, por exemplo, uma Mostra do Descobrimento, ele está lá colocado, mas não tem lá...a não ser que eu

ponho comentários que vá ficar explicando, não tem lá que foram 10 mil e que foram do Brasil todo e que tinha um catálogo em braile que foi para mil e que foi também.... Isto não faz parte. Quando você olha o material, quer dizer, ele está lá, está ocupando a mesma linha que está o material para as pessoas que estão para a exposição Naif deste ano do SESC Piracicaba, que é um material com 20 páginas, feito em uma base mais simples e tudo mais.

Você tem o da mostra que tinha dois cadernos, uma pasta pranchas. Ele ocupa o mesmo espaço e provavelmente terá o mesmo valor. Não dá conta então. Ele acha que abre a citação: ele fez isso. Avaliação não, não adianta dizer o que é, não dá conta para uma avaliação, não. Acho que para dizer que foi feito está lá. Não como avaliação mais contundente. É quantos você fez, quantos.... É complicado muito esse processo avaliativo de qualquer forma sempre... A avaliação já é por si um conceito complicado.

Mas ele não pode ficar só preso a essas relações do que está no Lattes e do que não está no Lattes. O Lattes não dá conta de tudo que é feito, da abrangência desse material que você produziu, dessa publicação, seja lá o que for que produziu. Eu acho que ele não dá conta da avaliação.

***E nesse sentido, a senhora considera avaliada de forma justa com relação à sua própria instituição na academia a partir destes critérios que na verdade são estabelecidos pelo Lattes, mas que são assinados por todas as instituições? Você tem que produzir, enfim, e se por acaso a senhora já se sentiu preterida em função desses critérios?***

Olha, eu trabalho muito, então eu publico muita coisa, material educativo, então eu sou uma pessoa que tem produção. Nesse sentido ser preterida só se eu não trabalhasse, se eu não fosse chamada para fazer banca. Eu tenho uma boa atuação. Fui para Porto Alegre fazer uma banca na Federal de lá. No título de artes, por enquanto, tem me chamado.

Porque eu tenho produção, talvez eu não sinta tanto que ser preterida, de ser valorizada, porque sou uma pessoa que trabalha bastante. Mas eu também não fico preocupada e não quero que isto seja se eu sou publicada na *qualis* eu não vou atrás. Ir atrás no sentido assim: eu preciso...tem coisas que eu não sei. Por um lado eu tenho bastante produção, fico bastante tranqüila no sentido de ser preterida por falta de trabalho, mas há uma cobrança da universidade publicação em *qualis* "A", em publicação de não sei que editora...

Eu produzo o que eu acho que é importante produzir porque são desafios, vamos fazer, vamos atrás. Eu não produzo para ganhar ponto na universidade nem para preencher meu Lattes neste sentido. Se estou fazendo alguma coisa pelo povo brasileiro e entregar no congresso ANPAP, eu não consegui escrever. Eu não me sinto banida, provavelmente eu vou ao congresso que ele é estratégico, mas eu não vou levar trabalho, eu não consegui ter tempo porque eu estava produzindo um material importante para a secretaria de educação... Então não dá. Não dá para fazer tudo.

Se tem um congresso internacional, vou atrás. Estou fazendo o que preciso, o que eu acho que merece meu trabalho e com isso vou fazendo a minha vida acadêmica. Não vou atrás daquilo que vai me dar ponto. Nesse sentido eu sou um pouco independente da universidade porque isso é real. Nunca fiquei fazendo média para ganhar ponto e não. Estou fazendo um trabalho que eu acho que precisa ser feito e que eu posso contribuir. E isso como eu produzo acaba deixando lá. Mas não vou atrás da revista *qualis*. Não sei se vou ao congresso internacional ou não vou, porque, primeiro, não é minha meta.

Estou querendo fazer um trabalho sério e bom naquilo que estou fazendo. Se ele dá conta desse pequeno universo, que não é tão pequeno de conforto, para facilitar a educação, 5.200 escolas, caderno para todos os alunos de 5<sup>as</sup> séries, ensino médio do Estado de São Paulo, é gente para danar. Mas, a minha proposta é com esse agora, com a hemeroteca, estou com um trabalho, o edital da Petrobrás que a gente ganhou cerca de três anos atrás e só agora está sendo assinado e com a mesma verba da época. É aquela história.

Mas isso me motiva a trabalhar e isso vai gerar produção. Não vou atrás dela. Tenho feito assim. Até agora tenho muito trabalho para fazer. Eu sinto que há uma pressão muito grande, quem as vezes está mais preso à própria universidade é pior. Como eu tenho trabalho extra, instituições, sei lá, sou chamada para uma coisa e outra. Eu fiz um caminho fora da universidade que alimenta a universidade...Mas se eu tivesse só dentro da universidade, provavelmente eu estaria super necessitada de fazer essas coisas porque eu já fiquei dentro dela. Eu acho que o trabalho cresce à medida que você não está só nela. Você faz trabalhos extras tanto no contato com os desafios que você tem em outro tipo de instituição como no sentido de que você também conhece outros profissionais e você traz para a universidade, você areja a universidade.

Por isso que eu acho que o professor mesmo com 40 horas tem de ter espaço de contato com outras realidades, senão ele fica preso naquele universo, daqueles professores que trabalham diretamente

com ele, dos alunos que vem, e não abre para enfrentar o que é um ONG, uma instituição cultural, uma instituição grande, com consciência, fazer parceria com não sei o que. Acho que a gente aprende muito no externo também, à universidade que eu acho que é isso que alimenta a universidade e que alimenta o Lattes.

***A senhora acredita que esses critérios que perpassam todas as áreas, na verdade não só a área de artes, se numa certa medida eles influenciam a produção artística na academia? No sentido como a senhora estava falando agora, por exemplo, você citou que algumas pessoas ficam presas para atender a demanda que é feita de cobrança, pressão...***

Acho que pode ser, mas na área de arte...Eu acho que o cara que é artista, ele tem a produção dele. É até muito interessante, por exemplo, se você for verificar muitos artistas que fazem a sua história estão hoje o que? Lecionando na faculdade. Era o jeito, inclusive...aquela idéia do artista que vai viver por conta própria, porque ele vende mais nas galerias e ganha milhões, claro tem alguns, mas a universidade é também o espaço não só de pesquisa como também de emprego mesmo, de ter salário. Até o professor hoje mesmo, estava comentando como ele entrou na docência por conta de ter um espaço e também de apoio financeiro. E muitos artistas, a gente pode citar a Regina Silveira, o Fajardo, o próprio Mubarak está dando aula na ECA hoje, o Marco Butti, é professor da ECA também. Ele continua o trabalho artístico dele e tem a universidade como espaço de enriquecimento para ele, de troca com outros alunos. Mas se não tivesse a universidade ele não estaria fazendo aquele trabalho.

Não é a universidade que vai puxar ele para fazer o trabalho externo de artista. É o trabalho externo que vem para a universidade. O caminho é muito mais ao contrário, especialmente nos campos das artes. Mesmo quem estava, pensando em outras áreas como dança, música, acho que também uma coisa alimenta a outra. Se não tivesse na universidade, ele arrumaria um jeito de fazer um trabalho artístico. Ele podia não ter a universidade mas o trabalho artístico ele não ia deixar de fazer, provavelmente, sendo um artista que está nesta perspectiva.

E você vê que muitos artistas jovens vão fazer mestrado também, vão fazer doutorado, porque é uma chance de também olhar o próprio trabalho de uma maneira mais ampla e se inserir também dentro de um campo de sobrevivência financeira mais tranqüila que ficar preso a galerias, a humores do mercado, este tipo de coisa. Acho que dá até mais um pouco de independência do artista essa relação. E se olho para quem eu conheço dentro da universidade, não vejo este trabalho externo buscado em função da universidade. Eu acho que o trabalho externo é quase a pessoa que está lá.

E a universidade vem com... até a contribuição dele para este espaço para aquilo que ele tem lá fora enquanto espaço de cultura, de estar inserido numa visão mais comprometida com o social... e acho que isto é que vai colocá-lo dentro da universidade. Não que se manter lá ele resolva fazer coisas fora. Acho eu e não sei se fico na idealização dos meus colegas. Um pouco eu acho que tem essa vinculação com o mundo externo da cultura. Ele que vai alimentar. Eu vejo assim.

***O Lattes tem também uma função que é a questão da visibilidade. Então ele está posto lá e todo mundo pode ver todo mundo. Nesse sentido, a senhora acredita que ele pode ser utilizado também como instrumento de vigilância, de controle entre instituição e pesquisadores. A senhora acredita que ele pode ser utilizado dessa forma e como a senhora vê isto?***

Esta é uma questão bem interessante, bem foucaultiana neste sentido, mas nós somos vigiados o tempo inteiro, nota fiscal paulista, tem o Imposto de Renda, se vai abrir conta no banco tem que levar o seu holerite. Quer dizer, todas as malhas sociais são um símbolo de vigilância, tem o prédio, tem câmera, tudo tem. É uma coisa meio escancarada.

Se tem lá meu nome, tem imagem, vai sair fotografias e uma sou eu, outras são pessoas que estão na mesma ...Pensa pelo Google: você vai e põe seu nome e sua imagem, pelo menos sairiam umas pessoas que estariam num blog onde estou também. Está lá e quem não conhece não sabe que sou eu. Eu estou lá... Está no mundo, está visível.

Acho que neste sentido, é você que está pondo os dados. Embora eu tenha todas essas falhas, você está oficializando algumas coisas que você faz. Então acho que nesse sentido você também está se colocando à mostra. Agora, que a vigilância está aí colocada, está. Tua universidade vai dizer "olha, você não está com tanto *qualis*, não está com tutelar". Quer dizer, tem uma avaliação como você mesma falou.

Então, isto está no sistema que está implantado na nossa sociedade. Não é só no Lattes e é em tudo. É mais um lugar que a gente está lá visível. A única vantagem é que você está colocando lá, não é um

outro que escreveu qualquer coisa e está pondo. Você está pondo os dados que são muito cirúrgicos, muito estreitos, que não dão conta como a gente já falou. O mundo hoje tem esta perspicácia, tem esse jeito de agir.

Acho difícil pensar numa outra forma que você não fuja dessa história. Está aí. Está dado. Como você falou, é questão de avaliação, é questão de vigilância também. A questão que os outros vão ver, vai ver também...nossa que horror seu.....não tem nada... Aí você vai lá e fala “nossa senhora quantos artigos o cara escreveu!”. Epa, mas todos os artigos estão com o aluno. Então, um pouco você tem o perfil. Então é parte do jogo da vida contemporânea. Não sei se tem muita saída nessa trajetória.

O que eu vejo, talvez duas coisas alternativas também de encontrar outros caminhos de ação...É uma coisa que talvez possa existir, professores que estão criando seus próprios blogs, que é um jeito de você ter uma visibilidade não no sentido de visibilidade tipo “estou aqui como se quisesse se aparecer”...É uma visibilidade no sentido de colocar suas idéias em contato com o mundo, em contato das artes com o outro. São vias alternativas que acho envolvem um....a própria idéia do site. Eu tenho um site e há quatro anos estou pagando o domínio e está lá em construção eterna porque não consigo parar ...

Enfim é um modo de tentar encontrar vias de acesso ao outro de forma diferente. Acho que esta é uma alternativa... Não deixa de ser de novo vigilância porque o cara pode ir lá e ver o que eu estou produzindo. Há caminhos hoje mais abertos de você criar zonas de contato com o outro. E acho que é uma zona de contato também o Lattes, do jeito que ele está, mesmo com todas as suas falhas, não deixa de ser útil.

***Eu fiz um levantamento, claro que não muito aprofundado porque não é esta a minha intenção, só de verificar os percentuais de bolsa que tem para todas as áreas e a área de artes fica em último lugar com 3% ou 4%. O que eu queria perguntar é se a senhora tem alguma idéia do porque este índice ser tão baixo. A gente sabe que também ele está num momento de crescimento, que houve investimento na área... Porque ele ainda é baixo em relação às outras áreas? É um momento de mudança ou não, ou pela juventude da área? A que a senhora atribui isto?***

Acho que são várias questões. A juventude da área sem dúvida é uma. Eu não sei quando se fala 3% ou 4%...qual é o percentual de pedido de bolsas das universidades, como elas...Não sei qual seria a palavra certa, mas qual é a demanda de cada área para você ter nessa relação de porcentagem um outro modo de análise.

A demanda é mais baixa, então também tem menos bolsas concedidas. Há uma outra relação aí que talvez você faça no seu estudo. Agora, é muito jovem. Eu acho que artistas fogem um pouco também de uma formalização. É como eu fugia de escrever esse bendito Lattes. Muitos também não devem ter paciência. A gente deve encontrar, como diz, muitos erros por não ter paciência. É a mesma coisa de estar lendo instruções de qualquer aparelhinho que você compra. Já leu o do seu celular maravilhoso?

É mais ou menos a mesma coisa. A gente não tem muita paciência para isso. Então acho que é um outro ponto. Um outro ponto é a própria área em relação às demais ciências. Ela sempre foi um pouco desvalorizada. Isto na escola, na academia, de maneira geral, é uma luta muito árdua que o pessoal das artes tem. Os parâmetros curriculares parâmetros curriculares porque arte lá, tudo é luta. Ninguém vai discutir se língua portuguesa, história, matemática, geografia, vai estar no currículo.

Mas arte tem de ter luta para que seja mantida, para que dê força. Porque embora na nossa cultura a arte é muito presente, na própria música popular, nos próprios artesanatos ou nos próprios moldes como as pessoas decoram suas casas ou que se vestem, a moda é vista também como uma mídia. Fazer isto de uma maneira mais acadêmica também não tem história em si, as poéticas visuais da década de 90, estou falando de 19, 20 anos.

Ela é muito recente e ela precisa de um modo mais formalizado, também as pessoas que às vezes estão em cargos chave, de direção, por exemplo, também não tem idéia do que se está fazendo em arte. Talvez tenha a idéia da Tarsila e só ou quando se pensa em arte brasileira pensa em Semana de 22 e não existe mais nada. Porque também tem o desconhecimento do que a área é capaz de produzir ou nem percebe que isto está no campo das artes. Então isto também faz com que a porcentagem seja menor.

Eu acho que se talvez, não sei se você tem condições de ver...Se você for olhar também em termos de Brasil, provavelmente a concentração é no Sul. Porque tem essa vinculação de um marketing que fica ligada erroneamente à elite, mas porque todo o esforço de luta, de batalha, de construção que se fez

mais forte para o Sul do Brasil. Menos do que para o Norte e Nordeste. E nem por isto não tem ótimos pesquisadores e tudo mais.

Mas os campos de pesquisas ainda estão centrados no Sul. Quer dizer, as pessoas vinham das universidades para estudar aqui e ficavam por aqui. Tanto que São Paulo é o grande centro multicultural por excelência. Se você vir os pesquisadores da casa, vai ver que uma grande parte não é paulistano, veio de outro lugar. E vieram da cidade para estudar e às vezes aqui ficaram. Eles não voltam para suas origens. Não vão estar lá. Acho que tem um contexto social e político que responde um pouco a isso.

Juventude, essa questão da arte que ainda não é vista. Mesmo a educação. Mesmo a educação é "menina" ainda. Você não tem ainda uma visão mais clara do universo simbólico da arte. Acho que não. Acho que tem muito para se trabalhar.

### ***A senhora gostaria de acrescentar mais alguma coisa?***

Acho que não. Achei muito boa sua entrevista. Achei interessante do modo que você foi construindo. Está bem de pesquisadora mesmo. Está construindo bem tanto na maneira como você deixa a pessoa à vontade, você pegava coisa lá de traz para ver de novo, então que você articulou muito bem. No início eu fiquei em dúvida se iria contribuir com alguma coisa, porque eu não tenho histórico sobre isso. Aliás, o histórico é uma desgraça olhar para aquilo (o currículo errado) e ver que estava horrível.

### **Entrevista 19**

**\*LETÍCIA/ IES: UFRJ**

Área de Atuação: ARTES CÊNICAS (TEATRO)

Data: 08/05/2009

Local: Café - Rio de Janeiro

Duração: 34"

### ***Professora, a senhora conhece e possui cadastro no Currículo Lattes do CNPq?***

Sim. Eu possuo.

### ***Desde quando?***

E agora, desde quando... Porque eu nem sei quando o Lattes foi implementado. Eu sou das belas artes desde 1998. Então com certeza...

### ***Porque ele foi obrigatório a partir de 2000***

Ah, então deve ter sido a partir daí. Na verdade, entre 1996 e 1997... Acho que entre 1994 e 1995. A data precisa agora eu não estou lembrando. Mas dessa do meu do currículo Lattes eu fui pesquisadora visitante da UNIRIO. Na pós-graduação da UNIRIO. Não sei se nesse momento...Então, nesse momento não tinha ainda o Currículo Lattes, né? E depois eu entrei na UFRJ em 1998. Deve ter sido por volta de 2000 e pouco. Não me lembro exatamente.

### ***Professora, a senhora acha fácil o acesso ao currículo? Tem facilidade com o preenchimento?***

Mais ou menos. Assim, é que eu vou tentar ser objetiva. Às vezes eu sou uma pessoa que não tenho muita facilidade com Internet. Então acho que agora não tenho tido mais dificuldade neste sentido não. Mas numa época eu achava que sabia já chegar ao Currículo Lattes e quando eu abria de novo tinha mudado. Algumas coisas de programa, de ter que baixar de novo. E isto tornava o acesso à atualização do Currículo Lattes às vezes complicada. Porque, talvez por incompatibilidade com o computador, enfim. Uns detalhes assim.

Também posso estar fazendo confusão com esse Lattes com o Sigma da UFRJ. São dois sistemas que tentam dialogar, mas este diálogo não é muito ágil. Então às vezes a gente tem que atualizar em um, e também tem que atualizar em outro e tem às vezes essas mudanças no software, sei lá o que é, que prejudica um pouco. Mas de uns tempos para cá eu tenho conseguido acessar. Estou falando acesso.

Depois a outra questão é, que acho que talvez a gente vá falar mais sobre isso, é como se encaixar nas rubricas do Currículo Lattes. Isto é uma questão que eu acho que é mais delicada. Mais complexa.

***Professora, com que frequência a senhora atualiza o seu currículo?***

Varia. Depende. Depende muito. Uma vez por ano com certeza. Pelo menos deveria. Tem períodos que eu consigo ficar alerta e aí ir preenchendo na medida em que a produção vai se realizando, se concluindo. E às vezes acontecem coisas que não dá, que eu acabo não tendo tempo para fazer, esqueço. E aí faço quando a universidade me cobra.

***A sua instituição ela exige a atualização periódica?***

É. O programa de pós-graduação e artes visuais, ao qual eu pertencço atualmente, lá na escola de Belas Artes, enfim, pedem, lembra a gente. Eles insistem, eles pedem para que a gente atualize.

***Então, agora vamos passar para a pergunta que a senhora tinha tocado ali no começo. A senhora considera que os campos disponíveis no formulário são adequados para registrar as atividades acadêmicas de professores e pesquisadores em artes?***

Eu acho que está havendo uma unção ainda. Mas eu percebo que está havendo um grande esforço neste sentido. No ano passado, a professora Marta Ulhôa, que é de lá da Escola de Belas Artes, veio justamente para nos orientar, quer dizer, ela não foi especificamente para isto, mas na visita dela eu me lembro que ela dedicou uma parte importante para nos orientar como trazer nossas especificidades para dentro dos campos possíveis e disponíveis no Currículo Lattes.

Eu acho que isso é importante porque certamente vai possibilitar com que esse currículo vá se adequando à produção dos seus usuários, na verdade. Mas eu devo confessar que eu não sei se segui exatamente... Não sei se eu segui...são muitas informações assim de detalhes que...como é que vou dizer... acaba sendo uma produção à parte completar o Currículo Lattes. Você parar e perceber qual é a interface entre a sua produção e a produção como o Currículo Lattes percebe a produção. Então é quase como uma produção à parte, entendeu? Tem que ficar ali trabalhando.

***Professora, a senhora tocou no assunto também, mas eu queria só tentar deixar mais claro. Da sua produção artística, acadêmica, a senhora considera que a senhora consegue cadastrar ou não? O que fica de fora?***

Eu consigo cadastrar. Eu acho que é assim...Eu vou falar de mim e você vai aproveitar daí o que for importante para você. Eu me considero uma pesquisadora ou uma profissional que atua sempre em mais de um campo. Eu sei que a minha característica...a minha...eu sou pesquisadora e eu sou tradutora. Meu trabalho de tradução está intrinsecamente ligado ao meu trabalho de pesquisa e de produção intelectual.

Eu estou na escola de Belas Artes e trabalho com tradução. O campo é a língua francesa e a língua portuguesa. As pessoas muitas vezes acham quando vêm essa minha produção profissional acham que eu sou da escola de letras, por exemplo, da faculdade de letras, e eu sou da faculdade de teatro e ainda por cima acabei indo para a Escola de Belas Artes. Foi muito bom para mim. Que é o lugar onde tem cenografia indumentária. Então quer dizer, a tradução já agora está começando a ter uma parte curricular. Que tem lá, que você pode botar na sua produção bibliográfica: tradução. E a tradução que é teatral.

Quer dizer, eu acho que eu tenho uma característica na minha produção profissional que não é estrita de um campo. Entendeu? Sei lá...É própria. Vou dar um exemplo que pode até ser uma fantasia minha de cenógrafa, de quem faz o cenário. É sempre o mesmo tipo quando coloco é a tradução, depois vem a encenação da sua tradução, a produção da encenação da sua tradução, o acompanhamento do que significa a peça junto a uma equipe de montagem do espetáculo. São áreas que necessitam talvez delas mesmas de um detalhamento que claro que talvez não seja o objetivo do Currículo Lattes ter esse tipo de interface, digamos assim.

Por exemplo, uma questão que você vai chegar nela. Eu sou uma professora de teatro, uma pesquisadora de teatro, uma tradutora de teatro e estou inserida em um programa de pós-graduação em artes visuais. A minha pós-graduação não é teatro e a produção é em teatro. Então é uma questão do currículo lattes para mim. Como que meu currículo vai ser lido lá na instituição para a pós-



graduação também? Porque uma das suas pesquisadoras não é propriamente dessa área, embora trabalhe eu na interface.

Eu pego alunos que estão interessados em trabalhar a visualidade do teatro ou às vezes alguns alunos de artes visuais que vem para o teatro, para a performance, trazem um acréscimo. Ele quer que a pesquisa dele seja profunda. Então, por exemplo, às vezes eu passo por orientadora aqui, pelo currículo Lattes, que é de teatro, com orientando que é das artes visuais. Então, são coisas que para mim enriquecem. Na hora de formatar lá a produção, para contar pontos às vezes é um problema. Entendeu?

***Só para complementar, a senhora gostaria de sugerir algum campo? Quer dizer, a senhora já tocou um pouquinho nesta interface da questão de ter uma certa interface nesta fase do processo. A senhora queria ...Tem algum campo que a senhora acha que poderia existir e que não existe hoje ainda? Estou voltando à questão da academia e pesquisa.***

Na verdade assim, agora nesse momento atual, 2009, eu estou coordenando um projeto grande que ele tem uma parte da academia e uma parte que está fora da academia que vai se dar em um teatro, em alguns teatros da cidade, é um projeto que está ligado ao ano da França no Brasil e ele é fruto de um trabalho de 10 anos traduzindo o mesmo autor teatral, que também é artista plástico. Quando comecei a trabalhar em cima desse auto em 1999, ele veio ao Brasil e ele foi na escola das Belas Artes dar uma palestra.

Porque justamente ele trabalha nesta área de interface entre artistas plásticos e teatro. Mas, naquele momento foi uma palestra, uma coisa pontual. E agora, como tenho alunos de pós-graduação e alunos da graduação que estão também tocando pela minha orientação e aspectos da obra do autor, está sendo um projeto que está reunindo alunos de graduação, alunos de pós-graduação, num projeto universitário e num projeto que também tem partes dele acontecendo fora da universidade.

Traduções minhas estão sendo montadas por artistas que não estão na universidade. Então eu acho que é um momento que se deu naturalmente. Entendeu? Não fui tentando fazer com que o meu trabalho de pesquisa e de produção artística entrasse na academia. Quer dizer, quando eu comecei a dar aula na pós, naturalmente por ser um autor que é um pensador também, eu fui trazendo a obra dele para as minhas aulas e, ao mesmo tempo, alguns artistas foram montando peças desse autor e chegamos à conclusão que era hora de fazer um evento em torno dele, com a presença dele e alguns artistas franceses e brasileiros. Uma professora da universidade Paris 8 vem para dirigir uma peça dele com alunos daqui e trazendo alunos de lá. Meus alunos de pós-graduação vão supervisionar a parte de figurino e de cenário. Então, quer dizer, tudo acabou ... Então no Currículo Lattes vai entrar a participação deles nesse evento e no meu por consequência também. Então houve esse encontro, vamos dizer, esse projeto artístico e esse projeto acadêmico. E eu estou fazendo muita questão, inclusive agora no momento que eu estou de organização deste evento, o fruto da oficina que essa professora vai dar aqui, que vai ser apresentado no teatro da Funarte.

Eu estou me esforçando muito para que as burocracias da Funarte e da UFRJ consigam dialogar para institucionalizar as parcerias, entendeu, para abrir precedentes. Porque isto nunca foi feito, então nunca ninguém sabe como é que faz. Então acaba que depois, de uma maneira geral, as pessoas preferem dar um jeito para não se aborrecer. Mas estou querendo muito institucionalizar. E acho que aí é um ponto que é importante porque isso vai abrir frente para projetos futuros.

Mas isto é uma coisa com o tempo. Com o tempo. Eu estou na escola Belas Artes há 10 anos e é com o tempo que esse encontro está se dando. Mas eu pessoalmente nunca desconfiei, eu nunca fiquei preocupada com isso. Sempre achei que era o mesmo movimento que me fazia dar aula, fazia pesquisa e dialogar com os artistas que não estão na academia. Principalmente por mim.

***A senhora já falou, mas eu vou perguntar só para a gente fechar. A senhora acredita que o Currículo Lattes, no modelo que ele está hoje, ele pode avaliar com eficiência a produção acadêmica em artes?***

Olha, o problema que, talvez, que você vai tocar nesse ponto é o objetivo. Para que precisa do Currículo Lattes? Eu pessoalmente vejo pelo menos dois. Um é a gente ter um instrumento hoje em dia até que a gente pára de fazer aquele negócio do currículo que antigamente era batido à máquina, aquele currículo pessoal que você vai inserindo a produção você joga no Currículo Lattes. Você coloca por completo e você passa a ter isso como um instrumento de organização da sua produção, aquilo que você sempre fez na vida, porque faz parte. Isso é positivo. O outro objetivo que eu acho que é o mais crucial e aí portanto o mais falho ou o mais infeliz que é de avaliar, compartimentar, entendeu, a

produção de pesquisas de todas as pessoas ligadas às universidades. Esse aí, essa parte eu acho complicadíssima. É uma complicação que faz parte. Eu pelo menos fui duas vezes bolsista do CNPq e eu considero que...como é que eu vou dizer... independente de verbas, de oportunidades de financiamento, destas questões que variam que há gente que tem mais dinheiro e você menos, acho que tem que se criar visões. Visões que já estão mais institucionalizadas de como deve ser uma produção artística.

E que às vezes não percebem a produção de uma outra maneira. E isso eu acho que tem mesmo. Isso dialoga um pouco com o Currículo Lattes, entendeu? Acho que quem está na academia acaba tendo também uma postura um pouco pragmática, quer dizer que eu não tenho... quero fazer uma avaliação das outras pessoas, mas não é a minha, avaliar “vou produzir de tal forma porque esta é a forma que eu vou ser bem avaliada”. Enfim. Esta é uma postura possível. Ou então vou produzir porque é assim que eu estou produzindo e aí vamos ver o que se aproveita o que a academia, o que os órgãos de financiamento, de fomento à pesquisa acadêmica como eles aproveitam isso, como eles se interessam por isso.

A minha produção, o que move ela é uma outra questão. Eu não estou mais cumprindo crédito. Mas ...claro...como é que eu vou dizer, você tem que estar numa busca. Eu acho que é uma busca. A palavra pesquisa é a mesma palavra que busca. Você tem que estar numa busca. Você tem que estar se atualizando, você tem que estar em contato com a produção dos colegas, dos pesquisadores no Brasil e no exterior.

No caso das artes, você tem que estar muito em contato com a produção atual da arte. Você tem que estar em movimento, se reciclando, usando um termo mais assim burocrático, sempre. Agora, procurando, vou me inscrever no congresso internacional, no congresso nacional, vou fazer uma publicação *Qualis*, isso sei lá, acho que pode ser bom para várias pessoas. Para mim não é uma coisa que faça parte do meu horizonte assim, entendeu? A minha produção é muito em função de que ela mesma está pedindo.

***Eu ia tocar mesmo neste assunto porque eu ia emendar uma pergunta que seria: se a senhora já se sentiu preterida em função destes critérios que são estabelecidos pelo Currículo Lattes. Mas eu já emendo uma outra questão que eu acho que também tem a ver com o que a senhora falou. A senhora acredita que com essa...Porque o Currículo Lattes ele fica né exposto...A senhora acredita que isso influencia também no pesquisador. Então “agora vou direcionar minha pesquisa porque ali conta mais pontos, aqui não...”.***

Eu acredito que haja pesquisadores que façam isso e acho que sim. Cada um sabe de si. Cada um tem um objetivo. Cada um sabe o que o move, essa busca que procurou. O fato de estar exposto, eu acho ótimo. Eu acho que se tem uma coisa boa que a Internet possibilitou é essa exposição. As pessoas buscarem se encontrarem de alguma maneira, quer dizer, isso é bom. Não como um controle, mas como um encontro com oportunidade de diálogo, facilitar também agora pedido de banca. Agora a gente está tendo, graças a Deus, muitos pedidos de bancas de consulta. Sei que segundo algumas pessoas o coordenador vai lá e já baixa no Currículo Lattes.

Quer dizer, isso é bom. Isso é muito legal. Agora por exemplo...É lógico que o que está em jogo aí é dinheiro. Dinheiro para pesquisador, dinheiro para orientando, dinheiro para programas de pós-graduação. E tem que haver critérios para distribuir este dinheiro. Isto é claro, claríssimo. É obviamente grupos que se formam. E grupos...quer dizer, grupos que tem uma determinada visão do conteúdo, da teoria, da metodologia, do que seja uma pesquisa artística.

Porque no Lattes aí isso é importantíssimo. Porque a briga eterna é o modelo científico e como é que o modelo artístico se encaixa aí. Então nesse sentido a produção...Eu já me senti preterida sim. Já me senti sub avaliada claro. Já desisti até de pedir bolsa de pesquisadora no CNPq porque é uma bolsa que exige muito, muita produção burocrática da nossa parte, pareceres, muito fórum, muita prestação de contas, muita pressão para fazer a pesquisa e depois da pesquisa é avaliado em muito numericamente também.

Então quando você faz uma coisa assim, por exemplo, a última pesquisa que eu fiz no CNPq, os textos que eu produzi nesta pesquisa tiveram uma abrangência assim de eu encontrar numa peça e ir cumprimentar os atores no camarim, muitos às vezes que eu não conhecia e de as pessoas falarem “ah, você é a Ângela que tem aquele texto que eu li, que legal, que foi importantíssimo”.

Quer dizer, teve uma real, real inserção no meio que era o que eu queria atingir e o CNPq não considerou. Talvez porque *Qualis*... Não sei. Talvez até por questões mais prosaicas, de falta de verba, enfim. Em ter que cortar aqui ou ali, acho justo. Não estou me queixando, entendeu? Mas assim, me deixa perceber que eu não estava...Também não seria um lugar onde eu desenvolveria melhor a

minha produção. Não seria no CNPq, junto ao CNPq. Que junto às bolsas que eu consigo de tradução ou de experimentação artística em contato com a França e aqui também no Brasil, a minha pesquisa se realizava melhor. Ela atingia mais o objetivo que era o de trazer uma reflexão que tem um caráter acadêmico que é teórico, que é de ler, que é de confrontar, etc. Toda essa dinâmica acadêmica que tinha nessa pesquisa, mas que era para falar para os atores “olha só, a gente não tem uma interpretação porque é um tema que está ligado a uma visão teatral, que não é mais a de hoje”. E isso cria um descompasso na produção artística daquele ator em cena, em função de uma questão conceitual que não é bem assimilada pelas gerações. Isso gerou uma discussão produtiva entre a minha pesquisa acadêmica, as pessoas que discutiam comigo na academia e as pessoas que fazem teatro. Para mim é isso que importa, entendeu? Não é um tipo congresso...Eu tenho uma certa dificuldade até de me inserir nisso justamente por essa exigência o tempo todo de projeto, como relatório, prestação de contas... Aqui você não tem tempo de efetivamente trabalhar em cima do que importa.

Agora, admiro muito quem faz isso. Acho que é uma parte importante da vida acadêmica e universitária brasileira, para o bem ou para o mal. Tanto que você está agora podendo fazer esta pesquisa e trouxe para a gente avaliar um modelo que já está implementado.

***A senhora também já tocou, mas eu vou ...com relação a exposição lá no Lattes. Então, fica lá o currículo, é interessante porque as pessoas te encontram, eu mesma encontrei a senhora pelo Lattes, também quero deixar isso registrado. Mas de qualquer forma essa exposição fica lá...A senhora acredita que também ele pode ser utilizado como um instrumento de vigilância e controle entre pesquisadores e entre instituições?***

Acho que sim. Acho que pode ...Acho que pode...Acho que deve ser inclusive utilizado assim como controle. Talvez assim uma competição básica, fraca que existe mesmo em todos os meios. Acho que sim. Acho que sim. Mas isso faz parte. Quer dizer, a gente está lidando nesse mundo agora. Essa facilidade de comunicação que a gente tem e de troca de dados entre outros funciona para os dois lados. E tem tudo. Todo avanço tecnológico é para o bem e para o mal. Então é isso claro. Acho que sim. Acho que faz parte. Então, o risco que se corre de qualquer maneira. Acho que sim.

***Esta pergunta está mais relacionada à questão das bolsas. A senhora também já comentou. Eu fiz uma pesquisa lá no site do CNPq acompanhando os relatórios de fomento e tal. A área de artes fica agrupada com outras áreas específicas como letras, lingüística e agora a nova área multidisciplinar. Ela entrou agora faz pouquinho tempo. Das pesquisas que eu fiz da estatística essas quatro áreas, essa última entrou faz tão pouco tempo que talvez esses índices não contemplem ela. O total de bolsa para esta grande área é entre 3% e 4% do total que o CNPq oferece. Porque, na sua opinião, esse índice ainda é baixo em relação às outras áreas? Para dar um exemplo, 25%, a saúde; 10% na área de humanas..Então, na verdade qual é a sua impressão com relação a esse índice aí?***

A juventude do nosso campo na área acadêmica. Por mais que, por exemplo, a escola de teatro da UNIRIO, por exemplo, eu estive lá em 1986, que foi o primeiro ano que o curso de ator era superior...A escola de Belas Artes, senão me engano, o currículo Lattes da indumentária é dessa época, 1974, 1976. Já são 30 anos. Mas os professores que iam dar aula nesses cursos não eram formados nessa área. Eles eram formados em outras áreas. A escola de teatro da UNIRIO que é onde eu estudei nesse meio tempo, ela era o conservatório do teatro que se transformou numa faculdade. A ênfase maior até quando eu era aluna lá e quando eu comecei a dar aula era uma escola profissionalizante. Esta parte de pesquisa, essa parte acadêmica como a gente concebe hoje, ela era incipiente. Talvez eu faça parte da primeira geração que na qual ela se engrenou, entendeu? Eu fiz doutorado, só que eu fazia doutorado fora. Bom, fui fazer na área de filosofia até.

Mas aqui a pós-graduação estava começando, né. Engatinhando. Eu participei do início também da pós-graduação na Unirio, agora também lá no Peperazzi, como entrar uma área assim, sei lá, tipo SENAC, artes e artes visuais. Então, acho que tem isso. A juventude ... Por um lado, o nosso campo, como um campo específico como arte e como um campo acadêmico.

Por outro lado, a parte aplicação, a parte investimento. Obviamente, a área de saúde, a área tecnológica tem aplicação no que se chama mercado de uma forma muito mais contundente. Na sociedade não pode mercado. É uma sociedade mesmo. Parte de remédios, parte de psicologia. A parte de artes não tem essa aplicação. É uma outra investida dela dentro da sociedade. Ela repercute de uma outra maneira na sociedade.

Eu acho natural isso. Não estou falando que isso justifica e acho bom. Mas eu estou falando que isso explica, eu acho. Eu acho que não seja uma sangria desatada. Que a gente tem aí...Acho até que o Brasil ... Eu fui bolsista da Capes no final do meu doutorado. Só no final. No início não. Lá na França e me lembro que o problema de pós-graduação no Brasil, o fomento, as bolsas no ensino superior, eram fantásticos assim. Era uma relação assim que o Brasil muito bom. Não tem ... Agora, acho que não tem que ficar... Agora, eu acho que não tem investimento mesmo na área. Eu acho que tem uma busca mesmo.

Eu vejo que tem profissionais da área acadêmica, a Beth, a Sonia, a Carmem que tem uma atuação ali muito voltada para isso. Para como realmente esse campo se tornar cada vez mais implementados. Tem que batalhar para se ter mais, isto também está ligado à maneira como o Brasil, com as condições que o Brasil oferece para todos os artistas de uma maneira geral. É aquela batalha mesmo grande.

### ***A senhora gostaria de acrescentar mais alguma coisa?***

Não. Acho que não. Acho que eu falei um pouco de tudo. Então, só acrescentando esta parte sobre o número de bolsas sobre esta juventude em nosso campo e como isso repercute na sociedade... Mas também essa dificuldade que se tem de acreditar que na metodologia artística há uma conceituação artística de se passar pelo científico. Eu brigo muito mesmo para ... Muitos colegas, alguns colegas, falam em trazer uma metodologia científica, abordar de uma maneira científica a arte.

Ciência aborda...enfim...a ciência aborda de uma maneira científica e a arte de uma maneira artística. Artístico para pessoas do senso comum, a arte é um devaneio, é uma outra subjetividade, é uma coisa não acadêmica.

Mas o cientista, o importante, é só reler Einstein, a imaginação é importantíssima para o método científico. A criação é o ponto de partida para o método científico. Cada campo tem suas leis próprias, eu falo muito para os meus alunos das leis próprias do teatro. Então, acho que tem ainda ... aí faz parte da juventude do campo da qual estava falando antes. É criar um vocabulário. Que o conceito seja mesmo aí impregnado. Está implementado o conceito artístico. E que não precisa ser de uma determinada maneira de comparar o método científico como aquele método lógico que A, então B, sei lá. Que A no meio artístico é um fisiologismo do propositor lógico e essas coisas. Não. É uma coisa que é muito importante e bonita de lembrar é que a ciência ela erra muito. Um incentivo ...e para um pesquisador chegar num resultado ele passa por um monte de erros. Os resultados também, as conquistas, elas são revistas, elas são reelaboradas e discutidas.

E na arte também...Inclusive assim lá na Escola de Belas Artes, lidando mais de perto com a cenografia que é justamente uma parte no teatro que tem leis físicas ali, claro. O cenógrafo para ele construir, ele tem que saber construir mesmo. Aí tem um pessoal que diz que peça não pede conhecimento. Que a arte traz ... Para ele construir um praticável ele tem que saber como é que o praticável vai agüentar o corpo, o peso dos atores, vai lidar com aquele espaço, com a incidência da luz. Tem uma parte toda que também dialoga com a ciência. E são leis. São leis. E tem a ver com palco, com teatro, com ilusão, com a criação da ilusão...que são leis também. Que não é um devaneio. Então esse vocabulário é muito importante. Acho que na parte do tipo comitês, CNPq, acho que isso tudo está mudando. Mas numa época, havia uma fusão, assim, absolutamente feudo científica na arte que era uma coisa aí complicada. Mas que isso com o tempo vai certamente mudar. A nova geração de pesquisadores vai conseguir... As novas gerações de pesquisadores vão conseguir que se implemente de fato um campo artístico com suas leis, com seus conceitos e seu vocabulário próprio.

### **Entrevista 20**

\*RICARDO/ IES: UnB

Área de Atuação: ARTES VISUAIS (CULTURA VISUAL)

Data: 18/05/2009

Local: entrevista realizada por email e por telefone

Duração: 30"

### ***Você conhece/possui cadastro no Currículo Lattes, no site do CNPq? Desde quando?***

Sim, não sei precisar, mas creio que cerca de 10 anos. (tem um lugar no Lattes que me informa isso? Procurei e não achei!)

***Você acha fácil o acesso ao Currículo? Tem facilidade com o preenchimento?***

O acesso é fácil, mas a interface é pouco amigável. Tenho muitas dificuldades com preenchimento pois as categorias são muito ambíguas, obscuras, obtusas mesmo

***Com que frequência você atualiza o seu cadastro no site?***

A cada dois meses ou cerca de 45 dias.....

***A sua IES exige atualização periódica do Currículo Lattes?***

A cada 3 meses se estiver na PPG.

***Porque você preenche/atualiza o currículo?***

Por que se não preencher com certa frequência fica impossível atualizar uma vez que o processo é muito mecânico e moroso. Preciso de uma fonte para montar outros CVS mais eficientes que o Lattes. Ele serve pra mim como depósito de informações gerais do meu currículo geral.

***Você considera a estrutura/campos disponíveis no formulário adequada para registrar as atividades acadêmicas de professores e pesquisadores? (Se não por que?)***

Em parte. Atende relativamente bem as ciências duras e muito pouco a área de artes, mas precisamente falo de artes visuais e design. Não existe campos disponíveis e adequados para muitas coisas das áreas de artes. Por exemplo não existe campo pras atividades da área de comunicação Visual: Não existe campo específico, então não temos lugar para capas de revistas, lay out gráficos de livros etc. Na parte trabalhos técnicos surgem as categorias como assessoria, parecer e outros mas negligencia totalmente essa área.

***Você considera os campos relacionados à área de Arte suficiente? (Se não, por que?)***

Ver a resposta acima. Falta atualizar as linguagens da arte e não criar mais categorias tipo "outros".

***O que, em sua opinião, não está contemplado no Currículo Lattes, na área de Arte?***

Falta lugar para site specif works, objetos, entre outros. Não tem lugar para as curadorias e trabalhos práticos e teóricos alternativos em arte/educação. Pouco espaço para as atividades não formais.

***Você gostaria de sugerir campos, ou alguma mudança?***

Sim sugiro a criação de campos específicos na área de produção técnica. Sugiro que seja criada uma área de Produtos em Comunicação Visual e que seja discriminada, como nas obras de artes visuais, em itens tipo, por exemplo: Capas, Livros, Cartazes, Web-design, Websites, Blogs, entre outros.

***A configuração do formulário permite o registro de atividades que você considera de maior relevância em sua produção acadêmica e artística? Quais são essas atividades? (Em caso negativo, como você procede junto ao formulário?)***

Não atende tudo. Como comentei antes não tem um espaço técnico específico para os meus trabalhos de comunicação visual e acabo não colocando a minha produção, mas agora irei tentar me ajustar e colocar em qualquer itens chamado OUTROS, mas não acho decente aparecer essa minha produção no CV como OUTROS, por isso não tenho colocado.

***De modo geral, o que é considerada uma produção científica na Área de Artes?***

Depende do que você está chamando de artes. Mas considero toda produção que venha das áreas de TCHA, Educação da Cultura Visual, Cultura Visual, Design, Poéticas Visuais, Arte e tecnologia entre outras, Nas formas escritas, áudio-visual, escritas, performáticas e orais.

***Você acredita que o Currículo Lattes pode avaliar com eficiência a produção acadêmica dos pesquisadores em Arte? Porque?***

Relativamente. Ele fornece um diagnóstico amplo, mas pouco preciso pois muitos dados que colocamos não estão a disposição do público em geral.

***Você se considera avaliado de forma justa a partir dos critérios estabelecidos pelo Currículo Lattes?***

Não por que não temos como indexar nossas produções. Enquanto as ciências duras tem inúmeros indexadores de citação não temos quase nenhum para a área de humanas e especificamente para as artes. Tenho algumas publicações no exterior que são citadas constantemente e não tenho como contabilizar isso.

***Você já se sentiu preterido em função de critérios estabelecidos pelo CL?***

Não!

***Você considera que o CL funciona como instrumento de disciplina e vigilância entre pesquisadores?***

Claro, Todo instrumento educacional tem seu componente disciplinador e controlador e exerce nesses corpos/sujeitos seus efeitos. Eles podem ser usados de maneira nefasta, como já foi usado na nossa própria PPG-arte/UnB.

***Os critérios do Currículo Lattes influenciam ou determinam sua produção artística/cultural na Academia? Em que medida?***

Não influenciam nem determinam, mas como é índice para ser orientador de PIBIC e da PPG então serve como instrumento de avaliação.

***Nas Estatísticas do CNPq entre 3 e 4 % do total de bolsas é oferecido à Área de Arte (Letras, Lingüística, Arte e Multidisciplinar). Porque, em sua opinião, esse índice é tão baixo em relação a outras áreas do conhecimento?***

Muitas são as causas.

1. Falta de indexadores de produção. 2. Descaso institucional das IFES com a produção em pesquisa dessas áreas. 3. Ênfase desmedida das agências de fomento nas ciências exatas. 4. Cultura já estabelecida nessas áreas em não pleitear bolsas por que “sabem” que serão indeferidos. 5. Baixa auto-estima dos profissionais dessas áreas em relação a pesquisa. 6. Falta de definição sobre Métodos de pesquisa em Artes. 7. Dificuldade da área de artes se disciplinar.

***Você gostaria de acrescentar algo mais?***

Teria a acrescentar alguns problemas da interface tipo: quando temos congresso num ano e os anais saem em outro ano, o sistema não permite e aceita datas diferentes , então temos que entrar com dados fictícios da publicação.....etc.....

## **ANEXOS - MODELO DO FORMULÁRIO CURRÍCULO LATTES**

# Livros Grátis

( <http://www.livrosgratis.com.br> )

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)



[Baixar livros de Literatura](#)  
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)  
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)  
[Baixar livros de Matemática](#)  
[Baixar livros de Medicina](#)  
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)  
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)  
[Baixar livros de Meteorologia](#)  
[Baixar Monografias e TCC](#)  
[Baixar livros Multidisciplinar](#)  
[Baixar livros de Música](#)  
[Baixar livros de Psicologia](#)  
[Baixar livros de Química](#)  
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)  
[Baixar livros de Serviço Social](#)  
[Baixar livros de Sociologia](#)  
[Baixar livros de Teologia](#)  
[Baixar livros de Trabalho](#)  
[Baixar livros de Turismo](#)